

OS PRIMEIROS TEMPOS DE VIDA DE CASADOS DOS MORELS

AS BOTTOMS vieram substituir as Hell Row. As Hell Row era uma correnteza de casas rústicas, abauladas, de telhado de colmo, construídas nas margens da ribeira, em Greenhill Lane. Aí viviam os mineiros que exploravam as pequenas minas à nora, duas searas mais abaixo. A ribeira corria entre os amieiros, quase nada poluída pelas pequenas minas, cujo carvão era trazido para a superfície por burros que andavam pachorrentamente em torno de uma nora. Por toda a região havia minas destas, datando algumas delas do tempo de Carlos II; os poucos mineiros e burros existentes enfiavam-se pela terra dentro como formigas, salpicando de curiosos montículos e negras manchas prados e searas. Eram as casas destes mineiros, espalhadas pela paróquia em pequenos aglomerados ou aos pares, à mistura com as quintas dispersas e as casas dos tecelões, que constituíam no seu conjunto a cidadezinha de Bestwood.

Até que, há cerca de sessenta anos, se deu uma transformação radical. As pequenas minas à nora foram preteridas pelas minas dos grandes financeiros, e descobertos os campos mineiros do Nottinghamshire e do Derbyshire. Surgiu então a Carston, Waite & Co., e, no meio do maior entusiasmo, Lord Palmerstone inaugurou oficialmente a primeira mina da companhia, em Spinney Park, na orla da floresta de Sherwood.

Pela mesma altura, as tão faladas Hell Row, que com o passar dos anos foram ganhando má fama, foram totalmente queimadas e, com elas, eliminada muita imundície.

A Carston, Waite & Co. não tardou a aperceber-se do êxito da iniciativa, e novas minas foram sendo abertas nos vales do Selby e do Nuttall, até que, em pouco tempo, já eram seis as minas a laborar. Partindo de Nuttall, e encarrapitada nos montes de arenito, por entre o arvoredado, a via férrea passava pelo priorado em ruínas de Carthusians e o Poço de Robin Hood, descendo depois para Spinney Park e Minton, a enorme mina no meio das searas, atravessando em seguida as quintas do vale até Bunker Hill, onde entroncava com um ramal, seguindo então para o norte, para Beggarlee e Selby, de onde se avistam Crich e os montes do Derbyshire; seis minas, quais garanhões pretos na paisagem, ligadas por uma corrente serpenteante – a via férrea.

Para alojar os mineiros, a Carston, Waite & Co. construiu as Squares, grandes urbanizações quadrangulares na encosta de Bestwood, e, no vale, erigiram as Bottoms no local antes ocupado pelas Hell Row.

As Bottoms eram seis quarteirões de casas de mineiros, com duas fiadas de três casas cada um, à laia das pintas do seis no dominó, ou seja, doze casas por quarteirão. Esta dupla fiada de habitações situava-se no sopé da encosta íngreme de Bestwood e, pelo menos das janelas dos sótãos, avistava-se a ladeira suave que subia do vale em direcção a Selby.

As casas propriamente ditas eram sólidas e bastante apresentáveis. Quem por ali andasse a passear, deparava-se com jardinzinhos floridos, de primulas e saxífragas, nas casas de baixo, mais sombrias, e de cravos e cravinas nas casas de cima, mais soalheiras; janelas airoas, alpendres, pequenas sebes de alfena, mansardas nos sótãos. Mas tudo isto era por fora, a vista exterior da sala, onde as mulheres dos mineiros nunca entravam. A divisão onde passavam o dia, a cozinha, ficava nas traseiras, virada para a outra fiada de casas, e dava para um jardinzeco mal tratado e, mais adiante, para os aterros de cinza. E entre as duas fiadas, entre as longas filas de poços de cinza, corria o beco onde as crianças brincavam, as mulheres davam à língua e os homens se entretinham a fumar. Assim, as condições reais de vida nas Bottoms, casas aparentemente bem construídas e com tão bom aspecto, eram bastante deficientes, porque os moradores passavam a maior parte do tempo na cozinha, e as cozinhas davam para o tal beco miserável dos poços de cinza.

Quando desceu das alturas de Bestwood, Mrs. Morel não tinha grande vontade de se mudar para as Bottoms, construídas há doze anos e apresentando já alguns sinais de degradação. Mas era o que podia arranjar. Vindo morar para uma das casas da ponta, num dos blocos superiores, tinha apenas um vizinho, e, do outro lado, um jardim suplementar. Além disso, o facto de possuir uma casa de topo conferia-lhe um estatuto aristocrático entre as restantes mulheres das casas intermédias, pois a renda era cinco xelins e seis dinheiros por semana, em vez dos habituais cinco xelins. Todavia, esta superioridade social não trazia grande consolação a Mrs. Morel.

Tinha trinta e um anos e estava casada há oito. Pequena, frágil, mas resoluta, furtava-se ao contacto com as outras mulheres das Bottoms. Mudara-se em Julho e esperava o terceiro filho para Setembro.

O marido era mineiro. Só viviam na casa nova há três semanas, quando chegou o dia da feira anual. Sabia bem que Morel não ia perder a oportunidade de se divertir. Na segunda-feira, dia da inauguração da feira, saiu de casa logo pela manhã. As duas crianças estavam excitadíssimas. William, um rapazinho de sete anos, escapuliu-se mal tomou o pequeno-almoço, para ir passear pela feira, deixando Annie, a irmã de cinco anos, toda a manhã a chorar porque também queria ir. Mas Mrs. Morel tinha a lida da casa para fazer, e ainda mal conhecia os vizinhos, não tendo por isso ninguém de confiança para tomar conta da filha. Prometeu-lhe por isso que a levava à feira depois do almoço.

William voltou ao meio-dia e meia hora. Era um garoto muito activo, de cabelo louro, sardento, de aspecto nórdico.

– Posso almoçar já, mãe? – gritou, entrando de rompante com o boné na cabeça. – É que a feira abre à uma e meia. Foi o que o homem disse.

– Podes comer assim que estiver pronto – respondeu a mãe.

– O quê, ainda não está? – gritou ele, indignado, fulminando-a com os olhos muito azuis. – Então não almoço.

– Isso é que era bom... – respondeu a mãe.

– Mas está quase a começar – gritou o garoto, quase aos berros.

– Não morres se quando chegares já tiverem começado – disse a mãe. – Além disso, ainda é só meio-dia e meia hora e ainda tens uma hora à tua frente.

O garoto começou a pôr a mesa a toda a pressa e sentaram-se os três. Estavam ainda a comer as panquecas com geleia quando ele saltou da cadeira e, bruscamente, parou, completamente estático. Ao longe, ouviu-se o carrocel arrancar para a primeira volta e o som vibrante de uma corneta. O rosto contraiu-se-lhe e olhou para a mãe.

– Eu bem dizia! – exclamou, correndo para a cómoda e pegando no boné.

– Leva a panqueca... ainda é só uma e cinco, por isso estavas *enganado*... Olha que não levas os dois dinheiros – gritou a mãe de um só fôlego.

O garoto voltou para trás, pelos dois dinheiros, visivelmente contrariado, e saiu de imediato sem dizer palavra.

– Também quero ir, também quero ir – dizia Annie, já a chorar.

– Pronto... pronto... também vai, sua rabinha – disse a mãe. E, mais tarde, lá foi Mrs. Morel encosta acima com a filha ao colo, penosamente, à sombra da sebe alta que ladeava o caminho. O feno já tinha sido apanhado e as vacas andavam à solta. O dia estava quente e bonançoso.

Mrs. Morel não gostava de arraiais. Neste, havia dois carrocéis de cavaleiros – um a vapor e outro puxado por um pônei. Os acordes de três órgãos arranhavam a tarde, e ouviam-se estampidos descontraídos de pistolas, a chiadeira infernal da caranguejola do vendedor de cocos, os gritos do homem da barraca da Tia Sally e o pregão estridente da mulher do Olho Mágico. A mãe avistou o filho parado em frente da barraca do Leão Wallace, a olhar embasbacado para as fotografias desse leão que já tinha matado um negro e mutilado dois brancos, mas não se aproximou e foi comprar algodão doce para Annie. O garoto, porém, veio ter com ela, excitadíssimo.

– Não disse que vinha... Há tantas coisas, não há?... Aquele leão ali já matou três homens... e eu já gastei os meus dois dinheiros... olhe...

Do bolso tirou dois suportes para ovos, decorados com florinhas cor-de-rosa.

– Comprei-os naquela barraca onde a gente mete os berlindes nos buracos... e ganhei estes dois de seguida... um dinheiro cada jogada... têm rosinhas pintadas, olha. Era mesmo o que eu queria.

Ela sabia que era para lhos dar que ele os queria.

– Hum! – disse ela, satisfeita. – São *muito* bonitos!

– Leve-os a mãe, qu'eu tenho medo d'os partir.

Não cabia em si de contente por ela ter vindo, e foi mostrar-lhe a feira toda. Quando chegaram ao Olho Mágico, pôs-se a explicar-lhe as imagens, encadeadas numa espécie de história que ele escutava como se estivesse enfeitado. Mas não a largava. Mantinha-se perto dela, exibindo o seu orgulho de menino pela sua mãe. É que nenhuma outra mulher se lhe comparava em elegância, com o seu chapelinho preto e a capa sobre as costas,

trocando sorrisos com as mulheres conhecidas que encontrava.

Quando se cansou, Mrs. Morel disse ao filho:

– Então, vens comigo agora, ou voltas mais tarde?

– Já se vai embora? – exclamou ele, amuado.

– Já?... São só quatro e meia, eu sei.

– Porque vai já? – disse ele, lamuriento.

– Mas tu não precisas de vir comigo, se não quiseres. – E afastou-se com a filha, enquanto o filho ficava parado a olhar para ela, cheio de pena de a deixar voltar sozinha, mas incapaz de virar as costas à feira. Ia a atravessar o largo da feira quando ouviu uns homens a berrar e sentiu o cheiro da cerveja. Então, estugou o passo, pensando que o marido estaria provavelmente na taberna.

Por volta das seis e meia, o filho chegou a casa, cansado, muito pálido e abatido.

– Sim senhor! – disse ela, fingindo-se zangada. – Se te atrasasses mais cinco minutos, já tinha levantado a mesa. É sempre a mesma coisa, já deves estar com fome há muito tempo...

Deu-lhe a merenda. Embora ele não se apercebesse, estava triste por tê-la deixado voltar sozinha. A feira perdera toda a graça desde que ela se tinha vindo embora.

– O pai já veio? – perguntou ele.

– Não – respondeu a mãe.

– Está na taberna a dar uma ajuda ao balcão. Vi-o de mangas arregaçadas através daquela chapa preta aos buraquinhos que eles têm a tapar a janela.

– Ah! – exclamou a mãe. – Está sem dinheiro. Se lhe derem que chegue para a bebida, já fica satisfeito; tanto se lhe dá que lhe paguem mais ou não.

Com ordem da mãe, os garotos foram pôr-se à janela do quarto dela a verem as pessoas regressar da feira com brinquedos do bazar, a ouvirem a cegarrega da música a tocar, o alarido das vozes, o estampido das pistolas, o «pim» das balas no fino alvo de ferro. Por fim, o cansaço venceu-os e foram para a cama.

Quando a luz esmoreceu e Mrs. Morel já não via para coser, levantou-se e foi para a porta da rua. Por todo o lado se ouvia a algazarra própria dos feriados, e ela acabou por ser contagiada. Saiu e foi até ao jardim de topo. As mulheres voltavam do arraial, com as crianças abraçadas a um cordeirinho branco de pernas verdes ou a um cavalo de madeira. De vez em quando, passava um homem aos tombo, cheio de cerveja até mais não poder. Outras vezes era um marido às direitas, com a família atrás, tranquilamente. Mas geralmente as mulheres e as crianças vinham sozinhas. As mães mais caseiras entretinham-se na má-língua pelas esquinas da ruela, à luz do entardecer, com os braços cruzados por baixo do avental.

Mrs. Morel estava sozinha, mas já estava habituada. Com o filho e a filhinha a

dormirem lá em cima, a casa, atrás de si, parecia-lhe um lar sólido e estável. Atormentava-a, porém, a ideia de ser mãe mais uma vez. O mundo parecia-lhe um lugar desolado que nada tinha já para lhe dar – pelo menos até o William crescer. E tantos filhos! Não podia ter este terceiro. Não o queria. O pai vendia cerveja na taberna e bebia até cair. Ela desprezava-o e, ao mesmo tempo, sentia-se presa a ele. Este novo filho era de mais para ela. Se não fosse pelo William e a Annie... Estava farta de tudo aquilo, de lutar contra a miséria, a fealdade e a maldade humanas.

Passou para o jardim da frente; já estava muito pesada para sair, mas também não conseguia ficar em casa. O calor era sufocante, e, ao olhar o futuro, a vida que a esperava era semelhante a ver-se enterrada viva.

O jardim da frente era um quadradinho de terra cercado por uma sebe de alfena. Por aí se quedou, tentando amenizar os pensamentos com o perfume das flores e a beleza da tarde que findava. Frente ao pequeno portão ficavam os degraus que permitiam transpor a cerca que vedava o caminho da encosta, debaixo da sebe alta, entre o fulgor ardente dos prados divididos. Lá no alto, o céu palpitava e pulsava de luz. O esplendor depressa se apagou dos campos e o crepúsculo subiu como fumo da terra e dos arbustos. Quando começou a escurecer, um clarão avermelhado surgiu por detrás da colina, dele parecendo emanar a agitação distante da feira.

De vez em quando, homens aos tombos, de regresso a casa, passavam pelo túnel de breu formado pelo trilho aberto sob os arbustos. Um rapaz galgou em desenfreada correria o último troço da encosta, muito íngreme, e estatelou-se com força de encontro à cerca. Mrs. Morel estremeceu. O rapaz levantou-se a praguejar, conforme pôde, numa atitude patética, como se achasse que a cerca o tinha magoado de propósito.

Ela voltou para dentro, a pensar se as coisas não iriam mudar nunca. Começava agora a perceber que não. Sentia tão longe os seus tempos de menina, que duvidava até se aquela pessoa que subia pesadamente o jardim das traseiras, naquela casa das Bottoms, era mesma que há dez anos corria ligeira pelo molhe de Sheerness.

– Que tenho *eu* a ver com isto! – disse ela para consigo. – Que tenho eu a ver com tudo isto. Ou com a criança que está para nascer! Até parece que ninguém *me* pediu a opinião.

A vida às vezes toma conta de uma pessoa, apodera-se-lhe do corpo, escreve-lhe a história e, no entanto, nada é real e a pessoa sente-se como se tivesse sido ignorada.

– Vou esperando – disse Mrs. Morel para consigo. – Vou esperando, e aquilo por que espero nunca vem.

Depois, arrumou a cozinha, acendeu o candeeiro, pôs mais carvão na lareira, separou a roupa que havia de lavar no dia seguinte, pô-la de molho e, em seguida, sentou-se a costurar. Durante horas a fio, a agulha brilhou a intervalos regulares, atravessando o pano. De vez em quando, suspirava e mudava de posição, para aliviar as costas. Durante todo esse tempo só pensava numa coisa: como tirar o melhor partido daquilo que tinha, para bem dos filhos.

O marido chegou às onze e meia. Vinha de faces vermelhas e luzidias por cima do

bigode preto. Meneava a cabeça afirmativamente. Via-se que estava contente consigo mesmo.

– Oh!... Oh!... estavas à minha espera, cachopa? 'Tive 'ajudar o Anthony, e qu'achas tu qu'ele me deu? Uma triste meia-coroa e mai' nada, nem mais um tostão...

– Ele deve achar que o resto é para a cerveja que tu bebeste – disse ela, secamente.

– Mas não bebi... não bebi, não... palavra. Hoje inté bebi muito pouco. – A voz adocicou-se. – Toma, trouxe-te um bocado de pão de gengibre e um coco para as crianças. – E colocou em cima da mesa o pão de gengibre e o coco, aquela coisa peluda. – Nã, nunca foste capaz d'agradecer nada na vida, poi não?

Como se cumprisse um ritual, ela pegou no coco e chocalhou-o, para ver se tinha leite.

– Esse é dos bons, podes apostar o que quiseres. Deu-mo o Bill Hodgkisson. Bill, disse eu, tu num vais precisar de três cocos só pra ti, poi não? Num me queres dar um pròs meus miúdos? Tá bem, Walter, disse ele, escolhe o que t'agradar mais. E eu peguei num e agradeci-lhe. Num o queria abanar à frente dele, mas vai ele e diz: É melhor veres s'é memo bom, Walt... Por isso, vi logo que era, tás a perceber? É um tipo porreiro, o Bill Hodgkisson, é um tipo memo porreiro!

– Um homem dá seja o que for, se estiver bêbado, e vocês estavam os dois bêbados – disse Mrs. Morel.

– Vá, diz lá, minha desavergonhada, quem é que estava bêbado? Sempre gostava de saber – disse Morel. Estava todo inchado por ter dado uma ajuda na taberna, e nunca mais se calava.

Mrs. Morel, já muito farta da lengalenga, foi para a cama o mais depressa que pôde, deixando-o a tratar do lume.

Mrs. Morel descendia de uma família tradicional da burguesia, de famosos independentes que tinham lutado ao lado do Coronel Hutchinson, e se mantinham arreigados Congregacionistas. O avô vira falir o seu negócio de rendas numa altura em que muitos fabricantes de Nottingham haviam ficado arruinados. O pai, George Coppard, era mecânico. De constituição forte, bem-parecido e imponente, tinha grande orgulho na brancura da sua pele e nos seus olhos azuis, mas mais orgulho ainda na sua integridade de carácter. Gertrude parecia-se com a mãe na fragilidade da estatura, mas herdara dos Coppards o temperamento orgulhoso e inflexível.

George Coppard ressentia-se amargamente da pobreza em que vivia. Chegou a capataz dos mecânicos dos estaleiros de Sheerness. Mrs. Morel – Gertrude – era a sua segunda filha. Ela só tinha olhos para a mãe, que amava acima de tudo: mas tinha os olhos claros e provocantes dos Coppards e a sua testa alta. Lembrava-se de detestar a forma prepotente como o pai tratava a mãe, mulher gentil, bem-disposta e afável. Lembrava-se de ir a correr pelo molhe até ao barco. Lembrava-se de ser mimada e elogiada por todos os trabalhadores quando entrava nos estaleiros, pois era uma criança delicada e muito segura de si. Lembrava-se da velha professora, mulher caricata, de quem se tornara assistente e com quem sempre gostara de trabalhar. E ainda conservava a bíblia que John Field lhe

dera. Costumava voltar com ele da missa quando tinha dezanove anos. Filho de um comerciante abastado, tinha ido estudar para Londres e viria a dedicar-se aos negócios.

Lembrava-se sempre em pormenor de uma certa tarde, num domingo de Setembro, em que se tinham ido os dois sentar debaixo da parreira nas traseiras da casa do pai dela. O sol rompia por entre os recortes das folhas da videira, cobrindo as suas cabeças de arabescos de luz, de belo efeito, como mantilha de renda. Algumas das folhas, de um amarelo muito puro, pareciam flores abertas, amarelas e planas.

– Agora não te mexas – exclamara ele. – Os teus cabelos nem sei o que parecem! Brilham como o cobre ou como o ouro, estão vermelhos como cobre incandescente, raios de fios de ouro onde o sol os ilumina. Não sei porque dizem que são castanhos. A tua mãe chama-lhe pêlo de rato.

Os olhos dela encontraram os dele, cintilantes, mas o seu rosto cristalino não deixava transparecer a exaltação que sentia crescer dentro de si.

– Dizes então que não tens queda para o negócio – continuou ela.

– E não tenho... Detesto negócios – gritou ele, empolgado.

– E que gostavas de seguir a vida religiosa – disse ela, quase implorando.

– Gostava... Gostava mesmo muito, se achasse que podia vir a ser um pregador fora de série.

– Então, porque não segues... Porque não segues? – A voz dela era um desafio. – Se *eu* fosse homem, nada me conseguia deter.

A pose era altiva, a cabeça erguida – ele quedava-se tímido diante dela.

– Mas o meu pai é tão casmurro. Jurou que me há-de meter nos negócios e sei que assim será.

– Mas tu já és um *homem*! – gritara ela.

– Ser um homem não é tudo – respondera ele, com um gesto de confuso desalento.

Agora, enquanto tratava da lida da casa nas *Bottoms*, e sabendo já o que significava ser um homem, ela percebia que isso *não* era tudo de facto.

Aos vinte anos, saíra de Sheerness por razões de saúde. O pai tinha-se reformado e voltado para Nottingham. O pai de John Field ficara arruinado e o filho era professor em Norwood. Ao fim de dois anos sem notícias, resolveu investigar: ele tinha casado com a senhoria, uma mulher de quarenta anos, viúva abastada.

Mesmo assim, Mrs. Morel conservava a bíblia que John Field lhe dera. Não acreditava que ele fosse aquilo que ela tinha pensado – enfim, compreendia agora muito bem o que ele podia ou não podia ter sido. Guardava por isso aquela bíblia e a sua lembrança no fundo do coração, para seu próprio conforto. Em trinta e cinco anos, até ao dia em que ele morreu, nunca pronunciou o seu nome.

Aos vinte e três anos, encontrou um rapaz de Erewash Valley numa festa de Natal.

Morel tinha então vinte e sete anos. Boa figura, garboso e elegante. O cabelo era preto e ondulado, luzidio, e ostentava uma barba negra, vigorosa, que se via nunca ter sido rapada. As faces eram coradas, e a boca vermelha e húmida chamava a atenção porque se ria muito e com vontade. Tinha essa qualidade rara que é um riso cheio e musical. Gertrude Coppard contemplara-o fascinada: era atraente e divertido, a sua voz adquiria facilmente requebros cómicos e grotescos, e mostrava-se sempre disponível e amável com toda a gente. O pai dela também tinha um acentuado sentido de humor, mas a atirar para o sarcástico. O deste homem era diferente: doce, sem pretensões intelectuais, caloroso, dir-se-ia uma constante cabriola verbal.

Ela era o oposto. Tinha um espírito receptivo e curioso, que se deleitava e divertia a ouvir os outros, e era hábil a fazê-los falar. Adorava discutir ideias, pelo que a consideravam muito intelectual. Nada lhe dava mais prazer que falar de religião, filosofia ou política com um homem sabedor. Porém, raramente se podia dar a esse luxo. Contentava-se por isso em ouvir as pessoas falarem-lhe dos seus problemas.

Fisicamente, era pequena e de constituição frágil, testa muito alta orlada de cachos de caracóis castanhos. Os olhos eram azuis, francos, honestos e inquiridores. As mãos eram as belas mãos dos Coppards. Sóbria no trajar, envergava nesse dia um vestido de seda azul-escura e, como únicos enfeites, um original cordão de prata com berloques e um alfinete de ouro entrançado. Ainda intacta e sem mácula, era profundamente religiosa e impregnada de genuína candura.

Walter Morel sentia-se literalmente derretido perante ela. Para este mineiro, ela era algo de misterioso e fascinante: uma senhora. Quando lhe dirigiu a palavra, fê-lo com o sotaque do Sul e num inglês tão puro que o deixou emocionado. Ela observava-o. Ele era bom dançarino, como se, para ele, dançar fosse algo de natural, puro prazer. O avô dele era um refugiado francês que se casara com uma criada de bar inglesa – se é que tinham chegado a casar. Gertrude Coppard contemplava o jovem mineiro, vendo-o dançar com subtil exultação em cada requebro, em cada movimento, e o seu rosto dir-se-ia a flor do seu corpo, rosado e envolto em negras madeixas, de riso qualquer que fosse o par que tivesse ido buscar para dançar. Achava-o maravilhoso, diferente de todos os outros homens que já tinha visto. O pai era para ela o homem-modelo. Mas George Coppard, o orgulho em pessoa, homem bem-parecido e um tanto amargo, que elegia como leitura a teologia e nutria simpatia apenas por um homem – o apóstolo São Paulo –, George Coppard, homem de pulso inflexível e ironia à flor da pele, para quem o prazer sensual não existia, era radicalmente diferente do mineiro. A própria Gertrude desprezava a dança: era arte para a qual não sentia a menor inclinação, e nem a quadrilha ela aprendera a dançar. Era puritana, como o pai, um espírito elevado e determinado. Não admira pois que a dourada e nocturna suavidade do fogo sensual que jorrava do corpo daquele homem, incandescente como a chama de uma vela, sem submissão nem repressão da mente, tão diferente da vida que ela se impunha, fosse aos olhos dela algo de maravilhoso, de transcendente.

Ele aproximou-se e curvou-se diante dela. Uma onda irradiante de calor invadiu-a, como se tivesse bebido vinho.

– Agora, vossemecê vem dançar esta comigo – disse ele, acariciando-a com a voz. – É

fácil, vai ver. Estou morto por vê-la dançar.

Ela, que já lhe tinha dito que não sabia dançar, ergueu os olhos perante tanta simplicidade, e sorriu. O seu sorriso, belíssimo, deixou o jovem sem discernimento.

– Não, não danço – disse, docemente. As suas palavras soaram cristalinas, musicais.

Sem saber porque o fazia – geralmente adoptava a atitude correcta por instinto –, ele sentou-se ao lado dela, inclinando-se com reverência.

– Mas não quero que fique sem dançar – protestou ela.

– Não, não me apetece dançar esta... não é das que eu mais gosto.

– O que não o impediu de me vir buscar.

Morel deu uma sonora gargalhada.

– Nem tinha pensado nisso. Vejo que não perde tempo a cortar-me o topete.

Foi a vez de ela dar uma risadinha breve.

– Olhando para si, ninguém há-de dizer – disse ela.

– Sou como o galarote: quando arrebito o topete, não há nada a fazer – rematou ele, com forte gargalhada. – Não quer beber nada? – perguntou a seguir.

– Não, obrigada... não tenho sede.

Ele hesitou, percebeu que ela era completamente abstémia, e sentiu o peso da recusa.

Enveredou então por uma série de perguntas delicadas, sobre questões interessantes, a que ela respondeu com brilho. Ele parecia-lhe fascinante.

– E pensar que você é mineiro! – exclamou ela, surpreendida.

– É verdade. Desde os dez anos.

Ela olhou-o com enlevada tristeza.

– Desde os dez anos!... E não era duro de mais?

– Depressa nos habituamos. Vivemos como ratos, e vimos cá acima à noite para ver como vão as coisas.

– Fico cega só de pensar – disse ela, fazendo uma careta.

– Como as toupeiras! – disse ele com uma risada. – É isso mesmo, e há tipos que andam às voltas como as toupeiras. – Depois, espetou a cara, como as toupeiras fazem ao focinho para farejarem o caminho, semicerrando os olhos para se orientarem. – Custa, mas conseguem! – disse ele, ingenuamente. – Vossemecê nunca há-de ter visto os buracos por onde elas entram. Qualquer dia, tem de me deixar mostrar-lhe um, e então já fica a saber como é.

Ela olhou para ele estupefacta. A vida abria de súbito um caminho novo à sua frente. Ela sabia como era a vida dos mineiros, a trabalharem às centenas debaixo da terra, só à noite vindo à superfície. Havia nele muita nobreza. Arriscava a vida diariamente e fazia-o com

alegria. O olhar dela era um apelo, em toda a sua pureza e humildade.

– Vossemecê gostava de ir ver, não gostava? – perguntou ele, ternamente. – Se calhar não; era capaz de se sujar.

Nunca ninguém a tinha tratado por *vossemecê*.

Casaram no Natal seguinte. Durante três meses ela foi perfeitamente feliz, e muito feliz por mais seis meses.

Ele tinha assinado o juramento e ostentava a fita azul dos abstémios: gostava de dar nas vistas. A casa onde moravam era dele, pensava ela. Era pequena, mas razoável, e estava bem mobilada, com peças sólidas e dignas, a condizer com a sua alma austera. Mrs. Morel dava-se pouco com as vizinhas, e a mãe e as irmãs do marido desdenhavam dos seus modos senhoris; mas vivia bem sem elas, desde que tivesse a companhia do marido.

Às vezes, quando se cansava das juras de amor e tentava abrir-lhe o coração e falar de assuntos sérios, percebia que ele a escutava com deferência, mas sem compreender. Esta atitude cerceava o seu esforço para aprofundarem o conhecimento íntimo um do outro, e chegava a sentir medo. Havia noites em que ele se mostrava visivelmente inquieto, ansioso para sair: era óbvio que a companhia dela não lhe chegava. Viu, por isso, com bons olhos ele começar a fazer pequenos biscates.

Morel era um homem extremamente habilidoso, capaz de fazer ou consertar fosse o que fosse. Mal ela dizia, por exemplo:

– Gosto tanto do esboralhador da tua mãe... é pequenino e tão jeitoso.

Logo ele respondia:

– Gostas, minha linda? Pois bem, se eu fiz aquele, também posso fazer um para ti.

– O quê... mas é de aço!

– E depois? Vais ter um igual ou muito parecido.

Não se importava com a porcaria que ele fazia, nem com o barulho das marteladas. Via-o entretido e feliz, era quanto lhe bastava.

Mas um dia, no sétimo mês de casada, estava ela a escovar-lhe o casaco domingueiro quando sentiu uns papéis no bolso interior. Num acesso de curiosidade, tirou-os do bolso para ver de que se tratava. Ele raramente usava a sobrecasaca do dia do casamento, e ela nunca sentira curiosidade pelos seus papéis. Ao lê-los, viu tratar-se das contas da mobília, ainda por pagar.

– Ouve lá – disse-lhe ela à noite, depois de ele se ter lavado e acabado de jantar. – Encontrei isto no teu fato de casamento. Então ainda não pagaste as contas?

– Não... ainda não tive tempo.

– Mas disseste que já estava tudo pago. O melhor é eu ir a Nottingham no sábado e pagar tudo. Não me agrada nada estar sentada numa cadeira que não é minha, nem comer numa mesa que ainda não está paga.

Ele não respondeu.

– Posso levar o teu livro de cheques, não posso?

– Podes, mas não te vai servir de nada.

– Mas eu julgava... – começou ela. Ele tinha-lhe dito que tinha algum dinheiro de lado. Percebeu, porém, que não adiantava fazer mais perguntas, e ficou sentada muito hirta, ofendida e indignada.

No dia seguinte foi falar com a mãe dele.

– Não foi a senhora que comprou a mobília para o Walter? – perguntou-lhe.

– Fui, sim. – respondeu a outra, sacudida.

– E quanto é que ele lhe deu?

A mulher mostrou-se indignada:

– Oitenta libras, se é isso que quer saber.

– Oitenta libras! Mas ainda falta pagar quarenta e duas!

– E que tenho eu com isso?

– Mas, então, para onde foi o dinheiro?

– Se procurar, há-de encontrar os recibos... acho eu... tirando dez libras que ele me devia, e seis libras que é quanto custa aqui um casamento.

– Seis libras! – repetiu Gertrude Morel, sem querer acreditar. Parecia-lhe uma aberração que, depois de o seu pai gastar tanto dinheiro com o casamento, os pais de Walter fossem capazes de tirar mais seis libras ao filho para a comida e bebida que tinham oferecido.

– E quanto é que ele enterrou nas casas dele? – perguntou Gertrude.

– As casas dele?... Que casas?

Gertrude Morel ficou sem pinga de sangue. O marido tinha-lhe dito que a casa onde vivia e a outra ao lado eram suas.

– Estava convencida de que a casa onde moramos... – começou ela.

– Essas casas são minhas, as duas – disse a sogra. – E não estão livres de encargos. Tenho de arranjar maneira de pagar as hipotecas.

Gertrude estava lívida e sem fala. Neste momento era a réplica do pai.

– Então nós devíamos pagar renda – disse friamente.

– O Walter paga-me renda – replicou a mãe.

– E quanto é? – quis saber Gertrude.

– Seis xelins e seis dinheiros por semana – retorquiu a mãe.

Era mais do que a casa valia. Gertrude continuou a olhar em frente de cabeça bem levantada.

– Sorte a sua – disse a mulher, em tom mordaz. – Ter um marido que lhe poupa as preocupações com o dinheiro, e a deixa fazer o que quer.

A jovem manteve-se em silêncio.

Ao chegar a casa, pouco contou ao marido, mas a sua atitude para com ele mudou. Algo na sua alma honrada e orgulhosa ficara cristalizado, duro como rocha.

Quando Outubro chegou, ela só pensava no Natal. Dois anos antes, pelo Natal, tinha-o conhecido. No Natal anterior tinha-se casado com ele. No próximo Natal ia dar-lhe um filho.

Graças à sua natureza afável, depressa travou conhecimento com as vizinhas, com quem passava bons bocados a conversar, e só tinha receio de que a diferença na maneira de falar as levasse a pensar, como a família dele, que ela se estava a dar ares. Deixavam-na sempre tomar a iniciativa de meter conversa, mas gostavam dela.

– A senhora não dança, pois não? – perguntou-lhe a vizinha do lado em Outubro, quando todos falavam na escola de dança que ia abrir por cima da estalagem Brick and Tile, em Bestwood.

– Não... nunca senti a menor inclinação – respondeu Mrs. Morel.

– Veja como são as coisas! E logo foi casar com o seu homem. Sabe que ele é um dançarino famoso?

– Não sabia que era famoso – disse Mrs. Morel a rir.

– Pois fique sabendo que é! Pois se ele até deu aquelas aulas de dança durante mais de cinco anos no Clube dos Mineiros.

– Ah, deu?

– Deu, pois. – A mulher assumiu um ar de desafio. – E a casa estava à cunha todas as terças, quintas e sábados... e muita coisa por lá se passava... pelo menos era o que se dizia...

Nada era mais penoso para Mrs. Morel do que este tipo de conversas com que se via assediada. Nos primeiros tempos, as mulheres não a poupavam, pois, mesmo sem querer, ela estava muito acima de todas elas.

Entretanto, o marido começou a chegar a casa muito tarde.

– Eles agora trabalham até mais tarde, não é? – perguntou ela à lavadeira.

– Não mais tarde qu' o costume, não me parece. Mas param na taberna da Ellen p'ra beberem uma caneca de cerveja e depois ficam à conversa, ora aí tem!... Depois comem o jantar frio... e é bem feita.

– Mas Mr. Morel não bebe.

A mulher deixou cair a roupa que tinha na mão, olhou para Mrs. Morel e continuou no seu trabalho sem dizer uma palavra.

Gertrude Morel passou muito mal quando o filho nasceu. Morel tratou-a bem, o melhor

possível. Mas ela sentia-se muito sozinha, longe da família. Agora, sentia-se só na companhia dele, e ainda mais só quando ele estava presente.

O menino nasceu muito pequenino e débil, mas depressa recuperou. Era uma bela criança, de cabelo louro escuro todo aos caracóis e uns olhos azuis, muito escuros, que se foram tornando a pouco e pouco cinzento-claro. A mãe tinha por ele um amor desmedido. Chegara precisamente no momento em que o peso da desilusão lhe era mais difícil de suportar – quando a sua vida começava a ficar tremida e a sua alma desolada e solitária. Ela só tinha olhos para o filho, e o pai sentia ciúmes.

Com o tempo, Mrs. Morel acabou por sentir desprezo pelo marido. Entregou-se ao filho e afastou-se do pai. Ele passara a dar-lhe menos atenção e a novidade de viver em casa dele já passara. Não tinha cabeça, dizia ela amargamente para si própria. Só se preocupava com o presente. Não tinha força de vontade e os seus actos eram só fogo de vista.

Começou então uma batalha entre marido e mulher, uma batalha terrível e sangrenta que só terminou com a morte de um deles. Ela lutava para o fazer assumir as suas responsabilidades, cumprir as suas obrigações. Mas ele era muito diferente dela: a sua natureza era puramente sensual, e ela esforçava-se por torná-la moral, religiosa. Tentava a todo o custo fazê-lo enfrentar a realidade, mas ele, não conseguindo suportar a pressão, perdeu a cabeça por completo.

Quando o bebé era ainda pequenino, o temperamento do pai tornou-se de tal maneira irascível que chegava a ser perigoso. Bastava a criança fazer a mais pequena coisa, para ele começar logo a ralhar. Mais qualquer coisa, e logo as suas mãos rudes de mineiro agrediam o bebé. Nessa altura, Mrs. Morel ficava zangada com o marido dias a fio, e ele deixava-se ficar a beber até tarde pelas tabernas, e ela já não se importava. Porém, quando ele chegava a casa, zurzia-o com sarcasmo.

O fosso que se cavava entre eles levava-o, consciente ou inconscientemente, a ofendê-la com grosserias de que anteriormente não seria capaz. William tinha apenas um ano e começava a andar e a dizer gracinhas. Era uma criança encantadora, conservando ainda os seus caracóis louros de bebé, que começavam agora a escurecer. Gostava muito do pai, que se mostrava carinhoso, indulgente e cheio de paciência com ele e jeito para o entreter, quando estava de maré. Quando se punham os dois a brincar, Mrs. Morel chegava por vezes a pensar qual deles seria o mais infantil.

Morel levantava-se sempre muito cedo, entre as cinco e as seis horas da manhã, fosse ou não dia de trabalho. Aos domingos, levantava-se e fazia o pequeno-almoço. O fogo ficava aceso toda a noite, pois era ateado antes de se irem deitar. Isto é, punham na lareira um grande bocado de carvão, que ia ardendo lentamente até de manhã. Aos domingos de manhã, o menino levantava-se com o pai, e a mãe ficava na cama mais uma hora. Esses eram para ela os momentos mais tranquilos: quando pai e filho brincavam e tagarelavam no andar de baixo.

William tinha só um aninho, e a mãe tinha muito orgulho nele – que bonito que ele era. Ela não tinha grandes possibilidades, mas as irmãs traziam o menino bem vestido. Ao vê-lo com o chapelinho branco de aba revirada enfeitado com uma pena de avestruz,

casquinho branco, e a cabeça emoldurada de fartos caracóis, sentia-se a mãe mais orgulhosa do mundo. Um domingo de manhã, Mrs. Morel deixou-se ficar a ouvir os dois a tagarelar, e acabou por adormecer. Quando desceu, brilhava uma grande fogueira na lareira, a sala estava aquecida, o pequeno-almoço atabalhoadamente colocado em cima da mesa, e Morel sentado no seu cadeirão, encostado à chaminé, com ar tímido. De pé, entre as suas pernas, estava o filho – com a cabeça muito redonda e bizarra, tosquiada que nem uma ovelha – a olhar para ela, espantado; e, numa folha de jornal aberta sobre o tapete, uma miríade de caracóis em forma de meia-lua, luzindo à luz rubra da fogueira como pétalas de malmequer.

Mrs. Morel estacou. Era o seu primeiro filho. Ficou lívida, muda com o choque.

– Então, que tal? – disse Morel, rindo contrafeito.

Ela cerrou os punhos, ergueu-os e avançou para ele. Morel encolheu-se.

– Estou capaz de te matar! Isso é que eu estou! – disse, sufocada de raiva, brandindo os punhos.

– Num queres qu’ele fique uma menina, poi não? – disse Morel, com o medo na voz, baixando a cabeça para não olhar para ela. A vontade de rir desaparecera como por encanto.

A mãe contemplou a cabeça do filho, rapada, coberta de mechas escortanhadas. Pousou-lhe as mãos no cabelo e acariciou-lhe a cabeça.

– Oh... meu menino! – balbuciou. Os lábios tremiam-lhe, o rosto contraiu-se-lhe, e, pegando na criança, agarrou-se a ela a chorar sentidamente. Ela era uma dessas mulheres que não conseguem chorar: a quem chorar dói tanto como dói aos homens. Era como se cada soluço lhe arrancasse um pedaço de si mesma. Morel continuava sentado com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas e tão crispadas que os nós dos dedos estavam brancos. Tinha o olhar pregado no fogo, atordoado, mal conseguindo respirar.

A cena finalmente terminou, ela acalmou a criança e levantou a mesa do pequeno-almoço; mas deixou ficar o jornal pejado de caracóis aberto sobre o tapete. Até que o marido se resolveu a apanhá-lo e a deitá-lo para a lareira. Ela entregou-se às suas ocupações de boca fechada e sem fazer barulho. Morel, de orelha murcha, arrastou-se pela casa o dia todo, com um ar muito infeliz, e nesse dia as refeições foram para ele um suplício. Ela falava com ele delicadamente, sem aludir ao sucedido, mas ele sentia que algo chegara ao fim.

Mrs. Morel disse mais tarde que tinha sido um disparate reagir como reagira, pois o cabelo do menino teria de ser cortado mais tarde ou mais cedo, e acabou mesmo por reconhecer que até tinha sido bom ele fazer de barbeiro naquele dia. Porém, ela sabia, tal como Morel, que aquele acto lhe tinha provocado na alma uma transformação radical. A cena perdurou na sua memória para sempre, como o momento mais penoso de toda a sua vida.

Este exemplo de flagrante boçalidade masculina foi a lança que matou o seu amor por

Morel. Anteriormente, embora lutasse amargamente contra ele, logo corria atrás dele preocupada, como se tivesse medo de que ele lhe fugisse. Mas agora deixara de recear pelo seu amor: olhava-o como um estranho e a vida parecia-lhe muito mais suportável.

Não obstante, as zangas continuavam. Os seus elevados padrões morais continuavam intactos, herdados de gerações e gerações de Puritanos. Sentia-os agora como um instinto religioso, e comportava-se com ele de um modo quase fanático, porque o amava, ou, pelo menos, o tinha amado. Se ele pecava, ela torturava-o. Se ele bebia e mentia, umas vezes chamava-lhe poltrão, outras valdevinos, mas as chicotadas sucediam-se, impiedosas.

O mal era ela ser demasiado o seu oposto. Não se contentava com o pouco que ele tinha para lhe dar, exigia que ele fosse tudo aquilo que deveria ser. E, assim, ao tentar torná-lo mais nobre do que era possível, destruiu-o. Feriu-se, magoou-se, cobriu-se de cicatrizes, mas sem perder nada da sua dignidade. Além disso, tinha também as crianças.

Ele bebia demasiado, se bem que não mais do que muitos mineiros, e só bebia cerveja, pelo que a sua saúde, embora afectada, nunca o foi com gravidade. Os fins-de-semana eram os seus dias de maiores desmandos. Ia todas as sextas, sábados e domingos para o Clube dos Mineiros, e por lá ficava até à hora de fechar. Às segundas e terças só muito a custo se levantava para sair de casa por volta das dez horas. Às vezes ficava em casa às quartas e quintas à noite, ou saía só por uma hora. E, geralmente, nunca deixava de ir trabalhar por causa da bebedeira.

Mas, embora fosse um operário cumpridor, o salário baixava cada vez mais. Era um fala-barato, um língua de trapos; detestava qualquer forma de autoridade e passava a vida a desrespeitar os capatazes. Era ouvi-lo dizer na taberna do Palmerston:

– O gajo veio à nossa galeria esta manhã e disse: «Sabes, Walter, ist’assim num tá bem. Quando é qu’arranjas estas vigas?» E vou eu e digo: «De qu’é que tás a falar? Qu’é qu’as vigas têm?» «Num tão bem, isto aqui tá mal», diz ele. «Um destes dias, o tecto ’inda vem por aí abaixo.» E vou eu e digo: «Atão o melhor é pores-te em cima duma rocha e segurares o tecto coa cabeça». Ele então perdeu a cabeça e pôs-se a berrar e a praguejar, e os outros gajos todos a rir. – Morel era um bom imitador. Arremedava a voz encorpada e roufenha do capataz, a dar-se ares de bem falante.

– «Num admito faltas de respeito, Walter. Quem sabe mais, tu ou eu?» E vou eu e digo: «Nunca tive oportunidade de ver o qu’é que tu sabes, Alfred. Mas vê lá, não te saia o tiro pela culatra».

E Morel continuava a contar histórias, para gáudio dos companheiros de farra. Algumas eram verdadeiras. O capataz não era um homem culto. Ele e Morel conheciam-se desde miúdos, pelo que, embora não gostassem um do outro, ambos sabiam mais ou menos com o que podiam contar e aceitavam-se mutuamente. Porém, Alfred Charlesworth não perdoava ao seu tarefeiro estas graçolas de taberna. Por conseguinte, e embora Morel fosse um mineiro competente, tendo chegado até a ganhar cinco libras por semana na altura em que casou, começou a apanhar galerias cada vez piores, onde o carvão era fino e difícil de extrair, logo, de baixo rendimento.

Um tarefeiro era um subempreiteiro. A dois ou três tarefeiros era dada uma certa

extensão de um filão, que eles tinham de explorar até determinado comprimento, recebendo cerca de três quartas partes por cada tonelada de carvão que extraírem. Daí, tinham de tirar dinheiro para pagar aos trabalhadores, os mineiros propriamente ditos e os carregadores, que eram contratados ao dia, e ainda comprar as ferramentas, o pó, e tudo o que fosse necessário. Se a galeria fosse das boas, e a mina trabalhasse em contínuo, podiam chegar às cem ou duzentas toneladas de carvão e ganhar um bom dinheiro. Se a galeria fosse das más, podiam trabalhar o mesmo, mas ganhar muito pouco. E, em trinta anos, Morel nunca tinha apanhado uma boa galeria. Mas, a fazer fé na mulher, a culpa era toda dele.

Por outro lado, no Verão há pouco trabalho nas minas. Nas manhãs soalheiras, é frequente ver os homens voltarem para casa em grupos por volta das onze ou do meio-dia. Não se vêem os vagões vazios junto às minas. Na encosta, as mulheres olham para o vale enquanto batem os tapetes contra a cerca, e põem-se a contar os vagões que a locomotiva leva pelo vale fora até às minas.

– Sete – dizem umas para as outras – vão pra Minton ou pra Spinney Park. Num dá pra manter uma mina.

E as crianças, quando voltam da escola à hora de almoço, olham para os campos e, ao verem as roldanas paradas nas torres, dizem:

– Minton já parou. O pai vai voltar pra casa.

E há em toda a gente, homens, mulheres e crianças, uma espécie de tristeza que os ensombra, porque o dinheiro vai ser pouco no fim da semana.

Morel devia dar à mulher trinta xelins por semana para as despesas da casa – renda, comida, vestuário, cotas das associações, seguro, médico. Às vezes, quando a semana era farta, dava-lhe trinta e cinco; mas essas ocasiões não chegavam para compensar as vezes em que só lhe dava vinte e cinco. No Inverno, com uma galeria razoável, Morel podia fazer cinquenta ou cinquenta e cinco xelins por semana. Com isso já se dava por contente. Às sextas à noite, sábados e domingos, gastava principescamente, esbanjando até ao último tostão, ou quase. E, de tanto dinheiro, raramente guardava algum para dar aos filhos, ou para lhes comprar duas libras de maçãs. Gastava tudo na bebida. Nos tempos difíceis, a situação tornava-se preocupante, mas ele também não se embebedava tantas vezes, e Mrs. Morel costumava dizer:

– Acho que prefiro quando andamos sem dinheiro, porque quando ele ganha muito não há um minuto de sossego nesta casa.

Se ele ganhasse quarenta xelins, guardava dez; de trinta e cinco, guardava cinco; de trinta e dois, guardava quatro; de vinte e oito, guardava três; de vinte e quatro, guardava dois; de vinte, guardava um xelim e seis dinheiros; de dezoito, guardava um; de dezasseis, guardava seis dinheiros. Não poupava um tostão, nem dava à mulher a oportunidade de poupar. Pelo contrário, era ela muitas vezes que tinha de pagar as dívidas que contraía; não as da taberna, que essas nunca eram cobradas às mulheres, mas quando, por exemplo, comprou um canário, ou uma bengala da moda.

Por alturas da feira anual, o trabalho estava a correr mal e Mrs. Morel esforçava-se por poupar para as despesas do parto. Sentia-se, por isso, indignada quando pensava que o marido andava lá por fora a gastar dinheiro e a divertir-se, enquanto ela ficava em casa, mortificada. Havia dois dias feriadós. Na terça de manhã, Morel levantou-se cedo, muito bem-disposto. Mal o dia rompeu, ainda antes das seis horas, ouviu-o descer a escada a assobiar. Assobiava muito bem, com alegria e musicalidade – quase sempre hinos religiosos. Ele tinha sido menino de coro, com uma linda voz, e solista na catedral de Southwell. Bastava ouvi-lo assobiar para se perceber.

A mulher ficou a ouvi-lo traquirar no jardim, enquanto serrava e martelava, sempre a assobiar. Sentia-se protegida e tranquila quando ficava assim a ouvi-lo de manhã cedo, ela na cama e as crianças ainda a dormir, e ele enchendo a manhã ensolarada, feliz, à sua maneira masculina.

Às nove horas, enquanto as crianças, descalças, brincavam em cima do sofá e a mãe lavava a loiça, ele parou de carpinteirar e voltou para casa, de mangas arregaçadas e colete todo aberto. Ainda era um belo homem, com os seus cabelos pretos ondulados e um farto bigode preto. As faces estavam talvez coradas em demasia e havia nele um certo ar enfadado. Mas desta vez estava bem-disposto e foi direito à copa, onde a mulher estava a lavar.

– O quê, tás aí? – disse ele, fanfarrão. – Gira mas é daí pra fora qu’eu quero lavar-me.

– Já agora podes esperar que eu acabe – respondeu ela.

– Ah, posso? E s’eu num quiser?

Esta ameaça brincalhona animou Mrs. Morel.

– Tens bom remédio: vais lavar-te na selha.

– Ah! Ah! Estás hoje muito sirigaita.

E, dizendo isto, ficou parado a olhá-la por uns segundos, afastando-se em seguida, à espera de que ela terminasse.

Quando queria, ainda sabia pôr-se todo galante. Caprichava geralmente no lenço que punha ao pescoço. Desta vez, porém, aperaltou-se todo. Foi tanto o entusiasmo com que se lavou com grande estardalhaço, tal a alacridade com que correu para o espelho da cozinha e, curvando-se, porque o espelho era muito baixo, penteou o cabelo molhado, abrindo um irrepreensível risco ao lado, que Mrs. Morel acabou por se irritar. Escolheu para a camisa um colarinho virado para baixo, pôs a gravata preta e vestiu o fato domingueiro. Estava todo janota e o que o fato não conseguia dar-lhe, dava-lhe o instinto que tinha para tirar partido da sua boa figura.

Às nove e meia, Jerry Purdy veio chamar o amigo. Jerry era o melhor amigo de Morel, mas Mrs. Morel não gostava dele. Era um homem alto e magro, com uma daquelas caras afiladas que parecem não ter pestanas. Caminhava muito hirto, com rígida dignidade, como se tivesse engolido um pau de vassoura, e tinha uma personalidade fria e astuta. Generoso, quando e com quem queria, parecia gostar muito de Morel, a quem mais ou menos servia de mentor.

Mrs. Morel detestava-o. Tinha conhecido a mulher dele, que morrera tuberculosa e fora acometida, perto do fim, de um ódio tão violento pelo marido, que mal ele entrava no quarto, tinha logo uma hemorragia. Nada disto, no entanto, parecia ter abalado Jerry. Agora, era a filha mais velha, uma rapariga de quinze anos, quem tratava da casa pobre onde moravam e cuidava dos irmãos mais novos.

– É um pau de virar tripas, ruim e unhas de fome! – disse Mrs. Morel.

– Nunca em toda a *minha* vida dei por que o Jerry fosse ruim – protestou Morel. – Cá pra mim, num s’ encontra em lado nenhum tipo mais mãos-largas e mais liberal do qu’ele.

– Mãos-largas para ti – retorquiu Mrs. Morel. – Porque para os filhos dele, coitadinhos, a mão está sempre fechada.

– Coitadinhos, uma ova!... Coitadinhos porquê? Sempre gostava de saber.

Mas Mrs. Morel não alargou os comentários sobre Jerry.

O pomo da discórdia chegou e, esticando o pescoço escanzelado, espreitou por cima das meias cortinas da janela da cozinha, dando de caras com Mrs. Morel.

– Bom dia, minha senhora!... O seu marido está?

– Está sim.

Jerry entrou sem ser convidado e ficou parado à porta da cozinha. Não o mandaram sentar, mas ele ficou de pé, fazendo jus aos direitos dos homens e dos maridos.

– Está um belo dia! – disse, virando-se para Mrs. Morel.

– É verdade.

– Esta manhã está-se muito bem lá fora... uma rica manhã para passear.

– O *senhor* vai então dar um passeio? – perguntou ela.

– É verdade. Fazemos tenção d’ir a Nottingham – respondeu ele.

– Hum!

Os dois homens cumprimentaram-se alegremente; Jerry muito senhor de si e Morel menos afoito, com medo de se mostrar alegre de mais diante da mulher. Mas apertou rapidamente os atacadores das botas, com vigor. Esperava-os um passeio de dez milhas pelos campos, até Nottingham. Tendo subido a encosta a partir das Bottoms, arrostaram alegremente com a passeata matinal. Quando chegaram à taberna Moon and Stars, pararam para beberem o primeiro copo e, depois, pés ao caminho até à taberna Old Spot. Seguiam-se umas penosas cinco milhas de secura, até à Bulwell, onde os esperava uma gloriosa caneca de cerveja amarga. Mas encontraram pelo caminho um grupo de ceifeiros com o garrafão ainda cheio, e quando avistaram a cidade, Morel já ia quase a dormir. A cidade estendia-se pela encosta acima à sua frente, fumegante e difusa na claridade ofuscante do meio-dia, ostentando para sul a crista recortada de pináculos, torres de fábricas e chaminés. Ao atravessarem a última seara antes da cidade, Morel deitou-se à sombra de um carvalho e dormiu a sono solto durante mais de uma hora. Quando se

levantou para seguir viagem, sentia-se esquisito.

Almoçaram em Meadows, em casa da irmã de Jerry, e depois partiram em direcção à taberna Punch Bowl, onde se associaram ao entusiasmo que rodeava uma largada de pombos. Morel nunca tinha jogado cartas, achando até que possuíam um certo poder oculto, maléfico; «retratos do diabo», era como ele lhes chamava. Era porém mestre no boliche e no dominó. Aceitou, por isso, o desafio de um homem de Newark para uma partida de boliche. Todos os homens postados ao longo do velho balcão comprido e carcomido fizeram a sua escolha, apostando num ou no outro. Morel despiu o casaco. Jerry segurava o chapéu com o dinheiro das apostas. Os homens sentados às mesas observavam. Alguns levantaram-se e chegaram-se para a frente, de caneca na mão. Morel acariciou a enorme bola de madeira e lançou-a. Derrubou os nove pinos e ganhou meia-coroa, o que o deixou de novo equilibrado.

Às sete da tarde deram-se os dois por satisfeitos e apanharam o comboio das sete e meia, de volta a casa.

Mrs. Morel passou o dia deprimida e descorçoada. Lavou a roupa que pôde, mas não conseguiu fazer mais nada. Foi William quem arrumou a casa.

– Queres que eu faça mais alguma coisa, mãe? – perguntou.

– Não, não há nada que possas fazer... excepto lewares a Annie a dar uma voltinha.

– Isso não me apetece.

– Apeteça ou não, tens de ir.

E o garoto lá foi, carregado com a irmã, enquanto a mãe ficava a trabalhar. Estava furioso com ela, por lhe ter empurrado aquele fardo para cima, mas ao mesmo tempo tinha pena da mãe, porque sabia que alguma coisa se passava. E, assim, com a infância dominada pelo amor que tinha à mãe, tentava fazer o melhor que podia.

À tarde não se podia andar nas Bottoms. Toda a gente tinha vindo para a rua. As mulheres, às duas e três, sem chapéu e de avental branco, davam à língua no beco que se abria entre os quarteirões. Os homens, fazendo uma pausa entre duas canecas de cerveja, sentavam-se nos calcanhares, a conversar. O lugar cheirava mal, e os telhados de ardósia luziam no ar morno e seco.

Mrs. Morel levou a filha até ao ribeiro, no meio do prado, a não mais de duzentos metros. A água corria leve sobre pedras e bocados de panelas. Mãe e filha foram para a velha ponte dos rebanhos e debruçaram-se a olhar para a água. Do outro lado do prado, na poça onde mergulhavam as ovelhas, Mrs. Morel avistou as silhuetas nuas de alguns rapazes a saltarem à volta da poça funda e amarelada, ou uma figura cintilante recortar-se de fugida sobre o prado estático e sombrio. Sabia que William estava na poça, e morria de medo que ele se afogasse. Annie estava a brincar à sombra da velha sebe do caminho da encosta, entretida a apanhar bagas de amieiro a que chamava groselhas. A menina necessitava de muita atenção, e as moscas não a deixavam sossegada.

As crianças foram para a cama às sete horas, e ela ainda foi arrumar mais umas coisas.

Quando Walter Morel e Jerry chegaram a Bestwood, sentiram um alívio: livres da viagem de comboio, podiam acabar o dia em beleza. Entraram na taberna do Nelson com a alegria dos viajantes que regressam. Mrs. Morel dizia sempre que o marido não tinha nada a esperar do outro mundo, pois subia do mundo impuro ao purgatório quando voltava da mina, e ascendia directamente ao céu quando entrava na taberna do Palmerston.

Com o arrefecimento nocturno, os jardinzinhos das Bottoms tornavam-se mais perfumados. Mrs. Morel saiu para ver as flores e respirar o ar do entardecer. Mrs. Kirk, a vizinha, não estava em casa, o que era uma pena, pois podiam ter ficado um bocado a conversar. Estava por isso sozinha. As andorinhas negras, a que as crianças chamavam «diabinhos», riscavam o ar para trás e para a frente, como setas, por cima da sua cabeça, voltando para trás na extremidade da casa, metendo-se por baixo dos largos beirais e logo voltando a sair, mergulhando em voo picado entre pios e chilreios que pareciam vir da própria luz e não de ternos passarinhos. Alguém tinha pisado o canteiro dos malmequeres, que estava coberto de brancas pétalas de rosa. Ela baixou-se e limpou-o, endireitando as pequeninas corolas amarelas.

O dia seguinte era dia de trabalho, e os homens ficavam esmorecidos só de pensarem em tal. Alguns já se arrastavam para casa, a pensarem no sono reparador que os ia preparar para a manhã seguinte. Mrs. Morel voltou para dentro ao ouvir os seus cantares dolentes. Deram as nove horas, depois as dez, e o «par» sem aparecer. Algures, na soleira de uma porta, um homem cantava a plenos pulmões, arrastando a voz: «Guia-me, Luz Bendita.» Mrs. Morel indignava-se sempre que ouvia bêbados cantarem este hino quando a pingalhes dava para a tristeza.

– Como se «Oh, Genoveva» não lhes chegasse... – disse ela. A cozinha estava impregnada de um cheiro a ervas cozidas e a lúpulo. No borrarho, fervilhava lentamente uma grande caçarola preta. Mrs. Morel pegou num enorme alguidar de barro vermelho, deitou-lhe no fundo um monte de açúcar branco e, depois, endireitando-se para contrabalançar o peso do seu ventre, começou a despejar a cerveja.

Nesse momento Morel, chegou. Tinha estado muito bem-disposto no Nelson, mas o regresso a casa pusera-o de mau humor – resquícios do mal-estar e da irritação que sentira por ter dormido no chão à hora do calor; além disso, a consciência pesava-lhe à medida que se aproximava de casa. Não se dava conta de estar mal-humorado, mas quando o portão do jardim resistiu à primeira tentativa de o abrir, deu-lhe um pontapé que logo rebentou com o ferrolho. Entrou em casa no preciso momento em que Mrs. Morel estava a vasar a infusão de ervas da caçarola. Cambaleando ligeiramente, deu um encontrão na mesa. O líquido a ferver saltou. Mrs. Morel deu um pulo para trás.

– Meu Deus! – exclamou ela. – Chegares a casa nesse estado de embriaguez!

– Chegar a casa neste estado de quê...? – rosou ele, de chapéu descaído sobre os olhos.

Num repente, Mrs. Morel ficou a ferver.

– Vá, diz lá que *não* estás bêbado! – ripostou.

Tinha pousado a caçarola e estava a mexer a cerveja para dissolver o açúcar. Ele apoiou

as manáculas com força sobre a mesa e avançou ameaçadoramente para ela.

– «Vá, diz lá que não estás bêbado» – repetiu ele. – Só uma cabra estuporada como tu era capaz de pensar uma coisa dessas.

– Como passaste o dia inteiro a beber, se não estás bêbado às onze da noite... – retorquiu ela, continuando a mexer.

– Num passei o dia a beber... *Num* passei o dia a beber... aí é que tu t'inganas – disse ele, fora de si.

– Então, parece que me enganei – volveu ela.

– Ah, parece... Ah, parece... Não me digas...

– Sai de casa às nove da manhã, volta à meia-noite. E, além disso, ambos sabemos bem o que tu fazes quando saís com o teu querido amigo Jerry.

– O teu querido amigo Jerry... o quê?... Que história é essa?... Hem?

E avançou para ela, de queixo espetado.

– Para a bebida há sempre dinheiro, mesmo que não chegue para mais nada – disse ela.

– Hoje num gastei nem dois xelins – contrapôs ele.

– Não há-de ser de graça que te embebedas – ripostou ela. – E mais – gritou, tomada de súbita fúria –, se andaste a cravar o teu querido amigo Jerry, é melhor deixá-lo cuidar dos filhos que tem em casa, que bem precisam.

– «É melhor deixá-lo cuidar dos filhos»... Essa agora... Ond' é que vês crianças mais bem tratadas qu'as dele, sempre gostava de saber.

– As minhas, por exemplo... não as tuas, se fosses *tu* a tratar delas... Um homem capaz de se embebedar de manhã à noite.

– Isso é mentira, isso é mentira – gritou ele, num acesso de raiva, batendo com a mesa.

– ... Que não garante o sustento dos filhos – continuou ela.

– E que tens tu cum isso? – berrou ele.

– Que tenho eu com isso?... Ora essa, tenho e muito... Um homem que me dá uns míseros vinte e cinco xelins por semana para manter a casa... e que se põe ao fresco todo o dia... e só volta à meia-noite...

– Isso é mentira, mulher, isso é mentira!

– ... E que julga que eu vou continuar a poupar e a arranjar maneira de sobreviver, enquanto ele se embebede e se enfrasca, de passeio até Nottingham...

– Isso é mentira, isso é mentira... cala essa boca, mulher.

A batalha atingira o auge. Cada um deles esquecia tudo o mais, menos o ódio que sentia pelo outro e a luta em que se empenhava. Ela estava tão desvairada e furiosa quanto ele. E a discussão continuou até ele lhe chamar mentirosa.

– Não – gritou ela, tomando o fôlego a custo, mal podendo respirar. – Não admito que me chames isso... tu, o mais desprezível mentiroso que este mundo já viu. – As últimas palavras saíram já arrancadas a um peito sem ar.

– És mentirosa, sim senhora! – gritou ele, desabrido, dando um murro na mesa. – Mentirosa, mentirosa!

Ela empertigou-se, de punhos cerrados.

– Se eu pudesse dava cabo de ti, meu grande bruto, meu cobarde – disse ela, com voz cava, soluçante.

E, na vaga de fúria seguinte, verteu todo o ódio exacerbado que sentia pelo marido. Ele, ripostando, bateu com a mesa no chão, fazendo-a ressoar por toda a casa, enquanto ela, por sua vez, despejava sobre ele todo o seu desprezo e o seu ódio.

– Tu conspurcas esta casa – gritou ela.

– Nesse caso vai-te embora... A casa é minha. Vai-te embora – berrou ele. – Sou eu que trago o dinheiro aqui pra casa, não és tu. A casa é minha, não é tua. Vá, desaparece... Vai-te embora!

– E ia mesmo – gritou ela, lavada em lágrimas, impotente. – Ah, isso é que eu ia, já tinha ido há muito tempo, se não fosse pelas crianças. Quantas vezes já me arrependi de não ter ido há muitos anos, quando só o tinha a ele... – disse, já sem lágrimas para verter, mas com raiva redobrada. – Julgas que foi por *ti* que fiquei? Julgas que se fosse por *ti*, hesitava por um minuto?

– Então vai-te! – berrou ele. – Vai-te!

– Não! – disse ela, encarando-o. – Não – disse ela aos gritos. – Não vai ser *tudo* como tu queres... Não penses que fazes *tudo* aquilo que queres. Tenho de pensar nas crianças. Meu Deus... – e deu uma gargalhada. – Ia ser bonito se as deixasse ficar contigo.

– Vai-te – gritou ele, sufocado, erguendo o punho. Estava com medo dela. – Vai-te!

– Quem me dera... Como eu ficava contente, como eu ria, meu Deus, se pudesse livrar-me de ti – ripostou ela.

Ele avançou afogueado, com os olhos raiados de sangue, atirou-se a ela e agarrou-lhe os braços. Ela gritou, cheia de medo, lutando para se soltar. Ele, ofegante, caindo um pouco em si, deu-lhe um encontrão, atirando-a contra a porta, e, empurrando-a lá para fora, fechou a porta de seguida com um estrondo. Depois, voltou para a cozinha, atirou-se para cima do cadeirão, enterrou a cabeça entre os joelhos, a estalar de emoção, e deixou-se afundar lentamente no torpor, cedendo à exaustão e à embriaguez.

A lua erguia-se alta e magnífica naquela noite de Agosto. Mrs. Morel, ardendo em fúria, tremia ao ver-se ali fora, sob o luar todo branco que a iluminava e lhe macerava a alma incendiada. Desalentada, ficou por breves instantes a olhar para as grandes folhas cintilantes do ruibarbo, junto à porta. Depois, respirou fundo e desceu o carreiro do jardim, toda a tremer, enquanto a criança se agitava dentro dela. Não conseguia controlar os pensamentos, e assim permaneceu por largo tempo; mecanicamente, recapitulava a

última cena uma e outra vez, surgindo certas frases, certos momentos, como ferro em brasa a queimar-lhe a alma: e, de cada vez que repisava esta última hora da sua vida, cada vez o ferro em brasa a torturava, sempre nos mesmos pontos, até a ferida se acender e a dor se apagar e ela, finalmente, voltar a si. Deve ter passado uma boa meia hora neste delírio. Mas logo a noite lhe impôs a sua presença. Receosa, olhou em redor. Tinha ido até ao jardim lateral, passeando-se para cima e para baixo ao longo do muro, rente às groselheiras. O jardim era uma estreita faixa de terra, separado da estrada que cortava transversalmente entre os blocos por uma densa sebe de espinheiros.

Passou rapidamente do jardim de topo para o da frente, onde se sentiu como num golfo imenso de luz branca, com a lua a brilhar do alto, mesmo à sua frente, e o luar a elevar-se das colinas fronteiras, inundando o vale onde as Bottoms se erguiam atarracadas, quase cegando de tanto brilho. Aí, entre soluços e lágrimas, numa reacção de anticlímax, murmurava ininterruptamente:

– Monstro!... Monstro!

Nisto, sentiu qualquer coisa perto dela. Fez um esforço para se controlar e tentar perceber o que tanto lhe perturbava os sentidos. Os lírios brancos, altaneiros, estremeciam ao luar e o seu perfume pesava no ar como uma presença. Mrs. Morel deixou escapar um suspiro de medo, sufocado. Tocou nas pétalas das flores pálidas e enormes, e um arrepio sacudiu-a. Parecia que se abriam ao luar. Meteu a mão na corola branca: o ouro mal se via na ponta dos seus dedos, iluminados pelo luar. Curvou-se para contemplar a corola carregada de pólen dourado, mas só viu uma sombra indistinta. Aspirou o perfume até à alma, quase até entontecer.

Olhou em redor. A sebe cintilava debilmente na escuridão. Dela saíam flores brancas. Em frente, a colina desenhava-se difusa, apertada entre sebes altas e sombrias e irrequieta com os movimentos do gado à luz da lua. Aqui e além, o luar parecia tremer e ondear.

Mrs. Morel encostou-se ao portão do jardim, a olhar lá para fora, esquecida de tudo. Não sabia em que pensava. Tirando uma leve náusea e a consciência da criança que carregava no ventre, todo o seu ser se diluía como perfume no ar pálido e brilhante. Por fim, a criança diluiu-se também com ela no cadinho do luar e, irmanada com as colinas, os lírios e as casas, flutuaram todos em conjunto, como num êxtase.

Quando voltou a si, estava cansada, sonolenta. Languidamente, olhou em volta; os tufos de violetas brancas lembravam arbustos salpicados de roupa a secar; uma borboleta ricocheteou neles e cruzou o jardim. Seguir-lhe os movimentos fê-la despertar. Aspirou o aroma acre das violetas e o ânimo ressurgiu. Subiu o carreiro, parando hesitante junto à roseira branca. O seu perfume era doce, era singelo. Tocou as corolas brancas das rosas, abertas em folhos. O aroma fresco e as folhas frias e aveludadas lembraram-lhe a frescura da manhã ensolarada, de que ela tanto gostava. Mas agora estava cansada e precisava de dormir. Ali fora, no mistério da noite, sentia-se perdida.

Não se ouvia o mais pequeno ruído. Era evidente que as crianças não tinham acordado, ou então já tinham voltado a adormecer. Um comboio apitou no vale, a umas três milhas de distância. A noite era imensa e estranha, estendendo-se até ao infinito na sua vastidão

de cinza. E da névoa prateada da penumbra chegavam-lhe aos ouvidos sons roucos e indistintos: um codornizão, ali bem perto; o suspiro rouco de um comboio; homens a gritar ao longe.

O coração amansado voltou a bater rapidamente e ela desceu à pressa o jardim lateral, em direcção às traseiras da casa. Levantou a lingueta suavemente: a porta continuava trancada, barrada à sua passagem. Bateu ao de leve, esperou e bateu de novo. Não queria acordar as crianças nem os vizinhos. Ele devia ter adormecido e não acordava com facilidade. O coração ardia-lhe com vontade de se ver dentro de casa. Agarrou-se ao puxador. Agora já estava frio e podia apanhar um resfriado; e logo agora, no seu estado!

Pôs o avental por cima dos ombros e da cabeça e correu de novo até ao jardim lateral, até à janela da cozinha. Encostando-se ao peitoril, conseguiu vislumbrar por baixo da persiana os braços do marido deitados sobre a mesa, e a cabeça negra apoiada no tampo. Estava a dormir com a cara em cima da mesa. Algo na sua atitude a fazia sentir-se cansada da existência. A candeia ardia, fumarenta – via-se pelo tom acobreado da luz que deitava. Tamborilou os dedos na janela, cada vez com mais força. Parecia que queria partir a vidraça. E ele sem acordar.

Todos os seus esforços eram vãos. Começou a tremer, em parte do contacto com a pedra, em parte de exaustão. Receando pela criança que estava para nascer, pensava no que poderia fazer para se aquecer. Foi até à carvoeira, onde estava um velho tapete da chaminé, que ela para ali tinha trazido na véspera para o trapeiro levar. Colocou-o sobre os ombros. Apesar de muito sujo, sempre a aquecia. Começou depois a subir e a descer o carreiro do jardim, espreitando de vez em quando por baixo da persiana, batendo na janela e dizendo para consigo que a posição forçada em que ele se encontrava acabaria por fazê-lo acordar.

Por fim, passada quase uma hora, bateu devagar, mas persistentemente, na janela. O som, gradualmente, penetrou-o. Quando, desesperada, já tinha parado de bater, viu-o mexer-se e, a seguir, levantar a cabeça, estremunhado. O bater do coração acordava-o dolorosamente para a realidade. Ela batia imperativa na janela. Ele acordou sobressaltado, e ela viu cerrarem-se-lhe os punhos e os olhos faiscarem, sem um pinga de medo. Vinte ladrões que ali estivessem, ele ter-se-ia atirado a eles sem pestanejar. Olhava em volta, estonteado, mas pronto para a luta.

– Abre a porta, Walter – disse ela, friamente.

As mãos dele relaxaram e então lembrou-se do que tinha feito. A cabeça tombou-lhe, contrita, arrependida. Ela viu-o correr para a porta, abrir o ferrolho. Experimentou levantar a lingueta. A porta abriu-se: diante dele estendia-se a noite prateada que ele temia enfrentar depois da luz amarela da candeia. À pressa, voltou para dentro.

Quando Mrs. Morel entrou, viu-o correr para a porta interior, em direcção às escadas. Com a pressa de se escapar dali para fora antes de ela entrar, até tinha arrancado o colarinho, que jazia no chão, com as casas rasgadas. Isto sim, irritou-a. Aqueceu-se e acalmou-se. Esquecida de tudo pelo cansaço, entregou-se às pequenas tarefas que havia para fazer, preparou-lhe o pequeno-almoço, lavou-lhe o cantil, pôs-lhe o fato da mina a

aquecer junto à lareira com as botas ao lado, foi buscar um lenço lavado, um saco para o farnel e duas maçãs, espevitou o lume e foi deitar-se. Ele dormia já profundamente. As suas sobrancelhas finas e negras estavam arqueadas numa espécie de rictus de sofrimento e arrogância, entrando pela testa dentro, ao mesmo tempo que as faces descaídas e a boca desdenhosa pareciam dizer: «Não me interessa quem tu és nem o que és, quem manda aqui sou *eu*».

Mrs. Morel já o conhecia bem de mais para olhar para ele. Enquanto tirava o broche em frente ao espelho, sorriu ligeiramente ao ver o seu rosto todo sujo do pó amarelo dos lírios. Sacudiu-o e foi para a cama. Por algum tempo ainda, a sua mente continuou a faiscar, mas adormeceu antes de o marido acordar do primeiro sono da bebedeira.

II

O NASCIMENTO DE PAUL E UMA NOVA BATALHA

DEPOIS de uma cena como a última, Walter Morel andou largos dias abatido e envergonhado, mas depressa recuperou a indiferença e brutalidade costumeiras. Notava-se contudo um ligeiro abrandamento, um leve esmorecer da sua autoconfiança. Até fisicamente ele mirrara, sendo visível um certo alquebrar da sua bela figura. Não sendo do tipo atlético, ao perder o porte altivo e imponente, o físico parecia definhar com o quebrar do orgulho e da força de ânimo.

Percebia agora como era dura para a mulher a lida da casa e, com uma solidariedade ditada pelo remorso, apressou-se a ajudá-la. Depois de sair da mina vinha direito para casa e à noite não saía – mas só até chegar a sexta-feira; nessa altura não aguentava mais, mas estava sempre de volta às dez horas, e quase completamente sóbrio.

Também preparava o seu pequeno-almoço. Sendo um homem que se levantava cedíssimo e tinha muito tempo pela frente, não fazia como outros mineiros que obrigavam as mulheres a sair da cama às seis da manhã. Acordava às cinco, às vezes mais cedo, levantava-se de imediato e descia para a cozinha. Quando não conseguia dormir mais, a mulher deixava-se ficar deitada à espera deste momento, como de um tempo de paz. Mas descanso, propriamente dito, só quando ele não estava em casa.

Descia a escada em mangas de camisa e enfiava à pressa as calças da mina, deixadas durante a noite ao borralho para aquecerem. O lume nunca se apagava, porque Mrs. Morel o abafava antes de ir para a cama. E o primeiro som que se ouvia pela manhã era o roçar do atiçador contra a grelha, enquanto Morel remexia as brasas que restavam para pôr a chaleira a ferver, que já ficava cheia de véspera em cima da grelha. A chávena, a faca e o garfo, tudo o que ele precisava, excepto a comida, estavam a postos em cima da mesa, sobre um jornal. Preparava então o pequeno-almoço, fazia o chá, entalava os tapetes debaixo das portas para evitar a corrente de ar, acendia uma bela fogueira e usufruía de uma hora de bem-estar. Assava o presunto na ponta do garfo, deixando pingar a gordura sobre o pão. Em seguida, punha o naco de presunto em cima da grossa fatia de pão e ia cortando lascas com o canivete; depois, deitava o chá no pires e era aquilo a felicidade. Com a família à volta, as refeições nunca eram tão agradáveis. Detestava comer com o garfo, essa invenção moderna que ainda não chegou às classes populares. Do que ele realmente gostava era do seu canivete. E, assim, comia na solidão, sentando-se muitas vezes num banquinho, quando estava frio, com as costas contra a pedra aquecida da chaminé, a comida no guarda-fogo e a chávena no chão quente. Lia a edição da tarde do jornal da véspera, tanto quanto lho permitiam as suas capacidades, soletrando as palavras laboriosamente. Preferia manter as persianas corridas e a vela acesa, mesmo quando já era dia claro. Era o hábito da mina.

Quando faltava um quarto para as seis, levantava-se, cortava duas grossas fatias de pão,

barrava-as com manteiga e metia-as no saco branco do farnel. Enchia de chá o cantil de lata. Chá frio, sem leite nem açúcar, era o que lhe sabia bem na mina. Depois, despia a camisa e enfiava a vestimenta da mina, um casabeque grosso de flanela, de decote redondo e mangas curtas.

Em seguida, levava uma chávena de chá à mulher, porque ela estava doente e porque lhe dava na gana.

– Trouxe-te uma pinga de chá, cachopa – dizia ele.

– Não sei para quê, sabes bem que não gosto – respondia ela.

– Vá, bebe, isto põe-te a dormir outra vez num instante.

Ela aceitava o chá. Ele gostava de a ver pegar na chávena e começar a bebericar.

– Aposto que não lhe deitaste açúcar – dizia ela.

– Isso é que deitei, e um bom bocado – respondia ele, ofendido.

– É para admirar – dizia ela, bebendo mais um gole.

Ficava linda com o cabelo desmanchado. E ele adorava ouvi-la resmungar assim. Olhava para ela outra vez e saía sem se despedir. Nunca levava mais de duas fatias de pão com manteiga para a mina, pelo que uma maçã ou uma laranja era para ele um luxo. Ficava todo contente de cada vez que ela lhe deixava uma cá fora. Atava um lenço ao pescoço, calçava as botas, enormes e pesadonas, vestia o casacão de grandes bolsos, onde metia o saco do farnel e o cantil com o chá, e saía para o fresco da madrugada, fechando a porta atrás de si sem a trancar. Adorava as alvoradas. Saía sempre de casa pelas seis horas, embora os trabalhadores não pegassem senão por volta das sete e a caminhada até à mina não levasse mais de meia hora. Metia geralmente pelos campos e muitas vezes, no Verão, parava na tapada à cata de cogumelos, afastando a erva densa e molhada com as pesadas botas de mineiro, à procura dos tortulhos brancos e carnudos que nela se acoitavam. Se calhava encontrar alguns, metia-os cuidadosamente no bolso. Não se pode dizer que lhe custasse deixar o ar frio e límpido da manhã e descer às profundezas. Estava tão habituado que encarava essa rotina como um gesto simples e natural. Por isso, era frequente vê-lo chegar à entrada da mina com um raminho arrancado da sebe entre os dentes, que ia mordiscando pelo dia fora lá em baixo, para manter a boca humedecida, sentindo-se tão feliz como ao ar livre.

Passado algum tempo, quando a chegada do bebé estava mais próxima, costumava dar um arranjo à cozinha, no seu estilo negligente, atiçando as brasas, limpando o fogão e varrendo a casa antes de sair para o trabalho. Nessa altura, com a consciência do dever cumprido, ia lá acima e dizia à mulher:

– Pronto, já limpei a casa. Num tás em condições d'andares praí a traquinar o dia todo. Deixa-te ficar sentada a ler os teus livros. – O que lhe dava imensa vontade de rir, apesar da indignação que nela despertava.

– E então o jantar, faz-se sozinho? – repontava Mrs. Morel.

– Eh lá, do jantar não percebo eu.

– Mas percebias, se ele não te aparecesse na mesa.

– Se calhar... – respondia ele, e abalava.

Quando ela vinha para baixo, encontrava a casa arrumada, mas toda suja, e não descansava enquanto não lhe dava uma boa limpeza. E quando se dirigia ao depósito das cinzas com a pá do lixo carregada, logo Mrs. Kirk, sempre de atalaia, arranjava uma desculpa para aparecer logo a seguir no seu depósito e meter conversa através do tapume de madeira.

– Sempre a cirandar, não é verdade?

– Que remédio – respondia Mrs. Morel, resignada. – É preciso, que se há-de fazer.

Mrs. Kirk era uma mulher magra e nervosa, a atirar para o histérico. Mrs. Morel gostava dela. Juntavam-se as duas, cada uma do seu lado do tapume, de pá na mão, e ali ficavam um bocado a conversar. Era mais ou menos assim:

– Ainda se mata de trabalho – dizia Mrs. Kirk. – O seu homem não lhe dá uma ajudinha? O meu Tom não me dá razão de queixa nesse aspecto.

– Então não dá? – respondia a vizinha. – Ainda esta manhã foi ao meu quarto para me dizer que já tinha feito a limpeza e que eu não precisava de fazer mais nada todo o dia, era só sentar-me e pôr-me a ler.

– Pois é, os homens são mesmo uns paspalhões! – exclamava Mrs. Kirk.

– E eu fui dar com a chaminé cheia de terra e o lixo todo metido debaixo do tapete.

Mrs. Kirk ria-se, enchendo de dentes a cara afilada.

– São todos iguais – acrescentava. – Passam a vassoura e o espanador à pressa por cima das coisas e acham que já fizeram muito.

– E não se ralam com a porcaria que fazem – dizia Mrs. Morel.

– Não se ralam mesmo. O meu Tom é igualzinho.

– Todos iguais – dizia Mrs. Morel.

– Já soube da Mrs. Allsop?

– Não.

– Não? O menino dela já chegou.

– A sério? Quando?

– Anteontem à noite... Depois da trovoada...

– O quê...!

E as duas mulheres riam com gosto.

– Viram o Hose? – gritou uma mulher baixinha do outro lado da rua. Era Mrs. Anthony, um corpo franzino e estranho de cabelos negros, que andava sempre com um vestido de

veludo castanho muito justo.

– Não vi, não – disse Mrs. Morel.

– Quem dera que ele apareça. Tenho ali um monte de roupa e pareceu-me ouvi-lo tocar a campainha.

– Falai no mal... Lá vem ele.

As duas mulheres olharam para o fundo do beco. Na extremidade da ruela vinha um homem numa espécie de carripa de outros tempos, debruçado sobre trouxas de tecido de tom esbranquiçado, enquanto o mulhério estendia para ele os braços carregados de roupa. A própria Mrs. Anthony trazia um monte de meias brancas, ainda por tingir, penduradas no braço.

– Fiz dez dúzias esta semana – disse ela a Mrs. Morel, toda orgulhosa.

– Ena... – disse a outra. – Não sei como consegue arranjar tempo.

– Essa agora! – disse Mrs. Anthony. – Quando se quer, arranja-se sempre tempo.

– Pois olhe, eu não sou capaz – disse Mrs. Morel. – E quanto lhe rendem todos esses pares?

– São a dois dinheiros e meio a dúzia – respondeu a outra.

– Safa! – disse Mrs. Morel. – Antes queria morrer de fome a ficar sentada a fazer duas dúzias de meias por dois dinheiros e meio.

– Olhe que se engana – disse Mrs. Anthony. – Fazem-se num instante.

O tal «Hose» aproximava-se, tocando a campainha. As mulheres esperavam por ele à porta dos pátios, com as meias penduradas no braço. O homem, de aspecto grosseiro, brincava com elas, tentava aldrabá-las e chegava a injuriá-las. Mrs. Morel afastou-se, desdenhosa.

Era sinal combinado que, se alguma mulher precisasse de chamar a vizinha, bastava-lhe bater com o atiçador na parede da chaminé. Como as lareiras estavam costas com costas, o barulho era logo ouvido na casa ao lado. Uma manhã, estava Mrs. Kirk a fazer um pudim, e quase desmaiou de susto com o barulho que vinha da chaminé. Com as mãos enfarinhadas, correu para o muro do quintal.

– Chamou, Mrs. Morel?

– Se fizesse o favor, Mrs. Kirk.

Mrs. Kirk pôs-se em cima da sua caldeira, passou para o outro lado da vedação, para cima da caldeira de Mrs. Morel, e correu para junto da vizinha.

– Então, minha querida, como se sente? – gritou preocupada.

– Pode-me ir buscar a Mrs. Bower, por favor? – respondeu Mrs. Morel.

Mrs. Kirk voltou ao quintal, desatou a voz possante e estridente e chamou:

– Ag...gie! Ag...gie!

O apelo ouviu-se de uma ponta à outra das Bottoms. Finalmente, Aggie lá apareceu a correr e foi incumbida de ir chamar Mrs. Bower, enquanto Mrs. Kirk ficava ao pé da vizinha, deixando o pudim a meio.

Mrs. Morel foi deitar-se na cama. Mrs. Kirk levou Annie e William para sua casa e deu-lhes o almoço. Mrs. Bower, gorda e gingona, assenhoreou-se do comando das operações.

– Pique um bocado de carne para o jantar do patrão e faça-lhe um pudim de maçã – disse Mrs. Morel.

– *Hoje*, ele pode bem passar sem o pudim – disse Mrs. Bower. Morel não era geralmente dos primeiros a parecer no fundo da mina, pronto para sair. Alguns iam para lá antes das quatro, quando soava o apito de despegar. Mas Morel, cuja galeria, além de pobre, ficava nesta altura a cerca de milha e meia do fundo, costumava continuar a trabalhar até o primeiro colega parar, e só então parava também. Nesse dia, porém, estava morto por chegar ao fim. Às duas horas olhou para o relógio, à luz da vela verde – a galeria onde se encontrava era segura – e às duas e meia voltou a olhar. Estava ocupado a cortar um bocado de rocha que iria interferir com o trabalho do dia seguinte. Sentado nos calcanhares ou de joelhos, ia desferindo violentos golpes na rocha com a picareta e dizendo «Zás!...Zás!»

– Já acabaste, pá? – gritou Barker, o outro mineiro.

– Acabar... Só quando o mundo acabar! – resmungou Morel.

E continuou a bater. Estava cansado.

– Este trabalho dá cabo da gente – disse Barker.

Mas Morel estava demasiado irritado, sem paciência para responder. Só batia e cortava com quanta força tinha.

– O melhor é deixares isso, Walter – disse Barker. – Amanhã também é dia. Não precisas de ficar a deitar os bofes pela boca.

– Amanhã não faço tenções de pôr as mãos nesta m... – gritou Morel.

– Pronto, se tu não puseres, alguém há-de pôr – disse Israel. Mas Morel continuou a bater.

– Eh, vocês aí, toca'andar – gritaram os homens que vinham da galeria mais próxima.

E Morel sempre a bater.

– Tu depois apanhas-me – disse Barker, indo-se embora.

Depois de o outro partir e de ficar sozinho, Morel foi acometido de um acesso de raiva. Tinha-se esfalfado e não tinha conseguido acabar a empreitada. Levantou-se, alagado em suor, atirou a ferramenta para o chão, enfiou o casaco, apagou a vela, pegou na lanterna e foi-se embora. Ao longo da galeria principal, as luzes dos outros homens dançavam de um lado para o outro e ressoavam ecos de muitas vozes. Ainda era uma longa e penosa

caminhada debaixo do chão.

Sentou-se ao fundo do poço da mina, onde a água não parava de pingar em grossas gotas. Os mineiros, em grande algazarra, concentravam-se à espera da sua vez de subirem. Morel respondia de mau humor ao que lhe diziam.

– Tá a chover, pá – disse o velho Giles, que tinha recebido a informação de lá de cima. A Morel restava-lhe um consolo: tinha o seu velho chapéu-de-chuva, de que tanto gostava, à espera dele na arrecadação das lanternas. Chegou finalmente a sua vez, sentou-se na cadeirinha e num instante chegou à superfície. Entregou a lanterna e recebeu o chapéu-de-chuva, que tinha comprado um dia num leilão por um xelim e seis dinheiros. Ficou parado à beira do poço da mina, por um momento, a olhar. A chuva caía cinzenta sobre os campos. Os vagões estavam carregados de carvão molhado, brilhante. A água escorria pelos vagões por cima das letras a branco C. W. & Co. Os mineiros, indiferentes à chuva, caminhavam pelo trilho e pela encosta acima, como uma hoste tristonha e pardacenta. Morel abriu o chapéu-de-chuva e meteu pés ao caminho, entretido com o tamborilar das gotas sobre o pano.

Os mineiros seguiam pela estrada em direcção a Bestwood, molhados, cinzentos e enfarruscados, mas as suas bocas vermelhas não paravam de falar com animação. Morel ia também com um grupo, mas de boca fechada. Limitava-se a franzir a testa, mal-humorado. Muitos foram os que entraram na taberna Prince of Wales ou na da Ellen, mas a má disposição de Morel ajudou-o a resistir à tentação, e seguiu o seu caminho debaixo das ramadas gotejantes que caíam por cima do muro do parque, descendo por fim a encosta lamacenta em Greenhill Lane.

Mrs. Morel estava deitada, a ouvir a chuva a cair, o ruído cadenciado dos pés dos mineiros que vinham de Minton, as suas vozes e o bater da cancela do caminho da encosta de cada vez que passavam.

– Há cerveja aromatizada atrás da porta da despensa – disse ela. – Mr. Morel há-de querer um copo quando chegar, se não parar pelo caminho.

Mas, como ele se atrasasse, julgou que tivesse parado na taberna para fugir à chuva. Ele queria lá saber dela ou da criança. Ela passava sempre muito mal quando as crianças nasciam.

– O que é? – perguntou ela, sentindo-se quase a morrer.

– É um rapaz.

Isso, de certa maneira, confortou-a. A ideia de dar à luz filhos homens aconchegava-lhe o coração. Olhou para o menino. Tinha olhos azuis, o cabelo louro e farto e era magrinho. Apesar de tudo, amava-o com todas as suas forças. Tinha-o na cama ao seu lado.

Morel, sem suspeitar de nada, subiu o carreiro do jardim, cansado e irritado. Fechou o chapéu-de-chuva e pô-lo a escorrer no lava-loiças. Em seguida, sacudi as botas na cozinha. Mrs. Bower assomou-se à porta do corredor.

– Sim, senhor – disse ela –, ela lá está, e pior não podia estar... É um *rapaz*.

O mineiro resmungou qualquer coisa, pousou o saco do farnel vazio e o cantil de lata em cima do armário da cozinha, regressou à copa para pendurar o casacão, voltou para a cozinha e deixou-se cair pesadamente na cadeira.

– Não há nada que se beba? – perguntou.

A mulher foi à despensa. Ouviu-se uma rolha saltar. A mulher, com ar de poucos amigos, colocou a caneca em cima da mesa diante de Morel. Ele bebeu, deu um soluço de satisfação, limpou os longos bigodes à ponta do lenço do pescoço, bebeu mais, deu novo soluço e deitou-se para trás na cadeira. A mulher não lhe disse mais nada. Pôs-lhe o jantar na mesa e voltou para cima.

– Era Mr. Morel? – perguntou Mrs. Morel.

– Já lhe pus o jantar – respondeu Mrs. Bower.

Ele sentou-se, com os cotovelos em cima da mesa, e começou a comer, não sem antes se queixar por Mrs. Bower não ter posto uma toalha na mesa e lhe ter dado um prato dos pequenos, em vez de um prato raso grande. Ter a mulher de cama e ter-lhe nascido mais um filho era o que menos lhe importava. Estava cansado, queria comer, queria estar sentado com os cotovelos apoiados em cima da mesa, e não lhe agradava ver Mrs. Bower a andar por ali a cirandar. Ainda por cima, a fogueira estava pequena de mais para o seu gosto.

Quando acabou de jantar, deixou-se ficar sentado por uns bons vinte minutos. A seguir, foi fazer uma grande fogueira. Só então subiu a escada, só com as meias nos pés, e, sem vontade nenhuma, foi ver a mulher. Bem lhe custava encará-la naquele momento, exausto como estava, com a cara toda suja e preta do suor. A camisola já tinha secado, e ensopado a transpiração. Enrolado ao pescoço, um lenço de lã imundo. Deixou-se ficar, por isso, aos pés da cama.

– Bem, então com' é que te sentes? – perguntou.

– Isto passa – respondeu ela.

– Hum.

Estava sem saber o que dizer. Sentia-se cansado e toda esta confusão era um estorvo para ele. Era como se não soubesse onde estava.

– Um rapaz, dizes tu – disse ele, titubeante.

Ela puxou o lençol para baixo e mostrou-lhe o menino.

– Deus o abençoe! – murmurou ele. Ela riu-se, ao vê-lo dar assim a bênção, sem convicção, por mera rotina, fingindo uma emoção paternal que ainda não sentia.

– E, agora, vai-te embora – disse ela.

– Vou sim, cachopa – respondeu ele, dando meia volta.

Ao ver-se dispensado, apeteceu-lhe beijá-la antes de sair, mas não se atreveu. A ela não lhe teria desagradado que ele a beijasse, mas não lho queria dar a entender. Só respirou de

alívio quando o viu sair do quarto, deixando atrás de si um vago cheiro a lama da mina.

Mrs. Morel recebia diariamente a visita do pároco da Congregação. Mr. Heaton era jovem e muito pobre. A mulher tinha morrido ao dar à luz o primeiro filho, deixando-o sozinho no presbitério. Muito tímido, era formado por Cambridge e um fraco pregador. Mrs. Morel gostava dele e ele tinha por ela um grande apreço, conversando com ela durante largas horas quando ela andava bem. Foi até escolhido para padrinho do menino.

A mãe, na cama, tinha o pensamento nos outros filhos. Como não tinha vida própria, passando o dia ocupada de manhã à noite a limpar, cozinhar, tratar das crianças e costurar, tinha de pôr de lado a sua própria existência, investir nos filhos, que eram, por assim dizer, o seu banco. Era neles que pensava, era por eles que esperava, sonhando com o que seriam um dia mais tarde, com ela como motor, a empurrá-los para a vida. William já era para ela como um amante. Se ela tinha nevralgias, que frequentemente a atacavam, e ia fazendo a lida da casa pálida e em silêncio, logo ele lhe perguntava:

– Está com dores de dentes, mãe?

– Estou.

– E é muito mau?

E ela ria-se, apesar da dor. Às vezes, porém, quando estava a amamentar o bebé, a dor era tão intensa que mal se podia mexer. Nessas alturas, era ver o filho mais velho deitado no chão da sala da frente, a chorar sozinho, sentido, e quando o pai perguntava:

– Que tens tu, catraio? – logo ele respondia:

– A minha mãe está com dores de dentes.

– Ora esta – dizia Mrs. Morel ao ouvi-lo. – Não é a *ti* que te dói, meu pateta, porque choras?

William não gostava do bebé.

– É tão feio, mãe – dizia ele.

– Porquê? – perguntava a mãe.

– Está sempre a fazer caretas – respondia William.

Então, Mrs. Morel dava um beijo no bebé. Tinha uma ruga bem peculiar na testa, como se alguma coisa tivesse chocado a sua minúscula consciência ainda antes de nascer. Quando Mrs. Morel olhava para o menino, algo lhe apertava o coração, embora o bebé fosse perfeitamente saudável, e eram muitas as vezes em que se sentava a cantar-lhe canções de embalar.

– Ele não percebe nada, porque lhe está a cantar? – dizia William.

– Mas ele gosta do barulho, tenho a certeza – dizia a mãe, rindo para o bebé com aquele calor especial que lhe brilhava nos olhos azuis, mordiscando-lhe os dedinhos ao de leve, enquanto William assistia, furioso.

De vez em quando, o pároco ficava para o chá. Nessas ocasiões, ela servia o chá mais

cedo, ia buscar as suas melhores chávenas, as que tinham um vivo verde na borda, e pedia a Deus que Mr. Morel não chegasse cedo de mais. Na verdade, nem se importava que ele parasse na taberna a tomar uma cerveja. Tinha sempre dois almoços para fazer, pois achava que as crianças tinham de comer a refeição principal ao meio-dia, ao passo que Mr. Morel comia a dele às cinco horas. Por isso, Mr. Heaton pegava no bebé enquanto Mrs. Morel fazia uns pastéis ou descascava batatas, e, sem tirar os olhos dela, ia conversando sobre o seu próximo sermão. As suas ideias eram fantásticas, irreais, e ela, com toda a perícia de que era capaz, fazia-o descer à terra. Desta feita, o sermão era sobre as Bodas de Canaã.

– Quando Ele transforma a água em vinho, em Canaã – disse o pastor – isso é um símbolo de que a vida quotidiana dos noivos, e até mesmo o seu sangue, até aí desinspirado como a água, possuía agora espírito, como o vinho, porque quando o amor chega, toda a parte espiritual do homem se transforma, fica impregnada do Espírito Santo, e quase a própria forma se altera.

Mrs. Morel pensou para consigo:

«Pois é, coitado, a mulher morreu e ele agora reduz o seu amor ao Espírito Santo.»

– Não – disse ela em voz alta. – Não reduza as coisas a símbolos. Diga antes: «Era uma boda e o vinho acabou-se. O pai da noiva estava aflito porque não tinha mais nada para dar de beber aos convidados, a não ser água; naquele tempo não havia chá nem café, apenas vinho. E com que cara ia ele ficar, vendo toda aquela gente sentada à volta da mesa com copos de água à sua frente... O dono da casa e a mulher estavam envergonhadíssimos, a noiva inconsolável e o noivo zangadíssimo. Jesus viu-os a conferenciar com ar preocupado, e sabia que eram pobres, simples trabalhadores rurais, provavelmente. E, então, pensou: Que pena! Um casamento estragado. E tratou de fazer aparecer o vinho o mais depressa que pôde.» E pode ainda acrescentar: «O vinho não é como a cerveja, não embebeda tanto. E no Oriente as pessoas nunca se embebedam. É por embebedar que a cerveja é uma coisa tão má.»

O pobre homem não tirava os olhos dela. Queria tanto dizer que o amor dos homens é a presença do Espírito Santo, que é Ele que torna os amantes divinos e imortais. Mas Mrs. Morel insistia em que era preciso tornar a Bíblia real aos olhos do povo, e que só de vez em quando devia introduzir bocados do seu discurso. Estavam os dois animadíssimos e felizes. Nisto, chegou William.

– Valha-me Deus! – exclamou Mrs. Morel. – Já é assim tão tarde?

Colocou a chaleira ao lume, e pôs a mesa à pressa com a única toalha limpa que tinha, a desejar que o marido não chegasse cedo a casa. William e Annie, cada um com a sua fatia de pão com manteiga, foram brincar para a rua. Para o chá, havia rabanetes, compota e doce de laranja. Tudo esmerado e irrepreensível. Mrs. Morel estava nas suas sete quintas, por poder aconselhar o seu pároco sobre o sermão que ia proferir e por tomar chá com um cavalheiro que lhe servia o pão com manteiga e esperava que ela comesse.

Iam a meio da primeira chávena quando ouviram o arrastar das botas do mineiro.

– Valha-me Deus! – exclamou Mrs. Morel involuntariamente.

O pastor ficou para morrer. Morel entrou. Não estava para brincadeiras. Com um ligeiro inclinar da cabeça, disse «B'tarde» ao padre, que se levantou para lhe apertar a mão.

– Não – disse Morel, mostrando-lhe a sua. – Olhe pra isto! Num vai querer apertar uma mão como esta, ou vai? Suja como está, da pá e da picareta.

O pastor corou, sem saber o que fazer, e sentou-se outra vez. Mrs. Morel levantou-se e levou para a cozinha a caçarola fumegante. Morel despiu o casaco, puxou a sua cadeira de braços para a mesa e sentou-se pesadamente.

– Está cansado? – perguntou o padre.

– Cansado?... Bem pode dizê-lo – replicou Morel. – O *senhor* num sabe o qu'ê estar cansado c'mo *eu tou*.

– Pois não – respondeu o padre.

– Olhe pra isto – disse o mineiro, mostrando-lhe os ombros da camisola. – Agora já tá quase seca, mas memo assim vê-se bem como tá ensopada de suor. Or'apalpe.

– Por amor de Deus! – exclamou Mrs. Morel. – Mr. Heaton não há-de querer mexer nessa camisola imunda.

O padre estendeu a mão devagar.

– Não, se calhar não quer – disse Morel. – Mas, queira ou num queira, é todo suor *qu'eu suei*. E todos os dias a minha camisola fica assim a pingar. Então, 'nhã senhora, num se dá de beber a um homem quando ele chega a casa derreado da mina?

– Sabes bem que já bebeste a cerveja toda – disse Mrs. Morel, servindo-lhe o chá.

– E num havia mais à venda? – E, depois, voltando-se para o padre: – Um homem fica tão carregado de pó, percebe, tão enfarruscado numa mina de carvão, que *precisa* duma bebida quando chega a casa.

– Sem dúvida – concordou o padre.

– Mas é certo e sabido que fica a ver navios – disse Morel.

– Há água... e há chá – disse Mrs. Morel.

– Água... Não é a água que lhe vai desentupir a goela.

Encheu o pires de chá, soprou, sorveu-o por baixo do bigodão preto e suspirou. A seguir, encheu o pires novamente e pousou a chávena em cima da mesa.

– Ai a minha toalha! – disse Mrs. Morel, colocando a chávena em cima de um prato.

– Um homem que chega a casa cansado com'eu tou quer lá saber das toalhas – disse Morel.

– É uma pena! – exclamou Mrs. Morel, sarcástica.

A sala estava impregnada de um forte cheiro a carne cozida com legumes e às roupas do

mineiro.

Morel inclinou-se para o pastor, de bigode espetado para a frente e a boca vermelha sobressaindo na cara toda preta.

– Mr. Heaton – disse ele – um homem que passou o dia c’ m’ eu passei naquele buraco negro, a bater numa parede de carvão... sim senhor... inda mais dura qu’ aquela parede...

– Não precisa de se queixar tanto – completou Mrs. Morel.

– Num precisa... Ah, num precisa? Sabemos bem que *tu é* que num queres ouvir as verdades. – E, depois, virando-se para o padre: – ... chega a casa tão cansado que nem sabe com’ há-de estar. – Olhou para a comida, no prato à sua frente. – Sim senhor, cansado de mais até pra comer a janta, é isso mesmo. – E pousou os braços negros, do carvão, em cima da toalha branca.

– Por Deus, homem, olha que a toalha é limpa! – exclamou Mrs. Morel sem se conter. Era a única toalha limpa que tinha.

– Será que tenho de ir comer o jantar prò pátio, como um cão? – berrou ele.

– Ninguém falou em ires para o pátio – repontou a mulher friamente.

Ele conservou os braços em cima da toalha.

Quando um homem passa um dia inteiro a bater na rocha dura com uma picareta, Mister Heaton, fica cos braços tão cansados que nem sabe o que lhes há-de fazer.

– Eu sei – disse o padre.

Para ele, o mineiro era uma espécie de bicho raro.

– A tua cadeira tem braços – disse Mrs. Morel.

– Tinhas de vir meter a colherada, num tinhas? – disse o marido.

Ela bem gostaria de dizer também como *ela* tinha de trabalhar que nem uma escrava. O mineiro comia com a faca, enfiando a comida na boca e mastigando ruidosamente. Até fazia aflição. Aquele homem não tinha consideração por ninguém. Daí a pouco, pousou a faca.

– Mr. Heaton – disse ele – o qu’ é que m’ aconselha pràs dores de cabeça?

– Penso que a cáscara-sagrada... – titubeou o pastor.

– Diga-lhe que beba menos cerveja e tenha mais cuidado com o fígado – alvitrou Mrs. Morel.

– «Que beba menos cerveja!» – repetiu Morel. – Esta é boa! A culpa é sempre da *cerveja!* Um homem bebe um copito, Mr. Heaton, e ela nunca mais se cala.

– Quem me dera que fosse só um copito – disse Mrs. Morel.

Odiava o marido porque, sempre que havia espectadores, gostava de dar espectáculo. William, sentado com o bebé ao colo, odiava-o com o ódio que uma criança sente pelo fingimento e pela maneira brutal como ele tratava a mãe. Annie nunca gostara do pai, e

limitava-se a evitá-lo.

Quando o pastor se foi embora, Mrs. Morel olhou para a toalha.

– Que bela porcaria! – disse ela.

– Julgas que me vou sentar cos braços caídos, só porque convidaste um padre para tomar chá contigo? – bradou ele.

Estavam ambos furiosos, mas ela não respondeu. O bebé começou a chorar, e Mrs. Morel, ao retirar do lume a caçarola, bateu sem querer na cabeça de Annie, que se pôs a choramingar, e Morel desatou aos berros, a ralar com ela. No meio de todo este pandemónio, William olhou para o grande painel de azulejo colocado sobre a chaminé e leu, de forma bem audível:

– «Deus Abençoe Esta Casa.»

Ao ouvir isto, Mrs. Morel, que tentava acalmar o bebé, deu um salto, precipitou-se para o filho e disse, puxando-lhe as orelhas:

– Não *te* metas!

Depois, sentou-se e começou a rir, até as lágrimas lhe rolarem pelas faces, enquanto William dava um pontapé no banco onde tinha estado sentado, e Morel vociferava:

– Num vejo o qu'ê que te dá tanta vontade de rir.

Foi mais ou menos por esta altura que Mrs. Morel destruiu a autoridade do marido. Até àquele momento, tinha-se sentido muito sozinha para se afastar dele. Mas William estava a crescer e todo o seu afecto ia para a mãe. Annie também estava contra o pai. E agora, finalmente, o novo bebé. Mrs. Morel ficara a odiar o marido no ano que antecederia o seu nascimento. Eram pobres e Morel era perverso. Tinha-se envolvido com um grupo de amigos, um dos quais o tal Jerry, que achavam que um homem que trabalhava devia guardar o dinheiro que ganhava para se divertir como muito bem lhe apetecesse. Costumavam até comparar os vários graus de submissão das suas mulheres, e Morel achava que a dele não estava suficientemente domesticada. Depois de uma noite de conversa em que Jerry o tinha aconselhado a não aturar imposições de cabra nenhuma, sim, afinal que raio de homem era ele? – gritou-lhe ao chegar a casa:

– Hei-de fazer-te tremer só de ouvires o som dos meus passos.

Frase que ficara na história para ela. Tinha-se sentado, a rir, até achar graça à ideia, enquanto ele continuara de pé, a estoirar de raiva e ignomínia. Então ele, para lhe pagar na mesma moeda, passara a dar-lhe o menos que podia para o sustento, a beber o mais que podia e a dar-se com homens que o embruteciam a ele e à imagem que fazia das mulheres. Depois, ela pensou que a única alegria dele eram as crianças, e pôs-se ao lado delas contra ele.

Uma noite, logo após a visita do pároco, sem coragem para suportar outra cena do marido, pegou em Annie e no bebé e foi sair. Morel tinha dado um pontapé em William e a mãe jamais lhe perdoaria.

Atravessou a ponte por onde passava o rebanho e um canto do prado, até ao campo de críquete. Os prados pareciam uma ampla extensão luminosa e amadurecida de crepúsculo, perpassada pelo sussurro dos moinhos distantes. Chegada ao campo de críquete, sentou-se num banco debaixo dos amieiros e deixou-se ficar a contemplar o cair da noite. Diante dela, firme e plano, estendia-se o grande campo verde de críquete, como o leito de um mar de luz. Havia crianças a brincar à sombra já densa do pavilhão. Lá no alto, as gralhas, em bando, crocitavam de regresso aos ninhos num céu suavemente entretecido. Curvando largo, mergulharam rumo ao clarão dourado, crocitanes e rodopiantes como flocos negros num lento vórtice, em direcção a uma moita que se erguia como bossa negra na pastagem.

Estavam alguns homens a jogar, e Mrs. Morel ouvia o bater da bola e vozes másculas que subitamente se elevavam; discernia brancas silhuetas masculinas que mudavam silenciosamente de lugar sobre o relvado, já coberto das sombras incandescentes do sol-pôr. Ao longe, na granja, as medas de feno tinham uma face iluminada e as restantes negro-cinza. Uma carroça carregada de molhos de feno balançava mansamente à luz que a pouco e pouco se extinguia.

O sol punha-se. Nas tardes lípidas, os montes do Desbyshire incendiavam-se do vermelho-rubro do poente. Mrs. Morel ficou a ver o sol escorregar no céu radioso, deixando atrás de si uma suave rosácea arroxeadada, enquanto o ocaso se cobria de vermelho, como se todas as labaredas para lá tivessem convergido, abandonando a campânula azul imaculada. Por um instante, as bagas dos freixos cintilaram incandescentes entre a folhagem escura. Alguns molhos de espigas, encostados a um canto do alqueive, ganharam vida, e ela imaginou-os curvando-se numa vénia; talvez o seu filho viesse a ser um José. A oriente flutuava um poente espelhado de tons róseos, em contraste com o céu rubro a ocidente. As imponentes medas de feno espalhadas pela encosta incendiada arrefeceram.

Este era para Mrs. Morel um daqueles momentos de quietude em que as pequenas mágoas se esfumam e a beleza das coisas se impõe, momentos que lhe davam paz e força de ânimo para olhar dentro de si. De quando em vez, uma andorinha passava perto. De quando em vez, Annie chegava com uma mão-cheia de bagas de freixo. E o bebé, inquieto ao colo da mãe, estendia as mãozinhas para agarrar a luz.

Mrs. Morel contemplava-o. Temera a vinda deste filho como uma catástrofe, dado o que sentia pelo marido, e agora era estranho o que sentia pelo menino. O coração apertava-se-lhe pela criança, quase como se ele fosse doente ou malformado, e, no entanto, parecia bem saudável. Mas ela não podia deixar de reparar no modo peculiar como o bebé franziava a testa, nem no seu olhar peculiarmente carregado, como se tentasse decifrar uma sensação de dor. Quando olhava para as pupilas negras e circunspectas do menino, sentia um peso esmagar-lhe o coração.

– Até parece que está a pensar nalguma coisa... e coisa triste – disse Mrs. Kirk.

De súbito, ao olhar para ele, o peso que a mãe sentia no coração desfez-se em dor sentida. Inclinou-se sobre o filho e as lágrimas escorreram-lhe breves do coração. O menino esticou os dedos.

– Meu cordeirinho! – disse ela, chorando baixinho.

E então, nesse preciso momento, sentiu bem fundo na alma que ela e o marido eram culpados.

O menino erguia os olhos para ela. Olhos azuis como os dela, mas com um olhar pesado e fixo, como se tivesse compreendido qualquer coisa que lhe atingira a alma duramente.

Embalava nos braços o menino. Os seus profundos olhos azuis, sempre pregados nela, sem pestanejar, pareciam apelar aos seus mais íntimos pensamentos. Já não amava o marido; não tinha desejado esta criança, e o menino ali estava, nos seus braços, entrando-lhe no coração. Era como se o cordão umbilical que tinha ligado o seu corpinho frágil ao dela nunca tivesse sido cortado, transportando de si para o bebé uma corrente do mais intenso amor. Apertou-o contra o peito e contra o rosto. Havia de recompensá-lo com todas as suas forças, com toda a sua alma, por tê-lo trazido ao mundo indesejado. Mas agora, que viera, amá-lo-ia ainda mais, transportá-lo-ia no seu amor. Aqueles olhos perspicazes atemorizavam-na, isso era evidente. Saberá ele tudo acerca dela? Teria ele escutado enquanto repousava junto ao seu coração? Seria aquele olhar reprovação? O medo e a dor deixavam-na sem pinga de sangue.

Reparou de novo no sol, repousando rubro na crista da colina, à sua frente. Subitamente, pegou no menino e elevou-o no ar.

– Olha! – disse ela. – Olha bem, meu amor!

E, num gesto quase de alívio, esticou os braços, com o menino suspenso, na direcção do sol carmim e palpitante. Viu-o erguer o punho pequenino e aconchegou-o de novo ao peito, envergonhada da vontade que sentira de o devolver ao sítio de onde viera.

– Se sobreviver – pensou – que será dele... o que virá a ser?

O seu coração pulsava ansioso.

– Vou chamar-lhe Paul – disse ela, sem mais nem menos, sem saber porquê.

Pouco depois voltou para casa. Uma sombra sedosa estendia-se sobre o verde profundo dos prados, tudo cobrindo.

Tal como suspeitava, veio encontrar a casa vazia. Mas, às dez horas, Morel voltou, e aquele dia pelo menos acabou em paz.

Walter Morel andava sobremaneira irascível por esta época. O trabalho parecia esgotá-lo, e quando chegava a casa tratava mal toda a gente. Era o lume que estava fraco de mais, ou o jantar que não prestava, tudo pretextos para ralhos; se os filhos se punham a tagarelar, gritava com eles de uma maneira que punha a mãe a ferver e os fazia odiá-lo.

– Não precisas de gritar com eles dessa maneira – dizia Mrs. Morel. – Aqui ninguém é surdo.

– ‘Tão aqui ‘tão a levar um pontapé – berrava ele.

Se, por acaso, enquanto se estava a lavar na cozinha, alguém entrava ou saía, logo gritava: – Fechem-m’essa po-o-rta-a-a! – e fazia-o tão alto que se ouvia em todo o bairro.

– É uma pena ser tão bruto! – disse Mrs. Morel em voz baixa.

– Num quero apanhar nenhuma pontada e ficar a contas coas costelas por causa de ninguém! – berrou ele. Sempre que se zangava, ninguém o calava.

– Santo Deus, homem – disse Mrs. Morel. – Não há um minuto de sossego quando estás em casa.

– Poi não, isso sei eu. E também sei que só tás bem quando me vês pelas costas.

– Tal e qual – retorquiu ela calmamente, entredentes.

– Ah, eu sei... sei muito bem o que tás pr'áí a resmungar. Só tás satisfeita quando me vês no fundo da mina, longe de ti. O que tu querias era que me prendessem lá dentro como fazem aos patrões.

– Tal e qual – disse novamente Mrs. Morel, em surdina, voltando-lhe as costas, de boca fechada.

Ele disparou porta fora que nem uma seta, espetando a cabeça para a frente, com raiva e determinação.

– A c... vai-mas pagar! – disse ele, referindo-se à mulher.

Às onze horas, ainda não tinha voltado. O bebé estava maldisposto e agitado, desatando a chorar sempre que a mãe o deitava no berço. Mrs. Morel, morta de cansaço e ainda muito fraca, estava de cabeça perdida.

– Quem dera que o monstro viesse para casa – disse ela, sem forças, de si para si.

Por fim, a criança adormeceu-lhe nos braços, mas ela estava cansada de mais para ir deitá-la no berço.

– Desta vez não digo nada, venha ele a que horas vier – disse ela. – Só me vou arreliar ainda mais. Não vou dizer nada. – Porém, sabia que não podia confiar em si própria. Vezes sem conta dissera o mesmo, decidida a dominar-se, e a ira acabara por explodir. Com todo o ódio de que o cansaço era capaz, desejava pelo menos não o ver quando ele chegasse a casa. A razão por que não ia para a cama, sem querer saber da hora a que ele chegava, era só uma – não ser outra mulher a contar-lhe.

– Se sei que ele faz alguma coisa, fico capaz de explodir – disse ela, acabrunhada, para si própria.

– Soltou um suspiro ao ouvi-lo chegar, como se isso lhe fosse penoso de suportar. Ele, para se vingar, vinha quase a cair de bêbado. Ela conservou a cabeça inclinada sobre o bebé quando ele entrou, e nem para ele olhou. Mas, quando ele, ao passar, foi de encontro ao louceiro, pondo os cobres a tinir, e se agarrou aos puxadores brancos para não cair, foi como se uma chama a tivesse incendiado. E ele, depois de pendurar o chapéu e o casaco, voltou para trás e parou a curta distância, fuzilando-a com o olhar, enquanto ela continuava debruçada sobre a criança.

– Não há nesta casa nada que se coma? – perguntou, insolente, como se falasse com uma criada. Em certos momentos da bebedeira falava com o sotaque sincopado e

pretensioso da cidade. Era nessas alturas que Mrs. Morel mais o odiava.

– Sabes bem o que temos em casa – disse ela, com a mais impessoal frieza.

Ele continuou de pé, de olhar flamejante, sem mover um músculo.

– Fiz-te uma pergunta delicada e espero uma resposta delicada – disse ele, afectadamente.

– E foi o que tiveste – disse ela, continuando a ignorá-lo.

O olhar de Morel flamejou de novo. Depois, deu uns passos em frente, vacilante, apoiou-se na mesa com uma mão e com a outra puxou a gaveta desajeitadamente para tirar uma faca de pão. A gaveta, puxada às três pancadas, emperrou. Num acesso de fúria, ele puxou-a com tanta força que a gaveta saltou inteira, com colheres, garfos, facas e mil outros utensílios metálicos a estatelarem-se no chão de tijoleira entre estrépitos e tinidos. O bebé estrebuchou assustado.

– Que estás tu a fazer, meu grande parvalhão, meu bêbado desajeitado? – gritou a mãe.

– Então viesses tu abrir o raio da gaveta. Devias ter-te levantado daí, com'as outras mulheres, para servires o teu homem.

– Eu, servir-te... eu, servir-te *a ti*? – gritou ela. – Isso é que era bom!

– Sim senhora, e vou ensinar-te como se faz. Servires-me, sim senhora, tu vais servir-me...

– Nunca, majestade. Antes servir um cão rafeiro aí à porta.

– O quê... o quê?

Ele, entretanto, tentava repor a gaveta no lugar. Ao ouvir estas últimas palavras, virou-se para trás, com as faces congestionadas e os olhos raiados de sangue, fitando-a em silêncio, ameaçador, por um segundo.

– Pfff! – fez ela de imediato, com desprezo.

Capaz de explodir, ele deu um safanão na gaveta, que caiu, fazendo-lhe um golpe na canela. Então, num gesto reflexo, atirou-a contra a mulher.

Uma das esquinas apanhou-a no sobrolho de raspão e a gaveta foi despenhar-se na lareira. Ela cambaleou, quase caindo da cadeira sem sentidos. A dor penetrou-a até ao fundo da alma, e ela apertou a criança com força contra o peito. Decorreram breves segundos. Com esforço, recompôs-se. O bebé chorava que metia dó. O sobrolho esquerdo, o atingido, sangrava abundantemente. Quando ela olhou para a criança, com a cabeça a estoirar de dor, algumas gotas de sangue pingaram no xaile branco. Mas o bebé, pelo menos, não fora atingido. Balançou a cabeça, para manter o equilíbrio, e o sangue escorreu-lhe para o olho.

Walter Morel mantinha-se na posição em que ficara, apoiado à mesa com uma mão e de olhar vazio. Quando viu que se conseguia equilibrar, aproximou-se dela, trôpego, e agarrou-se ao espaldar da cadeira de baloiço onde ela estava sentada, quase a fazendo cair.

Depois, debruçando-se sobre a mulher, sempre a balançar enquanto falava, disse, num tom perplexo e preocupado:

– A gaveta apanhou-te?

E cambaleou outra vez, como se fosse cair para cima do bebé. A catástrofe fizera-o perder o pouco equilíbrio que ainda tinha.

– Sai daqui! – disse ela, lutando para manter a presença de espírito.

Ele, entretanto, foi acometido de soluços.

– Deixa... deixa cá ver o golpe – disse ele, entre mais soluços.

– Sai daqui para fora! – gritou ela.

– Deixa... deixa lá ver isso, cachopa.

Ela sentia o cheiro a álcool e os puxões desencontrados que ele dava à cadeira de baloiço para se equilibrar.

– Sai daqui – disse ela, empurrando-o com suavidade. Ele, em desequilíbrio, olhava-a estupefacto.

Chamando a si todas as forças, ela levantou-se, com o bebé apertado só num braço. A custo de penosa força de vontade, avançando como uma sonâmbula, dirigiu-se para a copa, onde lavou o olho com água fria. Sentia-se, porém, demasiado tonta, e, antes de desmaiar, voltou para a cadeira de baloiço, tremendo dos pés à cabeça, com o bebé sempre bem seguro, por instinto.

Morel, vexado, tinha conseguido colocar a gaveta de novo no lugar e andava de gatas, com mãos meio dormentes, a apanhar os talheres espalhados pelo chão.

O sobrolho dela ainda sangrava. Morel levantou-se e aproximou-se de pescoço esticado.

– O que foi que a gaveta te fez, cachopa? – perguntou, num tom dorido e contrito.

– Tu sabes bem o que fez – respondeu ela.

Ele inclinou-se para a frente, meio dobrado, fincando as mãos nas coxas, logo acima do joelho, e examinou o golpe. Ela desviou--se da cara dele, e dos seus fartos bigodes, afastando a dela o mais que podia. Ao olhar para ela, fria e impassível como pedra, sem abrir a boca, ele sentiu-se sucumbir de fraqueza de espírito e desespero. Já ia a recuar, acabrunhado, quando uma gota de sangue pingou do ferimento para cima do cabelo finíssimo e brilhante do bebé. Fascinado, ficou a ver a grossa gota quedar-se suspensa na nuvem cintilante, e escorrer depois pela teia capilar. Caiu outra gota. Esta ia chegar à cabeça do bebé. Ele olhava-a, fascinado, vendo-a aproximar-se. Até que, finalmente, a sua virilidade se quebrou.

– Que vai ser desta criança? – foi tudo o que a mulher lhe disse. Mas o seu tom de voz, cavo e intenso, fê-lo baixar a cabeça ainda mais. Ela disse então, para desanuviar:

– Traz-me um bocado de algodão da gaveta do meio.

Ele, obediente, afastou-se aos tropeções e voltou com um bom bocado de algodão, que

chamuscou levemente chegando-o perto do lume, e lhe colocou na testa, enquanto ela continuava sentada com o bebé ao colo.

– Agora... aquele lenço lavado de levares para a mina.

De novo ele mexeu e remexeu na gaveta, para aparecer em seguida com um lenço estreito, todo vermelho. Ela pegou no lenço e, com dedos titubeantes, dobrou-o e colocou-o como uma fita à volta da cabeça.

– Deixa-me ajudar-te a amarrá-lo – disse ele humildemente.

– Eu ponho-o bem sozinha – respondeu ela.

Quando acabou, foi para cima, para o quarto, dizendo-lhe que abafasse o borrinho e fechasse a porta à chave. Na manhã seguinte, Mrs. Morel disse:

– Bati com a cabeça no fecho da carvoeira quando lá entrei às escuras, à procura do ancinho, porque a vela se apagou.

Os filhos ficaram a olhar para ela com os olhitos muito abertos, muito tristes. Não disseram nada, mas os seus lábios entreabertos pareciam expressar, calados, a tragédia que pressentiam.

No dia seguinte, Walter Morel deixou-se ficar na cama até perto da hora de almoço. Não queria pensar nas cenas da véspera; se pensava em alguma coisa, o que não era provável, nisso não era com certeza. Limitava-se a ficar na cama, vexado, a sofrer como um cão. Fora a si próprio que a cena mais atingira, e doía-lhe a alma ainda mais porque nunca seria capaz de dizer à mulher uma palavra que fosse, de expressar o seu arrependimento. Tentava, por isso, furtar-se à responsabilidade.

A culpa foi dela, disse para consigo. Nada, porém, podia evitar que a consciência o punisse, corroendo-lhe o espírito como ferrugem, remorso esse a que só a bebida podia dar alívio.

Era como se lhe faltassem as forças para se levantar ou para falar, ou sequer para se mover; só conseguia ficar ali deitado, como um cão. Ainda por cima, tinha uma violenta dor de cabeça. Era sábado. Levantou-se por volta do meio-dia, foi buscar comida à despensa, comeu cabisbaixo, calçou as botas e saiu. Voltou às três da tarde, ligeiramente tocado, mas mais aliviado, e enfiou-se outra vez na cama. Saiu da cama por volta das seis horas, fez uma chávena de chá e saiu logo em seguida.

No domingo, a cena repetiu-se: na cama até ao meio-dia, no Palmerston Arms até às duas e meia, almoço e cama; quase sem dizer uma palavra. Quando Mrs. Morel subiu ao quarto, por volta das quatro horas, para vestir a roupa de domingo, ele dormia profundamente. Ela teria tido pena dele, se ele ao menos lhe dissesse: – Desculpa, mulher. – Mas não, tentava convencer-se de que a culpa tinha sido toda dela, e isso aniquilava-o. Como tal, não lhe ligou nenhuma. Nós cegos da paixão atribulada que os unia, e em que ela era a mais forte.

A família sentou-se para o chá. O domingo era o único dia da semana em que todos se reuniam à volta da mesa à hora das refeições.

– O meu pai não se levanta? – perguntou William.

– Deixa-o estar – disse a mãe.

Havia um clima de tristeza em toda a casa. As crianças, ao respirarem aquele ar envenenado, sentiam-se mal também. Desconsoladas, não sabiam o que fazer, como brincar.

Morel saía da cama assim que acordava. Sempre fora assim. Todo ele era actividade. A prostração e a inactividade dois dias seguidos paralisavam-no.

Eram quase seis horas quando desceu. Desta feita, entrou sem hesitações, com a sensibilidade, já de si periclitante, de novo embotada. Já não lhe interessava outra vez o que a família pudesse sentir ou pensar.

As chávenas de chá estavam em cima da mesa. William lia uma publicação infantil em voz alta, Annie ouvia-o com atenção e não se cansava de perguntar «Porquê?». Mas as duas crianças calaram-se mal ouviram os passos abafados do pai, só de meias calçadas, e encolheram-se quando ele entrou, apesar de geralmente os tratar bem.

Morel comeu sozinho e sem maneiras. Não precisava de ter feito tanto barulho a mastigar e a beber. Ninguém lhe dirigiu a palavra. Mal ele entrou, a reunião familiar esmoreceu, retraiu-se e remeteu-se ao silêncio. Mas ele já não ligava ao isolamento a que o votavam.

Mal acabou de tomar chá, levantou-se apressado e preparou-se para sair. Era esta predisposição, esta pressa em sair de casa, que tanto contundia Mrs. Morel. Ao ouvi-lo a lavar-se copiosamente na água fria, ao ouvir o roçar ansioso do pente de aço na borda da bacia enquanto ele molhava o cabelo, ela fechou os olhos de repulsa. Era visível em todos os seus gestos, desde o simples apertar dos atacadores, uma grosseria nos movimentos que o afastava radicalmente da contenção reservada e comedida do resto da família. Ele fugia sempre às lutas que se travavam no seu íntimo. Até mesmo no mais fundo do seu coração, ele se desculpava dizendo: Se ela não tivesse dito aquilo, nada disto acontecia. Ela estava a pedi-las, teve o que merecia.

As crianças assistiram retraídas aos preparos do pai, e foi com um suspiro de alívio que o viram sair.

E foi com prazer que ele fechou a porta atrás de si. A noite estava chuvosa. Tanto melhor, mais aconchegado lhe ia parecer o Palmerston. Pensar nisso fê-lo até acelerar o passo. Os telhados de ardósia das Bottoms luziam molhados. As estradas, já de si negras do pó de carvão, cobriam-se de lama preta. Estugou o passo. As vidraças do Palmerston estavam embaciadas. A entrada estava toda patinhada, mas lá dentro a atmosfera era quente, se bem que pestilenta, carregada do som da vozearia e do cheiro a cerveja e a tabaco.

– O que vai ser, Walter? – gritou uma voz, mal Morel entrou a porta.

– Ora, Jim, o qu' é que tá a sair, rapaz?

Os outros homens arranjaram-lhe um lugar e acolheram-no efusivamente. Morel sentia-

se feliz. Passado um ou dois minutos, já o tinham conseguido alhear de toda a responsabilidade, toda a vergonha, todos os problemas, e ele estava são como um pêro, pronto para outra noite de farra.

Porém, na noite seguinte, quando estava acororado junto ao portão do jardim, a fumar e a chamar pelos mineiros que passavam do outro lado da rua, e a ver os mineiros mais novos a jogarem futebol no regresso da mina, ainda sem se terem ido lavar, Mrs. Kirk apareceu no quintal dela.

– B’noite, ’nha senhora! – disse Morel, com a cortesia e o calor habituais.

– Está contente, não está? – disse Mrs. Kirk.

– Porquê, aconteceu alguma coisa? – exclamou Morel.

– Deixar a sua senhora bater com a cabeça daquela maneira... – disse Mrs. Kirk.

– Pois é, foi uma grande pancada – disse Morel, satisfeito por a mulher não ter contado a verdade às vizinhas.

– Não consigo perceber como é que ela fez aquilo... – continuou Mrs. Kirk.

– Pois é, eu também não – respondeu Morel.

– Fosse como fosse, vai ficar marcada prò resto da vida.

– Lá isso vai, foi uma g’anda cabeçada – disse Morel. – É... Coitada! Eu bem lhe digo pra ir mostrar a ferida ao médico, mas ela não quer.

– O seu marido está a dizer que quer que vá mostrar o olho ao médico – disse Mrs. Kirk para Mrs. Morel.

– Ah, quer? – respondeu Mrs. Morel.

Na quarta-feira seguinte, Morel estava sem um tostão e cheio de medo da mulher. Tinha-a agredido e agora detestava-a. Não sabia o que fazer naquela noite, sem um tostão para ir até ao Palmerston, onde já devia muito dinheiro para poder beber fiado. Por isso, enquanto a mulher estava no jardim com o bebé, foi à gaveta de cima do louceiro, onde ela guardava a carteira, encontrou-a e abriu-a. Lá dentro tinha meia coroa, dois meios dinheiros, e uma moeda de seis dinheiros. Tirou os seis dinheiros, voltou a pôr a carteira no lugar e saiu.

No dia seguinte, quando ela se preparava para pagar ao merceeiro e foi buscar os seis dinheiros, caiu-lhe o coração aos pés. Sentou-se e pensou: Tinha ou não tinha aqui uma moeda de seis dinheiros?... Não os gastei, pois não?... Nem os pus noutra lado?

Estava aflita. Procurou-os por toda a parte. E, à medida que procurava, cada vez mais o coração lhe dizia que o marido lhos tinha tirado. O dinheiro que tinha na carteira era todo o dinheiro que possuía, e era intolerável que ele lhos surripiasse assim. Já por duas vezes tinha feito o mesmo. Da primeira, ela não o tinha acusado, e no fim-de-semana seguinte ele tinha repostado o xelim que tirara. Tinha sido assim que ela soubera que ele lho tinha tirado. Mas da segunda vez nunca repôs o dinheiro.

Agora, porém, era de mais, pensava ela. Quando ele já tinha acabado de jantar – nesse

dia viera cedo para casa – ela disse-lhe com frieza:

– Tiraste dinheiro da minha carteira ontem à noite?

– Eu?! – disse ele, olhando para ela ofendido. – Na, num fui eu! Nem sequer vi a tua carteira.

Mas ela percebeu que era mentira.

– Para que estás com isso? Sabes bem que foste tu – disse ela com toda a serenidade.

– Já disse que num fui eu – berrou ele. – Lá tás tu a embirrar comigo outra vez! Já chega, tou farto!

– Com que então surripias-me seis dinheiros da carteira enquanto eu ando a apanhar a roupa.

– Vais pagar por isto – disse ele, empurrando a cadeira para trás, desesperado. Lavou-se com grande estardalhaço e subiu as escadas resoluto. Daí a pouco, voltou para baixo já vestido e com uma grande trouxa amarrada num enorme lenço azul.

– E agora – disse ele – hás-de voltar a ver-me quando calhar.

– O que há-de ser antes de eu o desejar – retorquiu ela, e ele abalou de casa de trouxa na mão. Mrs. Morel sentou-se. Tremia ligeiramente, mas o seu coração transbordava de desprezo. Que iria ela fazer, se ele arranjasse trabalho numa outra mina e fosse viver com outra mulher? Mas ela conhecia-o bem de mais... ele não seria capaz disso. Tinha a certeza. Todavia, sentia o coração apertado.

– Onde está o meu papá? – perguntou William, ao chegar da escola.

– Ele disse que se ia embora – respondeu a mãe.

– Para onde?

– Sei lá. Fez uma trouxa de roupa com o lenço azul e diz que não volta.

– E que vamos nós fazer? – gritou o garoto.

– Não te preocupes. Ele não vai longe.

– E se ele não voltar? – choramingou Annie.

Ela e William foram chorar para o sofá. Mrs. Morel sentou-se a rir.

– Sempre fazem um belo par de choramingas! – exclamou ela. – Vão voltar a vê-lo antes da noite acabar.

Mas as crianças estavam inconsoláveis. Caiu a noite. A fadiga aumentou ainda mais a ansiedade de Mrs. Morel. Uma parte dela dizia: seria um alívio, se não o voltasse a ver; uma outra receava pelo sustento das crianças; e o seu íntimo dizia-lhe que não estava ainda preparada para o deixar partir. Lá no fundo, sabia bem que ele *não* podia ir-se embora.

Quando se dirigia para a carvoeira, ao fundo do quintal, sentiu qualquer coisa atrás da porta e foi ver o que seria. E lá estava ela, na escuridão, a enorme trouxa azul. Sentou-se

num monte de carvão, diante da trouxa, e desatou a rir. Não continha o riso sempre que olhava para a trouxa, gorda e insultuosa, escondida naquele recanto escuro, com as pontas dos nós a adejarem como orelhas descomunais e enfeitadas.

Voltou para casa com o carvão. Annie e William tinham recomeçado a chorar por ela ter saído.

– Mas que bebês chorões – disse ela. – Vão à carvoeira e olhem para trás da porta, e *então* logo verão se ele foi para muito longe.

– O quê? – exclamou William, pateticamente.

– Vai lá ver – disse a mãe.

Ele esgueirou-se de imediato, seguido por Annie, que corria ligeira, fungando para conter as lágrimas. Não tardou, estava de volta, abraçado à trouxa.

– Ele agora já não se vai embora, pois não, mãe? – disse, a chorar.

– Não... Eu sabia que não ia... O meu medo era só que ele empenhasse alguma coisa. Mas vai lá pô-la outra vez... onde a encontraste.

– Mas...! – hesitou William. – O que é que tem dentro?

– Vai lá pô-la, já disse! – insistiu a mãe. – E não faças perguntas.

O garoto levou a enorme trouxa de novo para o quintal, e largou-a atrás da porta da carvoeira. Depois, já mais calmas, mas não completamente, as crianças foram deitar-se.

Mrs. Morel ficou à espera. O marido não tinha dinheiro, sabia-o bem, e, por isso, se quisesse dormir fora, tinha de ficar a dever. Estava muito cansada dele, cansada até mais não. E ele nem coragem tinha tido para levar a trouxa para mais longe que o fundo do quintal. Estava ela assim a meditar, por volta das nove horas, quando ele abriu a porta e entrou de mansinho, mas mal-encarado, sem lhe dirigir a palavra. Tirou o casaco e deslizou para o cadeirão de braços, onde começou a descalçar as botas.

– É melhor ires buscar a trouxa antes de tirares as botas – disse ela, calmamente.

– Podes dar graças por eu ter voltado para casa esta noite – disse ele, erguendo os olhos lá de baixo, de onde tinha a cabeça, carrancudo e melodramático.

– Essa agora, então para onde é que tu ias? Pois se nem a trouxa levaste lá para fora – disse ela.

A figura dele era tão triste que ela nem se conseguia zangar. Ele continuou a descalçar as botas e a preparar-se para se ir deitar.

– Não sei o que meteste no teu lenço azul – disse ela. – Mas se o deixares lá, as crianças amanhã de manhã vão buscá-lo.

Ouvindo isto, ele levantou-se e saiu, voltando de imediato. Atravessou a cozinha de cara fechada, e foi a correr para cima. Mrs. Morel não pôde deixar de rir interiormente, quando o viu esgueirar-se pela porta do corredor e pela escada acima, de trouxa debaixo do braço. Tinha, porém, o coração amargurado, pois já o tinha amado muito.

III

A REJEIÇÃO DE MOREL E A SUA SUBSTITUIÇÃO POR WILLIAM

DURANTE toda a semana seguinte, Morel andou insuportável. Como todos os mineiros, tinha a mania das mezinhas, que, por estranho que pareça, era ele próprio que pagava do seu bolso.

– Tens de m’ir comprar o elixir – disse ele. – É espantoso como nunca há nem uma gota cá em casa.

Mrs. Morel lá foi comprar o elixir de vitríolo, o seu remédio favorito, e ele apressou-se a fazer uma cafeteira de chá de absíntio. Tinha pendurados no sótão, a secar, grandes molhos de ervas aromáticas: absíntio, arruda, marroio, flores de sabugueiro, apiol, alteia, hissopo, dente-de-leão e piteira. Havia sempre uma cafeteira com uma infusão qualquer em cima do fogão, que ele bebia em grandes quantidades.

– Excelente! – disse ele, dando estalos com a língua, a saborear o absíntio. – Excelente!
– E exortou as crianças a provarem.

– É bem melhor que esses chás que vocês bebem ou essas mistelas de cacau – exclamou. Mas as crianças não se mostraram tentadas a experimentar.

Desta vez, porém, nem as pílulas nem o vitríolo nem as ervas conseguiam acabar com as «xaquecas da cabeça». Era uma inflamação no cérebro. Nunca mais se tinha sentido bem desde aquele dia em que fora com Jerry a Nottingham e adormecera no chão. Desde aí, não fazia mais nada senão beber e ralhar com tudo e todos. Mas agora sentia-se seriamente doente, e Mrs. Morel tinha mais um para cuidar. Ainda por cima, era dos piores doentes que se possa imaginar. Mas, apesar de tudo, e independentemente do facto de ser ele o ganha-pão da família, ela nunca desejou que ele morresse. Uma parte dela ainda o queria para si.

As vizinhas eram muito boas para ela. De vez em quando, umas davam de almoçar às crianças; outras limpavam-lhe a casa, outra ficava-lhe com o bebé por um dia. Mas, mesmo assim, era extenuante. Não era todos os dias que as vizinhas vinham dar uma ajuda, e ela tinha de tratar do marido e do bebé, tratar da casa e cozinhar, e atender a tudo o mais. Andava estafada, mas fazia o que tinha de ser feito.

O dinheiro chegava à justa. Recebia dezassete xelins por semana de instituições de caridade, e, todas as sextas-feiras, Barker e os outros mineiros punham de lado uma parte dos proventos para a mulher de Morel. As vizinhas levavam-lhe canja, ovos e outros paparicos, dos que se dão aos doentes. Se não a tivessem ajudado com tanta generosidade nessa altura, Mrs. Morel nunca teria conseguido fazer frente à situação sem contrair dívidas que lhe seriam fatais.

As semanas foram passando, e Morel, contrariamente ao que seria de esperar, ia

melhorando. Era de constituição forte e, com o tratamento, depressa entrou em convalescença. Não tardou muito, já andava a traquinar no andar de baixo. A mulher tinha-o estragado com mimos durante a doença e era frequente vê-lo levar as mãos à cabeça, assumir um rictus de dor, quase fazendo beicinho, e fingir dores que não sentia. Mas ela não se deixava enganar. A princípio, limitava-se a sorrir interiormente. Mas depois começou a metê-lo na ordem.

– Credo, homem, não te ponhas para aí a choramingar.

Isto magoava-o ligeiramente, mas não o impedia de continuar a fingir-se doente.

– Não te ponhas com fingimentos – dizia a mulher sem rodeios.

Ele indignava-se e praguejava entredentes, como um rapazola. Mas não tinha outro remédio senão voltar à normalidade e parar com as lamúrias.

Apesar de tudo, a paz reinou em casa por algum tempo. Mrs. Morel mostrava-se mais tolerante com ele, e ele, dependendo dela quase como uma criança, sentia-se feliz. O que nenhum deles sabia é que ela estava mais tolerante porque o amava menos. Até àquela altura, e apesar dos pesares, ele tinha sido o seu marido e o seu homem. Ela sempre sentira mais ou menos que o mal que ele fazia a si mesmo, fazia-o também a ela. Dependia dele para viver. Houve muitos, muitos estádios de arrefecimento do seu amor por ele, mas sempre de arrefecimento.

Agora, com o nascimento do terceiro filho, o seu ser já não se sentia empurrado para ele sem remédio, era antes como uma maré que quase não subia e que ficava longe dele. Agora, quase nunca o desejava. Vendo-se mais liberta dele, sentindo cada vez mais que ele não era parte dela, mas tão-só das circunstâncias que a rodeavam, já não lhe interessava o que quer que ele fizesse, podia deixá-lo em paz.

O ano que se seguiu trouxe a Morel a pausa e a ansiedade que marcam o Outono na vida de um homem. A mulher rejeitava-o, contrariada, mas inexoravelmente; rejeitava-o e substituí-a-o pelos filhos na vida e no amor. Daí em diante ele não era mais que um peso morto. E, como tantos homens fazem, sujeitava-se, cedendo o seu lugar aos filhos.

Durante a convalescença, quando já nada havia entre eles, ainda fizeram um esforço para reatar a relação dos primeiros meses de casados. Ele passava as noites em casa e, quando as crianças já estavam deitadas e ela se sentava a costurar – costurava tudo à mão, as camisas dele e os fatos das crianças – ele punha-se a ler o jornal em voz alta, soletrando as palavras devagar, como um jogador a atirar a malha. Ela até o apressava, acabando muitas vezes as frases primeiro, o que ele aceitava com humildade.

Os silêncios que se instalavam entre eles eram curiosos. Era o clic-clic leve e rápido da agulha, o pa-af-f cava dos lábios dele expelindo baforadas de fumo, o crepitar da lareira e o ferver sibilante da grelha quando ele cuspi para o lume. Os pensamentos dela voltavam-se então para William, que estava já um rapagão. Era o primeiro da classe, e o mestre dizia que era o mais inteligente da escola. E ela via-o já homem, cheio de vigor e juventude, e olhava de novo o mundo em todo o seu esplendor.

E Morel, ali sentado sozinho, sem nada em que pensar, sentia-se vagamente

desconfortável. A sua alma procurava ir ao encontro dela, às cegas como de costume, e descobria que ela já lá não estava. Sentia então uma espécie de vazio, um vácuo dentro da alma. Ficava perturbado e inquieto. Depressa o ambiente se lhe tornou insuportável, e à mulher também. Era como se o peito se lhes oprimisse com falta de ar quando ficavam sozinhos por muito tempo. Então, ele não tardava a ir deitar-se e ela deixava-se ficar, a saborear a solidão, enquanto ia trabalhando, sonhando, vivendo.

Assim, tendo de procurar uma atmosfera onde pudesse respirar, incapaz de pactuar com a sua própria aniquilação, Morel voltou-se de novo para a taberna e para o seu amigo Jerry, e a mulher, lá bem no fundo, sentiu até um certo alívio.

A partida estava definitivamente perdida para ele. Embora, naturalmente, tentasse voltar ao que era antes, e ainda tivesse assomos de prepotência, autoridade e orgulho, tais momentos eram apenas um eco do passado. Paul, o bebé, ao qual se sentia estranhamente ligado, não deixava que ele lhe tocasse. Aos oito meses, o menino teve uma infecção num ouvido e era um dó vê-lo. Morel bem queria pegar-lhe ao colo, para o consolar. E que bem lhe teria feito ser capaz de tratar do filho. Mas a criança não deixava. Retesava os braços e, ele que era quase sempre um bebé mansinho, desatava a gritar e a esquivar-se às mãos do pai. E Morel, ao vê-lo crisar os punhos pequeninos, virar a carita para o lado e levantar para a mãe uns olhos azuis apavorados, dizia com impaciente desespero:

– Anda, vem pegar nele!

– É o teu bigode que o assusta – dizia ela, pegando no menino e apertando-o contra o peito. Mas sentia o coração amargurado, e Morel tinha medo da criança.

Entretanto, um outro bebé vinha a caminho, fruto destas tréguas de ternura entre o casal desavindo. Paul tinha dezassete meses quando o irmão nasceu. Era na altura uma criança pálida e gorducha, sossegada, de olhos azuis carregados e o seu já tão característico franzir de testa. Este bebé também era um rapaz, loiro e magrinho. Mrs. Morel ficou aborrecida quando soube que estava grávida – por razões económicas e por já não amar o marido; não pela criança.

Chamaram-lhe Arthur. Era muito bonito, com fartos caracóis doirados, e gostou do pai desde o início. Mrs. Morel estava satisfeita por este filho gostar tanto do pai. Mal ouvia os passos do mineiro, o bebé estendia os braços e punha-se a pairar. E, se Morel vinha bem-disposto, respondia-lhe de imediato, na sua voz cálida e melodiosa:

– Então, meu amor... já vou, já vou.

E assim que tirava o casacão, Mrs. Morel punha um avental à volta do menino e entregava-o ao pai.

– Mas que lindo que ele ficou! – exclamava ela às vezes, voltando a pegar nele, todo enfarruscado dos beijos e das carícias do pai. E Morel ria com gosto.

– Temos aqui um mineirinho, que Deus o proteja! – exclamava ele. E eram estes os momentos de felicidade da vida dela, os momentos em que os filhos metiam o pai no coração.

Entretanto, William estava cada vez mais crescido, mais forte e activo, enquanto Paul,

sempre sensível e calado, se tornava cada vez mais magro e andava sempre atrás da mãe como se fosse a sua sombra. Geralmente activo e interessado, era acometido por vezes de acessos de depressão, e a mãe ia dar com ele, com três ou quatro anos, a chorar num canto do sofá.

– O que tens? – perguntava ela, mas não obtinha resposta. – O que tens? – insistia, já zangada.

– Não sei – respondia ele entre soluços.

Ela tentava conversar com ele, distraí-lo, mas em vão, o que a deixava desesperada. Então, o pai, sempre impaciente, saltava da cadeira e berrava:

– Se ele não se cala, vai apanhar até se calar.

– Não senhor, era o que faltava – dizia a mãe, friamente. Depois, levava o menino para o jardim, sentava-o na cadeirinha dele e dizia:

– Agora chora pr' aí, infeliz!

E então, talvez uma borboleta pousada nas folhas do ruibarbo lhe atraísse a atenção; se não, acabava por chorar até adormecer. Estes ataques não lhe davam muitas vezes, mas Mrs. Morel andava preocupada, e o tratamento que dava a Paul era diferente do que dava aos outros filhos.

Uma manhã, ao ouvir a cantilena de Ó-Le-v'dura, Mrs. Morel saiu a correr de caneca na mão. O Ó-Le-v'dura ainda não tinha chegado ao portão, e ela teve de esperar, ouvindo os excertos de hinos que o homem cantava enquanto mergulhava a lata nos barris e enchia os recipientes que as mulheres lhe estendiam. Era um homem alegre, com uma cara opada e muito cómica, orlada de suíças brancas. Na carroça decrépita, viajavam dois barris de levedura de cerveja cobertos com uma serapilheira molhada. À medida que avançava, ia cantarolando excertos de hinos, pois tinha-se convertido há três meses. O seu pregão, possante, semi-herético, invadia o beco:

«Estaremos juntos para além do rio,

Onde a corrente já não é dura... Ó-Le-v'dura!»

Tinha também o hábito de chalacear com as mulheres enquanto lhes aviava a levedura. De repente, Mrs. Morel ouviu uma voz a chamá-la. Era a magricela da Mrs. Anthony, com o seu vestido de veludo vermelho.

– Venha cá, Mrs. Morel, quero falar-lhe por causa do seu Willie.

– Ah, sim? – respondeu Mrs. Morel.

Mrs. Anthony, sem se aproximar, gritou-lhe do outro lado do beco:

– Acha que ele tinha o direito de rasgar a gola do nosso Alfie atrás das costas?

– O quê, ele fez isso? – gritou Mrs. Morel do lado de cá. Nenhuma das mulheres queria

dar o braço a torcer e aproximar-se da outra.

– Fez, sim senhora... e, se não me acredita, vou buscá-la para lha mostrar.

– Não, isso não é preciso – disse Mrs. Morel. – Mas como é que sabe que foi o nosso Willie?

– O quê? Julga que o nosso Alfie não disse a verdade? Olhe que nas Bottoms não há menino mais verdadeiro. Mas, se quiser, pergunte à Annie Bowers e a mais umas quantas. Ele agarrou na gola do meu miúdo e arrancou-lha inteirinha. E eu num tenho dinheiro pr'andar a gastar em golas novas, quando os outros lhas rasgam...

– Eu sei que não tem – disse Mrs. Morel.

– E o qu'eu acho – disse Mrs. Anthony, afogueada – é qu'ele devia levar uma boa sova, isso é qu'eu acho.

– «Junto ao cruzeiro, junto ao cruzeiro, onde encontrei...» Ó-Le-v'dura!... Ó-Le-v'dura!... Quanto quer, patroa?

– Meia medida chega – disse Mrs. Morel, estendendo-lhe a caneca.

– Meia medida nesta caneca, ora aqui tem, fresquinha a pingar, com a bênção do Senhor – respondeu o «Ó-Le-ved'ura». Ele e a carroça interpunham-se entre as duas mulheres.

– «Olhai os lírios a crescer...» Sim, Mrs. Anthony... meia medida. Todas meia medida! Não faz mal. «Eles não labutam, nem em casa, nem ao fuso. Mas Salimão também não...». Obrigadinho...

E lá seguiu, sem produzir o mínimo efeito nas mulheres. Mrs. Anthony estava indignadíssima.

– Um rapaz que s'agarra a outro e lhe rasga a roupa pelas costas... – não se cansava de repetir.

– O seu Alfred é da idade do nosso William – disse Mrs. Morel.

– Lá isso é, mas isso num dá o direito ao seu filho de deitar a mão à gola do meu e lha rasgar toda.

– Bem, sabe – disse Mrs. Morel –, eu não bato nos meus filhos, e mesmo que batesse, tinha de ouvir primeiro a versão deles.

– Portavam-se bem melhor, se apanhassem um bom correctivo quando rasgam a gola de um colega... de propósito... – opinou Mrs. Anthony.

– Tenho a certeza de que não foi de propósito – disse Mrs. Morel.

– Está a chamar-me mentirosa? – indignou-se Mrs. Anthony.

Mrs. Morel voltou para o quintal e fechou o portão. A mão que segurava a caneca com a levedura não parava de tremer.

– Olhe qu'eu vou queixar-me ao seu marido – gritou Mrs. Anthony, quando ela se afastava.

Ao almoço, quando William já tinha terminado de comer e estava morto por sair outra vez – tinha então onze anos – a mãe disse-lhe:

– Porque é que rasgaste a gola do Alfred Anthony?

– E quando é que eu lha rasguei?

– Isso não sei, mas a mãe dele diz que rasgaste.

– Ah... isso foi ontem... mas já estava rasgada.

– Mas tu ainda a rasgaste mais.

– Bom, eu tinha uma castanha que já tinha caçado dezassete... e vai o Alfy Ant'ny e diz:

«O Adão, a Eva e o Belisca-me

Foram tomar banho ao rio.

Adão e Eva afogaram-se.

Qual dos três é que fugiu...?»

E vou eu e digo «Ora, o Belisco-te», e zás, dei-lh'um beliscão e ele ficou furioso e palmou-m'a castanha e fugiu. E eu larguei a correr 'trás dele e quando lhe deitei a mão, ele tentou escapar-se e a gola rasgou-se. Mas eu tirei-lh'a minha castanha...

E, dizendo isto, tirou do bolso uma castanha-da-índia, muito preta, pendurada de um cordel. Ora, esta velha castanha já tinha «acastanhado» – atingido e esmagado – outras dezassete castanhas semelhantes penduradas como ela de cordéis, pelo que o rapaz tinha grande orgulho na sua veterana.

– Bem – disse Mrs. Morel –, tu sabes que não tens o direito de lhe rasgares a gola.

– Ora, mãe! – respondeu ele. – Não foi de propósito... e, além disso, era uma gola velha de borracha, já meio rasgada.

– Da próxima vez – disse a mãe – *tens* de ter mais cuidado. Eu também não ia gostar que me aparecesses em casa com a gola rasgada.

– Não m'interessa, mãe, eu não fiz de propósito. O rapaz estava muito sentido com a reprimenda.

– Pois não... mas tens de ter mais cuidado.

William tratou de se escapulir, todo contente por se ver liberto, e Mrs. Morel, que detestava conflitos com as vizinhas, pensou que, se fosse dar uma explicação a Mrs. Anthony, o problema ficaria resolvido.

Nessa noite, porém, Morel chegou da mina muito mal-humorado. Pôs-se no meio da cozinha a olhar em volta, ameaçador, durante uns minutos, mas sem dizer nada. Depois começou.

- Onde está esse Willie dum raio?
- Para que queres falar com ele? – inquiriu Mrs. Morel, já a adivinhar.
- Quando eu o encontrar, ele logo saberá – disse Morel, batendo violentamente com o cantil em cima do louceiro.
- Já estou a ver que a Mrs. Anthony te apanhou e te encheu os ouvidos por causa do que aconteceu à gola do filho – disse Mrs. Morel, com acentuada sobranceria.
- Não interessa quem m’apanhou – disse Morel. – Mas quand’eu o apanhar, os ossos dele vão estalar.
- É uma pena que estejas tão pronto a tomar o partido da primeira megera que te vem envenenar com contos e ditos sobre os teus próprios filhos.
- *Ele* vai ver como elas mordem! – disse Morel. – Num m’interessa de quem ele é filho, num pode é andar por aí a *arrancar* e a rasgar golas conforme lhe dá na gana.
- A arrancar e a rasgar! – repetiu Mrs. Morel – Ele ia a correr atrás do Alfy para lhe tirar a castanha que ele lhe tinha roubado, e agarrou-lhe a gola por acaso... porque o outro se tentou esquivar... como é bem dos Anthonys.
- Eu sei... – berrou Morel, ameaçador.
- E devias saber, antes de to dizerem – retorquiu Mrs. Morel, mordaz.
- Num te preocupes – vociferou Morel. – Sei muito bem o que hei-de fazer.
- Pois não parece – disse Mrs. Morel. – Já que foi uma intriguista qualquer que te foi industriar para bateres no teu filho.
- Eu sei – repetiu Morel.
- E mais não disse, tendo-se sentado a curtir o mau génio. Nisto, William entrou a correr pela cozinha dentro, e disse:
- Mãe, pode dar-me o meu chá?
- Vou dar-te ’inda mais do qu’isso – berrou Morel.
- Fala baixo, homem – disse Mrs. Morel. – Não faças tristes figuras.
- Ele é que vai fazer triste figura quando eu acabar com ele! – berrou Morel, saltando da cadeira e olhando irado para o filho. William, que era desenvolvido para a idade, mas muito sensível, ficou lívido e fitou o pai, aterrorizado.
- Foge daqui! – ordenou Mrs. Morel.
- Mas William estava incapaz de se mexer. De repente, Morel cerrou o punho e baixou-se.
- Eu digo-lhe quem é que foge! – berrou, tresloucado.
- O quê! – gritou Mrs. Morel, ofegante de raiva. – Tu não lhe vais pôr um dedo em cima a mando *dela*, isso é que não vais.
- Não vou? – berrou Morel – Ai não vou?

E, soltando faíscas do olhar, avançou para o rapaz. Mrs. Morel, num salto, meteu-se entre ambos brandindo o punho.

– Não te atrevas! – gritou ela.

– O quê! – berrou ele, momentaneamente desnorreado. – O quê!

Ela rodopiou e agarrou-se ao filho.

– Foge lá para fora! – ordenou ela, desvairada. O rapaz, como se hipnotizado, voltou-se subitamente e fugiu. Morel correu para a porta, mas era tarde de mais. Voltou para dentro, lívido de raiva por baixo do pó preto da mina. Mas agora era a mulher que estava furiosa.

– Experimenta só! – disse ela, alto e bem timbrado. – Experimenta tocares com um dedo nessa criança, meu menino, e vais arrepender-te para o resto da tua vida.

Ele, com medo dela, sentou-se a vociferar, dando largas à sua fúria.

– Não, já o fizeste noutras alturas, mas agora acabou-se! – recomeçou ela, de repente, após uma pausa. – Não me esqueço daquela vez em que lhe deste um pontapé e o encheste de nódoas negras, só por causa da raiva que aquela velha, a Tia Sharp, tinha dele... mas nunca mais vais fazer isso – disse ela, ofegante, quase sem fôlego, de tanta cólera.

– Não vou? Ai não vou? – repetiu Morel.

– Seu brutamontes... és um bruto e um covarde! – gritou ela. – Não tens vergonha de te deixares dominar por uma vadia qualquer, como essa Anthony, quando ela te vem dizer para bateres nos teus filhos? É ela que decide por ti quando hás-de vir para casa bater nas crianças?... E tu obedeces, meu covarde, meu grande bruto!... Não, enquanto eu aqui estiver, isso não vai acontecer!

– Vais ver o que acontece enquanto aqui estás – disse Morel ameaçadoramente.

– Nunca mais, meu menino, nunca mais toques com um dedo nos meus filhos.

– Ah-Ah-Ah! – E ele riu-se, trocista.

Depois saiu e embebedou-se, e, quando chegou o fim-de-semana, não deu a William a moeda do costume.

– Também não te faz falta – disse Mrs. Morel para o filho.

Quando as crianças já tinham idade suficiente para ficarem sozinhas em casa, Mrs. Morel entrou para o Grémio Feminino. Tratava-se de um pequeno clube de mulheres ligado à Cooperativa de Revenda, que reunia às segundas-feiras à noite numa sala muito comprida por cima da mercearia *Bestwood Co-op*. Aí, as mulheres discutiam os benefícios de uma política de cooperação e outras questões de importância social. Por vezes, Mrs. Morel tinha de apresentar uma comunicação, e as crianças estranhavam ver a mãe, que passara a vida a fazer a lida da casa, sentar-se agora a escrever, com a rapidez que a caracterizava, a pensar, a consultar livros, e a continuar a escrever. Nessas ocasiões, sentiam por ela o mais profundo respeito.

Mas gostavam do Grémio. Era a única concessão que faziam à mãe de boa vontade –

por um lado, por ser uma coisa de que ela tanto gostava, e, por outro, pelas guloseimas que depois lhes trazia. Alguns maridos hostis, que achavam que as mulheres estavam a ficar independentes de mais, chamavam ao Grémio o «clube dos traques-tagarelas», ou seja, o clube da má-língua. A verdade é que, graças ao Grémio, as mulheres podiam olhar para as suas casas, para as condições em que viviam e apontarem o que estava mal. E, assim, os mineiros começavam a descobrir que as suas mulheres lutavam por um novo padrão de vida, o que era para eles bastante desconcertante. Além disso, Mrs. Morel voltava sempre às segundas-feiras à noite carregada de novidades, e as outras crianças gostavam que William estivesse em casa quando a mãe chegava, porque ela lhe contava muitas coisas.

Mais tarde, quando o rapaz tinha treze anos, a mãe arranjou-lhe emprego nos escritórios da Cooperativa. Nessa altura, ele era já um rapaz muito inteligente e franco, de feições duras e os olhos azuis penetrantes de um verdadeiro *viking*.

– Pra que queres fazer dele um mangas-de-alpaca, num me dizes? – disse Morel. – Tudo o qu’ele vai fazer é gastar as calças no rabo e não ganhar um tostão. Quant’ é qu’ele vai ganhar de início?

– O que ele vai ganhar não interessa – disse Mrs. Morel.

– Mas devia interessar! Põe-no mas é na mina ao pé de mim, e ele faz sem custo dez xelins por semana, logo no começo. Mas seis xelins para dar cabo do traseiro sentado num banco é melhor que dez na mina ao pé de mim, eu sei.

– Ele não vai para a mina – disse Mrs. Morel – e não se fala mais nisso.

– Pra mim serviu, mas pra ele não.

– Se a tua mãe te mandou para as minas aos doze anos, isso não quer dizer que eu faça o mesmo ao meu filho.

– Doze anos!... Muito antes disso!

– Fosse quando fosse – disse Mrs. Morel.

Ela tinha um grande orgulho no filho. Ele frequentava a escola nocturna, e aprendeu estenografia, e aos dezasseis anos, já era o melhor estenógrafo e o melhor guarda-livros do escritório, a par de um outro colega. Depois, começou a dar aulas nas escolas nocturnas. Mas era tão vivaço que só o seu bom feitio e o seu tamanho o protegiam.

Todas as coisas que os homens fazem – as coisas decentes – William também fazia. Corria tanto como o vento. Aos doze anos, ganhou o primeiro prémio numa corrida: um tinteiro de vidro, em forma de bigorna, que marcava honrosa presença no louceiro, para orgulho de Mrs. Morel. Fora para ela que ele correria. Voou para casa com a bigorna, ofegante, dizendo:

– Olha, mãe!

Esse foi o primeiro tributo que ele lhe prestou, e ela recebeu-o como uma rainha.

– Que bonito! – exclamou.

Quando iam brincar para perto da cerca da encosta, as crianças das Bottoms

costumavam gritar quando William se aproximava:

– Salta, William... Salta!

E ele saltava a sebe, com cerca de cinco pés de altura, sem qualquer dificuldade.

– Caramba! – gritavam os mais pequenos.

Também atirava pedras mais longe do que qualquer outro rapaz de Bestwood. Amigos e rivais, todos tinham inveja das suas façanhas e torciam para que as pedras dele não fossem as que chegavam mais longe, passando para lá da cerca. Mas, à cautela, William gravava-lhes displicentemente as iniciais WM.

Aos dezassete anos, ganhou uma corrida de bicicletas em Ilkeston. Morel, num dos seus alardes de fanfarronice, tinha desafiado todos os campeões que estivessem na taberna a correrem contra o filho, e William sentiu que tinha de honrar as gabarolices do pai. Mas Mrs. Morel não aprovou a ideia.

– Vem ver-me limpar-lhes o sarampo a todos, mãe! – gritou ele, batendo na barriga da perna. Mas Mrs. Morel passou o dia ansiosa e infeliz. Ele podia morrer ou magoar-se, e, além disso, ela tinha a certeza de que o seu coração não tinha resistência para corridas de bicicleta. Não obstante, ele voltou para casa nessa noite trazendo uma pequena secretária de carvalho.

– Aqui tem, mãe! – disse ele. – Não lhe disse que lha trazia?

Mas ela obrigou-o a prometer-lhe que não entrava em mais nenhuma corrida.

William tinha alunos a quem dava aulas de estenografia em casa. Mas era tão impulsivo e irascível, que só os alunos mais aplicados e com mais vocação o aturavam. Sentava-se com eles à mesa da cozinha. A cozinha estava aquecida, iluminada e em silêncio absoluto. As almofadas de *chintz* vermelho do sofá eram fofas, a toalha vermelha sobre a mesa parecia acolhedora. Geralmente, o aluno, de treze ou catorze anos, sentava-se muito nervoso, enquanto William, rápido e enérgico, lhe corrigia os trabalhos de casa. O professor ia soltando desabafos de impaciência e intolerância. Nisto, voltava-se para o aluno e gritava:

– Meu grande cabeça de burro, fizeste bem a última frase, e agora...

O pobre do aluno assoava-se nervosamente ao lenço vermelho e olhava de soslaio para William. Às vezes, Mrs. Morel estava sentada a coser na cadeira de baloiço. Depois, começava a lição propriamente dita. William, evidenciando cada vez menos paciência, não tardava a explodir:

– Seu parvalhão, seu cabeça de burro, seu idiota chapado, o que é que eu te disse mais de mil vezes...?

– William! William! – exclamava a mãe. – Que vergonha! Não sei como ainda te aturam... Não lhe liguês, Robert, o mal está na falta de paciência dele, não em ti. *Tu* até és muito rápido. – E Robert olhava para Mrs. Morel envergonhado e agradecido, enquanto William continuava:

– Vá lá... e por amor de Deus não te faças de estúpido. Olha...!

Por fim, Mrs. Morel decidiu não ficar mais em casa quando ele dava as lições, para poupar aos garotos o vexame.

William tinha de entrar no escritório às oito da manhã, e a mãe levantava-se por isso às sete, para lhe preparar as coisas. Ele chegava geralmente atrasado, ou mesmo em cima da hora. Mas não havia nada que o fizesse andar mais depressa. Adorava tomar o pequeno-almoço a sós com a mãe. Quando estava bem-disposto, tagarelava e brincava com ela.

Uma manhã, pediu-lhe uma camisa lavada. Ele estava de pé, em frente à lareira, quando ela lha entregou, sentando-se em seguida a tomar o chá. Ele ergueu no ar repetidamente a camisa de flanela remendada por todos os lados.

– Mãe, o que é isto? – perguntou.

– Uma camisa – respondeu ela, desatando a rir.

– Uma rosa não cheiraria melhor...! – citou ele, de memória, com espirosidade.

– Pois é... tu dás cabo de tudo... e eu já não tinha mais tecido igual... mas também quem vai notar?

– Tem a certeza de que não se vê?... Cá para mim, vê-se tudo à transparência – disse ele, ainda a torcer o nariz para a camisa.

– Veste-a lá... Olha as horas! – disse ela, sem poder conter o riso, da cadeira de baloiço onde estava sentada a beber o chá. E ele, de pé diante dela, um rapagão alto e espadaúdo, com a camisa de remendos na mão, dizia:

– Oh, minha camisinha de pobre! – disse ele, falando com a dita. – Acho que ninguém te vai cobiçar... um, dois, três... qual destes é o tecido original, mãe?

– Vá, veste a camisa! – ordenou a mãe.

– Imagine que eu tenho um acidente, e vou parar ao hospital, e quando volto a mim vejo quatro enfermeiras a olharem-me para a fralda da camisa... – resmungou ele.

– Só podem estar a dizer que andas com a roupa muito bem tratada – disse a mãe a rir.

Ele vestiu a camisa, e disse ainda, tapando a boca com a mão:

– Nem o rei Salomão em toda a sua glória...

– Não – disse a mãe, continuando a rir –, não creio que houvesse ninguém capaz de dar tantos pontos, nem por Salomão...

William deitou um olho à camisa por cima do ombro, e disse, num lamento:

– És a história da minha desgraça!

Mrs. Morel riu às gargalhadas. A custo, recompôs-se o suficiente para dar uma palmada na mesa e exclamar:

– Toca a vestir, menino! Já é um quarto para as oito.

– Não está à espera que eu tenha pressa de me vestir, para andar por aí todo remendado, pois não, mãe?

– És um tagarela sem juízo! – exclamou ela. – Ainda caís da bicicleta, partes a cabeça...

– Tem razão, se eu morresse ia ter vergonha da camisa que levava – atalhou ele.

Ela saltou da cadeira, pegou na escova e deu-lhe com ela ao de leve na cabeça.

– Vê lá se escovas esse cabelo – ordenou. Separaram-se, reconfortados: ele aquecia-lhe a alma a ela, e ela a ele.

Depois, ele começou a tornar-se ambicioso. Dava todo o dinheiro que ganhava à mãe. Quando recebia catorze xelins, ela deixava-o ficar com dois para os seus gastos, mas ele, como não bebia, começou a achar que estava rico, e só se dava com a burguesia de Bestwood. A pessoa mais importante da cidade era o pastor. Seguiam-se-lhe o gerente do banco, os médicos, depois os comerciantes, e, por fim, as hostes de mineiros. William começou a andar com os filhos do farmacêutico, do mestre-escola e de alguns comerciantes. Ia jogar bilhar para o Mechanics' Hall, e frequentava também os bailes, apesar de a mãe ser contra. Desfrutava de tudo o que Bestwood tinha de bom para lhe oferecer – dos bailaricos de Church Street, a seis dinheiros o ingresso, às provas desportivas e ao bilhar.

– A valsa! – exclamou o pai. – É verdade que *tu* sabes valsar? Quando eu era mais ágil, também sabia dar as minhas voltinhas.

– Será que sabia? – disse William, meio desconfiado.

– Sabia, sim senhor! – protestou Morel, ferido no seu amor-próprio.

– Então, vá lá... mostre-nos do que é capaz.

Mas Morel tinha vergonha de dançar diante dos filhos.

– Não, isso eu num faço! Estares a desafiar-me é uma parvoíce sem pés nem cabeça, e num vejo o qu' é que ganhas com isso.

– Mas vê que sigo as suas pisadas – retorquiou William.

– Atão inda és mais parvo do qu' eu julgava, s' alguma vez fizeres isso – disse o pai.

– Pronto, não faz mal, se está perro de mais para dançar... – disse o filho.

– Há vinte anos qu' eu num danço – gritou Morel, já alterado.

– E aposto que lhe custou a parar.

Mas William não desistiu. E as raparigas não o largavam.

– 'Póstolo – disse ele ao irmão, depois de um baile, quando já estavam os dois deitados.

– 'Póstolo... uma rapariga de cetim branco... tás'ouvir, cetim branco até aos sapatos... vive em Sutton... e tá pelo beicinho! Amanhã vou lá, para m' encontrar com ela.

Daí a duas semanas, Paul perguntou-lhe:

– Então a rapariga do vestido de cetim branco?

– Já não m’interessa, ’Póstolo... Não presta! Mas encontrei uma pérola em Ripley... cheira vagamente a flor de cerejeira... branca como um lírio...

Paul era mimoseado com as mais estonteantes descrições florais das várias raparigas, a maior parte das quais perduravam por menos de quinze dias no coração de William, como um botão de rosa posto ao peito.

Uma vez por outra, lá aparecia uma namorada, preocupada em vir atrás do seu amado. Mrs. Morel encontrou um dia à porta uma rapariga de aspecto estranho, e logo lhe cheirou a esturro.

– Mr. Morel está em casa? – perguntou a donzela, toda sorrisos.

– O meu marido? Está, sim – respondeu Mrs. Morel.

– Eu... Eu queria referir-me a Mr. Morel... *filho* – repetiu a rapariga, penosamente.

– Qual deles? Há vários...

Nesta altura, a menina loira já gaguejava, muito corada:

– Eu... Eu conheci Mr. Morel... em Ripley. – E apressava-se a dar explicações.

– Ah... num baile!

– Sim, sim.

– Pois eu não gosto das raparigas que o meu filho conhece nos bailes. E ele *não* está em casa.

Mrs. Morel detestava os bailes duvidosos que o filho frequentava.

– Julgas que não sei das desavergonhadas que por lá andam?

– Pois olhe, mãe, eu não sou nenhum leviano, como pode ver.

– Isso é que eu não sei – dizia a mãe a rir.

– Não está a pensar que eu me vou apaixonar, pois não? Descanse que não vou. É só para me divertir com elas.

– Mas elas é que não querem só divertir-se *contigo*. E isso não está certo.

– Ora essa, porquê? Não faço tenções de me casar. Não se aflija, Mater. Eu não me caso enquanto não encontrar uma mulher como a senhora... e isso só daqui a muito tempo... E... só me hei-de casar aos trinta, quando já estiver de barriguinha cheia.

– Veremos, meu filho – respondeu a mãe.

Depois, voltou para casa zangado com a mãe por ter sido tão dura para com a rapariga. Era um rapaz despreocupado, mas de olhar apaixonado, que caminhava com grandes passadas, às vezes de sobrolho carregado, e quase sempre com o boné atirado para trás com galhardia. Agora, vinha de sobrolho carregado. Atirou o boné para cima do sofá, apoiou o queixo decidido na palma da mão e olhou zangado para a mãe. Ela era pequena, com o cabelo arrepiado para trás. Tinha um ar de serena autoridade, mas, ao mesmo tempo, de rara afabilidade. Ao ver o filho zangado, o coração apertou-se-lhe.

– Esteve cá ontem alguma senhora à minha procura? – perguntou.

– Uma senhora eu não vi... esteve foi uma rapariga.

– E porque não me disse nada?

– Porque me esqueci.

Ele expeliu o ar com ímpeto.

– Uma rapariga bonita... uma senhora?

– Não olhei para ela.

– Olhos castanhos... grandes?

– Isso mesmo.

Voltou a assoprar.

– E o que lhe disse a mãe?

– Que não estavas em casa.

– E que mais?

– Apenas que não gostava de que raparigas que tinhas visto uma vez viessem aqui a casa à tua procura.

– Bem... não precisava de ter dito isso – replicou ele. – O pai dela tem dinheiro... até têm duas criadas...

– Não vinham com ela... por isso, eu não podia adivinhar.

– Mas porque é que a mãe tinha de ser desagradável? Ela não estava a fazer mal nenhum, ou estava?

– Pensei que fosse uma dessas desavergonhadas.

– Mas não era... Não era... O pai dela...

– Tem dinheiro para duas criadas – atalhou Mrs. Morel.

– Não... É o veterinário de Woodlinton... E, além disso, mãe...

– Ela era uma desavergonhada.

– Não era nada... E era *bonita*, não era?

– Nem olhei para ela.

– Mas devia ter olhado...

– Mas *não* olhei, pronto. E olha, meu filho, trata de dizeres às tuas namoradas que, quando vierem atrás de ti, não devem vir perguntar por ti à tua mãe... É isso que tens de dizer a essas desavergonhadas que encontras pelos salões de dança.

– Tenho a certeza de que ela é uma rapariga séria...

– E eu tenho a certeza de que não é.

E assim acabou a discussão. A dança era sempre motivo de conflito entre mãe e filho. A afronta atingiu o auge quando William anunciou que ia a um baile de máscaras em Hucknall Torkard, uma terra mal-afamada. Havia uma fantasia que ele podia alugar, que um dos seus amigos já tinha usado, e lhe assentava que nem uma luva. E o fato de escocês lá foi parar a casa. Mrs. Morel recebeu-o com indiferença e recusou-se a desembrulhá-lo.

– O meu fato já chegou? – gritou William.

– Está um embrulho na sala da frente.

Ele precipitou-se para o fato e cortou o cordel.

– Já imaginou o seu filho assim vestido? – disse entusiasmado, mostrando-lhe o fato.

– Sabes bem que não quero imaginar-te com isso vestido.

Na noite do baile, quando ele veio a casa para se mascarar, Mrs. Morel vestiu o casaco e pôs o chapéu.

– Não fica para me ver vestido, mãe? – perguntou ele.

– Não... Não te quero ver – foi a resposta.

Estava muito pálida, com a expressão dura e fechada. Tinha medo de que o filho seguisse as pisadas do pai. Ele hesitou uns instantes, com o coração suspenso de ansiedade. Depois, viu a boina de escocês cheia de fitas, e agarrou-a, já esquecido da mãe. Mrs. Morel saiu.

Ele nunca se apercebeu de como tinha ficado desapontado. A excitação do momento, vivido em antecipação, era o suficiente para o fazer esquecer. Contudo, o seu maior orgulho era que *ela* o visse mascarado, e, pela vida fora, era sempre com mágoa que recordava este baile.

Na altura, porém, correu escada acima em grande alvoroço. Paul ajudou-o a vestir-se.

– É um fato de máscara, 'Póstolo – disse ele. – Dá-me cá essas coisas. – Primeiro enfiou um par de calções pretos, muito justos e curtos. Depois, foi mirar-se e remirar-se ao espelho da mãe.

– Estás a ver os meus calções pretos? – disse ele, dando uma volta sobre si mesmo, e acrescentando: – Sabes, 'Póstolo, um verdadeiro escocês não usa calções... cobre a nudez com o *kilt*. Mas acontece que eu dou saltos muito altos... e... com as senhoras a assistir... bem... já não dava!

O mais pequeno também achava que não, embora o caso não lhe parecesse muito grave.

– Belo par de pernas que aqui estão, 'Póstolo! Belas pernas! Já me ajudaram a ganhar quatro prémios nas corridas e dois nas bicicletas. Nada mau! – E dava palmadas nas coxas jovens e vigorosas. – Só músculo, miúdo!... No entanto, têm um defeito: não consigo juntar os joelhos. Tenho as pernas arqueadas, 'Póstolo. Mas assim ainda são mais fortes... Já o Nicholas Nickleby... esse tinha umas belas pernas e conseguia juntar os joelhos, a julgar pela gravura, e acho que Mr. Good também. Não era Mr. Good que tinha uma «belas pernas muito brancas» n'*As Minas de Salomão*? Aperta-me isto. Este fato não me

assenta nada bem, pois não, 'Póstolo?

– Não – disse Paul, reverente.

– Um verdadeiro escocês – continuou William – tem de dobrar o seu *kilt*. Quem me dera que este fosse desses... gostava de ser eu a prepará-lo. Estás a ver, 'Póstolo, eu posso usar um *kilt* porque tenho a medida exacta para ele assentar como deve ser. A ti não te ia ficar bem... és espalmado como uma tampa de cartão. Tens de pedir a Deus que te desenvolva mais essa parte do corpo, senão nunca vais poder vestir um *kilt*.

Paul não percebia porque é que um dia havia de querer usar um *kilt*. Baixinho e magro como era, não podia aspirar ao físico e à estatura do irmão.

– Então, que tal ficam os meus joelhos?... Ficam bem, não ficam? Uns valentes joelhos, isso é que eles são... uns valentes joelhos... e as pernas também! Outro dia, os tipos lá do escritório apostaram em como eu andava enchumado. E então o Vickers veio de gatas enquanto eu estava a escrever e espetou-me um alfinete. Dei um berro que ia deitando a casa abaixo, e depois dei um pinote e ferrei-lhe um murro na cabeça, estás a ver... quem me dera não ter arrancado aquele bocadinho de pele com a bicicleta.

– Podias pôr um bocadinho do pó cor-de-rosa de lavar os dentes – alvitrou Paul.

– Lá isso podia... diz que é anti-séptico, mas será que resulta? Sabes, eu tenho mesmo pinta de escocês – cabelo louro, olhos azuis e valentia, 'Póstolo, valentia... e arcaboço a condizer... Se alguma vez me alistasse no exército, havia de ser na Guarda Escocesa. Essa do pó dos dentes é uma ideia porreira...

Quando já estava vestido, um monte de crianças, as de casa e as da vizinhança, vieram admirá-lo. Depois, ele partiu. Divertiu-se à grande e, no entanto, era-lhe doloroso recordá-lo. A mãe mostrou-se indiferente com ele durante um ou dois dias. Mas achava-o tão encantador...! E depois... aquele toque de solidão, a instalar-se outra vez entre ele e ela.

Foi mais ou menos por esta altura que ele começou a estudar. Ele e um amigo começaram a aprender francês, latim e outras coisas. Depressa começou a ficar mais abatido. Depois do escritório, ia para casa de Fred Simpson, e ficavam os dois a estudar até à meia-noite e, às vezes, até à uma. Mrs. Morel protestava, ralhava, implorava-lhe que tivesse mais cuidado com a saúde.

– Quando estamos a estudar – dizia ele – nem dou pelas horas passarem... nenhum de nós dá, até a mãe do Fred gritar lá de baixo que já é muito tarde.

Estas noites de estudo intervalavam com farras e bailaricos. À medida que os anos iam passando, William foi ficando mais magro e a despreocupação fugiu-lhe do olhar.

A mãe, sempre atenta, sempre à espera, sentia um frio na alma ao vê-lo assim. Teria ele forças para «sobreviver»? Um pingo de ansiedade manchava o orgulho que sentia. Tinha esperado por ele tanto tempo que não suportaria o seu fracasso. Na verdade, não sabia o que queria dele, afinal. Talvez quisesse apenas que ele fosse fiel a si próprio, que crescesse e frutificasse tudo o que ela tinha semeado. Queria ver nele a sua própria realização, era tudo. E, com toda a força de que era capaz, tentava mantê-lo forte, equilibrado, com ânimo para seguir em frente. Mas ele vacilava, faltava-lhe lucidez. Havia momentos em que

descambava e era igualzinho ao pai, o que lhe enchia o coração de apreensão e desalento.

Ele tivera dúzias de namoricos, mas nada a que se pudesse chamar um caso amoroso. Ela não se importava com os namoricos, desde que não lhe afectassem a carreira, mas receava que ele se deixasse prender por alguma dessas raparigas fúteis e desavergonhadas.

Tinha ele dezanove anos, quando um dia, sem mais nem menos, deixou o escritório da Cooperativa e arranjou um emprego em Nottingham. Este novo lugar rendia-lhe trinta xelins por semana, em vez dos dezoito do anterior. Era na verdade um bom aumento e os pais não cabiam em si de orgulhosos. Todos o elogiavam. Parecia que ia subir na vida num instante. E Mrs. Morel esperava poder, com o auxílio dele, ajudar os filhos mais novos. Annie andava a estudar para professora. Paul, também muito inteligente, ia muito bem nas lições de francês e alemão que o padrinho lhe dava – o pastor, velho amigo de Mrs. Morel. Arthur, um menino mimado e muito bonito, andava ainda na escola primária, mas tinha hipóteses de conseguir uma bolsa para ir para o liceu, em Nottingham.

William conservou-se durante um ano no seu novo emprego em Nottingham. Estudava afincadamente e tornava-se cada vez mais circunspecto. Algo parecia preocupá-lo. No entanto, continuava a ir aos bailes e aos festivais no rio. Não bebia. Todos os irmãos eram abstémios convictos. Chegava a casa muito tarde e estudava até altas horas da noite. A mãe implorava-lhe que tomasse cuidado, que fizesse uma coisa ou outra.

– Dança, se te apetece dançar, meu filho, mas não julgues que podes passar o dia no escritório e depois ires para a paródia, e *depois* ficares ainda a estudar. Não podes, o corpo não aguenta. Faz uma coisa ou a outra... diverte-te ou estuda latim... mas não tentes fazer as duas.

Depois, ele arranjou um emprego em Londres, a ganhar cento e vinte libras por ano, o que parecia uma soma fabulosa. A mãe nem sabia se havia de rir ou de chorar.

– Querem-me em Lime Street de segunda a oito, mãe – gritou ele, de olhos brilhantes, ao ler a carta. Mrs. Morel sentiu que tudo nela era silêncio. Ele continuou a ler: – «... queira confirmar até à próxima quinta-feira se aceita o lugar... Atentamente...» Eles querem-me lá, mãe, por cento e vinte libras por ano, e nem quiseram falar comigo. Eu não lhe disse que conseguia! Imagine-me só em Londres!... E posso dar-lhe vinte libras por ano, Mater... Vamos ficar afogados em dinheiro.

– Pois vamos, meu filho – respondeu ela, tristemente.

A ele nem lhe ocorreu que a mãe pudesse estar mais magoada com a sua partida do que contente com o seu sucesso. Na verdade, à medida que se aproximava o dia da partida, o coração dela começou a fechar-se e a sucumbir ao desespero. Amava-o tanto. Mais ainda: esperava tanto dele. Quase se podia dizer que vivia através dele. Gostava de lhe fazer as coisas: de lhe fazer uma chávena de chá e de lhe passar a ferro os colarinhos, de que ele tanto se orgulhava. Era para ela uma alegria vê-lo tão vaidoso dos seus colarinhos. Como não havia nenhuma lavandaria perto, costumava passá-los e repassá-los com o seu pequeno ferro de carvão, para os polir, até os pôr a brilhar à simples pressão do braço. E, agora, já não lhe podia fazer isso. Agora, ele ia partir, e era quase como se partisse também do seu coração. E ele parecia não querer deixar ficar nada de si dentro dela. Essa

a causa da dor e do desgosto. Ele levava consigo quase tudo.

Uns dias antes da partida – tinha ele acabado de fazer vinte anos – queimou todas as cartas de amor, que estavam guardadas numa caixa em cima do armário da cozinha. Tinha lido extractos de algumas delas para a mãe ouvir, mas a maior parte delas eram demasiado banais.

No sábado de manhã, disse:

– Anda, 'Póstolo, vamos dar uma volta às minhas cartas, e tu podes ficar com os passarinhos e as flores.

Mrs. Morel tinha feito de véspera o trabalho destinado para sábado, pois tinham dado folga a William no último dia. Ela estava até a fazer-lhe um bolo de farinha de arroz, para ele levar. Mas ele não tinha consciência da tristeza que a mãe sentia.

Tirou da caixa a primeira carta. Era cor de malva e estava ornamentada com cardos verdes e púrpura. William cheirou a folha de papel:

– Cheira bem... perfumada...!

E meteu a carta debaixo do nariz de Paul.

– Hum! – disse Paul, inspirando fundo. – Que perfume é este?

– Jockey Club – disse William, embora não fizesse a menor ideia.

– Não podia ser cardo – disse Paul – porque os cardos não têm cheiro.

– Ora oiça esta: «Meu Único Amor»... Safa, Mater.

– Não me interessa ouvir essas baboseiras – disse Mrs. Morel.

– Oiça só esta!.. «Meu único Amor, Como *não me disseste* o teu primeiro nome, só te posso chamar aquilo que *és* na realidade. Tenho de te escrever, porque, se o não fizer, acho que a minha cabeça vai rebentar...» Veja só, Mater.

– São mesmo parvas! Têm tão pouca cabeça que não dá nem para *rebentar*... A adularem-te dessa maneira... Mal sabem elas que estão a arranjar lenha para se queimarem.

– Não é para me adularem. Esta ficou *mesmo* caidinha por mim.

– E, mesmo que tenha ficado, isso é motivo para se orgulhar? Que parvoíce!

– A mãe não devia dizer que andam a «adulá-lo para arranjar lenha para se queimarem» – interveio Paul.

– Claro, se *tu* o dizes... – disse a mãe a rir.

– «Fiquei a *adorar* coisas escocesas desde que te vi com aquele *kilt*. Ficava-te mesmo *mal*. Acho que nunca vi ninguém que ficasse tão bonito, com aquele *kilt* e aquelas *meias*...» São os meus joelhos... Têm de ser os meus joelhos, Mater. Não me escapa uma.

– Só não te escapam se forem das fáceis.

– Cala a boca, 'Póstolo. É bonita, não é?

Paul gostava de ver os desenhos que decoravam as cartas de amor. William queimou a carta. A seguinte era cor-de-rosa, com um raminho de flor de cerejeira ao canto.

– Flor de cerejeira! – disse Paul, aspirando o perfume. – Que bom... ora cheire, mãe.

A mãe aproximou o nariz pequeno e fino do papel.

– Não me apetece cheirar as parvoíces que elas fazem – disse, aspirando o perfume.

– O pai desta rapariga – disse William – é rico como Cresus. Tem terras que nunca mais acabam... Ela chama-me Lafayette, por eu saber falar francês... «Como vês, já te perdoei.» Esta de *ela* me perdoar é muito boa... «Falei de ti esta manhã à minha mãe, e ela terá muito prazer em que venhas tomar chá connosco no domingo, mas primeiro precisa do consentimento do meu pai. Espero bem que ele concorde. Logo que saiba, mando-te dizer se sim ou sopas. Se tu no entanto...»

– «Se sim ou...» quê? – atalhou Mrs. Morel.

– «... ou sopas»... é isso mesmo!

– «Se sim ou sopas!» – repetiu Mrs. Morel, trocista. – E eu que a julgava tão fina!

William começou a sentir-se algo desconfortável e pôs de lado esta donzela, dando a Paul o canto com a flor de cerejeira. Continuou a ler excertos das cartas, alguns dos quais deixavam a mãe divertida, outros triste e outros ainda apreensiva.

– Meu filho – disse ela –, elas são muito espertas. Já perceberam que só têm de alimentar a tua vaidade, para tu correres logo atrás delas como um cão a quem fizeram festas na cabeça.

– Ora, elas não podem estar sempre a fazer festas – retorqui William. – E quando deixam de fazer, eu ponho-me a andar.

– Mas um dia descobres que te prenderam com uma corda que não consegues desatar – respondeu a mãe.

– Isso é que era bom! Eu chego bem para elas, Mater, elas que não se deixem enganar.

– Quem se deixa enganar és *tu* – disse Mrs. Morel, muito serena.

Não tardou que um monte de papéis retorcidos e tismados se formasse na lareira, tudo o que restava da colecção de cartas perfumadas, à excepção dos trinta ou quarenta desenhos recortados dos cantos – andorinhas, miosótis e raminhos de hera – que agora pertenciam a Paul. Quanto a William, partiu para Londres, para dar início a uma nova colecção.

IV

A JUVENTUDE DE PAUL

PAUL saía à mãe – era baixo e franzino. O cabelo loiro tornou-se progressivamente arruivado e depois castanho-escuro, enquanto os olhos eram acinzentados. Era uma criança pálida e de poucas falas, com uns olhos que pareciam escutar e um lábio inferior carnudo e descaído.

Geralmente davam-lhe mais idade, pela constante preocupação que mostrava pelo que as outras pessoas sentiam, especialmente a mãe. Quando ela sofria, ele apercebia-se e não tinha paz, sempre de alma atenta às suas mais pequenas reacções.

À medida que crescia, ia-se tornando mais forte. William, devido à diferença de idades, não o queria por companheiro, pelo que só Annie estava com ele o dia inteiro. Annie era uma garota endiabrada, uma maria-rapaz, como a mãe lhe chamava, mas adorava o irmão mais novo, que andava sempre atrás dela. Quando ela fazia corridas com as outras garotas da vizinhança, Paul corria ao lado dela, a apoiá-la, uma vez que ainda não podia participar. Muito calado, passava quase despercebido. Mas a irmã adorava-o e ele fazia-lhe as vontades todas.

Annie tinha uma boneca grande de que muito se ufanava, embora não gostasse tanto dela como do irmão. Um dia, deitou-a no sofá, cobriu-a com uma manta, para ela adormecer, e foi-se embora. Entretanto, Paul pôs-se a saltar em cima do sofá e caiu mesmo em cima da cara da boneca, escondida debaixo da cobertura. Annie precipitou-se para o sofá soltando um grito lancinante e sentou-se a chorar, inconsolável. Paul nem se mexeu.

– Não se percebia que a boneca estava ali, mãe; não se percebia – não se cansava ele de repetir, deixando-se ficar sentado muito triste enquanto Annie continuava a chorar. Por fim, o desgosto passou e ela perdoou ao irmão, que estava genuinamente contrito. Porém, um ou dois dias depois Annie ficou chocadíssima.

– Vamos oferecer a Arabella em sacrifício – disse ele. – Vamos queimá-la. – A irmã ficou horrorizada, mas ao mesmo tempo fascinada. Sempre queria ver o que o irmão ia fazer. Ele fez um altar de tijolos, tirou bocadinhos do enchimento do corpo de Arabella, enfiou esses bocadinhos na cara esburacada, deitou-lhe em cima um pouco de parafina e incendiou a boneca. Depois, com perversa satisfação, ficou a ver as gotas de cera derretida a escorrerem pela testa de Arabella, como se fossem suor a pingar sobre a chama. Enquanto a estúpida da boneca esteve a arder, ele rejubilou em silêncio. No fim, esgravatou nas brasas com um pauzinho, pescou os braços e as pernas, todos pretos, e esmagou-os com uma pedra.

– Pronto, este foi o sacrifício da Arabella – anunciou. – E ainda bem que não sobejou nada.

Annie, embora nada dissesse, estava perturbada com a cena. Era como se ele odiasse a boneca intensamente pelo facto de a ter partido.

Todos os irmãos, mas Paul em particular, colocavam-se nitidamente ao lado da mãe *contra* o pai. Morel continuava a fazer desmandos e a embebedar-se. Havia alturas, às vezes meses a fio, em que transformava a vida de toda a família num inferno. Paul nunca se havia de esquecer de ter vindo para casa, depois de uma reunião religiosa uma segunda-feira à tardinha, e ter encontrado a mãe com um olho negro e todo inchado, o pai de pé junto à lareira, de pernas afastadas e cabisbaixo, e William, que acabara de chegar do trabalho, a olhar enfurecido para o pai. Fez-se silêncio quando os irmãos mais novos entraram, mas nenhum dos adultos olhou para eles.

William estava lívido e de punhos cerrados. Esperou que os mais pequenos se calassem, limitando-se a olhar a cena com indizível raiva infantil, e disse:

– Seu grande cobarde, se eu cá estivesse, não se atrevia a fazer uma coisa destas.

Mas Morel estava ao rubro e voltou-se contra o filho. William era mais alto, mas Morel era mais possante e estava cego de raiva.

– Ah, não? – berrou. – Ah, não atrevia? Se abres mais essa boca, meu menino, assento-te a mão em cima, olá se assento!

E, vergando os joelhos, brandiu o punho ameaçadoramente, animallescamente. William estava lívido de raiva.

– Ah, sim? – disse William, sereno e intrépido. – Pois seria a última vez.

Morel aproximou-se gingão, semivergado, de punho no ar em posição de ataque. William armou também o punho. Os seus olhos azuis fixos no pai tinham o brilho de uma gargalhada. Mais uma palavra e os dois homens engalfinhavam-se. Paul desejava que isso acontecesse. Os três mais novos assistiam sentados no sofá, sem pinga de sangue.

– Acabem já com isso – gritou Mrs. Morel, com dureza. – Por esta noite chega... E *tu* – disse, virando-se para o marido – pensa nos teus filhos.

Morel virou os olhos para o sofá.

– Pensa nos teus filhos, *ess’agora*, minha grande cabra – disse ele, acintoso – o qu’*é* qu’*eu* fiz òs meus filhos, sempre gostava de saber. Mas eles saem a ti... ensinaste-lhes todas as tuas manhas e truques... criaste-os à tua maneira, foi o que foi.

Ela não respondeu. Ninguém abriu a boca. Passado algum tempo, ele atirou as botas para debaixo da mesa e foi deitar-se.

– Porque é que não me deixou fazer-lhe frente? – disse William, quando o pai já tinha ido para cima. – Ele tinha apanhado, e bem.

– Que bonito... bateres no teu pai – respondeu a mãe.

– *Pai!* – repetiu William. – Aquilo, *meu pai!*

– Bom, lá que é... é. Por isso...

– Mas porque é que não me deixa dar-lhe uma ensinadela, não custava nada...

– Que disparate! – gritou Mrs. Morel. – Ainda não chegámos a *esse* ponto.

– Não – disse o filho. – Ainda é pior... olhe para a sua cara. *Porque* não me deixou bater-lhe?

– Porque não ia suportar assistir a uma coisa dessas. É melhor que nem te passe pela cabeça – gritou ela, peremptória.

As crianças foram deitar-se muito tristes.

Quando William já era grande, a família mudou-se das Bottoms para uma casa no alto da colina, de onde se alcançava todo o vale, que se estendia por baixo, convexo, como concha de amêijoas ou berbigão. Fronteiro à casa, estava postado um velho freixo de grandes dimensões. Quando o vento oeste soprava forte das bandas do Derbyshire, apanhava em cheio as casas e a árvore não parava de ulular. Morel gostava de a ouvir.

– É como a música – dizia ele. – Ajuda-me a adormecer.

Mas Paul, Arthur e Annie detestavam o zumbido do vento. Para Paul, era quase um gemido demoníaco. Durante o primeiro Inverno que passaram na nova casa, o pai portou-se muito mal. As crianças ficavam a brincar na rua, alcandorada sobre o vale extenso e sombrio, e só voltavam para casa às oito horas, indo directas para a cama. A mãe ficava a costurar no andar de baixo. Todo aquele espaço aberto diante da casa incutia nas crianças uma sensação de vastidão nocturna, de terror. Terror esse que provinha da árvore ululante e da discórdia entre os pais. Paul, mesmo depois de adormecer, tinha um sono sobressaltado e acordava amiúde com os barulhos que vinham de baixo. Acordava e ficava atento. Ouvia então os berros desabridos do pai, que chegara a casa a cair de bêbado, seguidos das respostas aceradas da mãe, e depois os murros do pai em cima da mesa e os seus gritos descontrolados, à medida que ia elevando a voz. E, finalmente, tudo isto era abafado pelos gemidos e os uivos penetrantes do grande freixo agitado pela ventania. As crianças mantinham-se caladas e expectantes, a aguardarem que o vento se calasse, para perceberem o que o pai estava a fazer, não fosse ele bater na mãe outra vez. A escuridão instilava neles sentimentos de horror, violenta tensão e sangue, e adormeciam com o coração apertado de angústia. O vento era cada vez mais assustador. Todas as cordas da grande harpa gemiam, silvavam e uivavam. E, depois, o horror do súbito silêncio: o silêncio total, lá fora e lá em baixo. Que silêncio era aquele?... Um silêncio de sangue? Que teria ele feito?

As crianças mantinham-se deitadas a respirar escuridão. Por fim, ouviam o pai atirar com as botas e subir a escada só de meias. Mesmo assim, ficavam à escuta, até que, se o vento deixava, ouviam a água a sair da torneira para a chaleira, que a mãe já deixava preparada para o dia seguinte, e podiam, finalmente, dormir em paz.

De manhã, acordavam felizes, muito felizes, e brincavam e dançavam à volta do candeeiro solitário, ainda na escuridão, mas guardavam um recanto de ansiedade dentro dos seus corações e uma tristeza nos olhos que conservaram para toda a vida.

Paul odiava o pai. Quando era ainda pequeno, tinha uma religião muito sua.

– Faz com que ele deixe de beber – pedia ele todas as noites.

– Senhor, deixa o meu pai morrer – rezava ele muitas vezes.

– Faz com que ele morra na mina – pedia ele quando, depois do chá, o pai tardava a vir do trabalho.

Esse era outro dos momentos em que a família sofria intensamente. As crianças chegavam da escola e tomavam chá. A enorme chaleira preta fervilhava a um lado do fogão e a terrina do guisado estava no forno, à espera de que Morel chegasse. Era esperado às cinco horas. Porém, durante meses a fio, parava sempre na taberna quando voltava do trabalho e por lá ficava a beber.

Nas noites de Inverno, quando o frio era intenso e anoitecia mais cedo, Mrs. Morel levava para a mesa uma palmatória de latão com uma vela acesa, para poupar o gás. As crianças comiam a sua fatia de pão com manteiga ou com banha e iam brincar para a rua. Mas, se Morel ainda não tinha chegado, eles pensavam duas vezes. Mrs. Morel não suportava imaginá-lo sentado na taberna a beber, todo sujo e ainda com as roupas da mina, depois de um dia de trabalho, e, em vez de vir para casa comer e lavar-se, preferir embebedar-se de estômago vazio. E este seu sentimento comunicava--se aos filhos. Agora, ela já não sofria sozinha: os filhos sofriam com ela.

Paul foi brincar com os outros rapazes. No vale semeado no crepúsculo, cintilavam aglomerados de luzes a marcarem a entrada das minas. Alguns mineiros retardatários subiam desgarrados o carreiro da encosta. Por fim, passou o homem que acendia os lampiões da rua. Mais nenhum mineiro se avistava. A escuridão abateu-se sobre o vale, o trabalho terminara, era a noite que chegava.

Paul correu ansioso para a cozinha. A vela solitária ardia ainda sobre a mesa, o clarão vermelho da fogueira inundava a cozinha, e Mrs. Morel estava sentada e só. A chaleira fumegava no fogão, o prato continuava à espera. Um sentimento de espera perpassava toda a casa, um sentimento de espera pelo homem que estava nesse momento sentado na taberna, a pouco mais de uma milha de casa, já noite escura, com a roupa de trabalho, sem comer, e a beber até cair. Paul apareceu à porta.

– O papá já chegou? – perguntou.

– Bem vêes que não – disse Mrs. Morel, aborrecida com a redundância da pergunta.

Depois, o garoto pôs-se a andar de um lado para o outro à volta da mãe. Partilhavam a mesma ansiedade. A certa altura, Mrs. Morel foi lá fora escorrer a água das batatas.

– Estão todas negras, uma porcaria – disse ela. – Quero lá saber. – Não se trocavam muitas palavras. Paul quase odiava a mãe por sofrer daquela maneira quando o pai não vinha para casa.

– Para que se aflige tanto? – disse ele. – Se ele quer ficar por lá a embebedar-se, porque não o deixa?

– Deixá-lo! – ripostou Mrs. Morel. – Essa é boa, «deixá-lo». – Ela sabia que todo o homem que se mete na taberna quando devia voltar para casa sem demora se arruina a si mesmo e à família. As crianças eram ainda muito pequenas e ele era o seu único ganha-pão. William viera trazer-lhe algum alívio, pois, com ele empregado, sempre tinha alguém a quem recorrer se Morel descambasse de vez. Porém, isso em nada alterava a tensão que

se respirava na cozinha nestas noites de espera.

Os minutos escoavam-se no bater ritmado do relógio. Às seis horas, a mesa ainda estava posta, o jantar à espera, e a mesma atmosfera de ansiedade e expectativa invadia toda a casa. Paul já não aguentava mais. Não lhe apetecia ir lá para fora brincar. Correu por isso para casa de Mrs. Inger, duas portas mais abaixo, para conversar com ela. Mrs. Inger não tinha filhos. O marido era amigo dela, mas era caixeiro numa loja e chegava muito tarde. Quando ela viu o garoto à porta, chamou-o:

– Vem cá, Paul.

Ficaram os dois a conversar durante um bocado, mas logo Paul se levantou, dizendo:

– Bem, vou andando, para ver se a minha mãe precisa que eu lhe vá fazer algum recado.

Fingia estar muito alegre e não contou à amiga o que o preocupava. Depois, voltou a correr para casa.

Em alturas como esta, Morel chegava sempre mal-humorado, insuportável.

– Lindas horas de voltares para casa – dizia Mrs. Morel.

– Que tens tu co’isso, cas horas a qu’eu venho pra casa? – berrava ele.

E ninguém abria a boca, porque ele era perigoso. Comia o que lhe punham à frente com inultrapassável grosseria e, quando terminava, empurrava tudo o que tinha diante de si para longe, para poder estender os braços por cima da mesa, e, em seguida, adormecia.

Paul odiava por demais o pai. A cabeça do mineiro, pequena e mesquinha, com o cabelo preto empastado de fuligem, repousava sobre os braços nus, e a cara, suja e mal-humorada, de nariz grosso e sobrancelhas finas e insolentes, estava virada para o lado, adormecida – da cerveja, do cansaço e da má índole. Se alguém entrasse de repente ou fizesse o mais pequeno ruído, o homem abria os olhos e berrava:

– Tás aqui, tás a levar um murro, se não paras com essa chinfrineira. Tás’ouvir?

Estas palavras, gritadas selvaticamente e quase sempre dirigidas contra Annie, deixavam toda a família transida de medo.

Ele era mantido fora de todos os assuntos. Ninguém lhe contava nada. Enquanto estavam sozinhos com a mãe, o filhos relatavam-lhe as peripécias do dia, contavam-lhe tudo. Era como se nada realmente acontecesse até contarem à mãe. Mas, mal o pai entrava, fazia-se silêncio. A sua presença era como um travão na engrenagem fluente e feliz da vida doméstica. Ele apercebia-se deste muro de silêncio, do isolamento a que o votavam, de que não era bem-vindo; mas era já demasiado tarde para mudar.

Bem gostaria de que os filhos conversassem com ele, mas eles não conseguiam. Às vezes Mrs. Morel dizia:

– Devias contar ao teu pai.

Paul ganhou um prémio num concurso de jornal e todos ficaram radiantes.

– O melhor é contares ao teu pai quando ele chegar – disse Mrs. Morel. – Sabes bem

que ele passa a vida a dizer que nunca lhe contam nada.

– Está bem – concordou Paul. No entanto, quase preferia ter perdido o prémio a ter de contar ao pai.

– Ganhei um prémio num concurso, pai – disse ele.

Morel voltou-se e disse:

– Ah, ganhaste, meu rapaz?... E que concurso era esse?

– Nada de especial... era sobre mulheres famosas.

– E de quanto é esse tal prémio que ganhaste?

– É um livro.

– Ah, é?

– Sobre aves.

– Hum!

E era assim. Não havia conversa possível entre o pai e qualquer dos restantes membros da família. Era como se ele fosse um estranho, tivesse negado o Deus que nele habitava.

Os únicos momentos em que voltava a entrar na vida da família era quando fazia consertos em casa e o trabalho lhe corria de feição. Às vezes, ao fim da tarde, depois de jantar, punha-se a remendar as botas ou a soldar a chaleira ou o cantil. Nessa altura precisava de ajudantes e as crianças rejubilavam. Partilhavam com ele o trabalho, no verdadeiro sentido de construírem realmente qualquer coisa, e aquele sim, era ele outra vez.

Mostrava-se competente e habilidoso, e quando estava de bom humor não parava de cantarolar. Mas atravessava longos períodos, às vezes meses, quase anos até, de contundência e irascibilidade. Depois, de repente, ficava bem-disposto outra vez e era bom vê-lo entrar pela copa dentro com um bocado de ferro incandescente, a gritar:

– Saíam da frente, saíam da frente!

Batia o ferro rubro e maleável na bigorna e moldava-o a gosto. Outras vezes sentava-se a soldar, e as crianças viam cheias de alegria o metal derreter instantaneamente e ser espalhado pelo ferro de soldar, impregnando a casa de um odor a lata quente e a resina queimada, enquanto Morel em silêncio se concentrava no trabalho. Cantava sempre que estava a remendar as botas, ao som das batidas do martelo. E via-se que estava feliz quando punha grandes remendos nas calças de fustão que usava na mina, o que acontecia bastas vezes, pois achava-as muito sujas e muito rijas para ser a mulher a fazê-lo.

Mas o que as crianças mais gostavam era de o verem fazer detonadores. Morel ia buscar ao sótão um molho de palhas de trigo compridas e resistentes. Limpava-as e polia-as à mão até cada uma luzir como uma hastezinha de ouro. Depois, cortava-as em bocados com cerca de seis polegadas, fazendo-lhes, se possível, um talho na ponta. Tinha sempre ao seu lado um canivete primorosamente afiado que cortava uma palha ao meio sem a

danificar. Seguidamente, deitava em cima da mesa um montinho de pólvora – uma pilha de grãos pretos sobre o tampo de madeira bem lavada, e ia preparando e aparando as palhas, enquanto Paul e Annie as enchiam e vedavam com um bujão. O que Paul mais gostava era de ver os grãozinhos pretos escorregarem pela calha que ele fazia com a palma da mão e entrarem pela abertura da palhinha, até ela ficar cheia. Nessa altura, vedava a abertura com uma raspa de sabão que arrancava com a unha do polegar do bocado de sabão que tinha a seu lado num pires, e a palha estava pronta.

– Olhe, pai! – dizia ele.

– Isso mesmo, meu amor – respondia Morel, que era particularmente pródigo em elogios para com o seu segundo filho. Paul atirava os detonadores para dentro da lata da pólvora, já pronta para o dia seguinte, quando Morel a levasse para a mina, para com eles provocar uma explosão capaz de fracturar a parede de carvão.

Entretanto, Arthur, ainda muito agarrado ao pai, vinha apoiar-se no braço do cadeirão de Morel e dizia:

– Conte-nos como é lá em baixo na mina, papá.

Era o que Morel mais gostava de fazer.

– Ora bem, lá na mina há um cavalo, a gente chama-lhe Taffy – começava ele – e ele é um gra-a-nde manhoso!

Morel tinha uma maneira pitoresca de contar histórias. Parecia até que a manha do Taffy ganhava vida.

– É um baio – continuava ele – e dos pequenos. Bem, a cert'altura ele entra na galaria com ganda estardalhaço e a gente ouve-o espirrar.

– «Olá, Taff», diz a gente, «pra que tás tu a espirrar? Andaste a cheirar rapé?» E ele vá de espirrar outra vez. Depois vem ter co'a gente e dá-nos co'a cabeça no ombro, o malandreco.

– «Qu' é que tu queres, Taff?», diz a gente.

– E o qu' é qu' ele quer? – perguntava Arthur invariavelmente.

– Quer um bocado de tabaco, meu tontinho.

E a história do Taffy nunca mais acabava, para gáudio da pequenada.

Outras vezes a história mudava.

– Ora ouve esta, meu amor. De quando vou a vestir o casaco, na hora de vir dar ao dente, e dou c'um rato a correr-me pela manga acima. «Eh, lá!», grito eu, mesmo a tempo de lh'agarrar a ponta do rabo.

– E matou-o?

– Matei, pois. São uma praga. Aquilo tá cheio deles.

– E o que é que eles comem?

– Os grãos qu’os cavalos deixam cair... e até nos vêm ao bolso comer o farnel, s’os deixarmos... seja onde for que a gente pendure o casaco... Danados de comilões, isso é qu’eles são...

Estas noites bem passadas só aconteciam quando Morel tinha trabalho para fazer. Depois, ia deitar-se muito cedo, geralmente com as crianças. Não havia nada que o fizesse ficar a pé depois de terminar os consertos e ler por alto os títulos do jornal.

Os filhos sentiam-se seguros quando o pai estava na cama. Por vezes ficavam a conversar em voz baixa depois de se deitarem, e assustavam-se quando luzes de repente se projectavam no tecto, vindas das lanternas dos mineiros que passavam para o turno das nove horas. Ouviam as vozes dos homens e imaginavam-nos a penetrar no vale de breu. Às vezes iam à janela e ficavam a ver as três ou quatro lanternas cada vez mais pequeninas desaparecerem na distância, balançando na escuridão dos prados. E, depois, era tão bom voltarem para a cama e enroscarem-se uns nos outros, no quentinho.

De todos, só Paul era muito frágil, atreito a ataques de bronquite. Os outros eram todos fortes e essa era talvez a outra razão para a diferença que a mãe fazia entre ele e os irmãos. Um dia, Paul chegou adoentado à hora do almoço. A família, porém, não era dada a pieguices.

– O que se passa *contigo*? – perguntou a mãe, incisiva.

– Nada – respondeu ele.

Mas não quis comer.

– Se não comeres, não voltas para a escola.

– Porquê? – perguntou ele.

– Porque não.

Depois do almoço, ele foi deitar-se no sofá, entre as fofas almofadas de ramagens de que as crianças tanto gostavam, e pareceu adormecer. Nessa tarde, estava Mrs. Morel a passar a ferro quando ouviu os ruídos roucos e entrecortados que o filho fazia ao respirar. De novo a assaltou o antigo sentimento exacerbado de quando ele era bebé e julgava que não ia sobreviver. No entanto, o corpinho dele tinha grande vitalidade. Talvez para ela tivesse sido um alívio se ele tivesse morrido. Sentia sempre a angústia misturar-se ao amor que lhe tinha.

Ele, no seu estado de semiconsciência, apercebia-se vagamente do tinir do ferro no descanso e do seu assentar cavo sobre a tábua de engomar. Uma das vezes, acordando, abriu os olhos e viu a mãe junto à lareira com o ferro quente perto da cara, a escutar por assim dizer o ruído do calor. Ao ver o seu rosto imóvel, a boca crispada de tanto sofrimento, desilusão e abnegação, o nariz ligeiramente à banda e os seus olhos azuis, tão jovens, vivos e ternos, o coração de Paul apertou-se-lhe de amor. Quando ela ficava assim parada, como agora, parecia cheia de vida e de coragem, mas completamente privada dos seus direitos. Ao filho, magoava-o profundamente este pressentimento de ela nunca ter sido feliz, e a sua própria falta de capacidade para a compensar atingia-o como uma espécie de impotência, ao mesmo tempo que determinavam nele uma atitude de paciente

tenacidade, em conformidade com as suas ambições pueris.

Ela cuspiu no ferro, e uma bolinha de cuspo enovelou-se e correu pela superfície negra e luzidia. Depois, pondo-se de joelhos, esfregou o ferro vigorosamente no forro de serapilheira do tapete. As chamas da fogueira envolviam-na num clarão cálido e avermelhado. Paul gostava da maneira como ela se baixava e inclinava a cabeça para o lado com movimentos leves e ligeiros. Era sempre com enlevo que a olhava. Nada que fizesse, nenhuma atitude ou movimento, podiam ter defeito para os filhos. A casa estava aquecida e cheirava a roupa quente. Mais tarde, o pároco veio conversar tranquilamente com Mrs. Morel.

Paul caiu à cama com um ataque de bronquite. Não que isso o contrariasse muito: o que tinha de ser tinha muita força e de nada servia revoltar-se. Gostava das noites, depois das oito horas, quando apagavam a luz e ele podia ver as chamas projectarem-se na escuridão das paredes e do tecto e seguir com o olhar as sombras alongadas que o percorriam, até a sala parecer invadida por guerreiros silenciosos, combatendo no silêncio.

Quando se ia deitar, o pai passava primeiro pelo quarto do enfermo. Se alguém estava doente em casa, mostrava-se sempre muito terno, mas a sua entrada não deixava de perturbar a paz que reinava no quarto de Paul.

– Tá a dormir, meu amor? – perguntava Morel, devagarinho.

– Não... A mãe não vem para cima?

– Tá só a acabar de dobrar a roupa. Quer alguma coisa? – Morel só raramente tratava o filho por «você».

– Não, não quero nada... Mas quanto tempo é que demora?

– Já falta pouco, meu tontinho.

O pai hesitava uns segundos frente à lareira. Sentia que o filho não queria a sua presença. Assomava-se então ao cimo das escadas e dizia à mulher:

– Aquela criança tá ansiosa por te ter ó pé... Inda vais ficar aí muito tempo?

– Até acabar o que estou a fazer, santo Deus! Diz-lhe que durma.

– Ela diz qu’o melhor é o meu menino adormecer – disse ele a Paul, de mansinho.

– Mas eu quero que ela venha para cima – insistiu o garoto.

– Ele diz que não dorme enquanto não vieres pra cima – gritou Morel lá para baixo.

– Calma, querido! Já vou. E vê se não gritas dessa maneira. Olha as outras crianças...

Depois, Morel voltou para o quarto de Paul e acorrou-se em frente da lareira. Que bem lhe sabia aquecer-se ao lume.

– Ela diz que já vem.

Parecia querer ficar ali indefinidamente. O garoto já estava febril de irritação. A presença do pai parecia aumentar ainda mais a sua impaciência. Por fim, depois de ficar a olhar para o filho por algum tempo, em silêncio, Morel disse mansamente:

– Boa noite, meu amor.

– Boa noite – respondeu Paul, voltando-se para o outro lado, satisfeito por ficar sozinho.

Paul adorava dormir com a mãe. O sono é ainda mais reparador, apesar de tudo o que dizem os defensores da higiene, quando partilhado com um ente querido. O aconchego, a segurança, a paz de espírito e o conforto que a presença do outro traz, conferem ao sono propriedades curativas. Paul adormecia encostado a ela e melhorava depressa, e ela, sempre atormentada por insónias, mergulhava num sono profundo que parecia renovar-lhe a esperança.

Durante a convalescença, Paul ficava sentado na cama, a ver os cavalos a pastar nos campos circundantes, espalhando o feno pela neve amarelada das pegadas, e a ver os mineiros voltarem para casa, figurinhas negras trilhando lentamente em grupos a alvura dos campos. Depois, vinda da neve, a noite avançava em vapores azulados, quase negros.

Durante a convalescença tudo era maravilhoso. Os flocos de neve caindo de repente na janela detinham-se por um momento, como andorinhas, mas logo desapareciam, e uma gota de água escorria pela vidraça. Os flocos de neve rodopiavam em torno da esquina da casa como pombas esvoaçantes. Do outro lado do vale, o pequeno comboio negro rolava hesitante através da planície toda branca.

Vendo-se tão pobres, as crianças ficavam radiantes quando podiam fazer qualquer coisa que pudesse ajudar os pais economicamente. Annie, Paul e Arthur saíam no Verão logo pela manhã e metiam-se pelo meio da erva molhada, de onde esvoaçavam cotovias, assustadas, à cata de cogumelos, esses corpos nus e de pele tão branca que se escondem dos olhares por entre o verde. Se conseguiam apanhar meia libra, já se davam por muito felizes: era a alegria de encontrarem qualquer coisa, a alegria de receberem qualquer coisa directamente das mãos da natureza e a alegria de poderem contribuir para a economia doméstica.

Mas a colheita mais importante, depois de andarem à procura de ervas aromáticas para as papas, era a das amoras. Mrs. Morel tinha de comprar fruta todos os sábados para os pudins; além disso, gostava muito de amoras. Assim, Paul e Arthur, enquanto houvesse uma amora à vista, esquadrihavam os silvados, as moitas e as pedreiras abandonadas todos os fins-de-semana. Naquela região de cidades mineiras, as amoras eram relativamente raras. Mas Paul era persistente. Gostava de andar pelos campos entre os silvados, mas não suportava voltar de mãos a abanar. Isso seria desapontá-la, pensava ele, e antes queria morrer.

– Santo Deus! – exclamou a mãe ao vê-los entrar, já tarde, mortos de cansaço e cheios de fome. – Por onde é que vocês andaram?

– Bem – começou Paul –, como aqui não encontramos nenhuma, fomos até Misk Hills... E veja só, mãe.

Ela espreitou para a cesta.

– E que lindas que são! – exclamou.

– E passa de duas libras... passa de duas libras, não passa, mãe?

A mãe tomou o peso à cesta.

– Passa, sim – respondeu, pouco convicta.

Paul estendeu-lhe um raminho. Trazia-lhe sempre um raminho, o mais bonito que encontrasse.

– Que bonito! – disse ela, com a entoação especial da mulher que recebe um testemunho de amor.

O filho preferia correr os campos o dia inteiro, calcorrear milhas e milhas, a dar-se por vencido e voltar de mãos vazias. Ela nunca o entendeu enquanto ele foi pequeno. Era uma mulher que esperava que os filhos crescessem depressa e se preocupava sobretudo com William.

Mas quando William foi trabalhar para Nottingham, e já não passava tanto tempo em casa, a mãe fez de Paul seu companheiro. Este sentia involuntariamente ciúmes do irmão, e William tinha ciúmes de Paul, mas eram ao mesmo tempo bons amigos.

A relação de Mrs. Morel com o seu segundo filho era mais subtil e tranquila, menos exacerbada talvez do que com o filho mais velho. Estava estabelecido que era Paul quem ia levantar o salário às sextas-feiras à tarde. Os mineiros das cinco minas da zona recebiam à sexta-feira, mas não individualmente. Os salários referentes a cada galeria eram pagos por junto ao capataz, chefe e contratador dos mineiros, e era ele quem fazia a distribuição, na taberna ou na sua própria casa. Para as crianças poderem ir buscar o dinheiro, a escola acabava mais cedo às sextas-feiras. Todos os filhos de Morel, primeiro William, depois Annie e agora Paul, já tinham ido buscar o dinheiro às sextas-feiras à tarde, até chegar a altura de eles próprios começarem a trabalhar. Paul costumava sair de casa às três e meia, com um saquinho de pano no bolso. Por todos os caminhos se viam mulheres, raparigas, crianças e homens a caminho dos escritórios.

Os escritórios eram muito bonitos: num edifício novo de tijolo vermelho, que mais parecia uma mansão, no meio de um jardim muito bem tratado, ao fundo de Greenhill Lane. A sala de espera era no vestíbulo, uma sala comprida e nua com chão de tijoleira azul e um banco a toda a volta, encostado à parede. Era aqui que se sentavam os mineiros, carregados de fuligem. Tinham saído mais cedo da mina. As mulheres e as crianças ficavam geralmente à espera nos arruamentos de gravilha avermelhada. Paul observava sempre com atenção a orla de relva e o grande canteiro onde cresciam amores-perfeitos e miosótis. Aos ouvidos chegava-lhe o som de muitas vozes misturadas. As mulheres exibiam os seus chapéus domingueiros. As raparigas tagarelavam animadas. Os cães corriam para um lado e para o outro. E, em redor, os arbustos erguiam-se verdes e silenciosos.

Nisto, alguém gritava de lá de dentro: «Spinney Park... Spinney Park», e todos os da mina de Spinney Park entravam de tropel. Quando chegava a vez da mina de Bretty, Paul entrava com a multidão. A sala de pagamentos era muito pequena. Um balcão a toda a largura dividia-a ao meio. Atrás do balcão estavam dois homens, Mr. Braithwaite e um empregado, Mr. Winterbottom. Mr. Braithwaite era um homem corpulento, com ar de patriarca austero e uma barbicha branca e rala. Tinha geralmente a boca tapada com um

grande lenço de pescoço, em seda, e, mesmo no Verão, havia sempre uma fogueira acesa. Não se via uma janela aberta. Por vezes, no Inverno, o calor até chegava a queimar as gargantas de quem vinha do ar gélido do exterior. Mr. Winterbottom era baixinho, gordo e calvo. Tecia comentários sem o mínimo resquício de imaginação, enquanto o seu chefe não se cansava de proferir patriarcais invectivas contra os mineiros.

A sala estava apinhada de mineiros todos enfarruscados, homens que já tinham ido a casa mudar de roupa, mulheres e uma ou duas crianças, e, geralmente, um cão. Paul era bastante baixo e era por isso sina sua ver-se entalado entre as pernas dos homens, perto do calor sufocante da lareira. Sabia a ordem por que os nomes eram chamados: de acordo com o número da galeria.

– Holliday – chamou a voz metálica de Mr. Braithwaite. Mrs. Holliday avançou em silêncio, recebeu o salário e passou para o outro lado.

– Bower... John Bower.

Um rapaz chegou-se ao balcão. Mr. Braithwaite, uma bisarma irascível, fuzilou-o com o olhar por detrás das lentes.

– John Bower! – voltou ele a chamar.

– Sou eu – disse o rapaz.

– Esta agora..., dantes as ventas eram outras – disse o luzidio Mr. Winterbottom, espreitando por cima do balcão. Os presentes riram-se à socapa, a pensarem no John Bower pai.

– Porque é que o teu pai não veio? – perguntou Mr. Braithwaite, num tom magistral e grandiloquente.

– Não anda bem – respondeu o rapaz, na sua voz aflautada.

– Devias dizer-lhe para largar a bebida – aconselhou o corpulento tesoureiro.

– E depois não te queixes, se ele te ferrar um pontapé – disse uma voz trocista lá de trás.

Todos se riram. O tesoureiro, avantajado e com ares importantes, olhou para a folha que se seguia.

– Fred Pilkington! – chamou, em tom neutro.

Mr. Braithwaite era um importante accionista da firma.

Paul sabia que só faltava um e depois era a vez dele. O coração começou a bater mais depressa. Foi empurrado de encontro à chaminé. Tinha a barriga das pernas a arder, mas não podia furar a barreira humana à sua volta.

– Walter Morel! – soou a voz metálica.

– Aqui – esganiçou-se Paul, da sua pequenez desajeitada.

– Morel... Walter Morel! – repetiu o tesoureiro, de folha de pagamentos na mão, pronto a passar à frente.

Paul foi acometido de convulsões nervosas e não conseguia, ou não queria, gritar. As costas dos homens apagavam-no por completo. Então, Mr. Winterbottom veio em seu auxílio.

– Ele tava aqui... onde tá ele? O miúdo do Morel?

O homem gordo, vermelhusco e calvo perscrutou a sala, assestando os olhos. Nisto, apontou para a chaminé. Os mineiros olharam também e, afastando-se, libertaram o rapaz.

– Aqui tá ele! – disse Mr. Winterbottom. Paul aproximou-se do balcão.

– Dezassete libras, onze xelins e cinco dinheiros... Atão, não respondes quando te chamam? – disse Mr. Braithwaite. Pousou um saco com cinco libras em prata com toda a força em cima da folha de pagamentos e, depois, num gesto rápido e delicado, pegou numa pequena pilha de dez libras em ouro e colocou-a ao lado da prata. As moedas de ouro escorregaram sobre o papel como um rio de brilho. O tesoureiro acabou de contar o dinheiro e o rapaz levou tudo a Mr. Winterbottom, no outro extremo do balcão, a quem deviam ser pagas a renda da casa e o aluguer das ferramentas. Aí chegado, novo percalço.

– Dezasseis xelins e seis dinheiros – disse Mr. Winterbottom.

O rapaz estava nervoso de mais para contar o dinheiro, pelo que empurrou algumas moedas de prata e meio soberano na direcção do funcionário.

– Quanto julgas tu que me destes? – perguntou Mr. Winterbottom.

O rapaz fitou-o, sem responder. Não fazia a menor ideia.

– Perdestes a língua?

Paul mordeu o lábio e empurrou mais algumas moedas de prata por cima do balcão.

– Na escola num t'insinaram a contar? – perguntou o homem.

– Só álgibra e franciú – disse um mineiro.

– E a ser sabido – acrescentou outro.

Paul sabia que por sua causa havia gente à espera. Com mãos trémulas, guardou o dinheiro no saco e saiu. Estas ocasiões eram para ele como as penas do Inferno.

Quando se apanhou cá fora, na estrada de Mansfield, sentiu-se infinitamente aliviado. O muro do parque estava coberto de musgo muito verde. Galinhas brancas e douradas debicavam à volta das macieiras de um pomar. Os mineiros serpenteavam rumo a casa. O rapaz seguia rente ao muro, envergonhado. Conhecia muitos dos homens, mas assim, todos sujos, não conseguia identificá-los, o que para ele era uma nova tortura.

Quando chegou à taberna New Inn, em Bretty, o pai ainda não tinha chegado. Mrs. Wharmby, a taberneira, conhecia-o. A avó dele, a mãe de Morel, fora amiga de Mrs. Wharmby.

– O teu pai ainda não chegou – disse ela, naquele tom meio atrevido, meio maternal, de mulher habituada a falar sobretudo com homens feitos. – Senta-te.

Paul sentou-se ao balcão, na beira de um banco alto. Alguns mineiros estavam a um

canto a «dividir o bolo» – a distribuir o dinheiro – e outros vinham a entrar. Todos miravam o rapaz, sem dizer palavra. Finalmente, Morel chegou, todo desempenado e com um certo toque de galhardia, apesar da pretidão.

– Olá – disse ele, ternamente, para o filho. – Atão, inda conseguiste chegar primeiro do qu’eu? Queres beber alguma coisa?

Paul, tal como os irmãos, tinha crescido um anti-alcoólico convicto, e para ele era pior beber uma limonada à frente de todos aqueles homens do que tirar um dente.

A taberneira mirou-o dos pés à cabeça, penalizada, mas ao mesmo tempo ofendida com a rigidez moral de que dava mostras. Paul voltou para casa rubro de vergonha. Entrou em silêncio. Sexta-feira era dia de cozer o pão e havia geralmente uma carcaça quentinha à sua espera. A mãe veio dar-lha.

De repente, ele virou-se a ela furioso, de olhos a faiscar.

– *Nunca mais* entro naquele escritório.

– Porquê, o que é que aconteceu? – perguntou a mãe, surpreendida. Divertia-se imenso com os súbitos ataques de fúria deste filho.

– *Nunca mais* lá volto – afirmou ele.

– Pronto, está bem. Então, vai dizer isso ao teu pai.

Paul mastigava o pão como se tivesse alguma coisa contra ele.

– Não vou... Não vou mais buscar o dinheiro.

– Então talvez um dos miúdos do Carlin possa ir. Eles haviam de gostar de ficar com os seis dinheiros – disse Mrs. Morel.

Os seis dinheiros era tudo o que Paul recebia. Gastava-os quase todos a comprar presentes de aniversário, é certo, mas eram a sua semanada e prezava-os muito. Porém, disse:

– Pois que fique com eles! Eu não os quero.

– Muito bem – respondeu a mãe. – Mas não precisas de *me* tratar mal por causa disso.

– Eles são horríveis e ordinários... são horríveis, pronto, e eu não vou lá mais. Mr. Braithwaite pronuncia mal as palavras e Mr. Winterbottom diz «a gente semos».

– E é por isso que não queres lá voltar? – disse a mãe a sorrir.

O rapaz ficou calado. Estava muito pálido, com os olhos pretos e furiosos. A mãe voltou aos seus afazeres sem lhe dar mais importância.

– Eles metem-se todos à minha frente e eu não consigo sair donde estou – disse ele.

– Bem, meu filho, só tens de *pedir* licença – respondeu ela.

– E depois o Alfred Winterbottom diz, «O qu’é que t’insinam na escola?»

– A *ele* nunca ensinaram grande coisa – disse Mrs. Morel. – Lá isso é verdade... nem

boas maneiras, nem inteligência... a única coisa que tem é manha.

– E vão eles e dizem, «Só álgebra e franciú.» Na escola, *não* ensinam francês.

– Mas, se ensinassem – disse a mãe, sorrindo – não era preciso ficares tão zangado... Portas-te duma maneira tão infantil, meu filho, quando alguém brinca contigo.

– E depois? – Paul olhou para a mãe quase a chorar, e ainda com mais raiva e ódio do que propriamente ofendido.

– És tão pateta – continuou ela. – Não consegues dizer simplesmente «agora é a minha vez», deixas-te ultrapassar e depois ficas furioso. A culpa é tua.

E, assim, lá o acalmou, embora à sua maneira. A ridícula hiper-sensibilidade dele confrangia-lhe o coração. Outras vezes, a fúria que via nos olhos do filho alertava-a, fazia a sua alma adormecida levantar a cabeça momentaneamente, surpreendida.

– Quanto foi desta vez? – perguntou.

– Dezassete libras, onze xelins e cinco dinheiros, e dezasseis xelins e seis dinheiros de retenção – replicou o rapaz. Foi uma boa semana... e só cinco xelins de retenções para o meu pai.

Assim, ela podia calcular quanto o marido tinha ganho, e chamá-lo à pedra se ele lhe desse pouco dinheiro. Morel guardava sempre para si o segredo do montante da semana.

Sexta-feira era a noite de cozer pão e de ir ao mercado. Regra geral, Paul ficava em casa a vigiar o pão. Gostava de ficar a desenhar ou a ler – adorava desenhar. Annie punha-se sempre ao fresco à sexta-feira à noite, e Arthur entretinha-se a brincar na rua, como de costume. Por isso, Paul ficava sozinho.

Mrs. Morel gostava muito de ir à compras. No exíguo terreiro no cimo da colina onde se juntavam as quatro estradas vindas de Nottingham e Derby, Ilkeston e Mansfield, eram montadas muitas barracas. Chegavam breques das aldeias em redor. O mercado enchia-se de mulheres, as ruas ficavam apinhadas de homens. Mrs. Morel costumava discutir com a vendedeira de rendas, simpatizava com o homem da fruta, que era muito falador – mas a mulher, essa era uma desavergonhada, sempre a dar conversa ao peixeiro, que era um patife, mas muito espirituoso – metia na ordem o vendedor de linóleo, mostrava-se distante com o homem do bricabraque, e só entrava na barraca das loiças quando se sentia atraída – ou arrastada – pelas florinhas que decoravam algum prato ou alguma travessa. Mas, sempre que isso acontecia, mostrava-se delicadamente reservada.

– Estava aqui a pensar quanto poderia custar isto – dizia ela.

– Sete dinheiros, por ser para si.

– Obrigada.

Pousava de novo a travessa e ia-se embora. Mas não era capaz de deixar o mercado sem a levar. E lá ia ela outra vez ao sítio onde as loiças estavam expostas pelo chão, e olhava de soslaio para a travessa, furtivamente, fingindo que não estava a olhar.

Era uma mulher franzina, de chapéu e fato preto. O chapéu já tinha quase três anos, para

vergonha e desespero de Annie.

– Mãe! – implorava ela. – Não ponhas mais esse chapéu horroroso.

– E queres que eu ponha o quê? – retorquia a mãe, com aspereza. – Acho que está até muito bom.

Começara por ser enfeitado com uma pala, depois seguiram-se flores, e agora estava reduzido a uma rendinha preta e um pouco de azeviche.

– Tem tão mau aspecto – dizia Paul. – Não lhe pode dar um ar um pouco mais moderno?

– Posso é dar-te umas boas palmadas, para não seres atrevido – disse Mrs. Morel, e atava as fitas do chapéu preto debaixo do queixo, com determinação.

Contemplou a travessa uma vez mais. Tanto ela como o oleiro se sentiam pouco à vontade, como se entre eles existisse qualquer desentendimento. De repente, o oleiro exclamou:

– Quer levá-la por cinco dinheiros?

Ela estremeceu. O coração apertou-se-lhe. Mas, depois, baixou-se e pegou na travessa.

– Fico com ela – disse ela.

– Faz-me esse favor, não é? – disse o homem. – O melhor é cuspir-lhe em cima, como se faz quando nos dão uma prenda.

Mrs. Morel deu-lhe os cinco dinheiros com frieza.

– Não acho que ma esteja a dar, percebe – disse ela. – Se não quisesse, não ma deixava levar por cinco dinheiros.

– Neste país de miséria, já nos podemos dar por muito felizes se pudermos dar as nossas coisas – resmungou o homem.

– Pois é, há tempos bons e maus – disse Mrs. Morel.

Mas já tinha perdoado ao oleiro. Agora, eram amigos. Já se atrevia a mexer nas loiças expostas e sentia-se feliz.

Paul estava à espera da mãe. Adorava vê-la entrar em casa. Chegava sempre radiante, triunfante, cansada, carregada de embrulhos, mas rica de espírito. Ele ouvia os seus passinhos leves na entrada e levantava os olhos das pinturas.

– Oh! – suspirava ela, sorrindo-lhe da soleira da porta.

– Ena pá, como vem carregada! – exclamava Paul, pousando o pincel.

– Se venho! – dizia ela, ofegante. – A marota da Annie disse que ia ter comigo. Olha para o peso que eu trago!

Pousou o saco e os pacotes em cima da mesa.

– O pão já está cozido? – perguntou, dirigindo-se para o forno.

– O último está a crescer – respondeu ele. – Não precisa de ir ver, eu não me esqueci

dele.

– Ai, aquele oleiro! – disse ela, fechando a porta do forno. – Lembras-te de eu te dizer como ele era antipático. Bom, agora já não acho que seja assim tão mau.

– Ah, não?

O filho não tirava os olhos dela. Mrs. Morel tirou o chapelinho preto.

– Não... Acho que ele acaba por não ganhar nada... bem, passa-se o mesmo com toda a gente, nos tempos que correm... e é isso que o deixa mal-encarado.

– A *mim* deixava com certeza – disse Paul.

– Bom, e não seria para admirar... E ele deixou-me ficar esta... Por quanto é que achas que ele me deixou ficar *isto*?

Tirou a travessa do papel que a embrulhava e contemplou-a, satisfeita.

– Mostre lá! – pediu Paul.

E ficaram os dois lado a lado a admirar a travessa.

– Adoro ver estas florinhas a enfeitar as coisas – disse Paul.

– Eu também. E lembrei-me do bule que me compraste...

– Um xelim e três dinheiros – disse Paul.

– Cinco dinheiros!

– Foi muito barata, mãe.

– Pois foi. Pode dizer-se que foi quase roubada. Mas já tinha feito muitas extravagâncias e não tinha dinheiro para mais. E, se ele não quisesse, não precisava de me vender.

– Lá isso, não, não precisava – disse Paul, e ficaram os dois a consolar-se mutuamente do receio de terem roubado o oleiro.

– Podemos usá-la para pôr fruta cozida – alvitrou Paul.

– Ou leite-creme... ou doce de fruta – acrescentou a mãe.

– Ou rabanetes e alface – continuou ele.

– Não te distraias com o pão – disse a mãe, numa voz transbordante de alegria.

Paul foi espreitar o pão e bateu-lhe ao de leve na parte de baixo.

– Já está cozido – disse, mostrando-o à mãe. Ela bateu-lhe também.

– Pois está – respondeu ela, começando a tirar as compras do saco. – Oh, sou uma gastadora, uma perdulária... Sei que um dia me vai fazer falta.

Paul foi a saltitar para junto da mãe, para ver as últimas extravagâncias. Ela abriu um outro embrulho em papel de jornal e pôs à mostra algumas raízes de amores-perfeitos e boninas carmesim.

– Quatro dinheiros! – lamentou-se.

– Que barato! – exclamou ele.

– Pois é, e logo esta semana que eu estava sem um tostão.

– Mas são lindas! – exclamou ele.

– Então não são! – exclamou ela, dando lugar ao mais genuíno contentamento. – Paul... olha para esta florinha amarela... que bonita, não é... e uma cara que parece de velho!

– E parece mesmo! – exclamou Paul, baixando-se para cheirar. – E que bem que cheira! Mas está um bocado suja.

Correu para a copa, voltou com um pano molhado, e lavou o amor-perfeito com todo o cuidado.

– Agora, olhe para ele, está todo molhado! – disse Paul.

– Pois está! – exclamou ela, a transbordar de felicidade.

As crianças de Scargill Street consideravam-se muito selectas. Ao fundo da rua, onde viviam os Morels, não havia muita gente nova, e, por isso, os que havia eram mais unidos. Rapazes e raparigas brincavam uns com os outros: as raparigas participavam nas lutas e jogos violentos dos rapazes, e os rapazes tomavam parte nas danças de roda e nos jogos de faz-de-conta das raparigas.

Annie, Paul e Arthur gostavam das noites de Inverno, quando não chovia. Deixavam-se ficar dentro de casa até os mineiros terem regressado todos, até ser noite fechada e a rua ficar deserta. Nessa altura, enrolavam um cachecol ao pescoço, pois prescindiam do casacão, tal como os outros filhos dos mineiros, e saíam de casa. A entrada da rua estava completamente às escuras daquele lado e a noite estendia-se vazia, com um pequeno emaranhado de luzinhas lá em baixo, na mina de Minton, e um outro bem mais longe, na direcção oposta, na de Selby. As luzes mais distantes pareciam prolongar as trevas para sempre. As crianças olhavam ansiosas para o lampião solitário postado ao fundo da rua, na extremidade da ladeira da encosta. Se o escasso espaço de luz estava deserto, os dois rapazes ficavam desolados. Encostavam-se ao candeeiro, de mãos nos bolsos e costas viradas à noite, aborrecidíssimos, a olharem para as casas às escuras. Nisto, avistaram um bibe por baixo de um casaquinho curto, e uma rapariga de pernas altas a correr para eles.

– Onde tão o Billy Pillins e a vossa Annie e o Eddie Dakin?

– Não sei.

Mas isso não tinha importância – agora já eram três, e punham-se a correr à volta do poste até os outros aparecerem a gritar. Daí em diante, era brincadeira a valer.

Existia apenas este candeeiro. Para trás dele, só a imensa concha de trevas que parecia conter a noite inteira. À sua frente, um caminho largo e escuro percorria a cumeada. De vez em quando, saía alguém desse caminho e dirigia-se para o vale, pelo carreiro, sendo tragado pela noite a uns escassos dez metros de distância. As crianças continuaram a brincar.

Eram excessivamente unidas devido ao isolamento em que viviam. Mas, se se

zangavam, a brincadeira ficava completamente estragada. Arthur era muito susceptível, e Billy Pillins, ou melhor, Philips, era-o ainda mais. Paul tinha de tomar o partido de Arthur, e a Paul juntava-se Alice, enquanto Billy Pillins contava sempre com o apoio de Emmie Limb e Eddie Dakin. Depois, envolviam-se os seis à bulha, odiando-se com toda a fúria do mais genuíno ódio, e corriam para casa apavorados. Paul nunca se havia de esquecer de ter visto uma noite, depois de uma destas assanhadas lutas fratricidas, uma grande lua vermelha elevar-se lentamente no céu por cima da estrada deserta da cumeada, sem vacilar, como pássaro gigantesco; e a imagem bíblica que o assaltou, da lua a transformar-se em sangue. No dia seguinte, apressou-se a ir fazer as pazes com Billy Pillins, e as desenfreadas brincadeiras retomaram o seu curso à luz do candeeiro solitário, rodeadas da mais negra escuridão. Mrs. Morel, ao entrar na sala, ouvia as crianças a cantar ao longe:

«Uso sapatos de couro espanhol,
Meias de seda, para meu deleite;
Anéis nos dedos, que brilham ao sol,
E só tomo banho em tinas de leite.»

Pareciam tão absorvidas no jogo, pelo som das suas vozes que penetrava as trevas, que dir-se-ia o canto de criaturas selvagens. A mãe estremecia e entendia-os quando voltavam às oito horas, afogueados, de olhos brilhantes e língua solta e vibrante.

Todos eles gostavam desta casa de Scargill Street pela sua largueza de horizontes, pela sua abertura sobre a concha de mundo que dominava. Nas noites de Verão, as mulheres vinham arrimar-se à cerca da encosta, a conversar, viradas para poente, vendo o sol apagar-se num lampejo e espraçando o olhar até aos montes do Derbyshire, recortados ao longe num céu de carmim, como a crista negra de uma salamandra.

Neste Verão, as minas não estavam a trabalhar em pleno, especialmente as de carvão mole. Mrs. Dakin, que morava ao lado de Mrs. Morel, costumava ficar a ver os homens subirem a encosta lentamente sempre que se assomava à cerca para sacudir o tapete. Viu logo que eram mineiros e ficou à espera lá em cima, alcandorada na colina, alta, magra, olhar astuto e penetrante, uma quase ameaça para os pobres mineiros que a custo trepavam a ladeira. Eram apenas onze horas. A neblina que, como fino crepe negro, cobre o horizonte das manhãs estivais não se tinha ainda dissipado sobre as colinas frondosas desenhadas à distância. O primeiro homem alcançou a cancela, que chiou à sua passagem.

- O quê, mandaram-no embora? – gritou Mrs. Dakin.
- Mandaram, sim senhora.
- É uma pena deixarem-nos vir embora – disse ela, sarcástica.
- Lá isso é – respondeu o homem.
- E não apetece nada voltar para casa agora – disse ela.

O homem seguiu o seu caminho. Quando Mrs. Dakin atravessava o quintal, de volta a casa, avistou Mrs. Morel, que ia despejar as cinzas da lareira.

– Acho que Minton fechou, Mrs. Morel – gritou ela.

– É uma vergonha! – exclamou Mrs. Morel indignada.

– Pois é... Vi mesmo agora o Jont Hutchly.

– Bem podiam ter poupado as solas dos sapatos – disse Mrs. Morel, e voltaram as duas para casa indignadas.

Os mineiros, de caras quase limpas, voltavam para casa. Morel detestava ter de se vir embora. Adorava as manhãs soalheiras, mas ir para a mina e mandarem-no embora logo a seguir estragava-lhe a boa disposição.

– Santo Deus... já? – exclamou a mulher, vendo-o entrar.

– Qu'hei-d'eu fazer, mulher! – berrou ele.

– E eu não tenho comida que chegue.

– Num faz mal, como o farnel que levei – vociferou ele, pateticamente. Sentia-se envergonhado e irritado.

Os filhos, quando chegaram da escola, estranharam ver o pai a comer as duas grossas fatias de pão com manteiga que tinha levado para a mina, já muito secas e sujas.

– Porque é que o meu pai tem de comer o farnel aqui em casa? – perguntou Arthur.

– Porqu'ela ficava toda zangada s'eu num o comesse – respondeu Morel.

– Lá estás tu com histórias! – exclamou a mulher.

– E achas qu'é pra deitar fora? – disse Morel. – Eu num sou esquisito como vocês, que desperdiçam tudo. Se me cai um bocado de pão na mina, no meio daquela porcaria toda, apanho-o e como-o.

– Os ratos comiam-no – disse Paul – e já não era um desperdício.

– Pão cum manteiga pròs ratos? Nem pensar nisso – disse Morel. – Sujo ou limpo, antes comê-lo eu que deitá-lo fora.

– Podias dá-lo aos ratos e comprares mais com o dinheiro que gastas na cerveja – disse Mrs. Morel.

– Ah, podia...? – exclamou o marido.

O Outono que se seguiu foi de míngua. William tinha acabado de partir para Londres e a mãe sentia a falta do dinheiro que ele lhe costumava entregar. Ainda lhe mandou dez xelins por uma ou duas vezes, mas no início tinha muitas compras a fazer. As suas cartas chegavam com regularidade, uma vez por semana. Escrevia longas cartas à mãe em que lhe contava o que fazia, os amigos que tinha, as lições que trocava com um francês, como gostava de viver em Londres. Para a mãe era como se ele estivesse com ela, como no tempo em que morava em casa. E ele todas as semanas lhe escrevia cartas francas e cheias

de espírito. Era nele que ela pensava o dia inteiro, enquanto fazia a limpeza da casa. Ele estava em Londres, ia ter sorte. Era quase como se fosse o seu cavaleiro andante, ostentando as cores dela na batalha.

Vinha agora a casa passar cinco dias pelo Natal. Não havia memória de tantos preparativos. Paul e Arthur correram os campos à procura de azevinho e sempre-viva. Annie fez enfeites de papel recortado à moda antiga, e a despensa estava farta como nunca. Mrs. Morel fez um bolo de natal enorme, magnífico, e sentindo-se uma rainha, mostrou a Paul como se pelavam amêndoas. Ele pelou as oleaginosas com reverência, contando-as, uma a uma, não fosse alguma perder-se. Dizia-se que as claras subiam mais num lugar frio e, por isso, Paul foi para a copa, onde o frio era quase insuportável, batendo-as sem parar e correndo excitadíssimo a mostrar a mãe como as claras cresciam, cada vez mais firmes e nevadas.

– Olhe, mãe... estão ótimas, não estão?

Depois, pôs um bocadinho na ponta do nariz e soprou-o para o ar.

– Então, isso não é para estragar – disse a mãe.

Toda a gente andava excitadíssima. William ia chegar na véspera de Natal. Mrs. Morel passou revista à despensa. Havia um grande bolo de passas e um bolo de farinha de arroz; tartes de geleia e de limão, e duas grandes travessas cheias de empadas de carne. E ainda faltavam umas tartes de amêndoa e de queijo que ela preparava a toda a pressa. A casa estava toda enfeitada. A coroa de azevinho, salpicada de bagas bem vermelhas e pendurada entre grinaldas cintilantes, rodopiava por cima da cabeça de Mrs. Morel enquanto ela recortava a massa das *tartes* na cozinha. A fogueira, imensa, crepitava. A casa rescendia a bolos e massa folhada. William devia chegar às sete horas, mas o mais provável era atrasar-se. Os irmãos tinham ido ao seu encontro. A mãe ficara sozinha. Mas, por volta de um quarto para as sete, Morel voltou para casa. Marido e mulher nada disseram. Ele sentou-se no cadeirão, ansioso, sem saber o que fazer, e ela continuou com os seus cozinhados. A sua comoção só era traída pelo modo metuculoso como ia fazendo as coisas. E o relógio continuou a bater.

– A que horas disseste qu'ele chegava? – perguntou Morel, pela quinta vez.

– O comboio chega às seis e meia – respondeu ela, enfaticamente.

– Então vai chegar por volta das sete e dez.

– Deus te oiça, mas o comboio vai atrasar-se algumas horas no Midlands – disse ela, aparentando indiferença. Fazia-o, no entanto, com a esperança de acontecer o contrário e ele chegar mais cedo. Morel foi até à porta, para ver se o via. Depois voltou para dentro.

– Credo, homem! – disse ela. – Parece que tens bicho-carpinteiro.

– Em vez de estares pr'aí a falar, num era melhor arranjares-lhe alguma coisa para comer? – disse o marido.

– Tenho muito tempo para isso – respondeu ela.

– Num é o que *me* parece – contrapôs ele, virando-se amuado na cadeira. Ela começou a

limpar a mesa da cozinha. A chaleira já apitava. E eles à espera.

Entretanto, os outros três filhos estavam em Lethley Bridge, uma estação da linha do Midlands, a duas milhas de casa. Esperaram uma hora. Chegou um comboio, e nada. Ao fundo da linha, as luzes verdes e vermelhas acendiam e apagavam. Estava muito escuro e fazia muito frio.

– Vai perguntar-lhe se o comboio de Londres já passou – disse Paul a Annie quando avistaram um homem de boné de pala.

– Não vou nada – disse Annie. – Fica mas é calado, senão ele inda nos manda embora.

Mas Paul estava morto por que o homem soubesse que eles esperavam alguém que vinha de Londres, o que lhes dava uma certa importância. Porém, tinha medo, muito medo, de abordar um desconhecido, e ainda por cima de boné de pala. As crianças nem se atreviam a entrar na sala de espera, com medo de que os mandassem embora, e que alguma coisa acontecesse enquanto não estavam na plataforma. E lá continuaram à espera, no frio e na escuridão.

– Já está hora e meia atrasado – disse Arthur, já a desesperar.

– Bem – disse Annie –, é véspera de Natal.

O silêncio crescia entre eles. O irmão não vinha. Perscrutaram a escuridão ao longo da linha férrea. Lá ao fundo, ficava Londres! Uma lonjura infinita, pensaram. Tudo podia acontecer quando se vinha de Londres. Estavam demasiado preocupados para falarem. Enregelados, tristes e mudos, continuavam encostados uns aos outros na plataforma.

Finalmente, passadas mais de duas horas, avistaram os faróis de uma locomotiva a descrever uma curva na distância. Um bagageiro aproximou-se a correr. As crianças chegaram-se para trás com os corações a galope. Um enorme comboio com destino a Manchester parou. Abriram-se duas portas e, de uma delas, saiu William. Os irmãos atiraram-se a ele. Ele, todo contente, entregou-lhes muitos embrulhos e logo explicou que aquele grande comboio só tinha parado numa estação insignificante como Lethley Bridge por causa *dele*, já que a paragem não estava programada.

Entretanto, os pais iam ficando cada vez mais preocupados. A mesa estava posta, a costeleta grelhada, tudo estava a postos. Mrs. Morel pôs o seu avental preto. Por baixo, tinha o seu melhor vestido. Depois sentou-se e fingiu concentrar-se na leitura. Os minutos arrastavam-se como uma tortura.

– Hum! – disse Morel. – Já passa hora e meia.

– E aquelas crianças à espera! – disse ela.

– O comboio inda num pode ter chegado – disse ele.

– É o que eu digo. Na véspera de Natal vêm com *horas* de atraso.

Estavam os dois implicativos de tanta ansiedade. O freixo gemia lá fora fustigado por um vento gélido, implacável. E tanta noite a separar Londres do lar! Mrs. Morel sofria. O tiquetaque do relógio irritava-a sobremaneira. Estava a fazer-se tarde. A espera estava a

tornar-se insuportável.

Por fim, o ruído de vozes e de passos na entrada.

– Já chegou! – gritou Morel, saltando da cadeira.

Depois, deu um passo à retaguarda. A mãe correu em direcção à porta e ficou à espera. Seguiu-se um tropel de passos, a porta escancarou-se e William apareceu. Largou no chão o saco de viagem e abraçou-se à mãe.

– Mater! – disse ele.

– Meu filho! – gritou ela.

E, durante não mais de dois segundos, ela abraçou-o e beijou-o. Depois, afastou-se e disse, com a naturalidade possível:

– Mas que grande atraso!

– Foi, não foi? – exclamou ele, voltando-se para o pai.

– Então, pai!

E os dois homens trocaram um aperto de mão.

– Então, meu rapaz!

Os olhos de Morel estavam rasos de lágrimas.

– Távamos a ver que nunca mais chegavas – disse ele.

– Então não havia de chegar! – exclamou William, voltando-se para mãe.

– Estás com óptimo aspecto – disse Mrs. Morel, a rir, toda orgulhosa.

– Claro... – respondeu o filho. – Basta ter voltado para casa.

Era um jovem desempenado, alto, garboso e de olhar intrépido. Olhou em volta, para a sempre-viva e o azevinho, e para as empadas que estavam dentro das forminhas em cima do fogão.

– Graças a Deus que nada mudou, mãe – disse ele, satisfeito. Todos ficaram calados por um momento. De repente, ele deu um salto em frente, tirou uma empadinha do fogão e meteu-a na boca de uma só vez.

– Safa, já alguma vez viram um saco roto como este? – exclamou o pai.

William trazia um nunca mais acabar de presentes para todos. Gastara quanto tinha para os comprar. A casa foi invadida por uma certa atmosfera de luxo e prosperidade. Para a mãe, uma sombrinha com o cabo bege com enfeites dourados. Ela guardou-a para quando morresse, e antes queria perder tudo o que tinha a ficar sem ela. Todos receberam coisas bonitas e, além disso, ele trouxe também montes de guloseimas desconhecidas naquelas paragens: geleias de frutos, ananás cristalizado, coisas que as crianças pensavam que só o esplendor de Londres tornava possíveis. E Paul não se calava de gabar tais guloseimas diante dos amigos.

– Ananás autêntico, às fatias, e transformado em cristal... bem bom!

Todos estavam loucos de felicidade. Não há nada que chegue ao próprio lar, e eles amavam-no com paixão, apesar dos maus bocados lá passados. Chegavam visitas, todos vinham dar-lhe os parabéns. Os vizinhos vinham ver o que Londres tinha feito de William e todos achavam que ele estava «um verdadeiro cavalheiro, e um belo rapaz, isso é que estava!».

Quando ele se foi embora outra vez, os irmãos foram chorar às escondidas para sítios diferentes, Morel foi meter-se na cama abatidíssimo e Mrs. Morel sentia-se como se estivesse drogada, como se os seus sentimentos tivessem paralisado. Amava o filho com verdadeira paixão.

William trabalhava no escritório de um advogado ligado a uma grande companhia de navegação e, em Junho, o chefe proporcionou-lhe uma viagem ao Mediterrâneo num dos barcos da companhia, por um preço irrisório. Mrs. Morel mandou-lhe dizer: «Vai, sim, meu filho. Podes não voltar a ter uma oportunidade como essa, e, para mim, ver-te a navegar no Mediterrâneo é talvez ainda melhor do que ter-te aqui em casa.» Mas William veio passar as duas semanas de férias a casa. Nem o Mediterrâneo, apelando embora a toda a sua ânsia de viajar e ao seu deslumbramento de homem pobre diante da opulência do Sul, podiam mantê-lo longe de casa. E isso era para a mãe compensação bastante para todos os sacrifícios.

PAUL ENFRENTA A VIDA

MOREL era um homem negligente, indiferente ao perigo, sofrendo por isso inúmeros acidentes. De tal forma que, quando Mrs. Morel ouvia chiar as rodas de uma carroça de transporte de carvão, estacando à sua porta, corria logo para a janela da sala à espera de ver o marido lá sentado, com o rosto macilento por baixo da camada de fuligem, e o corpo inerte, vítima de qualquer contusão ou outro percalço. Se era ele, saía de casa a correr para o ajudar.

Cerca de um ano após William ter ido para Londres, e logo depois de Paul ter saído da escola, mas quando ainda não tinha arranjado trabalho, estava Mrs. Morel no andar de cima e o filho na cozinha, entretido a pintar – fazia maravilhas com os pincéis – quando bateram à porta. Enfadado, Paul pousou o pincel para ir abrir. Simultaneamente, a mãe abriu a janela e espreitou para a rua.

Era um mineiro, um rapazito, que batia à porta.

– É aqui que mora o Walter Morel? – perguntou.

– É, sim! – respondeu Mrs. Morel. – Aconteceu alguma coisa?

Mas ela já tinha adivinhado.

– O seu marido aleijou-se – disse o rapaz.

– Oh, meu Deus! – exclamou ela. – Quando não acontece nada é que é para admirar. O que foi desta vez?

– Num sei bem, mas foi na perna... Levaram-no prò hospital.

– Valha-me Deus! – exclamou ela. – Ah, este homem... este homem...! Não me dá cinco minutos de descanso, eu morra aqui se não é verdade! O polegar já estava quase bom e agora... Tu viste-o?

– Vi-o lá 'baixo. E vi-os trazerem-no pra cima num elevador... tava branco cum'á cal. E o qu'ele berrou quando o Dr. Fraser o examinou na casa das lanternas... sempre aos berros e a praguejar... e a dizer que queria qu'ó trouxessem pra casa... que num ia prò hospital...! E o rapaz calou-se.

– Isso é bem dele... quer vir para casa, para me dar trabalho... Obrigada, meu filho... Que cansada que eu estou de tudo isto... cansada e farta... isso é que eu estou!

Desceu as escadas. Paul tinha recomeçado a pintar, mecanicamente.

– Deve ser grave... para o levarem para o hospital... – continuou ela. – Mas que criatura mais descuidada! Os *outros* homens não podem ter assim tantos acidentes... É isso, ele queria deitar o trabalho todo para cima das minhas costas... E logo agora, que as coisas estavam finalmente a correr um bocadinho melhor... Vá, deixa isso, agora não há tempo

para pinturas... A que horas tenho comboio? Agora vou ter de ir até Kreston... o quarto tem de esperar.

– Eu acabo de o arrumar – disse Paul.

– Não precisas... às sete horas estou de volta, acho eu... E o barulho que ele vai fazer... nem quero pensar... E aqueles calhaus de granito de Tinder Hill... ele bem pode chamar-lhes pedrinhas... os solavancos vão dar cabo dele. Não sei porque não consertam a estrada... naquele estado... e com tanta gente a passar por lá na ambulância... Devia haver aqui um hospital... Já compraram o terreno... e não iam faltar acidentes para o manter a funcionar. Mas não, têm de os levar não sei quantas milhas naquela ambulância ronqueira até Nottingham. É uma vergonha! E o estardalhaço que ele vai fazer, já sei como é! Quem terá ido com ele?... O Barker, provavelmente. Coitado, vai desejar estar em qualquer lado menos ali. Mas vai cuidar bem dele, eu sei. E agora sei lá quanto tempo ele vai ficar naquele hospital... e ele que detesta! Enfim, se for só a perna, já não é mau.

Ia falando enquanto se preparava para sair. Despindo o corpete à pressa, baixou-se para a caldeira, enquanto a água corria lentamente para o jarro.

– Era bem melhor se esta caldeira não existisse! – exclamou ela, apertando a asa do jarro com impaciência. Tinha uns braços fortes e bem torneados, surpreendentes numa mulher da sua estatura.

Paul arrumou as suas tralhas, pôs a chaleira ao lume e pôs a mesa.

– Só há um comboio às quatro e vinte – disse ele. – Tem tempo de sobra.

– Não tenho, não! – gritou ela, piscando os olhos e fitando-o por cima da toalha, enquanto limpava a cara.

– Tem, sim... Tem pelo menos de beber uma chávena de chá. Quer que vá consigo até Keston?

– Vires comigo para quê, pode saber-se?... Ora deixa cá ver o que é que eu tenho de lhe levar... Valha-me Deus!... A camisa lavada... e é uma sorte estar *lavada*... mas ficava melhor se a tivesse posto ao ar... as meias... isso ele não vai querer... e uma toalha, acho eu... e lenços... e que mais?

– Um pente, uma faca, um garfo e uma colher – disse Paul. Já não era a primeira vez que o pai ficava internado no hospital.

– Sabe Deus em que estado ele tinha os pés – continuou Mrs. Morel, penteando o cabelo castanho e muito comprido, fino como seda e já salpicado de fios prateados. – Ele nunca se esquece de se lavar da cintura para cima, mas para baixo acha que já não é preciso. Mas devem apanhar lá muitos como ele.

Paul tinha posto a mesa e preparou duas fatias finas de pão com manteiga para a mãe.

– Aqui tem – disse, pondo uma chávena de chá em frente ao lugar dela.

– Agora não tenho tempo – disse ela, secamente.

– Mas tem de ter... Olhe, já está tudo pronto – insistiu o filho.

Ela acabou por se sentar, bebeu uns golinhos de chá e comeu um pouco de pão em silêncio. Estava a pensar.

Daí a nada, tinha de se ir embora, para percorrer a pé as duas milhas e meia até à estação de Keston. Já tinha metido no saco de rede tudo o que ele precisava. Paul ficou a vê-la subir a estrada, entre as sebes de arbustos, pequenina e franzina, e o seu coração sofria por ela, por vê-la sujeita a mais esta provação. E ela, correndo ligeira de tanta ansiedade, sentia atrás de si o coração do filho a acompanhá-la, a tomar para si a parte possível deste fardo, a dar-lhe forças. E, quando chegou ao hospital, pensou: «Ele vai ficar preocupadíssimo quando eu lhe disser que é assim tão grave... o melhor é ter cuidado.» E, de regresso a casa, sentia que tinha com quem partilhar o fardo.

– É grave? – perguntou Paul, mal a viu entrar.

– Mais ou menos – respondeu ela.

– O quê?

Ela suspirou, sentou-se e desapertou as fitas do chapéu. O filho viu-a levantar o queixo e desatar a laçada com os dedos pequeninos, mas endurecidos pelo trabalho.

– Bem – respondeu ela – não se pode dizer que seja perigoso... mas a enfermeira diz que foi uma pancada horrível. Estás a ver... foi um grande bocado de rocha que lhe caiu em cima da perna... aqui, salvo seja... uma fractura múltipla... e tem bocados de osso a sair para fora...

– Ui, que horror! – exclamaram os filhos.

– E claro que ele diz que vai morrer – continuou Mrs. Morel. – É mesmo dele dizer isso... «Estou arrumado, cachopa!», disse ele, olhando para mim. «Não digas disparates», disse eu. «Não vais morrer de uma perna partida, por pior que esteja»... «Só saio daqui num caixão», queixava-se ele. «Bem!», disse eu, «Se queres que eles te levem a passear ao jardim dentro dum caixão, quando estiveres melhor, é só pedires e eles fazem-te a vontade»... «Se acharmos que lhe vai fazer bem», acrescentou a Irmã. Ela é bem simpática, a Irmã, mas muito rigorosa.

Mrs. Morel tirou o chapéu. Os filhos mantiveram-se em silêncio, expectantes.

– Claro que ele está mal – prosseguiu ela. – E vai levar muito tempo a recompor-se. Foi um acidente muito grave e ele perdeu muito sangue... e, já se vê, a lesão é muito perigosa. Ninguém sabe o tempo que vai levar a sarar. E depois há a febre e a gangrena... se correr mal, ele até pode morrer... Mas lá no hospital... e depois ele tem bom sangue... e boa carnadura... Por isso não vejo razão para que *tenha* de correr mal... Claro que a ferida é muito grande...

Ela estava lívida, da angústia e da emoção. Os três filhos perceberam que o estado do pai era muito grave e a casa ficou silenciosa, perpassada de ansiedade.

– Mas ele melhora sempre – disse Paul, passado um bocado.

– Foi exactamente o que eu lhe disse – exclamou a mãe.

Todos se moviam de um lado para o outro sem fazerem o menor ruído.

– Ele de facto parecia que estava a morrer – disse Mrs. Morel. – Mas a Irmã diz que é das dores.

Annie foi arrumar o casaco e o chapéu da mãe.

– Ficou a olhar para mim quando eu me vim embora...! Eu disse: «Agora tenho de ir, Walter, por causa do comboio... e das crianças...» E ele ficou a olhar para mim... Custou-me tanto...

Paul pegou outra vez no pincel e continuou a pintar. Arthur foi lá fora buscar mais carvão. Annie ficou sentada, muito triste. E Mrs. Morel continuou imóvel, pensativa, na cadeira de baloiço que o marido lhe fizera, quando esperavam o primeiro filho. Estava triste e com muita pena de ver um homem sofrer tanto. Mas, mesmo assim, no fundo do coração, onde a chama do amor devia arder, tinha um vazio. No momento em que toda a sua compaixão de mulher estava exacerbada ao máximo, em que cuidaria dele dia e noite até cair para o lado, em que, se pudesse, de bom grado tomaria as suas dores, algures, num recôndito da alma, era indiferença que encontrava, por ele e pelo seu sofrimento. A dor que sentia vinha sobretudo desta incapacidade de o amar, mesmo quando ele despertava nela as mais fortes emoções. E assim se deixou ficar, pensativa, por um tempo.

– E nisto – disse ela de repente –, quando já ia a meio do caminho, vi que tinha saído com as botas de andar por casa... olhem para *isto*... – Era um par de botas velhas de Paul, castanhas e com as biqueiras muito gastas. – Nem sabia onde me havia de meter com a vergonha – acrescentou.

Na manhã seguinte, quando Annie e Arthur estavam na escola, Mrs. Morel conversou mais com Paul enquanto ele andava a ajudá-la a arrumar a casa.

– Encontrei o Barker no hospital. Não parecia muito atrapalhado, coitado. «Então», disse eu, «como correu a viagem?» «Num me pergunte, 'nha senhora!», disse ele. «Eu sei», disse eu. «Eu sei como ele é.» «Mas foi muito custoso pra ele, Mrs. Morel, iss' é que foi!», disse ele. «Eu sei», disse eu. «A cada safanão, eu inté pensava qu' o coração m'ia saltar pela boca», disse ele. «E os gritos qu' ele dav' às vezes, 'nha senhora... nem que me paguem uma fortuna, me quero ver noutra igual.» «Entendo perfeitamente», disse eu. «A coisa tá feia a valer», disse ele, «e vai levar muito tempo pra ficar bom.» «Também acho que sim», disse eu. Eu gosto de Mr. Barker... gosto *mesmo*. É um homem e tanto.

Paul continuava a pintar em silêncio.

– E já se sabe – continuou Mrs. Morel –, para um homem como o teu pai é muito duro estar no hospital. Para ele não há normas nem obrigações. E não deixa que ninguém lhe toque, a não ser que não tenha outro remédio. Quando esmagou os músculos da coxa, e tinha de mudar o penso quatro vezes por dia, ele deixava mais alguém mudar-lho a não ser eu ou a mãe dele?... Nem pensar nisso. Claro que agora vai sofrer no hospital, com todas aquelas enfermeiras... Não me agradou nada ter de o deixar lá ficar. Foi um dó de alma quando tive de lhe dar um beijo e vir-me embora...

Mrs. Morel falava com o filho quase como se estivesse a pensar em voz alta para ele

ouvir, e ele colaborava o melhor que podia, partilhando com ela o sofrimento, para a aliviar. Afinal, mesmo sem saber, ela partilhava quase tudo com ele.

Morel passou muito mal. Durante uma semana o seu estado foi crítico. Depois, começou a melhorar e, quando souberam que o mau tempo tinha passado, toda a família respirou de alívio e a vida seguiu feliz.

Não passaram grandes dificuldades enquanto Morel esteve internado. Recebiam catorze xelins por semana da mina, dez da assistência aos enfermos, e cinco do Fundo de Invalidez. Além disso, os capatazes traziam todas as semanas qualquer coisa a Mrs. Morel, cinco ou sete xelins, pelo que ela vivia com bastante desafogo. E enquanto Morel ia melhorando no hospital, em casa a família vivia em paz e alegria. Aos sábados e quartas-feiras, Mrs. Morel ia visitar o marido a Nottingham. No regresso trazia sempre qualquer lembrança para os filhos: um tubo de guache para Paul, outras vezes papel cavalinho; postais para Annie, de que toda a família usufruía durante dois ou três dias antes de a deixarem enviá-los a alguém; ou então uma serra para Arthur, ou um belo bocado de madeira. E depois contava animadamente as suas aventuras nos grandes armazéns. Não tardou que os empregados da loja de gravuras a ficassem a conhecer e soubessem tudo sobre Paul. A rapariga da livraria simpatizava até muito com ela. Mrs. Morel tinha histórias sem fim para contar quando voltava de Nottingham. Ficavam os três sentados até à hora de irem para a cama a ouvirem-na contar histórias, a meterem a sua colherada, a conversarem. Depois, era geralmente Paul quem abafava o borralho.

– Agora, sou o homem da casa – dizia ele à mãe, todo ufano. Descobriram como o lar podia ser um lugar de perfeita tranquilidade e, embora nenhum deles ousasse admitir tal desumanidade, quase lamentaram quando souberam que o pai não tardaria a voltar para casa.

Paul tinha agora catorze anos e andava à procura de um emprego. Era um rapaz baixo e franzino, de cabelo castanho-escuro e olhos azul-claros. O seu rosto já tinha perdido os traços arredondados da infância e parecia-se agora com o de William, mais duro, quase austero, e com extraordinária mobilidade. Em geral, parecia estar sempre atento, cheio de vida e de ternura; umas vezes, o seu sorriso, igualzinho ao da mãe, abria-se pronto e encantador; outras, quando algum obstáculo lhe travava o passo ao espírito, a expressão do seu rosto adquiria fealdade e estupidez. Era um daqueles rapazes que se portam como palhaços desajeitados quando não são compreendidos ou sentem que não lhes dão o justo valor, mas que, com igual rapidez se transformam em criaturas adoráveis à primeira prova de ternura.

O primeiro contacto com as coisas era sempre penoso para ele. Aos sete anos tivera de se sujeitar à tortura de entrar para a escola. Mas depois até gostava. E agora, sentindo que era chegada a hora de enfrentar a vida, atravessava crises de avassaladora timidez. Pintava com bastante talento e inteligência para a sua idade, e sabia um pouco de francês, alemão e matemática, coisas que Mr. Heaton lhe havia ensinado. Como a mãe dizia, não era suficientemente forte para o trabalho manual, e também não se interessava por fazer coisas com as suas próprias mãos, preferindo correr, passear pelos campos, ler ou pintar.

– Que queres ser na vida? – perguntava-lhe a mãe.

Não fazia a menor ideia. Teria gostado de continuar a pintar, mas isso nem lhe passou pela cabeça, pois era impossível. Não havia nada que lhe interessasse muito fazer. Mas agora era urgente que começasse a ganhar dinheiro. E, uma vez que não achava que o seu trabalho valesse muito em termos monetários, e sabia que um homem ganhava em qualquer emprego trinta ou trinta e cinco xelins por semana, respondia invariavelmente:

– Qualquer coisa.

– Isso não é resposta – dizia Mrs. Morel.

Mas era a única resposta verdadeira que ele podia dar. As suas ambições, em termos materiais, eram ganhar tranquilamente os seus trinta ou trinta e cinco xelins por semana algures perto de casa, e depois, quando o pai morresse, ter uma casinha no campo, onde viveria com a mãe feliz para sempre, a pintar e a passear o quanto lhe apetecesse. Por agora, era este o seu programa. Tinha-se porém em grande conta, julgando as outras pessoas em relação a si próprio e classificando-as impiedosamente. Às vezes, pensava que *talvez* pudesse vir a ser um pintor a sério, mas por enquanto não queria alimentar tal sonho.

– Então tens de procurar nos anúncios do jornal – disse a mãe.

Paul ficou a olhar para ela. Parecia-lhe nova humilhação e mais uma tortura a suportar. Mas não disse nada. Desde manhãzinha só tinha um pensamento a martelar-lhe na cabeça: «Tenho de ir ver os anúncios de empregos.»

Este pensamento ensombrou-lhe a manhã e matava-lhe a alegria de viver. Sentia o coração apertar-se-lhe num nó.

Por fim, às dez horas, lá foi ele. As pessoas consideravam-no um rapaz envergonhado, reservado. Ao subir a rua ensolarada, tinha a sensação de que todos os que encontrava iam pensar: «Lá vai ele para a sala de leitura da Cooperativa, para procurar um emprego no jornal. Não consegue arranjar nada. Acho que está a viver à custa da mãe.» Lá chegado, subiu furtivamente a escadaria de pedra por detrás da loja de tecidos e espreitou para a sala de leitura. Geralmente havia por lá uma ou duas pessoas: velhos desocupados, já sem préstimo, ou mineiros «de baixa». Entrou muito retraído, e ficou deveras aflito quando eles levantaram a cabeça; sentou-se à mesa e fingiu estar a passar os olhos pelas notícias. Sabia no que eles estavam a pensar: «O que fará um miúdo de treze anos numa sala de leitura, agarrado a um jornal?» E isso magoava-o.

Depois, pôs-se a olhar lá para fora, pensativo. E sentia-se já presa do industrialismo. Por cima do velho muro fronteiro de tijolo vermelho grandes girassóis miravam divertidos as mulheres que passavam apressadas, levando qualquer coisa para o almoço. O vale estava coberto de searas radiantes batidas pelo sol. Lá no meio, duas minas agitavam os seus finos penachos de vapor. Nas encostas distantes avistavam-se as florestas de Aldersley, tão cerradas e fascinantes. E logo o coração lhe esmoreceu. Sentia-se aprisionado. Chegara ao fim a vida em liberdade naquele vale que tanto amava.

A carroça da cerveja vinha de Keston estrada acima, carregada de barris – quatro de cada lado – apertados que nem feijões numa vagem. O carroceiro, encarrapitado no seu

trono e oscilando pesadamente no assento, não passou a grande distância dos olhos de Paul. O cabelo do homem, de cabeça pequena e fusiforme, estava quase todo branco, descorado pelo sol, e nos braços grossos e avermelhados, balouçando lassamente sobre o avental de estopa, cintilavam pêlos também brancos. A face afogueada reluzia, quase adormecida de tanto sol. Os cavalos, castanhos e elegantes, seguiam a seu bel-prazer, mostrando serem eles os senhores da situação.

Paul queria ser estúpido. «Quem me dera», pensou de si para si, «ser gordo como ele e passar a vida estirado ao sol como um cão. Quem me dera ser um porco e condutor duma carroça de cerveja.»

Depois, vendo a sala finalmente vazia, copiou rapidamente um anúncio para um bocado de papel, e depois outro, e saiu à socapa, sentindo-se imensamente aliviado. A mãe examinou os anúncios.

– Sim – disse ela. – Podes tentar.

William tinha mandado uma carta admiravelmente redigida em linguagem comercial e Paul copiou-a com algumas alterações. A caligrafia do rapaz era execrável, pelo que William, que fazia tudo bem feito, fervia de impaciência.

O irmão mais velho estava a ficar muito pretensioso, ao descobrir que em Londres se podia dar com homens de uma classe muito superior à dos seus amigos de Bestwood. Alguns dos seus colegas do escritório tinham estudado leis e estavam a fazer uma espécie de estágio. William, dado o seu feitio extrovertido, fazia sempre amigos por onde passava e não tardou que começasse a frequentar a casa de pessoas que, em Bestwood, teriam olhado com desdém para o inacessível gerente do banco local e tratado com indiferença o próprio pastor. Começou, por isso, a achar-se um homem importante e até se admirava da facilidade com que se tinha tornado um cavalheiro.

As cartas que escrevia à mãe ilustravam bem a satisfação que sentia.

«The Myrmidons

Limpsfield

Mater querida,

É uma da manhã. Imagine o seu filho a escrever-lhe sentado numa velha cadeira de carvalho, com um candeeiro eléctrico dos mais modernos à frente dele, em cima da mesa. Vestido a rigor, com os botões de punho que lhe ofereceu quando fez 21 anos e achando-se o melhor do mundo. Só queria que a mãe o pudesse ver. Em comparação, Salomão, em toda a sua glória, deve ter-se sentido mal vestido.

Estou a passar o fim-de-semana com o Loosemore, e aproveitei a oportunidade para lhe escrever. ...»

A mãe ficou contente de o ver tão satisfeito. O seu quarto em Walthamstow era tão deprimente. Mas agora as cartas do filho deixavam transparecer uma súbita febre de viver. Afectado por tantas e tão súbitas mudanças, não tinha os pés assentes na terra, e parecia deixar-se arrastar vertiginosamente pelo turbilhão da sua nova vida. A mãe temia por ele. Sentia que ele se estava a perder. Tinha ido a um baile, ido ao teatro, andado de barco no rio, saído com os amigos; mas ela sabia que, depois, tinha ficado até altas horas acordado no quarto gélido a estudar latim, pois queria subir no escritório e estudar leis o mais depressa possível. Agora, nunca mandava dinheiro à mãe. A sua nova vida levava-lhe o pouco que ganhava. Ela também não queria que ele lho mandasse, excepto às vezes, quando as dificuldades eram maiores e dez xelins teriam sido o suficiente para a tirar de apuros. Mas continuava a sonhar com o que o filho faria com ela a apoiá-lo. Nem por um segundo seria capaz de admitir toda a angústia que passava por causa dele.

Entretanto, William começara a falar muito numa rapariga que tinha conhecido num baile, uma morena muito bonita e muito nova, uma verdadeira senhora, por quem todos os homens andavam perdidos de amor.

«Duvido que te perdesse por ela, meu filho, se não visses todos os outros perdidos também. As multidões fazem-nos sentir seguros e vaidosos. Mas tem cuidado, e pensa como te sentirás quando te vires sozinho e triunfante...»

William ficou ofendido com os reparos da mãe e não desistiu dos seus intentos. Tinha levado a rapariga a dar um passeio no rio: «Se a mãe a visse, ia entender o que eu sinto. Alta, elegante, com uma pele transparente, a mais transparente de todas as peles de azeitona, cabelo negro de azeviche e uns olhos esverdeados tão brilhantes e trocistas como luzes reflectidas à noite sobre as águas. Admito que seja um pouco mordaz enquanto não a conhecer. E, além disso, veste-se como as mulheres mais elegantes de Londres. Devo dizer-lhe que, quando ela passeia em Piccadilly com o seu filho, ele, por mais que se esforce, não aparenta nem metade do orgulho que sente.»

Mrs. Morel lia e perguntava-se no seu íntimo, se o filho não andaria a passear em Piccadilly com uma mulher apenas elegante e bem vestida, em vez de uma mulher de quem se sentisse próximo. Mas felicitou-o, no seu modo reticente. E enquanto estava encostada ao tanque, a mãe, preocupada, pensava no filho. Via-o casado com uma mulher cara e elegante e um pequeno ordenado, levando a vida conforme podia, numa casa feia e acanhada dos subúrbios. «E daí...», pensava ela, «é por certo tolice minha... vontade de arranjar complicações.» No entanto, o seu coração raramente sossegava, não fosse William fazer alguma asneira.

Entretanto, Paul foi chamado para se apresentar numa firma de acessórios ortopédicos, a Thomas Jordan, em Nottingham, Spaniel Row, número 21. Mrs. Morel estava radiante.

– Estás a ver! – exclamou, de olhos brilhantes. – Só escreveste quatro cartas e recibes resposta logo à terceira. Tens sorte, meu filho, como eu sempre disse.

Paul olhou para a perna de pau adornada com meias elásticas e outros acessórios que constituía o logotipo do papel timbrado de Mr. Jordan, e ficou alarmado. Até aí nem sabia que existiam meias elásticas. Parecia-lhe sentir o mundo dos negócios com o seu sistema

de regras e valores e a sua impessoalidade, e isso atemorizava-o. Parecia-lhe também monstruoso que se pudesse fazer negócio com pernas de pau.

Numa bela terça-feira, manhã cedo, mãe e filho saíram juntos de casa. Era Agosto e o calor abrasava. Paul caminhava com o coração aperreado. Mil vezes a dor física, por maior que fosse, a este sofrimento irracional de se ver exposto perante estranhos, sujeito a ser aceite ou rejeitado. No entanto, conversava animadamente com a mãe. Jamais lhe confessaria o sofrimento que estas situações lhe causavam e de que ela só em parte suspeitava. Ia alegre como um passarinho. Postou-se diante da bilheteira, em Bestwood, e ficou a ver a mãe tirar o dinheiro para os bilhetes. Ao reparar nas luvas pretas que trazia, quase de criança e já muito velhas, com que retirou algumas moedas da carteira também coçada, o seu coração contraiu-se de dor e amor por ela. Ela estava muito excitada e bem-disposta, e ele sofria antecipadamente, pois sabia que ela se iria pôr a falar em voz alta diante dos outros passageiros.

– Olha para aquela vaca. Parece tola! A andar às voltas como se estivesse no circo.

– Deve ser algum moscardo – disse Paul, quase a bichanar.

– Algum quê? – perguntou ela, desabrida, sem complexos.

Depois, ficaram calados, pensativos. Paul não conseguia deixar de sentir a presença dela à sua frente. Nisto, os olhos de ambos encontraram-se e ela sorriu-lhe – um sorriso único, íntimo, belo e cintilante, cheio de amor. Em seguida, puseram-se a olhar pela vidraça. Mas ela voltou-se para ele de repente e disse, de forma bem audível:

– Sinceramente, acho que vais conseguir. E, se não conseguires, enfim, não te podes queixar só por não teres conseguido o *terceiro* emprego a que concorraste, pois não? Mas eu acho que consegues. És um rapaz de sorte, embora não a mereças – Assim falava ela, para todos ouvirem!

O comboio transpôs com lentidão as dezasseis milhas que os separavam do destino, e a viagem terminou. Mãe e filho meteram por Station Street com o entusiasmo de amantes a viver uma aventura. Em Carrington Street, pararam para contemplarem do parapeito as barcaças que passavam no canal.

– Parece mesmo Veneza – disse ele, vendo o sol reflectido na água entre os muros altos das fábricas.

– Talvez – respondeu ela, sorrindo. Ficaram deslumbrados com as lojas.

– Estás a ver aquela blusa? – disse ela. – Ficava mesmo bem à nossa Annie. E só custa uma libra, onze xelins e três dinheiros. Não é barato?

– E é toda bordada – disse o filho.

– É verdade.

Tinham ainda muito tempo, e por isso não precisavam de se apressar. Aos seus olhos, a cidade era estranha e fascinante. Mas o rapaz, apreensivo, era como se tivesse um nó no estômago. Apavorava-o a entrevista com Thomas Jordan.

Eram quase onze horas pelo relógio da igreja de São Pedro. Viraram para uma rua estreita que ia dar ao castelo. Era uma rua sombria, de casas velhas, com lojas baixas e soturnas e as portas dos prédios pintadas de verde-escuro, com grandes argolas de latão e degraus amarelo-ocre avançando sobre o passeio; ao lado, uma outra loja, de outros tempos, cuja montra diminuta parecia um olho astuto e semicerrado. Mãe e filho caminhavam devagar, olhando para as portas, à procura do letreiro *Thomas Jordan & Filho*. Era como caçar em plena coutada. A excitação atingia o auge.

De súbito, avistaram uma entrada ampla e escura, com os nomes de várias firmas afixados na parede e, entre eles, o da Thomas Jordan.

– É aqui – disse Mrs. Morel. – Mas... *onde* é que será?

Olharam em volta. De um lado, uma fábrica de papel, lúgubre e bizarra; do outro, o Commercial Hotel.

– É ali ao fundo – informou Paul.

Aventuraram-se pela arcada, como se penetrassem na bocarra de um dragão, indo desembocar num pátio amplo, semelhante a um poço, completamente rodeado de edifícios. O chão estava pejado de palha, caixas e cartões. O sol batia em cheio num caixote de onde saíam palhas que se espalhavam pelo chão como fios de ouro. Mas, fora isso, o lugar era escuro como uma mina. Havia várias portas e dois lanços de escadas. Mesmo em frente, numa porta suja e envidraçada, ao cimo da escada, ressaltavam as palavras fatídicas *Thomas Jordan & Filho – Acessórios Ortopédicos*. Mrs. Morel foi à frente, seguida pelo filho. Ao subir ao patíbulo, Carlos I tê-lo-á feito certamente com o coração mais leve do que Paul Morel ao subir atrás da mãe os degraus imundos que conduziam à tal porta também imunda.

Mrs. Morel empurrou a porta e ficou agradavelmente surpreendida. Diante dela estendia-se um imenso armazém com embalagens de papel pardo espalhadas por todo o lado, e os empregados, de mangas arregaçadas, movimentavam-se de um lado para o outro com um ar perfeitamente descontraído. A luz não feria a vista, as embalagens em papel brilhante tornavam-se luminosas, os balcões eram de madeira escura. A atmosfera era silenciosa e acolhedora. Mrs. Morel deu dois passos em frente e aguardou. Paul colocou-se atrás da mãe. Ela trazia o seu chapéu de domingo, com o véu preto descido sobre a cara, e ele a gola branca larga, que todos os rapazes usavam, e um fato de corte à caçador.

Um dos empregados olhou para eles. Era alto e magro, de rosto miúdo e olhar vivo e atento. Depois, os seus olhos percorreram a sala até à outra extremidade, onde se via um gabinete envidraçado; só então se aproximou. Não disse uma palavra, inclinou-se apenas perante Mrs. Morel, numa atitude prestável e interrogativa.

– Poderei falar com Mr. Jordan? – pediu ela.

– Vou já chamá-lo – respondeu o jovem.

Dirigiu-se ao gabinete envidraçado. Um homem idoso, de suíças brancas e faces coradas levantou os olhos da secretária. Paul achou-o parecido com um lulu da Pomerânia. Depois, o homenzinho atravessou o armazém para vir ao encontro deles. Tinha pernas curtas, era

atarracado e envergava um casaco de alpaca. E lá vinha ele, de orelha arrebitada, por assim dizer, com ar resoluto e olho inquiridor.

– Bom dia! – disse, hesitante, dirigindo-se a Mrs. Morel, sem saber se se tratava ou não de uma cliente.

– Bom dia... Vim com o meu filho... Paul Morel... O senhor pediu-lhe que se apresentasse esta manhã.

– Acompanhem-me – disse Mr. Jordan, com uma frieza e desenvoltura que ele acreditava serem apropriadamente empresariais.

Mãe e filho acompanharam o industrial e entraram numa salinha desarrumada, com cadeirões de couro negro e já muito lustroso de tanto ser usado pelos clientes. Em cima da mesa estava uma pilha de fundas para hérnias – umas bandas de couro amarelo, pré-lavado, atadas em molho. Pareciam novinhas em folha. Paul sentiu o cheiro a couro lavado e perguntou-se o que seriam aquelas coisas. Estava tão atordoado que só reparava no aspecto exterior do que o rodeava.

– Sente-se! – disse Mr. Jordan, ríspido, convidando Mrs. Morel a sentar-se numa cadeira de crina. Ela sentou-se à beirinha, numa posição instável. O homenzinho vasculhou então em cima da secretária e pegou numa folha de papel.

– Foste tu que escreveste esta carta? – desferiu ele, intempestivo, colocando diante dos olhos de Paul um papel que ele logo reconheceu como sendo a carta que mandara.

– Fui, sim – respondeu Paul.

De momento, o rapaz era dominado por dois sentimentos: em primeiro lugar, sentia-se culpado por estar a mentir, uma vez que a carta tinha sido escrita por William; e, em segundo, estranhava como a sua carta podia parecer tão diferente na mão avermelhada e sapuda daquele homem de quando estava em cima da mesa da cozinha. Era como se uma parte dele mesmo se tivesse transviado, e desagradava-lhe a maneira como o homem pegava na carta.

– Onde aprendeste a escrever? – disse o velho, com brusquidão.

Paul limitou-se a olhar para ele envergonhado, sem responder.

– Ele escreve muito mal – interrompeu Mrs. Morel, apologética, levantando o véu em seguida. Paul ficou furioso por a mãe não mostrar mais orgulho perante este homem tão comesinho, mas, ao mesmo tempo, adorou ver o seu rosto sem véu.

– E dizes que também sabes francês? – inquiriu o homenzinho, ríspido, como sempre.

– Sim – respondeu Paul.

– Em que escola andaste?

– Na primária.

– E foi lá que aprendeste?

– Não... eu... – o rapaz ruborizou, e não adiantou mais nada.

– Foi o padrinho que lhe deu umas lições – disse Mrs. Morel, quase numa súplica, e com ar distante.

Mr. Jordan hesitou. E, então, mantendo o seu ar agressivo – parecia ter as mãos sempre prontas a agir – tirou do bolso uma outra folha de papel, desdobrou-a ruidosamente e entregou-a a Paul.

– Ora lê lá isto – disse.

Era uma carta em francês, escrita à mão, numa caligrafia estrangeira, esguia e incerta, que o rapaz não conseguia decifrar. Paul ficou parado a olhar para o papel, como se hipnotizado.

– «*Monsieur*» – começou ele, olhando em seguida muito aflito para Mr. Jordan.

– É a... é a...

Queria dizer «letra», mas já nem esta palavra conseguia pronunciar. Sentindo-se um perfeito idiota, e furioso com Mr. Jordan, voltou-se em desespero para o papel.

– «Exmo. Senhor... Queira fazer o favor de me enviar»... hum... hum... não consigo perceber a... hum... «dois pares... *gris fil bas*... de meias cinzentas de algodão... hum... hum... *sans*... sem...» hum... não consigo perceber a... hum... «*doigts*... dedos»... hum... não consigo perceber a...

Queria dizer «letra», mas a palavra teimava em não sair. Vendo-o atrapalhado, Mr. Jordan tirou-lhe o papel da mão e leu:

– «Queira fazer o favor de me enviar na volta do correio dois pares de meias cinzentas de algodão, sem os *dedos dos pés*...»

– Bem – atalhou Paul prontamente – *doigts* quer dizer apenas *dedos*... duma maneira geral...

O homenzinho olhou para ele. Tanto se lhe dava que *doigts* quisesse ou não dizer simplesmente *dedos*, o que ele sabia era que, para os fins em vista, queria dizer *dedos dos pés*.

– Só *dedos*, podia ser *das mãos*; com que então, dedos das mãos numas meias?! – ripostou Mr. Jordan.

– Bem, a palavra francesa quer mesmo dizer *só* dedos – teimava o rapaz.

Paul detestava aquele homenzinho que tentava fazer dele parvo. E Mr. Jordan olhava para aquele rapaz pálido, estúpido e atrevido à sua frente, sentado, muito calado, com aquele ar reservado dos pobres que têm de depender dos favores de outras pessoas.

– Quando é que ele pode começar a trabalhar? – perguntou o industrial.

– Bem... – disse Mrs. Morel –, quando o senhor desejar. Ele já deixou a escola.

– E vai continuar a viver em Bestwood?

– Sim... mas pode estar... chegar à estação... a um quarto para as oito...

– Hum!

Paul acabou por ser contratado como aspirante, a ganhar oito xelins por semana. O rapaz não abriu mais a boca depois de teimar que *doigts* era mesmo *dedos* (*das mãos*). Saiu atrás da mãe e desceu as escadas. Mrs. Morel olhou para ele com os seus olhos azuis iluminados de amor e contentamento.

– Acho que vais gostar do emprego – vaticinou.

– *Doigts* quer dizer só *dedos*, mãe... e com aquela letra... Eu não percebia a letra.

– Não te preocupes, meu filho... Verás que ele é boa pessoa, e, além disso, não vais ter de contactar muito com ele... Não achaste simpático aquele empregado mais novo?... Tenho a certeza de que vais gostar dos teus colegas.

– Mas a mãe não achou Mr. Jordan um homem grosseiro? Será ele o dono daquilo tudo?

– Cá para mim, começou por ser operário e depois singrou na vida – disse Mrs. Morel. – Não debes dar tanta importância às pessoas. Elas não te querem ofender... é a maneira de falarem... estás sempre a pensar que as pessoas te querem ofender... mas olha que não querem.

Estava um dia cheio de sol. No grande largo deserto do mercado, o céu azul iluminava-se e as pedras de granito da calçada brilhavam cintilantes. As lojas de Long Row estavam mergulhadas na penumbra e a sombra enchia-se de cor. No sítio onde os trens puxados a cavalos atravessavam o mercado, erguia-se uma fiada de bancas de fruta, com os frutos luzindo ao sol – maçãs e montes de laranjas avermelhadas, rainhas-cláudias e bananas. Quando mãe e filho passaram, sentiram no ar o odor morno da fruta. A pouco e pouco, os sentimentos de raiva e ignomínia de Paul foram soçobrando.

– Onde havemos de ir almoçar? – perguntou a mãe.

– E se comprássemos qualquer coisa e fôssemos comer para o Arboretum?

– Não. Nada disso.

– Então vamos ao Morley.

– O chá que lá servem é requentado. Não... tu conseguiste o emprego... vamos fazer uma refeição como deve ser.

Aquilo era para eles uma verdadeira extravagância. Paul só tinha ido a uma casa de pasto uma ou duas vezes na vida, e, mesmo assim, só para tomar chá e um pãozinho. A maior parte dos habitantes de Bestwood achavam que a única coisa para que tinham dinheiro quando iam a Nottingham era chá e pão com manteiga, ou, quando muito, carne afiambrada. Uma refeição cozinhada era um autêntico luxo, e Paul sentia-se até culpado. Encontraram um lugar que lhes pareceu bastante acessível. Porém, quando Mrs. Morel consultou a lista, caiu-lhe a alma aos pés, tal era o preço dos pratos. Mandou vir, por isso, empadas de rim e batata, que era o mais barato.

– Não devíamos ter vindo aqui, mãe – disse Paul.

– Deixa lá – respondeu ela. – Nunca mais cá voltamos.

Depois insistiu para que o filho, que era guloso, comesse uma pequena torta de mirtilos.

– Não quero, mãe – disse ele.

– Queres, sim – teimou a mãe. – Claro que queres.

E pôs-se a ver se chamava a criada. Mas a criada andava toda atarefada e Mrs. Morel não a quis importunar nesse momento, pelo que ficaram os dois à espera de que a rapariga se dignasse atendê-los, enquanto ela andava por ali a cirandar, fazendo olhinhos aos clientes.

– Que desavergonhada! – disse Mrs. Morel, virando-se para Paul. – Olha para ela, a servir pudim àquele homem, e ele chegou muito depois de nós.

– Não tem importância, mãe – disse Paul.

Mrs. Morel estava irritada, mas era pobre de mais e a refeição demasiado modesta para ter a coragem de reclamar os seus direitos imediatamente. E, assim, fartaram-se de esperar.

– Vamos embora, mãe? – sugeriu Paul. Mrs. Morel levantou-se. A rapariga ia a passar.

– Trazia-nos uma torta de mirtilos, por favor? – disse Mrs. Morel em voz suficientemente audível.

Mas a rapariga virou-se e olhou para ela com insolência.

– É para já – retorquiu.

– É que já esperámos um bom bocado – disse Mrs. Morel. A rapariga não tardou com a torta. Mrs. Morel pediu a conta secamente.

Paul tinha vontade de se enfiar pelo chão dentro. Pasmava perante a dureza da mãe. Sabia que haviam sido anos e anos de luta que a tinham ensinado a reclamar os seus direitos, por mais insignificantes que fossem, pois ela era tão tímida como ele.

– É a última vez que *ali* vou para comer seja o que for! – exclamou ela, já na rua, satisfeita por se ver livre daquele pesadelo.

– Vamos dar uma vista de olhos ao Keep's e ao Boot's, e a mais um ou dois armazéns, está bem?

Teceram comentários sobre as gravuras expostas para venda, e Mrs. Morel queria por força comprar ao filho um pequeno pincel de pêlo de marta, com que ele andava a sonhar, mas Paul recusou liminarmente mais esta generosidade, e foi esperando por ela estoicamente à porta dos fanqueiros e dos retroseiros, morto de tédio, mas feliz por ver a mãe tão entretida. E o passeio continuou.

– Veja só aquelas uvas pretas! – disse Paul. – Até fazem crescer água na boca... Há anos que ando desejoso de prová-las, mas ainda vou ter de esperar algum tempo para as poder comprar.

A mãe parou deliciada à porta da florista, a aspirar os aromas.

– Oh!... Oh!... Não é simplesmente uma maravilha?

Apesar de a loja estar na penumbra, Paul vislumbrou uma jovem elegante, vestida de preto, a espreitar por detrás do balcão, com ar divertido.

– Estão a olhar para si – disse Paul, tentando arrastar a mãe dali para fora.

– Mas... o que é *aquilo*? – exclamou ela, recusando-se a sair de onde estava.

– Goivos! – respondeu ele, cheirando o ar apressadamente. – Veja, têm um alguidar cheio.

– Pois têm... vermelhos e brancos!... Esta agora... nunca reparei que os goivos pudessem cheirar assim! – E, para grande alívio do rapaz, a mãe saiu da porta, mas só para se ir pôr diante da montra.

– Paul! – exclamou ela, virando-se para o filho, que tentava esquivar-se ao olhar da tal jovem elegante toda de preto, a empregada da loja. – Paul! Anda ver isto!

Ele aproximou-se relutante.

– Olha aqueles brincos-de-princesa! – disse ela, apontando.

– Humm! – fez ele, mostrando-se interessado. – Parece que as flores vão cair a todo o momento; são tão grandes e tão pesadas.

– E tantas! – exclamou a mãe.

– E já viu a maneira como se inclinam, com os filamentos e os nódulos...?

– Pois é! – disse ela. – São lindas!

– Sempre gostava de saber quem será que as vai comprar? – disse ele.

– Não faço ideia! – respondeu ela. – Nós não somos.

– Na nossa sala morriam logo.

– É, aquele buraco horrível, gélido e sem réstia de sol... mata qualquer planta que lá se ponha... e a cozinha atabafa-as.

Fizeram algumas compras e seguiram para a estação. Olhando ao longo do canal, pelos intervalos sombrios dos edifícios, avistaram o castelo, alcandorado no seu promontório negro coberto de vegetação, miraculosamente iluminado por um sol suave e radioso.

Vai ser tão bom vir dar um passeio à hora do almoço! – disse Paul. – Posso andar por aqui e ver tudo isto. Vou adorar.

– Vais, sim, meu filho – concordou a mãe.

Paul tinha passado uma tarde agradabilíssima em companhia da mãe. Chegaram a casa já a tarde esmorecia, feliz, ardente, e também cansada. Na manhã seguinte, o rapaz preencheu a requisição para o passe de comboio e levou-a à estação. Quando voltou, estava a mãe a começar a lavar o chão. Ele sentou-se com as pernas cruzadas em cima do sofá.

– O homem diz que o passe chega no sábado.

– E quanto custa? – perguntou ela.

– Mais ou menos uma libra e onze xelins.

A mãe continuou a lavar o chão em silêncio.

– Acha caro? – perguntou Paul.

– Não mais do que eu pensava – respondeu ela.

– E eu vou ganhar oito xelins por semana... – disse ele.

A mãe não respondeu, continuando com o seu trabalho. Por fim, disse:

– O William prometeu-me, quando foi para Londres, que me mandava uma libra por mês. E só me mandou dez xelins... por duas vezes. E sei que agora não tinha um tostão, se eu lho pedisse. Não que eu queira o dinheiro dele, mas nesta altura ficava-lhe bem dar uma ajuda para o passe, embora eu não esteja a contar com isso.

– Ele ganha muito bem – disse Paul.

– Cento e trinta libras. Mas os filhos são todos iguais. Uns mãos largas nas promessas, mas quando se trata de as cumprirem... é o que se vê.

– O William gasta mais de cinquenta xelins por semana só com ele – disse Paul.

– E eu mantenho esta casa com menos de trinta – retorquiu a mãe. – E ainda tenho de inventar o dinheiro para os extras. Mas eles, depois de saírem de casa, querem lá saber de ajudar a mãe. Mais depressa o gastava com aquela doidivanas toda aperaltada.

– Ela há-de ter dinheiro, se é assim tão fina – disse Paul.

– Pois havia, mas não tem. Eu já lhe perguntei... E eu sei bem que ele não lhe compra uma pulseira de ouro sem razão. A *mim* nunca ninguém me comprou uma pulseira de ouro.

– Ora, a mãe também nunca quis nenhuma.

– Lá isso é verdade... Mas, se quisesse, era o mesmo.

– O pai nunca lhe comprou nada?

– Comprou... um cartucho de maçãs... e foi tudo... todo o dinheiro que gastou comigo, antes de nos casarmos.

– Porquê?

– Porque eu era uma parva, e quando ele me dizia: «O que queres qu'eu te compre?», eu respondia: «Nada.» Ele lembrava-se lá de me trazer alguma coisa! E o William só ia comprar uma pulseira de ouro para uma espertalhona cheia de nove horas.

– Aposto que ela já tem muitas – disse o rapaz.

– Tem muitas, dizes tu? Mas ele também tinha de lhe dar uma, para parecer importante. Ele quer lá saber! Eu pude sustentá-lo enquanto ele ganhava uma miséria, mas depois, mal ele se apanha com dinheiro que se veja, e a gente pensa que vai ter um pouco de paz e

segurança, ele desanda, e lá começa a luta de novo, sem ter a quem recorrer quando é preciso alguma coisa, sem ninguém que nos estenda a mão.

– A mãe devia pedir-lho.

– E depois ele tinha de o ir pedir emprestado. Isso também eu faço, se tivermos de chegar aí. Tenho a certeza, de que não vou ter de lhe ficar a dever favores. E ele não precisa de me escrever a gabar-lhe os encantos e a falar das óperas a que vão assistir. Nem quero saber. Ele importa-se lá comigo... Eles querem lá saber! Têm a vida deles para viver, fazem o que lhes apetece, e eu... sim... o que represento eu para ele?... Um estorvo nunca hei-de ser, nem lhe hei-de pedir nada... E espero que o teu pai viva muito tempo, e que seja eu a ir à frente, pois é muito triste ter de viver à custa dos filhos.

– Oh, mãe... não tarda, eu começo a ganhar dinheiro, e a mãe pode ficar com tudo, porque eu nunca me hei-de casar.

– Essa já é velha, o William também dizia o mesmo. Dá tempo ao tempo e vais ver como a música é outra.

– Não vai ser, não.

– Então está bem.

E continuou a lavar o chão, em silêncio.

– Que vai fazer? – perguntou Paul.

– Acho que vou ter de meter um vale na Cooperativa... e isso vai sair da minha parte e vou receber menos dividendos. Não me apetece nada ir lá buscar mais dinheiro outra vez.

O rapaz sentia-se muito infeliz, muito aborrecido. Era ele que precisava do dinheiro, e isso deixava-o amargurado.

– Bem – disse Paul –, em breve serei aumentado, e a mãe pode ficar com o dinheiro todo.

– Tudo isso é muito bonito – disse a mãe. – Mas não é assim que arranjo uma libra e trinta xelins até sábado de manhã.

William fazia progressos com a sua Cigana, como ele lhe chamava. Pedira à rapariga – uma tal Louisa Lily Denys Western – uma fotografia para mandar à mãe. A fotografia chegou: era uma morena bonita, de perfil, com um sorriso afectado, e que bem podia estar completamente nua, pois não se vislumbrava qualquer peça de roupa no retrato, só o colo desnudo.

«Sim senhor», escreveu Mrs. Morel ao filho, «a fotografia da Louie é deveras impressionante e vê-se que deve ser muito atraente. Mas achas, meu filho, que foi sensato e elegante da parte dela dar ao namorado aquela foto para ele mandar à mãe, e pela primeira vez? Tem uns ombros lindos, sem dúvida, como mandaste dizer. Mas eu não estava à espera de os ver tão bem logo da primeira vez...»

Morel encontrou a fotografia na sala, em cima da cómoda, e veio até à cozinha com ela presa entre o polegar e o indicador.

– Quem vem a ser esta? – perguntou ele à mulher.

– É a rapariga com quem o nosso William anda de namoro – respondeu Mrs. Morel.

– Hum! Ganda brasa, pelo menos parece... e num lhá-de fazer bem nenhum... Quem é ela?

– Chama-se Louisa Lily Denys Western.

– Muito prazer! – exclamou o mineiro. – É alguma artista?

– Não, não é. Ele diz que é uma senhora da sociedade.

– Não hajam dúvidas – exclamou o pai, sem tirar os olhos da fotografia. – Com qu'intão uma senhora? E há-de ter muito dinheiro, pra manter as aparências.

– Não tem, não... vive com uma tia velha, que ela detesta, e aceita tudo o que lhe dão.

– Hum! – disse Morel, pousando a fotografia. – Atão ele foi um gand'otário em ter-se metido c'uma tipa dessas.

«Querida Mater», respondeu William. «Lamento que não tenha gostado da fotografia. Nunca me passou pela cabeça, quando lha mandei, que pudesse achá-la pouco decente. Mas já disse à Ciganita que o retrato não correspondia exactamente à sua noção de decoro e decência, e ela vai mandar-lhe outro, que eu espero lhe agrade mais. Ela está sempre a ser fotografada. Na verdade, os fotógrafos estão sempre a *pedir-lhe* insistentemente para ela se deixar fotografar, absolutamente de graça.»

A nova fotografia acabou por chegar, acompanhada de um bilhete idiota da rapariga. Desta vez, a jovem estava com um ves-tido de noite em cetim preto, de decote quadrado, com mangas curtas e tufadas e folhos de renda preta cobrindo-lhe os braços elegantes.

– Será que só usa vestidos de noite? – disse Mrs. Morel, sarcasticamente. – Tenho a certeza de que eu *devia* estar impressionada.

– Está a *ser* antipática, mãe – disse Paul. – Eu acho a primeira fotografia, a dos ombros nus, bem bonita.

– Achas? – disse Mrs. Morel. – Pois olha, eu não.

Na segunda-feira de manhã, o rapaz levantou-se às seis horas, para começar a trabalhar. No bolso do colete levava o passe do comboio que tanta amargura representava. Gostava de olhar para ele, todo às riscas amarelas. A mãe metera-lhe o almoço num cestinho de verga com tampa, e ele saiu de casa quando faltava um quarto para as sete, para apanhar o comboio das sete e um quarto. Mrs. Morel veio despedir-se do filho ao portão.

A manhã estava imaculada. Do grande freixo, pendiam os frutos verdes e delgados – as crianças chamavam-lhes «pombinhos» – cintilando alegremente, soprados pela brisa matinal, suspensos sobre os jardins das vivendas. O vale estava coberto de uma névoa escura, mas brilhante, através da qual luziam as searas já maduras, e em contacto com a qual logo se condensava o vapor que se elevava da mina de Minton. De quando em vez, o vento passava em baforadas. Paul espraizou a vista para lá das altas florestas de Aldersley, onde os campos brilhavam imensos, e nunca o apelo do lar fora tão forte.

– Adeus, mãe – disse ele, sorrindo, mas com a alma entristecida.

– Adeus – respondeu ela, com alegria e ternura na voz.

Mrs. Morel ficou parada na estrada, com o seu avental branco, vendo o filho atravessar os campos. Era um rapaz baixo e robusto, cheio de vida. Ao vê-lo caminhar pelos campos fora, sentiu que ele seria capaz de chegar onde quisesse. Pensou no William. Esse teria saltado a cerca em vez de passar pela cancela. Esse estava em Londres a viver à grande. E agora Paul ia trabalhar para Nottingham. Tinha dois filhos lançados no mundo. Podia pensar em dois lugares, dois grandes centros industriais, e sentir que tinha posto um homem em cada um, e que esses homens seriam capazes de conseguir tudo o que *ela* ambicionava; provinham dela, eram parte dela, e as suas vitórias seriam também as dela. Durante toda a manhã só pensou em Paul.

Às oito horas, Paul subiu as escadas lúgubres da Fábrica de Acessórios Ortopédicos Jordan e deteve-se timidamente junto da primeira prateleira que encontrou cheia de embalagens, à espera de que alguém viesse ao seu encontro. O lugar ainda não tinha acordado. Os balcões estavam cobertos de espessas camadas de poeira. Ainda só tinham chegado dois funcionários. Paul ouvia-os conversar a um canto, enquanto tiravam os casacos e arregaçavam as mangas da camisa. Eram oito e dez. A pontualidade não era evidentemente a preocupação dominante no local. Paul continuou a ouvir as vozes dos dois funcionários. Depois, ouviu alguém tossir e viu no gabinete ao fundo do armazém um empregado já velho e caduco, com um bonezinho redondo de veludo preto bordado a verde e vermelho, a abrir cartas. Paul continuou à espera.

Um dos empregados mais novos dirigiu-se ao velhote e cumprimentou-o efusivamente e em voz muito alta. Estava visto que o velho «chefe» era surdo. A seguir, o jovem voltou para o seu balcão com passo arrogante. A certa altura reparou em Paul.

– Olá! – disse ele. – És o novo rapaz?

– Sou – respondeu Paul.

– Hum! Como te chamas?

– Paul Morel.

– Paul Morel?... Está bem. Vem comigo.

Paul, sempre atrás dele, contornou o balcão quadrangular. A sala onde estava ficava no segundo andar. Tinha um grande buraco no meio do chão, rodeado por um muro de balcões, e era por essa abertura que subiam e desciam os elevadores e passava a luz para o andar de baixo. No tecto, na mesma direcção, havia também um buraco oblongo, e, olhando para cima, podiam ver-se algumas máquinas para lá da cercadura de protecção do andar superior; e, logo por cima, uma clarabóia por onde entrava a luz para os três andares, tornando-se cada vez mais fraca à medida que se descia mais fundo, o que deixava o rés-do-chão às escuras e o primeiro andar na penumbra. A fábrica estava instalada no último andar, o armazém no segundo e a arrecadação no rés-do-chão. O lugar era velho e insalubre.

Paul foi levado para um canto muito escuro.

– Aqui é a secção Espiral – disse o empregado. – Tu fazes a Espiral com o Pappleworth. É ele o teu chefe, mas ainda não veio. Só chega lá para as oito e meia. Por isso, se quiseres, podes ir buscar as cartas a Mr. Melling, ali adiante.

E o jovem apontou para o tal velho do gabinete do fundo.

– Está bem – disse Paul.

– Está aqui uma escápula para pendurares o boné... e aqui tens os livros de registo da correspondência. Mr. Pappleworth já não deve demorar.

E o jovem, muito magro, afastou-se altaneiro, com grandes passadas desenvoltas, que ressoavam secas no soalho.

Passados um ou dois minutos, Paul parou à porta do gabinete envidraçado. O velho funcionário, com o seu bonezinho, olhou-o por cima dos óculos.

– Ora muito bom dia – disse, afável e enfático. – Queres as cartas para leares para a Espiral, não é, Thomas?

Paul não gostou que ele lhe chamasse Thomas, mas pegou nas cartas e voltou para o seu recanto escuro, onde o balcão dobrava em ângulo, onde acabava a prateleira das embalagens, e onde, mesmo ao canto, se abriam três portas. Paul sentou-se num banco alto e começou a ler as cartas, pelo menos, aquelas cuja letra era mais legível. Diziam o seguinte:

«Queira enviar-me por favor, com a máxima urgência, um par de meias de seda Espiral para senhora, sem pé, idênticas às que me enviou o ano passado... altura... da anca ao tornozelo... etc.»

Ou então: «O Major Chamberlain deseja renovar o anterior pedido de uma ligadura suspensória em seda, não elástica.»

Muitas destas cartas, algumas delas em francês ou norueguês, eram um quebra-cabeças para o rapaz, que aguardava ansioso, sentado no banco, a chegada do «chefe». Às oito e meia, sofreu um ataque de timidez quando as raparigas do andar de cima passaram por ele a correr.

Mr. Pappleworth apareceu por volta das vinte para as nove, a mastigar uma pastilha elástica de mentol, quando já todos estavam a trabalhar. Era um homem magro e pálido, de nariz vermelho e gestos rápidos e peremptórios, trajando com austera elegância. Devia andar pelos trinta e seis anos e havia nele algo de canino, garboso, brincalhão e astuto, afectuoso talvez, mas simultaneamente algo de ligeiramente desprezível.

– És o meu novo ajudante? – perguntou. Paul pôs-se de pé e disse que sim.

– Foste buscar as cartas?

Mr. Pappleworth continuou a mastigar a pastilha.

– Sim.

– Copiaste-as?

– Não.

– Então anda cá, vamos pôr-te operacional. Já trocaste de casaco?

– Não.

– O melhor é trazeres um casaco velho e guardá-lo aí.

As últimas palavras foram pronunciadas com a pastilha apertada de lado, entre os queixais. Desapareceu na penumbra, por detrás da enorme prateleira das embalagens, e reapareceu já sem casaco, com uma elegante camisa às riscas com os punhos dobrados, deixando a descoberto uns braços magros e peludos. Depois, enfiou o outro casaco. Paul reparou na magreza deste homem e em como as calças faziam pregas no traseiro. Pegou num banco, puxou-o para junto do rapaz e sentou-se.

– Senta-te – disse o homem. Paul sentou-se. Mr. Pappleworth estava muito próximo dele. Pegou nas cartas, tirou um livro comprido, de registos, da prateleira em frente, abriu-o, pegou numa caneta e disse:

– Agora, presta atenção... Vais copiar estas cartas para aqui.

Fungou duas vezes, deu uma mastigadela na pastilha, olhou demoradamente para uma carta, ficou pensativo e deu entrada da carta rapidamente, numa caligrafia bonita e floreada. Depois, olhou de relance para Paul.

– Estás a ver?

– Estou.

– Achas que consegues fazer o mesmo... e bem feito?

– Acho que sim.

– Então, está bem... vamos lá a ver.

Saltou para o chão. Paul pegou numa caneta. Mr. Pappleworth desapareceu. Paul gostava bastante de copiar cartas, mas escrevia devagar, laboriosamente, e muito mal. Ia ele na sua quarta carta, todo feliz e atarefado, quando Mr. Pappleworth voltou.

– Ora vejamos... que tal vai isso... já 'cabaste?

Debruçou-se sobre o ombro do rapaz, sem parar de mastigar e a cheirar a mentol.

– Diabos me levem, rapaz... Mas que belo escritor que tu me saíste! – exclamou ele, trocista. – Não te rales, quantas já fizeste? Só três! Eu tinh'até tido tempo de sobra pràs comer. Continua, miúdo, e numera-as... assim, tás a ver? Continua!

Paul não largava as cartas, enquanto Mr. Pappleworth tratava de outros assuntos. Nisto, soou um apito agudo mesmo junto ao ouvido dele, e o rapaz assustou-se. Mr. Pappleworth aproximou-se, tirou um tampão de dentro de um tubo e disse, numa voz inesperadamente agreste e autoritária:

– Sim!

Paul ouviu uma voz sumida, provavelmente de mulher, a sair pelo tubo. Ficou

embasbacado, pois nunca tinha visto um tubo falante.

– Bem – disse Mr. Pappleworth, num tom agastado, falando para o tubo – nesse caso, o melhor é fazer algum do trabalho em atraso.

De novo a voz aguda da mulher se fez ouvir, com um timbre bonito, mas zangado.

– Não tenho tempo para estar aqui a ouvi-la tagarelar – disse Mr. Pappleworth, e em seguida tapou o tubo.

– Vá, miúdo, despacha-te – disse ele, suplicante, virando-se para Paul. – Era a Polly aos gritos, quer as encomendas. Não consegues andar um bocadinho mais depressa? Vá... sai daí.

Pegou no livro, para imenso desgosto de Paul, e começou ele mesmo a escrever. Fazia-o depressa e bem. Uma vez terminadas as cópias, pegou numas tiras compridas de papel amarelo, com cerca de sete centímetros de largura, e preencheu as encomendas para enviar às operárias.

– É melhor prestares atenção – disse ele a Paul, sem se interromper. Paul olhou para aqueles estranhos desenhos de pernas, coxas e tornozelos, cheios de traços e números, e algumas instruções, com que o chefe preenchia as tiras amarelas. Quando acabou, Mr. Pappleworth saltou do banco.

– Vem comigo – disse ele, e, de papéis amarelos a esvoaçar na mão, desapareceu por uma porta e desceu uma escada em direcção à cave, onde ardia uma lamparina de gás. Atravessaram a arrecadação húmida e fria, depois uma sala comprida e lúgubre com uma mesa enorme assente sobre cavaletes e entraram numa sala mais pequena e acolhedora, de tectos não muito altos, que tinha sido construída como anexo do edifício principal. Nesta sala estava uma mulher de pequena estatura, com uma blusa de sarja vermelha e cabelo preto apanhado ao alto num carrapito, em atitude expectante, de galarote.

– Cá tão elas – disse Pappleworth.

– Eu penso que será «Cá estão elas»! – exclamou Polly. – As raparigas estiveram aqui à espera quase meia hora. Pense só no tempo que se perdeu!

– *Pense* mas é em fazer o seu trabalho e falar menos – disse Mr. Pappleworth. – Podia ter despachado outras coisas.

– Sabe muito bem que despachámos tudo no sábado – gritou Polly, avançando para ele faiscante.

– Blá-blá-blá! – arremedou-a o homem. – Aqui tem o seu novo ajudante. Não dê cabo deste como deu do outro.

– Como nós demos do outro! – repetiu Polly. – Pois é, nós damos cabo de muita coisa, olá se damos. Também lhe digo que qualquer rapaz *tinha* de ficar estragado depois de estar ao pé de si.

– Vá, vá... agora é hora de trabalhar, não de conversar – disse Mr. Pappleworth num tom seco e severo.

– Também há pouco era – disse Polly, afastando-se de cabeça bem erguida. Tinha um corpo pequeno e escoreito, de quarenta anos.

Na dita sala havia duas máquinas redondas, espiraladas, em cima do poial da janela. Na sala ao lado, que comunicava com a primeira e era mais comprida, havia outras seis máquinas. Algumas raparigas dignamente vestidas e de aventais brancos conversavam umas com as outras, formando um pequeno grupo.

Não têm mais nada para fazer? – disse Mr. Pappleworth.

– Só esperar por si – disse uma delas, bem bonita, rindo com gosto.

– Bom, toca a trabalhar, toca a trabalhar – disse ele. – Anda, miúdo. Da próxima vez, já sabes o caminho.

Paul correu escada acima atrás do chefe. Mandaram-no conferir algumas facturas e fazer outras. Ele arrimou-se à secretária, esforçando-se por cumprir a tarefa na sua caligrafia execrável. Nisto, Mr. Jordan aproximou-se, vindo do gabinete envidraçado, e, para grande atrapalhão de Paul, veio pôr-se mesmo por detrás dele. Subitamente, um dedo gordo e vermelho espetou-se sobre o documento que ele estava a preencher.

– *Mr. J. A. Bates, Esquire!* – bradou uma voz irada, junto ao seu ouvido.

Paul olhou para o «Mr. J. A. Bates Esquire» escrito na sua letra tortuosa, e perguntou-se o que estaria mal agora.

– Não te ensinaram a fazer como deve ser, enquanto andavas na escola? Se se põe «Mr.», não se põe «Esquire»... um homem não pode ser as duas coisas ao mesmo tempo.

O rapaz, lamentando a sua prodigalidade no modo como esbanjava títulos, hesitou e, com dedos trémulos, apagou a palavra «Mr.». Mas logo Mr. Jordan lhe arrancou a factura das mãos.

– Faz outra! Ou vais mandar *isto* a um cavalheiro? – E rasgou a factura azul, irritadíssimo.

Paul recomeçou, com as orelhas a arder de vergonha, sob o olhar atento de Mr. Jordan.

– Não sei o que é que eles vos ensinam na escola. Devias escrever muito melhor do que isso. Hoje em dia, os miúdos não aprendem nada a não ser recitar poesia e tocar violino... Já viu a letra dele? – perguntou Mr. Jordan a Mr. Pappleworth.

– Já... é de primeira... não é? – respondeu Mr. Pappleworth com indiferença. – Mas ele vai aprender.

Mr. Jordan resmungou qualquer coisa desagradável. Paul percebeu que o patrão ladrava mais do que mordia. Na verdade, o pequeno fabricante era suficientemente cavalheiresco, apesar do seu mau inglês, para deixar os empregados à vontade e não se prender com ninharias. Mas tinha consciência de não ter aspecto de ser o dono e senhor de tudo aquilo, e via-se por isso forçado a desempenhar o seu papel de vilão, para repor as coisas nos seus devidos lugares.

– Ora vamos lá a ver, como é que te chamas? – perguntou Mr. Pappleworth ao rapaz.

– Paul Morel.

É curioso o que as crianças sofrem para pronunciarem os seus nomes.

– Com que então, Paul Morel! Muito bem, vá, Paul Morel, toca a acabar essa coisa, e depois...

Mr. Pappleworth sentou-se num banco e começou a escrever. Uma rapariga entrou por uma porta mesmo atrás dele, depositou em cima do balcão uns artigos de malha elástica acabados de passar a ferro e voltou a sair. Mr. Pappleworth pegou na joelheira azul claro, examinou-a, confrontou-a rapidamente com a nota de encomenda amarela e pô-la de parte. Ao lado estava uma «perna» rosada, cor de carne. Conferiu os vários artigos, preencheu algumas notas de encomenda e disse a Paul que o acompanhasse. Desta vez, saíram pela porta por onde a rapariga tinha entrado. Paul viu-se no cimo de um pequeno lanço de escadas, e em baixo viu uma sala com janelas em duas das paredes e, no extremo oposto, meia dúzia de raparigas sentadas, curvadas sobre si mesmas, a costurarem à luz das janelas e a cantarem em coro, «Duas Meninas Vestidas de Azul». Ao ouvirem a porta abrir-se, todas se voltaram e viram Mr. Pappleworth e Paul a olharem para elas do outro lado da sala. Pararam de cantar imediatamente.

– Não podem fazer menos barulho? – disse Mr. Pappleworth. – As pessoas hão-de pensar que temos a casa cheia de gatas.

Uma mulher corcunda, sentada num banco alto, voltou para Mr. Pappleworth a cara comprida e circunspecta, e disse com voz de contralto:

– Só se esses forem gatos.

Mr. Pappleworth em vão tentou causar efeito para impressionar Paul. Desceu as escadas até à sala de acabamentos e dirigiu-se à corcunda, uma tal Fanny. O seu corpo era tão pequeno, empoleirado no alto do banco, que a cabeça, com grandes bandós de cabelo castanho-claro, parecia excessivamente grande, tal como o rosto, pálido e grave. Trazia um vestido de caxemira verde-escuro, e, quando pousou o trabalho nervosamente, viu-se que os seus pulsos, cingidos por punhos estreitos, eram finos e achatados. Ele mostrou-lhe uma joelheira que tinha um defeito qualquer.

– Ora – disse ela – não precisava de vir atirar as culpas para cima de mim... a culpa não é minha – disse, subindo-lhe um rubor às faces.

– Eu não disse que a culpa era sua... e agora faça o que lhe mandei! – ripostou Mr. Pappleworth, secamente.

– Não diz que a culpa é minha, mas quer fazer parecer que é – gritou a corcunda, quase a chorar. Depois, arrancou a joelheira das mãos do «chefe», dizendo: – Está bem, eu faço isso, mas não precisa de vir com duas pedras na mão.

– Aqui está o seu novo ajudante – disse Mr. Pappleworth.

Fanny voltou-se e sorriu gentilmente para Paul.

– Oh! – disse ela.

- Pois é... agora vejam lá se o estragam com mimos.
- Se alguém o estragar, não somos nós – disse ela, indignada.
- Vamos embora, Paul – disse Mr. Pappleworth.
- *Au revoi*, Paul – disse uma das raparigas.

Foi uma risota. Paul saiu, corado até à alma, sem dizer palavra.

O dia nunca mais acabava. Durante toda a manhã, foram os operários a vir falar com Mr. Pappleworth, e Paul a escrever ou a aprender a preparar as embalagens para a tiragem do meio-dia. À uma da tarde, ou melhor, quando faltava um quarto para a uma, Mr. Pappleworth desapareceu, para apanhar o comboio: vivia nos arredores. À uma, Paul, sentindo-se perdido, levou o cesto do farnel para a arrecadação da cave, onde estava a tal mesa comprida sobre cavaletes, e comeu à pressa, completamente sozinho naquele espaço de penumbra e desolação. Depois, foi passear para a rua. A claridade e a liberdade que sentia nas ruas tornavam-no feliz e afoito. Mas, às duas horas, voltou para o seu canto na sala grande. Não tardou que passassem as raparigas, metendo-se com ele. Eram as de mais baixa condição, as que trabalhavam no andar de cima em tarefas mais pesadas, como o fabrico de fundas e os acabamentos dos membros artificiais. Paul ficou a aguardar a chegada de Mr. Pappleworth, sem saber o que fazer, sentando-se a rabiscar nas notas de encomenda amarelas. Mr. Pappleworth chegou às vinte para as três, sentou-se e pôs-se a tagarelar com Paul, tratando o rapaz como seu igual, até na idade.

De tarde nunca havia muito que fazer, a não ser que fosse perto do fim-de-semana e as contas tivessem de ser fechadas. Às cinco horas, todos os homens foram até à «masmorra» da mesa de cavaletes, onde tomaram chá e pão com manteiga em cima das tábuas nuas e imundas, conversando com a mesma avidez e grosseria com que tomavam a refeição. No entanto, lá em cima, o ambiente era sempre alegre e desanuviado. Certamente a cave e os cavaletes deixavam-nos transtornados.

Depois do chá, quando todos os bicos de gás estavam acesos, o trabalho fluía com mais rapidez. Era preciso despachar as encomendas para o correio da tarde. As meias chegavam lá acima ainda quentes, acabadinhas de passar, directamente das oficinas. Paul já tinha passado todas as facturas. Faltava-lhe fazer agora as embalagens e endereçá-las, e depois pesar as suas encomendas na balança. Por todo o lado se ouviam vozes a gritar pesagens, o tilintar de metais, o estalar nervoso dos cordéis, a corrida ao gabinete de Mr. Melling, para os selos. Finalmente, chegou o carteiro, sorridente e bem-disposto, como seu enorme saco. Depois a agitação abrandou, Paul pegou no cesto do farnel e correu para a estação, para apanhar o comboio das oito e vinte. O dia de trabalho era exactamente de doze horas.

A mãe esperava por ele, ansiosa. Paul tinha de ir para casa a pé desde Keston, pelo que não chegou a casa antes das nove e vinte; e tinha saído de casa antes das sete da manhã. Mrs. Morel preocupava-se com a saúde do filho, mas também ela já tivera de enfrentar tantas dificuldades, que esperava que os filhos tivessem agora a mesma genica. Teriam de suportar o que fosse preciso. Assim, Paul manteve-se na Jordan, embora durante a sua permanência nesse emprego a sua saúde sofresse com a falta de luz e de ar fresco, e as longas horas de trabalho.

Quando chegou, vinha pálido e cansado. A mãe olhou para ele, mas viu-o tão satisfeito que a sua preocupação desapareceu.

– Então, como é que foi? – perguntou ela.

– Foi tão engraçado, mãe – respondeu ele. – O trabalho não é nada pesado e eles foram muito bons para mim.

– E saíste-te bem?

– Claro... só dizem que a minha letra é péssima. Mas Mr. Pappleworth... o meu chefe... disse a Mr. Jordan que eu ia aprender. Estou na Espiral, mãe. Tem de ir lá ver. É tão bom...

Paul contou tudo à mãe, tudo o que tinha visto, pensado, todos os pormenores da experiência que vivera. A única coisa que escondeu dela foi o ter escrito «Mr. J. A. Bates Esquire». Isso, ele não queria que ela soubesse; sentia muita vergonha. Também não lhe relatou nada de mais desagradável que lhe tivessem dito, só as coisas boas, tentando fazê-la crer que estava feliz e era estimado, e que a vida lhe corria de feição... o que geralmente acontecia. Contou-lhe tudo, excepto as pequenas vergonhas ou ignomínias; jamais suportaria vê-la envergonhada ou vexada por sua causa.

Paul depressa aprendeu a gostar da Jordan. Mr. Pappleworth, que tinha um certo ar de frequentador de bares, tratava-o sempre com naturalidade, como se fossem amigos de longa data. Às vezes, o chefe da Espiral irritava-se, e então mastigava pastilhas elásticas sem parar. Mesmo assim, nunca era ofensivo, mas sim uma daquelas pessoas que se magoam mais a si próprias do que aos outros com a sua irritabilidade.

– *Ainda* não fizeste isso? – gritava ele. – Já vi que és um mês só com domingos.

E logo se punha de novo alegre e brincalhão, o que deixava Paul muito confuso.

– Amanhã trago a minha cadelinha *Yorkshire terrier* – disse ele a Paul, rejubilando.

– O que é isso de *Yorkshire terrier*?

– O quê? Pois tu *não* sabes o que é uma *Yorkshire terrier*?... *Não saber o que é um Yorkshire!* – Mr. Pappleworth estava pasmado.

– É um cãozinho de pêlo sedoso... em tons de ferrugem e prata oxidada?

– *É isso mesmo*, meu rapaz. A minha é uma pérola. Já teve cachorrinhos que me renderam cinco libras, e ela própria vale mais de sete libras: e não chega a pesar uma libra e meia...

No dia seguinte, a cadela veio com ele. Era dez réis de cão tremeliquento. Paul não lhe ligou nenhuma; a cadela mais parecia um trapo molhado sem esperança de secar. Nisto, um dos homens chamou-a e começou a dizer piadas grosseiras. Mas Mr. Pappleworth meneou a cabeça na direcção do rapaz e a conversa prosseguiu a meia-voz.

Mr. Jordan fez apenas mais uma excursão à Espiral, para inspecionar o trabalho de Paul e o único reparo que lhe fez, ao ver o rapaz pousar a caneta no balcão, foi:

– Tens de pôr a caneta na orelha, se queres ser um caixeiro a sério. Vá, caneta na orelha!

Num outro dia, disse ao rapaz:

– Não endireitas mais esses ombros *porquê?* Ora vem cá. E levou-o ao gabinete envidraçado, onde lhe colocou uns suspensórios especiais para manterem os ombros direitos.

Mas Paul preferia a companhia das raparigas. Os homens pareciam-lhe grosseiros e pouco espertos. Simpatizava com todos eles, mas achava-os desinteressantes. Ao encontrar Paul a comer na cave, Polly, a supervisora baixinha e sirigaita do rés-do-chão, perguntou-lhe se ele não queria que ela lhe cozinhasse alguma coisa no seu fogareiro e, no dia seguinte, a mãe mandou-lhe uma refeição que podia ser aquecida. Ele levou-a à salinha limpa e aconchegada onde Polly trabalhava, e depressa adquiriu o hábito de almoçar com ela. Quando chegava ao trabalho, às oito da manhã, levava-lhe o cesto, e quando descia à uma hora, já o almoço estava pronto.

Paul era pálido, não muito alto, cabelo espesso e castanho, feições irregulares e uma boca rasgada, de lábios cheios. Ela parecia um passarinho, e ele até a tratava muitas vezes por *pisco*. Embora fosse geralmente muito calado, com ela passava horas sentado a conversar, a contar-lhe peripécias familiares. Todas as raparigas adoravam ouvi-lo; formavam muitas vezes um círculo à sua volta, enquanto ele discursava e ria, sentado num banco. Algumas consideravam-no um fulaninho curioso, tão sério e, no entanto, tão inteligente e bem-disposto, e sempre tão delicado no modo como as tratava. Todas gostavam dele e ele adorava-as. Com Polly era diferente; a essa, ele sentia que pertencia. Mas era Connie, com a sua farta cabeleira ruiva, a sua tez de flor de macieira, a voz sussurrada, e sempre tão distinta no seu vestido preto já gasto, que apelava ao seu lado romântico.

– Quando te sentas a enrolar a meada – disse ele – parece que estás a fiar na roca... é um quadro tão bonito. Faz-me lembrar a Elaine, dos *Idílios do Rei*. Se eu soubesse, desenhava-te. – Ela olhou para ele de relance, timidamente ruborizada. Mais tarde, havia um esboço de que ele muito gostava: Connie sentada num banquinho, em frente à roca, a longa crina ruiva flamejante sobre o vestido preto ruçado, e os lábios rubros selados e muito sérios, a passar o fio escarlata do novelo para a bobina.

Com Louie, bonita e atiradiça, que parecia estar sempre a provocá-lo com o menear das ancas, punha-se geralmente a brincar.

– O que estás a fazer?

– Porque queres saber? – respondeu ela, levantando a cabeça, atrevida.

– Porque acho que tu não te conheces.

– Porquê?

– Porque não tens ar de te conheceres.

– Então tenho cara de quê?

– Tens cara de quem está sempre a pensar nalguma coisa. Em que é que estavas a

pensar?

Ela olhou-o pelo canto do olho e disse, com uma gargalhada:

– Isso era o que tu querias saber, não era?

– Sai daí – disse ele. – Vamos lá dar uma volta à tua meia.

E, depois, pegando na manivela da máquina, começou a rodá-la.

Mas ela empurrou-o.

– Isso vai ficar tudo mal – exclamou.

E ficaram os dois a olhar um para o outro, a rir às gargalhadas.

Emma era bastante feia, e não era nem nova nem condescendente. Sentia-se, porém, feliz por se mostrar condescendente com Paul. E ele não se importava.

– Como é que se metem as agulhas? – perguntou ele um dia.

– Sai daqui, não me maces.

– Mas eu devia saber como é que se metem as agulhas.

Ela continuou a coser à máquina, sem pestanejar.

– Há tantas coisas que devias saber – respondeu ela.

– Então ensina-me a colocar as agulhas na máquina.

– Ai, este rapaz sempre é muito maçador! ... Pronto, é *assim* que se faz...

Ele observou-a atentamente. Nisto, soou um apito, e a seguir Polly entrou e perguntou em voz bem audível:

– Paul, Mr. Pappleworth quer saber por quanto tempo vais ficar cá em baixo a brincar com as raparigas.

Paul correu pela escada acima, a gritar «Adeusinho!», e Emma endireitou-se na cadeira e explicou:

– Não fui *eu* que quis que ele estivesse a brincar com a máquina.

– Qu' é qu' andavas a fazer? – perguntou Mr. Pappleworth, quando o rapaz apareceu.

– Estava só a falar com a Emma, e a aprender a colocar as agulhas na máquina.

– O melhor é pegares no teu trabalho e mudares-te lá pra baixo.

– Mas aqui não havia nada de especial para fazer, pois não?

– Mal tu saíste daqui, o patrão veio à tua procura. Um dia sai-te caro! E então estes registos?

Paul meteu mãos à obra cheio de vontade.

Regra geral, quando as raparigas voltavam, às duas horas, ele ia ao andar de cima ter com Fanny, a corcunda, que trabalhava nos acabamentos.

Mr. Pappleworth só chegava às vinte para as três, e vinha encontrar muitas vezes o rapaz sentado ao lado de Fanny a conversar, a desenhar ou a cantar com as raparigas.

– Vem cá, Paul, meu querido – gritava a Fanny. – Até pensámos que hoje não vinhas cá acima. Pensávamos que ias ficar lá em baixo por não gostares da nossa companhia.

– Fui à cidade.

– Para quê, meu lindo?

– Para ver se encontrava uma cestinha de mirtilos para a minha mãe.

– E encontraste?

E, uma vez iniciada a conversa, nunca mais terminavam. Paul gostava muito de Fanny e a corcunda gostava muito dele. Ela tinha vinte e nove anos e sofrera muito. Ele gostava de ficar sentado ao lado dela, à janela, a olhar para a rua e a desenhar a bizarra floresta de chaminés e telhados antigos e bicudos que a vista alcançava. Depois dizia:

– Canta qualquer coisa, Fanny.

– Sabes que mais? Tu não queres que eu cante – dizia ela, manejando a agulha com destreza, com as mãos magras e nervosas. – Tu queres é fazer pouco de mim.

– Não quero nada! Mas é que eu disse à minha mãe que cantavas muito bem...

– Não sei o que é que a tua mãe ia pensar de *mim*, se me visse, Paul. Ia pensar que eu era um macaco encarrapitado num pau.

– Ela sabe como tu és, porque eu já lhe contei. E gosta de ti. Canta lá «Naquela Taberna...». Este desenho vai ficar uma maravilha.

E, passado um minuto de hesitação, Fanny começou a cantar. Tinha uma bela voz de contralto, e todas as raparigas cantaram em coro e muito afinadas. Paul não se sentia nada embaraçado por estar ali sentado no meio das mulheres.

Quando terminou, Fanny disse:

– Sei que estão a fazer troça de mim.

– Não sejas assim, Fanny! – exclamou uma das colegas.

Uma outra vez, falou-se no cabelo ruivo de Connie.

– Cá pra mim, acho o da Fanny mais bonito – disse Emma.

– Não precisas de fazer pouco de mim – disse Fanny, agastada.

– Mas ela tem o cabelo mesmo bonito, Paul.

– É uma cor especial – disse ele. – Aquela cor fria, como a terra, e mesmo assim brilhante... como um pântano.

– Santo Deus! – exclamou uma das raparigas, a rir.

– Estás a ver como só me criticam? – disse Fanny.

– E havias de o ver solto, Paul – gritou Emma, falando a sério. – É simplesmente uma

beleza. Solta o cabelo pra ele ver, Fanny, pode ser que ele o queira pintar.

Fanny recusou-se, e, no entanto, era o que mais queria fazer.

– Então solto-lho eu – disse o rapaz.

– Bem, já que insistes – disse Fanny.

Paul tirou os ganchos do carrapito com todo o cuidado, e a longa cabeleira, num tom castanho-escuro uniforme, caiu sobre a corcunda.

– Que maravilha! – exclamou ele.

As raparigas observavam-no. Reinava o silêncio. O jovem soltou-lhe mais o cabelo.

– É esplêndido – disse, sentindo-lhe o perfume. – Aposto que vale muitas libras.

– Deixo-to quando morrer – disse Fanny, em tom de brincadeira.

– Pareces-te com qualquer de nós, sentada a secar o cabelo – disse uma das raparigas à colega corcunda e pernalta.

A pobre da Fanny era morbidamente susceptível, em tudo adivinhando insultos, ao passo que Polly era directa e factual. As duas secções estavam permanentemente em guerra, e Paul vinha constantemente encontrar Fanny lavada em lágrimas. Fanny contava-lhe todas as suas mágoas, e ele, depois, ia defendê-la junto de Polly.

A filha de Mr. Jordan era pintora. Um dos seus modelos era Connie, que lhe falou de Paul. Primeiro, Miss Jordan pediu para ver alguns dos seus desenhos, e, a seguir, veio ela própria falar com ele. Era uma mulher fria e impessoal, mas mostrou algum interesse pelo rapaz.

E assim foi correndo o tempo, em harmonia. A fábrica tinha um ambiente agradável. Ninguém era empurrado ou pressionado. Paul até gostava quando o trabalho acelerava perto da hora do correio e todos se entreajudavam. Gostava de ver os colegas em acção. O homem era o trabalho e o trabalho era o homem, unidos num só. Com as raparigas era diferente. A verdadeira mulher parecia nunca estar ali presente no trabalho – era como se estivesse de fora, à espera.

Da janela do comboio, quando à noite regressava a casa, observava as luzes da cidade povoando as colinas e fundindo-se nos vales com um clarão ardente. E Paul sentia-se rico de experiência e felicidade. Mais adiante, havia uma mancha de luz em Bulwell, como miríades de pétalas caídas das estrelas sobre a terra; e, mais além, o jorro incandescente das fornalhas, projectando nas nuvens o seu sopro abrasador.

Chegado a Keston, ainda tinha de andar mais de duas milhas até casa, subindo duas colinas mais longas e descendo outras duas mais curtas. Sentindo-se muitas vezes cansado, ia contando os candeeiros à medida que subia, para ver quantos ainda faltavam. E, do alto da colina, nas noites de breu, via as aldeias espalhadas a toda a volta, a cinco ou seis milhas de distância, enxameando a noite de vida e luz, quase como um céu aberto a seus pés. Marlpool e Heanor semeavam de cintilações a escuridão mais longínqua. Uma vez por outra, o negro vale que se interpunha lá em baixo, era riscado, violado por um

interminável comboio que rolava célere para sul, em direcção a Londres, ou rumo ao norte, para a Escócia. Os comboios troavam como projecteis na escuridão, fumegantes e acesos, fazendo retinir o vale à sua passagem. Mas logo desapareciam, e as luzes das cidades e das aldeias cintilavam outra vez, mergulhadas no silêncio.

Chegava, por fim, à esquina da casa, virada para o outro lado da noite. O freixo parecia agora um amigo. A mãe vibrava de alegria vendo-o chegar. Ele depositava os oito xelins orgulhosamente sobre a mesa.

– Fazem-lhe jeito, mãe? – perguntava, ansioso.

– Não vai sobejar quase nada depois de descontar o bilhete, as refeições e tudo o mais.

Em seguida, punha-a ao corrente dos acontecimentos do dia. A história da sua vida, como nas *Mil e Uma Noites*, mas muito mais monótona, era contada à mãe noite após noite. E ela escutava e era quase como se a vida fosse dela.

VI

UMA MORTE NA FAMÍLIA

ARTHUR MOREL ia crescendo. Era um rapaz vivo, descuidado e impulsivo, muito parecido com o pai. Tinha horror aos estudos, resmungava sempre que tinha de trabalhar e escapava-se o mais depressa que podia, para voltar para a brincadeira.

Fisicamente, continuava a ser o menino bonito da família, bem constituído, gracioso, cheio de vida. O cabelo castanho-escuro, a frescura da tez e os olhos raros, de um azul profundo e sombreados de longas pestanas, a par dos seus modos generosos e temperamento fogoso, faziam dele o preferido. Mas, à medida que crescia, o temperamento ia-se tornando instável. Tinha acessos de fúria por tudo e por nada, e mostrava-se insuportavelmente violento e irritável.

A mãe, de quem tanto gostava, já começava a perder a paciência. Arthur só pensava em si próprio. Detestava tudo o que se interpusesse entre si e o seu prazer, mesmo quando esse «tudo» era a mãe. Mas, quando se metia em apuros, era com ela que tinha intermináveis desabafos.

– Meu Deus, rapaz – disse ela, quando ele se veio queixar de um professor que, segundo ele, o tomara de ponta – se não te agrada a situação, tens de a fazer mudar, e se não podes mudar nada, tens de te adaptar.

Quanto ao pai, que ele amara desmedidamente e que o idolatrava, acabou por detestá-lo. Com a idade, Morel transformou-se lentamente numa ruína viva. O seu corpo, em tempos belo nas formas e na agilidade, mirrou com os anos, não parecendo ter amadurecido, mas, pelo contrário, ter-se tornado insignificante e desprezível, emanando baixeza e mesquinhez. E sempre que este homem de meia-idade e olhar perverso o injuriava ou o tratava com prepotência, Arthur ficava furioso. Ainda por cima, os modos de Morel eram cada vez mais grosseiros, e os seus hábitos quase repugnantes. Na fase de crescimento dos filhos e durante o período crítico da adolescência, o pai surgia-lhes aos olhos da alma como um ser feio e irritante. Em casa, os seus modos eram idênticos aos que usava com os outros mineiros no fundo da mina.

– Monstro nojento! – gritava Arthur, saltando da cadeira e saindo de casa, quando o pai o enojava.

E Morel fazia ainda pior, por saber que as crianças o detestavam. Parecia sentir prazer em afrontá-las, a ponto de quase as enlouquecer, quando, aos catorze ou quinze anos, atravessavam a fase de extrema sensibilidade e irritabilidade. Assim, Arthur, que cresceu quando o pai já se encontrava em declínio e a caminho da velhice, odiava-o acima de tudo.

Por vezes, o pai parecia pressentir todo esse ódio e desprezo que os filhos tinham por ele.

– Não há homem que se sacrifique mais pela família – bordava então. – Faz por eles

tudo o que pode, e tratam-no como um cão. Mas eu tenho força para aguentar, estão a ouvir!

Não fora o tom ameaçador e o facto de não fazer por eles tanto quanto pensava, e teriam até sentido pena. Nesta altura, a guerra instalava-se quase sempre entre pai e filhos, com o primeiro persistindo nos seus modos grosseiros só para afirmar a sua autoridade. Os filhos detestavam-no.

Por fim, Arthur já andava tão exaltado e irritado que, quando ganhou uma bolsa para ir para a escola secundária de Nottingham, a mãe achou por bem deixá-lo ficar a viver na cidade com uma das suas irmãs, vindo apenas a casa aos fins-de-semana.

Annie ainda era professora estagiária na escola primária, onde ganhava quatro xelins por semana. Mas em breve seriam quinze, uma vez que passara o exame final, o que traria à família tranquilidade financeira.

Mrs. Morel era muito agarrada a Paul. Ele era calado e não excessivamente inteligente, mas continuava fiel à pintura e à mãe. Tudo o que fazia era para ela. E ela esperava pela sua chegada à noite, para desabafar com ele todos os seus pensamentos, tudo o que lhe acontecera durante o dia. E ele ouvia-a, sentado e atento. Era o partilhar de duas vidas.

William estava noivo da tal morena, e tinha-lhe comprado um anel de noivado que custara oito guinéus. Os irmãos ficaram sem fôlego perante soma tão fabulosa.

– Oito guinéus! – disse Morel. – Bem parvo é!... Ficava-lhe melhor se me tivesse dado antes algum a mim.

– Dar-te algum, a *ti*! – exclamou Mrs. Morel. – Porque havia ele de *te* dar algum?

Mrs. Morel lembrou-se de que o marido não lhe tinha comprado anel de noivado e, a seu ver, antes ser como o William, que não era mesquinho, embora pudesse ser parvo. Mas agora o jovem só falava nos bailes a que tinha ido com a noiva e nos vestidos deslumbrantes que ela usava; ou então contava à mãe, rejubilante, como tinham os dois ido ao teatro em grande estilo.

William queria trazer a namorada para os pais conhecerem, e Mrs. Morel disse-lhe que a trouxesse no Natal. Desta vez, William chegou acompanhado de uma senhora, mas sem presentes. Mrs. Morel tinha preparado a ceia. Ao ouvir passos, levantou-se e foi à porta. William entrou.

– Olá, mãe! – deu-lhe um beijo apressado, chegou-se para o lado e apresentou-lhe uma rapariga alta e bonita, vestida com um saia-e-casaco preto e branco aos quadradinhos e uma estola de peles.

– Cá está a Ciganita!

Miss Western estendeu a mão e rasgou um sorriso de muitos dentes.

– Oh, como está, Mrs. Morel! – exclamou.

– Devem estar com fome – disse Mrs. Morel.

– Não, não estamos. Jantámos no comboio... Tens as minhas luvas, Fofinho?

William Morel, alto e ossudo, olhou para ela acto contínuo.

– Como é que havia de tê-las? – disse ele.

– Então perdia-as. Não te zangues comigo...

Viu-se que ele tinha ficado aborrecido, mas não disse nada. Ela relanceou o olhar pela cozinha. Achou-a pequena e bizarra, com o ramo de azevinho pendurado na parede e as sempre-vivas por detrás das fotografias, as cadeiras de madeira e a mesinha de jogo. Nessa altura, entrou Morel.

– Olá, pai!

– Olá, meu filho... Mas que surpresa!

Apertaram as mãos, e William apresentou-lhe a senhora. Ela reeditou o sorriso, mostrando os dentes.

– Como está, Mr. Morel. – Morel inclinou-se respeitosamente.

– Tou bem, obrigado, e espero que também esteja... Seja muito bem-vinda.

– Ah, obrigada – respondeu ela, bastante divertida.

– Há-de querer ir para cima – disse Mrs. Morel.

– Se não se importa... mas só se não a incomodar.

– Não incomoda nada... A Annie vai consigo... Walter, leva este baú para cima.

– E não leves uma hora a aperaltar-te – disse William para a noiva.

Annie pegou num candelabro de latão e, muda de vergonha, subiu à frente da jovem até ao quarto principal, que Mr. e Mrs. Morel lhe tinham cedido. Era também pequeno e frio, iluminado apenas pelas velas. As mulheres dos mineiros só acendiam as lareiras nos quartos em caso de doença muito grave.

– Quer que desaperte as correias do baú?

– Ah, muito obrigada!

Annie estava a fazer o papel de criada. Em seguida voltou para baixo para ir buscar água quente.

– Ela deve estar muito cansada, mãe – disse William. – É uma viagem muito violenta, e na correria em que andámos...

– Queres que lhe leve alguma coisa? – perguntou Mrs. Morel.

– Não, não... Ela está bem.

Mas havia um certo gelo no ar. Passada mais de meia hora, Miss Western desceu, envergando um vestido em tons de púrpura, demasiado fino para a cozinha do mineiro.

– Tinha-te dito que não precisavas de trocar de roupa – disse William.

– Deixa lá, Fofinho!... – E, mantendo o sorriso adocicado, voltou-se para Mrs. Morel: – Não acha que ele está sempre a resmungar, Mrs. Morel?

– Ah, está? – disse Mrs. Morel. – Isso é muito feio.

– E é mesmo!

– Deve estar com frio – disse a mãe. – Não quer vir para a la-reira? – Morel saiu imediatamente da cadeira de braços.

– Venha pr'áqui – exclamou ele. – Venha pr'áqui.

– Não, pai... Não saia da sua cadeira... senta-te no sofá, Ciganita – disse William.

– Não senhor! – insistiu Morel. – Esta cadeira é mais quente. Venha sentar-se aqui, Miss Wesson.

– *Muitíssimo* obrigada – disse a rapariga, sentando-se na cadeira de braços do mineiro, ou seja, o lugar de honra. Teve uma tremura ao sentir o calor da cozinha invadi-la.

– Vai buscar-me um lenço, Fofinho! – disse ela, fazendo beicinho e dirigindo-se-lhe no tom íntimo de quando estavam sozinhos, o que fez os restantes membros da família sentirem-se como intrusos. Era evidente que a jovem não os considerava como pessoas: para ela não passavam de criaturas. William estremeceu.

Se aquela casa fosse em Streatham, Miss Western seria a senhora, condescendendo a conviver com a camada inferior. Para ela, estas pessoas eram no mínimo grotescas – numa palavra, da classe trabalhadora. Como poderia ela adaptar-se?

– Eu vou – disse Annie.

Miss Western ignorou-a, como teria feito com uma criada, e só quando ela voltou para baixo com o lenço disse então, com afabilidade:

– Oh, muito obrigada.

Depois, desatou a falar: do jantar no comboio, que não tinha prestado para nada, de Londres, dos bailes. Via-se que estava muito nervosa e era o medo que a fazia falar. Morel, sentado a fumar um tabaco muito forte, observava-a enquanto lançava baforadas de fumo para o ar e ouvia com atenção a sua petulante algaraviada londrina. Mrs. Morel, ostentando a sua melhor blusa de seda preta, ia-lhe respondendo com calma e poucas palavras. Os outros filhos estavam sentados, em admirativo silêncio. Miss Western era a princesa. Tinham ido buscar tudo o que havia de melhor para a servir: as melhores chávenas, as melhores colheres, a melhor toalha, o melhor bule. As crianças achavam que ela devia estar a apreciar muito o acolhimento. Mas ela sentia-se mal, por não entender as pessoas, por não saber como tratá-las. William ia dizendo piadas, sentindo-se ligeiramente comprometido.

Por volta das dez horas, disse-lhe:

– Não estás cansada, Ciganita?

– Muito, Fofinho – respondeu ela, com voz melada e inclinando a cabeça ligeiramente para o lado.

– Acendo a vela, mãe? – disse ele.

– À vontade – respondeu a mãe.

Miss Western levantou-se e estendeu a mão a Mrs. Morel.

– Boa noite, Mrs. Morel – disse ela.

Paul, sentado em frente da caldeira, deixou jorrar a água da torneira para dentro de uma garrafa de cerveja em grés. Annie abafou a garrafa numa velha camisola da mina, e deu à mãe um beijo de boas-noites. Com a casa cheia, ia ter de dormir com a senhora.

– Espera um bocadinho – disse Mrs. Morel à filha. Annie sentou-se com a botija ao colo. Miss Western despediu-se de todos com um aperto de mão, para grande atrapalhão dos presentes, e saiu, precedida por William. Passados cinco minutos, ele voltou para baixo. Sentia o coração oprimido, sem saber porquê. Falou muito pouco até todos se terem ido deitar, excepto ele e a mãe. Depois, foi pôr-se de pé frente à lareira, de pernas afastadas como costumava fazer noutros tempos, e disse, titubeante:

– Então, mãe?

– Então o quê, meu filho?

A mãe sentou-se na cadeira de baloiço. Sentia-se de certo modo ferida e humilhada por causa dele.

– Gosta dela?

– Gosto – tardou a resposta.

– Ela ainda está pouco à vontade, mãe... não está acostumada a tudo isto. É muito diferente da casa da tia dela, sabe.

– Claro que é, meu filho... Deve ser difícil para ela.

– Pois é. – E, de repente, a expressão carregou-se-lhe. – Se ao menos ela não pusesse aqueles *benditos* ares!

– É só a primeira reacção, meu filho. Aquilo passa-lhe.

– Tem razão, mãe – respondeu ele, gratificado. Mas o olhar continuava triste. – Sabe, ela não é como a mãe... não é compenetrada... e não se cansa muito a pensar.

– Ela é muito nova, meu filho.

– É isso!... E não teve sorte nenhuma. A mãe morreu quando ela era criança, e desde então vive com uma tia que ela já não consegue aturar. E o pai era um patife... Faltou-lhe o amor.

– Sério?!... Bem, nesse caso tens de a compensar de tudo isso.

– E perdoar-lhe muitas coisas.

– *Que coisas* é que tens de lhe perdoar, meu filho?

– Sei lá... quando ela se mostra superficial, por exemplo... É preciso lembrarmo-nos de que ela nunca teve ninguém que fizesse desabrochar o seu lado mais profundo... E ela gosta *tremendamente* de mim.

– Isso qualquer pessoa pode ver.

– Mas, sabe uma coisa, mãe... ela... ela é diferente de nós. As pessoas como ela, aquelas com quem se dá... não parecem ter os mesmos princípios que nós.

– Não deves fazer juízos precipitados – disse Mrs. Morel. Mas ele parecia contrafeito.

De manhã, contudo, levantou-se e pôs-se a cantar pela casa toda.

– Olá! – chamou ele, saudando-a do fundo das escadas, onde estava sentado. – Já te estás a levantar?

– Já – respondeu ela lá de cima, com voz sumida.

– Feliz Natal! – gritou ele.

No quarto, ouviu-se o riso dela, bonito e musical. Mas ela só desceu meia hora depois.

– Ela estava *mesmo* a levantar-se, quando disse? – perguntou William a Annie.

– Estava, sim – respondeu Annie.

William aguardou uns instantes e voltou para as escadas.

– Feliz Ano Novo! – gritou ele.

– Obrigada, Fofinho do meu coração! – disse uma voz risonha, de muito longe.

– Despacha-te! – implorou ele.

Tinha passado quase uma hora, e ele à espera dela. Morel, que se levantava sempre antes das seis, olhou para o relógio.

– Bem, já vi qu' é das que s'atrasam! – exclamou.

Já todos tinham tomado o pequeno-almoço, excepto William, que se foi postar ao fundo das escadas.

– Será que vou ter de mandar aí para cima um ovo de Páscoa? – gritou ele, já zangado. Ela limitou-se a rir. A família esperava algo de mágico depois de tão longa preparação. Finalmente, ela apareceu, com uma saia e uma blusa que lhe ficavam muito bem.

– Levaste mesmo todo este tempo para te vestires? – perguntou ele.

– Oh, Fofinho!... Isso não é pergunta que se faça, pois não, Mrs. Morel?

A princípio, ela representou o papel da grande dama. Quando entrou na capela ao lado de William, ele de fraque e chapéu de seda, e ela de estola de peles e saia-casaco dos melhores costureiros de Londres, Paul, Arthur e Annie esperavam que todos se curvassem até ao chão, em êxtase. E Morel, observando o parzinho galante do fundo da rua, com o seu fato domingueiro, sentia-se o pai do príncipe e da princesa.

Porém, a dama não era assim tão *grande*. Trabalhava desde há um ano como uma espécie de secretária, ou escriturária, num escritório de Londres.

Mas enquanto esteve com os Morels parecia uma rainha: sentava-se à mesa e deixava que Annie e Paul a servissem, como se fossem seus criados. Tratava Mrs. Morel com

alguma petulância e Morel com paternalismo. Mas, passados um ou dois dias, a sua atitude começou a mudar.

William pedia sempre a Paul ou Annie que os acompanhassem nos passeios que davam. Era muito mais divertido. E Paul sentia *real* admiração pela Cigana, uma admiração genuína. Na verdade, a mãe não podia perdoar ao filho a adoração que mostrava pela jovem.

No segundo dia, quando Lily disse:

– Annie, sabes por acaso onde terei deixado o meu regalo? William respondeu:

– Sabes muito bem que está no teu quarto. Para que perguntas à Annie?

E Lily lá foi ao quarto, amuada, de lábios crispados. O rapaz já não suportava vê-la fazer da irmã uma criada.

Na terceira noite, William e Lily foram sentar-se na sala, às escuras, frente à lareira. Quando era um quarto para as onze, ouviram Mrs. Morel a abafar o borralho. William veio para a cozinha, seguido da namorada.

– Já é assim tão tarde, mãe? – disse ele. A mãe tinha passado a noite sozinha.

– Não quer dizer que seja *tarde*, meu filho... mas é tarde para eu continuar a pé.

– Então, porque não se vai deitar? – perguntou ele.

– E deixar os dois aqui sozinhos?... Não, meu filho, isso eu não faço.

– A mãe não tem confiança em nós?

– Tenha ou não tenha, é a mesma coisa... Podem ficar aqui até às onze horas, se quiserem, e eu leio mais um bocadinho.

– Vai deitar-te, Ciganita – disse William. – Não podemos fazer esperar a minha mãe.

– A Annie deixou a vela acesa, Lily – disse Mrs. Morel. – Acho que a luz será suficiente.

– Claro, obrigada. Boa noite, Mrs. Morel.

William acompanhou a namorada até ao fundo das escadas, deu-lhe um beijo e ela foi para o quarto. Ele voltou para a cozinha.

– Não tem confiança em nós, mãe? – insistiu ele, todo ofendido.

– Meu filho, já te disse que eu *não vou deixar* dois pombinhos como vocês sozinhos cá em baixo, com toda a gente a dormir.

E o filho não teve outro remédio senão contentar-se com a resposta. Deu um beijo à mãe e foi deitar-se.

Na Páscoa, chegou sozinho. Depois, falou longamente com a mãe sobre a namorada.

– Sabe, mãe... quando estou longe dela, nem penso nela... se não voltasse a vê-la, era a mesma coisa. Mas, quando estou com ela, à noite, gosto muito dela.

– É um amor muito estranho para acabar em casamento – disse Mrs. Morel. – Se é só isso que ela representa para ti!

– *É* engraçado! – exclamou William, entre o preocupado e o perplexo. – E, no entanto... Há demasiadas coisas entre nós, para eu desistir dela agora.

– Tu lá sabes – disse Mrs. Morel. – Mas, se é como dizes, eu não lhe chamaria *amor*... pelo menos, não parece.

– Não sei, mãe. Ela é órfã, e...

Acabaram por não chegar a uma conclusão. Ele parecia confuso e aborrecido. Ela era muito reservada. Ele gastava todas as suas energias e dinheiro com esta rapariga. Quando veio a casa, mal tinha dinheiro para levar a mãe a Nottingham.

O salário de Paul, para grande alegria sua, tinha sido aumentado no Natal para dez xelins. O rapaz continuava muito satisfeito *najordan*, mas a sua saúde começou a ressentir-se do pesado horário de trabalho e das condições de isolamento. A mãe, para quem ele era cada vez mais importante, pensou em como poderia ajudá-lo.

A tarde de folga dele era à segunda-feira. Numa segunda-feira, em Maio, quando estavam os dois sozinhos a tomar o pequeno-almoço, ela disse:

– Acho que vamos ter um lindo dia.

Ele olhou-a surpreendido. Alguma coisa ela tinha para lhe dizer.

– Sabias que Mr. Leivers foi morar para uma quinta nova? Pois bem, ele convidou-me a semana passada para ir fazer uma visita a Mrs. Leivers, e eu prometi-lhe que te levava lá hoje, se estivesse bom tempo. Então, vamos?

– Oh, mãezinha, mas isso é ótimo! – exclamou Paul. – Vamos esta tarde, não é?

– Se não estiveres muito cansado... olha que é uma grande caminhada.

– A que distância fica?

– Quatro milhas.

– Ora... não sou eu que me canso por fazer quatro milhas... é a mãe. Acha que consegue?

– Claro que consigo.

– Que bom!... Que bom! – exclamou ele. – Vou voltar a correr para casa. E a quinta é bonita?

– Ele diz que sim... Tu logo dirás.

– Eu não conheço Mrs. Leivers, mãe. Conhece-a?

– Então não conheces... uma mulherzinha macambúzia, com uns grandes olhos castanhos, que se costumava sentar à nossa frente na capela.

– Não me lembro.

– Julgava que pelo menos te lembrasses do chapéu, mesmo que não te lembrasses de mais nada... usa sempre o mesmo chapéu desde há seis anos, desde que a conheço: um quico preto com um farrapo de renda prantado no cucuruto, às três pancadas. Quando a via com o chapéu no alto da cabeça, domingo atrás de domingo, sempre com o mesmo chapéu, só me apetecia ir lá tirar-lho. E o marido é tão elegante e bem-parecido.

– Se calhar, era pobre – alvitrou Paul.

– E que fosse! Sei que não estava pior do que *eu*. Só que tinha a mania de não comprar nada novo, dava-lhe para ali.

– E ao menos é simpática?

– É. Eu *sempre* gostei dela... mas ela *não* consegue andar à altura do homem que tem... Só o orgulho consegue uma coisa dessas, nada mais.

– Porquê?

– Ora bem, ela é uma mulher pequenina, delicada, fina, com uns grandes olhos castanhos... cheios de sentimento. E eu sei que tem passado muito com sete filhos e o pouco que o Alfred Leivers lhe dá. Acho que *ele* não gosta muito de trabalhos pesados... e daí, talvez... Mas assim, como a vida lhe correu mal e chegou ao estado a que chegou, é orgulhosa de mais para competir com as outras mulheres e agarra-se a um trapo antigo... mas é uma mulher bonita.

– E orgulhosa, mãe?

– Não... Com as outras pessoas, não. Mas consigo mesma não podia ser mais. A pobreza e a vida triste que leva corroem-lhe a alma e ela agarra-se àquela chapeleta preta, para troçar da sua própria pobreza... ou do marido... Só Deus sabe... Mas *tu* vais gostar dela. *Eu* gosto dela.

– Bem – disse Paul –, se vamos visitá-la à quinta, não vai estar de chapéu.

– Esperemos que não – disse Mrs. Morel. – É um escândalo e uma vergonha sobrecarregar um corpo frágil como o dela daquela maneira, mas também não precisava de andar naquela figura, por despeito. Faço ideia de como ele se deve sentir!...

Paul saiu à pressa para a estação, rejubilante. Em Derby Road, havia uma cerejeira a cintilar. O velho muro de tijolo junto ao pátio do Statutes brilhava em tons de escarlate, incandescentes, e a Primavera era uma labareda verde. A estrada íngreme estendia-se esplêndida, coberta da fria poeira matinal em alternâncias de sol e sombra, absolutamente estática. As árvores, orgulhosas, deixavam pender abaulados os ombros verdes e possantes. Durante toda a manhã, de dentro do armazém, o rapaz foi brindado com um quadro de Primavera.

Quando voltou para casa, a mãe estava excitadíssima.

– Sempre vamos? – perguntou ele.

– É só o tempo de me arranjar – respondeu ela.

– Conseguiu acabar o trabalho?

– Consegui.

Paul sentou-se à mesa, à espera do almoço. Ela trouxe-lhe a frigideira.

– Para que se foi meter a fazer sonhos de ruibarbo se tinha tão pouco tempo?

– Porque me apeteceu – disse a mãe. – E estou pronta quando tu estiveres.

Tinha feito os sonhos porque, durante a semana, o filho só vinha almoçar a casa neste dia, e gostava muito de sonhos.

– Não senhora... saia daqui. Quem faz isso sou eu.

Paul levantou-se e tentou tirar-lhe a frigideira da mão.

– Nem pensar nisso! – disse ela, agitando o garfo. – Temos muito tempo.

Ele voltou para a mesa, cabisbaixo, e ela continuou com os cozinhados.

– São mesmo coisas de mulher – disse ele. – Às voltas com a frigideira, quando devia estar a vestir-se para sair.

– São é mesmo coisas de rapazes, julgam que já sabem tudo – disse ela, colocando a sobremesa diante dele.

– E estive a apanhar esse calor todo na cara – disse o filho. – Já sabe que quando lá chegar, vai ter a cara vermelha como o sol nascente.

– Se tiver, não sou eu que *te* vou pedir para olhares para mim.

– E, mesmo que pedisse, eu não olhava – respondeu ele.

– Ingrato!

– Afogueada!

Ela fungou e empertigou-se daquela maneira a que ele chamava «esticar-se à tartaruga».

– Já se lavou? – perguntou ele.

– Já.

– Pois olhe, não parece, tem o nariz enfarruscado, como de costume.

Ela foi ver-se ao espelho.

– Que maçada! – exclamou.

Ele levantou-se.

– Vá-se vestir, que eu lavo a loiça – disse Paul.

Ela obedeceu. Ele lavou as panelas, endireitou as costas e pegou nas botas dela. Estavam muito limpas. Mrs. Morel era daquelas pessoas naturalmente dotadas que são capazes de andar na lama sem sujarem os sapatos. Mas Paul quis limpar-lhas, mesmo assim. Eram botas de criança, das de oito xelins o par. No entanto, para ele, eram as botas mais chiques do mundo, e limpava-as com tanta reverência como se fossem flores.

Subitamente, ela apareceu à porta, muito tímida. Trazia uma blusa nova. Paul deu um

salto em frente.

– Ena pá! – exclamou ele. – Que espalhafato!

Ela inspirou ligeiramente, altiva, de cabeça bem erguida.

– Não é espalhafato nenhum! – retorquiu ela. – É até bem recatada.

Mrs. Morel deu um passo em frente e o filho mirou-a de todos os lados.

– Então – perguntou ela, envergonhada, mas mostrando-se segura e arrogante. – Gostas?

– É um espanto! Vou gostar de levar uma mulher tão bonita a passear!

Contornou-a e mirou-a pelas costas.

– Muito bem! – disse ele. – Se fosse na rua atrás de si, havia de dizer: – Mas que bem vestida que aquela senhorinha vai.

Ela fungou de satisfação, como era seu hábito, mas a fazer-se desentendida.

– Sabes – disse ela –, só me custou três xelins. Por este preço não a podia comprar feita, pois não?

– Acho que não – respondeu o filho.

– E o tecido é de muito boa qualidade.

– Tremendamente bonita! – disse ele.

A blusa era branca, com raminhos púrpura e pretos.

– Demasiado jovem para a minha idade, não achas?

– Essa agora, demasiado jovem para si? – exclamou Paul, agastado. – Já agora, porque não compra uma peruca branca para pôr no alto da cabeça?

– Daqui a pouco já não é preciso – respondeu ela. – Estou aqui, estou com a cabeça toda branca.

– Pois faça favor de não estar – disse ele. – Para que quero eu uma mãe de cabelo branco?

– Pois olha que vais ter de te contentar, meu menino – disse ela, com uma entoação bastante estranha.

Saíram de casa em grande estilo, ela com a sombrinha que William lhe tinha dado, para se proteger do sol. Paul era consideravelmente mais alto do que ela, embora não fosse muito grande. O rapaz ia todo cheio de si.

Na terra lavrada, as espigas tenras brilhavam como seda. A mina de Minton desfraldava os seus penachos de vapor branco, acompanhados de roncões e roucas tossidelas.

– Olha para aquilo! – disse Mrs. Morel. Mãe e filho pararam na estrada, a ver. Ao longo da crista do grande monte da mina, desenhava-se em contraluz um pequeno grupo a avançar mansamente – um cavalo, uma carrocinha e um homem. Trepavam a encosta em

direcção ao céu: ao chegarem ao cimo, o homem voltou a carroça e, com injustificado estrépito, a escória rolou pela vertente abrupta do aterro.

– Sente-se um bocadinho, mãe – disse Paul, e ela sentou-se na rocha, enquanto ele desenhava a cena rapidamente. Mrs. Morel manteve-se em silêncio enquanto o filho trabalhava, entretida a admirar a tarde e o casario vermelho a cintilar entre o verde da paisagem.

– O mundo é um lugar maravilhoso – disse ela. – E maravilhosamente belo.

– E a mina também – disse ele. – Veja como cresce, como se estivesse viva... é como uma criatura gigantesca que nós não conhecemos.

– É – disse ela. – Talvez!

– E os vagões parados, à espera, como animais em correnteza à espera da ração – disse ele.

– E eu bem contente fico de os ver aí à espera – disse a mãe. – Quer dizer que a semana vai ser boa.

– Eu gosto de sentir a mão do homem nas coisas; é sinal de vida. Nos vagões sente-se o dedo do homem, porque são mãos de homens que os conduzem.

– Pois é – disse Mrs. Morel.

Continuaram a caminhada à sombra das árvores, pela estrada principal. Ele ia explicando tudo e ela mostrava-se interessada. Passaram pelo extremo do lago Nethermere, que embalava no colo docemente, como pétalas, os reflexos do sol. Depois viraram para uma estrada particular e, com emoção crescente, aproximaram-se de uma grande quinta. Um cão desatou a ladrar furiosamente. Apareceu uma mulher, a ver quem era.

– É este o caminho para Willey Farm? – perguntou Mrs. Morel.

Paul deixou-se ficar atrás da mãe, apavorado com a ideia de serem escorraçados. Mas a mulher era prestável e indicou-lhes o caminho. Mãe e filho meteram pelo meio do trigo e da aveia, atravessaram uma pequena ponte e chegaram a um prado em pousio. Os abibes, com os seus peitos brancos reluzentes, gritavam e volteavam em redor. O lago estava estático e azul. No céu, planava uma garça. Em frente, o bosque subia denso pela encosta, verde e estático.

– É uma estrada florestal, mãe – disse Paul. – Tal e qual como no Canadá.

– Lindo, não é? – disse Mrs. Morel, olhando em volta.

– Está a ver aquela garça... está a ver... as pernas dela?

Era ele que dizia à mãe para onde devia, ou não, olhar. Mas ela gostava assim.

– E agora – disse ela – para que lado é?... Ela disse-me para atravessar o bosque. – O bosque, cerrado e sombrio, estendia-se para a esquerda.

– Sinto que aqui há um caminho – disse Paul. – A mãe tem pés de cidadina; seja lá como

for, mas tem.

Encontraram uma cancela e entraram numa larga vereda arborizada, com um maciço de cedros e pinheiros de um dos lados e uns quantos carvalhos decrépitos do outro a descerem pela encosta. E, entre os carvalhos, as campainhas-do-monte espraivavam-se em mancha azul sob as aveleiras ainda verdes e um manto esmorecido de folhas amareladas de carvalho. Paul apanhou flores para dar à mãe.

– Está aqui um pouco de feno acabado de chegar – disse ele, e desta vez trouxe-lhe miosótis. E de novo o coração lhe doía de tanto amor, vendo a mão dela, calejada do trabalho, pegar no raminho que ele lhe dera. Ela estava completamente feliz.

No fim da vereda era preciso saltar uma cerca. Paul passou num instante.

– Venha – disse ele –, eu ajudo-a.

– Não... sai daí. Prefiro passar à minha maneira. Ele ficou do outro lado, com as mãos no ar, pronto para a ajudar. Ela trepou com todas as cautelas.

– Mas que maneira de trepar! – exclamou Paul, trocista, quando a mãe já estava a salvo no chão.

– Malditas cercas! – bradou ela.

– Só se uma mulher for muito desajeitada – replicou ele – é que não consegue passá-las.

Em frente, ao longo da orla do bosque, estendia-se um aglomerado de casas de lavoura, baixas e vermelhas. Estugaram o passo. Pegado ao bosque havia um pomar de macieiras cujas flores caíam sobre uma mó. Em baixo era a lagoa, sob os ramos pendentes dos carvalhos. Havia vacas a usufruir da sombra. A quinta e as casas, formando três lados de um quadrilátero, abraçavam o sol viradas para o bosque. Tudo estava em silêncio.

Mãe e filho entraram no pequeno jardim cercado de grades onde pairava um perfume a cravos vermelhos. Junto à porta entreaberta viam-se alguns pães enfarinhados, deixados a arrefecer. Uma galinha aproximou-se para os debicar. De repente, assomou-se à porta uma rapariga com um avental muito sujo. Devia andar pelos catorze anos, tinha as faces morenas e rosadas, um tufo de pequenos caracóis negros muito apertados a caírem livremente, e os olhos castanhos. Parecia tímida e curiosa, com alguma desconfiança dos estranhos. A rapariga voltou a desaparecer. Logo a seguir, surgiu uma outra figura, uma mulher pequenina e frágil, rosada e com grandes olhos castanhos.

– Oh! – exclamou ela, rasgando um sorriso cintilante. – Sempre veio. Gosto muito de a ver por cá. – A voz da mulher era afável e muito triste.

As duas mulheres apertaram a mão.

– Tem a certeza de que não viemos incomodar? – disse Mrs. Morel. – Sei bem como é a vida do campo.

– De maneira nenhuma. Até é uma bênção ver caras novas. Estamos aqui tão isolados.

– Pois devem estar... – disse Mrs. Morel.

Levaram-nos até à sala, uma divisão comprida e de tectos baixos, com um grande ramo de rosas amarelas a enfeitar a lareira. As mulheres sentaram-se a conversar, enquanto Paul foi dar uma volta pela quinta. Estava no jardim a cheirar os cravos e a olhar para as plantas, quando a rapariga saiu a correr e se foi pôr junto do monte de carvão encostado à cerca.

– Creio que estas vão ser rosinhas de tocar, quando abrirem – disse ele, apontando para as roseiras ao longo da cerca. Ela olhou para ele com os grandes olhos castanhos, muito espantados, muito abertos.

– Não sei – respondeu, hesitante. – São brancas e têm o olho cor-de-rosa.

– Então são «rubores de donzela».

Miriam corou – uma cor cálida, bonita.

– Não sei – disse ela.

– Não tens *grande coisa* no jardim – disse ele.

– É o primeiro ano que aqui passamos – respondeu ela, com modos distantes e superiores, afastando-se e entrando em casa. Paul não ligou e continuou a exploração. A mãe veio ter com ele e deram a volta aos edifícios. Paul estava deliciado.

– Suponho que ainda tenha de ir tratar das galinhas, das vitelas e dos porcos? – disse Mrs. Morel a Mrs. Leivers.

– Não – retorquiu a mulherzinha. – Não consigo arranjar tempo para tratar do gado, e, além disso, não estou habituada. O trabalho de casa já me chega.

– Sim, suponho que sim – disse Mrs. Morel.

Daí a pouco, a rapariga veio cá fora.

– O chá está pronto, mãe – disse, com uma voz suave, musical.

– Ah, obrigada, Miriam, já vamos – respondeu a mãe, toda ela amabilidade. – Podemos ir tomar o nosso chá agora, Mrs. Morel?

– Claro – disse Mrs. Morel. – Logo que estiver pronto.

Paul, a mãe e Mrs. Leivers tomaram chá juntos. Depois foram passear pelo bosque, inundado de campainhas-do-monte, enquanto os carreiros estavam reservados aos miosótis. Mãe e filho caminhavam os dois em êxtase.

Quando voltaram, Mr. Leivers e Edgar, o filho mais velho, estavam na cozinha. Edgar devia ter dezoito anos. Depois, chegaram da escola Geoffrey e Maurice, dois rapagões de doze e treze anos. Mr. Leivers era um homem bem-parecido, na força da vida, de bigode castanho-dourado e olhos azuis sempre assestados, a perscrutar o tempo.

– Foram dar uma volta? – perguntou ele a Paul, com entusiasmo.

– Não deu para ver tudo – respondeu o rapaz, saindo em seguida com Geoffrey e Maurice.

- Onde é que *tu* trabalhas? – perguntou Geoffrey. Eram os três muito tímidos.
 - Na Fábrica de Acessórios Ortopédicos Jordan, em Nottingham.
 - E que fazes?
 - Sou empregado de escritório.
 - E fazes o quê?
 - Copio cartas, faço encomendas e passo facturas.
 - Que tipo de cartas copias?
 - Oh... todo o tipo... a maior parte são a encomendar meias elásticas.
 - Meias elásticas!... Qu' é isso?
- Seguiram-se muitas explicações.
- E algumas das cartas vêm de França e de outros lugares – disse Paul.
 - E tu tens d'as copiar?
 - Claro.
 - Em francês?
 - Não... traduzo-as.
 - Essa agora... então sabes francês?
 - Sei alguma coisa... e alemão também.
 - E quem t' ensinou?
 - O meu padrinho... e também álgebra e geometria.
 - Eu cá não faço tenções d' encher a cabeça com essas coisas – disse Geoffrey.

Os dois rapazes mostravam-se terrivelmente superiores, mas Paul nem dava por isso. Foram à procura de ovos, vasculhando em todos os lugares. Quando estavam a dar de comer às galinhas, Miriam saiu de casa. Os rapazes não lhe ligaram. Na capoeira es-tava uma galinha com os seus pintainhos amarelos. Maurice pegou numa mão-cheia de milho e deixou a galinha vir comer-lhe à mão.

- Tens coragem de fazer o mesmo? – perguntou ele a Paul.
- Vamos lá ver... – respondeu Paul.

Ele tinha a mão pequenina, quente e habilidosa. Miriam ficou a observá-lo. Paul aproximou a mão da galinha. A ave olhou para o milho com o seu olhar duro e brilhante e, de repente, deu-lhe uma bicada na mão. Paul assustou-se, mas depois riu-se. «Pic-pic-pic», fazia-lhe a galinha na palma da mão. Paul riu-se outra vez e os rapazes riram com ele.

- Ela ferra-nos e pica-nos, mas nunca faz doer – disse Paul, quando o milho se acabou.
- Agora, Miriam, é a tua vez – disse Maurice.

– Não – gritou ela, encolhendo-se.

– Olha, parece um bebé. És mesmo um bebé! – disseram os irmãos.

– Não dói nada – disse Paul. – São só uns beliscõezinhos muito agradáveis.

– Não – gritou ela mais uma vez, abanando os caracóis negros e encolhendo-se.

– Ela não s’atreve – disse Geoffrey. – Ela nunca s’atreve a fazer nada a não ser recitar poesia.

– Não s’atreve a saltar uma cancela... não s’atreve a brincar connosco... não s’atreve a fazer frente quando outra rapariga lhe bate... não é capaz de fazer nada a não ser andar por aí convencida qu’ é alguém... «A Dama do Lago»... é isso mesmo! – gritou Maurice.

Miriam estava coradíssima de vergonha e infelicidade.

– Sou capaz de fazer mais coisas que vocês – gritou ela. – Vocês não passam duns cobardes e duns brigões.

– Olha, olha, «cobardes e brigões!» – repetiram eles, arremedando-a.

«Um palhaço assim nunca me enfurece.

Todo o brutamontes silêncio merece»

recitou ele, virado para ela, a rir às gargalhadas.

Ela voltou para casa. Paul foi com os dois rapazes até ao pomar, onde tinham montado à pressa duas barras paralelas. Aí chegados, entregaram-se às respectivas demonstrações de força. Paul era mais ágil do que possante, mas foi quanto bastou. Apontou para umas flores de macieira que estavam mesmo à ponta de um ramo balouçante.

– Eu cá, se fosse a ti, não apanhava as flores – disse Edgar, o mais velho dos irmãos. – Senão, prò ano não temos maçãs.

– Eu não ia apanhá-las – respondeu Paul, indo-se embora.

Os rapazes mostravam-se hostis com ele. Interessavam-lhes mais as suas próprias brincadeiras. Paul voltou para casa, para junto da mãe. Quando ia a contornar a casa pelas traseiras, viu Miriam ajoelhada diante da capoeira da galinha, com a mão cheia de milho, a morder o lábio, numa atitude de intensa concentração. A galinha fitava-a com maldade. Cautelosamente, ela estendeu a mão. A galinha atirou-se. Ela retirou rapidamente a mão, com um grito, misto de medo e frustração.

– Ela não te magoa – disse Paul.

Miriam pôs-se de pé, muito corada.

– Só queria experimentar – disse, muito baixinho.

– Vês... não dói nada – disse ele. E, colocando apenas dois grãos de milho na palma da mão, deixou a galinha bicá-lo à vontade. – Só dá vontade de rir – continuou Paul.

Ela estendeu a mão e retirou-a, tentou novamente e fugiu para trás, com um grito. Ele fez uma careta.

– Olha, eu até a deixava comer milho da minha cara – disse Paul. – Mas ela dá muitos encontrões. Ela faz isto com toda a perfeição! Se não fizesse, já imaginaste a quantidade de terra que ela ia comer todos os dias?

Esperou, muito sério, a observá-la. Finalmente, Miriam deixou a galinha bicar-lhe a mão. Deu um gritinho, de medo e dor, porque estava assustada, um gritinho patético. Mas tinha conseguido, e voltou a repetir a proeza.

– Estás a ver – disse o rapaz. – Não faz doer, pois não?

Ela fitou-o com os olhos escuros muito abertos.

– Não – disse ela, a rir e a tremer.

Depois levantou-se e foi para casa. Parecia de alguma forma ofendida com o rapaz.

«Ele deve achar que eu não passo duma rapariga como as outras», pensava ela, cheia de vontade de lhe provar que era uma grande personagem, como a «Dama do Lago».

Paul veio encontrar a mãe pronta para partir. Mrs. Morel sorriu para o filho, e ele pegou no grande ramo de flores. Mr. e Mrs. Leivers acompanharam-nos até ao fundo da quinta. As colinas douravam-se do entardecer, e nas profundezas dos bosques sobressaía o púrpura carregado das campainhas-do-monte. Por todo o lado estava o silêncio, apenas quebrado pelo restolhar das folhas e os pássaros.

– É de facto um lugar belíssimo – disse Mrs. Morel.

– É, sim – concordou Mr. Leivers. – É um lugar bem aprazível, o pior são os coelhos. Dão cabo das pastagens. Não sei se alguma vez iremos ter lucro.

Bateu as palmas e os campos cobriram-se de movimento, junto ao bosque: por toda a parte saltavam coelhos acastanhados.

– Até custa a acreditar! – exclamou Mrs. Morel.

Ela e Paul continuaram sozinhos daí para a frente.

– Foi um dia maravilhoso, não foi, mãe? – disse Paul, falando baixinho. A lua despontava, tímida. O coração doía-lhe de tanta felicidade. A mãe não se calava, pois também ela tinha vontade de gritar de felicidade.

– Então eu não ia *ajudar* um homem daqueles? Não ia *tratar* das galinhas e dos bezerros? Havia de *aprender a ordenhar*, e havia de *conversar com ele*, e *fazer planos com ele*. Palavra, se eu fosse mulher dele, aquela quinta ia de vento em popa, isso é que ia... Mas não, ela não tem forças... simplesmente não tem forças. Nunca devia ver-se sobrecarregada desta maneira, percebes. Tenho pena dela, e dele também. Palavra, se ele fosse meu, nunca diria que era um mau marido... Não que ela diga, lá isso não... E ela é até muito simpática.

William veio a casa outra vez, com a namorada, pelo Pentecostes. Tinham-lhe dado uma semana de férias. O tempo estava muito bonito. Geralmente, William, Lily e Paul iam juntos dar um passeio pela manhã. William não conversava muito com a namorada, excepto para lhe contar histórias da infância; mas Paul falava sem parar com qualquer

deles. A certa altura, deitaram-se os três num prado, perto da igreja de Minton. De um dos lados, junto do parque do castelo, estendia-se ondulante uma cortina de choupos – uma beleza. As sebes cobriam-se de bagas pendentes de azevinho. Os campos salpicavam-se de margaridas e flores-de-cuco, como sorrisos. William, agora com vinte e três anos, era já um homem feito, muito alto, mas tão magro que era quase só pele e osso. Deitou-se ao sol, de costas, a sonhar, enquanto Lily brincava com o seu cabelo. Paul foi apanhar margaridas. Ela tinha tirado o chapéu. O seu cabelo era negro como a crina de um cavalo. Paul aproximou-se e entrelaçou-lhe as margaridas no cabelo de azeviche, lembrando enormes lantejoulas brancas e amarelas, com um toque rosado de flores-do-cuco.

– Agora pareces uma bruxinha – disse o rapaz. – Não parece, William?

Lily deu uma gargalhada. William abriu os olhos e contemplou-a. O seu olhar era um misto confuso de tristeza e desmedida admiração.

– Ele transformou-me mesmo numa visão do Além? – perguntou ela, olhando para baixo, para o seu amado, a rir.

– Então não transformou! – disse William, a sorrir. E continuou deitado a olhar para ela. Os seus olhos nunca procuravam os dela. Não queria encontrar os olhos dela. Queria estar só a olhar para ela, não que os seus olhares se encontrassem. E esta vontade de a evitar, afluía-lhe aos olhos como a tristeza. Ele desviou-os outra vez. Ela deixou a mão esguia, onde brilhavam diamantes, brincar no cabelo dele um pouco mais. Depois disse:

– O Paul sabe como fazer as coisas.

– Ótimo – disse William. – Desde que isso te faça feliz. Ele preenche-te as manhãs e eu as noites.

Ela voltou-se para Paul, e riu-se.

– Quero pôr-te mais três flores sobre a orelha – disse ele, de pé ao lado dela. – Depois, fica pronto.

Ela deixou, e ele entrelaçou-lhe as margaridas no cabelo.

– Não sentes o perfume do sol nos teus cabelos? – perguntou Paul. – Estás a ver, era assim que devias ir aos bailes.

– Obrigada – disse ela, sempre a rir.

Levantaram-se.

– Não ponhas ainda o chapéu – disse Paul.

– Achas que sim? – perguntou ela a William. – Posso ir nesta figura?

William olhou para ela outra vez. A beleza dela quase o magoava. Olhou-lhe para a cabeça coberta de flores e torceu o nariz.

– Estás muito bonita assim, se é isso que queres saber.

E ela continuou o passeio sem chapéu. William logo se recompôs do mau humor e mostrou-se muito terno com ela. Ao chegarem a uma ponte, até gravou um coração com as

iniciais dos dois.



Ela observou-o atentamente, vendo como a sua mão forte e nervosa, salpicada de pêlos cintilantes e de sardas, gravava no tronco o coração, o que parecia deixá-la fascinada.

Durante toda a estadia, enquanto William e Lily estiveram presentes, pairava dentro de casa um sentimento de tristeza e calor humano, e também de certa ternura. Mas muitas vezes ele irritava-se. Ela tinha trazido para uma semana cinco vestidos e seis blusas.

– Ouve, não te importas de me lavares estas duas blusas... e estas coisinhas? – disse ela a Annie.

E Annie ficou em casa a lavar roupa, enquanto, na manhã seguinte, William e Lily foram passear. Mrs. Morel ficou furiosa. Às vezes, ao aperceber-se da atitude da namorada para com a irmã, o jovem odiava-a pelo seu comportamento.

No domingo de manhã, Lily apareceu muito bonita, com um vestido leve, sedoso e esvoaçante, tão azul como as penas de um gaio, e um chapéu de palha coberto de rosas, onde dominava o carmim. As pessoas não se cansavam de a admirar. Mas, à noite, quando iam a sair, ela perguntou de novo:

- Fofinho, tens as minhas luvas?
- Quais delas? – perguntou William.
- As novas, as de camurça preta.
- Não.

Seguiu-se uma busca. Tinha-as perdido.

– Está a ver, mãe – disse William. – Já é o quarto par que ela perde desde o Natal... e cada par são cinco xelins.

– Tu só me deste *dois* pares – reponitou ela.

E à noite, depois da ceia, ficou sentada no sofá e ele foi postar-se frente à lareira, farto dela. À tarde, tinha-a deixado sozinha para ir visitar um amigo de infância, e ela ficara a ver um livro. Depois da ceia, William quis ir escrever uma carta.

– Aqui tem o seu livro, Lily – disse Mrs. Morel. – Importa-se de ficar a ler mais um bocadinho?

– Não, obrigada, não quero o livro – disse a rapariga. – Prefiro ficar só aqui sentada.

– Mas isso é muito aborrecido...

William escrevia nervosamente, a grande velocidade. Quando estava a fechar o sobrescrito, disse:

– Ler um livro!... Essa é boa, ela nunca leu um livro na vida dela.

– Não digas isso! – disse Mrs. Morel, irritada com o exagero.

– É verdade, mãe... não leu mesmo – exclamou ele, pondo-se de pé num salto e retomando o seu lugar anterior, frente à lareira. – Nunca na vida leu um livro.

– Atão essa é como eu – interveio Morel. – Essa também num vê nada nos livros qu'a faça ficar sentada, aborrecida, de nariz inflado nas folhas. Pra quê? Eu também num vejo!

– Mas tu não devias dizer essas coisas – disse Mrs. Morel ao filho.

– Mas é verdade, mãe... ela *não sabe* ler... que livro é que lhe deu?

– Bem, dei-lhe um livrinho da Annie Swan. Ninguém quer ler coisas pesadas num domingo à tarde.

– Pois eu aposto que ela nem dez linhas leu.

– Aí é que tu te enganas – disse a mãe.

Lily assistia à discussão sentada no sofá, com um ar muito infeliz.

– Leste alguma coisa do livro? – perguntou-lhe ele.

– Li, sim – respondeu ela.

– Quantas páginas?

– Sei lá quantas páginas...

– Diz-me uma coisa que tenhas lido.

Ela não foi capaz.

– Cala-te, William – disse a mãe. – Que ideia a tua!

– Mas ela não consegue ler, mãe! – gritou ele, secamente. – Não consegue reter nada do que lê. Não sabe ler e não sabe falar. Não há assunto nenhum sobre o qual se possa conversar com ela. Só pensa em vestidos e em como todos a admiram.

– Não lhe ligue, Lily – disse Mrs. Morel.

– Só os parvos é que se sentam de nariz inflado nos livros, é o qu'eu digo – acrescentou Morel.

E a pobre rapariga continuava a ser agredida. Ele parecia odiá-la. Mais tarde, Mrs. Morel foi buscar-lhe um livro muito simples, e era patético vê-la arrastar-se penosamente pelas primeiras páginas na tarde chuvosa. Não conseguiu passar da segunda página. Ele lia muito, e possuía uma inteligência rápida, activa. Ela não entendia nada a não ser fazer amor e tagarelar. Ele estava habituado a ter todos os seus pensamentos peneirados pela mente da mãe. Por isso, quando procurava companhia e, em resposta, lhe era pedido que

fosse apenas um amante, todo ele ternuras e gorgeios, odiava a namorada.

– Sabe, mãe – disse ele, quando à noite ficaram os dois sozinhos – ela não dá valor ao dinheiro, é um catavento. Quando recebe o ordenado, é capaz de gastar uma fortuna numa porcaria qualquer como, por exemplo, *marrons glacés*. E, depois, sou eu que tenho de lhe comprar o passe e todos os outros extras... até a roupa interior. E quer ela casar-se... Por mim, podíamos até casar já para o ano. Mas por este andar...?

– Ia ser um lindo casamento – respondeu a mãe. – Eu, se fosse a ti, pensava duas vezes, meu filho.

– Bom... Agora já fui longe de mais para romper com tudo – disse ele. – Por isso, o melhor é casar o mais depressa possível.

– Muito bem, meu filho. Se é isso que queres, assim será, e não se fala mais no assunto... Mas olha que *eu* não durmo quando penso nisso.

– Ela é boa rapariga, mãe. Cá nos havemos de arranjar.

– E ela deixa que sejas tu a comprar-lhe a roupa interior? – perguntou a mãe.

– Bem... – começou ele, apologeticamente. – Ela nunca me pediu. Mas uma manhã... estava muito frio... encontrei-a na estação toda a tremer, nem conseguia estar parada. E então perguntei-lhe se estava bem agasalhada, e ela respondeu, «Acho que sim». E então eu disse «Trazes alguma camisola quente... de lã... por baixo?» E ela disse que não, que era de algodão. Perguntei-lhe por que carga de água não tinha vestido uma coisa mais quente com um frio daqueles, e ela disse que não tinha *nada* mais quente. E ainda por cima, com a bronquite que ela tem! *Tive* de pegar nela e ir comprar-lhe uma roupa mais quente... Sabe, mãe, o dinheiro era o menos, se nós o tivéssemos... Ela devia guardar o suficiente para o passe. Mas não... vem pedir-mo, e eu tenho de inventar o dinheiro...

– Belas perspectivas – disse Mrs. Morel, amargurada.

Ele estava pálido e no seu rosto já vincado, outrora tão sorridente e descuidado, estampavam-se o conflito e o desespero.

– Mas eu não posso acabar com tudo, não agora, as coisas já foram longe de mais – disse ele. – Além disso, para *certas* coisas, não posso passar sem ela...

– Meu filho, lembra-te de que se trata da tua vida – disse Mrs. Morel. – *Nada* pode ser pior do que um casamento que já está à partida irremediavelmente marcado pelo fracasso. O meu foi suficientemente mau, Deus sabe que sim, e devia ter-te ensinado alguma coisa... Mas ainda podia ter sido muito pior.

William estava encostado à ombreira da chaminé, de mãos no bolsos. Era um homem alto e esquelético, com ar de quem seria capaz de ir até ao fim do mundo, se lhe apetecesse. Mas a mãe lia-lhe o desespero no rosto.

– Agora não posso deixá-la.

– Está bem – disse a mãe. – Mas lembra-te de que há coisas piores do que romper um noivado.

Quedaram-se em silêncio, ele de olhar parado, fitando o espaço. Só a mãe lhe podia valer e, no entanto, não a deixava decidir por ele. Continuava preso ao que tinha feito.

– E, naturalmente – acrescentou Mrs. Morel, há muito mais nobreza em romper um noivado para evitar um mal maior do que em continuar só para cumprir uma promessa.

Ele mantinha-se estático, de olhar pregado no vazio.

– Eu não posso deixá-la *agora* – insistiu ele.

O relógio ia avançando. Mãe e filho continuaram em silêncio, em conflito. Mas ele nada mais disse. Por fim, ela disse:

– Bem, vai dormir, meu filho... amanhã sentes-te melhor... e talvez vejas as coisas com outros olhos.

O filho deu-lhe um beijo e foi deitar-se. Ela foi abafar o borrvalho, sentindo o coração pesado como nunca sentira antes. Antes, com o marido, parecia sentir ruir tudo dentro dela, mas nada lhe destruía a vontade de viver. Mas agora, era a própria alma que estava ferida. A própria esperança fora atingida.

William manifestou em muitas outras ocasiões o mesmo ódio pela noiva. Na última noite que passaram em casa dos pais, fartou-se de resmungar com ela.

– Bem – disse ele – já que não me acredita, que acha que ela não é nada assim, acredita pelo menos que ela foi crismada três vezes?

– Que disparate! – disse Mrs. Morel, perdida de riso.

– Disparate ou não, o certo é que foi *mesmo*! É isso que o Crisma significa para ela... teatro... um espectáculo onde pode brilhar.

– Não fui nada, Mrs. Morel – gritou a rapariga. – Não fui nada. Não é verdade.

– O quê! – gritou ele, avançando para ela. – Uma vez em Bromley, outra em Beckenham, e outra mais não sei onde.

– Em mais lado nenhum! – disse ela, a chorar. – Em mais lado nenhum.

– *Foi*, sim! E mesmo que não fosse, para que foste crismada *duas vezes*?

– Da primeira vez, só tinha catorze anos, Mrs. Morel – explicou ela, desculpando-se, de lágrimas nos olhos.

– Claro – disse Mrs. Morel. – Eu entendo perfeitamente, minha filha. Não lhe ligue. Devias ter vergonha, William, a dizeres estas coisas.

– Mas é verdade. Ela é religiosa... até tem livros de orações em veludo azul... mas liga tanto à religião, ou a outra coisa qualquer, como à perna daquela mesa. Ser crismada três vezes, só pelo espectáculo, só para se mostrar! E ela é assim em *tudo* o mais, em *tudo*!

A rapariga chorava, sentada no sofá. Não era um espírito forte.

– Até no *amor*! – gritou ele. – É o mesmo que pedir a uma mosca que nos ame. Só quer vir para cima de nós...

– Acabou-se! – disse Mrs. Morel, peremptória. – Se queres continuar a dizer esses disparates, tens de ir para outro lugar. Tenho vergonha de ti, William. Não sabes portar-te como um homem? Só a pôr defeitos na rapariga... e depois a fingires que estás noivo...! – Mrs. Morel sucumbiu à raiva e à indignação.

William mantinha-se em silêncio. Mais tarde, arrependido, foi dar um beijo à namorada e consolá-la. No entanto, tudo o que dissera era verdade, e odiava-a.

Quando partiram, Mrs. Morel acompanhou-os a Nottingham. A caminhada até à estação de Keston era longa.

– Sabe, mãe – disse ele –, a Ciganita é muito superficial... nada penetra nela a fundo...

– William, preferia que não disseses essas coisas – pediu Mrs. Morel, sentindo-se constrangida com a presença da rapariga.

– Mas é que não penetra mesmo, mãe... Ela está muito apaixonada por mim, *agora*... Mas, se eu morresse, esquecia-me em três meses.

Mrs. Morel tinha medo. O seu coração batia furiosamente perante a amargura serena das últimas palavras do filho.

– Como sabes? – retorquiu. – Tu *não* podes saber... e, por isso, não tens o direito de dizeres uma coisa dessas.

– Ele está sempre com estas coisas! – exclamou a rapariga.

– Três meses depois de me enterrarem, já tu tinhas arranjado outro e nunca mais te lembravas de mim – disse ele. – É esse o amor que me tens!

Mrs. Morel meteu-os no comboio, em Nottingham, e voltou para casa.

– Sabes uma coisa? – disse ela pateticamente para Paul. – Não se entendem e nunca se hão-de entender. Como vai ser, se *chegarem* a casar, é de mais para a minha imaginação. Se *ao menos* ele a deixasse, já não precisava de a atormentar desta maneira. Mas vão ficar presos um ao outro até se matarem. Quando ele disse *aquilo*, a caminho de Keston, foi como se eu já não pudesse dar nem mais um passo. Pobrezinha, tenho pena dela. Mas não é mulher para ele, lá isso não é. É muito cruel dizê-lo, mas como ela é muito frágil, mais valia que morresse em vez de casar com ele.

Mrs. Morel não tirou o filho do pensamento durante todo o Verão. Ele parecia estar a dar cabo da vida. Mas o casamento parecia estar ainda demorado.

– Valha-nos pelo menos uma coisa – disse ela a Paul. – Ele nunca vai juntar dinheiro suficiente para se casar, disso tenho *eu* a certeza. É assim que ela o vai salvar.

E a ideia animava-a. As coisas ainda tinham remédio, e acreditava firmemente que William nunca chegaria a casar com a sua Cigana. Aguardava e mantinha Paul junto de si.

Durante todo o Verão, as cartas de William soavam febris. Parecia pouco natural e empolgado. Por vezes exageradamente alegre, mas geralmente sóbrio e amargo.

– Pois é – dizia a mãe. – Anda a dar cabo dele por causa daquela criatura que não

merece o amor que ele lhe tem, que não passa duma boneca de trapos.

Ele só pensava em vir a casa. As férias de Verão já lá iam, e o Natal ainda estava muito longe. Escreveu muito entusiasmado a dizer que podia vir a casa no princípio de Outubro, passar um sábado e um domingo, para a Feira do Ganso.

– Tu não andas bem, meu filho – disse-lhe a mãe quando o viu. Tê-lo assim, só para ela, dava-lhe até vontade de chorar.

– Não, não tenho passado nada bem – disse ele. – Apanhei uma constipação que se arrastou durante todo o mês. Mas já estou melhor, acho eu.

Estava um dia soalheiro de Outubro. William parecia louco de alegria, como um garoto que se escapasse às aulas. Mas logo ficou calado e reservado. Estava mais esquelético que nunca e com os olhos encovados.

– Andas a trabalhar de mais – disse a mãe.

Fazia horas extraordinárias, para juntar dinheiro para se casar, segundo disse. Só conversou com a mãe uma vez, no sábado à noite. Depois, pôs-se muito triste, com saudades da namorada.

– Sabe uma coisa, mãe, apesar disto tudo, se eu morresse, ela ia chorar por mim durante dois meses, e depois tratava de me esquecer. A mãe havia de ver, ela nunca viria aqui visitar a minha sepultura nem uma só vez.

– Ora, William – disse a mãe –, tu não vais morrer, para quê falar nisso agora?

– Mas se acontecesse... – insistiu ele.

– Ela não tem culpa... ela é assim... e se tu a escolheste, não te podes queixar... – disse a mãe.

No domingo de manhã, quando estava a pôr o colarinho, William disse, levantando o queixo:

– Veja a borbulhagem que o colarinho me fez por baixo do queixo!

Mesmo na ligação do queixo com a garganta havia uma zona muito vermelha, toda irritada.

– Não te devia fazer isso – disse a mãe. – Toma, põe um pouco deste unguento. Devias mudar de colarinhos.

William partiu no domingo à noite, aparentemente melhor e mais forte, depois destes dois dias passados em casa.

Na terça-feira de manhã, chegou um telegrama de Londres dizendo que ele estava doente. Mrs. Morel, que estava a esfregar o chão, levantou-se, leu o telegrama, chamou uma vizinha, foi a casa da senhoria, pediu-lhe dinheiro emprestado, vestiu-se e partiu. Correu até à estação de Keston e apanhou o expresso para Londres em Nottingham, onde teve de esperar quase uma hora. Figurinha frágil, com o seu chapelinho preto, não parava de perguntar, ansiosa, aos carregadores se sabiam o caminho para Elmers End. A viagem

demorou três horas. Foi sempre sentada no seu canto, embalada numa espécie de torpor, sem se mexer. Na estação de King's Cross também ninguém sabia indicar-lhe o caminho para Elmers End. Com o saco de rede na mão, com a camisa de noite, um pente e uma escova, ia de pessoa em pessoa, fazendo sempre a mesma pergunta. Por fim, mandaram-na apanhar o metropolitano até Cannon Street.

Eram seis horas quando chegou ao apartamento de William. As persianas não estavam corridas.

– Como está ele? – perguntou.

– Na mesma – disse a dona da casa.

Mrs. Morel subiu a escada atrás da senhoria. William estava deitado na cama, com os olhos injectados de sangue, muito pálido. A roupa estava espalhada pelo chão, o lume estava apagado e tinha um copo de leite na mesa de cabeceira. Ninguém viera vê-lo.

– Então, meu filho, que foi isto? – disse a mãe, mostrando coragem.

Ele não respondeu. Olhava para ela, mas não a via.

Depois, começou a dizer numa voz monocórdica, como se ditasse uma carta: «Devido a uma brecha no casco do navio, o açúcar tornou-se num bloco, cristalizou. Foi preciso parti-lo com um machado...»

Estava completamente inconsciente. Um dos seus trabalhos tinha sido ir examinar esse tal carregamento de açúcar no porto de Londres.

– Há quanto tempo está ele assim? – perguntou a mãe à senhoria.

– Chegou a casa às seis horas da manhã na segunda-feira e aparentemente dormiu o dia todo. À noite, ouvimo-lo a falar, e esta manhã chamou por si. Por isso, mandei o telegrama e chamámos o médico.

– Não se importa de acender o lume?

Mrs. Morel tentava acalmar o filho, mantê-lo quieto.

O médico chegou. Era uma pneumonia e, segundo disse, uma forma rara de erisipela, que tinha começado debaixo do queixo, provocada pelo roçar do colarinho, e se estava a espalhar a toda a cara; e esperava bem que não lhe atingisse o cérebro.

Mrs. Morel ficou a cuidar dele. Rezava por William, rezava para que ele a reconhecesse. Mas a cara do jovem cada vez perdia mais as cores. De noite, teve de lutar com o filho. Ele delirou e tornou a delirar, sem nunca recobrar a consciência. E morreu às duas da manhã, num paroxismo atroz.

Durante uma hora, Mrs. Morel permaneceu estática, sentada no quarto do filho. Depois, acordou toda a casa.

Às seis da manhã, vestiu-o com a ajuda da mulher da limpeza e em seguida saiu e foi à procura do registo civil e do médico daquele lúgubre subúrbio londrino.

Às nove horas, novo telegrama para Scargill Street: «William morreu esta noite. Dizer

pai venha e traga dinheiro.»

Annie, Paul e Arthur estavam em casa. Mr. Morel tinha ido trabalhar. As três crianças não disseram uma palavra. Annie começou a choramingar, com medo. Paul foi chamar o pai.

O dia estava lindo. Na mina de Bretty, o vapor branco fundia-se lentamente com a luz do sol no céu azul, muito ameno, as roldanas da torre brilhavam no alto do aterro, e a peneira não se calava, sempre a deitar o carvão para os vagões.

– Tenho de falar com o meu pai... ele tem de ir já para Londres – disse o rapaz ao primeiro homem que encontrou no aterro.

– Queres falar com Walter Morel?... Vai ‘í dentro e diz ò Joe Ward.

Paul entrou no escritório de cima.

– Quero o meu pai... ele tem de ir pra Londres.

– O teu pai... está na mina? Quem é ele?

– Mr. Morel.

– Quem, o Walter? Aconteceu alguma coisa?

– Ele tem de ir já pra Londres.

O homem foi para o telefone e ligou para o escritório de baixo.

– Chamem o Walter Morel... 42 Hard. Aconteceu alguma coisa... o filho dele tá ‘qui.

Depois, voltou-se para Paul, e disse:

– Daqui a cinco minutos ele já aí está.

Paul foi até ao topo da mina. Viu a caixa subir, com o carregamento de carvão. A grande gaiola de ferro descansou sobre os apoios, a carga foi retirada, um contentor vazio deslizou sobre os apoios, algures tilintou uma campainha, a gaiola elevou-se e caiu como uma pedra.

Paul não acreditava que William estivesse morto... era impossível, com tanta azáfama por todo o lado. O mineiro de serviço empurrou o pequeno contentor para cima da placa giratória, e um outro homem levou-a pelo aterro fora, pelos trilhos sinuosos. «O William está morto e a minha mãe em Londres; que estará ela a fazer?», perguntava-se ele, como se se tratasse de uma charada.

Viu os contentores subirem uns atrás dos outros, e nem sinais do pai. Por fim, o vulto de um homem desenhou-se ao lado de um vagão! A gaiola descansou sobre os apoios e Morel desceu. Coxeava ligeiramente, devido a um acidente.

– És tu, Paul!... Ele tá pior?

– Tem de ir já pra Londres.

Desceram os dois o aterro, lado a lado, sob os olhares curiosos dos mineiros. Quando deixaram a mina e seguiam já ao longo da via férrea, com os campos soalheiros de Outono

de um dos lados e um muro de vagões do outro, Morel perguntou, com o medo na voz:

– Ele não se curou, filho?

– Não.

– E quando foi?

Havia terror na voz do mineiro.

– Esta noite... Chegou um telegrama da mãe.

Morel deu mais alguns passos e depois encostou-se a um vagão e fincou as mãos nos joelhos. Mas não chorou. Paul olhou em volta, à espera. Um vagão balouçou lentamente em cima da balança. Paul via tudo, menos o pai, encostado ao vagão, como se estivesse cansado.

Morel só tinha ido uma vez a Londres. Pôs-se a caminho, assustado e lívido, para ir ajudar a mulher. Isto passou-se numa terça-feira. Os filhos ficaram sozinhos em casa. Paul foi trabalhar, Arthur para a escola e Annie chamou uma amiga para lhe fazer companhia.

No sábado à noite, quando Paul dobrava a esquina, de regresso de Keston, viu a mãe e o pai, que vinham da estação de Lethley Bridge. Caminhavam no escuro, em silêncio, cansados, separados. O rapaz ficou à espera.

– Mãe! – disse ele, da escuridão.

A figura franzina de Mrs. Morel pareceu não dar por ele. Paul insistiu.

– Paul! – disse ela, indiferente. Deixou-o dar-lhe um beijo, mas parecia não o ver.

Em casa foi a mesma coisa, franzina, pálida e muda. Não via nada, não dizia nada, excepto:

– O caixão chega hoje à noite, Walter. É melhor pedires ajuda. – E, depois, voltando-se para os filhos: – Vamos trazê-lo para casa.

Em seguida mergulhava num mutismo duradouro, de olhar perdido no espaço e mãos cruzadas sobre o regaço. Paul, ao vê-la assim, quase não podia respirar. Reinava em toda a casa um silêncio de morte.

– Fui trabalhar, mãe – disse Paul, tristemente.

– Ah, foste – respondeu ela, indiferente.

Passada meia hora, Morel, preocupado e confuso, entrou em casa.

– Onde havemos d'o pôr, quand'ele chegar? – perguntou à mulher.

– Na sala da frente.

– Então é melhor eu tirar de lá a mesa.

– Está bem.

– E botá-lo em cima das cadeiras?

– Tu lá sabes... sim... acho que sim.

Morel e Paul pegaram numa vela e foram para a sala. Lá não havia gás. O pai desaparafusou o tampo oval da grande mesa de mogno e libertou o centro da sala. Depois dispôs seis cadeiras em frente umas das outras, de forma a poderem suportar o caixão.

– Nunca vi ninguém mais comprido! – disse o mineiro, olhando em volta, ansioso, enquanto trabalhava.

Paul foi à janela e olhou para a rua. O freixo erguia-se monstruoso e negro, contra a imensa escuridão. Estava uma noite sem luar. Depois, voltou para junto da mãe.

Às dez horas, Morel anunciou:

– Chegou!

Todos estremeceram. Ouviu-se destrancar e abrir a porta da frente, que dava passagem directa da noite escura para dentro da sala.

– Tragam outra vela – gritou Morel.

Annie e Arthur foram buscá-la. Paul acompanhou a mãe. Estava ao lado dela, encostado à porta interior, passando-lhe o braço pela cintura. No meio da sala vazia havia seis cadeiras à espera, viradas umas para as outras. Junto à janela, Arthur segurava uma vela, encostado às cortinas de renda, e junto à porta aberta, virada para a noite, estava Annie, inclinada para a frente, com a palmatória de latão a cintilar.

Ouviu-se o barulho de um rodado. Lá fora, na escuridão da rua, Paul viu cavalos e um veículo negro, um lampião e alguns rostos empalidecidos. Depois, alguns homens – mineiros – todos em mangas de camisa, que pareciam debater-se na penumbra densa. Por fim, apareceram dois homens, vergados sob a pesada carga. Era Morel e o vizinho.

– Firme! – disse Morel, sem fôlego.

Ele e o companheiro subiram o degrau alto do jardim e surgiram à luz da vela, segurando uma das extremidades cintilantes do caixão. Mais braços, de outros homens, agitavam-se por detrás deles. Morel e Burns, à frente, vacilaram. A carga negra, pesadíssima, balançou.

– Firme, firme! – gritou Morel, num grito de dor.

Os seis carregadores já estavam todos no jardim, trazendo o caixão pelo ar. Havia ainda mais três degraus até à porta. A lanterna amarelada da carruagem brilhava sozinha, na estrada de breu.

– Agora! – disse Morel.

O caixão balançou, os homens começaram a subir os degraus com a sua carga. A chama da vela de Annie tremulou e ela começou a chorar ao ver surgir os primeiros homens. Os braços e as cabeças curvadas dos seis homens lutavam para vencerem a subida até à sala com o caixão, transportando o peso do sofrimento sobre a sua carne viva.

– Oh, meu filho... meu filho! – disse Mrs. Morel, baixinho, como se entoasse. E, de novo, de cada vez que o caixão balançava ao passo desigual dos carregadores:

– Oh, meu filho... meu filho... meu filho!

– Mãe! – disse Paul, a chorar, com o braço em volta da cintura dela. – Mãe!

Ela não ouviu.

– Oh, meu filho... meu filho! – repetia.

Paul via gotas de suor pingarem da testa do pai. Os seis homens estavam na sala, seis homens em mangas de camisa, de braços exaustos que se debatiam com a sua carga, enchendo a sala e indo de encontro aos móveis. O caixão desceu e foi suavemente pousado sobre as cadeiras. O suor pingava da testa de Morel sobre o rebordo.

– Palavra d'honra, manda cá um peso! – disse um dos homens, e os cinco mineiros soltaram um suspiro, curvaram-se perante o caixão e, trémulos da luta, desceram novamente os degraus, fechando a porta atrás de si.

A família ficou sozinha na sala com a enorme caixa envernizada. William, esticado, tinha seis pés e quatro polegadas de comprimento. O imponente caixão, de um castanho brilhante, jazia qual monumento. Paul pensou que nunca mais iam conseguir tirá-lo dali. A mãe acariciava a madeira envernizada.

Foi a enterrar na segunda-feira, no pequeno cemitério da encosta, alcandorado sobre os campos, dominando a igreja e o casario. Estava um dia de sol e os crisântemos brancos encaracolavam as pétalas ao calor.

Depois de tudo isto, nada conseguia persuadir Mrs. Morel a falar e a recuperar a sua antiga força de viver. Continuava fechada sobre si mesma. Quando voltava para casa, no comboio, tinha pensado para consigo: «Se ao menos tivesse sido eu.»

Quando Paul chegou a casa à noite, encontrou a mãe sentada com as mãos no regaço, sobre o tosco avental, já com a lida da casa despachada. Era sempre costume trocar de vestido e pôr um avental preto. Mas desta vez foi Annie quem lhe pôs a ceia, e a mãe continuou sentada em frente dela, de olhar vazio e lábios cerrados. Paul deu voltas à cabeça para arranjar novidades para lhe contar.

– Mãe, Miss Jordan apareceu lá hoje e disse que o meu esboço de uma mina a laborar estava muito bom...

Mas Mrs. Morel nem prestou atenção. Noite após noite, Paul esforçava-se por lhe contar coisas, mesmo que ela o não escutasse. Quase o enlouquecia vê-la neste estado. Até que:

– Que tem, mãe? – perguntou ele. Ela não ouviu.

– Que tem? – insistiu. – Mãe, o que é que tem?

– Sabes bem o que é que eu tenho – disse ela, irritada, virando-lhe as costas. O rapaz – tinha agora dezasseis anos – foi para a cama tristíssimo. Passou Outubro, Novembro e Dezembro sentindo-se rejeitado, um desgraçado. A mãe bem tentava, mas não conseguia reagir. Tudo o que fazia era pensar no filho morto, que tão cruelmente tinham deixado morrer.

Por fim, no dia 23 de Dezembro, Paul voltou para casa como um sonâmbulo, com os

cinco xelins da gratificação de Natal no bolso. A mãe olhou para ele e o seu coração parou.

– O que se passa? – perguntou ela.

– Sinto-me mal, mãe! – respondeu ele. – Mr. Jordan deu-me cinco xelins de gratificação. – E estendeu-os à mãe, com a mão trémula. Ela pô-los em cima da mesa.

– A mãe não parece satisfeita – disse ele, como se ralhasse.

Mas Paul tremia violentamente.

– Onde é que te dói? – disse ela, desabotoando-lhe o sobretudo.

Era a velha pergunta.

– Sinto-me mal, mãe.

Ela despiu-o e meteu-o na cama. Era uma pneumonia, e grave, disse o médico.

– Ele podia não a ter apanhado, se eu o tivesse obrigado a ficar em casa e não o deixasse ir para Nottingham? – foi uma das primeiras coisas que perguntou.

– Podia não ser tão grave – disse o médico.

Mrs. Morel encontrou na resposta a sua própria condenação.

– Devia ter-me preocupado com os vivos, e não com os mortos – disse para consigo.

Paul esteve muito mal. A mãe passava as noites ao seu lado, pois não tinham dinheiro para uma enfermeira. O seu estado piorou e a fase crítica aproximava-se. Uma noite recobrou a consciência, num daqueles paroxismos fantasmagóricos e doentios de dissolução, em que todas as células do corpo parecem estilhaçar-se à pressão extrema da irritabilidade, e a consciência, como em estados de loucura, tem um derradeiro arrobo de vitalidade.

– Vou morrer, mãe! – gritou ele, soerguendo-se da almofada, lutando para respirar.

Ela ajudou-o, chorando baixinho:

– Oh, meu filho, meu filho!

Isto trouxe-o de volta. Apercebeu-se da presença da mãe. A sua força de vontade empertigou-se e prendeu-o à vida. Pousou a cabeça do peito dela e repousou no seu amor.

– De certa forma – disse a tia – foi até bom o Paul ter tido aquela doença no Natal. Foi isso que salvou a mãe.

Paul esteve de cama sete semanas. Levantou-se, finalmente, pálido e muito fraco. O pai tinha-lhe comprado um vaso de tulipas vermelhas e douradas. Era vê-las, a brilhar como fogo na janela, ao sol de Março, enquanto ele ficava sentado no sofá a conversar com a mãe. Tagarelavam os dois em perfeita intimidade. Mrs. Morel vivia agora para Paul.

William tinha sido profético. Mrs. Morel recebeu uma lembrança e uma carta de Lily pelo Natal. Da irmã de Mrs. Morel, uma carta pelo Ano Novo.

«Fui ontem a um baile. Encontrei lá pessoas adoráveis e diverti-me imenso», dizia a carta. «Não perdi uma dança... nem uma.»

Mrs. Morel nunca mais teve notícias dela.

Morel e a mulher viveram em harmonia durante algum tempo depois da morte do filho. Ele costumava quedar-se, como num êxtase, de olhos esbugalhados e olhar perdido. Depois, levantava-se de repente e ia para o Three Spots, voltando já no seu estado normal. Mas nunca mais foi passear para os lados de Shepstone, para não passar pelo escritório onde o filho trabalhara, e evitava passar pelo cemitério.

SEGUNDA PARTE

VII

AMOR DE ADOLESCENTES

NO OUTONO, Paul estivera várias vezes em Willey Farm e tinha-se tornado amigo dos dois rapazes mais novos. De início, Edgar, o mais velho, não se mostrava muito receptivo, e Miriam furtava-se também a qualquer aproximação. Tinha medo de ser desprezada pelos próprios irmãos. Rapariga de alma romântica, em toda a parte via heroínas de Walter Scott, cortejadas por cavaleiros de armadura ou chapéus emplumados. Ela própria era, na sua imaginação, uma princesa transformada em guardadora de porcos. E receava que aquele rapaz, parecido embora com um herói de Walter Scott, que pintava, falava francês, sabia álgebra e viajava todos os dias de comboio para Nottingham, visse nela simplesmente a guardadora de porcos e fosse incapaz de vislumbrar a princesa que nela se ocultava. Por isso, fugia dele.

A sua melhor amiga era a mãe. Ambas de olhos castanhos e dadas ao misticismo, eram daquelas mulheres que guardam a religião ciosamente no coração e para quem a religião é como o ar que respiram, como um véu de bruma que lhes filtra a vida. Assim, para Miriam, Cristo e Deus formavam uma só imagem sublime que ela amava com fervor, apaixonadamente, sempre que um imenso pôr do Sol incendiava o céu poente; sempre que os heróis e as heroínas – os Brian de Bois Gilberts, os Rob Roys e os Guy Mannerings; as Edites, as Lucys e as Rowenas – faziam restolhar as folhas matinais encharcadas de sol, ou se vinham sentar com ela nas alturas do seu quarto, sonhadores e solitários, quando a neve caía. Isto sim, era para ela viver. Quanto ao resto, cuidava da lida da casa, trabalho que não lhe seria pesado, se o chão de tijoleira bem polida não ficasse logo todo patinhado das pesadas botas dos irmãos; queria à viva força que o irmão mais novo, de quatro anos, a deixasse envolvê-lo e cobri-lo com o seu amor; ia à igreja, reverente, em pose contrita, e sofria angustiada perante a vulgaridade das outras meninas de coro e a banalidade da voz do cura; envolvia-se em lutas com os irmãos, que considerava uns brutamontes; e não tinha o pai em grande estima por não albergar no coração quaisquer ideais místicos, e ter como únicas ambições uma vida sem preocupações e a comida na mesa a tempo e horas.

Miriam detestava a sua condição de guardadora de porcos. Queria ser respeitada. Queria instruir-se, pensando que, se fosse capaz de ler, como Paul dizia que era, a *Colomba* ou a *Voyage Autour de ma Chambre*, o mundo a veria com outros olhos e teria por ela um profundo respeito. Como jamais poderia ser princesa por fortuna ou condição, ansiava possuir conhecimentos de que pudesse orgulhar-se; era diferente das outras pessoas e não queria ser confundida com a arraia-miúda. Ser instruída era a única marca de distinção a que pensava poder aspirar.

A sua beleza, misto de timidez, rebeldia e sensibilidade, não tinha para ela qualquer valor. Nem mesmo a sua alma, tão dada a arrebatamentos, lhe era suficiente. Precisava de algo mais que reforçasse o seu orgulho, pois sentia-se diferente das outras pessoas. Olhava Paul com vaga melancolia. De uma maneira geral, desprezava o sexo masculino. Neste caso, porém, ele era um exemplar diferente, ágil, leve, gracioso, que tanto podia mostrar-

se gentil como insuportável, que era inteligente e culto, que já tinha passado por uma morte na família. O pouco que o rapaz sabia guindava-o aos píncaros a seus olhos. Contudo, esforçava-se por desprezá-lo por ele não conseguir ver nela a princesa, mas tão-só a guardadora de porcos.

Paul mal reparava nela.

Um dia, porém, adoeceu gravemente e ela sentiu que com isso ele iria enfraquecer. Se assim fosse, seria ela a mais forte e então poderia amá-lo. Se pudesse ser sua amante na fraqueza, cuidar dele, tê-lo na sua dependência, se ao menos pudesse tê-lo nos seus braços, com que força o amaria!

Assim que os céus desanuviaram e as ameixoeiras floriram, Paul partiu para Willey Farm na carroça do leiteiro. Mr. Leivers gritou pelo rapaz em tom amigável e conduziu o cavalo lentamente pela encosta acima, ao fresco da manhã, dando estalinhos com a língua para o incitar. No céu passavam nuvens brancas que se iam juntar para lá das colinas, agora visíveis à luz primaveril. As águas do Nethermere jaziam em baixo, muito azuis, em contraste com os prados ressequidos e os espinheiros.

Era uma viagem de quatro milhas e meia. Nas cercas, minúsculos botões em tons vivos e brilhantes desabrochavam em rosetas e os tordos pairavam e os melros piavam e gralhavam. Era um mundo novo, fascinante.

Miriam, espreitando da janela da cozinha, viu o cavalo transpor o grande portão branco do pátio, recortando-se contra o bosque de carvalhos desfolhados, em fundo. Nisto, um rapaz envergando um casacão muito grosso saltou para o chão e estendeu as mãos para segurar o chicote e a manta que o lavrador sadio e bem-humorado lhe entregava.

Miriam assomou-se à porta. Tinha quase dezasseis anos, era linda, de faces rosadas, ar grave e uns olhos subitamente dilatados, como em êxtase.

– Vejo – disse Paul virando-se envergonhado – que os teus narcisos estão quase a desabrochar. Não será cedo de mais? Não achas que está ainda muito frio?

– Frio? – repetiu Miriam, na sua voz terna e musical.

– O verde dos botões... – e Paul interrompeu-se, timidamente.

– Deixa-me levar-te a manta – disse Miriam, com exagerada amabilidade.

– Eu posso bem levá-la – respondeu ele, mostrando-se ofendido. Contudo, entregou-lha.

Entretanto, apareceu Mrs. Leivers.

– Deves estar cansado e cheio de frio – disse ela. – Dá-me o casaco. Que pesado.... não vais longe com ele.

Ajudou-o a despir o casacão, amabilidade a que o rapaz não estava habituado, e quase sucumbiu a tanto peso.

– Ena, mulher – disse o lavrador a rir, quando passou pela cozinha com as grandes bilhas de leite a baloiçar. – Tás aí que nem t'agentas. – Ela ajeitou as almofadas no sofá para o rapaz se encostar.

A cozinha era muito pequena e esquinada. A quinta tinha sido inicialmente o casebre de um jornaleiro, e a mobília estava velha e gasta. Mas Paul gostava da casa; gostava da serapilheira que substituía o tapete da chaminé e daquele vão patusco por baixo das escadas, e do postigo que se abria ao fundo e através do qual, se se curvasse, podia ver as ameixoeiras do jardim das traseiras e os graciosos cabeços arredondados que se recortavam à distância.

– Não te queres deitar? – disse Mrs. Leivers.

– Oh, não... não estou cansado – respondeu Paul. – É maravilhoso andar lá por fora, não é? Vi um abrunheiro em flor e muitas celidónias. Estou tão feliz por estar sol.

– Queres comer ou beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

– Como está a tua mãe?

– Penso que se sente cansada... tem andado muito ocupada. Talvez vá em breve para Skegness comigo. Assim, terá oportunidade de descansar. Quem me dera que isso aconteça.

– Sim – respondeu Mrs. Leivers. – É um milagre que ela não esteja doente.

Miriam andava de um lado para o outro a preparar o jantar. Paul observava tudo o que se passava. As suas faces estavam pálidas e magras, mas os olhos continuavam, como sempre, rápidos e vivos. Ia observando os movimentos estranhos, quase rapsódicos, da rapariga, levando um tacho de guisado para o forno ou vigiando a panela. A atmosfera de sua casa era diferente, lá tudo parecia vulgar. Quando lá fora Mr. Leivers gritou com o cavalo, que se preparava para comer as roseiras no jardim, a rapariga assustou-se e olhou em volta com os seus olhos muito negros, como se algo tivesse vindo perturbar o seu mundo. Sentia-se o silêncio dentro e fora de casa. Miriam parecia estar a viver um conto de fadas, onde era uma donzela cativa e o seu espírito vagueava por uma terra distante e mágica. E a sua túnica azul, velha e desbotada, e as botas já muito gastas, pareciam os andrajos românticos da mendiga do Rei Cophetua.

Subitamente, sentiu os olhos dele, azuis e penetrantes, devorá-la. No mesmo instante as suas botas gastas e o seu velho vestido puído magoaram-na. Lamentava profundamente que ele estivesse a ver tudo. Pois se ele até sabia que a meia dela não estava completamente esticada. Dirigiu-se para a copa com as faces ruborizadas. Mais tarde, as mãos tremiam-lhe levemente durante as tarefas domésticas, quase deixando cair tudo aquilo em que pegava. Quando o seu sonho interior era abalado, o seu corpo estremecia com a trepidação. Lamentava profundamente que ele visse tanta coisa.

Mrs. Leivers sentou-se e conversou durante algum tempo com o rapaz, embora tivesse o trabalho à espera. Era todavia demasiado educada para o deixar sozinho. A certa altura, pediu licença e levantou-se. Daí a pouco olhou para a panela:

– Miriam, querida! – chamou. – As batatas estão sem água!

Miriam respondeu como se algum bicho lhe tivesse mordido.

– E depois, mãe? – exclamou ela.

– Não seria grave se eu não tivesse confiado – disse a mãe. – E espreitou para dentro da panela.

A rapariga pôs-se hirta como se tivesse levado um soco. Os seus olhos negros dilataram-se e ficou estática, no mesmo lugar.

– Tenho a certeza de que ainda há cinco minutos as vi – respondeu, crispada, sentindo-se culpada.

– Eu entendo – disse a mãe. – São coisas que acontecem.

– Não estão muito queimadas – disse Paul. – Não tem importância, pois não?

Mrs. Leivers olhou para o jovem com os seus olhos castanhos, magoados.

– Não teria importância, se não fosse pelos rapazes – disse ela. – Só Miriam sabe o barulho que eles fazem quando as batatas se pegam.

«Nesse caso», pensou Paul com os seus botões, «não deviam deixá-los fazer tanto barulho.»

Daí a nada, entrou Edgar. Vinha de perneiras e trazia as botas cobertas de terra. Era bastante baixo e muito formal para lavrador. Olhou de relance para Paul, cumprimentou-o de longe e perguntou:

– O comer está pronto?

– Está quase, Edgar – respondeu a mãe desculpando-se.

– Pois eu já estou pronto – disse o jovem, pegando no jornal e começando a ler. Entretanto, chegaram os restantes membros da família. O almoço foi para a mesa. A refeição decorreu com grande informalidade. A excessiva delicadeza e tom apologético da mãe realçavam mais o comportamento indelicado dos filhos. Edgar provou as batatas, mexeu a boca rapidamente como um coelho, olhou indignado para a mãe e disse:

– Estas batatas estão esturradas, mãe!

– Pois estão, Edgar... distraí-me por um minuto. Mas talvez possas comer pão, se não as conseguires comer.

Edgar olhou com raiva para Miriam.

– O que estava a Miriam a fazer, para não poder tomar conta delas? – disse ele.

Miriam levantou os olhos. A boca entreabriu-se-lhe, os seus olhos brilharam intensos, pestanejantes, mas permaneceu calada. Engoliu a raiva e a vergonha, e baixou a cabeça.

– Tenho a certeza de que não foi por mal – disse a mãe.

– Nem umas batatas sabe cozer – disse Edgar. – Pra que serv'ela aqui em casa?

– Pra ir prá despensa comer tudo o que sobra – disse Maurice.

– Eles não se esquecem daquela tarte de batata que a nossa Miriam comeu – disse o pai,

a sorrir. Miriam sentia-se completamente humilhada. A mãe ficou calada, a sofrer como uma mártir, sentindo-se a mais nesta refeição atribulada.

Paul estava perplexo com tudo o que via. Não conseguia perceber a razão de tão violenta reacção só porque umas batatas se tinham queimado. A mãe dava a tudo, mesmo à mais insignificante tarefa doméstica, a importância de um dever religioso. Os filhos ressentiam-se com isso e, vendo cerceadas as suas liberdades, respondiam-lhe com brutalidade e também com irónica arrogância.

Paul estava a passar da infância à idade adulta. Esta atmosfera, onde tudo adquiria um valor religioso, tinha a seus olhos um fascínio subtil. Pairava no ar algo de indefinível. A sua própria mãe era lógica. Mas aqui havia algo de diferente, algo que ele amava, algo que por vezes detestava.

Miriam discutiu com os irmãos aguerridamente. Mais tarde, depois do almoço, quando todos já se tinham ido embora, a mãe disse:

– Desapontaste-me muito à hora do almoço, Miriam.

A rapariga baixou a cabeça.

– Eles são uns brutos! – exclamou subitamente, com os olhos flamejantes.

– Mas tu tinhas prometido que não respondias, não tinhas? – disse a mãe. – E eu acreditei em ti! Não suporto ver-te discutir.

– Mas eles são tão irritantes! – exclamou Miriam. – E... e malcriados.

– Sim, minha querida. Mas quantas vezes já te disse para não responderes ao Edgar? Será que não podes deixá-lo dizer o que lhe apetece?

– Mas porque há-de ele dizer o que lhe apetece?

– Miriam, será que não és suficientemente forte para o suportares, mesmo que o faças só por mim? Serás tão fraca que tenhas de discutir sempre com eles?

Mrs. Leivers pregava inflexivelmente a doutrina do «dar a outra face», mas não conseguia ensiná-la aos filhos. Era contudo bem-sucedida com as filhas, e Miriam era a sua filha dilecta. Os rapazes ficavam furiosos quando elas lhe davam a outra face, e Miriam era muitas vezes suficientemente orgulhosa para o fazer. Eles então cuspiam-lhe e detestavam-na. E ela refugiava-se na sua orgulhosa humildade, fechando-se em si mesma. Havia sempre este sentimento de conflito e de discórdia no seio da família Leivers. Embora os rapazes rejeitassem amargamente o eterno apelo aos seus sentimentos mais profundos de resignação e emproada humildade, acabavam por ceder. Não conseguiam imaginar apenas um sentimento humano comesinho ou uma simples amizade com um estranho: estavam sempre ansiosos por algo de mais profundo. O comum mortal era para eles superficial, trivial e insignificante. E, assim, por falta de hábito, eram dolorosamente rudes nos mais simples contactos sociais e, embora sofressem com isso, continuavam a arvorar uma insolente superioridade. Todavia, bem no fundo, ansiavam pela intimidade que não podiam lograr, pois eram demasiado reservados e qualquer tentativa de aproximação era imediatamente bloqueada pelo rude desprezo que nutriam pelos outros.

Buscavam uma intimidade genuína, mas não se conseguiam aproximar normalmente das outras pessoas, pois recusavam-se a dar o primeiro passo e desprezavam a trivialidade que envolve a generalidade das relações humanas.

Paul deixou-se arrastar pelo sortilégio de Mrs. Leivers. Tudo adquiria um significado religioso e profundo quando ele estava com ela. A alma ferida dele, altamente evoluída, procurava-a em busca de alimento. Juntos pareciam filtrar de cada experiência a sua verdade vital.

Miriam era bem a filha de sua mãe. De tarde, ainda o sol brilhava, mãe e filha foram com ele passear pelos campos. Iam em busca de ninhos e encontraram um de carriça na cerca do pomar.

– Quero que vejas uma coisa – disse Mrs. Leivers.

Ele baixou-se e meteu o dedo cautelosamente por entre os espinhos, penetrando no orifício redondo da entrada do ninho.

– É quase como se metêssemos o dedo dentro do corpo de um pássaro – disse ele. – É tão quente. Dizem que o pássaro faz o ninho redondo como uma chávena, calcando-o com o peito. Sempre gostava de saber como é que ele fez o tecto redondo. – Para as duas mulheres, o ninho era o começo da vida. Depois desse dia, Miriam vinha visitá-lo todos os dias. Sentia-o tão próximo de si. Descendo novamente rente à cerca com a rapariga, Paul reparou nas celidónias, sobressaindo como salpicos de ouro na beira do valado.

– Gosto delas quando as pétalas se abrem completamente à luz do sol – disse ele. – Parecem comprimir-se contra o sol. – E foi quanto bastou para as celidónias passarem a exercer sobre ela um certo fascínio. Antropomórfica como era, incentivava-o a apreciar as coisas desta forma, e elas depois ganhavam vida para ela. Parecia necessitar que as coisas brilhassem na imaginação ou na alma dele primeiro, antes de sentir que as possuía. Sempre se vira privada de uma vida normal pelo seu próprio fervor religioso, que fazia o mundo parecer-lhe um jardim de convento ou um paraíso, onde o pecado e o conhecimento ou não existiam ou eram, pelo contrário, algo de cruel e feio.

Foi assim, nesta atmosfera de subtil intimidade, neste encontro de sentimentos comuns pelas coisas da natureza, que o amor nasceu.

Mas só passado muito tempo, Paul se deu verdadeiramente conta da existência de Miriam. Após a doença teve de permanecer em casa durante dez meses. Foi passar algum tempo a Skegness com a mãe e sentia-se verdadeiramente feliz. Mas até da praia ele escrevia longas cartas a Mrs. Leivers falando-lhe da praia e do mar. E trouxe consigo os seus queridos esboços da costa plana de Lincoln, ansioso por lhos mostrar. Iam com certeza interessar mais aos Leivers do que tinham interessado à sua própria mãe. Não era a sua arte que preocupava Mrs. Morel, mas sim ele próprio e o seu futuro. Porém, Mrs. Leivers e os filhos eram quase seus discípulos. Davam-lhe inspiração e faziam-no brilhar no seu trabalho, ao passo que a mãe o influenciava de forma a torná-lo determinado, paciente, obstinado, incansável.

Em breve se tornou amigo dos rapazes, cuja rudeza era apenas superficial. Todos

patenteavam, quando podiam confiar neles próprios, uma bondade e amabilidade muito estranhas.

– Vens comigo para a leira? – perguntou Edgar, um tanto hesitante. Paul foi com ele alegremente e passou a tarde a cavar e a desbastar os nabos com o amigo. Paul costumava deitar-se com os três irmãos no monte de feno do celeiro a contar-lhes histórias sobre Nottingham e a Thomas Jordan. Eles, por sua vez, ensinaram-no a ordenhar e deixavam-no encarregar-se de pequenas tarefas tanto quanto quisesse, tais como segar feno ou despolpar nabos. Nos meados do Verão, Paul ajudou-os a segar o feno e tornou-se seu grande amigo. Aquela família vivia na verdade bem longe do mundo. Assemelhavam-se de certa forma a «*les derniers fils d'une race épuisée*»¹. Embora os rapazes fossem robustos e saudáveis, eram esquivos e extremamente sensíveis, o que os tornava tão solitários. Mas, uma vez ganha a sua confiança, mostravam-se amigos fiéis e dedicados.

Miriam só mais tarde aconteceu. Mas ele entrara na vida dela antes de ela aparecer na sua. Numa tarde sombria, quando os homens estavam no campo e os mais novos na escola, apenas tendo ficado em casa Miriam e a mãe, ela perguntou-lhe, após breves momentos de hesitação:

– Já viste o baloiço?

– Não – respondeu ele. – Onde está?

– No estábulo – disse ela.

Ela hesitava sempre em dizer-lhe ou mostrar-lhe alguma coisa. Os homens têm uma noção de valor tão diferente da das mulheres que todos os seus objectos mais queridos e valiosos eram frequentemente motivo de escárnio e insulto por parte dos irmãos.

– Então vamos! – respondeu ele, levantando-se de imediato.

Havia dois estábulos, um de cada lado do celeiro. No estábulo mais baixo e escuro havia lugar para quatro vacas. As galinhas esvoaçavam sobre a manjedoura, cacarejando, enquanto o rapaz e a rapariga se aproximavam da corda grande e grossa, que pendia suspensa de uma viga na escuridão e estava presa à parede, a uma cavilha.

– Parece uma corda! – exclamou ele, satisfeito, e sentou-se ansioso por experimentar. Porém, levantou-se logo.

– Vá! Experimenta tu primeiro! – disse, voltando-se para a rapariga.

– Estás a ver – respondeu ela, entrando no celeiro –, é preciso pôr uns sacos no assento.

– E assim tornou o assento mais confortável, o que muito o alegrou. Paul segurou-se à corda.

– Vem! – disse ele.

– Não, não quero ser a primeira – respondeu ela.

E manteve-se afastada, no seu jeito indiferente e calmo.

– Porquê?

– Vai tu agora! – insistiu ela.

Era talvez a primeira vez na vida que ela sentia prazer em fazer o que um homem lhe dizia, em poder mimá-lo. Paul olhou para ela.

– Está bem – disse ele, sentando-se no baloiço. – Cuidado!

Deu um salto para cima do baloiço e logo voou pelo ar, quase saindo pela porta, que tinha a parte superior aberta, podendo ver lá fora a chuva a cair miúda, o pátio sujo, o gado desolado junto à carroça preta do estábulo e, ao fundo, a cortina verde e cinza da floresta. Ela mantinha-se cá por baixo, com a sua boina vermelha à escocesa, a observá-lo. Ele olhou para ela, e ela viu os seus olhos azuis a brilharem.

– É um baloiço formidável – disse ele.

– Pois é.

Todo ele se lançava pelo ar, como um pássaro em voo picado, só pelo prazer do movimento. E então olhou para baixo, para ela, e a boina vermelha sobre os caracóis negros, o rosto bonito e afável, tão sereno como se estivesse a meditar, subiram até ele. Estava escuro e frio dentro do estábulo. Subitamente uma andorinha desceu das alturas do forro do telhado e saiu como uma seta pela porta.

– Não sabia que estávamos a ser observados por um passarinho – disse ele.

Ele baloiçava-se desabridamente. Ela sentia-o descer e subir no ar, como se impelido por uma força desconhecida.

– Agora vou morrer – disse ele, numa voz sonhadora e despojada, como se ele próprio fosse o movimento moribundo do baloiço. Ela olhava-o, fascinada. Bruscamente, ele travou e saltou.

– Já andei muito tempo – disse ele. – Isto é um baloiço formidável, é realmente um baloiço formidável.

Miriam estava divertidíssima, pois ele tinha levado o baloiço a sério e sentira-se bem a andar nele.

– Não, continua – disse ela.

– Porquê?... Não queres andar? – perguntou ele espantado.

– Não me apetece muito. Mas vou andar só um bocadinho.

Ela sentou-se no baloiço, enquanto ele segurava os sacos.

– É formidável, vais ver – disse ele, empurrando-a. – Mantém os calcanhares bem levantados, senão batem na manjedoura.

Miriam sentia a precisão com que ele a agarrava no momento exacto e a força certa com que a empurrava, e sentia medo. Uma onda quente de medo percorreu-a até ao ventre. Ela estava nas mãos dele. O impulso firme e inevitável surgia de novo no momento certo. Ela agarrava-se à corda, quase a desmaiar.

– Oh – disse ela a rir, cheia de medo. – Mais alto não!

– Mas tu não vais nada alto – protestou ele.

– Mas mais alto não!

Paul apercebeu-se do medo na voz dela, e parou. O coração dela derreteu-se numa dor cálida, quando chegou o momento de novo impulso, mas ele deixou-a sozinha, e ela pôde respirar outra vez.

– Não queres mesmo ir mais alto? – perguntou ele. – Queres que te mantenha nessa altura?

– Não, eu ando sozinha – respondeu ela.

Então ele afastou-se e ficou a vê-la.

– Mal te mexes – comentou ele.

Ela esboçou um sorriso, envergonhada, e de repente desceu.

– Dizem que quem sabe andar de baloiço não enjoa no mar – disse ele, enquanto subia para o baloiço outra vez. – Não creio que alguma vez venha a enjoar.

Começou a andar novamente. Para ela havia algo nele que a fascinava. Naquele momento ele era apenas uma peça de um objecto em movimento e tudo nele se movia. Nem ela nem os irmãos conseguiam libertar-se assim. Sentia o entusiasmo desabrochar dentro de si. Era como se ele fosse uma chama, e tivesse ateado o entusiasmo dentro dela enquanto se baloiçava no ar.

E, gradualmente, a intimidade de Paul com a família Leivers privilegiava três pessoas: a mãe, Edgar e Miriam. Na mãe encontrava uma simpatia e um encanto que pareciam abrir-lhe o coração. Edgar era o seu melhor amigo. Quanto a Miriam, digamos que a ia aturando, pois parecia-lhe ser muito submissa.

Mas a rapariga, a pouco e pouco, foi-o atraindo. Quando ele trazia o caderno dos esboços, era sempre ela quem observava mais longamente o último desenho. E então, olhava para ele e perguntava, com os olhos negros a luzir, como águas agitadas por uma corrente dourada no meio da escuridão:

– Porque será que gosto tanto deste?

E algo no peito dele se retraía perante estas observações tão deslumbradas, tão íntimas e tão próximas.

– Sim, porque será? – perguntava ele.

– Não sei – parece tão real.

– É porque... é porque quase não tem sombras... é mais como uma cintilação... como se eu tivesse pintado a cintilação do protoplasma das folhas, e de tudo, e não a rigidez das formas. Isso para mim é coisa morta. Só a cintilação contém vida. A forma é uma crosta morta. A cintilação está, realmente, no interior.

E ela, mordendo o dedinho minúsculo, ponderava sobre tais afirmações. Davam-lhe uma nova sensação de vida e davam vida a coisas que até aí não significavam nada para ela.

Conseguia encontrar algum significado nos discursos dele, sempre tão abstractos e intrincados. Era através deles que ela chegava claramente aos objectos amados.

Certo dia, ela tinha estado sentada junto dele, ao pôr do Sol, enquanto ele pintava alguns pinheiros batidos pelo clarão rubro que avançava do poente. Ele mantivera-se calado.

– Já está! – disse ele, de repente. – Mesmo o que eu queria. Agora, olha para eles e diz-me se são troncos de pinheiro ou carvões incandescentes, estacas de fogo a arder na escuridão. A sacra ardente de Deus, aquela que não se apaga.

Miriam olhou e sentiu medo. Mas distinguia perfeitamente os troncos de pinheiro e achava-os magníficos. Ele arrumou a caixa das tintas e levantou-se. De repente, olhou para ela.

– Porque estás sempre tão triste? – perguntou.

– Triste! – exclamou ela, olhando para ele com os seus olhos castanhos, admirados, maravilhosos.

– Sim – disse ele. – Tu andas sempre, sempre triste.

– Não... Nem um pouco! – exclamou ela.

– Até a tua alegria parece uma chama ateadada pela tristeza – insistiu ele. – Nunca estás alegre, nem sequer normal.

– Pois não – disse ela, pensativa. – Dá que pensar... Porque será...?

– Porque tu não és... porque tu és diferente por dentro... como um pinheiro... e depois incendeiaste-te... mas não és uma árvore qualquer, com folhas irrequietas e alegres...

Paul emaranhou-se no seu próprio discurso; mas ela bebia as suas palavras e ele teve uma sensação estranha e estimulante, como se os seus sentimentos fossem novos. Ela chegava-lhe tão perto da alma. Estranho estímulo este.

Mas às vezes odiava-a. O irmão mais novo de Miriam só tinha cinco anos. Era um menino débil, de enormes olhos castanhos e um rostinho frágil e esquisito; parecia um anjo do *Coro dos Anjos*, de Reynolds, com um toque de duende.

Miriam ajoelhava-se frequentemente junto da criança e apertava-o contra o peito.

– Meu Hubert! – cantarolava ela com uma voz possante, a transbordar de amor. – Meu Hubert!

E, envolvendo-o nos seus braços, embalava-o mansamente de um lado para o outro com amor, de face levantada ao céu, olhos semicerrados e voz embebida de ternura.

– Pára! – disse a criança, constrangida. – Pára, Miriam!

– Tu gostas de mim, não gostas? – murmurou ela do fundo da garganta, como se estivesse em transe, balançando também, como se prestes a desfalecer num êxtase de amor.

– Pára! – repetiu a criança, franzindo a testa desanuviada.

– Tu gostas de mim, não gostas? – murmurou ela.

– Porque fazes tanto espalhafato? – gritou Paul, profundamente afectado pela emoção exagerada de Miriam. – Porque não ages normalmente com ele?

Ela largou a criança e não respondeu. A sua intensidade, que não deixaria transparecer qualquer emoção numa situação normal, deixava o jovem quase num frenesim. Este contacto desprotegido e tímido com a alma dela chocava-o. A sua mãe era reservada, e ele estava habituado a ela. E, nessas alturas, sentia-se agradecido de alma e coração por ter a mãe que tinha, tão sensata e tão sã.

Toda a vida do corpo de Miriam se reflectia nos seus olhos, normalmente escuros como as igrejas, mas que podiam inflamar-se como uma conflagração. A sua expressão meditativa raramente se alterava. Talvez ela tivesse sido uma das mulheres que acompanharam Maria quando Jesus morreu. O seu corpo não era vivo, flexível. Andava de forma oscilante, pesada até, de cabeça inclinada para a frente, meditativa. Não sendo propriamente desajeitada, nenhum dos seus movimentos parecia o movimento correcto. Muitas vezes, quando limpava os pratos, ficava confusa e desgostosa, por ter partido em duas metades uma chávena ou um copo. Era como se, por medo e falta de confiança, se tivesse aplicado demasiado. Não sabia o que eram relaxamento ou abandono. Agarrava-se a tudo com rigidez e intensidade, e o seu esforço, de excessivo, fechava-a sobre si mesmo.

Raramente alterava a forma de andar, tensa, balançada, projectada para a frente. De vez em quando, ia com Paul dar uma corrida pelos campos e então os seus olhos brilhavam inteiros, num êxtase que o assustava. Mas tinha medo de fazer exercício físico. Se tivesse de saltar uma cerca, apertava as mãos de forma angustiante e perdia a presença de espírito. E ele não conseguia persuadi-la a saltar, mesmo um obstáculo baixo. Os olhos dela dilatavam-se, ficavam expostos, palpitantes.

– Não – gritava ela, sorrindo apavorada. – Não!

– Tens de tentar – gritou ele uma vez e, empurrando-a para a frente, fê-la cair da cerca. Mas o grito selvagem que ela deu, como se estivesse prestes a perder a consciência, feriu-lhe as entranhas. Mas ela caiu de pé e em segurança, e posteriormente passou a ter mais coragem.

Paul e Miriam iam muitas vezes passear juntos pelos campos até ao lago Nethermere. Ele era naturalmente ágil e muito activo. Andava sempre a saltar de um lado para outro. Ela, no entanto, mantinha sempre o mesmo curso, quase sem alterações. E ele, a pouco e pouco, vinha para junto dela, moderava o passo e caminhava com ela, de cabeça baixa, mas só até chegarem à água. A margem do lago estava pejada das penas brancas dos cisnes. Sentavam-se entre os seixos. Subitamente, ele descobria um seixo bonito e bem liso, levantava-se, e atirava-o à água para provocar ondinhas.

– Consegues fazê-los saltar? – perguntou Paul.

– Não muito bem! – respondeu ela, abanando a cabeça. E continuou sentada a observá-lo.

– Ora vê! – gritou ele. – Quatro saltinhos.

– Sim senhor – disse ela, elogiando-o. – Formidável. – Contudo, ele depressa se fartou e veio sentar-se novamente junto dela.

– Porque não queres também fazer ondinhas? – perguntou ele.

– Porque não sei – respondeu ela.

– Tu nunca queres fazer nada! – disse ele.

– Bem vê, tenho a lida da casa para fazer.

Paul não deu seguimento à discussão, preferindo encetar um diálogo sobre livros.

Miriam estava muito triste com o seu destino.

– Não gostas de estar em casa? – perguntou-lhe Paul surpreendido.

– E quem é que gosta? – respondeu ela, num tom cavo e profundo. – O que é estar em casa? Passar os dias a limpar o que os rapazes sujam em menos de cinco minutos. Não quero estar em casa!

– Então o que é que queres?

– Quero fazer alguma coisa. Quero ter uma oportunidade, como toda a gente. Porque é que eu, só por ser rapariga, tenho de ficar em casa e não me é permitido ser alguém? Que oportunidades é que eu tenho?

– Oportunidades para quê?

– Para saber de tudo, para aprender... para fazer qualquer coisa. Não é justo que isto aconteça apenas por eu ser mulher.

Ela falava com muita amargura. Paul pôs-se a pensar. Em casa, Annie parecia até quase contente por ser rapariga. Não tinha tantas responsabilidades e tudo era mais fácil para ela. Nunca quisera ser qualquer outra coisa além de rapariga. Mas Miriam desejava quase furiosamente ser homem. E, contudo, ao mesmo tempo detestava os homens.

– Mas ser homem ou mulher é a mesma coisa – disse Paul, franzindo a testa.

– Ai é?... Os homens têm tudo.

– Eu acho que as mulheres deviam estar contentes por serem mulheres, como os homens estão por serem homens – respondeu ele.

– Não! – Ela abanou a cabeça. – Nem pensar! Os homens têm tudo.

– Mas o que é que queres, afinal? – perguntou ele.

– Quero aprender. Porque é que eu hei-de ficar sem saber nada?

– Mas afinal o que queres tu aprender? Matemática e francês...?

– E porque é que eu não hei-de aprender matemática... Sim – gritou ela, abrindo os olhos em ar de desafio.

– Tu podes aprender tudo aquilo que eu sei – disse ele. – Eu ensino-te, se quiseres.

Os olhos dela arregalaram-se. Como professor, ele não lhe inspirava confiança.

– Gostavas? – perguntou Paul.

Ela estava de cabeça baixa a chuchar no dedo, sorumbática.

– Gostava... – disse ela, hesitante.

Ele conversava frequentemente com a mãe sobre todas estas coisas.

– Gostava de ser homem, mãe? – perguntou ele.

– Por vezes... mas é uma parvoíce... penso que não... não quero e nunca quis ser outra pessoa diferente da que sou.

– E porque é que gostava de ser homem, mesmo só às vezes?

– Bem, meu filho – respondeu a mãe a sorrir – penso que conseguiria fazer mais do que alguns homens, o que não é para admirar.

– Eu cá não quero ser mulher – disse ele, pensativo. – E acho que não conseguia ser uma mulher melhor do que as que já são mesmo mulheres.

– Não – disse a mãe a sorrir. – Também acho que não... Mas, por vezes, nós sentimos que poderíamos fazer mais do que os homens...

– Talvez a mãe pudesse... – disse ele.

– Bem... – respondeu ela com a sua curiosa fungadela habitual. – Sabes, meu filho – continuou ela – a natureza é para ser respeitada. E quando uma mulher deseja ardentemente ser homem, podes apostar a vida em como ela não é lá grande coisa como mulher.

– Detesto uma mulher que deseje ser homem – disse ele.

– Apenas demonstra que o seu orgulho de mulher está demasiado enfraquecido – respondeu a mãe. Paul falava sempre com a mãe, pois ela era a sua pedra de toque.

– Vou ensinar álgebra à Miriam – disse ele.

– Bem... – disse Mrs. Morel – espero que lhe seja proveitoso.

Aproximava-se o crepúsculo quando Paul se dirigiu para a quinta, na segunda-feira à tardinha. Miriam acabara de varrer a cozinha e estava ajoelhada junto à lareira quando ele entrou. Todos tinham saído, excepto ela. Olhou-o ruborizada, com os olhos negros a brilhar e os cabelos magníficos caídos à volta do rosto.

– Olá – disse ela, num tom suave e musical. – Já sabia que eras tu!

– Como é que adivinhaste?

– Reconheci os teus passos. Ninguém anda tão depressa e firmemente como tu.

Ele sentou-se e suspirou.

– Estás pronta para aprender álgebra? – perguntou ele, tirando um livrinho do bolso.

– Mas... – Ele sentiu-a recuar.

– Mas tu disseste que querias – insistiu ele.

– Mas hoje à noite... – começou ela, titubeante.

– Mas eu vim de propósito. E, se queres aprender, alguma vez tens de começar.

Ela apanhou as cinzas com a pá do lixo e olhou para ele, esboçando um sorriso trémulo.

– Sim, mas... esta noite... Sabes, ainda não pensei nisso.

– Por amor de Deus... Vai despejar as cinzas e vem ter comigo.

Paul saiu e sentou-se no banco de pedra do pátio das traseiras, perto das grandes bilhas de leite. Os homens estavam no estábulo. Ele conseguia ouvir o som cadenciado do leite, jorrando para os baldes. Ela voltou logo, com um punhado de maçãs grandes e esverdeadas.

– Estas são das que tu gostas – disse ela.

Ele deu uma trincadela na maçã.

– Senta-te – disse ele com a boca cheia.

Ela, míope, começou a espreitar por cima do ombro dele. Isso irritou-o tanto que lhe entregou logo o livro.

– Vê à vontade – disse ele. – Aqui há apenas letras para cada número. Escreves um a, em vez de um «2» ou um «6».

Começaram a trabalhar, ele a explicar e ela debruçada sobre o livro. Ele era rápido e impetuoso. Ela nunca respondia. Por vezes, quando ele lhe perguntava:

– Estás a perceber? – ela olhava-o com uns olhos sorridentes e amedrontados.

– Então, não estás a perceber nada! – gritava ele.

Tinha ido demasiado depressa. Mas ela não tinha dito nada. Ele fez-lhe mais perguntas e depois irritou-se. Ficava com o sangue a ferver de a ver ali à sua mercê, de boca aberta, olhos esbugalhados, com um sorriso medroso, apologético, envergonhado. Edgar chegou entretanto com dois baldes de leite.

– Olá! – disse ele. – O que estão vocês a fazer?

– Álgebra – respondeu Paul.

– Álgebra! – repetiu Edgar, intrigado. E seguiu em frente, dando uma gargalhada. Paul trincou a maçã já quase esquecida e, olhando para as pobres couves da horta, todas rendilhadas pelas galinhas, teve vontade de as arrancar. Depois, olhou para Miriam, que fitava o livro aparentemente absorta; porém tremia, receando não compreender. Estava corada e bonita. Todavia, a sua alma parecia suplicar ao livro de álgebra que a ajudasse. Ela fechou-se, retraiu-se, percebendo que ele estava aborrecido. Mas, no mesmo instante, ele tornou-se gentil ao vê-la magoada por não conseguir perceber o que lia.

– Diz lá, o que é que achas difícil? – perguntou ele, ternamente.

Este novo tom de voz fê-la levantar de imediato os olhos negros que pareciam querer vencer a todo o custo. O olhar dela doeu-lhe e uma onda de ternura percorreu-o.

– Sabes, para mim é fácil – disse ele. – Já estou habituado e esqueço-me de que não sabes. Vês...

E, então, todo ele gentileza e paciência, recomeçou. Edgar chegara entretanto e pusera-se atrás dele.

A cabeça escura de Miriam encontrava-se abaixo do nível dos olhos de Paul. Era uma cabeça pequenina com caracóis negros que pareciam flutuar como seda. Ela parecia esforçar-se tanto! A voz dele era uma contínua ternura.

– Vejo, pois! – exclamou Edgar, de repente, por detrás deles. – Mas... isto...

E o seu gordo indicador aproximou-se do livro. Miriam estremeceu. Paul virou-se para o amigo. Edgar era bem-parecido e os seus olhos, castanhos, perfeitos e saudáveis, pareciam interessados. Explicar-lhe algo era para Paul como respirar ar fresco.

Paul dava lições a Miriam com regularidade. As aulas tinham lugar na sala de estar. Foi aí que o jovem se estreou brilhantemente. Ela aprendia tudo e sabia sempre quais os exercícios que ele lhe mandara fazer na semana anterior. Frequentemente sabia até melhor do que ele. Mas as coisas para ela tinham de ser lentas. E quando se retraía e se mostrava completamente submissa durante a lição, isso enervava-o. Ele enfurecia-se, envergonhava-se, continuava a lição e enfurecia-se novamente, gritando com ela. Ela escutava-o em silêncio. Por vezes, muito raramente, defendia-se. Os seus olhos negros e transparentes fulminavam-no.

– Não me dás tempo para aprender – dizia ela.

– Pronto – respondia ele, atirando o livro para cima da mesa e acendendo um cigarro. Mais tarde, ia ter com ela arrependido. E assim decorriam as lições, com ele sempre ou muito enervado ou muito gentil.

– Porque é que a tua alma estremece durante a lição? – gritava ele. – Com essa tua bendita alma, nunca mais aprendes álgebra. Será que não consegues olhar para isto com a razão, de uma forma clara e simples?

Muitas vezes, quando ia para a cozinha, Mrs. Leivers olhava para ele aborrecida e repreendia-o:

– Paul não sejas tão severo com a Miriam. Ela pode não ser muito rápida, mas tenho a certeza de que se esforça.

– Não me consigo conter – dizia ele, desculpando-se. – Enervo--me facilmente.

– Miriam, não estás aborrecida comigo, pois não? – perguntava-lhe ele mais tarde.

– Não – assegurava-lhe ela, no seu tom profundo e melodioso. – Não, eu não me importo.

– Não me perdoes tão facilmente, pois eu sei que sou culpado.

Mas, apesar de tudo, o seu sangue começava a ferver novamente. Era estranho que mais ninguém o enervasse daquela forma. Mas ela enfurecia-o. Uma vez atirou-lhe um lápis à cara. Fez-se silêncio. Ela virou a face ligeiramente para o lado.

– Eu não... – começou ele, mas não continuou, pois sentia-se desfalecer. Ela nunca o censurava nem se zangava com ele, e ele sentia-se muitas vezes terrivelmente envergonhado. Contudo, a sua raiva rebentava novamente como uma bolha enfunada. Quando ele via à sua frente aquela cara ansiosa, silenciosa, como se fosse cega, sentia renascer dentro de si a vontade irreprimível de lhe atirar outra vez com o lápis. No entanto, quando via a mão dela tremer e a boca entreabrir-se em sofrimento, o seu coração ardia de compaixão por ela. E, assim, procurava-a, pela força e a intensidade que ela despertava nele.

Muitas vezes evitava-a e ia passear com Edgar. Miriam e o irmão eram naturalmente antagónicos. Edgar era um racionalista curioso e nutria um interesse científico pela vida. Para Miriam, era um grande desespero sentir-se abandonada por Paul em benefício de Edgar, que parecia muito mais inculto. Todavia, Paul sentia-se muito feliz com o irmão mais velho. Os dois homens passavam tardes juntos no campo, carpinteirando no celeiro quando chovia. Conversavam ou então Paul ensinava a Edgar as canções que ele próprio tinha aprendido com Annie ao piano. Frequentemente, todos os homens, incluindo Mr. Leivers, tinham acerbas discussões sobre a nacionalização da terra e problemas semelhantes. Paul já tinha ouvido as opiniões da mãe, e visto serem essas também as suas, discutia-as em seu lugar. Miriam assistia e participava, mas aguardava até que terminassem, e intervinha apenas quando a conversa voltava a ser mais íntima.

«Acima de tudo», pensava ela, «se as terras fossem nacionalizadas, Edgar, Paul e eu continuaríamos a ser os mesmos.»

E então esperava que Paul voltasse para junto dela.

Ele andava a estudar pintura. À noite adorava ficar a trabalhar em casa sozinho com a mãe. Ela cosia ou punha-se a ler. Por vezes, ele interrompia o seu trabalho e descansava os olhos por um momento no rosto da mãe, que brilhava de ternura, para depois retomar feliz a sua tarefa.

– Mãe, os meus melhores trabalhos são feitos quando está aqui sentada na cadeira de balouço – dizia ele.

– Tenho a certeza de que sim – exclamava ela, torcendo o nariz, num cepticismo simulado. Mas sabia que assim era e o seu coração pulsava de alegria. Mrs. Morel sentava-se em silêncio durante horas, costurando ou lendo um livro, atenta ao trabalho do filho. E ele, comandando o lápis com toda a intensidade da sua alma, sentia o calor dela dentro dele, incentivando-o. Eram os dois muito felizes assim e sem consciência de o serem. Estes momentos, tão significativos e tão reais, passavam-lhes quase despercebidos.

Ele apenas tomava consciência quando era estimulado. Quando terminava um esboço, desejava sempre mostrá-lo a Miriam. E então, sentia-se estimulado para conhecer o trabalho que tinha produzido inconscientemente. Em contacto com Miriam adquiria discernimento e a sua visão tornava-se mais profunda. Da mãe retirava o calor da vida e o incentivo para produzir; Miriam dava a esse calor a intensidade de uma luz muito branca.

Quando Paul voltou à fábrica, as condições de trabalho tinham melhorado. Tinha a quarta-feira à tarde livre para ir à escola de belas-artes – providência tomada por Miss

Jordan – e regressava à tardinha. Além disso, às quintas e sextas-feiras à tarde, a fábrica fechava às seis em vez de ser às oito.

Em Bestwood havia uma pequena e respeitável biblioteca, cuja assinatura custava apenas quatro xelins e seis dinheiros por ano. Mrs. Morel e Mrs. Leivers tinham-se feito sócias quando os filhos começaram a crescer. A biblioteca ocupava duas salas do Clube dos Mecânicos, e estava aberta às terças-feiras à noite, das 19 às 21 horas. Paul ia sempre buscar os livros para a mãe, que lia muito, e Miriam arrastava-se sob o peso de cinco ou seis volumes para a família. Tornou-se habitual os dois encontrarem-se na biblioteca.

Paul conhecia bem as duas pequenas salas com as paredes forradas de livros. Eram acolhedoras e havia uma grande lareira ao canto. Mr. Sleath, o bibliotecário, tinha fartas suíças brancas em torno de uma cara acriançada. Era alto e curioso, mas muito afável; conhecia toda a gente e sabia da vida de todos. Mr. Smedley era roliço, careca e instruído.

Paul aguardou, enquanto Mr. Sleath acabava de pôr em dia os mexericos com o último leitor. Nessa altura, Paul deixou cair os livros em cima do balcão. Mr. Sleath olhou para ele com os seus olhos azul-vivo, mas mortiços.

– Vinte e dois, cinquenta e sete – disse Paul.

O bibliotecário, funcionário superior da companhia mineira e um cavalheiro comparado com o jovem, repetiu os números alegremente, virando as folhas do livro de registos.

– Ah!... Ah! – exclamou ele, olhando para a página. Depois olhou de uma forma carinhosa e acolhedora para o jovem, esfregou as mãos e disse:

– Ah!... Bem, Paul!... Ah! Como está a tua mãe?

– Muito bem, obrigado! – respondeu Paul.

– Ótimo! Não a vi na capela no domingo à noite!

– Pois não! Teve uma inflamação nos olhos.

– Meu Deus... Meu Deus... Lamento muito!

– Mas penso que disseste – interveio Mr. Smedley – que ela estava muito bem. – Paul não respondeu nem olhou para o homenzinho por detrás do balcão. Mr. Sleath ia assinalando os livros no seu livro de registo. Mr. Smedley pôs mais carvão na lareira. Algumas pessoas conversavam animadamente junto das estantes. Os tacões dos sapatos chiavam na tijoleira.

– Mas achas que ela já se sentirá bem para sair este fim-de-semana? – perguntou Mr. Sleath, quando acabou de registar todos os livros.

– Acho que sim – disse Paul.

– Ótimo... Ótimo. De facto, estranhei a ausência dela.

Para Paul já era um dado adquirido que as pessoas lhe perguntassem pela mãe e nunca mencionassem o pai.

Dirigiu-se para as estantes. Os leitores continuavam a entrar, deixando os chapéus-de-

chuva no corredor e trocando agradáveis saudações. O jovem conhecia toda a gente e todas as suas histórias. Mas não lhe interessavam. Miriam talvez não viesse por causa da chuva. Olhou para o livro que tinha nas mãos, esqueceu-o por momentos, pensando nela, e voltou ao livro novamente. O tempo passava como num sono. Ouvia o ruído das pessoas a saírem, mas ninguém a entrar. E se ela não viesse? Só de pensar nisso a noite afigurava-se-lhe lúgubre e infrutífera. Mas ela viria. A atmosfera era quente e acolhedora e a noite não teria continuidade enquanto ela não chegasse.

– Uma noite dos diabos, Alfred, uma noite dos diabos – disse Mr. Sleath, procurando alguém com quem falar. A biblioteca estava vazia.

– Parece que sim – respondeu Mr. Smedley.

Então, Mr. Sleath reparou em Paul.

– Olá, Paul – exclamou. – Ainda não encontraste o que queres, hem?

– Não me parece que o Paul esteja à espera de nenhum livro – disse Mr. Smedley.

– Oh... Oh... – exclamou Mr. Sleath.

– Penso que é uma jovem que está por detrás disto tudo – disse Mr. Smedley. – Mas está uma noite péssima para se vir de Willey Woods.

Ouviram-se passos no corredor. Paul ficou à escuta. Não era ela. Entrou um rapaz. Quando Paul viu o rapaz no limiar da porta, onde ela deveria estar, ficou furioso com ele. Contudo ela viria. Era sempre tão cumpridora. Um dos seus maiores encantos, quanto a ele, era a sua rejeição das convenções. Se quisesse vir, viria mesmo que chovesse torrencialmente. E o tempo não estava assim tão mau. Paul pôs-se a escutar, para ver se chovia muito. E então ouviu o rapaz dizer que estava a chover a cântaros. Mas o rapaz não contava. Ela viria, sim, mesmo que chovesse a cântaros. E Paul agarrou-se a essa esperança. Podia senti-la, através da noite, desejando vir. E ela nunca o desapontava. Para ela a vida interior valia tudo, e a exterior nada.

Ouviu os passos dela no corredor e a sua ansiedade diminuiu. Ficou a vê-la chegar. Ela parou um momento à entrada da porta. A boina vermelha cintilava com as gotas de chuva, o cabelo revoltado dançava em caracóis húmidos, as faces esplandeciam. Ela procurou-o ansiosamente com o olhar, e então os seus olhos míopes encontraram-no, e uma chama ateou-se dentro dela, queimando-o também a ele. Dirigiu-se ao balcão, satisfeita. Ele virou-lhe as costas.

Então, ela aproximou-se dele, hesitante.

– Estou atrasada? – perguntou ela.

– Como sempre – respondeu ele. – Estás muito molhada?

– Não... nadinha.

– Vieste pela linha férrea? – disse ele.

– Vim. Estavas com muito medo de que eu não aparecesse?

– Só um bocadinho.

Paul sorriu.

– Vem, vou mostrar-te os livros que escolhi para ti – disse ele. Ela foi. Os livros não tinham qualquer significado para ela. Mas ele insistia na sua aprovação. Olhou para os livros por cima do braço dele, sem conseguir ver nada. Mas ele estava contente.

– Concordas? – perguntou ele.

– Claro – respondeu ela.

Depois de registarem os livros, saíram os dois rapidamente da biblioteca. A escuridão enchia-os de alegria. Sentiam-se exacerbadamente felizes. Paul trazia uma enorme capa preta impermeável, por baixo da qual resguardou os livros. Caminharam lado a lado pela rua Mansfield, envolvidos pela escuridão e pela chuva, sob as árvores gotejantes.

A conversa surgiu rápida e vigorosa, passando imediatamente à discussão sobre um dos livros. Ele falava apaixonadamente, ela ouvia-o e a sua alma expandia-se. Do livro, passaram inevitavelmente a uma discussão sobre crenças íntimas, muito subjectiva.

– Parece que é como se não tivesse importância, um a mais ou um a menos, dentro do todo... – disse ele.

– Não – respondeu ela gravemente, em dúvida.

– Eu costumava pensar assim quando um pardal caía... e o mesmo em relação aos cabelos da cabeça...

– Sim – disse ela. – E agora?

– Agora penso que a raça dos pardais é importante, e não apenas um pardal: todo o meu cabelo, e não apenas um fio de cabelo.

– Sim – disse ela, pouco convencida.

– E as pessoas são importantes. Mas uma só não é assim tão importante. Vê, por exemplo, o William.

– Sim – disse ela, pensativa.

– Chamo a isso apenas uma perda – disse ele – Uma perda, nada mais.

– Sim – disse ela, com a voz sumida.

Ela acreditava que quanto mais pessoas houvesse, menos importância tinham. Mas ouvi-lo falar assim era para ela como um sopro de vida: como o primeiro sopro de um recém-nascido.

– Contudo – disse ele – creio que há um caminho certo a seguir... se o seguirmos está tudo bem... ou se andarmos perto. Mas se não o seguirmos, morreremos. Tenho a certeza de que o nosso William fez a escolha errada.

– E se seguirmos o curso das nossas vidas não morremos? – perguntou ela.

– Não, não morremos. É o nosso íntimo que nos aconselha a seguir um determinado

caminho e não outro.

– Mas nós sabemos quando é que estamos a seguir o caminho certo? – perguntou ela.

– Claro! Eu pelo menos sei. Eu sei que estou a seguir o meu caminho.

– Sabes mesmo? – perguntou ela.

– Sim... tenho a certeza.

Ele tinha parado por baixo de um lampião para pensar. O seu impermeável luzia com a chuva. Ela olhou para a cara dele. Os seus olhos, tão certos e tão fixos, fitaram os dela. Ele era realmente determinado. Ela seguiu para casa com o coração em brasa.

Mas ele, quando deu meia volta para retroceder, logo a esqueceu, ao pensar que a mãe ficaria aborrecida ao saber que ele tinha ido até tão longe debaixo de chuva. Estugou o passo, sentindo-se porém exultante com o contacto com Miriam. A noite tinha-lhe trazido alguma satisfação.

– Queres tu dizer que levaste a Miriam Leivers a casa numa noite como esta? – perguntou a sua mãe, fitando-o subitamente, um minuto depois de ele ter entrado.

– Demorei-me muito tempo na biblioteca – argumentou Paul.

– Mas ela apareceu, não apareceu? – exclamou Mrs. Morel, calma e severa. Paul estremeceu.

– Ela fica sem nada para ler durante toda a semana, se não vier à biblioteca – disse ele.

– Não sei o que é que a mãe dela anda a fazer para a deixar arrostar com cerca de 10 milhas debaixo desta chuva torrencial.

– Não está chover muito – disse ele. – Nem por isso.

– Basta olhar para o teu impermeável e para as tuas botas – disse a mãe.

– Olhe o que eu lhe trouxe – disse ele, mas ela estava demasiado zangada para condescender.

Certa tarde de Verão, Miriam e Paul resolveram atravessar os campos, por Herod Farm, no regresso da biblioteca. Assim, eram só três milhas até Willey Farm. A erva segada brilhava com reflexos dourados e os botões de azedas ardiam em tons de carmim. A pouco e pouco, enquanto atravessavam o planalto, os tons dourados do ocaso deslizaram para vermelho, o vermelho para o carmim e, por fim, o azul glacial apagou o clarão.

Foram dar à estrada principal de Alfreton, que singrava branca entre os campos anoitecidos. Aí, Paul hesitou. Eram cerca de duas milhas até sua casa, e uma milha até à casa de Miriam. Olharam para a estrada, que corria sombria sob a luminosidade ténue de noroeste. No cimo do monte, Selby, com as suas casas despojadas e as suas torres mineiras, recortava-se no céu, pequenina, em negras silhuetas.

Ele consultou o relógio.

– Já são nove horas! – disse.

Ambos estavam relutantes em partir, abraçados aos seus livros.

– O bosque é tão bonito a esta hora... – disse ela. – Queria tanto que o visses.

Ele atravessou a estrada atrás dela, lentamente, aproximando-se da cancela branca.

– Eles fazem cá um banzé, se eu chego tarde – disse ele.

– Mas não estás a fazer nada de mal – contrapôs ela, impaciente. E ele seguiu-a através das pastagens retouçadas, à luz do lusco-fusco. Havia uma frescura no bosque, um aroma a folhas e a madressilva, e o crepúsculo. Caminharam em silêncio. A noite desceu, maravilhosa, entre a imensidão de troncos negros. Ele olhou em volta, expectante.

Ela queria mostrar-lhe uma roseira-brava que tinha descoberto, pois achara-a lindíssima. Porém, sentia que só depois de ele a ter visto ela seria capaz de a assimilar. Só ele poderia fazer com que a roseira fosse dela para sempre, imortal. Por isso não estava satisfeita.

O orvalho já era visível pelos caminhos. Do velho bosque de carvalhos elevava-se uma névoa e ele hesitou, questionando-se se a mancha branca seria a linha de bruma ou apenas candelárias-dos-jardins, formando uma pálida nuvem.

Assim que chegaram aos pinheiros, Miriam começou a ficar muito tensa e ansiosa. O seu arbusto podia ter desaparecido. Poderia não o encontrar. E queria tanto descobri-lo. Desejava, quase com paixão, ter Paul perto de si quando descobrisse as flores. A comunhão seria mútua, algo que a iria emocionar, algo de divino. Ele caminhava a seu lado em silêncio. Estavam muito próximos um do outro. Ela estremeceu e ele escutou-a, levemente ansioso.

Assim que chegaram ao limite da floresta, o céu era de madrepérola e a terra escurecia. Algures nos recantos mais afastados do pinheiral a madressilva exalava o seu aroma.

– Onde? – perguntou ele.

– Lá em baixo, no trilho do meio – murmurou ela, tremendo.

Mal acabaram de contornar a curva do atalho, ela parou. Olhou por momentos assustada para o espaço que se abria entre os pinheiros, não conseguindo discernir o que quer que fosse, pois a luz empalidecida tinha apagado a cor das coisas. Mas, finalmente, descobriu o seu arbusto.

– Oh! – exclamou ela, precipitando-se para ele.

Tudo estava sereno. O arbusto era alto e esparso, espriando as suas silvas sobre um espinheiro próximo, e deixando pender os ramos longos sobre a relva, salpicando a escuridão de grandes estrelas brancas, imaculadas. As rosas brilhavam como botões de marfim, estrelas abertas na escuridão da folhagem, dos troncos e da relva. Paul e Miriam em silêncio, lado a lado, observavam. Uma a uma, convictas, as rosas inundaram-nos de brilho, parecendo atear fogueiras nas suas almas. O crepúsculo envolveu-os como fumo, não conseguindo, todavia, extinguir o fulgor das rosas.

Paul olhou Miriam nos olhos. Estava pálida e deleitada; a boca entreaberta e os olhos negros fitavam-no, muito abertos. O olhar dele parecia descer ao fundo dela. A alma de

Miriam estremeceu, pois ansiava a comunhão. Ele, porém, virou-se para o lado, como se sofresse, e olhou para o arbusto.

– Parecem voar como borboletas, agitando-se – disse Paul.

Miriam olhou para as suas rosas. Eram brancas, algumas encurvadas e divinas, outras expandiam-se como em êxtase. A árvore era negra como a sombra. Ela estendeu a mão impulsivamente para as flores e, aproximando-se, tocou-as em adoração.

– Vamos embora – disse ele.

Pairava um perfume fresco de rosas cor-de-marfim, um perfume branco, virginal. Algo o fez sentir-se ansioso e prisioneiro. Caminharam ambos em silêncio.

– Até domingo – disse ele baixinho, e deixou-a; ela regressou a casa lentamente, com a alma enriquecida pela noite divinal. Ele cambaleou pelo atalho. Assim que saiu da floresta e entrou no prado, onde podia respirar, desatou a correr o mais depressa que podia. Era como se um delírio delicioso lhe percorresse as veias.

Sempre que saía com Miriam e se atrasava, sabia que a mãe se afligia e ficava preocupada, apesar de ele não perceber porquê. Assim que chegou a casa, atirando com o boné, a mãe olhou para o relógio. Tinha estado sentada a pensar, pois uma inflamação ocular impedia-a de ler. Imaginara Paul a ser arrastado pela rapariga. Ela não gostava da rapariga. «É uma daquelas que suga a alma de um homem, até ele ficar vazio», dizia de si para si, «e ele é daqueles simplórios que se deixa dominar. Ela nunca o deixará ser um homem, nunca!» Assim, enquanto ele estava com Miriam, ela revoltava-se cada vez mais.

Olhou para o relógio e disse friamente, visivelmente cansada:

– Foste muito longe esta noite.

A alma dele, ainda quente e fragilizada do contacto com a rapariga, contraiu-se.

– Levaste-a certamente a casa – prosseguiu a sua mãe.

Ele não ia responder. Mrs. Morel, examinando o filho de relance, constatou que trazia o cabelo transpirado da correria e ele, em resposta, franziu a testa pronunciadamente como era seu costume, ressentido.

– Ela deve ser maravilhosamente fascinante, pois não te consegues afastar dela, e até és capaz de correr oito milhas a esta hora da noite.

Paul sofria, balançando entre o encantamento dos momentos passados com Miriam e a constatação da aflição de sua mãe. Tinha pensado não dizer nada, recusar-se a responder. Porém, o seu coração não era tão gélido que o levasse a ignorar a mãe.

– Eu gosto de conversar com ela – respondeu irritado.

– E não há mais ninguém com quem possas conversar?

– A mãe não ia dizer nada, se eu tivesse saído com o Edgar.

– Sabes bem que dizia. Sempre que saís com alguém de lá, acho que é muito longe para andares por aí à noite, depois de vires de Nottingham... Além disso... – de repente, a sua

voz adquiriu um tom de revoltado desdém – é repugnante ver duas crianças a namoriscar.

– Não é namoro – gritou ele.

– Não sei que outra coisa se lhe poderá chamar.

– Mas não é! Pensa que nos pomos a fazer coisas? Nós apenas conversamos.

– Só Deus sabe até quando e até onde isso irá parar – replicou ela, sarcástica.

Furioso, Paul deu um esticão nos atacadores das botas.

– Porque está tão zangada? – perguntou ele. – Apenas porque não gosta dela?

– Não é que não goste. Mas não suporto e nunca suportei ver crianças a namorar.

– Mas a mãe não se importa que a nossa Annie saia com o Jim Inger.

– Esses são mais conscientes do que vocês.

– Porquê?

– A nossa Annie não é dessas.

Paul não entendeu o alcance do reparo. Mas a mãe parecia cansada. Nunca mais fora a mesma depois da morte de William. E doíam-lhe os olhos.

– Bem – disse ele –, o campo é tão bonito.... Mr. Sleath perguntou por si e disse que tinha tido saudades suas. ... Já se sente melhor, mãe?

– Já devia era estar na cama há muito tempo.

– Mas a mãe também nunca se ia deitar antes de um quarto para as dez.

– Isso é que ia!

– Ah, velhota... agora diz qualquer coisa só por estar zangada comigo, não é?

Depois, Paul beijou aquela testa que conhecia tão bem: as marcas profundas entre as sobrancelhas, a massa de cabelo, agora grisalho e a inclinação das têmporas. A sua mão demorou-se no ombro dela após tê-la beijado e, em seguida, Paul encaminhou-se lentamente para a cama. Tinha esquecido Miriam; apenas se lembrava do cabelo da mãe, puxado para trás, deixando a descoberto uma testa alta, afectuosa. E, fosse pelo que fosse, via que ela estava magoada.

Quando voltou a encontrar-se com Miriam, disse-lhe:

– Não me deixes chegar atrasado hoje... o mais tardar até às dez horas. A minha mãe fica muito aborrecida.

Miriam inclinou a cabeça e reflectiu.

– Fica aborrecida porquê? – perguntou.

– Acha que não devo ficar fora até tão tarde, quando tenho de me levantar cedo no dia seguinte.

– Muito bem! – disse Miriam, com voz calma, mas não isenta de um leve tom de

sarcasmo. Isso ofendeu-o, e ele voltou a chegar tarde a casa.

Que o amor começava a desabrochar entre Paul e Miriam era algo que nenhum deles estava preparado para aceitar. Ele achava-se sensato de mais para tais sentimentalismos, e ela demasiado importante. Ainda não tinham atingido a maturidade e a sua pujança psíquica estava muito atrás da física. Miriam era excessivamente sensível, como a mãe sempre tinha sido. A mais leve grosseria angustiava-a. Os irmãos, embora muito rudes, evitavam a vulgaridade nos diálogos. Era fora de casa que os homens discutiam todos os assuntos relativos à quinta. Contudo, e devido talvez aos constantes nascimentos e cruzamentos, actos naturais em qualquer quinta, Miriam revelava uma extrema hipersensibilidade a tais situações, e o sangue revolvia-se-lhe de repugnância à mais vaga sugestão a tais contactos. Paul seguia-lhe as pisadas, e a relação entre eles mantinha-se castamente imaculada. Não se podia sequer mencionar que a égua estava prenha.

Aos dezanove anos, Paul ganhava apenas vinte xelins por semana, mas era feliz. A sua pintura evoluía a contento, e a vida corria-lhe bem. Na Sexta-Feira Santa, organizou um passeio a Hemlock Stone. O grupo era formado por três rapazes da sua idade, Annie, Arthur, Miriam e Geoffrey. Arthur, agora aprendiz de electricista em Nottingham, tinha vindo a casa passar a Páscoa. Como era habitual, Morel levantara-se cedo e estava no pátio a assobiar e a serrar umas tábuas. Às sete da manhã, a família ouviu-o comprar arrufadas quentes à porta, e conversar animadamente com a garota que as vendia, tratando-a até por «minha querida». Apareceram depois mais alguns rapazitos também a vender arrufadas, mas ele mandou-os embora, dizendo-lhes que tinham sido «batidos» pela «cachopinha». Quando Mrs. Morel se levantou, toda a família dispersou. Era uma sorte para todos eles quando a mãe ficava até mais tarde na cama num dia de semana. Paul e Arthur podiam ficar a ler à vontade antes do pequeno-almoço e depois tomar a refeição sem terem de se lavar primeiro e sentar-se à mesa em mangas de camisa. Este era outro dos luxos dos feriados. A sala estava aquecida e toda a casa se libertava de preocupações e ansiedades.

Enquanto os rapazes liam, Mrs. Morel foi para o jardim. Viviam agora numa nova casa, uma casa velha, também em Scargill Street, perto da que tinham ocupado anteriormente e de onde tinham saído logo após a morte de William. Um grito de excitação chegou directamente do jardim:

– Paul... Paul... Vem cá ver uma coisa!

Era a voz da mãe. Paul atirou o livro para o lado e saiu. O jardim era muito comprido e terminava num campo cultivado. Estava um dia cinzento e frio, batido por um vento agreste vindo das bandas do Derbyshire. Dois campos mais adiante começava Bestwood, um emaranhado de telhados e casas de tijolo vermelho, de onde sobressaía a torre da igreja e o pináculo da capela paroquial. Para trás, sucediam-se florestas e colinas até aos picos cinzentos e esbatidos da serra de Pennine.

Paul pôs-se à procura da mãe. A cabeça dela despontou entre as groselheiras ainda tenras.

– Vem cá! – disse ela.

– Para quê? – perguntou ele.

– Vem cá para veres uma coisa!

Ela tinha estado a examinar os pequenos botões das groselheiras. Paul foi ao seu encontro.

– E pensar que, aqui onde estão, podia nunca ter dado com eles! – disse Mrs. Morel.

O filho colocou-se ao seu lado. Por debaixo da cerca, num pequeno canteiro, havia um emaranhado de folhas finas, como se nascidas de bolbos ainda imaturos, com três campainhas em flor. Mrs. Morel apontou para as três florinhas muito azuis.

– Olha para elas! – exclamou. – Estava eu muito entretida a examinar as groselheiras, quando pensei cá com os meus botões, «Está ali qualquer coisa muito azul será o resto de algum saco de açúcar?» E olha só! Qual saco de açúcar! Três glórias-da-neve, e tão bonitas! Mas de onde é que teriam vindo?

– Não sei – disse Paul.

– São mesmo uma maravilha! E eu que pensava que conhecia todas as ervas e folhas neste jardim. E não é que estas se deram bem...? Repara que é a groselheira que as protege. Não são debicadas nem pisadas!

Paul baixou-se e levantou as corolas das pequenas flores azuis em forma de campainha.

– Têm uma cor magnífica!

– Têm, não têm? – exclamou a mãe. – Suponho que vêm da Suíça, onde dizem que há coisas maravilhosas. Imagina-as só em contraste com a neve! Mas como é que elas terão vindo aqui parar? O vento não as podia ter trazido, pois não?

Paul lembrou-se então de ter plantado ali uma porção de bolbos para amadurecerem.

– E não me disseste nada – disse a mãe.

– Pois não, estava a pensar deixá-las aqui só até terem medrado.

– Estás a ver?! E eu podia não as ter visto. Nunca em toda a minha vida tive uma glória-da-neve no jardim.

Mrs. Morel estava muito excitada e orgulhosa. O jardim era para ela uma fonte de infinito prazer. Paul dava graças por a mãe viver numa casa com um grande jardim que se estendia até ao campo. Todas as manhãs, após o pequeno-almoço, ela saía e deambulava feliz pelo jardim. E, na verdade, conhecia todas as ervas e folhas no seu jardim.

Todos compareceram para o tal passeio. Prepararam um farnel e o grupo partiu feliz e animado: debruçaram-se do alto do muro da azenha; atiraram papéis para dentro de água numa das extremidades do túnel e ficaram a vê-los sair pela outra; pararam no meio da passagem aérea para peões da estação de Boathouse, fascinados com o brilho gélido dos carris.

– Vocês deviam era ver o «foginete» que passa aqui às seis e meia – disse Leonard, cujo pai era guarda de uma passagem de nível. – Nem sequer o ouvem zunir, rapazes! – E o

pequeno grupo seguiu com o olhar nos carris que conduziam a Londres e os que conduziam à Escócia, deixando-se inebriar por estes dois lugares mágicos.

Em Ilkeston, os mineiros aguardavam em grupos a abertura das tabernas. Era uma cidadezinha de ócio e divertimento. Em Stanton Gate, a oficina de fundição ardia incandescente. Eles iam conversando animadamente sobre tudo o que viam. Em Trowell, atravessaram a fronteira do Derbyshire para o Nottinghamshire, e chegaram a Hemlock Stone à hora de almoço. O campo povoava-se de pessoas vindas de Nottingham e Ilkeston.

Estavam à espera de encontrar um monumento digno e respeitável, mas descobriram apenas uma pedra, pequena e rugosa, semelhante a um cepo torcido, ou a um cogumelo putrefacto, despontando pateticamente no meio do descampado. Leonard e Dick gravaram logo as suas iniciais – L.W. e R.P. – na velha pedra de arenito vermelho, mas Paul não o fez, pois tinha lido no jornal críticas mordazes aos gravadores de iniciais, que não encontravam melhor caminho para a imortalidade. E, como não podia deixar de ser, todos treparam à pedra para contemplarem o panorama.

Em baixo, nos campos, rapazes e raparigas, todos eles operários e operárias, comiam ou brincavam. Mais além avistava-se o jardim de um velho solar, cercado de teixos, moitas frondosas e cercaduras de flores amarelas de açafão.

– Olha que jardim tão tranquilo – disse Paul para Miriam.

Ela contemplou os teixos negros e os crocos amarelos e olhou para ele agradecida. Quando estavam acompanhados por outras pessoas, ele parecia não lhe pertencer; era diferente, não era aquele Paul que compreendia o mais leve estremecimento da sua alma misteriosa, mas uma outra pessoa, que falava uma linguagem diferente da sua. Ah, como isso a magoava e lhe enfraquecia a nitidez da percepção! Só se sentia reviver quando ele vinha ao seu encontro sem esse outro Eu de casta inferior. Mas agora ele tinha-lhe pedido para olhar o jardim, tentando desta forma chegar até ela. Sem paciência para aturar o grupo, Miriam entregou-se à contemplação daquele jardim tão calmo, rodeado de tufos de açafão amarelo. Uma sensação de quietude, quase de êxtase, envolveu-a. Era como se estivesse sozinha com ele no jardim.

Mas ele abandonou-a novamente e foi juntar-se ao grupo. Em breve iniciaram o regresso a casa. Miriam deixou-se ficar para trás, sozinha. Não se enquadrava. Raramente se relacionava com alguém: na verdade, a sua grande amiga, companheira e amante era a natureza. Viu o sol declinar languidamente. Nas sebes frias e sombrias luziam algumas folhas vermelhas. Sem pressa, detinha-se para as colher com ternura, apaixonadamente. Os seus dedos acariciavam as folhas com amor e o coração incendiava-se-lhe de paixão.

De súbito, apercebeu-se de que estava sozinha numa estrada desconhecida e apressou-se. Depois de uma curva, encontrou Paul debruçado sobre qualquer coisa que ela não conseguia ver, mas que ele observava atentamente, aplicando-se com paciência, intento, e até algum desespero. Miriam hesitou em aproximar-se.

Ele continuava concentrado em plena estrada. Na tarde cinzenta, tão desprovida de cor, um fio dourado de sol, ao longe, parecia fazê-lo sobressair em sombrio baixo-relevo. Ela contemplou-o, delgado e firme, e era como se ele lhe tivesse sido oferecido pelo sol. Uma

dor profunda penetrou-a e soube então que tinha de o amar. Tinha-o finalmente descoberto, descoberto nele uma rara potencialidade, descoberto a sua solidão. Tremeu emocionada, como se estivesse perante uma «Anunciação», e aproximou-se devagar.

Ele, finalmente, levantou os olhos.

– Oh! – exclamou, agradecido. – Esperaste por mim!

Ela descobriu uma sombra profunda nos seus olhos.

– O que aconteceu? – perguntou.

– A mola partiu-se.

E ele mostrou-lhe o seu chapéu-de-chuva danificado. Subitamente, um pouco envergonhada, ela apercebeu-se de que não fora ele quem estragara o chapéu-de-chuva, mas que o responsável era Geoffrey.

– Afinal era um chapéu-de-chuva velho, não era? – disse ela. Miriam não entendia a razão de tão exagerado zelo, pois ele não era geralmente de se prender com ninharias.

– Mas este era o chapéu-de-chuva do William... e a minha mãe vai ter de saber – disse ele baixinho, tentando pacientemente consertar o chapéu-de-chuva. Estas palavras rasgaram-na como uma lâmina. Eram a confirmação da imagem que tinha dele! Olhou-o. Havia nele, porém, uma certa reserva, e ela não se atreveu a confortá-lo, nem mesmo a falar-lhe com meiguice.

– Vamos – disse ele –, não consigo arranjá-lo.

E seguiram em silêncio estrada fora.

Iam eles nessa mesma tarde a passar em Nether Green, por entre o arvoredos, quando ele lhe confidenciou, num tom algo irritado, como se lutando para se autoconvencer.

– Sabes – disse com esforço –, se uma pessoa ama, a outra também ama.

– Ah! – exclamou ela. – A minha mãe disse-me o mesmo quando eu era pequena: «O amor gera o amor.»

– Sim... algo parecido com isso... penso que deve ser isso.

– Espero que sim... porque, se não fosse assim, o amor seria algo de terrível – acrescentou ela.

– Mas é isso que acontece... pelo menos com a maioria das pessoas – respondeu ele.

E Miriam pensando que ele estivesse mais animado, sentiu-se fortalecida. Tinha considerado aquele encontro fortuito na vereda como uma revelação. E este diálogo ficou gravado na sua mente como palavra de lei.

Agora, estava com ele e do lado dele. Quando, pela mesma altura, Paul ofendeu a família dela com um insulto arrogante, ela apoiou-o e achou que ele tinha razão.

Sonhava agora com ele de uma forma viva e inesquecível. Mais tarde, os sonhos voltaram, tendo evoluído para estados psicológicos mais subtis.

Na segunda-feira de Páscoa, o mesmo grupo fez uma excursão até ao solar de Wingfield. Foi um momento de grande excitação para Miriam ao apanhar o comboio em Lethey Bridge, por entre o alvoroço da multidão num dia feriado. Saíram do comboio em Alfreton. Paul estava interessado na rua e nos mineiros a passearem os seus cães. Aquela era uma nova raça de mineiros. Miriam não se sentiu viver senão quando chegaram à igreja. Todos se mostravam algo acanhados para entrarem na igreja com os sacos da merenda, pois tinham receio de serem expulsos. Leonard, um rapaz magro e brincalhão, foi o primeiro a entrar, e Paul, que teria preferido morrer a ser mandado embora, foi o último. A igreja estava enfeitada para a Páscoa: centenas de narcisos brancos pareciam desabrochar da pia baptismal, e a luminosidade era difusa e colorida, filtrada pelos vitrais e animada por um aroma subtil a lírios e narcisos. A alma de Miriam inflamou-se nesta atmosfera. Paul, sensível à envolvência do local, receava não saber comportar-se à altura. Miriam voltou-se para ele. Ele correspondeu. Estavam juntos. Paul não quis passar para lá da divisória da comunhão, e ela apreciou o seu gesto. A sua alma elevou-se em orações ao lado dele. Paul sentia um estranho fascínio por lugares religiosos e obscuros. Todo o seu misticismo latente palpitava de vida. Ela sentia-se atraída por ele. Ele estava nela, como uma oração.

No adro da igreja, os narcisos e os junquinhos já tinham desabrochado e brilhavam ao sol como se flutuassem. As ovelhas, no parque, faziam vibrar o ar com os seus múltiplos e ténues balidos. Leonard e Dick entraram numa taberna para tomar uma bebida, para grande tristeza de Paul e Annie.

– Para que entraram na taberna? – perguntou Paul aborrecido.

– Bem – disse Dick, sorrindo –, só lá fomos beber uma limonada.

– Podiam muito bem ter ido à venda – disse Annie.

– À venda! – exclamou Leonard. – Estão a imaginar-nos... nós... ingleses de gema, a beber limonada na venda?

– Não – respondeu Paul. – Mas imagino-te com a tua enorme caneca de cerveja... inglesa de gema.

– E que mal te faz a minha caneca? – disse Leonard, limpando a boca, por sinal enorme.

Miriam só raramente falava com os outros rapazes. Tinham sido malcriados com ela uma vez e, desde essa altura, mantinha-se geralmente calada.

Passava do meio-dia quando subiram a ladeira íngreme que conduzia ao solar. Tudo em redor brilhava com suavidade, à luz de um sol quente, intenso e estimulante. As celidónias e as violetas estavam em flor. A natureza transbordava de felicidade. Tudo era perfeito: o esplendor da hera, os tons suaves e cinzentos, atmosféricos, dos muros do castelo, a harmonia que rodeava as ruínas.

O solar era de pedra dura cinzento-pálido, e as paredes exteriores brancas e repousantes. Os jovens estavam extasiados. Sentiam-se excitados, quase receosos de que o prazer da exploração destas ruínas lhes fosse negado. No primeiro pátio, situado entre muros altos e derrubados, havia algumas carroças com os varais abandonados pelo chão, e os aros das

rodas cintilavam em tons vermelho-dourado de ferrugem. A serenidade era total.

Todos se mostravam desejosos de pagarem os seis dinheiros da entrada, posto o que transpuseram a medo pelo arco harmonioso e bem lançado que dava acesso ao pátio interior. Mostravam-se tímidos. No local onde antes se erguera o muro, florescia agora um velho espinheiro. Todas as espécies de espaços abertos e salas em ruínas se abriam à sua volta, na penumbra.

– Digam lá se isto não é uma maravilha? – exclamou Leonard.

– É mesmo – acrescentou Paul.

E passaram de imediato à exploração.

– Eh, malta – chamou Leonard. – Venham ver o forno que eu descobri!

E, sem perder tempo, Leonard entrou pelo buraco. Dick e Paul entraram atrás dele e sentaram-se os três no chão a gritar, como se estivessem nas entranhas da terra.

– Aqui dava bem para assar um boi, ou até dois – disse Nick.

– E um veado ou dois – acrescentou Paul.

– E um burro ou dois – rematou Leonard, pondo-se a zurrar muito alto, enquanto os outros dois lhe batiam.

Paul voltou a sair para o ar livre e a exploração continuou. Finalmente, encontraram Geoffrey e as raparigas. Geoffrey estava a comer.

– Parece que tá na hora de dar ao dente – disse Leonard.

– Eu já m’adiantei – respondeu Geoffrey, que não fizera outra coisa desde que o grupo partira.

– Onde é que nos podemos sentar? – perguntou Miriam.

– Vamos para a sala dos banquetes – alvitrou Paul.

– Como é que sabes que aquela é a sala dos banquetes? – perguntou Leonard.

– Vi numa pintura.

– Pois então, toca a sentar – disse Leonard.

No enorme salão em ruínas, com as paredes frias erguidas para o céu azul, lá se sentaram todos a comer ao sol, observando os pássaros que chilreavam pousados no florão da ampla janela.

– Então, D. Cogumelo – disse Leonard, virando-se para Paul –, sois servido desta empada de veado?

– Mil agradecimentos, D. Trinca-Espinhas – respondeu Paul. – Comerei antes esta coxinha de pão com queijo.

– Por obséquio – disse Geoffrey –, podeis apertar-vos mais, pra eu me poder sentar?

– Perdoai, Insigne Cavaleiro – respondeu Leonard. – Mas será tão grande assim vossa

gordura?

– Paul – disse Annie –, tens aqui o teu ovo cozido.

– Ilustres cortesãos, deleitamo-nos hoje com um festim de ovos de aves fabulosas, postos pela nossa única fénix, e ostentando todos eles o nosso brasão, tal como neles foi gravado pelas nossas aves mais colaborantes – disse Paul.

– Ou seja... um montinho de porcaria – disse Leonard.

– E direi mais... Um brasão que é o nosso orgulho desde há muitas gerações, ámen! – disse Annie.

– Oh, sublime insígnia! – rematou Paul, fazendo Miriam desatar a rir.

Depois do almoço partiram mais uma vez à exploração das ruínas. Desta feita, as raparigas acompanharam os rapazes, que assumiram o papel de guias e professores. Uma torre alta e deveras periclitante surgiu diante dos seus olhos ao virarem uma esquina, e os rapazes logo informaram que Mary, rainha da Escócia, tinha sido ali encarcerada.

– Imaginem a rainha a subir por aqui acima... – disse Miriam em voz baixa, enquanto subia as escadas tortuosas.

– Isso, se ela se conseguisse levantar – respondeu Paul. – Sofria muito do reumatismo. Aposto que a tratavam o pior possível.

– E não achas que merecia? – perguntou Miriam.

– Acho que não. Ela era apenas uma pessoa jovial.

Continuaram a subir a escada de caracol. Uma rajada agreste entrou pelas seteiras e rodopiou pelo vão das escadas, levantando a saia de Miriam em balão, para seu grande embaraço, até que Paul agarrou na barra do vestido e o puxou para baixo. Fê-lo com destreza e simplicidade, como se lhe apanhasse uma luva do chão. Ela recordaria para sempre este momento.

A hera pendia frondosa, vetusta e bela, em torno do torreão em ruínas. Havia também algumas cravinas esparsas, com os seus botões tristes e pálidos. Miriam quis debruçar-se para apanhar um raminho de hera, mas Paul não deixou, ficando ela atrás dele, a receber um a um cada raminho que ele lhe entregava, num gesto do mais genuíno cavalheirismo. A torre parecia ondular ao vento. Do alto avistavam-se milhas e milhas de terreno arborizado e terreno de pastagens.

A cripta subjacente ao solar era muito bela e em perfeito estado de conservação. Paul não perdeu a oportunidade de a desenhar. Miriam ficou junto dele, a pensar em Mary, rainha da Escócia, fitando os montes de onde não vinha qualquer ajuda, com os seus olhos exaustos e desesperados, que não compreendiam a miséria; imaginou-a também sentada naquela cripta, escutando a história de um Deus tão frio quanto o lugar onde se encontrava.

Puseram-se de novo a caminho, exultantes, lançando um último olhar àquele solar a que se sentiam presos e que se erguia tão nítido e imponente no alto da colina.

– Imagina que aquela quinta era tua – disse Paul a Miriam.

– Sim!!

– Não era maravilhoso eu ir lá visitar-te?

Encontravam-se agora num descampado com muros de pedra, de que ele tanto gostava, e que, embora só a algumas milhas de casa, parecia tão estranho a Miriam. O grupo seguia agora disperso. Ao atravessarem um extenso prado, muito íngreme, com o sol por trás, descendo por um caminho salpicado de incontáveis pontinhos cintilantes, Paul entrelaçou os dedos no saco de rede de Miriam, que logo sentiu Annie atrás de si, atenta e ciumenta. Mas o prado estava banhado numa luz gloriosa e o caminho luzia como uma jóia, e era tão raro ele dar-lhe algum sinal... Conservou por isso os dedos muito quietos entre as cordas do saco, aflorando os dedos dele. E o mundo dourou-se inteiro, como se numa visão.

Finalmente, chegaram à vilazinha isolada e pardacenta de Crich, situada a grande altura. Atrás da vila ficava o famoso Crich Stand, que Paul avistava do jardim de sua casa. O grupo estugou o passo. Grandes extensões de terrenos estendiam-se em baixo a toda a volta. Os rapazes estavam ansiosos por chegarem ao topo da colina, que era encimada por um cabeço redondo, de que metade já se tinha desmoronado, e no topo do qual se erguia um monumento antigo, grotesco e atarracado, usado noutros tempos para enviar sinais para as planícies do Nottinghamshire e do Leicestershire.

O vento soprava forte, lá no alto, naquele local tão exposto, e a única forma de se estar protegido era ser pregado pelo vento à parede da torre. Aos seus pés abria-se o precipício, de onde se extraía a pedra calcária. Em baixo, reinava uma confusão de colinas e pequenos povoados: Matlock, Ambergate, Stoney Middleton. Os rapazes estavam ansiosos por descortinarem a Igreja de Bestwood, que ficava muito distante, no meio da floresta, um pouco para a esquerda. Mas ficaram tristes ao verem que a igreja parecia erguer-se numa planície – as colinas do Derbyshire apagavam-se na monotonia das terras baixas que se estendiam para sul.

Miriam estava um pouco assustada com o vento, mas os rapazes estavam a gostar. Continuaram a caminhada, calcorreando milhas e milhas, até Whatstandwell. Todos estavam esfomeados, pois já tinham devorado a comida toda que levavam e já lhes restava pouco dinheiro para regressarem a casa. No entanto, ainda conseguiram arranjar uma broa e um pão de passas, que cortaram em fatias finas com os canivetes, sentando-se a comer num muro, perto da ponte onde o rio Derwent corria límpido, ao som do chiar dos freios do comboio em Matlock, perto da estalagem.

Paul estava pálido de cansaço. Tinha sido o chefe do grupo durante todo o dia, e agora estava morto de cansaço. Miriam, apercebendo-se disso, manteve-se junto dele, e Paul entregou-se à sua guarda.

Tiveram de esperar uma hora na estação de Ambergate. Os comboios passavam lotados com excursionistas que regressavam a Manchester, Birmingham e Londres.

– Também podíamos ir para lá... as pessoas facilmente pensariam que íamos para muito longe – disse Paul.

Chegaram a casa bastante tarde. No caminho de regresso a casa, com Geoffrey, Miriam viu a lua nascer redonda, rubra e velada, e sentiu-se realizada interiormente.

Miriam tinha uma irmã mais velha, Agatha, que era professora. A hostilidade entre as duas irmãs era notória. Miriam considerava Agatha uma pessoa demasiado mundana e o seu sonho era ser também professora primária.

Um sábado à tarde, Agatha e Miriam estavam a vestir-se no primeiro andar. O quarto delas ficava por cima do estábulo. Era um quarto de tectos baixos, não muito grande e de paredes nuas. Miriam tinha pregado na parede uma reprodução da Santa Catarina, de Veronese. Fascinava-a aquela mulher, sentada na janela a sonhar. As suas janelas eram demasiado pequenas para lá se poder sentar. Todavia, a da frente estava coberta de madressilva e hera americana, e de lá avistavam-se as copas do bosque de carvalhos, por detrás do quintal, enquanto a minúscula janela traseira, pouco maior do que um lenço, não passava de uma fresta voltada para oriente, para a aurora que se acendia atrás das colinas arredondadas que ela tanto amava.

As duas irmãs não falavam muito uma com a outra. Agatha, bonita, baixa e determinada, tinha-se revoltado contra a atmosfera do lar e contra a doutrina do «dar a outra face». Enfrentava agora o mundo exterior, lutando para se tornar independente. Insistia nos valores da cultura, nas aparências, nas boas maneiras, na posição social, tudo coisas que Miriam de bom grado teria ignorado.

Quando Paul chegou, ambas preferiram ficar invisíveis lá em cima, para poderem descer as escadas a correr, abrirem a portinhola do fundo das escadas e verem-no entrar, ansioso por encontrá-las. Miriam tentava desesperadamente enfiar pela cabeça o rosário que ele lhe tinha oferecido, e que ficara preso no fino emaranhado dos seus cabelos. Finalmente, conseguiu colocá-lo, e as contas de madeira, castanho-avermelhado, assentavam lindamente no seu pescoço fresco e mate. Era uma rapariga bem lançada e muito bonita. Contudo, só conseguia ver uma parcela do seu corpo de cada vez no pequeno espelho pregado na parede caiada de branco. Agatha tinha comprado um espelho só para ela, com o tamanho certo, que encostava à parede sempre que precisava. Miriam estava perto da janela. De repente, escutou o estalido bem conhecido do cadeado e viu Paul a abrir a cancela com um pontapé, entrando no pátio com a bicicleta. Ele olhou para cima e ela escondeu-se. Paul avançava com indiferença, e a bicicleta acompanhava-o como se fosse um objecto animado.

– O Paul já chegou! – exclamou Miriam.

– Não estás contente? – disse Agatha, evidenciando sarcasmo.

Miriam estava ainda surpresa e perplexa.

– Então, estás ou não estás? – insistiu a outra.

– Estou, mas não quero que ele perceba e pense que eu estava à espera.

Miriam estava perplexa. Ouviu-o meter a bicicleta no estábulo e falar com Jimmy, um cavalo decrépito que tinha trabalhado nas minas.

– Atão, Jimmy, meu amigo, como vai isso? Velho e cansado, hem? Pois é, é uma pena,

amigo!

Escutou o som da corda a roçar na argola, quando o cavalo levantou a cabeça às carícias do rapaz. Como ela gostava de o ouvir quando ele pensava que o cavalo estava ali para o escutar. Porém, havia uma serpente no seu Éden. Ela procurava fervorosamente descobrir dentro si se amava Paul Morel. Sentia que poderia haver algo de errado nesse impulso. Enredada em sentimentos confusos, receava desejá-lo e condenava-se por isso. E logo a penetrou uma dor intensa, de vergonha, e todo o seu ser se contraiu num espasmo de tortura. Desejaria ela Paul Morel, e saberia ele que ela o desejava? Que subtil infâmia a ameaçava! E sentiu a alma enleada em nós de vergonha.

Agatha vestiu-se primeiro e desceu rapidamente para o rés-do-chão. Miriam ouviu-a cumprimentar o rapaz num tom jovial; conhecia bem o brilho dos olhos da irmã quando saudava alguém naquele tom. Ela própria se teria sentido corajosa por tê-lo cumprimentado daquela forma. Contudo, sentia dentro da alma a auto-flagelação de o desejar, aliada a um sentimento de tortura. Em perplexa amargura, ajoelhou-se e rezou:

– Senhor, não permitas que eu ame o Paul Morel. Afasta de mim esse sentimento, se achares que eu não devo amá-lo.

Algo de estranho a fez interromper a oração. Levantou a cabeça e reflectiu. Como é que amá-lo poderia ser errado? O amor era uma dádiva de Deus e, no entanto, causava-lhe vergonha. Era por ele, por Paul Morel, que a sentia. Mas esse não era assunto que lhe dissesse respeito, era só entre ela e Deus. Tinha de fazer o sacrifício, um sacrifício por Deus e não por Paul Morel ou por si mesma. Passados alguns minutos, escondeu a cara na almofada e disse:

– Meu Deus, se é Tua vontade que eu o ame, então submeto-me, como Cristo se submeteu e morreu pelas almas dos pecadores. Faz com que eu o ame fervorosamente, pois ele é Teu filho.

Permaneceu de joelhos por mais alguns instantes, serena, mas profundamente emocionada, com o cabelo negro espalhado sobre os quadrados da colcha de retalhos, vermelhos uns, outros com raminhos de alfazema. Rezar era algo de quase essencial para ela. Depois, caía naquele arrebatamento de auto-sacrifício, identificando-se com um Deus que fora sacrificado, acto que representa para tantas almas humanas a sua bênção mais sublime.

Quando Miriam desceu, Paul estava recostado no cadeirão, em acesa discussão com Agatha, que ridicularizava uma pequena pintura que ele tinha trazido para lhe mostrar. Miriam olhou-os e fugiu à sua frivolidade, indo para a sala de estar para ficar sozinha.

A hora do chá chegou sem que ela tivesse tido possibilidade de falar com Paul; mostrava-se tão distante que ele pensava tê-la ofendido.

Miriam quebrou a rotina de ir todas as terças-feiras à tardinha à biblioteca de Bestwood. Depois de se ter encontrado regularmente com Paul durante toda a Primavera, um número de incidentes insignificantes e pequenos reparos vindos da família levaram-na a aperceber-se das suas atitudes, e decidiu pôr fim às saídas. Assim, numa bela tarde, informou Paul de

que não poderia voltar a ir ter a casa dele às terças-feiras à tarde.

– Porquê? – perguntou ele, com brusquidão.

– Por nada. Porque acho melhor assim.

– Muito bem.

– Mas... – gaguejou ela – ... se quiseres estar comigo, podemos ir juntos.

– E encontramos-nos onde?

– Algures... onde tu quiseres.

– Não te quero encontrar em lado nenhum. Não compreendo porque é que não podes continuar a vir buscar-me. Mas se não vieres, não quero encontrar-me contigo.

Assim, as terças-feiras à tarde, esses dias que tinham sido tão especiais para ela e para ele, terminaram. E Paul passou a ocupar esse tempo a trabalhar. Mrs. Morel viu com bons olhos esta decisão.

Paul não aceitava que fossem namorados. A intimidade entre eles tinha sido mantida ao nível do abstracto, era um assunto da alma; visto não passar de um conceito e de uma luta exaustiva ao nível da consciência, ele via nela apenas uma amizade platónica e negava peremptoriamente a existência de algo mais. Miriam permanecia em silêncio, ou então concordava sem discutir. E ele sentia-se um idiota, pois não entendia o que se passava no seu íntimo. Através de um acordo tácito, ignoravam os reparos e as insinuações das pessoas conhecidas.

– Não somos namorados, mas apenas amigos – disse-lhe ele. – Nós sabemos que é assim. Deixa-os falar. Não importa o que dizem.

Por vezes, quando caminhavam juntos, ela metia o braço timidamente no dele. Mas ele retraía-se sempre, e ela sabia-o, o que dava lugar a um conflito violento. Com Miriam, Paul sentia-se sempre no mais alto nível de abstracção, e a sua chama de amor natural transformava-se em energia mental. E ela aceitava-o assim. Se ele estivesse bem-disposto e, como ela dizia, brincalhão, ela aguardava que ele voltasse ao normal, que ele se transformasse, e o visse a lutar de novo consigo mesmo, empolgado, apaixonado, tentando compreender a situação. Nesta paixão pela compreensão, as suas almas tocavam-se e ele era totalmente dela. Todavia, tinha de se abstrair primeiro.

Assim, ela dar-lhe o braço era para ele quase uma tortura. A sua consciência parecia desintegrar-se. A parte do corpo onde ela lhe tocava ardia com a fricção. Era uma batalha mortal para ambos e por isso ele a tratava com crueldade.

Uma tardinha, nos meados do Verão, Miriam foi chamá-lo a casa, chegando transpirada devido à subida. Paul estava sozinho na cozinha e ouviam-se os passos da mãe no primeiro andar.

– Vem, vou mostrar-te as ervilhas-de-cheiro – disse ele.

Foram até ao jardim. O céu, por detrás da cidade e da igreja, era vermelho-alaranjado, e o jardim inundava-se de uma luminosidade estranha e quente que dava sentido a cada

folha. Paul avançou pelo estreito carreiro ladeado de ervilhas-de-cheiro, colhendo flores creme e azul-pálido por aqui e por ali. Miriam seguia-o, aspirando as fragrâncias. As flores atraíam-na com tal intensidade que ela sentia necessidade de as tornar uma parte de si mesma. Quando se baixava e cheirava uma flor, era como se ambas se amassem uma à outra. Paul detestava vê-la fazer isso. Ela expunha-se demasiado naquela sua atitude, até mesmo intimamente.

Assim que o ramo ficou de bom tamanho, regressaram a casa. Ele escutou por momentos os passos calmos da mãe no andar de cima e, depois, disse:

– Vem cá, deixa-me enfeitar-te com elas.

E espetou duas ou três de cada vez à volta do decote do vestido, recuando em seguida para admirar o efeito.

– Sabes – disse ele, tirando o alfinete da boca – a mulher devia colocar sempre as flores em frente ao espelho.

Miriam sorriu. Para ela, as flores deviam ser colocadas no vestido sem qualquer preocupação. Se Paul se queria dar ao trabalho de lhe espetar as flores no vestido com rigor, isso era lá com ele.

Paul ficou muito ofendido com a gargalhada que ela deu.

– Algumas mulheres fazem-no.... as que são como devem ser – disse ele.

Miriam sorriu novamente, mas desta vez melancólica, por ele a ter misturado com as mulheres em geral. Teria ignorado a afronta, se tivesse partido de outro homem qualquer. Mas, vinda dele, magoava-a.

Estava ele a terminar o arranjo de flores quando ouviu os passos da mãe nas escadas. Espetou o último alfinete à pressa e afastou-se.

– Não deixes que a minha mãe perceba – disse ele.

Miriam pegou nos livros e ficou à entrada da porta, olhando desapontada para o belíssimo pôr do Sol. Não tornaria a vir a casa de Paul, disse ela.

– Boa tarde, Mrs. Morel – cumprimentou-a Miriam, respeitosamente. As suas palavras soaram como se ela não tivesse o direito de estar ali.

– Ah, és tu, Miriam! – respondeu Mrs. Morel friamente.

Paul insistia em que todos aceitassem a sua amizade com a rapariga, e Mrs. Morel era demasiado esperta para demonstrar abertamente qualquer relutância.

Só quando ele fez vinte anos é que a sua família teve possibilidades económicas para ir de férias. Desde que casara, Mrs. Morel nunca tinha ido de férias, excepto para visitar a irmã. Finalmente, Paul tinha conseguido juntar dinheiro suficiente para levar a família de férias. O grupo era o seguinte: alguns amigos de Annie, um amigo de Paul, um rapaz do escritório onde Paul tinha estado anteriormente e Miriam.

A reserva dos quartos provocou grande alarido. Paul e a mãe debateram várias vezes o

assunto. Queriam uma casinha rústica mobilada para duas semanas. Ela achava que uma semana seria suficiente, mas ele insistia em duas. Paul saiu logo de manhã, antes de o correio chegar. Assim, quando voltou, as primeiras palavras da mãe foram:

– Paul, sabes uma coisa... aquela espertalhona de Skegness quer só quatro guinéus por semana por aquele seu barraco miserável.

– Então, vai ter muito de esperar – disse Paul.

– Também acho – respondeu a sua mãe, indignada. Nessa mesma noite, Paul escreveu outra carta. Receberam finalmente resposta de Mablethorpe – uma casinha que preenchia os seus desejos, por trinta xelins por semana. Houve uma explosão de alegria. Paul estava radiante pela mãe. Agora sim, ela ia ter umas verdadeiras férias. À noite, ficavam sentados a imaginar como seriam. Entretanto, chegaram Annie, Leonard, Alice e Kitty. Havia grande alegria e expectativa. Paul contou a Miriam. Ela pareceu feliz, mas comedida. Porém, o lar dos Morels vibrava de excitação.

Partiriam no sábado seguinte de manhã, no comboio das sete horas. Paul sugeriu a Miriam que dormisse em casa dele, pois morava muito longe, e ela já jantou de véspera em casa dele. Estavam todos tão excitados que a vinda de Miriam até foi recebida com entusiasmo. Contudo, mal ela chegou, a família tornou-se menos expansiva e mais fechada. Paul tinha descoberto um poema de Jean Ingelow que falava em Mablethorpe, e, por isso, tinha de o mostrar a Miriam. Sem ela, o seu sentimentalismo nunca teria chegado ao ponto de ler poesia para a família ouvir. Mas agora concordavam em ouvi-lo. Miriam, sentada no sofá, escutava-o enlevada. Quando ele estava presente, ela parecia sempre presa a ele e das palavras dele. Mrs. Morel, com ciúmes, sentou-se na sua cadeirinha de baloiço para o escutar. Annie e o pai escutavam-no também; Morel tinha a cabeça mais levantada de um lado, como alguém que escuta um sermão e está consciente do mesmo. Paul espreitou por cima do livro. Tinha agora a presença de quem mais gostava. E Mrs. Morel e Annie quase competiam com Miriam, sobre qual seria a ouvinte mais atenta, a preferida dele. Paul sentia-se nos píncaros.

– Mas – interrompeu Mrs. Morel – não percebo porque é que os sinos têm que tocar A Noiva de Enderby...?

– É uma velha melodia que os sinos costumavam tocar como aviso contra a cheia. Penso que a tal Noiva de Enderby morreu afogada numa enchente – respondeu ele. Não fazia a mínima ideia do que aquilo queria dizer na realidade, mas nunca se teria rebaixado ao ponto de o confessar perante o seu público feminino. Elas escutavam-no e acreditavam. Ele próprio acreditava nas coisas que dizia.

– E as pessoas sabiam o significado dessa melodia? – quis saber a mãe.

– Sim... tal e qual os escoceses quando escutam As Flores da Floresta... e quando costumavam tocar os sinos em sinal de alarme em sentido contrário.

– Ah! – exclamou Annie. – Quer dizer que os sons de um sino são sempre os mesmos quando são tocados no seu sentido correcto, ou ao contrário.

– Mas – disse ele – se começares num tom grave e subires até ao agudo... lá-lá-lá-lá-lá-

lá-lá-lá! – disse ele, percorrendo a escala completa, e todos o acharam muito inteligente. Ele também. Depois, aguardando um minuto, continuou a ler o poema.

– Hum! – disse Mrs. Morel, apreciativamente, quando ele terminou. – Só espero que tudo o que se tem escrito não seja assim tão triste.

– Num consig’ entender porqu’ é qu’ houve tantos afogamentos – disse Morel. Houve uma pausa. Annie preparou-se para levantar a mesa.

– Acho Elizabeth um belo nome – disse Miriam, em voz baixa. – «A minha nora Elizabeth...»

– Concordo – disse Paul.

– Também acho – disse a mãe. – Mas não gosto de Lizzie e abomino Liza.

Nem Paul nem Miriam achavam que Lizzie ou Liza tivessem algo a ver com o assunto.

– Ah, mas «Elizabeth»! – murmurou Miriam.

– E ainda por cima, a Rainha Elizabeth adorava que a tratassem por «Grande Eliza» – disse Paul.

– E amanhã há mais! – disse Morel, não se contendo.

Mrs. Morel e Paul deram uma gargalhada.

– Aposto que nem sapatos tinha – disse Morel, continuando com a brincadeira.

– Não seja tão insolente com uma rainha – disse Annie.

– Rainhas! – exclamou Morel. – Num pensas noutra coisa senão nas rainhas? Num fazes mai nada senão viver à grande e à francesa!

Miriam levantou-se para ajudar a lavar a loiça.

– Deixa-me ser eu a lavar a loiça – disse ela.

– Não é necessário – exclamou Annie. – Vai-te sentar. É pouca loiça.

E Miriam, que não se sentia à vontade para insistir, sentou-se a ver o livro com Paul.

Paul era o chefe do grupo... para isso, o pai não prestava. E muito ele sofreu para que o baú de latão fosse descarregado em Firsby e não em Mablethorpe. E não foi também capaz de encontrar uma carruagem com lugares. Só a genica de Mrs. Morel o conseguiu.

– Aqui! – gritou ela para um homem. – Aqui!

Paul e Annie ficaram para trás envergonhadíssimos, mas perdidos de riso.

– Quanto é a viagem até Brook Cottage? – perguntou Mrs. Morel.

– Dois xelins.

– É assim tão longe?

– Ainda é um bom bocado.

– Não acredito – disse ela.

Contudo subiu para a carruagem. Iam os oito apertados numa velha carruagem da linha costeira.

– Bem vêm – disse Mrs. Morel –, são apenas três dinheiros por pessoa, mas se fosse um eléctrico...

A viagem prosseguiu. Sempre que passavam por uma casa típica, Mrs. Morel exclamava:

– É esta?... Não, agora é que é!

Estava toda a gente morta de ansiedade. A viagem prosseguiu. Houve um suspiro em unísono.

– Estou agradecida por não ser aquela coisa horrorosa – disse Mrs. Morel. – Estava assustada.

Passou-se ainda mais algum tempo.

– Aquela mulher repelente disse que a casa ficava a dez minutos do mar...! – exclamou Mrs. Morel.

– Pra ela uma hora deve ser um minuto – reclamou Morel.

Todos o mandaram calar.

– Será que nunca mais chegamos? – exclamou Mrs. Morel, muito alto.

– Não grite assim, mãe – disse Annie. – O que é que ele irá pensar?

Mrs. Morel olhou de um modo esquisito para o condutor, e disse:

– Não sei! Mas, pelo aspecto, penso que não pensará nada de especial.

Finalmente, desceram perto de uma casa isolada, sobre o canal que passava na estrada principal. Houve grande alvoroço quando descobriram que tinham de atravessar uma pequena ponte para chegarem ao jardim da casa. Adoraram a casa, que ficava isolada, com o mar de um lado e, do outro, uma imensa extensão de terra plana que se estendia até ao céu, e onde se distinguia o branco da cevada, o amarelo da aveia, o vermelho do trigo e o verde dos nabos.

Paul registava as despesas e ele e a mãe governavam a casa. As despesas globais, incluindo o alojamento e a alimentação ascendiam a dezasseis xelins por pessoa e por semana. De manhã, Paul e Leonard iam tomar banho ao mar. Morel saía bastante cedo para ir dar um passeio.

– Paul – chamou a mãe do quarto. – Come uma fatia de pão com manteiga.

– Está bem – respondeu ele.

Quando regressou, a mãe estava sentada à cabeceira da mesa. A dona da casa era jovem. O marido era cego e ela cuidava da roupa. Assim, Mrs. Morel lavava a loiça na cozinha e fazia as camas.

– Mas a mãe prometeu que ia fazer umas férias a sério – disse Paul – e agora está a

trabalhar.

– Trabalho? – exclamou ela. – De que é que estás a falar?

Paul adorava ir passear com ela pelos campos, até à aldeia ou até ao mar. Ela tinha medo de atravessar pontes de madeira e ele acusava-a de se portar como um bebé. Era apegado à mãe como se fosse o seu marido.

Miriam raramente andava com ele – excepto, talvez, quando iam todos ouvir os Coons. Os Coons eram insuportavelmente estúpidos para Miriam e, por isso, eram-no também para Paul, que pregava sermões presunçosos a Annie sobre a perda de tempo que era irem ouvi-los. Todavia, também ele sabia todas as suas canções de cor e as cantava desbragadamente pelas ruas. E, quando reparava que os estava a ouvir, a estupidez da situação agradava-lhe imenso. Contudo dizia para Annie:

– Que porcaria!... Não há um pingo de inteligência naquilo que cantam. Ninguém que tenha mais miolos que um gafanhoto consegue aguentá-los. – E dizia a Miriam, com algum desdém, onde estavam Annie e os outros:

– Suponho que foram aos Coons.

Era ridículo ouvir Miriam trautear as canções dos Coons. Tinha um queixo talhado a direito que descia na perpendicular desde o lábio inferior até à curvatura do maxilar. Quando ela cantava, Paul achava-a parecida com um anjo triste de Botticelli, mesmo quando entoava:

«Vem pela Estrada do Amor

Vem comigo passear, falar comigo...»

Miriam só tinha Paul todo para ela quando ele desenhava, ou à noite, quando todos os outros estavam a ouvir os Coons. Ele falava-lhe então interminavelmente do seu gosto pelos planos horizontais: como é que os grandes níveis do céu e da terra significavam para ele a eternidade da vontade, tal como os arcos normandos, arredondados e em série, significavam um salto em frente da alma humana voluntariosa, não se sabe para onde; pelo contrário, as linhas perpendiculares e o arco gótico apontavam para o céu e afluíam o êxtase, perdendo-se no divino. Ele era normando, Miriam era gótica. Submissa, ela concordava com tudo o que ele dizia.

Certa tarde, ele e ela foram passear pelo extenso areal que conduzia a Theddlethorpe. As alongadas vagas quebravam-se e elevavam-se em silvos agudos de espuma ao longo da costa. A tarde estava quente e eles completamente sozinhos na imensidão da areia, a sós com o barulho do mar. Paul adorava ouvir o mar a ressoar na areia. Adorava sentir-se entre o som do mar e o silêncio do areal. Miriam estava com ele. Tudo se tornava mais intenso. Já tinha anoitecido quando regressaram. O regresso a casa fazia-se através de uma passagem nas dunas, e depois através de uma estrada pejada de ervas, rasgada entre dois diques. A aldeia estava cinzenta e calma. Por detrás das dunas soava o murmúrio do mar.

Paul e Miriam caminhavam em silêncio. De repente, ele estacou. O seu sangue parecia ter-se incendiado e ele mal podia respirar. Uma enorme lua alaranjada observava-os do alto das dunas. Ele continuava parado, olhando a lua.

– Oh! – exclamou Miriam, quando a viu também.

Ele estava ali, petrificado, olhando a lua dilatada e rubra, sozinha na escuridão imensa. O seu coração batia forte e tinha os músculos dos braços contraídos.

– O que foi? – murmurou ela, esperando por ele.

Ele voltou-se e fitou-a. Ela estava ao seu lado, para sempre na escuridão. A sua face, encoberta pela sombra do chapéu, olhava-o sem que ele a visse. E ela meditava. Estava um pouco receosa... profundamente emocionada e imbuída de religiosidade. Este era o seu melhor estado de alma. Ele sentia-se impotente face a esta situação. O sangue parecia concentrar-se como uma fogueira no seu peito, mas ele não lhe conseguia transmitir o sentimento. Pareciam disparar relâmpagos do seu sangue, mas, de algum modo, ela ignorava-os. Ela esperava vê-lo atingir um estado de graça. Ainda à espera, mas meio consciente da paixão que o possuía, Miriam fitou-o, preocupada.

– O que se passa? – murmurou novamente.

– É a Lua – respondeu ele, franzindo a testa.

– Sim – concordou ela. – É maravilhosa, não é? – Ela estava intrigada. A crise tinha passado.

Ele próprio não sabia o que lhe tinha acontecido. Era ainda tão jovem e a sua intimidade tão abstracta que não se apercebeu de que desejava esmagá-la contra o peito para aliviar a dor que o trespassava. Tinha medo dela. Talvez o facto de a desejar como um homem deseja uma mulher tivesse permanecido oculto dentro dele como uma humilhação. Quando ela fugia desses pensamentos, torturando-se em extrema agitação, ele recolhia-se até ao mais recôndito da alma. E, neste momento, esta «pureza» inibia o seu primeiro beijo de amor. Era como se ela mal pudesse suportar o choque do amor físico, ou apenas um beijo apaixonado, deixando-o demasiado reprimido e sensibilizado para lho dar.

Enquanto caminhavam ao longo da negra lagoa, Paul contemplava a Lua e mantinha-se em silêncio. Miriam caminhava a seu lado devagar. Ele sentia que a odiava, pois ela parecia, de certa forma, levá-lo a autodesprezar-se. Olhando em frente, descortinou uma luz na escuridão; era a janela iluminada da sua casa.

Adorava pensar na mãe e no resto das pessoas, todos alegres.

– Bem, já todos chegaram há bastante tempo – disse a mãe quando eles entraram.

– E o que é que isso importa? – exclamou ele, irritado. Posso ir passear quando me apetecer, não posso?

– Pensei que quisesses jantar com o resto do grupo – disse Mrs. Morel.

– Tenho de agradar a mim próprio – retorquiu ele. – Não é tarde e faço o que me apetece.

– Muito bem – disse a sua mãe, sarcasticamente. – Então faz o que te apetecer!

E nessa noite não falou mais com ele. Paul fingiu não notar nem estar preocupado com o assunto, e sentou-se a ler. Miriam lia também, tentando alienar-se. Mrs. Morel detestava-a por ela pôr o filho naquele estado. Via o filho irritadiço, presumido e melancólico, e culpava Miriam.

Annie e os amigos também se voltavam contra Miriam. O único amigo de Miriam era Paul. Mas ela não se importava, pois desprezava a trivialidade de todas essas pessoas.

E Paul detestava-a, pois ela perturbava, por assim dizer, o seu bem-estar e a sua naturalidade, torturando-o com sentimentos de humilhação.

¹ «Os últimos representantes de uma raça extinta.» (*N. da T.*)

VIII

ZANGAS DE AMOR

ARTHUR terminou o estágio e arranhou emprego na central eléctrica da mina de Minton. Ganhava muito pouco, mas tinha possibilidades de progredir. Era, porém, rebelde e impaciente. Não bebia nem tinha o vício do jogo, mas envolvia-se constantemente em rixas devido às suas reacções intempestivas. Ia caçar coelhos para a floresta, qual caçador furtivo, e passava a noite em Nottingham em vez de voltar para casa, ou então ia nadar para o canal de Bestwood e falhava os cálculos do mergulho, ficando com o peito ferido, das rochas naturais e das latas que andavam a boiar à tona.

Tinha faltado ao emprego meses a fio, e uma noite não voltou para casa.

– Sabe por onde anda o Arthur? – perguntou Paul ao pequeno-almoço.

– Não – respondeu a mãe.

– É mesmo maluco – disse Paul. – Eu já nem ligaria, se ele ao menos fizesse mesmo alguma coisa. Mas não... não consegue resistir a um jogo de cartas, ou então vai levar alguma rapariga a casa depois da patinagem, com todo o decoro... e acaba por não voltar para casa. É maluco.

– Não vejo porque seria melhor se ele fizesse mesmo alguma coisa que nos envergonhasse – disse Mrs. Morel.

– Bem... eu, pelo meu lado, passaria a respeitá-lo mais – disse Paul.

– Duvido muito – respondeu a mãe secamente.

Continuaram a tomar o pequeno-almoço.

– A mãe gosta desvairadamente dele, não gosta? – perguntou Paul.

– Porque fazes essa pergunta?

– Dizem que as mães gostam sempre mais do filho mais novo.

– Talvez... mas eu não. Não... ele irrita-me.

– E gostava que ele se portasse melhor?

– Gostava que ele mostrasse algum bom senso masculino.

Paul estava ferido e irritado. Também ele irritava a mãe frequentemente. E ela ficava triste, pois via os melhores anos a fugirem-lhe.

Estavam a acabar o pequeno-almoço, quando o carteiro lhes entregou uma carta vinda de Derby. Mrs. Morel esforçou-se para ler o endereço.

– Dê cá isso, sua pitosga! – exclamou o filho, tirando-lhe a carta da mão. Ela assustou-se e quase lhe dava uma bofetada.

– É do seu filho Arthur – informou ele.

– Mas o que vem a ser isto? – exclamou Mrs. Morel.

– «Querida mãe» – leu Paul. – «Não sei o que me deu. Quero que me venha buscar. Ontem, em vez de ir trabalhar, vim alistar-me no exército com o Jack Brendon. Ele disse que estava farto de passar a vida sentado num escritório, e eu, idiota, como já sabe que sou, resolvi vir com ele.

«Já recebi o dinheiro referente ao recrutamento, mas se me vier buscar, talvez eles me deixem ir consigo. Foi uma loucura ter feito o que fiz. Não quero ficar no exército. Querida mãe, sei que não passo de um estorvo para si, mas, se me tirar desta situação, prometo que serei mais consciente e ponderado...»

Mrs. Morel sentou-se na cadeira de baloiço.

– Vejam só! – exclamou. – Ele que assente por uns tempos!

– Também acho – disse Paul. – Ele que assente!

Fez-se silêncio. A mãe estava sentada com as mãos cruzadas sobre o avental, o rosto imóvel, pensativa.

– Devo estar doente – exclamou de repente. – Doente!

– Então! – disse Paul, franzindo a testa – Não quero que se preocupe com isto, está a ouvir?

– Então queres que encare isto como uma bênção? – disse ela, de repente, virando-se para o filho.

– Agora não vai tornar isto numa tragédia, pois não? – retorquiu ele.

– Ele é maluco!... Maluquinho de todo! – gritou Mrs. Morel.

– Vai ficar todo bonito com a farda – disse Paul, para espicaçar a mãe.

Ela virou-se a ele, furiosa.

– Ah, vai? – gritou ela. – Mas não para mim!

– Devia ir para um regimento de cavalaria... Ele divertia-se à grande e nós passávamos a ser chiques.

– Chiques!... Chiques!... Muito chique, não haja dúvida!... Um soldado raso!

– Ora – disse Paul. – E o que sou eu, senão um reles escriturário?

– O que é muito mais, meu filho! – gritou a mãe, picada.

– Essa agora!

– De qualquer forma, és um homem e não uma coisa enfiada num casaco vermelho.

– Não me importava de andar enfiado num casaco vermelho... ou azul-escuro, que me ficaria melhor... se eles não me dessem muitas ordens.

Mas a mãe já não o ouvia.

– Agora que ele estava a progredir, ou poderia vir a progredir no emprego... um aborrecimento passageiro e aí vai ele... dar cabo da vida toda. Que vantagens é que tu pensas que isto lhe pode trazer?

– Vai pô-lo todo afinado! – disse Paul.

– Todo afinado!... E o que tem ele para afinar? Um soldado!... Um soldado raso!!... Nada mais do que um corpo que se mexe quando lhe dão ordens! Grande coisa!

– Não percebo porque é que isso a aborrece tanto – disse Paul.

– Não, talvez não percebas. Mas percebo eu. – E recostou-se na cadeira, de queixo apoiado numa das mãos e segurando o cotovelo com a outra, a transbordar de raiva e desilusão.

– Está a pensar ir a Derby? – perguntou Paul.

– Estou, pois.

– Não faça isso.

– Quero ver com os meus próprios olhos.

– Mas por que diabo é que não o deixa assentar? É isso mesmo que ele quer.

– Claro – exclamou a mãe. – Tu sabes muito bem o que ele quer...

Preparou-se e apanhou o primeiro comboio para Derby, onde se encontrou com o filho e com o sargento. Todavia, os seus esforços foram infrutíferos.

Morel estava a almoçar, quando ela disse de repente:

– Tenho de ir hoje a Derby.

O mineiro levantou os olhos, muito brancos numa face toda enfarruscada.

– Ah, vais, cachopa? E o que te leva lá?

– O menino Arthur!

– Qu'aprontou ele desta vez?

– Alistou-se no exército, só isso.

Morel pousou a faca e recostou-se na cadeira.

– Não – disse ele. – Num pode ser!

– E amanhã vai para Aldershot.

– Bom – exclamou o mineiro –, iss' é qu' é já uma grand'alhada.

Morel reflectiu por um momento, disse «Hum!» e continuou a jantar. Subitamente, a face contraiu-se-lhe de raiva.

– Espero qu'ele nunca mais volte a pôr as patas nesta casa – disse ele.

– Credo! – exclamou Mrs. Morel. – Isso é lá coisa que se diga!

– É o qu’eu penso – repetiu Morel. – O dodivanas pisga-se pa ser soldado... Atão é porque já tá na hora de fazer pela vida... Comigo na conta mais.

– Falar é fácil... – disse Mrs. Morel.

Nessa noite, Morel quase sentiu vergonha de ir para a taberna.

– Então, sempre lá foi? – perguntou Paul à mãe quando chegou a casa.

– Fui.

– E viu-o?

– Vi.

– E o que disse ele?

– Ficou lavado em lágrimas quando me vim embora.

– Hum!

– E eu fiz o mesmo, portanto não precisas de fazer «Hum!».

Mrs. Morel preocupava-se com o filho, pois sabia que ele não ia gostar de estar no exército. Como de facto não gostou. A disciplina era uma coisa que ele não conseguia tolerar.

– Mas o doutor disse que ele era bem proporcionado... quase na proporção exacta, e as suas medidas eram perfeitas – disse Mrs. Morel a Paul, cheia de orgulho. – Como tu sabes, ele é bem-parecido.

– Ele é muito bem-parecido. Mas não arranja raparigas como o William, pois não?

– Não... Tem uma personalidade diferente. Sai muito ao pai: é um irresponsável.

Para consolar a mãe, Paul passou nessa altura a ir muito menos a Willey Farm. No Outono, quando se realizou no castelo a habitual exposição dos trabalhos dos alunos da escola de belas-artes, ele apresentou dois trabalhos: uma paisagem a aguarela e uma natureza morta a óleo, que obtiveram dois primeiros prémios, o que o deixou deveras emocionado.

– Mãe, que lhe parece, acha que ganhei algum prémio com as minhas pinturas? – perguntou uma noite, ao chegar a casa. Pelos seus olhos, a mãe viu que ele estava feliz, e a sua face resplandeceu.

– Como queres que eu saiba, meu filho?!

– Um primeiro prémio por aquelas jarras de vidro...

– Ena!

– E outro primeiro prémio por aquele esboço que fiz em Willey Farm.

– Um primeiro prémio para cada coisa?

– Sim, senhora.

– Hum!

Mrs. Morel parecia envolvida numa aura brilhante, cor-de-rosa, mas não disse nada.

– É bem bom, não é, mãe? – disse ele.

– É, sim.

– Oh, mãe, porque não me põe nos píncaros?

Ela riu-se.

– É que depois tinha de ter o trabalho de te puxar cá para baixo outra vez.

No entanto, toda ela vibrava de alegria. William tinha-lhe trazido sempre os seus troféus desportivos. Ela ainda os guardava, e não perdoava a morte dele. Arthur era bonito e era pelo menos um belo exemplar masculino, terno e generoso, e provavelmente o futuro acabaria por lhe sorrir. Mas Paul iria destacar-se. Ela tinha uma grande fé no filho, e mais ainda por ele não ter consciência das suas capacidades. Ele tinha tanto para dar, e a vida parecia ter muito para lhe dar também. Ela iria sentir-se realizada através do filho. A sua luta não tinha sido em vão.

Durante o período da exposição, Mrs. Morel foi várias vezes ao castelo, sem que Paul a visse. Vagueava pelo longo salão, apreciando as restantes pinturas. Sim, eram muito boas. Mas faltava-lhes qualquer coisa para que a sua satisfação fosse completa. Observava-as longamente, tentando encontrar nelas alguma falha. De repente, algo lhe fazia disparar o coração. Aquela era a pintura de Paul. Conhecia-a como se a tivesse gravada no coração.

«Nome: Paul Morel. Primeiro Prémio.»

Parecia tão estranha, ali exposta ao público, nas paredes da galeria do castelo, onde já tinha visitado tantas exposições de pintura durante toda a sua vida. E, depois, olhou em volta, tentando descobrir se alguém a tinha tornado a ver em frente ao mesmo quadro.

Não cabia em si de orgulho, e quando se cruzava com senhoras bem vestidas, pensava para consigo:

«Pois sim, vocês estão muito bem vestidas... mas duvido que os vossos filhos consigam arrebataram dois primeiros prémios na exposição no castelo.»

E seguia o seu caminho, sentindo-se mais orgulhosa do que qualquer outra mãe de Nottingham. E Paul sentia que tinha feito algo por ela, mesmo não passando de uma insignificância. Todo o seu trabalho pertencia à sua mãe.

Um dia, encontrou Miriam quando se dirigia para o castelo. Tinha-a visto no domingo e não esperava encontrá-la na cidade. Vinha com ela uma mulher loura, espampanante, de expressão carregada e porte provocador. Era estranho como Miriam, tão meditativa e reverente, parecia insignificante ao lado desta mulher de ombros deslumbrantes. Miriam fitou Paul demoradamente. O olhar dele estava pregado na desconhecida, que o ignorava. Miriam via claramente o seu instinto masculino a erguer-se altaneiro.

– Olá – disse ele. – Não me disseste que vinhas à cidade.

– Pois não – retorquiu Miriam, em ar de desculpa. Fui à Feira do Gado com o meu pai.

Paul olhou para a companheira de Miriam.

– Já te tinha falado de Mrs. Dawes – disse Miriam, com a voz estrangulada. Estava nervosa. – Clara, já conheces o Paul?

– Penso que já o vi antes – respondeu Mrs. Dawes, indiferente, enquanto o cumprimentava. Tinha uns olhos cinzento-esverdeados, displicentes, a pele era mel claro, e a boca carnuda, com o lábio superior levemente levantado, não se percebendo se de desprezo por todos os homens ou desejo de ser beijada, sendo a primeira hipótese a mais provável. Tinha a cabeça inclinada para trás, como se ela se afastasse por desdém, talvez também dos homens. Usava um chapéu enorme e deselegante, de pele escura de castor, e um vestido simples levemente afectado, que lhe conferia as linhas de um saco. Obviamente era pobre e tinha falta de gosto. Miriam andava sempre bonita.

– Onde é que me viste? – perguntou Paul à outra mulher.

Ela olhou-o como se não tivesse qualquer dúvida em responder.

E depois:

– Vi-te a passear com a Louie Travers – respondeu ela.

Louie era uma das raparigas da secção Espiral da fábrica de Mr. Jordan.

– E como é que tu a conheces? – perguntou ele.

Ela não respondeu. Paul virou-se então para Miriam.

– Para onde vais agora? – perguntou.

– Para o castelo.

– A que horas é o comboio de regresso?

– Vou regressar com o meu pai. Gostava que também viesses connosco. A que horas estás livre?

– Já sabes que nunca antes das oito, que diabo!

E as duas mulheres seguiram o seu caminho.

Paul lembrou-se de que Clara Dawes era filha de um velho amigo de Mrs. Leivers. Miriam tinha-a procurado, pois ela tinha sido em tempos supervisora da secção Espiral da Jordan, e porque o marido, um tal Baxter Dawes que era ferreiro, trabalhava para a fábrica, fazendo entre outras coisas os ferros para as próteses ortopédicas. Miriam pensou que através dela pudesse contactar directamente com a fábrica, podendo assim assegurar o emprego de Paul. Mas Mrs. Dawes estava separada do marido, e agora dedicava-se à defesa dos direitos das mulheres. Era supostamente inteligente, e isso interessava a Paul.

Paul conhecia Baxter Dawes e detestava-o. O ferreiro tinha cerca de trinta e um ou trinta e dois anos. Paul encontrava-o de vez em quando: era um homem alto e bem constituído, bem-parecido, para quem dava gosto olhar. Havia uma curiosa semelhança entre ele e a mulher. Ele tinha a mesma pele clara, de tom de dourado. O seu cabelo era castanho-claro e o bigode dourado. E exalava um desprezo semelhante, pelo porte e pela conduta. Nisto

surgiu a diferença. Os seus olhos castanhos, muito escuros e astuciosos, eram imorais. Eram levemente salientes e as pálpebras sobrepunham-se de uma forma tal que lhe suscitava o ódio. A boca era também sensual. A postura evidenciava um desprezo cobarde, como se estivesse preparado para derrubar o primeiro que o censurasse... talvez porque ele próprio se censurava.

O homem odiou Paul desde o primeiro dia que o viu. Ao captar o olhar deliberado e impessoal de um artista no rosto do rapaz, enfureceu-se.

– Pa’onde é que tás’olhar? – disse ele desdenhosamente, amedrontando-o.

O rapaz desviou o olhar. O ferreiro costumava encostar-se ao balcão a conversar com Mr. Pappleworth, e a sua conversa era sempre porca e depravada. Quando sentiu novamente os olhos frios e críticos do jovem pousados nele, o ferreiro virou-se, como se tivesse sido mordido por algum bicho.

– Pa’onde é que tás’olhar, ó parvalhão? – rosnou ele.

O rapaz encolheu os ombros.

– Olha que tu...! – berrou Dawes.

– Deixa-o em paz – disse Mr. Pappleworth, naquela sua voz insinuante que parecia dizer «ele é um pobre diabo, mas não faz por mal».

Desde essa altura, Paul passou a olhar para o homem, sempre que o encontrava, com o mesmo olhar crítico e curioso, desviando o olhar antes de encontrar os olhos do ferreiro, o que deixava Dawes fora de si. E, assim, odiavam-se em silêncio.

Clara Dawes não tinha filhos. Quando deixou o marido, desfizeram a casa e ela foi viver com a mãe, enquanto Dawes passou a viver em casa da irmã. Na mesma casa vivia também uma cunhada, e Paul veio a descobrir que a tal rapariga, a Louie Travers, era agora a amante de Dawes. Era uma atrevida bonita e insolente, que escarnecia do rapaz, mas que se empolgava toda se ele a acompanhava à estação.

A vez seguinte em que Paul foi visitar Miriam era um sábado à tarde. Ela tinha a lareira acesa na sala de visitas e estava à espera dele. Os outros tinham saído, com excepção dos pais e dos irmãos mais novos, pelo que tinham a sala de visitas só para eles. A sala era comprida, de tectos baixos e aconchegada. Na parede havia três pequenos quadros de Paul e o seu retrato estava pousado ao canto da lareira. Em cima da mesa e em cima do piano de pau-rosa, estavam jarras com folhas coloridas. Ele sentou-se na poltrona e ela ajoelhou-se no tapete aos seus pés. A luz da fogueira reflectia-se na sua cara bonita e pensativa.

– O que achaste de Mrs. Dawes? – perguntou Miriam, num tom calmo.

– Não me pareceu muito amistosa – respondeu ele.

– Lá isso não, mas não a achas elegante?

– Sim... no que diz respeito à sua altura. Mas não tem um pingão de bom gosto. Gosto de algumas coisas nela. Ela é sempre assim antipática?

– Penso que não. Penso que não anda satisfeita.

– Com o quê?

– Bem, como é que te sentirias a viver com um homem daqueles?

– Então, porque é que ela casou com ele, sabendo que o ia detestar tão rapidamente?

– Sim, porque é que ela casou com ele? – repetiu Miriam, com aspereza.

– E eu que pensei que ela fosse suficientemente forte para medir forças com ele – disse Paul.

Miriam baixou a cabeça.

– Ah, sim? – perguntou, satiricamente. E o que é que te leva a pensar isso?

– Basta olhar para a boca dela... nascida para a paixão... e a maneira como estica a garganta.

E atirou a cabeça para trás imitando o jeito provocador de Clara.

Miriam baixou ainda mais a cabeça.

– Sim – disse ela.

Fez-se silêncio durante alguns momentos, e Paul pensava em Clara.

– E o que é que te agradou nela? – continuou Miriam.

– Não sei... a pele e a textura da... da... não sei... emana dela uma certa violência...
Aprecio-a apenas como artista.

– Pois.

Paul não entendia por que razão Miriam estava ali sentada no chão, meditando de uma forma tão estranha, e isso irritava-o.

– Não gostas mesmo dela, pois não? – perguntou ele à rapariga.

Ela olhou-o com os seus enormes olhos escuros, encantadores.

– Gosto – respondeu.

– Não gostas, não... não podes gostar... muito.

– E pode saber-se porquê? – perguntou ela calmamente.

– Oh, não sei... Talvez gostes dela porque ela odeia os homens.

Esta era provavelmente uma das razões pelas quais ele gostava de Mrs. Dawes, mas isso não lhe tinha ocorrido. Calaram-se. Ele franziu a testa, algo que já se estava a tornar habitual, particularmente quando estava com Miriam. Ela ansiava fazer-lhe desaparecer as rugas da testa, mas tinha medo. Parecia haver um outro homem dentro de Paul Morel, mas que não era o seu.

Algumas bagas vermelhas sobressaíam entre as folhas do vaso. Ele esticou-se e arrancou um raminho.

– Porque será que, se colocares bagas vermelhas no cabelo – disse ele – pareces uma

bruxa ou uma sacerdotisa, mas nunca uma libertina.

Ela rasgou um sorriso doloroso, despojado.

– Não sei – disse.

As suas mãos fortes e quentes brincavam alegremente com as bagas.

– Porque não te ris? – disse ele. – Nunca sorris abertamente. Apenas te ris quando algo é estranho ou incongruente, e até isso parece magoar-te.

Miriam baixou a cabeça como se ele a estivesse a admoestar.

– Gostaria muito que sorrisse apenas um minuto para mim... apenas por um minuto. Sinto que isso libertaria alguma coisa dentro de ti.

– Mas... – e olhou-o com uns olhos assustados e lutadores. – ... Mas eu rio-me... sim, eu rio-me.

– Mentira, nunca te ris. Só se for por algo de muito intenso. Sempre que te ris, apetece-me chorar; parece que o teu riso transmite sofrimento. Oh, só de pensar nisso, fazes com que eu enrugue a minha alma.

– Não é minha intenção fazê-lo – disse.

– Eu sou sempre tão espiritual contigo – exclamou ele.

Ela manteve-se em silêncio, a pensar: «Então porque não és de outra forma?» E ele olhou para o seu corpo dobrado, em meditação, e pareceu dividi-lo em dois.

– Estamos no Outono – disse ele – e todas as pessoas libertam o seu espírito.

Caiu novamente o silêncio. Este estranho desentendimento entre eles despedaçava a alma de Miriam. Ele parecia tão bonito, com os seus olhos escuros e um olhar tão profundo como a nascente mais funda.

– Tornas-me tão espiritual – lamentou-se ele. – E eu não quero ser espiritual.

Ela retirou o dedo da boca com um pequeno estalido, e olhou-o em tom provocador. Mas a sua alma continuava nua nos seus olhos grandes e castanhos e o mesmo desejo ardente dominava-a. Se isso fosse possível, ele tê-la-ia beijado na pureza da abstracção. Mas ele não a podia beijar assim... e ela não parecia dar-lhe qualquer outra alternativa. E, no entanto, desejava-o.

Paul sorriu.

– Bem – disse ele –, vamos lá estudar francês... vamos ler Verlaine.

– Sim – disse ela num tom profundo, quase de resignação. Levantou-se e foi buscar os livros. As suas mãos avermelhadas e nervosas metiam dó; como ele desejava confortá-la e beijá-la!! Mas não se atrevia... ou não podia. Algo o impedia. Os seus beijos eram para ela reprováveis. Continuaram a ler até às dez horas, e depois foram para a cozinha; Paul mostrava-se de novo alegre e natural para com os pais de Miriam. Os seus olhos eram escuros e brilhantes e envolvia-o uma aura de fascinação.

Quando foi buscar a bicicleta ao celeiro descobriu que o pneu dianteiro estava furado.

– Vai-me buscar uma tigela com uma pinguinha de água – pediu ele a Miriam. – Vou chegar tarde e já sei que vou ouvir um sermão.

Acendeu a lanterna à prova do vento, despiu o casaco, virou a bicicleta ao contrário e meteu mãos à obra rapidamente. Miriam trouxe-lhe a tigela com água e ficou junto dele, observando-o. Adorava ver as mãos dele em acção. Era elegante e forte, e até os seus movimentos mais rápidos eram feitos com desembaraço. Ocupado como estava, parecia tê-la esquecido. Mas ela amava-o de uma forma absorvente, desejava poder passar as mãos ao longo do seu corpo. Sempre desejara abraçá-lo, desde que ele não a quisesse.

– Já está – disse Paul, levantando-se de repente. – Mais rápido não podia ser!

– Lá isso é verdade! – concordou ela, sorrindo.

Paul endireitou-se. Estava de costas para Miriam. Ela colocou as mãos nas ancas dele, fazendo-as deslizar rapidamente ao longo das pernas.

– És tão elegante! – disse ela.

Ele sorriu. Detestava o tom da voz dela, mas o sangue incendiou-se-lhe ao sentir o contacto das mãos. Ela, pelo contrário, parecia nem dar por ele. Era como se ele fosse um objecto, como se não se apercebesse do homem que ali estava.

Paul acendeu a luz da bicicleta, experimentou-a, bateu com ela no chão do celeiro para verificar o som dos pneus, e apertou o casaco.

– Tudo em ordem! – disse ele.

Ela experimentou os travões, pois sabia que estavam avariados.

– Já os arranjaste? – perguntou ela.

– Não!

– E porque não?

– O travão traseiro funciona mais ou menos.

– Mas não é seguro.

– Posso travar com o pé.

– Era melhor que os tivesses arranjado – murmurou ela.

– Não te preocupes... Amanhã vem tomar chá a minha casa e traz o Edgar.

– A sério?

– A sério... Por volta das quatro... Vou ter convosco.

– Combinado!

Ela estava feliz. Atravessaram o pátio às escuras até ao portão. Olhando em frente, Paul viu as cabeças de Mr. e Mrs. Leivers atrás da vidraça sem cortinas da cozinha, iluminadas pelo fulgor da lareira. O ambiente parecia muito aconchegado. À sua frente, a estrada

ladeada de pinheiros abria-se escura.

– Até amanhã – disse ele, montando na bicicleta.

– Vais ter cuidado, não vais? – recomendou ela, como quem pede.

– Vou.

A voz dele soou já da escuridão. Ela deixou-se ficar mais uns instantes a ver a lanterna afastar-se e entrar na noite. Depois, voltou lentamente para casa. Orion elevava-se por cima da floresta, seguida do seu cão cintilante, meio apagado. Fora essa luz, o mundo estava mergulhado na mais densa escuridão e no silêncio, quebrado apenas pelo resfolegar do gado nos estábulos. E ela rezou com devoção pela segurança dele nessa noite. Quando ele a deixava, ficava sempre num estado de extrema ansiedade, imaginando se ele teria chegado bem a casa.

Paul deixava a bicicleta embalar pelas encostas abaixo. As estradas eram escorregadias e ele não podia meter travões. Era um prazer quando a bicicleta se precipitava pelo declive mais íngreme da colina. «Cá vou eu!», dizia ele. Era arriscado por causa da curva completamente às cegas à chegada ao vale, e das carroças dos cervejeiros com os carroceiros bêbados, a dormir. A bicicleta parecia desintegrar-se debaixo dele e Paul adorava a sensação. O descuido é a vingança de um homem sobre a mulher. Sentindo que não é devidamente apreciado, arrisca a sua própria destruição, para que ela sinta a sua falta.

Ao passar veloz pelo lago, as estrelas reflectidas na água pareciam saltar da escuridão como gafanhotos prateados. Depois surgia a longa subida até casa.

– Olha, mãe! – disse ele, atirando as bagas e as folhas para cima da mesa.

– Hum! – fez ela, olhando para a mesa e desviando o olhar. Como sempre, estava sozinha, sentada a ler.

– Não são bonitas?

– São.

Ele sabia que a mãe estava aborrecida. Passados alguns minutos disse:

– O Edgar e a Miriam vêm cá tomar chá amanhã.

A mãe não respondeu.

– Não se importa?

Ela continuou sem responder.

– Então importa-se? – perguntou ele.

– Sabes bem se me importo ou não.

– Não vejo porque se há-de importar... eu como lá tantas vezes...

– Pois comes.

– Então porque lhes recusa um chá?

- A quem é que eu recuso um chá?
- Porque é que a mãe é sempre tão difícil?
- Pronto, não digas mais nada! Convidaste-a para o chá, e isso já é o suficiente. Ela não falta.

Paul ficou muito aborrecido com a mãe. Sabia que ela não gostava de Miriam. Atirou com as botas e foi deitar-se.

Paul foi abrir a porta aos amigos no dia seguinte. Estava feliz de os ver chegar. Vieram por volta das quatro horas. Tudo estava sereno e calmo para domingo à tarde. Mrs. Morel estava sentada, com o seu vestido preto e o avental branco, mas levantou-se para receber as visitas. Foi cordial com Edgar, mas fria e muito esquivada com Miriam. Todavia, Paul achava que a rapariga estava bem bonita no seu vestido castanho de caxemira.

Ajudou a mãe a preparar o chá. Miriam ter-se-ia oferecido de ajudar, mas tinha receio. Paul tinha muito orgulho da sua casa. Havia nela uma certa distinção, pensava ele. As cadeiras eram simples, de madeira, e o sofá já velho. Mas o tapete e as almofadas eram aconchegantes; os quadros eram gravuras de bom gosto; a simplicidade dominava e havia muitos livros. Nem ele nem Miriam se envergonhavam das casas que tinham, pois eram tudo aquilo que deviam ser, e ainda acolhedoras. Então na mesa tinha grande orgulho; o serviço de chá era bonito e a toalha fina; pouco importava que as colheres não fossem de prata e nem o cabo das facas de marfim; tudo estava bonito. Mrs. Morel tinha cuidado maravilhosamente de tudo enquanto os filhos cresceram. Assim, nada se encontrava fora do lugar.

Miriam falou um pouco de livros, pois era um assunto que dominava bem. Mas Mrs. Morel não se mostrou interessada, virando-se rapidamente para Edgar.

A princípio, quando Edgar e Miriam iam à igreja, sentavam-se no banco de Mrs. Morel. Morel nunca lá ia, pois preferia a taberna. Mrs. Morel, arvorando-se em chefe da família, sentava-se numa extremidade do banco e Paul na outra extremidade; a princípio, Miriam sentava-se ao lado dele. A capela lembrava a Paul a sua casa. Era um lugar bonito, com bancos escuros e pilares estreitos e elegantes, e com muitas, muitas flores. As mesmas pessoas sentavam-se sempre nos mesmos lugares desde que ele era menino. Era bastante agradável e reconfortante estar ali sentado durante uma hora e meia, ao lado de Miriam e perto da mãe, unindo os seus dois amores sob o fascínio daquele local de culto. Sentia-se a um tempo entusiasmado, feliz e religioso. Terminada a missa, acompanhava Miriam a casa, enquanto Mrs. Morel passava o resto da tarde com a sua velha amiga Mrs. Burns. Sentia-se verdadeiramente vivo durante os passeios que dava ao domingo pela tardinha com Edgar e Miriam. Sempre que passava de noite pelas minas, pelo depósito das lanternas, todo iluminado, pelas torres altas e negras e pelas filas de vagões parados em frente das ventoinhas que giravam lentamente na escuridão, tinha a sensação intensa e quase insuportável de que Miriam voltaria para si.

Mas Miriam não ocupou por muito tempo o banco da família Morel, pois o pai arranjou novamente um outro banco. Ficava mesmo por baixo da pequena galeria, em frente ao banco dos Morels. Quando Paul e a mãe chegavam à capela, o banco dos Leivers estava

sempre vazio. Ele receava que não viessem: a capela ficava muito longe e eram muitos os domingos chuvosos. Mas a dado momento, quase sempre atrasada, Miriam chegava com o seu passo amplo, cabeça baixa e face oculta pelo chapéu de veludo verde-escuro. Visto sentar-se do lado oposto, a sua cara ficava sempre na sombra, o que até o fazia sentir-se bem, pois ao vê-la ali à sua frente era como se a alma se lhe agitasse dentro do corpo. Não era o mesmo calor, a mesma alegria e o mesmo orgulho que sentia ao ter a mãe a seu lado, como chefe: era algo mais maravilhoso ainda, menos humano, um sentimento intenso temperado pela dor, algo que ele sabia que não podia alcançar.

Foi nesta altura que começou a pôr em questão a doutrina ortodoxa. Ele tinha vinte e um anos e ela vinte. Miriam receava a chegada da Primavera: ele tornava-se agressivo e magoava-a muito. Tudo o que mais queria era destruir cruelmente as crenças dela. Edgar, crítico por natureza e sem sentimentos, gostava desta situação. Mas Miriam sofria amargamente, pois o homem que amava possuía uma inteligência cortante que dissecava a religião em que ela fora criada e se movimentava, e onde habitava o seu Eu. Mas ele não poupava e mostrava-se muito cruel. Quando estavam sozinhos, tornava-se ainda mais violento, como se quisesse matar-lhe a alma, explorando as suas crenças até ela quase perder a consciência.

– Ela regozija-se... regozija-se quando afasta o meu filho de mim – gritava Mrs. Morel do fundo do coração, quando Paul saía de casa. – Ela não é como qualquer mulher comum, que permite que eu faça parte do meu filho. Ela quer absorvê-lo. Quer tirar-mo e absorvê-lo, até que nada reste dele, nem sequer para ele próprio. Assim, ele nunca será senhor de si... ela irá sugá-lo completamente. – E Mrs. Morel sentava-se, debatendo pressentimentos e meditando tristemente.

Quando regressava dos seus passeios com Miriam, Paul vinha trespassado de sofrimento. Caminhava com passo apressado, mordendo os lábios e cerrando os punhos. Quando chegava a uma cerca, parava por alguns minutos, imobilizado. À sua frente estendia-se a escuridão sem fim; as negras encostas salpicavam-se de florescências luminosas; e, nos recônditos da noite, brilhava o clarão da mina. Tudo era estranho e ameaçador. Porque estava ele tão dilacerado, quase em êxtase, incapaz de se mover? Porque estava a mãe sentada em casa a sofrer? E sabia que ela sofria bastante. Mas porquê? E porque detestava ele Miriam e era tão cruel para ela, quando pensava na mãe? Já que Miriam fazia a mãe sofrer, ele tinha de a detestar. E com facilidade a detestava. Porque o levava ela a duvidar de si próprio, deixando-o inseguro, indefinido, como se não pudesse evitar que a noite e o espaço caíssem sobre ele? Como ele a odiava! Mas logo um ímpeto de ternura e humilhação o envolvia.

De repente, precipitava-se para casa a correr. A mãe reconhecia nele as marcas da agonia, mas nada dizia. Ele, porém, tinha de obrigá-la a falar, pois via-a zangada por ele ter ido passear com Miriam para tão longe.

– Porque é que não gosta dela, mãe? – gritou ele um dia, desesperado.

– Não sei, meu filho – respondeu ela num tom comovente. – Já tentei gostar, tentei com todas as minhas forças... mas não consigo... não consigo...

E, entre ambas, ele sentia-se triste e sem esperanças. A Primavera era a pior das estações. Ele ficava instável, enérgico e cruel. Assim, decidiu afastar-se dela. Surgiam então as horas a que ele sabia que Miriam o esperava, e a mãe apercebia-se da sua impaciência. Paul não conseguia progredir no seu trabalho, não conseguia fazer nada. Era como se algo transportasse a sua alma até Willey Farm. De repente, punha o chapéu e saía sem dizer nada. E a mãe sabia que ele tinha partido. Assim que se punha a caminho respirava de alívio. Mas, mal chegava ao pé de Miriam, tornava-se novamente cruel.

Certo dia, em Março, estava Paul deitado nas margens do lago Nethermere, com Miriam sentada a seu lado. Estava um dia resplandecente, branco e azul. Nuvens grandes e brilhantes passavam altas, e as suas sombras moviam-se silenciosas sobre a água. Os espaços abertos no céu tinham um tom glacial de azul. Paul estava deitado de costas sobre a relva, olhando o céu. Não conseguia olhar para Miriam. Ela parecia desejá-lo e ele resistia. Resistia sempre. Ela queria dar-lhe a sua paixão, a sua ternura, mas não era capaz. Ele sentia que ela não o queria; que apenas queria a sua alma. Miriam retirava-lhe as forças e a energia através de um canal que os unia. Ela não queria o corpo dele, pois nesse caso seria apenas duas pessoas, homem e mulher, em comunhão. Queria absorvê-lo completamente. E ele sentia-se estimulado por um impulso quase de loucura, que o fascinava, com um fascínio de droga.

Ele falava sobre Miguel Angelo. Ao escutá-lo, ela sentia que tocava o protoplasma da vida, as próprias células palpitantes, e a sua satisfação era plena. Mas, no final, isso assustava-a. Ali estava ele deitado, na intensidade imaculada da procura, e a sua voz amedrontava-a num crescendo, levando-a quase a tocar as raias do inumano, como se num transe.

– Não digas mais nada – pediu Miriam, com ternura, pousando a mão na testa dele. Ele permanecia estático, incapaz de se mover. O seu corpo estava de algum modo abandonado.

– Porquê... estás cansada?

– Estou, e tu também vais ficar.

Ele deu uma pequena gargalhada, apercebendo-se da situação.

– Contudo, sabe-me bem – disse ele.

– Mas não é essa a minha intenção – disse ela, muito baixinho.

– Não quando já foste longe de mais e sentes que já não és capaz de te dominar. Mas o teu eu inconsciente clama por isso. E eu suponho que também quero o mesmo.

– Então como posso evitá-lo?

– Penso que não podes, pois tu fazes sempre o mesmo. Desligas-me algures e retiras-me de mim próprio. Sinto-me como um fantasma, sem corpo.

– Não! – implorou ela.

– Agora mesmo, neste momento, olho para as minhas mãos e pergunto-me o que estão elas ali a fazer. Aquela água, por exemplo, ondula através de mim. Eu sou a ondulação.

Corre através de mim e eu através dela. Não há barreiras entre nós.

– Mas...! – E Miriam hesitou.

– O que resta de mim é apenas uma consciência disseminada. Sinto que o meu corpo está deitado aqui, vazio, como se eu estivesse dentro de outras coisas... das nuvens e da água...

Ela olhou para ele e reparou naquele olhar tão estranho, como se ele fosse uma coisa e não uma pessoa, o que a fascinava tanto, mas que tanto receava. E era precisamente esse receio que a impelia a ter muito mais. Mas, agora, queria que ele parasse.

– Sabes – prosseguiu – o meu eu físico está liberto. Mas, se assim for, então eu não estou vivo. Tenho a certeza de que me destruiria. O que tu queres é pores-me gordo e banal, e não uma sombra. Queres fechar bem a minha alma dentro da sua bainha. Mas ela um destes dias libertava-se, tal como a espada que se libertou de uma bainha lassa e caiu ao mar.

Miriam meditava tristemente. Nisto, levantou a cabeça e olhou-o com os olhos muito brilhantes.

– Então deixa-me ser a tua protecção – disse ela.

E estendeu as mãos para as dele.

– Se tu pudesses... – disse ele. – Mas tu és aquilo que o teu eu inconsciente te impõe, e não aquilo que queres ser. Nenhum de nós dois é completamente normal... porém, agora eu quero sê-lo, mas penso que tu não queres. Tu queres ser algo fora do comum.

– Não, não quero – exclamou ela. Mas havia medo na sua voz.

– De qualquer forma – continuou Paul, num tom apático –, isso agora não é possível. Não me podes ter dessa maneira. Neste momento eu e tu somos apenas almas desprovidas de sangue. E isso provocaria uma vibração diferente, que se entrechocaria com este estado actual numa verdadeira tortura... Se ao menos pudesses querer-me, e não apenas querereres aquilo que eu tenho para te papaguear.

– Eu! – exclamou Miriam num tom áspero. – Eu! Quando é que eu te posso ter?

– Então a culpa é minha – disse ele, e juntando as partes dispersas do seu eu, levantou-se e começou a falar de coisas triviais. Sentia-se irreal. De uma forma vaga, detestava-a por isso. Sabia que era ele o culpado e, no entanto, isso não o impedia de a odiar.

Certa noite, na mesma época, em que Paul tinha ido levar Miriam a casa, pararam perto do prado que se estendia até à floresta, incapazes de se separarem. Assim que as estrelas surgiram, as nuvens desapareceram e eles captaram fugazmente a sua Orion, que se dirigia para oeste. As jóias de Orion brilharam por um breve instante, com o seu cão correndo rasteiro, lutando com dificuldade para atravessar a espuma de uma nuvem.

Orion era para eles a constelação mais carregada de significado. Era nela que os seus olhos se haviam fixado nos momentos mais estranhos e intensos, até sentirem que viviam em cada uma das suas estrelas. Nessa noite, Paul mostrava-se taciturno e perverso. Orion

parecia-lhe apenas uma constelação, nada mais. Lutava contra o seu brilho, o seu fascínio. Miriam observava atentamente a disposição do seu amado, mas ele nada disse que o comprometesse até ao momento da partida, quando, de testa franzida, ficou parado a olhar tristemente para o castelo de nuvens, por detrás do qual a grande constelação estaria ainda a transitar.

No dia seguinte havia uma pequena festa em casa dele, para a qual Miriam estava convidada.

– Não posso vir buscar-te – disse ele.

– Não faz mal... O tempo também não está dos melhores para andar na rua... – respondeu ela serenamente.

– Não é isso... eles é que não gostam que eu venha. Dizem que me preocupo mais contigo do que com eles. E tu compreendes, não é verdade?... Tu sabes que entre nós existe apenas amizade.

Miriam ficou perplexa e com pena dele. Como lhe devia ter custado dizer aquelas palavras. Deixou-o, para lhe poupar outra humilhação. Uma chuva fina batia-lhe no rosto enquanto caminhava. Estava profundamente magoada e desprezava-o por ele se deixar levar pelo mais leve sopro de autoridade. No fundo do seu coração, sentia inconscientemente que ele tentava afastar-se dela, mas como jamais teria a coragem de o admitir, sentia pena dele.

Por esta altura, Paul tornou-se num elemento imprescindível do armazém da Jordan. Mr. Pappleworth saiu para se estabelecer por conta própria e Paul passou a supervisor da Espiral. Se tudo corresse bem, o seu salário seria aumentado para trinta xelins no final do ano.

Miriam vinha quase todas as sextas-feiras à noite para a lição de francês. Paul já não ia tão amiúde a Willey Farm, e ela receava que a sua aprendizagem estivesse prestes a terminar; por outro lado, e apesar das discórdias, gostavam de estar um com o outro. Liam Balzac, escreviam composições e sentiam-se bastante cultos.

A noite de sexta-feira era a noite de pagamento para os mineiros. Morel «repartia o bolo», ou seja, dividia os lucros da empreitada, quer no New Inn, em Bretty, quer na sua própria casa, conforme os seus companheiros preferissem. Barker tinha deixado de beber, e agora os homens «dividiam o bolo» em casa de Morel.

Annie, que tinha estado a dar aulas longe dali, regressara de novo a casa. Era ainda uma rapariga endiabrada. Estava noiva e ia casar. Paul andava a estudar desenho.

Morel estava sempre bem-disposto às sextas-feiras à noite, a não ser que os ganhos dessa semana fossem escassos. Depois do jantar, entregava-se a longos preparativos para se lavar. A decência exigia que as mulheres se ausentassem durante as reuniões masculinas. As mulheres não deviam assistir à reunião dos sócios, que era considerada assunto estritamente masculino... e nem deviam ficar a saber qual o montante exacto dos ganhos semanais. Assim, enquanto o pai barafustava na cozinha, Annie saiu e foi por uma hora para casa da vizinha, e Mrs. Morel foi à cozinha ver se o pão já estava cozido.

– Fecha a porta! – berrou Morel, furioso.

Annie bateu com a porta e saiu.

– S’ela torna a abrir a porta enquant’eu tou a tomar banho, amando-lh’um murro que lhe parto os queixos – berrou ele, ameaçador, por entre a espuma do sabão. Paul e a mãe franziram as sobrancelhas ao ouvi-lo.

Logo depois, saiu da cozinha, tremendo de frio e pingando o chão todo de água ensaboada.

– Oh, cos diabos! – disse ele. – Onde está a minha toalha?

Estava pousada numa cadeira, frente à lareira, para aquecer, pois, se assim não fosse, ele teria feito um grande estardalhaço. Aninhou-se sobre os calcanhares frente ao lume vivo, para secar.

– Brrrr... – continuou, fingindo tremer de frio.

– Ó homem, não sejas criança! – disse Mrs. Morel. – Não está frio nenhum.

– Exprimenta despires-te e tomares banho naquela cozinha – disse o mineiro, enxugando o cabelo. – Mas que gelo de casa!

– Eu não faria com certeza tanto alarido – respondeu a mulher.

– Ah, poi não. Caías redonda no chão que nem uma pedra.

– Porque é que uma pedra há-de ser mais redonda do que outra coisa qualquer? – perguntou Paul curioso.

– Essa agora... sei lá... é o que se diz – argumentou o pai. – Nesta tua cozinha há muitas correntes de ar, e quando ele passa através das costelas parece vento a passar por uma cancela de cinco traves.

– Sempre teria alguma dificuldade em passar através das tuas costelas – disse Mrs. Morel.

Morel olhou desanimado para ambos os lados do seu corpo.

– Eu! – exclamou. – Eu cá num tenho pele de coelho. Os meus ossos vêm-se no meu corpo!

– Gostaria de saber onde – retorquiu a mulher.

– Por todo o lado! Mas também num sou nenhuma carga de ossos.

Mrs. Morel deu uma gargalhada. Ele tinha um corpo ainda belo, jovem e musculado, sem gorduras. A pele era macia e clara. Poderia bem ser o corpo de um homem com vinte e oito anos, se não fossem as várias cicatrizes azuladas, semelhantes a tatuagens, onde o pó do carvão se tinha alojado, e o seu peito peludo. Morel pôs as mãos nos quadris, desanimado. Acreditava piamente que, por não engordar, era magro como um rato esfomeado.

Paul olhou para as mãos do pai, calejadas, escuras, cobertas de cicatrizes e com as unhas

partidas, a esfregarem a maciez do seu corpo, e ficou admirado, pois parecia-lhe estranho serem feitas da mesma carne.

– Suponho – disse, virando-se para o pai – que antigamente tinha uma bela figura.

– Eh, olha lá o que dizes! – exclamou o mineiro, olhando em volta, espantado e tímido, como uma criança.

– Tinha uma bela figura, sim senhor! – exclamou Mrs. Morel. – O pior foi ele andar sempre aos encontrões a tudo, como se quisesse meter-se no buraco mais pequeno que encontrava.

– Eu? – exclamou Morel. – Eu, uma bela figura! Nunca passei de um esqueleto.

– Credo, homem! – gritou a mulher. – Não sejas tão piegas!

– É ve'dade – disse ele. – Tu nunca me viste qu'eu não parecesse qu'emagrecia de dia pra dia.

Mrs. Morel sentou-se e deu uma gargalhada.

– Tens um corpo de ferro – disse ela. – No tocante ao corpo, nunca nenhum homem te levou a melhor. Devias ter visto o teu pai em novo... – exclamou, de repente, virando-se para Paul e empertigando-se, para imitar a postura outrora garbosa do marido. Morel observava-a, envergonhado. Viu novamente a paixão que ela sentia por ele, e que brilhou durante alguns momentos à volta dela. Ele era tímido, assustadiço e humilde. Agora, porém, sentia de novo a velha força de outros tempos. Mas imediatamente sentiu na carne os estragos praticados ao longo de todos estes anos e só queria desaparecer, fugir de tudo.

– Lava-me as costas – pediu ele à mulher.

Ela trouxe uma toalha ensopada e ensaboada e colocou-lha sobre os ombros. Ele deu um salto.

– Oh, desgraçada! – berrou ele. – Tá gelada como a morte!

– Devias ter nascido salamandra – disse ela a rir, lavando-lhe as costas. Só raramente o ajudava nestas tarefas tão pessoais. Geralmente, eram os filhos quem fazia este tipo de coisas.

– O outro mundo não vai ser suficientemente quente para ti – acrescentou ela.

– Poi não – disse ele. – Tu vais fazer com que sobre uma aragem pra m'arrefecer.

Mas ela já tinha terminado. Enxugou-o rapidamente e subiu ao primeiro-andar, regressando em seguida com um par de calças limpas. Assim que se secou, Morel vestiu a camisola. Depois, rosado e luzidio, com o cabelo em pé e a camisola de flanela vestida por cima das calças de mineiro, aqueceu as ceroulas que ia vestir a seguir. Virou-as, pô-las do avesso e ressequiu-as.

– Oh, homem, veste-te! – exclamou Mrs. Morel.

– Queria ver se gostavas de vestir uma roupa tão fria como a água da banheira – disse ele.

Por fim, despiu as calças e vestiu-se condignamente de preto. Fez tudo isto em cima do tapete da lareira, e teria feito o mesmo se Annie e os amigos íntimos estivessem presentes.

Mrs. Morel virou o pão no forno. Depois, retirou uma mão-cheia de massa do alguidar de barro, que se encontrava a um canto da cozinha; trabalhou a massa dando-lhe a forma adequada e meteu-a numa tigela. Enquanto fazia isto, Barker bateu à porta e entrou. Era um homem baixo, compacto e calmo, que parecia capaz de atravessar um muro de pedra. O cabelo era preto e curto e a cara bem-parecida. Tal como a maioria dos mineiros, era pálido, mas saudável e rijo.

– Boa noite, ‘nha senhora – disse o homem, curvando a cabeça e sentando-se, com um suspiro.

– Boa noite – respondeu ela, cordialmente.

– Fizeste ranger os tacões – disse Morel.

– Num dei por nada – disse Barker.

Retraído, sentou-se num dos bancos da cozinha, como os colegas normalmente faziam.

– Como está a sua senhora? – perguntou-lhe Mrs. Morel. Há algum tempo, ele tinha-lhe dito: «Sabe, estamos à espera do terceiro...»

– Bem – respondeu ele, coçando a cabeça –, penso que está tão boa quanto o possível.

– Ora deixa cá ver... para quando é? – perguntou Mrs. Morel.

– Bem... penso que está para chegar a qualquer momento...

– Ah, sim? E tem passado bem?

– Sim... tudo em ordem.

– É um milagre, pois ela não é muito forte.

– É verdade. ... E eu fiz outra asneira.

– O que foi?

Mrs. Morel sabia que Barker não teria feito nada de muito errado.

– Não consegui dar co’a alcofa das compras.

– Pode levar a minha.

– Não... óspois vossemecê pode precisar.

– Não preciso, não. Levo sempre um saco de rede.

Todas as sextas-feiras à noite, Mrs. Morel via o mineiro, baixo e desembaraçado, a comprar os legumes e a carne para toda a semana, e sentia grande admiração por ele.

– O Barker pode ser baixo, mas é dez vezes mais homem do que tu – tinha dito ela ao marido.

Nisto, entrou Nessen. Apesar de pai de sete filhos, era magro, muito frágil, com uma ingenuidade de adolescente e um sorriso levemente matreiro. Mas a mulher dele era uma

mulher apaixonada.

– Estou a ver que me batest'òs pontos – disse, sorrindo sem brilho.

– Pois foi – respondeu Barker.

O recém-chegado tirou o boné e o grosso cachecol de lã. Tinha um nariz pontiagudo e vermelho.

– É capaz de ter frio, Mr. Wesson – disse Mrs. Morel.

– Aqui tá um bocado de frio – respondeu.

– Então aproxime-se do lume.

– Não, tou bem aqui.

Os dois mineiros sentaram-se um pouco mais arredados. Não queriam ficar em cima do tapete da lareira, pois esse lugar era sagrado para a família.

– Senta-te no cadeirão – exclamou Morel, alegremente.

– Não, obrigado. Tou muito bem aqui.

– Ora essa, chegue-se para aqui – insistiu Mrs. Morel.

O homem levantou-se e, avançando desajeitadamente, sentou-se no cadeirão de Morel, envergonhado. Era tomar demasiada confiança. Mas estar ao pé do lume deixava-o muito feliz.

– E então como está o seu peito? – perguntou Mrs. Morel.

Ele sorriu novamente, com uns olhos azuis muito brilhantes.

– Ora, vai indo! – disse ele.

– Como um chocalho – atalhou Barker.

– T..t..t..t – fez Mrs. Morel com a língua. – Já mandou fazer a camisa de flanela?

– Ainda não – disse ele sorrindo.

– E porque não? – perguntou ela.

– Lá chegará o dia... – disse ele, sorrindo.

– Ah, o dia de São Nunca, estou a ver – exclamou Barker.

Barker e Morel preocupavam-se com Wesson, pois fisicamente eram ambos fortes que nem touros.

Quando Morel estava quase pronto, entregou o saco do dinheiro a Paul.

– Contó lá, rapaz – pediu com humildade.

Impaciente, Paul abandonou os livros e os lápis e despejou o saco para cima da mesa. Continha cinco libras em moedas de prata, várias moedas de vinte xelins e alguns trocados. Paul contou o dinheiro rapidamente, incluindo os cheques e os papéis com os totais do carvão, e pôs as moedas por ordem. Então Barker deu uma olhadela aos cheques.

Mrs. Morel subiu ao primeiro andar e os três homens sentaram-se à mesa. Morel, como dono da casa, sentou-se no seu cadeirão com as costas viradas para a lareira. Os outros dois sentaram-se em cadeiras frias. Nenhum deles contou o dinheiro.

– Quant’ é que dissemos qu’ era prò Simpson? – perguntou Morel. E, durante um minuto, discutiram os ganhos diários do companheiro, sendo o valor respectivo posto de lado em seguida.

– E quant’ é prò Bill Naylor?

Também este valor foi retirado do saco.

E então, visto que Wesson vivia numa casa da companhia e a renda já tinha sido deduzida, Morel e Barker retiraram quatro xelins e seis dinheiros cada um. E, para compensar o carvão que Morel já tinha trazido, Barker e Wesson receberam mais quatro xelins cada. Depois, a distribuição foi simples: Morel deu a cada um uma moeda de vinte xelins, até não restar nenhuma; mais meia coroa a cada um, até não restarem mais; e ainda uma moeda de um xelim, até acabarem. Se no fim restasse alguma coisa que não pudesse ser dividida, Morel guardava esse dinheiro para pagar uma rodada de cerveja.

Finalmente, os três homens levantaram-se e saíram. Morel tratou de se escapar antes de a mulher descer. Ela ouviu a porta fechar-se e desceu. Deu uma olhadela rápida ao pão que tinha no forno e, olhando para a mesa, viu o seu dinheiro. Paul tinha estado sempre embrenhado no trabalho. Mas agora apercebia-se de que a mãe, ao contar a semanada, se enfurecia.

– T..t..t – era o barulho que ela fazia com a língua.

Paul franziu a testa. Não conseguia trabalhar quando a via aborrecida. Mrs. Morel contou novamente o dinheiro.

– Uns míseros vinte e cinco xelins! – exclamou ela. – Qual era o valor do cheque?

– Dez libras e onze xelins – disse Paul, irritado. Ele receava o que estava para vir.

– E esta semana ele dá-me uma porcaria de vinte e cinco xelins, e ainda tenho de tirar o dinheiro para o clube. Eu bem o conheço... Pensa que por tu ganhares, já não precisa de sustentar a casa. Ele que coma o dinheiro, se quiser. Mas eu digo-lhe como é...

– Oh, mãe, não... – exclamou Paul.

– Não, o quê, posso saber? – disse ela.

– Não reaja assim... senão não consigo trabalhar.

Ela continuou, mas já um pouco mais calma.

– Pronto, está certo – disse ela. – Mas como é que pensas que me vou governar?

– Eu sei, mas não adianta nada piorar a situação.

– Gostava de saber o que é que farias se tivesses de aturar isto?

– Já não será por muito tempo... Vai ter o meu dinheiro não tarda, e ele que vá para o diabo.

Retomou o trabalho, e ela apertou as fitas do chapéu com desalento.

O filho não suportava vê-la assim, quando ela estava zangada. Todavia, começava agora a tentar dar-lhe isso a perceber.

– Os dois pães do tabuleiro de cima estão prontos dentro de vinte minutos – disse Mrs. Morel. – Não te esqueças.

– Está bem – respondeu ele, e Mrs. Morel saiu para o mercado.

Paul ficou sozinho a trabalhar. Mas a sua habitual concentração estava perturbada. Ouvia bater a cancela do pátio. Cerca das sete e um quarto, bateram ao de leve na porta e Miriam entrou.

– Estás sozinho? – perguntou.

– Estou.

Como se estivesse na sua própria casa, tirou a boina escocesa e o casaco comprido e pendurou-os. Ele sentiu uma tremura. Esta podia ser a casa deles, dele e dela.

Miriam aproximou-se e espreitou o que ele estava a fazer.

– O que é? – perguntou.

– Uma natureza morta... para decorar objectos e bordados.

Ela inclinou-se mais, aproximando os olhos míopes do desenho.

– E gostas do que fazes? – inquiriu.

– Adoro. Neste momento ando em maré de convencionalizar tudo.

– Ah...

Miriam não se interessava por estudos convencionais, mas reconhecia que ele devia saber mais do que ela sobre tais coisas. Eram coisas de homens, coisas que não lhe diziam respeito. No entanto, havia de descobrir a razão por que ele andava, como dizia, em maré de convencionalizar tudo. Que fascínio poderia ter para ele o convencional?

– O que é que te faz gostar disto? – perguntou ela, intrigada.

Ele, como já era seu hábito, procurou justificar-se. Lutando com as palavras, tentou explicar-lhe a teoria de que a força de gravitação é o agente mais poderoso, o factor responsável pela forma das coisas, e que, se pudesse agir em completa liberdade, apareceria uma rosa geometricamente correcta nas linhas e nas proporções... e assim por diante. Isto fez desabrochar nela um certo conceito de desenho convencional que até aí lhe parecia ser pura mentira. Por fim, ele empurrou os livros para o lado.

– Posso...? – disse ele, ansioso e hesitante.

– Podes o quê?

– Mostrar-te isto... Não era minha intenção enquanto não estivesse pronto.

Paul não conseguia esconder-lhe nada do que fazia. Foi à sala e voltou com uma trouxa

de linho cru. Desembrulhou-a cautelosamente e estendeu-a no chão. Era um cortinado, ou melhor, um portière, magnificamente decorado com rosas, estampadas a stencil.

– Ah, que bonito! – exclamou ela.

O tecido esprou-se aos pés dela, com as suas maravilhosas rosas em tons rubros e caules em verde-escuro, tudo muito simples, mas com um não sei quê de perverso. Ela ajoelhou-se, deixando pender soltos os caracóis. Ele, ao vê-la assim, voluptuosamente debruçada sobre a sua obra, sentiu bater mais depressa o coração. De repente, ela ergueu os olhos para ele.

– Porque é que isto parece tão cruel? – perguntou.

– O quê?

– Parece haver neste padrão uma certa crueldade – disse ela.

– Haja ou não haja, a mim parece-me ótimo – replicou ele, dobrando o trabalho com mãos de amante. Ela levantou-se devagar, pensativa.

– Que vais fazer com isto? – perguntou ela.

– Mandá-lo para os armazéns Liberty. Fi-lo para a minha mãe... mas acho que ela prefere o dinheiro.

– Estou a ver... – disse Miriam. Havia na voz dele um travo de amargura, e ela ficou com pena. A ela, o dinheiro jamais lhe interessaria.

Paul levou o tecido novamente para a sala, e, quando voltou, atirou a Miriam um retalho mais pequeno. Era a fronha de uma almofada, com um padrão idêntico.

– Fi-la para ti.

Miriam apalpou o trabalho com mãos trémulas, em silêncio. Paul ficou embaraçado.

– Meu Deus, o pão! – gritou ele.

Tirou os pães do tabuleiro superior e bateu-lhes vigorosamente. Já estavam cozidos. Pô-los ao lado da lareira, para arrefecerem. Em seguida, foi à copa, molhou as mãos, retirou do alguidar a massa, muito branca, que ainda restava, e colocou-a dentro de uma forma de pão. Miriam continuava debruçada sobre o tecido pintado. Enquanto isso, Paul esfregava as mãos, esforçando-se por tirar os bocadinhos de massa que se lhe tinham agarrado.

– Gostas? – perguntou ele.

Ela levantou para ele os seus olhos profundos, inflamados de amor. Ele riu-se, contrafeito. Depois começou a falar do seu desenho. Falar com Miriam sobre os trabalhos que fazia era para ele fonte do mais intenso prazer. Punha toda a sua paixão, toda a violência do seu sangue, nestas conversas com ela, em que discutia e concebia as suas obras. Ela fazia-lhe desabrochar a imaginação, embora não entendesse, como nenhuma mulher entende, quando concebe uma criança no seu ventre. Mas isto para ela, sim, era viver. E para ele também.

Enquanto conversavam, uma rapariga que andaria pelos vinte e dois anos, baixa e

descorada, de olhos encovados, mas olhar determinado, entrou na sala. Era uma amiga dos Morels.

– Põe-te à vontade – disse Paul.

– Não... não me demoro.

Sentou-se no cadeirão de braços, em frente de Paul e de Miriam, que estavam no sofá. Miriam afastou-se um pouco mais de Paul. A casa estava quente e cheirava a pão acabado de fazer: os pães tostadinhos, a estalar, pousados ao lado da chaminé.

– Não esperava vir encontrar-te hoje aqui, Miriam Leivers – disse Beatrice, maldosa.

– Não sei porquê! – resmungou Miriam, asperamente.

– Porque... Ora deixa lá ver os teus sapatos.

Miriam, constrangida, não se mexeu.

– Se não sabes, não sabes, e pronto – disse Beatrice, dando uma gargalhada.

Miriam tirou os pés de baixo do vestido. As suas botas tinham aquele ar indeciso e patético que evidenciava bem o quanto ela era insegura e complexada. E estavam, além disso, cobertas de lama.

– Santa Maria!... És mêmo um monte de lama! – exclamou Beatrice. – Quem te limp’as botas?

– Limpo-as eu.

– Então não deves ter mai nada que fazer – disse a outra. – Havia de ser preciso muitos homens pra me fazerem vir ‘té’qui esta noite... Mas o amor zomba da lama... não é, ‘Póstolo, meu lindo?

– Inter alia – disse ele.

– Valha-me Deus, não me digas que te vais pôr agora a vomitar línguas estrangeiras!... O qu’é que isso quer dizer, Miriam?

– «Entre outras coisas», julgo eu – disse ela, humildemente. Beatrice riu-se maliciosamente, com a ponta da língua a despontar entre os dentes.

– «Entre outras coisas», ‘Póstolo? – repetiu ela. – Queres tu dizer qu’o amor se ri das mães e dos pais e das irmãs e dos irmãos e dos amigos e das amigas, e se calhar até do próprio ser amado?

Estava a fazer-se de ingénua.

– Na verdade, o amor é um sorriso rasgado – retorquiu ele.

– Isso é qu’era bom, ‘Póstolo Morel... Vai por mim... – disse ela.

E riu-se de novo, com malícia, muito baixinho.

Miriam continuava calada, fechada sobre si mesma. Todas as amigas de Paul adoravam meter-se com ela, e ele deixava-a entregue a si própria, como se aproveitasse para se

vingar.

– Ainda continuas na mesma escola? – perguntou Miriam a Beatrice.

– Continuo.

– Então ainda não te mandaram embora?

– Devem mandar na Páscoa.

– Não achas uma pouca-vergonha... mandarem-te embora só por não teres passado no exame?!

– Não sei – ripostou Beatrice, friamente.

– A Agatha diz que és tão boa professora como as outras. A mim parece-me ridículo. Porque será que não passaste?

– Cabeça dura, hem, ‘Póstolo? – disse Beatrice, secamente.

– Só lhe serve para morder – retorquiu Paul, a rir.

– Monstro! – gritou ela, e, saltando do lugar, atirou-se a ele e deu-lhe um puxão de orelhas. As mãos dela eram pequeninas e elegantes. Ele prendeu-lhe os pulsos enquanto ela se debatia. Conseguiu por fim libertar-se e, apanhando dois punhados do cabelo dele, castanho e espesso, puxou com toda a força.

– Oh, Bea – disse ele, alisando o cabelo com os dedos. – Odeio-te.

Ela riu, consolada.

– Com licença! – disse ela. – Quero sentar-me ao pé de ti.

– Antes estar sentado ao lado duma fera – disse ele, deixando no entanto espaço para a outra se sentar entre ele e Miriam.

– Olha, ficou com o cabelinho todo despenteado! – exclamou Beatrice, penteando-o com o seu próprio pente.

– E o bigodinho também! – continuou ela. E, atirando a cabeça para trás, com um trejeito, penteou-lho.

– Tens um bigodinho todo malandro, ‘Póstolo – disse ela. – Vermelho, sinal de perigo... Ainda tens daqueles cigarros?

Paul tirou a cigarreira do bolso. Beatrice olhou.

– Já não tens nenhum daqueles charros qu’a Connie te deu? – perguntou.

– Ainda devo ter um por aí...

Procurou no bolso e encontrou uma caixinha. Beatrice pegou-lhe.

– É isso, só tens um! – disse ela. – Devia ser para a Miriam. Não queres o charro da Connie, Miriam?

– Não, obrigada – replicou Miriam. – Quem é a Connie?

– Ele não te contou? – exclamou Beatrice, surpresa. – Bem, ‘Póstolo Morel, acho que não é bonito deixar uma menina tão linda às escuras.

– Não queres mesmo fumar? – perguntou Paul a Miriam.

– Sabes bem que não – respondeu ela.

– Imaginem só, eu a fumar o último cigarro da Connie – disse Beatrice, metendo o cigarro entre os dentes. Paul estendeu-lhe um fósforo aceso e ela aspirou sofisticadamente.

– Obrigadíssima, querido – disse, trocista.

Dizer estas coisas dava-lhe um prazer perverso a que não conseguia resistir.

– Que jeitinho que ele tem, não achas, Miriam? – perguntou.

– Se tem! – disse Miriam.

Paul tirou um cigarro.

– Lume, menino? – disse Beatrice, chegando o seu cigarro ao dele.

Ele inclinou-se para a frente, para acender o cigarro no dela. Ela piscou-lhe o olho. Miriam viu os olhos dele a brilharem de malícia e os seus lábios carnudos, quase sensuais, a tremerem. Ele já não estava em si, e isso para ela era insuportável. Aquele que ali estava agora não tinha nada a ver com ela, era como se ela não existisse para ele. Via-lhe o cigarro a bailar nos lábios cheios, bem vermelhos, e odiava aquelas madeixas espessas que lhe caíam livres sobre a testa.

– Meu torrãozinho de açúcar! – disse Beatrice, levantando-lhe o queixo e dando-lhe um beijo na face.

– Agora é a minha vez, Beat – disse ele.

– Isso é que não! – disse ela, com uma risadinha, fugindo para longe. – Ele é mesmo descarado, não achas, Miriam?

– Do pior! – disse Miriam. – A propósito, não te esqueceste do pão?

– Meu Deus! – gritou Paul, abrindo a porta do forno, de onde saiu um fumo azulado e um cheiro a pão queimado.

– Céus! – gritou Beatrice, correndo para junto dele. Paul ajoelhou-se diante do forno e ela espreitou-lhe por cima do ombro. – Aí está o resultado de só pensares no amor, meu lindo.

Paul, contrito, tirava os pães do forno. Um deles estava todo preto por baixo e o outro duro que nem uma pedra.

– Pobre Mater! – disse Paul.

– Agora tens de o raspar – disse Beatrice. – Traz-me o ralador de noz-moscada.

Ela compôs os pães que ainda estavam no forno, ele trouxe-lhe o ralador e ela raspou a parte queimada em cima da mesa, para um jornal. Paul abriu as portas, para eliminar o cheiro a queimado, e Beatrice continuou a raspar o pão, fumando enquanto arrancava a

crosta carbonizada da pobre carcaça.

– Ai, ai, Miriam, desta vez estás bem arranjada – disse Beatrice.

– Eu! – exclamou Miriam, espantada.

– É melhor saíres antes de a mãe dele chegar... Agora é que eu percebo porque é que o Rei Alfred queimou os bolos. Agora, sim. O ‘Póstolo inda podia dizer que se tinha esquecido por causa do trabalho, se achasse que isso ia pegar. Se a velha da lenda tivesse chegado um nadinha mais cedo, teria dado cabo das orelhas da desavergonhada que provocou o esquecimento, e não das do pobre Alfred...

E riu-se, enquanto raspava o pão. Até Miriam, não se contendo, se riu também. Paul, pesaroso, pôs mais carvão na fogueira.

Ouviu-se bater o portão do jardim.

– Depressa! – gritou Beatrice, estendendo a Paul a carcaça já raspada. – Embrulha-a numa toalha húmida.

Paul correu para a copa. Beatrice soprou apressadamente as raspadelas para a fogueira e foi sentar-se com ar inocente. Annie entrou de rompante. Era uma rapariga muito esperta e sem rodeios. A luz intensa fê-la piscar os olhos.

– Cheira-me a queimado! – exclamou.

– É dos cigarros – explicou Beatrice, muito séria.

– Onde está o Paul?

Leonard entrou logo a seguir a Annie. Tinha uma cara comprida e engraçada, e uns olhos azuis muito tristes.

– Acho que se retirou para vocês se entenderem as duas – disse ele.

Depois, cumprimentou Miriam com ar penalizado, e mostrou-se suavemente sarcástico com Beatrice.

– Nada disso – disse Beatrice. – Foi sair com a número nove.

– Olha, vi mesmo agora a número cinco, que andava à procura dele – acrescentou Leonard.

– Pois é... Nós vamos ter de o dividir como o menino de Salomão – disse Beatrice.

Annie deu uma gargalhada.

– Ah, sim? – disse Leonard. – E com que bocado queres tu ficar?

– Sei lá – disse Beatrice. – As outras que escolham primeiro.

– E tu depois ficas com os restos? – disse Leonard, fazendo uma careta.

Annie estava às voltas com o forno. Miriam estava abandonada no seu canto. Paul entrou.

– Este pão está lindo, menino Paul – disse Annie.

– Então devias ter ficado a tomar conta dele – disse Paul.

– Tu é que devias ter feito aquilo que te compete – repontou Annie.

– Devia, não devia? – exclamou Beatrice.

– Mas se calhar estava com as mãos muito ocupadas... – atalhou Leonard.

– Viste-te aflita para cá chegar, não foi, Miriam? – disse Annie.

– Se vi... Mas tinha estado metida em casa toda a semana...

– E apeteceu-te mudar, hem? – insinuou Leonard, melífluo.

– Bem, não se pode passar a vida inteira dentro de casa – disse Annie, conciliadora. Beatrice vestiu o casaco e saiu com Leonard e Annie. Ia encontrar-se com o seu rapaz.

– Não te distraias com o pão, menino Paul – gritou Annie. – Boa noite, Miriam, acho que não vai chover mais.

Depois de todos saírem, Paul foi buscar o pão queimado, desembrulhou-o e olhou para ele com desalento.

– Está uma porcaria! – disse.

– Mas qual é o problema? – disse Miriam, enfadada. – Afinal são só... dois dinheiros e meio.

– Está bem... mas trata-se do pão da minha mãe, de que ela tanto se orgulha... e ela não vai gostar nada... Mas agora já não adianta preocuparmo-nos.

Levou o pão outra vez para a copa. Instalara-se uma certa distância entre ele e Miriam. Por uns momentos, Paul hesitou diante dela, a meditar, pensando o seu comportamento com Beatrice. No fundo, sentia-se culpado, mas ao mesmo tempo contente. Não sabia explicar porquê, mas achava que era bem feito para Miriam. Não era agora que se ia arrepender. Miriam pensava no que ele estaria a cogitar, ali hesitante diante dela. Madeixas de cabelo espesso caíam-lhe ainda sobre a testa. E se lho puxasse para trás, para apagar as marcas do pente de Beatrice? E se lho apertasse o corpo entre as suas mãos? Parecia tão rijo e palpitante. Se ele deixava as outras fazerem-lhe isso, porque não ela?

De súbito, Paul voltou à vida, e Miriam quase tremeu de susto quando ele arredou os cabelos da testa e avançou para ela.

– Oito e meia! – disse ele. – É melhor irmos a isto. Onde está o teu caderno de francês?

Miriam, contrariada, mostrou-lhe timidamente o caderno de exercícios de francês. Todas as semanas lhe entregava uma espécie de diário da sua vida íntima, escrito por ela em francês. Paul descobrira que era a única maneira de a convencer a fazer composições. O diário era acima de tudo uma carta de amor. Agora, ele ia lê-lo e era como se a história da sua alma fosse ser profanada por ele, no estado em que se encontrava. Paul sentou-se ao lado dela. Ela atentou na mão dele, firme e quente, percorrendo minuciosamente o seu trabalho.

Ele lia apenas as palavras em francês, ignorando a alma que encerravam. Mas,

gradualmente, a mão esqueceu a tarefa e ele continuou a ler em silêncio, e em total imobilidade. Ela estremeceu.

– «*Ce matin les oiseaux m'ont éveillé*» – leu ele. – «*Il faisait encore un crépuscule. Mais la petite fenêtre de ma chambre était blême, et puis, jaûne, et tous les oiseaux du bois éclatèrent dans un chanson vif et résonnant. Toute l'aube tressaillit. J'avais rêvé de vous. Est-ce que vous voyez aussi l'aube? Les oiseaux m'éveillent presque tous les matins, et toujours il y a quelque chose de terreur dans le cri des grives. Il est si clair...*».²

Miriam estava sentada, a tremer, envergonhada. Ele mantinha-se imóvel, tentando compreender. Apenas percebia que ela o amava, mas tinha medo do seu amor. Era mais do que ele merecia, e ele não era digno dela. Era ele que não a amava o suficiente, e não o contrário. Envergonhado, corrigiu-lhe o trabalho, anotando os erros timidamente por cima das palavras.

– Repara – disse ele, sereno. – Quando o particípio passado é conjugado com *avoir*, concorda com o complemento directo sempre que este o precede.

Ela inclinou-se para a frente, para ver melhor e poder compreender. Os seus caracóis finos e soltos roçaram-lhe ao de leve na cara, e ele deu um salto como se um ferro em brasa lhe tivesse tocado. Ao vê-la debruçada sobre a página, com os lábios rubros dolorosamente entreabertos, o cabelo negro caindo em finas madeixas sobre as faces afogueadas, corada como uma romã, a respiração tornou-se-lhe ofegante. Então, ela olhou para ele: os seus olhos negros punham a nu todo o seu amor, medo e desejo. E os olhos dele, negros também, feriram os dela. Pareciam dominá-los. E ela, perdendo o domínio de si própria, ali estava exposta, amedrontada, à mercê dele. Paul sabia, porém, que antes de a poder beijar, tinha de arrancar alguma coisa de si mesmo. E, então, um sopro de ódio por ela penetrou-lhe outra vez no coração, fazendo-o retomar as suas correcções.

De súbito, ele atirou com o lápis pelo ar e precipitou-se para o forno, para virar o pão. Era brusco de mais para o gosto dela. Miriam estremeceu em violento sobressalto, e a dor que sentiu era real. Até a maneira como ele se punha de cócoras diante do forno a magoava. Pressentia alguma crueldade nos seus gestos, alguma crueldade na brusquidão com que tirava os pães das formas, atirando-os ao ar e apanhando-os na queda. Se ao menos ele fosse gentil nos movimentos, sentir-se-ia mais rica e confortada no seu íntimo. Mas, assim, era só dor o que sentia.

Paul voltou para junto dela e acabou o exercício.

– Desta vez saíste-te bem – disse ele.

Ela percebeu que ele se sentia lisonjeado com o diário, mas isso não era recompensa suficiente.

– Sim senhora, de vez em quando fazes um brilharete – disse ele. – Devias escrever poesia.

Ela ergueu a cabeça, transbordante de alegria, mas logo a abanou desalentada.

– Falta-me confiança – disse ela.

– Mas devias tentar!

Mas ela abanou a cabeça.

– Vamos ler um bocado, ou achas que já é muito tarde? – perguntou ele.

– Lá tarde, é... mas podíamos ler só um bocadinho – pediu ela.

Era ali, naquele momento, que ela se alimentava de vida para toda uma semana. Ele mandou-a copiar o poema *Le Balcon*, de Baudelaire e, em seguida, leu-o para ela ouvir. A voz dele era suave e acariciante, mas nos crescendos tornava-se brutal. Paul tinha um modo apaixonado e, ao mesmo tempo, amargurado de arreganhar os lábios e mostrar os dentes sempre que as palavras o levavam ao rubro. E assim fazia agora, fazendo sentir a Miriam que ele a estava a espezinhar. Ela nem se atrevia a olhar para ele, mantendo-se sentada e de cabeça baixa. Não entendia por que razão ele se deixava arrebatado por tão tumultuosas fúrias, e isso deixava-a desfeita. Ainda por cima, nem sequer gostava muito de Baudelaire... nem de Verlaine.

«Olha-a, a cantar pelos campos,

Filha solitária das montanhas...»

Isto sim, alimentava-lhe a alma... tal como a «Linda Inês». E também:

«Caía bela a noite, doce e pura,

Em suspiros sagrados e serenos, como freira...»

Estes versos, sim, eram como ela. E ele, ali à sua frente, arrancando da garganta, em grito rouco:

*«Tu te rappelleras la beauté dès caresses.»*³

O poema terminou e Paul tirou os pães do forno, metendo-os no alguidar, os queimados no fundo e os bons por cima. A carcaça ressequida continuava na copa embrulhada num pano húmido.

– A Mater não precisa de saber até amanhã de manhã – disse ele. – Já não se vai zangar tanto como esta noite.

Miriam foi à estante e viu as cartas e postais que ele tinha recebido, e quais os livros que lá tinha, e tirou um em que ele se mostrara interessado. Depois, Paul desligou o gás e saíram. Paul nem se preocupou em fechar a porta à chave.

Quando voltou já faltava um quarto para as onze. A mãe estava sentada na cadeira de baloiço e Annie num banquinho junto da lareira, com o cabelo a cair-lhe pelas costas abaixo e os cotovelos apoiados nos joelhos, taciturna. Em cima da mesa, a carcaça da discórdia, já desembrulhada. Paul entrou ofegante. Ninguém abriu a boca. A mãe lia a gazeta local. Ele despiu o casaco e foi sentar-se no sofá. A mãe chegou-se para o lado com brusquidão, deixando-o passar. Ninguém abria a boca. Ele já não sabia como havia de estar. Durante alguns minutos, fingiu ler um bocado do jornal que encontrou em cima da mesa. Mas depois disse:

– Esqueci-me daquele pão no forno, mãe.

Nenhuma das mulheres lhe respondeu.

– Bem – continuou ele –, são só dois dinheiros e meio. Se quiser, eu pago.

Amuado, pôs três moedas em cima da mesa e empurrou-as na direcção da mãe. Ela voltou a cabeça para o outro lado. A boca continuava crispada.

– Pois é – disse Annie –, tu nem fazes ideia de como a mãe se sente mal!

E a rapariga continuou carrancuda a olhar para o lume.

– Sente-se mal porquê? – perguntou Paul, no seu tom autoritário.

– Essa agora – disse Annie. – Viu-se aflita para chegar a casa.

Paul olhou com atenção para a mãe. Parecia de facto doente.

– Viu-se aflita para chegar a casa porquê? – perguntou ele, ainda agreste. A irmã não respondeu.

– Vim encontrá-la aqui sentada, branca como a cera – disse Annie, com lágrimas na voz.

– Diga lá porque foi! – insistiu Paul, já de testa franzida e olhos empolgadamente dilatados.

– Era o suficiente para deixar qualquer pessoa doente – disse Mrs. Morel. – Carregar nos braços com as compras todas... a carne, os legumes e as cortinas...

– Para que carregou com tudo? Não era preciso.

– E então quem é que carregava?

– Mandava a Annie ir buscar a carne.

– Claro que eu tinha ido buscar a carne. Mas como é que eu podia adivinhar? Tu andavas a passear com a Miriam, em vez de estares em casa quando a mãe chegou.

– Mas o que é que lhe aconteceu? – perguntou Paul à mãe.

– Deve ser o coração – respondeu ela. De facto, tinha os lábios azulados.

– E já tinha sentido isso alguma vez?

– Já... e até mais de uma vez.

– Então porque não me disse, e porque é que não foi ao médico?

Mrs. Morel mexeu-se na cadeira, irritada com a prelecção.

– Tu nunca reparas em nada – disse Annie. – Só pensas em andar com a Miriam.

– Ah, sim? E tu e o Leonard... não é a mesma coisa?

– Eu cheguei a casa faltava um quarto para as dez.

Seguiram-se uns minutos de silêncio.

– Nunca imaginei que ela te deixasse tão distraído, ao ponto de queimares uma fornada inteira de pão – disse Mrs. Morel com azedume.

– A Beatrice também cá estava.

– Acredito. Mas nós sabemos porque é que o pão se queimou.

– E porque foi? – disse ele intempestivo.

– Porque tu estavas todo entretido com a Miriam – replicou Mrs. Morel acalorada.

– Pois fique sabendo que não foi nada por isso! – ripostou ele, sacudido.

Estava desgostoso e infeliz. Pegou no jornal e começou a ler. Annie, com a blusa já desabotoada e duas longas tranças, foi para cima, para a cama, dando-lhe secamente as boas-noites.

Paul continuou a fingir que estava a ler. Por um lado, sabia que a mãe lhe queria pregar um sermão. Mas, por outro, queria saber o que a pusera naquele estado, e estava preocupado. Por isso, em vez de ir a correr para a cama, como era sua vontade, ficou à espera. Sentia-se a tensão no silêncio. O tiquetaque do relógio soava forte.

– O melhor é ires deitar-te antes de o teu pai chegar – disse Mrs. Morel, com rispidez. – E se quiseres comer alguma coisa, tens de ir buscá-la.

– Não quero nada.

A mãe costumava preparar-lhe qualquer coisa para a ceia às sextas-feiras à noite, que era a noite de luxo dos mineiros. Mas ele estava demasiado irritado para ir buscar a ceia à despensa, e ela sentiu-se insultada.

– Se eu quisesse que fosses a Selby numa sexta-feira à noite, já estou a imaginar a cena – disse Mrs. Morel. – Mas quando é ela a vir buscar-te, nem sabes o que é cansaço. E já nem comes nem bebes.

– Não posso deixá-la voltar sozinha.

– Ah, não podes... E então para que é que ela vem?

– Não sou eu que lhe peço.

– Ela não vinha se tu não a quisesses cá...

– E se eu a quiser...? Hem? – repontou ele.

– Nada a opor, se fosse sensato ou razoável. Mas calcorrear milhas e milhas por cima dum lamaçal e voltar à meia-noite, para quem tem de ir logo pela manhã para

Nottingham...

– E, se não tivesse de ir, para si era a mesma coisa.

– Pois era, porque isto não faz sentido nenhum. Ela é assim tão fascinante que tenhas de andar atrás dela para todo o lado? – perguntou Mrs. Morel, com acerado sarcasmo, continuando sentada, com cara de poucos amigos, esfregando o cetim preto do avental em movimentos ritmadamente repetidos. Aquele motu-contínuo quase enlouquecia Paul.

– Eu gosto muito dela – disse ele – mas...

– Gostas então dela! – disse Mrs. Morel, no mesmo tom mordaz. – Pois a mim parece-me que não gostas de mais nada nem de mais ninguém. Para ti, agora, não existe mais ninguém: nem eu, nem a Annie... nada.

– Que disparate, mãe... sabe bem que eu não amo a Miriam... eu... posso garantir-lhe que não a amo... ela não anda de braço dado comigo nem nada, porque eu não quero.

– Então porque é que vais a correr tantas vezes para ao pé dela?

– Porque gosto muito de falar com ela... Nunca disse que não gostava. Mas não a amo.

– E não tens mais ninguém com quem falar?

– Não acerca das coisas de que nós falamos. Há muitas coisas por que a mãe não se interessa e que...

– Que coisas...?

Mrs. Morel estava tão exaltada que Paul começou a gaguejar.

– Ora essa... pintura... livros... A mãe, por exemplo, não gosta de Herbert Spencer.

– Não – foi a resposta concisa. – E tu também não vais gostar, quando tiveres a minha idade.

– Está bem, mas gosto agora... e a Miriam também...

– E como é que sabes – atalhou Mrs. Morel em tom de desafio – que eu não gosto. Já experimentaste perguntar-me?

– Mas eu sei que não gosta, mãe, sabe bem que não lhe interessa discutir se um quadro é ou não decorativo... é-lhe indiferente qual o seu estilo.

– Como sabes que não me interessa... já experimentaste perguntar-me? Alguma vez conversas comigo sobre essas coisas, só para experimentar?

– Mas a mãe sabe bem que para si isso não conta, sabe bem que não.

– Então o que é, diz lá... o que é que conta para mim? – desferiu ela.

Paul franziu a testa, magoado.

– A senhora é velha, mãe, e nós somos novos.

O que ele queria dizer era que os interesses da idade dela não eram idênticos aos da sua. Mas mal acabou a frase percebeu que tinha dito o que não devia.

– Sim, sei muito bem... sou uma velha! E por isso mesmo devo manter-me afastada... já não tenho nada a ver contigo. Tu só me queres para te servir de criada... o resto é com a Miriam.

Ele já não aguentava mais. Instintivamente, apercebeu-se de que ele era toda a vida dela. E, bem vistas as coisas, ela era para ele a coisa mais importante, a única verdade suprema.

– Sabe bem que não é assim, mãe... sabe bem que não é.

O grito dele comoveu-a.

– Pois olha que parece mesmo – disse ela, deixando de certa forma de lado o desespero.

– Não, mãe... na verdade, eu não a amo. Converso com ela... mas é para a nossa casa, para ao pé de si que eu quero vir.

Paul, já sem o colarinho e a gravata, levantou-se para se ir deitar. Quando ia a dar um beijo à mãe, ela passou-lhe os braços em volta do pescoço, escondeu a cara no seu ombro e pôs-se a choramingar, com uma voz dorida, tão pouco habitual nela que o fez crispar-se de agonia.

– Eu já não aguento mais. Uma outra mulher talvez... mas ela não... ela não me daria espaço algum... nem um bocadinho...

E imediatamente sentiu que odiava Miriam amargamente.

– E eu nunca... tu sabes, Paul... eu nunca tive um marido... não um de verdade...

Ele acariciou-lhe os cabelos e os seus lábios afluíram o pescoço dela.

– E ela esforça-se tanto para te afastar de mim... ela não é como as outras raparigas.

– Bem, mãe, eu não a amo – murmurou ele, baixando a cabeça e escondendo os olhos no ombro dela, muito infeliz. A mãe deu-lhe um beijo ardente e longo.

– Meu filho! – disse, com a voz trémula de amor. E ele, sem se aperceber, acariciou-lhe suavemente o rosto.

– Pronto – disse a mãe. – Agora vai deitar-te. Senão amanhã de manhã acordas muito cansado.

Enquanto falava, Mrs. Morel sentiu o marido entrar.

– Vem aí o teu pai... vá, já para a cama... – Subitamente, olhou para o filho quase a medo. – Talvez eu esteja a ser egoísta. Se a queres, meu filho, fica com ela.

A mãe estava a comportar-se de uma forma muito estranha, pensou Paul, beijando-a, ainda a tremer.

– Oh, mãe! – disse ele meigamente.

Morel entrou aos tropeções. Trazia o chapéu tombado sobre o canto do olho. Ao transpor a porta, perdeu o equilíbrio. – Outra vez a fazeres das tuas? – disse ele, acintosamente.

As emoções de Mrs. Morel transformaram-se instantaneamente em ódio por aquele

bêbado que viera intrometer-se tão intempestivamente.

– Pelo menos, ele está sóbrio – disse ela.

– Hum... hum...! Hum... hum! – fez ele, cinicamente.

Foi ao corredor e pendurou o chapéu e o casaco. Em seguida, ouviram-no descer os três degraus da despensa. Quando voltou trazia na mão uma fatia de empadão de carne de porco. Era o que Mrs. Morel tinha comprado para o filho.

– Isso não é para ti. Se não me podes dar mais de vinte e cinco xelins, certamente não te vou comprar empadão de carne de porco, para tu te regales depois de teres enchido a barriga de cerveja.

– O quê?... O quê? – rosnou Morel, a cambaleiar e, num repente, atirou o empadão para a lareira, num acesso de mau génio e mesquinhez.

Paul pôs-se de pé num salto.

– Deite fora o que é seu! – gritou.

– O quê?... O quê? – berrou Morel de imediato, dando um salto atrás e cerrando os punhos. – Vais ver como elas mordem... meu menino!

– Muito bem! – disse Paul, cinicamente, deitando a cabeça de lado. – Então vamos lá ver...!

O que mais gostaria naquele momento era de poder bater em qualquer coisa, não importava o quê. Morel estava semidobrado, de punhos em riste, pronto a atacar.

O jovem estava de pé, com um sorriso nos lábios.

– Zás! – silvou o pai, desferindo um soco no ar com um gesto largo, rente à cara do filho. Apesar de tão próximo, não se atreveu a tocar-lhe realmente, passando-lhe a uma escassa polegada de distância.

– Isso! – disse Paul, de olhos pregados na boca do pai, onde a todo o momento o seu punho acertaria. Estava louco por dar aquele soco, mas ouviu um vago gemido atrás de si. A mãe estava lívida de morte e com a boca toda roxa. Morel saltitava, preparando novo ataque.

– Pai! – disse Paul, bem alto para lhe chamar a atenção.

Morel parou, assustado.

– Mãe! – gemeu o rapaz. – Mãe!

Ela começou a lutar contra si própria. Os seus olhos muito abertos observavam-no, apesar de não se poder mexer. A pouco e pouco ia voltando a si. O filho deitou-a no sofá e foi a correr buscar um pouco de uísque, de que ela por fim bebeu alguns golinhos. As lágrimas rolavam-lhe pela cara abaixo. Enquanto esteve ajoelhado ao lado da mãe não chorou, mas as lágrimas irromperam logo a seguir. Morel, sentado do outro lado da sala com os cotovelos apoiados nos joelhos, fuzilava o filho com o olhar.

– Qu' é qu' ela tem? – perguntou.

– Desmaiou! – respondeu Paul.

– Hum!

O homem mais velho começou a desapertar os atacadores das botas. Depois, foi aos tombos para o quarto. Tinha travado a sua derradeira luta naquela casa.

Paul estava ajoelhado ao lado da mãe, esfregando-lhe as mãos.

– Não fique assim, mãe... não fique assim! – não se cansava ele de repetir.

– Isto não é nada, meu filho – murmurou ela.

Finalmente, Paul levantou-se, foi buscar um grande bocado de carvão e abafou o borralho. Depois arrumou a sala, colocou tudo nos seus devidos lugares, pôs a mesa para o pequeno-almoço e foi buscar a palmatória da mãe.

– Consegue ir para a cama sozinha, mãe?

– Consigo, sim... Eu vou.

– Durma com a Annie, mãe, com ele não.

– Não... vou dormir na minha cama.

– Não durma com ele, mãe.

– Vou dormir na minha cama.

Mrs. Morel levantou-se e Paul desligou o gás, subindo depois a escada atrás dela, com a vela. Ao chegarem ao patamar, ele beijou-a ternamente.

– Boa noite, mãe.

– Boa noite – respondeu ela.

Ele enfiou a cabeça na almofada, num acesso de desespero. E, no entanto, sentia paz algures nos recônditos da alma, pois continuava a amar a mãe acima de todas as coisas. Era a paz amarga da resignação.

Os esforços do pai no dia seguinte para o cativar foram para ele uma verdadeira humilhação.

E todos tentaram esquecer o incidente.

2 «Esta manhã os pássaros acordaram-me. Ainda não era dia. Mas a janelinha do meu quarto clareou e logo ficou dourada, e todos os pássaros do bosque irromperam num canto vivo e sonoro.

E a aurora estremeceu. Tinha sonhado contigo. Será que também contemplas a aurora?

Os pássaros acordam-me quase todas as manhãs, e há sempre uma nota de terror no grito dos tordos. Está tão claro...»
(*N. da T.*)

3 «Recordarás a beleza das carícias.» (*N. da T.*)

A DERROTA DE MIRIAM

PAUL sentia-se descontente consigo mesmo e com tudo o que o rodeava. O seu amor mais profundo dedicava-o à mãe. Não podia suportar a sensação de a ter magoado ou de algum modo ferido o seu amor por ela. A Primavera já se anunciava e, com ela, uma batalha entre ele e Miriam. Este ano Paul tinha muitas queixas contra Miriam e ela estava vagamente consciente desse facto. O velho sentimento que experimentara ao rezar, e lhe segredara que teria de se sacrificar a este amor, misturava-se em todas as suas emoções. No fundo, Miriam não acreditava poder algum dia vir a ter Paul para si. Em primeiro lugar, não acreditava em si mesma: duvidava poder vir a ser o que ele exigiria que ela fosse. Por certo nunca se imaginara a viver a seu lado uma vida de eterna felicidade. O futuro prefigurava-lhe tragédia, dor e sacrifício. E, se no sacrifício era orgulhosa, na renúncia ela era forte; mas não confiava em si mesma para suportar a vida do dia-a-dia. Sentia-se preparada para gestos grandiosos e profundos, gestos dignos de tragédia. Não podia era confiar na sua capacidade de lidar com a pequenez do quotidiano.

As férias da Páscoa iniciaram-se num ambiente feliz. Paul mostrava-se franco, como na realidade o era. Contudo, Miriam sentia que algo iria perturbar aquela paz. No domingo à tarde, deteve-se à janela do seu quarto, olhando os carvalhos do bosque, em cuja folhagem se emaranhavam uns ténues raios de luz sob o resplandecente céu da tarde. Rosetas de folhas de madressilva verde-cinza pendiam frente à janela, algumas, pensou, já em botão. Era Primavera, tempo que Miriam amava e temia ao mesmo tempo.

Ouvindo o ranger do portão, ficou na expectativa. Estava um dia cinzento e luminoso. Paul entrou no pátio com a bicicleta, que reluzia à medida que ele andava. Era hábito tocar a campainha e sorrir em direcção à casa. Hoje, porém, caminhava de lábios cerrados, numa atitude fria e cruel que tinha algo de desprezo e indolência. Ela já o conhecia muito bem e, pela expressão penetrante e reservada do seu rosto jovial, sabia dizer o que se passava no seu íntimo. Havia um tal rigor de frieza no modo como colocou a bicicleta no lugar que o coração de Miriam soçobrou.

Desceu ao andar de baixo, nervosa. Vestia uma blusa nova de malha que, achava ela, lhe assentava muito bem. Tinha uma gola alta, debruada com um folho que lhe lembrava a Rainha Mary da Escócia e lhe dava, pensava ela, um ar encantadoramente feminino e muito digno. Com vinte anos, possuía uns seios bem desenvolvidos e formas voluptuosas. O seu rosto era ainda como uma máscara suave e rica, inalterável. Mas os seus olhos, quando os erguia, eram maravilhosos. Ela tinha medo dele. Ele iria reparar na sua blusa nova.

Paul mostrava-se de disposição dura e irónica, e divertia a família com a descrição de um sermão proferido na Capela Metodista Primitiva por um dos mais conhecidos pregadores da seita. Estava sentado à cabeceira da mesa com o seu rosto versátil e os seus olhos, que conseguiam ser tão belos, brilhando ternamente ou dançando risonhos,

assumiam várias expressões, numa imitação das diversas pessoas que caricaturava. A sua veia jocosa sempre a magoara – era demasiado próxima da realidade. Paul era demasiado inteligente e cruel e ela sentia que, quando o seu olhar se enchia, como agora, de feroz ódio trocista, ele não poupava ninguém, nem mesmo a sua própria pessoa. Mas Mrs. Leivers enxugava os olhos marejados de lágrimas, de tanto rir, e Mr. Leivers, já desperto da sua sesta dominical, coçava a cabeça divertido. Os três irmãos, sentados em atitudes desleixadas e sonolentas e em mangas de camisa, soltavam uma gargalhada de vez em quando. O que a família mais adorava era, acima de tudo, uma boa caricatura.

Paul não prestou atenção a Miriam. Mais tarde, ela percebeu que ele tinha reparado na sua blusa nova, viu que o artista a aprovara, mas isso não merecera da sua parte o mínimo lampejo de ternura. Estava nervosa e mal conseguia chegar às chávenas de chá nas prateleiras do armário.

Quando os homens saíram para a ordenha, ousou dirigir-se-lhe pessoalmente:

– Vieste atrasado – disse.

– Vim? – perguntou ele.

Por um momento fez-se silêncio.

– Foi difícil vires a pedalar até aqui? – perguntou ela.

– Nem notei.

Ela continuou a pôr a mesa rapidamente. Quando acabou, disse-lhe:

– O chá só é servido dentro de alguns minutos. Queres vir ver os narcisos?

Ele ergueu-se, sem responder. Dirigiram-se para o jardim das traseiras, sob as ameixoeiras em flor. As colinas e o céu estavam límpidos e frios. Tudo parecia lavado, um pouco agreste talvez. Miriam lançou um olhar a Paul. Ele estava pálido e impassível. A ela parecia-lhe uma crueldade que aqueles olhos e sobrancelhas que ela tanto amava pudessem feri-la tanto.

– O vento cansou-te? – perguntou.

Detectou nele uma certa fadiga.

– Não, acho que não – respondeu ele.

– Deve ser cansativo na estrada... o vento sopra tão forte.

– Pelas nuvens podes ver que é vento sudoeste: até me ajudou a chegar aqui.

– Sabes que eu não ando de bicicleta, por isso não entendo o que queres dizer – murmurou ela.

– E é preciso andar de bicicleta para saber isso? – replicou ele.

Miriam pensou que o seu sarcasmo era desnecessário. Mantiveram-se em silêncio. Em redor do relvado maltratado com a erva muito alta situado nas traseiras da casa, havia uma sebe de espinheiros sob a qual os narcisos se erguiam dos seus ninhos de folhas verde-cinza. As faces das flores estavam esverdeadas de frio. Mas, mesmo assim, algumas

havam já florescido e o seu tom dourado agitava-se e resplandecia. Miriam ajoelhou-se diante de um ramalhete, tomou nas mãos um narciso de ar silvestre, voltou para si a sua face dourada e inclinou-se, acariciando-o com a boca, as faces e a fronte. Paul permaneceu de pé, ligeiramente afastado, de mãos nos bolsos, observando-a. Uma após outra, ela virou para ele as faces das flores amarelas, recém-abertas, em atitude suplicante, afagando-as com veemência.

– Não são magníficos? – murmurou.

– Magníficos?... Não será um pouco de mais?... São bonitos!

Ela inclinou-se novamente para as suas flores, perante esta censura à sua atitude de adoração. Ele ficou a vê-la adular e saborear as flores com beijos fervorosos.

– Porque tens de estar sempre a acariciar as coisas? – recriminou-a, irritado.

– Gosto de lhes tocar – replicou ela, magoada.

– Será que não podes gostar das coisas sem teres de te agarrar a elas como se quisesses arrancar-lhes o coração? Porque não tens um pouco mais de domínio ou reserva, ou o que quer que seja?

Ela ergueu para ele um olhar cheio de dor, continuando depois a pressionar os lábios, lentamente, contra uma flor ondulada. O seu aroma, quando o sentiu, era tão mais delicado do que Paul que quase a fez chorar.

– Com a tua adulação, retiras a alma às coisas – disse ele. – Eu nunca seria capaz de uma adulação... Em qualquer circunstância, seria sempre directo.

Paul não sabia o que dizia. Estas coisas saíam-lhe mecanicamente. Ela olhou para ele. O seu corpo parecia uma arma, firme e duro contra ela.

– Tu estás sempre a suplicar às coisas que te amem – disse ele – como se fosses uma pedinte de amor. Até as flores tu tens de acariciar...

Ritmadamente, Miriam agitava e amachucava a flor com a boca, inalando o perfume que daí em diante a faria estremecer sempre que penetrasse nas suas narinas.

– Tu não queres amar... a tua súplica eterna e anormal é seres amada. Não és positiva, és negativa. Absorves, absorves, como se necessitasses de te encher de amor por teres algures uma insuficiência.

Miriam estava aturdida com a crueldade de Paul, e não o escutava. Ele não tinha a mínima ideia do que estava a dizer. Era como se a sua alma inquieta e torturada, inflamada por uma paixão frustrada, fizesse jorrar aquelas palavras como centelhas brotando da electricidade. Ela não entendia nada do que ele dizia. Deixou-se ficar sentada, esmagada sob a sua crueldade e o seu ódio por ela. Nunca entendia as coisas num lampejo. Era assim com tudo, cismava e tornava a cismar.

Depois do chá, ele ficou a conversar com Edgar e os outros irmãos, não prestando atenção a Miriam. Ela, infinitamente infeliz com esta distância procurada, esperou por ele. Por fim, ele cedeu e veio ao seu encontro. Ela estava determinada a descobrir a origem do

seu estado de espírito. Para ela, tudo aquilo não passava de um estado de espírito.

– Vamos passear um pouco pelo bosque? – sugeriu, sabendo que ele nunca recusava um pedido directo.

Desceram em direcção à coelheira. A meio do caminho passaram por uma armadilha, uma pequena cerca em forma de ferradura, feita com galhos de abeto entrelaçados, onde se exibiam, como isca, as vísceras de um coelho. Paul lançou-lhe um olhar, franzindo o sobrolho. Ela chamou-lhe a atenção.

– É terrível, não é? – perguntou.

– Não sei! Será pior que os dentes de uma doninha cravados no pescoço de um coelho? Ou uma doninha ou muitos coelhos. Uma das coisas vai ter de desaparecer!

Para Paul estava a ser difícil enfrentar a face amarga da vida. Miriam sentiu pena dele.

– Vamos para dentro – disse Paul. – Não me apetece andar cá fora.

Passaram pela árvore dos lilases, cujos rebentos das folhas cor de bronze principiavam agora a abrir. Apenas um fragmento restava do palheiro, um monumento quadrado e castanho, como um pilar de pedra. No meio, ainda lá perdurava uma pequena meda de feno da última ceifa.

– Sentemo-nos aqui por um minuto – pediu Miriam.

Ele sentou-se, contrariado, apoiando as costas ao sólido muro de feno. Diante deles, estendia-se o anfiteatro de colinas arredondadas, incandescente à luz do crepúsculo, as pequenas quintas brancas destacando-se na paisagem, os prados dourados, os bosques sombrios e contudo luminosos, as copas das árvores sobrepostas a outras copas de árvores, distintas na distância. A tarde clareara e o oriente suave tingia-se agora de um clarão magenta sob o qual a terra permanecia imóvel e pródiga.

– Não é uma beleza? – murmurou ela suavemente.

Mas ele limitou-se a franzir a testa, mal-humorado. Naquele momento, preferia que tudo fosse feio.

Subitamente, um grande cão veio ter com eles em louca correria, de boca escancarada, levantou as patas dianteiras e colocou-as nos ombros do jovem, lambendo-lhe o rosto. Paul recuou, rindo. Bill era um grande alívio para ele. Afastou o cão, mas este voltou, saltitante.

– Sai daqui – ordenou o rapaz. – Vê lá se queres apanhar.

Mas o cão não estava disposto a desistir facilmente. Então, Paul travou um pequena batalha com o animal, arremessando o pobre Bill para longe, apenas conseguindo contudo fazê-lo tropeçar e voltar à carga violentamente, excitadíssimo. Lutaram os dois, o homem rindo contrafeito, o cão todo ele disponibilidade. Miriam observava-os. Havia algo de patético no homem. Como ele desejava ardentemente amar e ser terno! O modo rude como brincava com o cão era realmente adorável. Paul levantou-se, ofegante de felicidade, os olhos castanhos rolando na cara branca, e de novo se deixou cair pesadamente. O animal

adorava Paul. O rapaz lançou-lhe um olhar severo.

– Bill, já chega de brincadeira.

Mas o cão deixou-se ficar com as duas pesadas patas, que tremiam de carinho, assentes na sua coxa, mostrando uma língua ro-sada. O rapaz recuou.

– Não – disse. – Não... já chega.

E logo o cão se afastou, contente por variar de divertimento.

Paul continuou a olhar fixamente para as colinas, cuja beleza impassível invejava. Queria sair dali e ir andar de bicicleta com Edgar. No entanto, não tinha coragem de deixar Miriam.

– Porque estás triste? – perguntou ela, submissa.

– Não estou triste, porque havia de estar? – retorquiu ele. – Estou apenas normal.

Ela perguntava-se por que razão ele sempre afirmava estar normal quando se mostrava desagradável.

– Mas... afinal o que se passa? – perguntou, aliciando-o suavemente.

– Nada!

– Não! – murmurou ela.

Ele pegou num pau e começou a golpear a terra.

– É melhor que não digas nada – disse ele.

– Mas eu quero saber – respondeu ela.

Ele riu-se, ressentido.

– Tu queres sempre saber tudo.

– Não és leal para comigo – murmurou ela.

Ele feriu o solo vezes sem conta com o pau afiado, desprendendo pequenos torrões de terra, como se tomado por uma febre de irritação. Delicada e firmemente, ela pousou a mão sobre o seu pulso.

– Não faças isso! – pediu. – Deita isso fora.

Ele atirou o pau para cima das groselheiras e recostou-se. Já estava recomposto.

– Que se passa? – perguntou ela com suavidade.

Ele manteve-se imperturbável. Apenas o seu olhar vivia intensamente, repleto de tormento.

– Sabes – disse por fim, bastante a custo – sabes... era melhor rompermos a nossa ligação.

Era o que ela temia. Subitamente, tudo pareceu escurecer diante dos seus olhos.

– Porquê? – murmurou. – Que aconteceu?

– Não aconteceu nada... só que temos de ver o terreno que pisamos. Não vale a pena...

Ela esperou em silêncio, tristemente, cheia de paciência. Não adiantava ser impaciente com ele. De qualquer modo, ele dir-lhe-ia agora o que o afligia.

– Concordámos em ser amigos – prosseguiu ele, numa voz monótona e aborrecida. – Quantas vezes concordámos em ser amigos! E, no entanto, as coisas não param por aí, nem chegam a nenhum outro lado.

Paul calou-se. Miriam matutava. Que queria ele dizer? Estava tão cansado. Havia algo que não queria admitir. Contudo, ela devia ser paciente.

– Eu só posso dar-te amizade... é tudo de que sou capaz... é uma falha na minha maneira de ser. As coisas pesam só para um lado... e eu odeio uma balança desequilibrada... vamos acabar com isto.

Havia um fervor de fúria nas suas últimas frases. O que ele queria dizer é que ela o amava mais a ele do que ele a ela. Talvez não conseguisse amá-la. Talvez ela não possuísse o que ele desejava. Esta falta de confiança em si mesma era o fundamento mais profundo da alma de Miriam. Tão profundo que ela não ousava entendê-lo, nem tão-pouco admiti-lo. Talvez lhe faltasse qualquer coisa. Como uma vergonha infinitamente subtil, esse sentimento sempre a fazia recuar. Se assim fosse, ela passaria sem ele. Nunca se permitiria desejá-lo. Limitar-se-ia a observar.

– Mas o que aconteceu? – perguntou.

– Nada... tinha tudo isto guardado dentro de mim... e só saiu agora. Ficamos sempre assim ao aproximarmo-nos da Páscoa.

Paul humilhou-se tão despojadamente que Miriam sentiu pena. Ela, pelo menos, nunca se tinha deixado cair de um modo tão deplorável. No fim de contas, era ele quem saía mais duramente humilhado.

– Que queres fazer? – perguntou ela.

– Bem... acho que não devo vir aqui tantas vezes... só isso. Porque deveria eu monopolizar-te, quando não sou... Bem vês, no que te diz respeito sou muito incompleto...

Ele estava a dizer-lhe que não a amava e, portanto, deveria dar-lhe uma oportunidade com outro homem. Que tolo e cego e vergonhosamente desajeitado ele era! Que lhe importavam a ela os outros homens! Que importância tinham! Mas ele, ah, ela amava a sua alma. Seria ele incompleto em alguma coisa? Talvez fosse.

– Mas eu não entendo – disse ela, com a voz rouca. – Ainda ontem...

A noite tornara-se desagradável e odiosa para ele à medida que a luz do crepúsculo se dissipava. E ela cedeu ao seu sofrimento.

– Eu sei – gritou ele. – Nem nunca entenderás. Nunca acreditarás que eu não posso... não sou fisicamente capaz, tal como não sou capaz de voar como uma cotovia...

– Capaz de quê? – perguntou ela, num murmúrio. Agora tinha medo.

– De te amar.

Paul odiou-a amargamente naquele momento, por fazê-la sofrer tanto. Amá-la! Miriam sabia que ele a amava. Ele pertencia-lhe realmente. Toda a conversa sobre não a amar fisicamente, corporalmente, era uma mera perversidade da parte dele, pois Paul sabia que ela o amava. Ele estava a ser casmurro como uma criança. Ele pertencia-lhe a ela. A sua alma desejava-a. Miriam suspeitou que alguém o tivesse influenciado. Através da sua rigidez, pressentia a estranheza de uma outra influência.

– Que te têm dito em casa? – perguntou.

– Não é nada disso – respondeu ele.

E, nesse momento, ela soube que era precisamente isso, e sentiu um profundo desprezo pela família dele e pela sua vulgaridade. Ignoravam as coisas que valiam realmente a pena.

Nessa noite, não conversaram muito mais. Por fim, ele deixou-a e foi passear de bicicleta com Edgar.

Paul voltara para a mãe, o elo mais forte da sua vida. Quando ele se embrenhava em pensamentos, Miriam quase deixava de existir, como se envolta num sentimento vago e irreal. E mais ninguém contava. Havia contudo um lugar no mundo que permanecia sólido e não se desvanecia na irrealidade: o lugar onde se encontrava a sua mãe. Todos podiam transformar-se em sombras, quase inexistentes para ele, mas não ela. Era como se o eixo ou pólo da sua vida, do qual ele não podia escapar, fosse a sua mãe.

E, da mesma forma, ela esperava por ele. Nele se concentrava agora toda a sua vida. Afinal, a vida que deixara para trás oferecera muito pouco a Mrs. Morel. Ela entendera que a nossa oportunidade para fazer está aqui, e fazer era importante para ela. Paul iria provar que ela tinha razão: iria transformar-se num homem a quem nada poderia derrubar, que iria alterar a face da terra de alguma forma importante. Onde quer que ele fosse, ela sentia que a sua alma ia junto. O que quer que ele fizesse, ela sentia que a sua alma permanecia junto dele, pronta como sempre a entregar-lhe as suas ferramentas. Não podia suportar quando ele estava com Miriam. William estava morto. Ela lutaria para ficar com Paul.

E ele voltou para ela. E na alma dele havia um sentimento de satisfação pelo auto-sacrifício, pois ele era-lhe fiel. Ela amava-o antes de tudo, ele amava-a antes de tudo. E, no entanto, isso não era o suficiente. A sua vida nova e jovem, tão forte e imperiosa, era solicitada por algo mais. Punha-o louco de agitação. Ela percebia isso e desejava amargamente que Miriam fosse uma mulher que pudesse arrancar dele esta nova vida e deixar-lhe a ela as raízes. Paul lutava contra a mãe quase tanto como lutava contra Miriam.

Passou-se uma semana antes que Paul voltasse a Willey Farm. Miriam sofrera muito e receava vê-lo novamente. Poderia ela suportar a ignomínia de ser abandonada por ele? Isso seria apenas superficial e temporário. Ele voltaria. Ela possuía a chave para entrar na sua alma. Mas, entretanto, ele iria torturá-la com a sua luta contra ela. Miriam temia sobretudo isso.

Porém, no domingo a seguir à Páscoa, Paul veio para o chá. Mrs. Leivers ficou contente ao vê-lo. Percebeu que algo o perturbava, que as coisas estavam difíceis para ele. E ele parecia refugiar-se nela para algum conforto. E ela era boa para ele. Fazia-lhe o grande favor de o tratar quase com reverência.

Paul encontrou os rapazes no jardim da frente.

– Estou contente por teres vindo – disse a mãe, olhando-o com os seus olhos castanhos, grandes e sinceros. – Está um dia tão soalheiro. Ia agora mesmo dar um passeio pelos campos pela primeira vez este ano.

Ele sentiu que ela apreciaria a sua companhia, e isso suavizou-o. Foram caminhando, falando de coisas simples, ele gentil e humilde. Quase chorou de gratidão por ela ser deferente para com ele. Sentia-se humilhado.

Ao fundo do campo de trigo, encontraram um ninho de tordos.

– Querem que vos mostre os ovos? – perguntou.

– Sim, por favor! – respondeu Mrs. Leivers. – Parecem um sinal tão real da Primavera e da esperança...

Paul afastou os espinhos e retirou os ovos, colocando-os na palma da mão.

– Estão quentinhos... parece que assustámos a mãe – disse ele.

– Ah, coitadinhos – disse Mrs. Leivers.

Miriam não pôde evitar tocar nos ovos e na mão dele, que, segundo ela, os protegia tão bem.

– É um calor tão estranho! – murmurou, para se aproximar dele.

– É o calor do sangue – retorquiu ele.

Ela viu-o colocar os ovos no seu lugar, com o corpo colado à cerca, o braço avançando lentamente através dos espinhos, a mão cuidadosamente fechada sobre os ovos. Estava concentrado no acto. Vendo-o assim, ela amava-o; ele parecia tão simples e auto-suficiente. E ela não conseguia alcançá-lo.

Durante o chá, Paul discutiu o sermão de Sexta-Feira Santa com Mrs. Leivers. A caminhada até à Capela era já muito longa para a senhora, e ela quase preferia ouvir o sermão através de Paul, acrescido dos seus comentários e argumentos. Os outros também escutavam. Até os rapazes, uns latagões rudes, se mostravam atentos e interessados, tirando uma lição do discurso.

– Ele pegou no capítulo que diz: «Aquele que acreditou na nossa história...» ... eu gosto desta passagem.

Os grandes olhos castanhos de Mrs. Leivers brilharam com o pensamento.

– E estragou-o todo... arruinou-o.

Subitamente, lançou um olhar a Miriam, para que ela estivesse do seu lado naquele momento.

– E ele disse...

Paul, sério e indignado, repetiu o sermão. Era em alturas como esta que Miriam o amava. Ao vê-lo assim, enchia-se de profunda satisfação. Amava-o do mesmo modo que Maria amou na Betânia. Só quando irrompia o homem nele existente, se instalava a guerra entre ambos. E qual era mais forte nele, o Discípulo ou o Homem? Ela acreditava que fosse o primeiro, e através do primeiro o retinha.

Enquanto ela levantava a mesa do chá, ele disse-lhe, num tom bastante forçado:

– Quando acabares, vamos dar uma volta.

Na cozinha, ajudou-a a limpar a louça. Ela tremia ligeiramente de apreensão. Mas sabia que naquela noite não tinha de temer o ressentimento dele.

– Levamos um livro? – perguntou Miriam, pegando no seu favorito, O Tesouro Dourado, de Palgrave. Os melhores momentos que passavam juntos aconteciam quando liam poesia.

– Esse não – respondeu ele.

O coração dela apertou-se. Permaneceu junto à prateleira dos livros, hesitante. Ele escolheu Tartarin de Tarascon. Sentaram-se novamente no monte de feno, na base da meda. Paul leu algumas páginas, mas sem sentimento. De novo o cão apareceu, correndo, para repetir a brincadeira anterior. Enterrou o focinho no peito do jovem. Paul acariciou-lhe a orelha de fugida. Depois, afastou-o.

– Vai-te embora, Bill – ordenou. – Não te quero aqui.

Bill retirou-se furtivamente, e Miriam perguntou-se, temerosa, o que estaria para vir. Algo no silêncio dele a fez paralisar de apreensão. Não eram as suas fúrias, mas as suas resoluções calmas que ela receava.

Voltando o rosto um pouco de lado, para que ela não pudesse vê-lo, Paul começou, falando lenta e pensadamente:

– Achas que... se eu não viesse cá tantas vezes... podias gostar de outra pessoa... de outro homem?

Então era isso que ainda o incomodava.

– Mas eu não conheço outros homens... porque perguntas? – replicou ela, num tom surdo que deveria ter soado aos ouvidos dele como uma censura.

– Ora – disse ele abruptamente – porque eles dizem que eu não tenho o direito de vir aqui... sem que tenhamos intenção de casar...

Miriam estava indignada por alguém andar a forçar as coisas entre eles. Ficara furiosa com o próprio pai quando este, rindo, comentara com Paul que sabia por que razão ele os visitava tantas vezes.

– Quem diz isso? – perguntou ela, tentando perceber se a sua própria família tinha algo a ver com o assunto. Mas não tinha.

– A minha mãe... e os outros. Dizem que, assim, todos me consideram comprometido, e que eu também me devo considerar como tal, pois não é justo para ti. E eu tentei pensar melhor... e acho que não te amo como um homem deve amar a sua mulher. Que me dizes tu a isto?

Miriam baixou a cabeça, irritada. Irritava-a ter de travar aquela discussão. As pessoas deviam deixá-los em paz.

– Não sei – murmurou ela.

– Achas que nos amamos o suficiente para nos casarmos? – perguntou ele, definitivamente. Ela estremeceu.

– Não – respondeu, sinceramente. – Não acho... somos demasiado novos.

– Eu pensei – prosseguiu ele, infeliz – que talvez tu, com a intensidade que pões nas coisas, me tivesses dado mais... do que alguma vez eu te poderia compensar. E, mesmo assim, se achares que é melhor, ficamos noivos.

Naquele momento, Miriam queria chorar. Estava furiosa também. Ele era sempre tão infantil que as pessoas faziam dele o que queriam.

– Não, não acho – disse firmemente.

Paul reflectiu um minuto.

– Sabes – retomou –, para mim... eu acho que uma pessoa nunca poderá monopolizar-me, ser tudo para mim. Eu acho que isso nunca vai acontecer.

Miriam não tinha considerado este ponto.

– Não – murmurou. Após uma pausa, ela ergueu para ele os seus olhos escuros, faiscantes.

– Isto tem a ver com a tua mãe – disse ela. – Eu sei que ela nunca gostou de mim.

– Não, não é isso – apressou-se ele a dizer. – Desta vez foi para teu bem que ela falou, e só disse que, se eu continuasse, devia considerar-me comprometido. – Seguiu-se um silêncio. – E, se eu te pedir para continuares a visitar-me sempre, não dizes que não?

Miriam não respondeu. Estava agora muito zangada.

– Bem, então que fazemos? – perguntou secamente. – Assim sendo, é melhor desistir das aulas de francês. Agora que estava a começar a dar-me bem... Mas acho que posso continuar sozinha.

– Não vejo necessidade disso – considerou ele. – É claro que posso dar-te uma aula de francês.

– Bom, e há ainda as noites de domingo. Não vou deixar de ir à capela, porque gosto de ir e porque a isso se resume toda a minha vida social. Mas não precisas de ir comigo. Posso ir sozinha.

– Está bem – respondeu ele, algo surpreendido. – Mas, se eu pedir ao Edgar, ele pode vir connosco, e assim as pessoas já não podem dizer nada.

Fez-se silêncio. Afinal, ela não perderia muito. Apesar de todo o falatório em casa dele, a diferença não seria muita. Ela só desejava que eles não interferissem.

– E tu não vais pensar de mais no assunto e deixar que te perturbe, pois não? – perguntou ele.

– Oh, claro que não – retorquiu Miriam, sem se dignar olhar para ele.

Paul ficou em silêncio. Ela achava-o instável, sem um objectivo fixo, nenhuma âncora de certeza a segurá-lo.

– Porque – continuou ele – um homem pega na bicicleta... e vai para o trabalho... e faz toda a espécie de coisas. Mas uma mulher fica a cismar.

– Não, eu não vou ficar a cismar – assegurou-lhe Miriam, e estava a ser sincera.

O tempo arrefecera bastante. Juntos, encaminharam-se para casa.

– Que pálido está o Paul! – exclamou Mrs. Leivers. – Miriam, não devias tê-lo deixado sentar-se lá fora. Achas que te constipaste, Paul?

– Oh, não! – E riu-se.

Mas, na verdade, sentia-se fatigado. O conflito interior esgotara-o. Agora, Miriam sentia pena dele. Mas, muito cedo, ainda antes das nove horas, ele levantou-se para se retirar.

– Não te vais já embora, pois não? – perguntou Mrs. Leivers, ansiosa.

– Vou, sim – retorquiu ele. – Disse em casa que chegava cedo.

Paul estava muito embaraçado.

– Mas ainda é cedo – disse Mr. Leivers.

Miriam sentou-se na cadeira de baloiço e não falou. Ele hesitou, esperando que ela se erguesse para o acompanhar ao celeiro, como habitualmente, quando fosse buscar a bicicleta. Ela, porém, deixou-se ficar onde estava. Paul sentia-se perdido.

– Bem, então... boa noite a todos! – balbuciou.

Miriam deu-lhe as boas-noites, tal como os restantes. Mas, quando ia a passar diante da janela, ele olhou para dentro. Ela viu-o pálido, com as sobrancelhas ligeiramente franzidas de um modo que se tornara constante nele, e o olhar ensombrado pelo sofrimento.

Ergueu-se então e foi até à porta dizer-lhe adeus, quando ele passou pelo portão. Paul pedalou lentamente sob a rama dos pinheiros, sentindo-se um cobarde e um patife miserável. A bicicleta rolava pelas colinas abaixo, à deriva. Chegou a pensar que seria um alívio partir o pescoço.

Dois dias depois, enviou-lhe um livro e um bilhete, incitando-a a ler e a manter-se ocupada.

E, contudo, nessa altura ele estava diferente. Tinha avaliado bem a situação. Sabia que não queria casar-se com ela. As razões pelas quais a amava não eram razões para se casar com ela; isso es-tava decidido. E a mãe repetira-lhe vezes sem conta que a sua actual

situação não podia durar para sempre, e era bastante injusta para a rapariga. Por isso, Paul tentava agora manter a maior distância possível entre os dois. Era duro e frio para ela. Miriam ressentia-se disso amargamente, culpava a mãe dele, e esperava. Sabia que Paul não podia deixá-la sozinha. Mas ele parecia querer por força erguer muros entre eles, ele e ela, atrás dos quais pudesse refugiar-se, longe dela. Miriam sofria terrivelmente.

Durante esse tempo, Paul dedicou toda a sua amizade a Edgar. Gostava tanto da família, gostava tanto da quinta, que ela era para ele o lugar mais querido ao cimo da terra. Nem mesmo o seu lar era tão agradável. A sua mãe sim. Mas teria sido igualmente feliz com aquela mãe em qualquer outro lugar. Mas Paul amava Willey Farm apaixonadamente. Adorava a cozinha pequena e aconchegada, repisada pelas botas dos homens, e onde o cão dormia com um olho aberto e outro fechado, com medo de ser pisado; onde, à noite, a lamparina balouçava sobre a mesa e tudo ficava muito silencioso. Amava a saleta de Miriam, comprida e de tecto baixo, com a sua atmosfera romântica, as suas flores, os seus livros, o piano de pau-rosa. Amava os jardins e os edifícios que, nos limites nus dos campos, se erguiam com os seus telhados escarlate, arrastando-se em direcção ao bosque como se em busca de aconchego, onde a região selvagem cavava um vale profundo, para logo subir as encostas por cultivar do lado de lá. O simples facto de estar ali era um prazer e uma alegria para ele. Amava Mrs. Leivers, com a sua simplicidade e singular cinismo; amava Mr. Leivers, tão caloroso e jovial, e tão afável; amava Edgar, cujo olhar se iluminava quando ele chegava, e os outros rapazes e as crianças, e ainda Bill, e até a porca chamada Circe e o galo indiano de combate chamado Tippoo. Amava tudo isto além de Miriam. Não podia desistir de tudo.

Por isso, continuava a aparecer frequentemente, mas andava geralmente com Edgar. Toda a família, incluindo o pai, apenas se reunia à noite para os jogos e charadas. E, mais tarde, Miriam reunia-os a todos e liam Macbeth em edição de bolso, interpretando os vários papéis. Era muito divertido. Miriam ficava contente, Mrs. Leivers ficava contente e Mr. Leivers divertia-se. Depois, todos juntos, aprendiam a solfejar canções, cantando em círculo em redor da lareira. Mas agora, Paul raramente ficava a sós com Miriam. E ela esperava. Quando ela, Edgar e Paul regressavam a casa vindos da Capela ou do grémio literário de Bestwood, ela sabia que a conversa dele, tão apaixonada e tão pouco ortodoxa para aqueles dias, lhe era dirigida. Contudo, invejava Edgar e as suas corridas de bicicleta com Paul, as suas noites de sexta-feira, os seus dias de labuta conjunta nos campos. Para ela, as noites de sexta-feira e as aulas de francês tinham acabado. Estava quase sempre sozinha, vagueando e meditando pelo bosque, lendo, estudando, sonhando, esperando. E ele escrevia-lhe com frequência.

Num domingo à noite, conseguiram reatar a velha e rara harmonia. Edgar ficara com Mrs. Morel para a comunhão. Queria saber como era. Por isso, Paul e Miriam voltaram sozinhos para casa dele. Ele encontrava-se novamente mais ou menos sob o seu feitiço. Como era hábito, discutiram o sermão. Ele caminhava agora a passos largos para o agnosticismo, mas era um agnosticismo tão religioso que Miriam não sofria muito. Estavam na fase da Vie de Jésus de Renan. Miriam era a eira onde Paul debulhava todas as suas crenças. Enquanto repisava as suas ideias na alma dela, a verdade brotava dele. Só ela era a sua eira. Só ela o ajudava no sentido da plena realização. Quase impassível, ela

submetia-se aos seus argumentos e interpretações. E, por causa dela, ele gradualmente compreendia, de algum modo, onde estava errado. E o que ele compreendia, ela compreendia. Miriam sentia que Paul não podia viver sem ela.

Chegaram à casa silenciosa. Ele tirou a chave da janela da cozinha e entraram. Durante todo o tempo, ele não interrompeu a discussão. Acendeu o gás, ateou o fogo e trouxe-lhe alguns biscoitos da despensa. Ela sentou-se no sofá, em silêncio, com um prato sobre os joelhos. Trazia um grande chapéu branco enfeitado com flores cor-de-rosa. Era um chapéu barato, mas ele gostava. Sob o chapéu, o rosto dela estava estático e pensativo, castanho-dourado e corado. Como sempre, as orelhas estavam ocultas sob os seus caracóis curtos. Ela observava-o.

Sempre gostara dele aos domingos. Nesses dias, ele usava um fato escuro que evidenciava todos os movimentos do seu corpo. Havia algo de limpo e fresco no seu ar. Paul prosseguiu o seu raciocínio dirigido a ela. De repente, pegou na Bíblia. Miriam gostou do modo como ele a alcançou, tão determinado, directo ao objectivo. Voltou as páginas rapidamente e leu-lhe um capítulo de S. João. Enquanto lia, absorto, sentado no cadeirão e apenas a sua voz pensava, ela sentia que ele estava a usá-la inconscientemente, como um homem usa as suas ferramentas em qualquer trabalho que o absorve. Adorava essa sensação. E a ânsia na sua voz era como a tentativa de alcançar algo, e era como se ela fosse o modo de o conseguir. Miriam recostou-se no sofá, longe dele, sentindo-se, todavia, o próprio instrumento que a mão dele segurava, o que lhe dava um indescritível prazer.

Pouco a pouco, a voz tornou-se hesitante e Paul ficou constrangido. E quando chegou ao versículo: «Uma mulher, quando está em trabalho de parto, sofre porque a sua hora chegou», omitiu-o. Miriam sentira o seu constrangimento a aumentar. Estremeceu quando as bem conhecidas palavras não foram proferidas. Paul continuou a ler, mas ela já não o escutava. Um sentimento de pesar e vergonha fê-la vergar a cabeça. Seis meses atrás, ele teria lido tudo naturalmente. Agora, abria-se uma brecha na relação entre os dois. Agora, ela sentia haver algo de realmente hostil entre eles, algo de que ambos se envergonhavam.

Miriam comeu o bolo mecanicamente. Ele tentou prosseguir, desenvolvendo o seu argumento, mas não conseguiu recuperar o tom certo. Edgar chegou pouco depois. Mrs. Morel tinha ido a casa de uma amiga. Os três saíram rumo a Willey Farm.

Miriam matutava sobre o afastamento dele em relação a ela. Havia algo mais que ele desejava. Paul não podia estar satisfeito, não podia dar-lhe paz. Agora haveria sempre entre eles lugar para o conflito. Ela queria pô-lo à prova. Acreditava que a maior necessidade na vida dele era ela. Se conseguisse prová-lo, tanto a si mesma como a ele, tudo o resto poderia desaparecer, e ela poderia simplesmente confiar no futuro.

Assim, em Maio, pediu-lhe para vir a Willey Farm visitar Mrs. Dawes. Havia algo que Paul procurava ardentemente. Sempre que se falava de Clara Dawes, Miriam via-o agitar-se e ficar ligeiramente irritado. Afirmou que não simpatizava com ela. Contudo, estava ansioso por saber coisas a seu respeito. Bom, ele tinha de ser posto à prova. Ela acreditava que havia nele ânsias de coisas superiores, e inferiores, e que o desejo pelas superiores venceria. De qualquer forma, deveria tentar. Miriam, porém, esqueceu-se de que os

conceitos de «superior» e «inferior» eram arbitrários.

Paul estava bastante entusiasmado com a ideia de se encontrar com Clara em Willey Farm. Mrs. Dawes veio passar o dia. A sua pesada cabeleira castanho-escura estava enrolada ao alto da cabeça. Envergava uma blusa branca e uma saia azul-marinho e, de algum modo, a sua presença parecia tornar as coisas vulgares e insignificantes. Quando se encontrava por perto, a cozinha parecia ao mesmo tempo pequena e imperfeita. A bela saleta de Miriam, com a sua luz crepuscular, parecia estúpida e sem graça. Toda a família Leiver se eclipsava como velas. Eles achavam-na um pouco difícil de suportar. No entanto, ela era perfeitamente amistosa, mas indiferente e um pouco dura.

Paul só chegou da parte da tarde. Mas veio cedo. Enquanto descia da bicicleta, Miriam viu-o olhar em volta da casa, ansioso. Ficaria desapontado se a tão esperada visita não tivesse vindo. Miriam saiu ao seu encontro, baixando a cabeça devido à intensidade do sol. As abecedárias brotavam agora, encarnadas, da verde sombra fria das suas folhas. A rapariga esperou-o, de cabelo escuro, contente por vê-lo.

– A Clara não veio? – perguntou Paul.

– Veio – replicou ela, no seu timbre musical. – Está a ler.

Ele empurrou a bicicleta até ao celeiro. Pusera uma bonita gravata, na qual tinha muito orgulho, e meias a condizer.

– Chegou esta manhã? – perguntou.

– Sim – respondeu Miriam enquanto caminhava a seu lado. – Lembraste-te de trazer aquela carta do homem do Liberty?

– Oh, que chatice, não! – disse ele. – Mas podes atazanar-me até que a traga.

– Não gosto de te atazanar.

– Mas não te acanhes. E ela está mais simpática? – continuou.

– Sabes que eu sempre a achei bastante simpática.

Paul ficou em silêncio. Era evidente que a sua ânsia em chegar cedo naquele dia se devia à recém-chegada. Miriam já começara a sofrer. Encaminharam-se para casa lado a lado. Paul retirou as molas das calças, mas era muito preguiçoso para escovar o pó dos sapatos, apesar de ter requintado nas meias e na gravata.

Clara estava sentada na saleta fresca, a ler. Paul reparou na sua nuca branca e no delicado cabelo repuxado. Ela ergueu-se e olhou para ele com indiferença. Para o cumprimentar, levantou o braço de um modo que parecia, ao mesmo tempo, mantê-lo à distância e, no entanto, acenar-lhe com alguma coisa. Ele notou a forma como os seus seios inchavam dentro da blusa, e como o ombro se curvava deliciosamente sob a fina musselina no cimo do seu braço.

– Escolheste um lindo dia – disse ele.

– É... aconteceu – respondeu ela.

– É verdade – continuou ele. – Ainda bem.

Ela sentou-se, não lhe agradecendo a amabilidade.

– Que fizeste toda a manhã? – perguntou Paul, dirigindo-se a Miriam.

– Bem – disse Miriam, tossindo roucamente –, a Clara só chegou com o pai... e, por isso, não está cá há muito tempo.

Clara sentara-se encostada à mesa, mantendo-se distante. Ele notou que as suas mãos eram grandes, mas bem cuidadas. A pele parecia quase grosseira, opaca e branca, com finos pêlos dourados. Ela não se importava que ele observasse as suas mãos. Tinha intenção de o desprezar. O seu braço opulento estava negligentemente pousado sobre a mesa. A sua boca fechava-se como se estivesse ofendida, e o seu rosto mantinha-se ligeiramente desviado.

– Estiveste presente na reunião da Margaret Bonford na outra noite – disse-lhe ele. Miriam desconhecia este Paul cortês. Clara olhou-o de relance.

– Estive, sim – respondeu.

– Ora – perguntou Miriam – como é que sabes?

– Eu entrei por alguns minutos até o comboio chegar – explicou ele.

Clara desviou novamente o rosto, com uma expressão desdenhosa.

– Acho-a uma mulherzinha adorável – comentou Paul.

– A Margaret Bonford! – exclamou Clara. – Ela é muito mais esperta que a maioria dos homens.

– Bem, eu não disse que não era – disse ele, depreciativamente. – Ela é adorável por tudo isso.

– E é claro que é só isso que tem importância – disse Clara, com uma expressão fulminante.

Ele coçou a cabeça, meio perplexo, meio aborrecido.

– Acho que importa mais do que a inteligência dela – retorquiu Paul – que, afinal, nunca a levaria ao Céu.

– Não é o Céu que ela pretende... é o seu justo quinhão na terra – retorquiu Clara. Falava como se Paul fosse responsável por qualquer privação de que Miss Bonford sofresse.

– Bem – disse ele –, eu achei-a calorosa e extraordinariamente agradável... mas demasiado frágil. Só desejei que ela estivesse confortavelmente em paz...

– ... remendando as peúgas do marido – interrompeu Clara, sarcasticamente.

– Estou certo de que não se importaria de remendar até mesmo as minhas peúgas – afirmou ele. – E tenho a certeza de que o faria até muito bem. Tal como eu não me importaria de lhe engraxar as botas, se ela o desejasse.

Mas Clara recusou-se a dar troco a este tipo de comentário. Paul conversou com Miriam durante algum tempo. A outra mulher permaneceu afastada.

– Bem – disse ele –, acho que vou procurar o Edgar. Ele anda no campo?

– Acho que foi buscar um carregamento de carvão – respondeu Miriam. – Deve vir directamente para casa.

– Sendo assim – disse Paul –, vou ao encontro dele.

Miriam não ousou propor nenhum programa que envolvesse os três. Ele levantou-se e deixou-as.

No caminho de cima, onde a giesta despontava, Paul viu Edgar caminhando preguiçosamente ao lado da égua, que acenava a testa estrelada de branco enquanto arrastava o ruidoso carregamento de carvão. O rosto do jovem lavrador iluminou-se quando avistou o amigo. As suas roupas eram velhas e já bastante coçadas, mas caminhava com um orgulho considerável.

– Viva! – cumprimentou ele, vendo Paul sem chapéu. – Onde vais?

– Vim ter contigo. Não suporto a «Nunca jamais».

Os dentes de Edgar brilharam numa gargalhada divertida.

– Quem é a «Nunca jamais»? – perguntou.

– Aquela senhora – Mrs. Dawes – devia chamar-se Mrs. Corvo, aquele que disse «Nunca jamais».

Edgar riu com satisfação.

– Não gostas dela? – perguntou.

– Não morro de amores – respondeu Paul. – Porquê, tu gostas?

– Não! – A resposta veio com profunda convicção. – Não! – Edgar franziu os lábios. – Não posso dizer que seja muito o meu estilo. – Meditou um pouco. Depois: – Mas porque lhe chamas «Nunca jamais»? – perguntou.

– Bem – explicou Paul. – Se ela olha para um homem, diz arrogantemente «Nunca jamais», se se olha no espelho, diz desdenhosamente «Nunca jamais», e se pensa duas vezes, di-lo com nojo, e se olha em frente, di-lo cinicamente...

Edgar considerou o discurso de Paul, não conseguindo entendê-lo muito bem, e disse, rindo:

– Achas que ela odeia os homens?

– Ela acha que sim – retorquiu Paul.

– Mas tu não achas que assim seja?

– Não – respondeu Paul.

– Então ela não foi simpática contigo?

– Consegues imaginá-la a ser simpática com alguém? – perguntou o jovem.

Edgar riu-se. Juntos, descarregaram o carvão no pátio. Paul estava bastante contrafeito pois sabia que Clara o podia ver, se olhasse pela janela. Mas não olhou.

Nas tardes de sábado, os cavalos eram escovados e tratados. Paul e Edgar trabalharam juntos, espirrando com o pó proveniente do pêlo de Jimmy e Flower.

– Sabes alguma canção nova para me ensinar? – perguntou Edgar.

Ele continuava a trabalhar sem parar. Quando se baixava, deixava a descoberto a parte posterior do pescoço, encarniçada do sol, e os dedos que seguravam a escova eram taludos. Paul observava-o de vez em quando.

– Mary Morrison? – sugeriu o mais novo.

Edgar concordou. Era dono de uma bela voz de tenor e adorava aprender todas as canções que o amigo lhe ensinava para poder cantar enquanto conduzia a carroça. Paul possuía uma voz de barítono bastante sofrível, mas tinha bom ouvido. No entanto, cantou baixinho, com medo de Clara. Edgar repetiu o verso na sua voz límpida de tenor. Por vezes, ambos interrompiam a cantoria para espirrar e, primeiro um e depois o outro, insultarem o cavalo.

Miriam estava impaciente com os homens. Era preciso tão pouco para os divertir – até Paul. Achava pouco natural nele que pudesse ficar tão absorvido numa trivialidade.

Era hora do chá quando acabaram.

– Que canção era aquela? – perguntou Miriam.

Edgar informou-a. A conversa virou para o canto.

– Passámos momentos tão agradáveis – disse Miriam a Clara.

Mrs. Dawes tomou o seu chá devagar, com dignidade. Sempre que os homens estavam presentes, ela mostrava-se distante.

– Gostas de ouvir cantar? – perguntou-lhe Miriam.

– Se a voz for boa – disse ela.

Paul corou, naturalmente.

– Queres tu dizer, se a voz for de exceção e educada? – disse ele.

– Acho que uma voz precisa de ser educada para cantar alguma coisa que se oiça – disse Clara.

– Já agora, também podes dizer que as pessoas deviam educar a voz antes de falarem – replicou ele. – Francamente, a maior parte das pessoas canta para seu próprio prazer.

– E, quem sabe, para desprazer dos outros.

– Nesse caso, os outros que tapem os ouvidos – retorquiu Paul.

Os rapazes desataram a rir. Depois, fez-se silêncio. Ele corou violentamente e tomou o

chá calado.

A conversa voltou à questão de se o salário das mulheres deveria ser igual ao dos homens. Mrs. Leivers sustentava que os homens tinham famílias a manter; Clara afirmava que trabalho igual teria de significar salário igual, para homens ou mulheres. Mr. Leivers estava inclinado a concordar com ela. O que quer que Mrs. Dawes tivesse dito, Paul teria tomado uma posição contrária à dela. Como tal, argumentou que uma mulher era apenas um acessório no mercado de trabalho e que, na maioria dos casos, não passava de uma coisa transitória, sustentando-se apenas por um ou dois anos. Clara avançou o número de mulheres que sustentavam pai, mãe, irmãs, etc.

– E quase todos os homens do mundo, acima dos trinta anos, sustentam mulher e filhos – e, regra geral, as ditas mulheres não são assalariadas – retorquiu ele.

– Eu penso, meu amigo – disse Clara muito friamente –, que já antes encontrei o teu tipo de pessoa: o jovem que pensa que sabe tudo.

– E tu és do tipo da jovem que pensa que eu não sei nada –olveu ele.

– Oh, sabes sim... sabes como te fazeres ouvir – disse ela.

Paul estava furioso. De repente, rebentou numa gargalhada.

– Isto parece mais uma reunião de sufragistas contigo no estrado a discursar – disse ele.

Clara corou até à raiz dos cabelos.

– Porque terei eu de responder pelos «Homens», quando afinal sou apenas um deles... – continuou Paul.

– Como se não fosse já suficiente – gracejou Edgar.

– E assim – retomou Paul – sou responsabilizado por todos os pecados da história de Inglaterra, desde a Rainha Boadisca até à Canção da Camisa. Não é justo. Gostava que o Homem tivesse o direito de existir na sociedade moderna... num qualquer canto onde pudesse repousar a cabeça.

– Bem – gracejou Mrs. Leivers –, no final de contas, o lugar do homem continuará a ser o mesmo enquanto formos feitos como somos.

Mas este gracejo foi demasiado subtil para todos, à excepção de Clara, que estava indignadíssima.

Após o chá, quando todos os homens, à excepção de Paul, se retiraram, Mrs. Leivers perguntou a Clara:

– E achas a vida mais feliz agora?

– Infinitamente.

– Então estás satisfeita?

– Desde que possa ser livre e independente.

– E não sentes falta de nada na tua vida? – quis saber Mrs. Leivers, delicadamente.

– Ultrapassei isso tudo.

Paul sentiu-se desconfortável perante este discurso, e levantou-se:

– Vais acabar por descobrir que tropeças constantemente nas coisas que deixaste para trás – disse ele. Depois saiu em direcção aos estábulos. Achava que tinha sido espirituoso e o seu orgulho masculino estava radiante. Pôs-se a assobiar enquanto descia o carreiro de ladrilhos.

Miriam veio procurá-lo pouco depois para saber se gostaria de as acompanhar, a Clara e a ela, num passeio. Partiram em direcção à quinta de Strelley Mill. Enquanto caminhavam ao longo da ribeira, pela margem do Willey Water, olhando através do arvoredo para a orla do bosque, onde pequeninas flores cor-de-rosa brilhavam sob uns poucos raios de sol, avistaram, para lá dos troncos das árvores e das ralas aveleiras, um homem conduzindo um grande cavalo baio pelos barrancos. O animal, enorme e cor de fogo, parecia dançar romanticamente através do verde-escuro das aveleiras até onde o ar era sombrio como o passado, por entre as campainhas emurchecidas que podiam ter florido para Deirdre ou Isolda.

Os três estacaram, encantados.

– Que prazer ser cavaleiro – disse ele – e ter aqui um pavilhão.

– E ter-nos a nós fechadas em segurança? – retorquiu Clara.

– Sim – respondeu ele –, entoando melodias com as vossas amas, entregues aos vossos bordados. Eu transportaria o vosso estandarte branco, verde e púrpura, e teria gravado no brasão do meu escudo a sigla das sufragistas, por baixo de uma mulher enfurecida...

– Não tenho qualquer dúvida – disse Clara – que muito mais depressa lutarias por uma mulher do que a deixarias lutar por si mesma.

– E lutaria mesmo! Quando a mulher luta por si mesma parece um cão diante de um espelho, enraivecido pela sua própria sombra.

– E tu és o espelho? – perguntou ela, com um franzir de lábios.

– Ou a sombra – replicou ele.

– Temo – disse ela – que sejas perigosamente inteligente.

– Bem, deixo-te a ti a tarefa de seres boazinha – retorquiu ele, rindo. – Sê boazinha, gentil donzela, e deixai-me ser inteligente.

Mas Clara cansou-se da irreverência de Paul. Subitamente, ao olhar para ela, ele viu que a expressão de superioridade que emanava do seu rosto era infelicidade e não desprezo. O coração dele enteneceu-se por todos. Voltou-se para Miriam, a quem até então negligenciara, e foi gentil com ela.

Ao aproximarem-se da orla do bosque, encontraram Limb, um homem trigueiro e franzino, de quarenta anos, rendeiro de Strelley Mill, que ele dirigia como uma quinta dedicada à pecuária. Segurava as rédeas do poderoso garanhão displicentemente, como se estivesse cansado. Os três recuaram para o deixarem passar por cima das pedras que

atravessavam o primeiro regato. Paul admirou-se pelo facto de um animal tão grande caminhar sobre pedras tão escorregadias com inesgotável vigor. Limb estacou diante deles.

– Diga ao seu pai, Miss Leivers – disse ele, numa voz sibilante, pouco vulgar –, que, há três dias, as suas crias novas partiram aquela vedação do fundo e fugiram.

– Qual? – perguntou Miriam, trémula.

O grande cavalo resfolegava pesadamente, agitando os flancos encarniçados e olhando-os desconfiado, com os seus olhos grandes, maravilhosos, mantendo a cabeça baixa e a crina pendente.

– Venham comigo – respondeu Limb – qu’eu amostró-lhes.

O homem e o garanhão seguiram à frente. O cavalo dançava de lado, agitando o topete branco e parecendo assustado, como se sentisse que estava no meio do regato.

– Nada de bailaricos – disse o homem ao animal, afectuosamente.

O cavalo galgou a margem em pequenos saltos e chapinhou delicadamente entrando no segundo regato. Clara, caminhando numa espécie de abandono amuado, olhava meio fascinada, meio desdenhosa. Limb parou e apontou para uma vedação sob uns salgueiros.

– Ali, tá a ver por onde eles passaram? – disse ele. – Os meus homens trouxeram-nos de volta três vezes.

– Sim – balbuciou Miriam, corando como se a culpa fosse sua.

– Querem entrar? – convidou o homem.

– Não obrigado... mas gostaríamos de ir até ao lago.

– Se quiserem – disse ele.

O cavalo relinchou de satisfação por se ver tão próximo de casa.

– Está todo contente por estar de volta – comentou Clara, que estava interessada na criatura.

– Pois está... Hoje teve uma jornada muito cheia.

Atravessaram o portão e viram aproximar-se deles, vinda da casa grande da quinta, uma mulher morena e de baixa estatura, aparentando uma natureza emotiva e cerca de trinta e cinco anos. Tinha o cabelo já um pouco tingido de grisalho e os olhos pareciam selvagens. Avançava de mãos atrás das costas. O seu irmão continuou em frente. Ao vê-la, o grande garanhão relinchou de novo. Ela aproximou-se, excitada.

– Já estás em casa outra vez, meu rapaz! – disse, ternamente, dirigindo-se ao cavalo, não ao homem. O grande animal girou em torno dela, baixando a cabeça. A mulher meteu-lhe na boca a maçã enrugada e amarela que escondera atrás das costas e depois beijou-o perto dos olhos. O cavalo resfolegou de prazer. Ela segurou-lhe a cabeça entre os braços, e apertou-a contra o peito.

– É esplêndido! – disse Miriam.

Miss Limb ergueu os olhos. Eram escuros e dirigiram-se directamente a Paul.

– Oh, boa tarde, Miss Leivers – cumprimentou ela. – Há anos que não a vemos cá por baixo.

Miriam apresentou-lhe os amigos.

– O seu cavalo é um óptimo companheiro! – disse Clara.

– Pois é! – E beijou-o novamente. – Tão dedicado como um homem!

– Mais dedicado que a maioria dos homens, penso eu – retorquiu Clara.

– É um bom menino! – disse a mulher, abraçando de novo o cavalo.

Clara, fascinada pelo grande animal, aproximou-se para lhe afagar o pescoço.

– Ele é muito meigo – disse Miss Limb. – Não acha que todas as criaturas grandes o são?

– É uma beleza! – respondeu Clara.

Queria olhá-lo nos olhos. Queria que ele olhasse para ela.

– É uma pena que não possa falar – disse.

– Oh, mas ele pode... diz tudo – retorquiu a outra mulher.

Depois, o irmão foi-se embora com o cavalo.

– Então, não vão entrar? Faça o favor de entrar, Mr... desculpe, não percebi o seu nome...

– Morel! – disse Miriam. – Não, não vamos entrar, mas gostaríamos de passar pela represa.

– É claro, estejam à vontade. O senhor pesca, Mr. Morel?

– Não – respondeu Paul.

– Porque, se pesca, pode vir pescar quando quiser – ofereceu Miss Limb. – Raramente vemos alguém durante a semana. Até lhe agradecia.

– Que peixes há no lago? – perguntou Paul.

Passaram pelo jardim da frente da casa, sobre o açude, e subiram a margem íngreme até ao lago, que repousava na sombra, com as suas duas ilhotas de madeira. Paul caminhava ao lado de Miss Limb.

– Não me importava de vir nadar para aqui – disse ele.

– Então, venha – convidou ela. – Venha quando quiser. O meu irmão ficará muito contente por conversar consigo. Ele é assim calado porque não tem com quem falar. Venha nadar quando quiser.

Clara aproximou-se.

– Tem uma boa profundidade – comentou. – E é tão límpido.

– É verdade – disse Miss Limb.

– Sabes nadar? – perguntou Paul. – Miss Limb estava agora mesmo a dizer que podíamos vir quando quiséssemos.

– É claro que há os criados da lavoura – disse Miss Limb.

Conversaram durante alguns minutos e depois continuaram, colina acima, deixando na margem a solitária senhora de olhar esgazeado.

A vertente da colina estava amadurecida pelo sol. Era selvagem e coberta de tufos de urze, abandonada aos coelhos. Os três caminhavam em silêncio. Paul disse então:

– Ela faz-me sentir desconfortável.

– Referes-te a Miss Limb? – perguntou Miriam. – É verdade!

– Qual será o problema dela? Estará a ficar tonta por viver demasiado solitária?

– Parece que sim – concordou Miriam. – Isto não é vida para ela. Acho uma crueldade enterrá-la aqui. Eu devia vir visitá-la mais vezes. Mas... ela perturba-me.

– Faz-me sentir pena dela... é verdade, e aborrece-me – disse ele.

– Eu acho – disse Clara subitamente – que o que ela quer é um homem.

Os outros dois ficaram mudos durante alguns instantes.

– Mas é a solidão que a deixa assim amalucada – disse Paul.

Clara não respondeu, prosseguindo a caminhada colina acima. Caminhava cabisbaixa, com as pernas oscilando à medida que pisava por entre os cardos secos e os tufos de erva, e os braços pendendo soltos. Em vez de andar, o seu belo corpo parecia vaguear às cegas pela encosta acima. Uma onda de calor invadiu Paul. Estava curioso acerca dela. Talvez a vida tivesse sido cruel com Clara. Esqueceu Miriam, que caminhava a seu lado, conversando consigo. Ela olhou para ele ao ver que ele não lhe respondia. O olhar dele estava fixo em Clara.

– Ainda achas que ela é uma antipática? – perguntou Miriam.

Ele nem reparou que a pergunta era despropositada. É que também lhe andava a bailar no pensamento.

– Passa-se algo com ela – respondeu.

– Sim – concordou Miriam.

No cimo da colina encontraram uma tapada bravia, escondida dos olhares; dois dos seus lados eram delimitados pelo bosque, os outros dois por sebes altas de espinheiros e sabugueiros. Por entre estes arbustos densos, viam-se aberturas por onde o gado poderia ter passado, se ali houvesse ainda gado. Naquele sítio a relva era macia e aveludada, fofa e esburacada pelos coelhos. O campo propriamente dito nunca fora cultivado e estava inundado de primaveras grandes e altas que nunca haviam sido cortadas. As flores brotavam fortes em ramalhetes por todo o lado, erguendo-se acima dos grosseiros tufos de erva. Parecia uma angra repleta de altos mastros de navios.

– Ah! – exclamou Miriam, voltando para Paul os olhos escuros dilatados. Ele sorriu. Juntos, gozaram a visão do campo de flores. Clara, um pouco afastada, olhava as primaveras, desconsoladamente. Paul e Miriam ficaram juntos, conversando em voz baixa. Ele ajoelhou-se, colhendo rapidamente os melhores botões, movimentando-se incessantemente de ramalhete em ramalhete, falando sempre num tom suave. Miriam colhia as flores ternamente, detendo-se diante de cada uma delas. Ele parecia-lhe sempre demasiado rápido, quase científico. No entanto, os ramos dele tinham uma beleza natural, mais do que os dela. Ele amava-os, mas como se fossem seus e tivesse direito a eles. Ela tinha uma maior reverência para com as flores: tinham algo que ela não possuía.

As flores eram muito frescas e doces. Ele queria bebê-las. Enquanto as colhia, comeu até uns pequenos jasmims amarelos. Clara continuava a vaguear desconsoladamente. Dirigindo-se a ela, Paul perguntou:

– Porque não colhes algumas?

– Não acho bem. Elas parecem melhor a crescer no campo.

– Mas gostarias de algumas?

– Elas querem ser deixadas em paz.

– Não acho que queiram nada disso.

– Não quero ter cadáveres de flores à minha volta – disse ela.

– Essa é uma ideia pomposa e artificial – replicou ele. – Elas não morrem mais depressa na água do que nas próprias raízes. E, além disso, ficam bem numa jarra, parecem felizes. E só podemos chamar cadáver a uma coisa quando ela tem a aparência de cadáver.

– Mesmo sendo ou não cadáver? – argumentou ela.

– Para mim não o são. Uma flor morta não é o cadáver de uma flor.

Desta vez, Clara ignorou-o.

– Mesmo assim... que direito tens tu de as arrancar? – perguntou ela.

– Gosto delas e quero-as... e há muitas mais.

– E achas isso suficiente?

– Sim, porque não? Estou certo de que deixariam um agradável perfume no teu quarto em Nottingham.

– E eu teria o prazer de as ver morrer.

– Mas então... não te interessa se elas morrem.

Dito isto, deixou-a, pisando os maciços de flores emaranhadas, que cobriam espessamente o campo, como pálidas e luminosas formações de espuma. Miriam aproximara-se. Clara estava ajoelhada, aspirando o aroma das primaveras.

– Eu acho – disse Miriam – que se as tratarmos com reverência, não lhes fazemos mal... o que conta é o espírito com que as colhemos.

– Isso é verdade – concordou ele. – Mas nós colhemo-las porque as queremos, é tudo. E exibiu o seu ramalhete.

Miriam estava silenciosa. Paul colheu mais algumas flores.

– Olhem para estas! – continuou Paul. – Robustas e sadias como pequenas árvores ou meninos de pernas gordas...

O chapéu de Clara estava pousado na erva, não muito longe. Ela estava ajoelhada, ainda inclinada para a frente, a sentir o perfume das flores. A visão do seu pescoço fez Paul sentir uma ânsia aguda, de tão belo que era, embora naquele momento ele não se sentisse muito orgulhoso de si mesmo. Os seios dela agitavam-se ligeiramente na blusa. A curva arqueada das suas costas era bonita e forte: ela não usava corpete. Subitamente, sem saber, ele estava a espalhar uma mão-cheia de primaveras sobre o seu cabelo e o seu pescoço, dizendo:

«Cinzas às cinzas e pó ao pó será.

Se o Senhor não te receber, o Diabo o fará.»

As flores frescas caíram sobre o pescoço de Clara. Ela ergueu o rosto para ele, onde dois olhos cinzentos e assustados, quase cheios de compaixão, se interrogavam sobre o que ele estava a fazer. Sobre o seu rosto caíram flores e ela cerrou os olhos.

De súbito, ali de pé ao lado dela, ele sentiu-se estranho.

– Pensei que querias um funeral – disse, embaraçado.

Clara riu de forma estranha e levantou-se, tirando as primaveras do cabelo. Pegou no chapéu e colocou-o na cabeça. Uma flor permaneceu presa ao seu cabelo, mas Paul não lhe disse nada. Depois, recolheu as flores que espalhara sobre ela.

Nos limites do bosque, os miosótis tinham-se estendido pelo campo, aí ficando como água da corrente. Mas murchavam agora. Clara vagueava sobre eles. Ele seguiu-a. Os miosótis agradavam-lhe.

– Olha como saíram do bosque! – disse.

Nesse momento, ela voltou-se com uma centelha de calor e gratidão.

– É verdade! – sorriu.

O sangue de Paul correu mais rápido.

– Fazem-me pensar nos homens selvagens dos bosques... como eles devem ter-se sentido aterrorizados quando se defrontaram cara a cara com o espaço aberto.

– Achas que sim? – perguntou ela.

– Entre as tribos antigas, pergunto-me quais teriam mais medo: as que irrompiam da escuridão dos bosques para todo um espaço de luz, ou as das áreas abertas, penetrando pé

ante pé nas florestas.

– Acho que as segundas – respondeu ela.

– Sim, tu sentes-te realmente como uma pessoa de espaços abertos... tentando forçar-se a penetrar no escuro, não é verdade?

– Como é que posso saber? – respondeu ela, de um modo singular.

A conversa ficou por aqui.

A noite adensava-se sobre a terra. O vale já se cobria de sombras. Um minúsculo quadrado de luz subsistia ainda do lado oposto à quinta de Crossleigh Bank. Um brilho incandescente inundava os cumes das colinas. Miriam subiu lentamente, com o rosto enterrado no seu grande e solto ramalhete de flores, caminhando através da espuma dispersa das primaveras que lhe cobria o tornozelo. Atrás dela, as árvores transformavam-se agora em formas, todas elas sombras.

– Vamos? – perguntou.

E os três voltaram para trás. Permaneceram em silêncio. Descendo o trilho de terra, podiam ver a luz de casa mesmo em frente e, no cume da colina, uma leve silhueta escura pontilhada de luzinhas, onde a aldeia da mina de carvão tocava o céu.

– Foi agradável, não foi? – perguntou ele.

Miriam concordou, num murmúrio. Clara ficou em silêncio.

– Não achas? – insistiu ele.

Mas ela caminhava com a cabeça erguida e não respondia. Pela sua maneira de andar, como se nada lhe importasse, ele podia adivinhar o seu sofrimento.

Por esta altura, Paul levou a mãe a Lincoln. Ela estava entusiasmada e resplandecente como nunca, mas, sentada diante dele na carruagem do comboio, parecia frágil. E Paul teve uma sensação fugaz, como se ela estivesse a deslizar para longe dele. Então, quis agarrá-la, prendê-la, quase acorrentá-la. Sentia que tinha de a segurar com as próprias mãos.

Aproximavam-se da cidade. Iam ambos à janela, procurando vislumbrar a catedral.

– Ali está ela, mãe! – gritou Paul.

Avistaram a grande catedral erguendo-se acima da planície.

– Ah! – exclamou ela. – Pois está!

Ele olhou para a mãe. Os seus olhos azuis observavam a catedral em silêncio. Novamente ela parecia para lá dele. Algo da serenidade eterna da elevada catedral, azul e nobre contra o céu, algo da sua fatalidade, estava nela reflectido. O que era, era! – mesmo com toda a sua juventude, ele não podia alterá-lo. Olhou o rosto dela: a pele era ainda fresca, cor-de-rosa e aveludada, mas notavam-se já alguns pés-de-galinha em torno dos olhos; as pálpebras eram firmes, afundando-se um pouco, e a boca sempre fechada, em desilusão; e havia nela o mesmo olhar eterno, como se, finalmente, conhecesse o destino.

E ele debatia-se contra o destino com todas as forças da sua alma.

– Veja, mãe, como se eleva sobre a cidade! E pensar que há ruas e ruas abaixo dela; parece maior que toda a cidade.

– Pois parece! – exclamou a mãe, voltando novamente à vida. Mas ele vira-a sentada, olhando fixamente pela janela para a catedral, de rosto e olhar parados, reflectindo a inexorabilidade da vida. E os pés-de-galinha em redor dos seus olhos e a boca tão duramente cerrada fizeram-no sentir que enlouquecia.

Fizeram uma refeição que ela considerou desnecessariamente extravagante.

– Não penses que eu gosto disto – disse, enquanto comia a costeleta. – Não gosto, não gosto mesmo nada! Só de pensar no teu dinheiro, assim desperdiçado!

– Não se preocupe com o meu dinheiro – respondeu ele. – Esquece-se de que sou um rapaz que leva a namorada a jantar fora?

Depois, comprou-lhe violetas azuis.

– Pára já com isso, menino! – ordenou ela. – Como é que eu vou fazer uma coisa dessas?

– Não tem de fazer nada! Fique quieta.

E, em plena High Street, Paul pregou as flores no casaco da mãe.

– Uma velha como eu! – protestou ela, aspirando o perfume.

– Bem vê – explicou ele –, quero que as pessoas pensem que somos terrivelmente finos. Portanto, a mãe tem de se apresentar à altura.

– Merecias que eu te desse um tabefe – disse ela.

– Vá lá... – ordenou ele –, pavoneie-se... como um pombo de cauda em leque.

Levaram uma hora a percorrer a rua. Mrs. Morel deteve-se primeiro junto ao Glory Hole, depois diante de Stone Bow, deteve-se em todo o lado, soltando exclamações. Um homem aproximou-se, tirou o chapéu e fez-lhe uma vénia:

– Permita-me que lhe mostre a cidade, minha senhora.

– Não, obrigada – respondeu ela. – Tenho o meu filho.

Nesse momento, Paul ficou furioso com ela por não ter respondido com mais dignidade.

– Tu deixas-te levar por ti mesmo – exclamou ela. – Ah, aquela é a Casa do Judeu! Lembras-te daquele sermão, Paul...

Ela mal podia subir a colina que conduzia à catedral, mas ele não notou. De repente, porém, foi dar com ela incapaz de falar. Conduziu-a a um pequeno bar, onde descansou.

– Não é nada! – disse a mãe. – O meu coração só está a ficar velhote; é de se esperar.

Paul não respondeu, mas olhou para ela. E novamente o seu coração foi esmagado por um aperto escaldante. Queria gritar, queria desfazer tudo, em fúria.

Retomaram o passeio, passo a passo, muito lentamente. E cada passo parecia um peso no peito de Paul. Sentia-se como se o seu coração fosse explodir. Finalmente, chegaram ao topo. Ela deteve-se encantada, olhando para o portão do castelo, admirando a fachada da Catedral. Tinha-se esquecido de si mesma.

– Isto é ainda melhor do que pensei que pudesse ser! – exclamou.

Mas ele odiava tudo. Por todo o lado a seguia, cismando. Sentaram-se juntos na Catedral. Assistiram a um curto serviço religioso no coro. Ela estava hesitante.

– Estará aberto para todos? – perguntou.

– É claro que está – respondeu ele. – Pensa que iam ter a lata de nos mandar embora?

– Bem – exclamou ela –, tenho a certeza de que teriam, se ouvissem a tua linguagem!

Durante o serviço, o seu rosto parecia resplandecer novamente de alegria e tranquilidade. E durante todo esse tempo, ele tinha vontade de se enraivecer, partir coisas e gritar.

Mais tarde, quando se debruçaram da muralha, admirando a cidade lá em baixo, Paul disse intempestivamente:

– Porque é que um homem não pode ter uma mãe jovem? Porque é que há-de ser sempre velha?

– Bem – disse ela, a rir – não me parece que tenha muita escolha.

– E porque não fui eu o filho mais velho? Ora veja... os filhos mais velhos dizem que os mais novos têm vantagem... mas veja bem, eles é que tiveram a mãe jovem. A mãe devia ter-me tido como seu filho mais velho.

– Não fui eu que escolhi – replicou ela. – Se pensares bem, és tão culpado como eu.

Ele voltou-se para ela, pálido, com o olhar irado.

– Porque é que a mãe é velha? – disse ele, enlouquecido pela sua impotência. Porque é que não pode andar? Porque é que não pode acompanhar-me a todos os lugares?

– Tempos houve – respondeu ela – em que eu era capaz de correr por essa colina acima melhor do que tu.

– E de que é que isso me vale, a mim? – gritou ele, golpeando a muralha com o punho. Depois, tornou-se lamuriento: – É uma pena que esteja doente, minha pequenina, é...

– Doente! – interrompeu ela. – Estou só a ficar velha, e tu tens de te conformar, é tudo. – Ficaram em silêncio. Mas não por muito tempo, e logo retomaram a boa disposição durante o chá. Enquanto estavam sentados na margem do Brayford, observando os barcos, Paul falou-lhe de Clara. A mãe fez inúmeras perguntas.

– E com quem vive ela?

– Com a mãe, em Bluebell Hill.

– E têm o suficiente para se manterem?

- Acho que não: penso que fazem rendas.
- Afinal que encantos lhe encontras tu, meu filho?
- Não sei se ela tem encantos, mãe. Mas é simpática. E parece correcta, sabe... Nada profunda, nem um pouco.
- Mas é bastante mais velha do que tu.
- Tem trinta, e eu vou fazer vinte e três.
- Mas não me disseste porque gostas dela.
- Porque não sei... será talvez o ar provocador que ela tem, uma espécie de revolta...

Mrs. Morel pensou um pouco. Teria ficado contente se o filho se apaixonasse por uma mulher que... ela não sabia bem o quê. Mas ele enervou-se, ficando subitamente furioso, e novamente melancólico. Ela só desejava que ele conhecesse uma rapariga agradável. Nem sabia o que desejava, mas deixou o assunto no ar. De certa forma, não era hostil à ideia de Clara.

Também Annie se ia casar. Leonard fora para longe trabalhar em Birmingham. Um fim-de-semana em que ele estava lá em casa, Mrs. Morel dissera-lhe:

- Não estás com boa cara, meu filho.
 - Não sei o que tenho – respondeu ele. – Sinto-me perdido, mãe.
- Chamava-a já de mãe, com o seu jeito infantil.
- Tens a certeza de que as instalações são boas? – perguntou ela.
 - Sim... sim. Só que... é um aborrecimento quando temos de tomar sozinhos o nosso próprio chá... sem ninguém para nos ralar, se o deitarmos para o pires e o bebermos daí. Não sei porquê mas tira o sabor ao chá.

Mrs. Morel riu-se.

- E então isso preocupa-te? – perguntou.
- Não sei... Quero casar – disse ele, de repente, torcendo os dedos e olhando para as botas. Houve uma pausa.
- Mas – exclamou ela – pensei que tinhas dito que querias esperar mais um ano.
- Pois foi, eu disse isso – respondeu ele, teimosamente.

Mrs. Morel considerou as palavras do filho por um momento.

- Sabes – continuou – a Annie é um pouco esbanjadora. Não amealhou mais de umas onze libras... e eu sei, meu filho, que tu não tens tido muita sorte.

Ele corou até às orelhas.

- Eu tenho vinte e três libras – respondeu.
- Com isso, não vão muito longe – disse Mrs. Morel.

Ele não respondeu, limitando-se a torcer os dedos.

– E tu sabes que eu não tenho nada... – continuou ela.

– Nem eu queria, mãe...! – gritou ele, muito vermelho, sofrendo e protestando.

– Não, meu filho, eu sei. Só tenho pena de não ter dinheiro. Tirando cinco libras para o casamento e preparativos... ficam vinte e nove libras... com isso não conseguem fazer grande coisa...

Ele continuou a torcer os dedos, impotente, obstinado, sem erguer os olhos.

– Mas queres mesmo casar? – perguntou ela. – Achas que deves?

Ele olhou-a de frente com os seus olhos azuis.

– Quero! – afirmou.

– Então – continuou ela – temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

Quando Leonard voltou a erguer o rosto, tinha lágrimas nos olhos.

– Não quero que a Annie passe dificuldades...! – disse ele, debatendo-se.

– Meu filho – disse ela – vocês namoram há muito tempo – tu tens um emprego decente. Se um homem tivesse precisado de mim, eu teria casado com ele mesmo sem dinheiro. Para ela pode ser um pouco difícil começar a vida humildemente. As raparigas muito novas são assim. Esperam ansiosas pelo belo lar que pensam que vão ter. Mas eu tinha mobílias caras! E isso não é tudo.

Assim, o casamento teve lugar quase de imediato. Arthur veio a casa, esplêndido no seu uniforme. Annie estava muito bonita num vestido cinza peito-de-rola que podia guardar para os domingos. Morel disse-lhe que era bem parva por se casar, e mostrou-se muito frio para com o genro. Mrs. Morel tinha plumas brancas no chapéu e mais algumas na blusa, e ambos os filhos a arreliaram por se embonecar tanto. Leonard estava alegre e cordial e sentia-se um tolo amedrontado. Paul não conseguia entender por que razão Annie queria casar-se. Sentia um grande carinho por ela, e ela por ele. Esperava, por isso, talvez um pouco melancolicamente, que tudo lhe corresse pelo melhor. Arthur estava surpreendentemente elegante no seu uniforme escarlate e amarelo e tinha plena consciência disso, mas sentia-se secretamente envergonhado por estar fardado. Annie debulhou-se em lágrimas na cozinha, ao despedir-se da mãe. Mrs. Morel chorou um pouco e, depois, afagou-lhe as costas, dizendo:

– Não chores, filha, ele vai ser bom para ti.

Morel bateu com os pés no chão violentamente, afirmando que ela era uma parva por se ter amarrado tão depressa. Leonard estava pálido e exausto. Mrs. Morel disse-lhe:

– Confio-ta, meu filho, e considero-te responsável por ela.

– Pode confiar em mim – assegurou ele, quase morto com tanta confusão. E estava tudo acabado.

Quando Morel e Arthur se recolheram, Paul sentou-se a conversar com a mãe, como

tantas vezes fazia.

– Não tem pena de ela se ter casado, pois não, mãe? – perguntou ele.

– Não tenho pena de ela ter casado... mas... é uma sensação estranha... vê-la partir para longe de mim. Até me parece impossível que ela prefira ir com o Leonard. Mas as mães são assim... eu sei que é tolice.

– E vai ficar triste por causa dela?

– Quando penso no dia do meu casamento – respondeu a mãe – só posso esperar que a vida dela seja diferente.

– Mas confia nele... para a tratar bem?

– Sim, sim! Há quem diga que ela podia ter arranjado melhor. Mas eu acho que, se um homem é genuíno, como é o Leonard, e uma rapariga gosta dele... então... está tudo bem... ele é tão bom quanto ela.

– Nesse caso, não se importa?

– Nunca deixaria uma filha minha casar com um homem que eu não sentisse ser completamente genuíno. E, no entanto, cá está este vazio, agora que ela se foi...

Sentiam-se ambos tristes e queriam-na de volta. Paul achava que a mãe parecia muito sozinha, na sua nova blusa de seda preta com guarnições brancas.

– De qualquer modo, mãe, eu nunca me casarei – afirmou ele.

– Ah, todos dizem o mesmo, meu filho. Ainda não encontraste a mulher ideal. Espera um ano ou dois, e vais ver.

– Mas eu não me caso, mãe... fico a viver consigo, e vamos ter uma criada.

– Ah, meu filho... falar é fácil. Veremos quando chegar a altura.

– Que altura? Eu tenho quase vinte e três anos.

– Sim... não és dos que se casam cedo. Mas daqui a três anos...

– Estarei consigo na mesma.

– Veremos, meu filho, veremos.

– Mas a mãe não quer que eu case?

– Não gostaria de pensar que vais continuar pela vida fora sem ninguém para tomar conta de ti e te fazer... não, não gostaria...

– Acha então que devo casar-me?

– Mais cedo ou mais tarde, todos os homens devem casar-se.

– Mas preferia que fosse mais tarde.

– Será difícil... muito difícil. É como o povo diz:

«Quem casa filho, perde um filho;
quem casa filha, ganha um filho.»

– E pensa que eu deixaria uma mulher afastar-me de si?

– Bem, não poderias pedir-lhe que casasse contigo e com a tua mãe – sorriu Mrs. Morel.

– Ela que fizesse o que quisesse... desde que não interferisse.

– Não o faria... até te ter apanhado... Mas depois verias...

– Então nunca vou ver. Nunca me casarei enquanto a tiver a si... Nunca.

– Mas eu não gostaria de te deixar sem ninguém, meu filho – disse Mrs. Morel, chorando.

– A mãe não vai deixar-me. A mãe tem... cinquenta e três anos! Dou-lhe até aos setenta e cinco. Ora aí tem, nessa altura, estou eu gordo e com quarenta e quatro anos, e então posso casar com uma mulher séria. A mãe vai ver...!

A mãe sentou-se, a rir.

– Vai deitar-te – disse ela –, vai deitar-te.

– E havemos de ter uma casa bem bonita, a mãe e eu, e uma criada, e tudo será perfeito. Talvez eu venha a ficar rico com a minha pintura.

– Já para a cama!

– E a mãe terá uma caleche puxada por um potro. Imagina-se... uma pequena Rainha Vitória por aí a trotar.

– Já te disse para ires para a cama – disse ela, a rir.

Ele beijou-a e saiu. Os seus planos para o futuro eram sempre os mesmos.

Mrs. Morel ficou a matutar sobre a filha, sobre Paul, sobre Arthur. Lamentava-se por ter perdido Annie. A família era muito unida, e ela sentia que agora tinha de viver, para estar com os filhos. A vida tinha-lhe dado tanta coisa. Paul amava-a e Arthur também. Arthur nunca soube o quanto a amava. Era uma criatura de momentos. Até agora, nunca tinha sido obrigado a compreender--se a si mesmo. O exército disciplinara o seu corpo, mas não a sua alma. Estava de perfeita saúde e era muito atraente. O seu cabelo negro e espesso assentava-lhe bem na cabeça pequena. Havia algo de infantil no seu nariz, algo quase feminino nos seus olhos azuis, muito escuros. Mas tinha a boca vermelha e cheia de um homem, sublinhando o bigode, e o queixo era vigoroso. A boca era do pai, e o nariz e os olhos da família da mãe, gente bonita, de fracos princípios. Mrs. Morel andava ansiosa, preocupada com o filho. Desde que assumisse realmente o uniforme, estava seguro. Mas até onde iria ele?

Na verdade, o exército não lhe tinha feito nenhum bem. Ressentia-se amargamente da autoridade dos oficiais subalternos. Detestava ter de obedecer, como se fosse um animal. Mas tinha o bom senso de não protestar. Por isso, concentrara toda a sua atenção na

tentativa de tirar o melhor partido da situação. Sabia cantar, era um companheiro alegre. Por vezes, envolvia-se em situações difíceis, mas eram as dificuldades próprias de um homem, facilmente perdoáveis. Assim, tirava disso o melhor partido, enquanto o seu autorespeito se ia recalando. Confiava na sua boa aparência e elegância, no seu requinte e boa educação, para conseguir quase tudo o que desejava, e não estava desiludido. No entanto, sentia-se inquieto. Algo parecia atormentá-lo por dentro. Nunca estava quieto, nunca estava sozinho. Com a mãe, mostrava-se bastante humilde. Admirava Paul, amava-o até, mas desprezava-o ligeiramente. E Paul, por sua vez, admirava e amava o irmão, mas desprezava-o ligeiramente.

Mrs. Morel recebera algumas libras da herança do pai, e decidiu comprar a saída do filho do exército. Ele não cabia em si de contente. Parecia um garoto em férias.

Sempre gostara de Beatrice Wyld e, durante a sua licença, reatou a velha amizade. Ela estava agora mais forte e de melhor saúde. Os dois davam frequentemente longos passeios, e Arthur levava-a pelo braço à boa maneira dos soldados, com alguma rigidez. Beatrice tocava piano enquanto ele cantava. Arthur desapertava, então, o colarinho da túnica, ia ficando cada vez mais corado, com o olhar brilhante, e cantava com uma voz máscula de tenor. Depois, sentavam-se juntos no sofá. Ele parecia exhibir o seu corpo, e ela mostrava-se bem consciente dele, do peito forte, dos flancos, das coxas cingidas nas calças justas.

Ele gostava de se resvalar para o dialecto quando conversava com ela. Por vezes, Beatrice acompanhava-o e fumava também um cigarro. Noutras ocasiões, tirava apenas umas passas do cigarro dele.

– Não – disse ele uma noite, quando ela lhe pediu o cigarro: – Nem penses. Se quiseres, dou-te um beijo com fumo.

– Quero uma passa, não quero beijo nenhum – respondeu ela.

– Então... é isso que vais ter – disse ele – juntamente com o beijo.

– Quero dar uma passa no teu cigarro – irritou-se ela, tentando tirar-lhe o cigarro dos lábios.

Arthur estava sentado com o ombro encostado ao dela. Ela era pequena e rápida como um raio. Só a custo ele conseguiu escapar-lhe.

– Dou-te um beijo de fumo – disse ele.

– És um descarado impertinente, Arty Morel – disse ela, recostando-se no sofá.

– Deixa-me dar-te um beijo de fumo!

O soldado inclinou-se, sorrindo. O seu rosto estava próximo do dela.

– Olha o disparate! – replicou ela, virando a cabeça.

Arthur aspirou uma longa fumaça, fechou a boca e pôs os lábios perto dela. O seu bigode escuro e bem aparado sobressaía como uma escova. Beatrice olhou para os lábios rubros, pregueados, e depois, subitamente, conseguiu arrancar-lhe o cigarro dos dedos e

fugiu para longe. Ele, correndo atrás dela, tirou-lhe a travessa que lhe prendia os cabelos. Ela voltou-se e atirou-lhe o cigarro. Ele apanhou-o, pô-lo na boca e sentou-se.

– Parvalhão! – gritou ela. – Dá-me a minha travessa!

Receava que o seu cabelo, especialmente penteado para ele, se desmanchasse, e conservou as mãos na cabeça. Ele escondeu a travessa entre os joelhos.

– Não a tenho – disse.

Com o riso, o cigarro tremia-lhe entre os lábios enquanto falava.

– Mentiroso! – acusou ela.

– Tão certo como eu estar aqui! – E riu-se, mostrando as mãos.

– Seu demónio desavergonhado! – exclamou ela, precipitando-se para ele, lutando para recuperar a travessa que ele tinha entre os joelhos. Enquanto Beatrice lutava com ele, puxando-lhe as coxas macias e apertadamente cingidas, Arthur riu-se até cair para trás no sofá, sacudido pelas gargalhadas. O cigarro caiu-lhe da boca e quase lhe queimou a garganta. Sob o delicado bronzeado, o sangue subiu à superfície, e ele riu até os seus olhos azuis ficarem cegos e a garganta inchada, quase sufocando. Depois, endireitou-se. Beatrice estava a colocar a travessa no lugar.

– Fizeste-me cócegas, Beat – disse ele, com a voz rouca.

Como um relâmpago, a mão dela, pequena e branca, voou e esbofeteou-lhe a face. Ele ergueu-se de um salto, com um olhar feroz. Entrelharam-se. Lentamente, um rubor subiu às faces dela; baixou os olhos, depois a cabeça. Ele sentou-se novamente, amuado. Ela entrou na cozinha para compor o cabelo. Aí, sozinha, verteu algumas lágrimas, não sabendo bem por que razão.

Quando regressou, estava recomposta. Mas era apenas uma capa sobre o seu fogo interior. Arthur, com a cabeleira revolta, continuava amuado no sofá. Beatrice sentou-se diante dele, no cadeirão, e nenhum dos dois falou. O relógio martelava no silêncio, com pancadas secas.

– És uma gatinha arisca, Beat – disse ele devagar, quase como um pedido de desculpas.

– Bem, e tu não devias ser tão atrevido – retorquiu ela.

Seguiu-se novamente um longo silêncio. Ele assobiava para si mesmo, como um homem muito agitado, mas provocador. Subitamente, ela atravessou a sala direita a ele e beijou-o.

– Então, dei ou não dei? – troçou ela.

Ele levantou o rosto para ela, sorrindo de forma singular.

– Dás-me outro? – convidou ele.

– Julgas que não me atrevo? – perguntou ela.

– Coragem! – desafiou-a ele, com a boca estendida na sua direcção.

Deliberadamente, e com um sorriso fremente que parecia espalhar-se a todo o corpo, ela

colocou a boca sobre a dele. Imediatamente, os braços de Arthur se fecharam em torno dela. Assim que o longo beijo acabou, ela afastou a cabeça, e meteu os dedos delicados no pescoço dele, por dentro do colarinho aberto. Depois, fechando os olhos, abandonou-se de novo num beijo.

Agia agora de livre vontade. O que desejava fazer, fizera-o e não responsabilizava ninguém.

Paul sentia a vida mudar à sua volta. As condições da juventude tinham desaparecido. Agora, a sua era uma casa de pessoas adultas. Annie era uma mulher casada, Arthur seguia o seu próprio prazer de um modo que a família ignorava. Durante muito tempo, tinham vivido em casa, saindo para passar o tempo. Mas agora, para Annie e Arthur, a vida desenrolava-se fora de casa da mãe. Só vinha a casa de férias ou para descansar. Por isso, pairava no ar aquela sensação estranha de vazio, como se os passarinhos tivessem levantado voo. Paul andava cada vez mais inquieto. Annie e Arthur haviam partido. Ele estava ansioso por lhes seguir o exemplo. No entanto, a casa era, para ele, ao lado de sua mãe. E, contudo, havia algo mais, algo cá fora, algo que ele desejava.

Andava cada vez mais desassossegado. Miriam não o satisfazia. O seu antigo desejo, quase loucura, de estar com ela, enfraquecera. Por vezes, encontrava Clara em Nottingham, por vezes acompanhava-a a reuniões, por vezes via-a em Willey Farm. Mas ultimamente a situação tornara-se constrangedora. Havia um triângulo de antagonismo entre Paul, Clara e Miriam. Com Clara, ele adoptava um tom vivo, mundano e trocista que era muito desagradável para Miriam. Não lhe importava o que acontecera antes. Ela podia ser íntima e estar triste com ele. Depois, assim que Clara aparecia, tudo desaparecia, e ele representava para a recém-chegada.

Miriam disfrutara de uma bela noite na companhia de Paul, sentados no feno. Ele estivera ocupado na cavaliçada e, quando acabou, veio ajudá-la a colocar o feno em pequenos molhes. Depois, falou-lhe das suas esperanças e desesperos, e toda a sua alma parecia estar ali, desnuda diante dela. Ela sentiu-se como se visse nele a própria essência trémula da vida. A Lua despontou; regressaram juntos a casa; parecia que ele a procurara porque precisava desesperadamente dela, e ela escutou-o, deu-lhe todo o seu amor e confiança. A Miriam parecia que ele lhe trouxera o melhor que havia em si para guardar, e que ela o guardaria enquanto vivesse. Não, o céu não cuidaria das estrelas melhor e mais eternamente do que ela guardaria o que de bom havia na alma de Paul Morel. Entrou em casa sozinha, sentindo-se exaltada, satisfeita com a sua confiança.

E depois, no dia seguinte, Clara chegou. Estava combinado tomarem o chá no campo de feno. Miriam viu a tarde vestir-se de dourado e depois de sombras. Durante todo esse tempo, Paul brincava com Clara. Fazia montes de feno cada vez maiores sobre os quais saltavam. Miriam não se interessava pelo jogo e manteve-se afastada. Edgar, Geoffrey, Maurice, Clara e Paul não paravam de saltar. Paul venceu, pois era muito leve. O sangue de Clara estava inflamado. Ela corria como uma amazona. Paul adorava a forma determinada como ela se precipitava para o monte de feno e saltava, aterrando do outro lado, com os seios sacudidos e o cabelo espesso em desalinho.

– Tocaste! – gritou ele. – Tocaste!

– Não toquei nada! – dardejou ela, voltando-se para Edgar. – Não toquei, pois não? Não achas que passei bem?

– Não sei. – E Edgar riu-se.

Nenhum deles sabia dizer.

– Mas tu tocaste – insistiu Paul. – E perdeste.

– Não toquei! – gritou ela.

– Tão claro como água – teimou Paul.

– Dá-lhe um puxão de orelhas por mim – gritou ela a Edgar.

– Não – disse Edgar a rir –, não me atrevo. Tens de ser tu a fazê-lo.

– Nada vai alterar o facto de teres tocado – insistiu Paul, trocista.

Ela estava furiosa. O seu pequeno triunfo diante de homens e rapazes desvanecera-se. Ela esquecera-se de si durante o jogo. Agora, ele queria humilhá-la.

– Acho que és desprezível! – disse-lhe ela.

Ele riu novamente, de um modo que torturou Miriam.

– Eu já sabia que não conseguias saltar aquele monte – provocou Paul.

Clara voltou-lhe as costas. Contudo, todos podiam ver que a única pessoa que ela escutava, ou da qual estava consciente, era ele, e ele dela. Agradava aos homens assistir a esta batalha entre eles. Mas Miriam torturava-se.

Via agora que Paul podia escolher o inferior em vez do superior. Ele conseguia ser infiel a si próprio, infiel ao verdadeiro e profundo Paul Morel. Havia o perigo de ele se tornar frívolo, de correr atrás das suas satisfações como qualquer Arthur, ou como o seu próprio pai. Pensar que ele pudesse desperdiçar a sua alma em troca desta irreverente relação de trivialidade com Clara era algo que atormentava Miriam. Caminhava amargurada e em silêncio, enquanto os outros dois brigavam entre si e Paul se divertia.

Mais tarde, embora se recusasse a admiti-lo, Paul sentiu-se envergonhado de si mesmo e prostrou-se diante de Miriam. Então, de novo se revoltou.

– Não é religioso ser-se religioso – disse. – Considero que um corvo é religioso quando cruza os céus. Mas só o faz porque se sente levado para onde vai, não porque pense que está a ser eterno.

Mas Miriam sabia que uma pessoa podia ser religiosa em tudo, ter Deus, fosse Ele quem fosse, presente em tudo.

– Não acredito que Deus saiba assim tanto sobre Si mesmo – bradou Paul. – Deus não sabe as coisas, Ele é as coisas... E estou certo de que não é sentimental.

A ela parecia-lhe que Paul tentava pôr Deus do seu lado, porque queria que as coisas fossem à sua maneira e desejava apenas o seu prazer. Travou-se uma longa batalha entre ambos. Ele era-lhe absolutamente infiel até mesmo na sua presença; depois ficava

envergonhado, arrependido, para logo em seguida a odiar e fugir novamente. Essa era a situação eternamente repetida.

Ela irritava-o até ao mais fundo da sua alma. Depois, ali ficava, triste, pensativa, em adoração. E ele fazia-a sofrer. Metade do tempo, ele sofria por ela, metade do tempo, odiava-a. Ela era a sua consciência, e ele sentia que, de algum modo, tinha uma consciência que era de mais para si. Não podia deixá-la, porque, de certa forma, ela detinha em seu poder o melhor que havia nele. Não podia ficar com ela, porque ela não recebia tudo o resto, o que vinha por acréscimo, e eram três quartos. Por isso, desgastava-se em crueldade para com ela.

Quando ela fez vinte e um anos, ele escreveu-lhe uma carta que apenas podia ter sido escrita para ela.

«Será que devo escrever-te uma carta de aniversário? Parece um pouco pernicioso fazê-lo deliberadamente, não achas? Porque é certo que vou ser presunçoso e sentencioso.» Seguiu-se então uma boa dose de presunção:

«A minha última carta preparava-te, não é verdade, para as alegrias da idade que se aproximava. Não te sentes como uma herdeira ao tomar posse da sua herança? É que agora, tornas-te publicamente dona de ti mesma. Querias mais?... Impossível!»

Paul começava a sentir o sentimento de culpa a torturá-lo. Parecia despedaçado por dentro, como se não pudesse manter-se de pé, mas devesse esforçar-se por não cair.

«Deixa-me falar do nosso velho e desgastado amor, pela última vez. Também ele está a mudar, não te parece? É como se o corpo desse amor tivesse morrido, deixando-te a sua alma invulnerável! Sabes, eu posso dar-te um amor espiritual, como sempre fiz durante estes longos, longos anos; mas não uma paixão encarniçada. Sabes, tu és uma freira. Eu dei-te aquilo que teria dado a uma freira sagrada... como um monge místico dá a uma freira mística; certamente que o estimas mais. No entanto, lamentas... não, lamentaste, melhor dizendo... o outro. Em todas as nossas relações, não entra o corpo. Não estou a falar-te através dos sentidos... mas através do espírito. É por isso que não somos capazes de amar no sentido comum. Muitas vezes, quando me dirijo a ti, não te olho de frente, porque, vê se entendes, eu não falo para os teus olhos, embora eles sejam escuros e belos, não falo para os teus ouvidos, ocultos sob uma delicada mecha de cabelo sedoso... mas para o teu íntimo, para lá de tudo isso. E assim continuarei a fazer a vida inteira, se o destino não intervier. Estás a ver? Compreendes agora porque só te beijo debaixo do azevinho. Entendes? E eu, será que entendo? Será talvez melhor, pensarás tu. Eu acho que sou demasiado educado, demasiado civilizado. Acho que muita gente o é.

«Tu ocupas um lugar na minha natureza que ninguém mais poderia preencher. Tu tens desempenhado um papel fundamental no meu desenvolvimento. E esta dor, que tem sido como uma nuvem ensombrando as nossas almas, não se começa ela a dissipar? A nossa não é uma afeição banal. E, no entanto, somos mortais, e viver lado a lado um com o outro seria terrível, pois, de algum modo, contigo não posso já ser trivial e, sabes, estar sempre para além deste estado mortal seria perdê-lo. Se as pessoas casam, devem viver juntas como seres humanos afectuosos que podem ser banais um com o outro sem se sentirem

estranhos... não como duas almas. É assim que penso.

«Talvez me case nos próximos anos. Terá de ser uma mulher a quem possa beijar e abraçar, a quem possa fazer mãe dos meus filhos, com quem possa falar divertidamente, trivialmente, sinceramente, mas nunca com esta terrível seriedade. Vê como o destino dispôs as coisas. Tu... tu podes casar com um homem que não se derrame como fogo diante de ti. Pergunto-me se entendes... pergunto-me se eu próprio me entendo. Mas tu sabes que estas coisas me perturbam, e agora eis um final para a nossa conversa sobre este assunto. Perdoa-me por tudo o que disse – não é natural, eu sei – e queima esta carta, e não penses nela nem me faças pensar nela, e Deus nos ajude a suportar o fardo de nós próprios.

«Gostarias de um Manual de Ética? Acho que gostarias, sim, e podemos falar disso e aprender... oh, sim. E tu ficarás mais culta, não é? Como vês, a nossa intimidade teria sido completamente bela, se não fosse um pequeníssimo erro.

«Agora tens vinte e um anos. Estou tão feliz por seres uma mulher independente. És tão forte quanto eu, não és? Sim, ainda mais forte. Oh, se temos de viver, temos de ser sensatos, e não nos podemos permitir ir longe de mais. Devemos ser triviais e procurar a beleza e não a dor, pois de outro modo ficamos numa situação difícil. Vá lá, nem uma palavra sobre os lugares sensíveis, por enquanto.

«Oh, como estaremos alegres na tua festa, no sábado! Eu, agora, não sinto nem um pouco de tristeza dentro do meu coração.

«Será que devo enviar-te esta carta? Duvido. Mas, afinal... é melhor, para que possas compreender. Adeus...»

Miriam leu a carta duas vezes, fechando-a em seguida. Um ano mais tarde, quebrou o selo para a mostrar à sua mãe.

«Tu és uma freira... tu és uma freira» – as palavras penetravam-lhe no coração uma e outra vez. Nada do que ele alguma vez dissera a penetrara tão profunda e firmemente, como se de uma ferida mortal se tratasse.

Ela respondeu-lhe dois dias depois da festa. «A nossa intimidade teria sido completamente bela, se não fosse um pequeníssimo erro», citou. «Terá esse erro sido meu?»

Quase de imediato, ele respondeu-lhe de Nottingham, enviando-lhe ao mesmo tempo um pequeno Omar Khayyam.

«Vais encontrar muita coisa entre as finas capas deste pequeno livro, mas a lição a retirar é que devemos beber o vinho tinto da vida e deixá-lo embriagar-nos por um instante. Foi essa a razão por que o comprei. Também quero levar-te The Blessed Damosel, para passar um serão contigo e com Rossetti.

«Se o pequeno erro foi teu, perguntas tu. Bem, ninguém erra sozinho! A tua quota-parte do erro foi gloriosa, digna da imortalidade. Mas a minha foi um reconhecimento indomável do barro do vaso... frágil... rígido... confinador. E eu, alternadamente, amei e odiei a matéria mundana de mim mesmo. Quando a amava, era cruel para ti, quando a

odiava, era cruel para mim, e para tudo o mais. Não tenho eu a faculdade de ser muito cruel?

«Se, na festa dos teus anos, eu estava ainda algo tempestuoso, foi porque reconheci no teu sol de quarta-feira o brilho lavado do teu longo dia de chuva de terça-feira. Eu não me sento e travo a descoberto as minhas batalhas, como tu fazes. Eu sacudo o inimigo pela garganta e grito-lhe que ele é um vilão e um cão. Com isso, ordeno-lhe que vá para longe de mim e, por um momento, fico em liberdade. Depois, digo a mim mesmo que se tratava de um pobre coitado e rio. Pouco depois, mergulho novamente nas trevas, ao descobrir que ele não se foi nem tão-pouco está morto... E, quando tudo isto se torna insuportável, travo com ele nova luta feroz. Através destas batalhas violentas venço, ou não venço. Sem triunfos, sem Waterloos. Assim, não sofro tão intensamente, e fico menos estável. Afinal de contas, é uma brincadeira, esta coisa de “nós”, não é?

«Estou feliz por teres respondido... És tão calma e natural que me envergonhas. Que oco que eu sou! Tenho de jogar duro... Tu não entendes como eu posso dançar em redor dos meus inimigos, invectivando-os e espiando-os, lançando mão de tudo o que me aparece no caminho, travando contendas ocasionais. Se eu me fechasse a tudo e mantivesse a dor apertada no peito, como tu fazes, morreria de exaustão. Nisso, as nossas naturezas são radicalmente opostas.

«Por isso, estamos tantas vezes em desacordo. Mas, no fundamental, estaremos sempre juntos, penso eu.

«Tenho de agradecer-te pela tua simpatia para com a minha pintura e os meus desenhos. Muitos dos esboços são dedicados a ti. Espero ansiosamente as tuas críticas, que, para minha vergonha e glória, são sempre grandes apreciações. Que deliciosa brincadeira que isso é.

«Adeus. Agora tenho de saldar uma maldita conta. Espero que queimes estas cartas. É minha regra queimá-las todas... pois nenhuma me dá prazer a não ser pela lembrança do prazer a que se referem, e muitas estão cheias de lágrimas secretas das quais devo fugir...»

Este foi o fim da primeira fase dos amores de Paul Morel. Estava agora com vinte e três anos e, embora virgem, o instinto sexual que Miriam refinara nele durante tanto tempo estava agora cada vez mais fortalecido. Muitas vezes, quando falava com Clara Dawes, sentia o sangue engrossar e alvoroçar-se, aquela concentração peculiar no peito, como se algo estivesse vivo lá dentro, um novo ser ou um novo centro de consciência, avisando-o de que, mais cedo ou mais tarde, teria de decidir-se por uma mulher ou por outra. Mas ele pertencia a Miriam. Disso ela estava absolutamente segura, de que ele lhe concedia esse direito.

X

CLARA

COM VINTE E TRÊS anos, Paul mandou uma paisagem sua para a Exposição de Inverno de Newcastle. Miss Jordan tinha-se interessado muito por ele e convidara-o para ir a sua casa, onde conheceu outros artistas. Paul começava a ter ambições.

Uma manhã, estava ele a lavar-se na copa, quando chegou o carteiro. Paul ouviu a mãe numa gritaria desenfreada. Correu para a cozinha e viu-a de pé diante da lareira, a agitar uma carta, como louca, e a gritar «Vivas!». Ficou chocado e assustado.

– Oh, mãe! – exclamou.

A mãe correu para ele e atirou-se-lhe ao pescoço, enquanto agitava a carta, gritando:

– Parabéns, meu filho... Eu sabia que havíamos de vencer!

Paul estava cheio de medo daquela mulher pequenina e bem-comportada, já de cabelos grisalhos, que de repente desatara naquele chinfrim. Até o carteiro voltou para trás a correr, pensando que tinha acontecido alguma desgraça. Viram-lhe o cocuruto do boné por detrás da cortina. Mrs. Morel precipitou-se para a porta.

– O quadro dele ganhou o primeiro prémio, Fred, e foi vendido por vinte guinéus!

– Ena pá! G'ande acontecimento! – disse o carteiro, um rapaz novo, que ela conhecia desde pequeno.

– Quem o comprou foi o major Moreton – acrescentou Mrs. Morel.

– Isso vale muito, olá se vale, Mrs. Morel – disse o carteiro, de olhos azuis a luzir. Não cabia em si de contente por ter sido o portador de tão boas notícias. Mrs. Morel voltou para dentro e sentou-se. Tremia dos pés à cabeça. Paul só tinha medo de que ela tivesse lido mal a carta e sofresse uma desilusão. Releu-a uma, duas vezes, e convenceu-se de que era mesmo verdade. Então, sentou-se, com o coração a pulsar forte, de alegria.

– Oh, mãe! – exclamou.

– Eu não te disse que havíamos de vencer? – disse ela, disfarçando as lágrimas.

Paul tirou a chaleira do lume e escaldou o chá.

– A mãe não imaginava que... – começou ele, hesitante.

– Não, meu filho... assim tanto não... mas esperava bastante.

– Mas tanto não – disse ele.

– Não... isso não... mas sabia que íamos vencer.

E logo recuperou a compostura, pelo menos aparentemente. Ele estava sentado, de camisa aberta, deixando-lhe a descoberto um pescoço quase feminino, de toalha na mão e cabelo em pé.

– Vinte guinéus, mãe! Exactamente o que a mãe precisava para resgatar o Arthur. Agora já não precisa de pedir emprestado. É mesmo à conta.

– Nem pensar nisso, não te vou ficar com o dinheiro todo! – disse ela.

– Ora essa, porquê?

– Porque não devo.

– Bem... então a mãe fica com onze libras... e eu com nove.

Continuaram a discutir a divisão dos vinte guinéus. Ela só queria as cinco libras de que precisava. Ele não concordava de maneira nenhuma. E, assim, a discussão serviu para descarregarem a tensão.

Morel, quando à noite chegou da mina, disse, mal entrou:

– Ouvi dizer qu’o quadro do Paul ganhou o primeiro prémio e foi vindido a Lorde Henry Bentley por cinquenta libras.

– As histórias que as pessoas contam! – exclamou Mrs. Morel.

– Ah! – disse ele. – Eu bem sabia qu’era mentira. Mas impingiram-me que tu é que tinhas contado à Fred Hodgkisson.

– Como se eu lhe fosse dizer uma coisa dessas!

– Ah! – aquiesceu o mineiro.

Via-se que estava desapontado.

– Lá que ganhou o primeiro prémio... isso é verdade – disse Mrs. Morel.

O mineiro deixou-se cair pesadamente na cadeira.

– Conseguiu! – exclamou o mineiro.

Estava perplexo, de olhar pregado algures, no outro lado da sala.

– Mas, quanto às cinquenta libras, que disparate! – E Mrs. Morel calou-se por um instante. – Enfim... o major Moreton comprou-o por vinte guinéus...

– Vinte guinéus! Num pode ser! – exclamou Morel.

– Pois foi, e bem os merece.

– Tá bem! – disse ele. – Num duvido... Mas vinte guinéus por uma pintura qualquer qu’ele fez numa ou duas horas...! – Depois calou-se, cheio de respeito pelo filho. Mrs. Morel fungou ligeiramente, como se isso não fosse nada de importante.

– E quand’é qu’ele põe as mãos na massa? – perguntou o mineiro.

– Isso não sei... quando o quadro for entregue, suponho.

Fez-se silêncio. Morel olhava para o açucareiro em vez de comer, com o braço enfarruscado e a mão desfigurada pelo trabalho apoiados em cima da mesa. A mulher fingiu não ver quando ele limpou os olhos com as costas da mão, com a cara toda esborratada do pó da mina.

– Pois é, e o outro também havia de ter feito o mesmo, se num o tivessem matado – disse ele, em voz baixa.

A lembrança de William retalhou Mrs. Morel como uma lâmina gelada, deixando-a fatigada e a precisar de se ir deitar.

Paul foi convidado para jantar em casa de Mr. Jordan. Ao chegar a casa, disse:

– Mãe, preciso de um smoking.

– Sim, já calculava – disse ela. Estava contente. Fez uma pausa. – Tens o do William – prosseguiu. – Sei que custou quatro libras e dez xelins, e ele só o vestiu três vezes...

– E a mãe gostava que eu o usasse? – perguntou Paul.

– Com certeza. Acho que te deve servir... pelo menos o casaco. As calças têm de ser subidas.

Paul foi para o quarto e vestiu o casaco e o colete. Quando desceu estava bastante bizarro, com o colarinho e o peitilho de flanela e o casaco e colete de cerimónia. Estava-lhe tudo muito largo.

– O alfaiate aperta-te isso – disse a mãe, alisando-lhe o casaco no ombro. – O tecido é muito bonito. Nunca tive coragem para deixar o teu pai usar as calças e bem contente estou agora de o ter feito.

Enquanto passava a mão nas bandas de seda do casaco, pensou no filho mais velho. Mas este outro filho estava bem vivo dentro do fato, e ela passou-lhe a mão nas costas para o sentir. Estava vivo e era dela. O outro estava morto.

Paul foi a vários jantares com o smoking que tinha sido de William. De cada vez que isso acontecia, o coração da mãe exultava de orgulho e alegria. O filho estava lançado na vida. Os botões que ela e os irmãos tinham comprado para William trazia-os ele no peitilho, aplicados numa das camisas de cerimónia de William. Paul tinha uma bela figura. As suas feições eram algo rudes, mas era simpático e muito amável. Não seria propriamente um cavalheiro, mas via-se que estava ali um homem genuíno.

Paul contava à mãe tudo o que se passava, tudo o que se dizia. Era como se ela lá tivesse estado. E ele estava morto por lhe apresentar os novos amigos com quem ia jantar às sete e meia.

– Ir contigo? – disse ela. – Para que hão-de querer eles conhecer-me?

– Mas querem! – exclamou, indignado. – Se querem conhecer-me, como dizem, então querem conhecê-la a si também... porque a mãe é tão inteligente como eu.

– Ir contigo, meu filho... – E riu-se.

Mas começou a poupar mais as mãos. Também as dela estavam muito calejadas do trabalho. A pele estava lustrosa da água quente e os nós dos dedos inchados. Mas começou a ter o cuidado de não as meter em lixívia. Tinha saudades das suas mãos de outros tempos, pequenas e delicadas. E quando Annie começou a insistir com ela para usar blusas mais requintadas, de acordo com a sua idade, ela fez-lhe a vontade. Permitiu até que lhe

pussem um laço preto de veludo no cabelo. Depois, deu uma fungadela sarcástica, mas sabia que lhe ficava bem. Parecia uma senhora da sociedade, afirmava Paul, tão fina como Mrs. Moreton, e muito, muito mais bonita. A família estava a subir na escala social. Só Morel continuava na mesma, ou melhor, piorava lentamente.

Paul e a mãe discutiam longamente sobre a essência da vida. A religião ia desaparecendo da vida de Paul. Tinha-se desembaraçado de todas as crenças que o pudessem aperrear, fizera uma limpeza geral, e chegara mais ou menos ao âmago da fé, ou seja, que cada um deve procurar o bem e o mal dentro de si mesmo, e ir, com paciência, construindo a sua própria ideia de Deus. E, a partir dessa altura, passou a interessar-se mais pela vida.

– Sabe – disse ele à mãe –, não quero pertencer a uma burguesia abastada. Prefiro o povo. Eu sou do povo.

– Mas se fosse outra pessoa a dizê-lo, meu filho, ias ficar furioso. Tu sabes que te consideras igual a qualquer grande senhor.

– No íntimo, talvez – respondeu ele. – Não na classe ou na educação, ou nas maneiras. Mas no íntimo, isso sim.

– Muito bem... Então para quê falar no povo?

– Porque... a diferença entre as pessoas não está nas classes sociais, mas nelas mesmas... Só que às classes médias vão-se buscar as ideias, e ao povo... a própria vida, o calor humano. No povo sentem-se vibrar o ódio e o amor...

– Isso é tudo muito bonito, meu filho... mas então porque não vais conversar com os amigos do teu pai?

– Esses são muito diferentes.

– Não concordo. São gente do povo. Afinal, com que pessoas do povo é que te dás agora? Com as que gostam de trocar ideias, falar das mesmas coisas que a burguesia. As outras não te interessam.

– Mas... há a vida...

– Não creio que a Miriam te dê mais vida do que qualquer rapariga culta... Miss Moreton, por exemplo. Tu é que tens preconceitos de classe, estás a ficar um snob.

A mãe desejava francamente que o filho ascendesse à burguesia, o que ela sabia não ser difícil. E desejava vê-lo, no fim, casado com uma senhora da sociedade.

Empenhava-se agora em combater no filho a sua incessante inquietação. Ele ainda mantinha a ligação com Miriam, não conseguindo nem acabar com tudo nem assumir o compromisso em definitivo, e a indecisão parecia consumir-lhe as energias. Além disso, a mãe pressentia nele uma inclinação inconsciente para Clara, e sendo ela uma mulher casada, Mrs. Morel só desejava que o filho se apaixonasse por alguém em situação menos complicada. Mas Paul, estupidamente, recusava-se a amar, ou sequer a admirar uma rapariga só pelo facto de ela pertencer a uma classe mais elevada.

– Meu filho – disse-lhe a mãe –, nem toda a tua inteligência, nem todo o teu desprezo pelas tradições antigas, nem essa mania de fazeres só o que queres, parecem trazer-te grande felicidade.

– E o que é a felicidade? – exclamou ele. – Para mim não existe! Como é que eu posso ser feliz?

Esta pergunta tão directa perturbou-a.

– Isso só tu podes saber, meu filho. Mas, se pudesses encontrar uma mulher decente que te fizesse feliz... quando te bastava querereres... terias mais sossego para trabalhar... seria muito melhor para ti.

Paul franziu o sobrolho. A mãe pusera o dedo em cheio na ferida chamada Miriam. Ele afastou os cabelos da testa, com o olhar incendiado de dor.

– Isso é fácil de dizer, mãe – gritou. – Isso é a cartilha de todas as mulheres... paz de espírito e conforto físico. Para mim, isso não vale nada.

– Ah, não? – retorquiu a mãe. – Se calhar achas que o teu desencanto é divino, não?

– Acho... Lá da divindade não quero saber. Mas diabos levem a sua felicidade! Desde que se tenha uma vida cheia, não interessa se é ou não de felicidade. Receio que a sua felicidade me enchesse de tédio.

– Tu nem sequer tentas – disse a mãe. E, de repente, toda a dor que sentia por ele explodiu. – E isso é importante! – gritou ela. – Tinhas obrigação de ser feliz, tinhas obrigação de tentar ser feliz, de viver feliz. Como é que eu ia ficar, sabendo que eras infeliz?

– A sua vida foi suficientemente má, Mater, mas não a deixou muito pior do que os que foram mais felizes. Julgo que se saiu até muito bem. Comigo passa-se o mesmo. Não acha que me estou a sair bem?

– Não, meu filho, não estás. Batalhar... batalhar... e sofrer... é tudo o que fazes, pelo que eu vejo...

– E porque não, querida mãe? É o melhor que há a fazer...

– Não, não é! As pessoas têm obrigação de ser felizes!

Mrs. Morel tremia dos pés à cabeça. Discussões destas repetiam-se sempre que a mãe parecia querer lutar pela vida do filho, opondo-se à sua vontade de morrer. Paul abraçou-a. Ela estava doente, metia dó.

– Deixe lá, mãezinha! – murmurou Paul. – Desde que a vida não nos pareça mesquinha e miserável, o resto não importa... que seja feliz ou infeliz.

Ela apertou-o contra o peito.

– Mas eu quero que sejas feliz – disse, pateticamente.

– Oh, mãezinha adorada... diga antes que quer que eu viva.

Mrs. Morel sentiu o coração morrer por ele. Sabia que, por este andar, ele não duraria

muito. O seu desleixo pungente, a propensão para o sofrimento, a vida que levava, eram tudo formas lentas de suicídio. Dilacerava-se-lhe o coração só de pensar. Odiava Miriam com toda a força da sua determinação por tão subtilmente ter minado a alegria de Paul. Não lhe interessava que não o fizesse por mal. Fazia-o, e ela odiava-a.

Queria tanto que o filho se apaixonasse por uma rapariga à sua altura – educada e forte. Mas ele não olhava para ninguém que considerasse superior. Parecia gostar de Mrs. Dawes. Pelo menos esse sentimento era genuíno. A mãe não se cansava de rezar por ele, para que não se perdesse. Era tudo o que pedia: não pela sua alma ou pela rectidão do seu carácter, mas para que não se perdesse. E, enquanto ele dormia, passava horas a fio a pensar nele e a rezar por ele.

Paul afastou-se de Miriam imperceptivelmente, sem o saber. Arthur só saiu do exército para se casar. O bebé nasceu seis meses após o casamento. Mrs. Morel arranhou-lhe um novo emprego na mesma firma onde trabalhara antes, a ganhar vinte e um xelins por semana. Com a ajuda da mãe de Beatrice, mobilou-lhe uma casinha de dois quartos. Agora estava definitivamente apanhado. Não importava barafustar e espernear, estava bem preso. Andou mal-humorado durante algum tempo, mostrando-se insuportável com a mulher que o amava; não ligava quando o bebé, que era franzino, chorava ou dava preocupações. Fazia à mãe queixas intermináveis, mas ela limitava-se a dizer: «Bem, meu filho, o responsável és tu, tens de aprender a tirar partido da situação.» E, finalmente, ganhou juízo. Agarrou-se ao trabalho, assumiu as suas responsabilidades, compreendeu que pertencia à mulher e ao filho e aprendeu a tirar o melhor partido da situação. Nunca se tinha sentido muito ligado à família, e agora afastava-se de vez.

Os meses iam passando devagar. Através de Clara, Paul tinha-se mais ou menos relacionado com os socialistas, as sufragistas e os sindicalistas de Nottingham. Um dia, uma amiga dele e de Clara, que morava em Bestwood, pediu-lhe que levasse um recado a Mrs. Dawes. Ao fim da tarde, Paul foi até Bluebell Hill, metendo por Sneinton Market, e lá conseguiu encontrar a casa numa ruela empedrada a granito e com passeios de tijolo azul-escuro, rugoso. Um degrau separava a porta da tosca calçada, servindo também para as pessoas limparem os pés e baterem com as botas para sacudirem a lama. A pintura castanha da porta estava tão deteriorada que se via a madeira por baixo da tinta a descascar. Paul ficou na rua, e bateu à porta. Soaram passos pesados e, por cima da sua cabeça, surgiu uma mulher alentada, por volta dos sessenta anos. Ele olhou para ela do passeio. A mulher tinha uma expressão severa.

Mandou-o entrar para a sala, que dava directamente para a rua. Era um quartinho pequeno, abafado e tétrico, com móveis de mogno e descomunais retratos a carvão de gente já falecida. Mrs. Radford saiu da sala com o seu passo imponente, quase marcial. Clara entrou logo a seguir e, ao vê-lo, corou até às orelhas, o que o deixou atrapalhado. Era como se não lhe agradasse que ele a tivesse vindo encontrar no seu ambiente doméstico.

– Parecia-me impossível ser a tua voz – disse ela.

Mas agora, perdido por cem, perdido por mil... e levou-o do mausoléu directamente para a cozinha.

A cozinha era também escura e acanhada, mas encontrava-se atafalhada de rendas brancas. A mãe tinha ido sentar-se de novo junto ao aparador, às voltas com uma emaranhada teia de renda. À sua direita, um monte solto de linha de algodão; à esquerda, tufos e mais tufos de espiguiha de renda; e, à sua frente, sobre o tapete da lareira, a tal teia emaranhada. Os fios encaracolados, puxados do emaranhado de rendas, espalhavam-se por cima do guarda-fogo e pela chaminé. Paul não se atrevia a dar um passo, não fosse tropeçar nos rolos de linha branca.

Em cima da mesa estava uma dobadoura. Havia ainda um maço de cartões castanhos e quadrados para enrolar a renda, uma caixinha de alfinetes e, em cima do sofá, um outro monte de renda.

Havia rendas por todo o lado, e a cozinha era tão escura e quente que fazia sobressair ainda mais a nuvem branca, rendada.

– Já que cá tá, num repare d’eu continuar a trabalhar – disse Mrs. Radford. – Sei que tá tudo atravancado, mas faça o favor de s’assentar.

Clara, muito atrapalhada, encostou à parede uma cadeira, para ele se sentar, em frente aos novelos de brancura, e sentou-se ela no sofá, envergonhada.

– Quer beber uma cerveja preta? – perguntou Mrs. Radford.

– Clara, vai buscar-lhe uma cerveja.

Paul protestou, mas Mrs. Radford insistiu.

– Tá cum ar de quem precisa – disse ela. – Nunca anda com melhores cores do qu’isso?

– É da minha pele, é muito grossa e não deixa ver o sangue à transparência – respondeu ele.

Clara, envergonhada e aborrecida, trouxe-lhe uma garrafa de cerveja e um copo. Paul deitou o líquido preto no copo.

– Bem – disse ele, erguendo o copo –, à nossa!

– Agradecida – disse Mrs. Radford.

Paul bebeu um gole.

– E pode fumar à vontade, desde que num deite fogo à casa – acrescentou Mrs. Radford.

– Obrigado – respondeu Paul.

– Num precisa de m’agradecer – disse ela. – Até vou gostar de sentir o cheirinho do tabaco aqui em casa outra vez. Uma casa só de mulheres é tão triste com’uma casa sem lareira, acho eu. Num sou de querer o meu canto só pra mim. Inté gosto de ver um home a andar por aí... se ele for alguma coisa que se veja.

Clara começou a trabalhar. A dobadoura rodava, chiando mansamente, e a renda branca saltava-lhe por entre os dedos para o cartão. Quando o cartão ficou cheio, ela partiu a espiguiha e, com um alfinete, prendeu a ponta à renda já enrolada. Depois, meteu novo cartão na dobadoura. Paul observava-a. Estava sentada com as costas muito direitas,

magnífica. Tinha o pescoço e os braços desnudados. O sangue aflorava-lhe à face, por baixo da orelha, e mantinha a cabeça baixa, de vergonha e humilhação. Os olhos estavam pregados no trabalho. Os seus braços eram de um tom mate e pujantes de vida, comparados com a renda branca. As suas mãos, grandes e bem tratadas, trabalhavam em movimentos cadenciados, como se nada pudesse apressá-las. Ele, sem se aperceber, não tirava os olhos dela. Era a linha do seu pescoço, prolongando-se desde o ombro, quando ela se curvava; era o seu cabelo castanho-escuro; era o movimento dos seus braços resplandecentes.

– A Clara falou-me de si – continuou a mãe. – Trabalha na Jordan, não é? – E continuou a fazer renda sem parar.

– É, sim.

– Inda m'alembra de quando o Thomas Jordan costumava pedir-me caramelos.

– Ah, sim? – disse Paul, sorrindo. – E ele merecia-os?

– Umhas vezes sim, outras não... sobretudo para o fim. Ele é dos que levam tudo e num dão nada, isso é qu'ele é... ou, pelo menos, costumava ser.

– Eu acho-o uma pessoa muito decente.

– Bom... folgo em saber.

Mrs. Radford olhava Paul sem pestanejar. Havia nela uma determinação que lhe agradava. A cara estava flácida, mas os olhos eram calmos, e havia nela um vigor que refutava a velhice, fazendo as rugas e as peles parecerem um mero anacronismo. Tinha a força e o sangue-frio de uma mulher na pujança da vida. Continuou a fazer renda com movimentos lentos e muita dignidade. A fofa teia amontoava-se-lhe inevitavelmente no avental, tombando depois pouco a pouco para o chão, ao seu lado. Os braços eram bem torneados, mas luzidios e amarelados, de marfim velho, e não tinham aquele tom mate que tornava, a seu ver, tão fascinantes os de Clara.

– Anda atão c'a Miriam Leivers? – perguntou a mãe de Clara.

– Bem... – disse ele.

– É boa rapariga – prosseguiu Mrs. Radford. – Boa rapariga, mas um bocado fedúncia cá prò meu gosto.

– Sim, talvez... – concordou Paul.

– Só fica satisfeita quando tiver asas pra poder voar por cima da cabeça de toda a gente – disse ela.

Clara interrompeu-os, e Paul deu-lhe o recado que o levava lá. Ela falava com ele com humildade, vendo-se surpreendida no seu antro de miséria. Ao vê-la assim, humilde, era como se ele a esperasse, ansioso.

– Gostas de dobar? – perguntou Paul.

– O que é que uma mulher há-de fazer? – respondeu ela amargamente.

– É cansativo?

– Mais ou menos. E não o é todo o trabalho feminino? Essa é outra das partidas que os homens nos pregaram, desde que conquistámos o nosso lugar no mundo do trabalho.

– Atão... num fales mal dos homes – disse a mãe. – S’as mulheres num fossem umas parvas, os homes num eram tão maus, é o qu’eu digo... Olha que nenhum home me tratou mal que não levasse o troco... Mas que são uns danados, lá isso são, num adianta negar.

– Mas boas pessoas, não concorda? – perguntou Paul.

– Bem... são um bocado diferentes das mulheres – disse ela.

– Gostavas de voltar para a Jordan? – perguntou ele a Clara.

– Acho que não – respondeu ela.

– Gostava, pois! – exclamou a mãe. – Ficava toda contente se voltasse. Num lhe ligue. Ela é toda cheia de nove horas, mas qualquer dia inda vai morrer de fome.

Clara passava vergonhas com a mãe. Até Paul sentia os olhos abrirem-se-lhe de espanto. Será que não devia mesmo ligar aos remoques de Clara? Ela trabalhava com afinco. E ele sentiu um arrepio de prazer só de pensar que ela podia precisar da sua ajuda. Parecia tão carente e privada de tanta coisa. O seu braço, que não fora feito para se amarrar a um mecanismo, movia-se mecanicamente; e a cabeça, que não fora feita para andar curvada, curvava-se sobre a renda. Parecia presa à dobadoura, entre os desperdícios de uma vida. Era muito duro para ela ver-se dispensada pela vida, como se já não tivesse préstimo. Não admira que protestasse tanto.

Clara acompanhou-o à porta. Ele ficou parado na ruela miserável, a olhar para ela. Era tão soberba na figura e no porte que fazia lembrar Juno destronada. De pé, na soleira da porta, fechava os olhos à rua e à miséria que a rodeava.

– Vais a Hucknall com Mrs. Hodgkinson?

Paul dizia coisas sem sentido, de olhos postos nela. Os olhos cinzentos de Clara encontraram finalmente os seus. Estavam mudos de humilhação, contritos, com uma espécie de submissão de escrava. Ele ficou surpreendido, sem saber o que fazer. Sempre a tinha imaginado altiva e poderosa.

Quando dali saiu, só lhe apetecia fugir. Dirigiu-se para a estação, como um sonâmbulo, e chegou a casa sem consciência de já não estar na rua dela.

Estava convencido de que Susan, a supervisora da Espiral, se ia casar, e no dia seguinte perguntou-lho.

– Diz-me uma coisa, Susan, ouvi dizer que te vais casar. É verdade?

Susan corou.

– Quem te disse? – perguntou ela.

– Ninguém. Apenas ouvi dizer que estavas a pensar...

– Lá isso estou... Mas não precisas de contar a ninguém. E, ainda por cima, quem me

dera não estar...!

– Julgas que eu acredito nisso, Susan?

– Pois podes acreditar. Antes queria mil vezes ficar como estou.

Paul estava chocado.

– Porquê, Susan?

A rapariga estava ruborizada e fulminava-o com o olhar.

– Porque sim!

– E tens mesmo de casar?

Em resposta, ela limitou-se a olhar para ele. Paul tinha uma candura e uma gentileza que faziam as mulheres confiar nele. Compreendeu o que ela queria dizer.

– Ah, desculpa – disse ele. Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Mas verás que tudo vai correr bem. Tenta ver as coisas pelo lado melhor – disse ele, melancólico.

– Nem posso fazer outra coisa.

– Podes sim, podes dar cabo da tua vida. Esforça-te por seres feliz.

Paul arranjou novo pretexto para ir a casa de Clara.

– Gostavas de voltar para a Jordan? – disse ele.

Ela pousou o trabalho, apoiou os braços belíssimos em cima da mesa e fitou-o sem responder. Pouco a pouco, um rubor subiu-lhe às faces.

– Porquê? – perguntou.

Paul sentiu-se constrangido.

– Bem... É que a Susan está a pensar em ir-se embora. Clara continuou a dobar. A espiguiha branca pulava e saltava para o cartão. Ele aguardou. Sem levantar a cabeça, ela disse por fim, numa voz desusadamente baixa:

– Falaste com alguém sobre o assunto?

– Nem uma palavra... Só contigo.

Seguiu-se novo e longo silêncio.

– Quando puserem o anúncio, concorro – disse ela.

– Tens de concorrer antes. Eu digo-te quando.

Ela continuou a fazer girar a dobadeira e não o contrariou.

Clara voltou para a Jordan. Algumas das funcionárias mais antigas, entre elas Fanny, lembravam-se dela de outros tempos e não guardavam boas memórias. Clara sempre fora muito altiva, uma mulher reservada e superior. Nunca se misturava com as colegas e sempre que tinha oportunidade de as criticar, fazia-o com frieza e extrema delicadeza, o

que as fazia sentirem-se mais insultadas do que agastadas. Para com Fanny, a pobre corcunda hipersensível, Clara fora sempre extremamente amável e gentil, o que fazia Fanny chorar ainda mais do que as línguas grosseiras das outras supervisoras.

Havia em Clara algo que desagradava a Paul e muita coisa que o excitava. Quando estava perto dela, não se cansava de lhe olhar para a garganta possante ou para a nuca coberta de caracóis loiros e fartos. O seu rosto e os seus braços eram aflorados por uma penugem quase invisível, de que uma vez se apercebera e em que não podia deixar de reparar.

Quando estava no trabalho, e se punha a pintar durante a tarde, ela vinha colocar-se ao seu lado muito quieta e ele sentia a sua presença, embora ela não lhe falasse nem lhe tocasse. Apesar de relativamente afastada, era como se estivesse encostado a ela e sentisse o seu calor. A partir daí, já não conseguia pintar mais. Pousava os pincéis e virava-se para trás, para conversar com ela.

Umaz vezes ela elogiava-lhe o trabalho, outras mostrava-se crítica e desagradável.

– Ali pareces-me muito afectado – dizia ela, e ele, reconhecendo que havia alguma verdade na crítica, sentia o sangue borbulhar de raiva.

Ou então:

– Que te parece? – perguntava ele entusiasmado.

– Hum! – dizia ela em dúvida. – Não me agrada muito.

– Porque não compreendes – replicava ele.

– Então para que me pediste a opinião?

– Porque pensava que compreendias.

E ela encolhia os ombros, mostrando desprezo. Ela enlouquecia-o, deixava-o furioso, e ele em resposta insultava-a e passava a uma explicação apaixonada da sua obra, o que muito a divertia e estimulava. Porém, nunca reconhecia que estava errada.

Nestes dez anos em que tinha pertencido ao movimento feminista, tinha adquirido alguma cultura. E, partilhando alguma da paixão de Miriam por se instruir, tinha aprendido sozinha francês e já conseguia ler alguma coisa, embora a custo. Considerava-se uma mulher diferente das outras e, sobretudo, diferente das da sua classe. As raparigas da Espiral eram todas de boas famílias. Tratava-se de um trabalho restrito e especializado, que conferia uma certa distinção. Sentia-se uma certa finura nas salas de trabalho. Mas Clara considerava-se também muito acima das colegas. Todavia, não confidenciava nada disto a Paul. Não era de se dar a conhecer. Mantinha-se envolvida num certo mistério e era tão reservada que ele começou a pensar se ela não teria algo a esconder. A sua vida era um livro aberto à superfície, mas o seu verdadeiro significado estava escondido de toda a gente. E isso excitava-o. Por vezes, apanhava-a a olhar para ele à socapa com um olhar sombrio, quase furtivo e inquiridor, que o deixava inquieto. Os seus olhos encontravam-se muitas vezes, mas nessas alturas os olhos dela estavam, por assim dizer, velados, nada mostrando, e ela apenas sorria para ele docemente. Paul achava-a extraordinariamente

provocante, devido aos conhecimentos que parecia possuir e à experiência com que ele não podia rivalizar.

Um dia, encontrou as Lettres de mon moulin em cima da mesa dela.

– Com que então a ler francês! – exclamou.

Clara virou os olhos para ele relutante. Estava a fazer uma meia elástica de seda, em tom rosado, fazendo girar a máquina compassadamente, curvando-se de vez em quando para vigiar o trabalho ou para ajustar as agulhas. Nesses momentos, o seu pescoço magnífico, coberto de penugem e finos caracóis, brilhava em toda a sua brancura, em contraste com a sua tez de lavanda, lustrosa como seda. A máquina deu mais algumas voltas e parou.

– Disseste alguma coisa? – perguntou ela, com um sorriso doce.

Os olhos de Paul brilharam perante a insolência e a indiferença com que ela o tratou.

– Não sabia que lias francês – disse ele, com toda a delicadeza.

– Ah não? – retorquiu ela, com um sorriso vago, carregado de sarcasmo.

– Convencida dum raio! – disse ele, mas não suficientemente alto para que ela ouvisse.

Crispou os lábios e ficou a vê-la. Ela parecia desdenhar do trabalho que mecanicamente produzia. No entanto, a meia que fazia era tão perfeita quanto possível.

– Tu não gostas de trabalhar na Espiral – disse ele.

– Trabalho é trabalho – respondeu ela como se soubesse tudo sobre o assunto. Paul estava perplexo com tanta frieza. Ele tinha de fazer tudo com empolgação. Ela tinha de ser uma pessoa muito especial.

– Há alguma outra coisa que gostasses mais de fazer? – perguntou ele.

Ela riu, com indulgência, e disse:

– É tão pouco provável que eu venha a poder escolher que nunca perdi tempo a pensar nisso.

– Pff! – fez ele, vendo chegada a sua vez de mostrar desprezo. – Só dizes isso porque és orgulhosa de mais para queres o que não podes ter.

– Estou a ver que me conheces muito bem – respondeu ela friamente.

– Sei que sentes o teu prestígio abalado e que é para ti um insulto permanente teres de trabalhar numa fábrica. – Paul mostrava-se muito zangado e agressivo. Ela limitou-se a afastar-se, com desdém, e ele foi-se embora a assobiar, lançou um piropo a Hilda e ficou a rir e a conversar com ela.

Mais tarde pensou para consigo:

«Porque será que fui tão insolente com a Clara?» Estava aborrecido com o que fizera, mas ao mesmo tempo contente.

«É bem feito... Aquele orgulho dela já cheira mal», pensou ele, agastado.

– Durante vários dias evitou-a. Mas, por fim, teve de ir lá abaixo falar com ela sobre uma encomenda. Apesar da fúria e constrangimento que sentia, a sua expressão era alegre e bem-disposta como sempre.

– Trazes uma flor ao peito – disse-lhe ele. – Julguei que era contra as tuas regras.

– Eu não tenho regras – ripostou ela, levantando suavemente a corola de uma rosa vermelha já muito pisada.

– Não, claro. Mas tens preferências. Seja como for, penso que não é teu hábito usares ao peito flores moribundas, já decapitadas.

Clara deixou cair a rosa com um movimento brusco.

– É uma flor que encontrei na rua.

– Destroços de alguma alma perdida – disse ele. – Se eu fosse a ti, falava com ela... O túmulo e a rosa... Conheces o poema?

– Não – disse ela.

– Pensei que fosses perita em francês – disse ele, trocista. Ela ruborizou-se. Ia dizer uma insolência, mas ele não a deixou.

– Podias aprendê-lo de cor – disse, escarninho – e depois podíamos declamá-lo. Eu era a rosa e tu o túmulo.

– Acho que devias ir aprender boas maneiras – disse ela.

– E vou, quando isso me servir para alguma coisa. – Paul começava a perder a cabeça. – Não quero todas as virtudes só para mim... Além disso, o túmulo assentava-te mesmo bem. Toda a gente gostaria de deitar uma olhadela ao esqueleto.

Desta vez, ele tinha perdido definitivamente a cabeça, ido longe de mais.

– Desculpa – disse ele, dominando-se.

Ela afastou-se, friamente, e ele correu pela escada acima.

– O Paul leva fogo no rabo – disseram as outras raparigas.

De tarde, voltou a descer. Sentia um peso no coração de que queria libertar-se. Pensou fazê-lo oferecendo-lhe chocolates.

– Queres um? – perguntou, solícito. – Comprei uma mão-cheia, para ficar mais doce.

Para seu grande alívio, ela aceitou. Paul sentou-se na mesa de trabalho, ao lado da máquina e pôs-se a enrolar um pedacinho de seda à volta do dedo. Ela gostava dos seus movimentos rápidos e inesperados, de animal jovem. Os pés dele balançavam enquanto pensava. Os bombons estavam espalhados em cima da mesa. Ela continuava curvada sobre a máquina, a coser ritmadamente, baixando-se a certa altura, para verificar a meia que ia saindo por baixo, esticada por um peso. Paul admirou então a curvatura atraente das suas costas e as fitas do avental encaracolando-se ao tocarem o chão.

– Há sempre em ti uma certa expectativa – disse ele. – Faça o que fizeres, nunca

pareces estar lá, pareces sempre à espera... como Penélope. – Paul não resistiu a esta ponta de malícia. – Vou passar a chamar-te Penélope.

– Que diferença faz? – disse ela, retirando cuidadosamente uma das agulhas.

– Nenhuma, desde que te agrade... Sim, pareces esquecer que eu sou o teu patrão. Também só agora é que eu reparei.

– O que queres tu dizer com isso? – perguntou ela, com frieza.

– Quero dizer que tenho o direito de mandar em ti.

– Queres queixar-te de alguma coisa?

– Não precisas de ser malcriada – disse ele, zangado.

– Não percebo onde queres chegar – disse ela, e continuou a trabalhar.

– Quero que me trates delicadamente e com respeito.

– Se calhar, queres que eu te trate por senhor! – respondeu ela, serena.

– Isso mesmo. Trata-me por senhor. Acho que vou gostar.

– Então faça favor de voltar para cima, senhor Morel.

Ele fechou a boca e a testa franziu-se-lhe. De súbito, deu um salto em direcção a ela e disse:

– Tu não prestas para nada, sabes? – E foi ter com as outras raparigas.

Paul sentia que estava mais zangado do que devia. Pensou até se não estaria a exagerar. Mas, se estava, tanto melhor. Clara ouviu-o rir com aquele riso que ela detestava, metendo-se com as raparigas da sala ao lado.

Ao fim da tarde, quando passou pela secção depois das raparigas se terem ido embora, viu os seus bombons intactos ao lado da máquina de Clara. Deixou-os ficar. Na manhã seguinte ainda lá estavam e Clara voltara ao trabalho. Mais tarde, Minnie, uma moreninha a quem tratavam por Bichana, chamou-o.

– Então, não há um chocolate para a gente?

– Desculpa, Bichana – disse ele. – Pensei em oferecer-te um, mas depois esqueci-me deles.

– Também acho que te esqueceste – respondeu ela.

– Logo à tarde trago-te outros. Não vais querer estes que ficaram aí esquecidos, pois não?

– Eu cá não sou esquisita – disse ela, a sorrir.

– Nem pensar nisso – disse. – Estão cheios de pó.

Paul acercou-se da mesa de Clara.

– Desculpa ter deixado isto aqui espalhado – disse.

Ela corou até à raiz dos cabelos, e ele apanhou os bombons todos.

– Agora estão sujos – disse ele. – Devias tê-los levado. Não sei porque não levaste. Fazia tenção de te dizer que eram para ti.

Atirou-os para o pátio pela janela. Depois, olhou para ela de soslaio e ela desviou os olhos.

À tarde, Paul comprou outro pacote.

– Tira alguns – disse, oferecendo-os a Clara em primeiro lugar. – Estão fresquinhos.

Ela aceitou um e pô-lo em cima da mesa.

– Tira mais para dar sorte – disse ele.

Ela tirou mais dois e pô-los ao lado do outro. Depois, concentrou-se no trabalho e ele afastou-se.

– Aqui tens, Bichana – disse ele. – Não sejas comilona!

– O quê, são todos para ela? – gritaram as outras, precipitando-se.

– Claro que não – disse ele. As raparigas faziam grande alarido à volta dele. Minnie afastou-se.

– Saiam daí! – gritou ela. – Posso ser eu a primeira a tirar, não posso, Paul?

– Tratem-nos bem – disse ele indo-se embora.

– És um amor – gritaram as raparigas.

– Eu depois mando a conta – respondeu ele.

Paul passou por Clara sem dizer nada. Para ela, era como se os três bombons a queimassem, se lhes tocasse. Foi preciso muita coragem para os meter no bolso do avental.

As raparigas adoravam-no e, ao mesmo tempo, temiam-no. Ele, quando queria, era um amor, mas quando se ofendia tornava-se distante e tratava-as como se não existissem ou não passassem de uns reles carrinhos de linhas. E, se elas lhe respondiam, dizia-lhes simplesmente: «Façam favor de continuar a trabalhar.» E ficava a vigiá-las.

No dia do seu vigésimo terceiro aniversário, a casa andava num rebuliço. Arthur ultimava os preparativos para o casamento, a mãe não andava nada bem, e o pai, cada vez mais velho e coxo devido a vários acidentes, tinha sido remetido para um trabalho inferior. Miriam era a eterna voz da censura. Paul sentia que era sua obrigação comprometer-se, mas não era capaz. Além disso, a família precisava da sua ajuda. Não sabia para que lado se havia de virar. Era o dia dos seus anos, mas não se sentia alegre. Estava até bastante azedo.

Chegou ao trabalho às oito da manhã. A maior parte dos colegas ainda não tinham chegado e as raparigas só pegavam às oito e meia. Quando estava a trocar de casaco, ouviu uma vozinha atrás de si.

– Paul, Paul, preciso de ti.

Era Fanny, a corcunda, que estava ao cimo das escadas, exuberante e misteriosa. Paul olhou-a, perplexo.

– Preciso de ti – disse ela. Ele não entendia.

– Vem cá – disse ela insinuante. – Vem, antes de começares as cartas.

Paul desceu os seis degraus até à sala de acabamentos, pequena e lúgubre. Fanny ia à frente dele: o seu corpete preto era tão curto que terminava logo abaixo dos sovacos; e a saia verde-escura de caxemira parecia demasiado comprida quando ela caminhava com grandes passadas à frente do jovem, elegante e gracioso. Fanny foi para o seu lugar na parte mais estreita da sala, onde uma janela se abria sobre uma paisagem de chaminés. Paul reparou nas mãos esguias e nos pulsos vermelhos e achatados enquanto ela torcia nervosamente o avental branco estendido na mesa à sua frente. Ela hesitava.

– Se calhar pensavas que nos esquecíamos de ti – disse, em tom de censura.

– Porquê? – perguntou ele. Ele próprio se tinha esquecido do aniversário.

– Porquê, diz ele!... Porquê! Ora vê! – E apontou para o calendário. Ele viu então à volta do dia 21 centenas de cruzinhas feitas a lápis de carvão.

– Olha, beijinhos pelo meu aniversário – disse ele, rindo. – Como é que descobriste?

– Querias saber não querias... – disse Fanny, brincalhona e manifestamente satisfeita. – Há uma cruzinha de cada pessoa... excepto de Sua Excelência, a Dona Clara... e duas de algumas de nós. Mas não te vou dizer quantas são as minhas.

– Já sei que és uma lamechas – disse Paul.

– Aí é que tu te enganas – exclamou ela, indignada. – Nunca chegaria a esse ponto. – A voz dela era forte, de contralto.

– Finges que tens o coração duro – disse ele, a rir – mas sabes que és tão sentimental como...

– Antes quero que me chames sentimental do que carne congelada – repontou Fanny. Paul sabia que ela se estava a referir a Clara, e sorriu.

– Também dizes essas coisas horríveis a meu respeito? – perguntou, trocista.

– Não, meu pequenino – respondeu a corcunda, derretendo-se em ternura. Tinha agora trinta e nove anos. – Não, meu pequenino, porque tu não te achas importante como uma estátua de mármore e nós apenas lixo. Eu sou tão boa como tu, não sou, Paul? – A pergunta pareceu deliciá-la.

– Essa agora, ninguém é melhor do que ninguém, não achas? – retorquiu ele.

– Mas eu sou tão boa como tu, não sou, Paul? – insistiu ela, em ar de desafio.

– Claro que és. E se vamos pela bondade, ainda és melhor.

Ela estava com medo do evoluir da situação. Receava ter um dos seus ataques de

histerismo.

– Fiz os possíveis para chegar antes das outras... Elas vão dizer que fui muito sabida!... Fecha os olhos...

– E abre a boca, e olha o que Deus te manda – completou ele, juntando o gesto à palavra, à espera de um bombom. Ouviu o farfalhar do avental e um leve tinido metálico.

– Vou abrir os olhos.

E abriu os olhos. Fanny, com o rosto comprido afogueado, e os olhos azuis a cintilar, olhava para ele enlevada. Na mesa, diante dele, estava um monte de tubos de tinta. Paul empalideceu.

– Não, Fanny – disse ele de chofre.

– É de todas nós – respondeu ela, ainda mais depressa.

– Mas é que...

– São dos que tu gastas? – perguntou ela, balançando-se deleitada.

– Meu Deus!... São os melhores do catálogo...

– Mas são dos que gastas...? – exclamou ela.

– Estão na lista que eu fiz, para comprar quando a sorte me batesse à porta. – E mordeu o lábio, emocionado.

Fanny estava comovida. Tinha de mudar de assunto.

– Estavam todas em pulgas para colaborar, todas elas contribuíram; todas excepto a Rainha do Sabá.

A Rainha do Sabá era Clara.

– Ela não quis participar? – perguntou Paul.

– Não lhe demos essa oportunidade... Não lhe dissemos nada... Não a queríamos a pôr e a dispor. Não quisemos que ela participasse.

Paul fartou-se de rir. Estava emocionado. Tinha de voltar para cima. Ela estava muito perto dele. Subitamente, Fanny lançou-lhe os braços à volta do pescoço e beijou-o com convicção.

– Hoje posso dar-te um beijo – disse ela, desculpando-se. – Estavas tão pálido que me doeu o coração.

Paul retribuiu o beijo e saiu. Os braços dela eram tão tragicamente magros que também a ele lhe doeu o coração.

Nesse dia, encontrou Clara quando desceu a escada para ir lavar as mãos, antes de almoço.

– Então hoje almoçaste cá! – exclamou ele. Ela raramente o fazia.

– É verdade... E parece que comi uma prótese ortopédica. Tenho de ir apanhar um

pouco de ar, senão vou sentir-me o dia todo como se tivesse comido borracha.

Clara ficou à espera. Ele captou de imediato as suas intenções.

– Vais a algum lado em especial? – perguntou Paul.

Foram juntos até ao castelo. Na rua, ela vestia-se com grande simplicidade, quase com mau gosto. Em casa, parecia sempre melhor. Caminhava ao lado de Paul com passo hesitante, de cabeça baixa e meio de esguelha. Assim, modestamente vestida e macambúzia, não estava de facto no seu melhor. Paul mal reconhecia os traços fortes que pareciam conferir-lhe tanta pujança. Agora parecia quase insignificante, apagando a imponência com a postura, ao furtar-se aos olhares de quem passava.

O parque do castelo estava viçoso e verde. Enquanto subiam a íngreme ladeira, Paul ria e tagarelava, mas ela mantinha-se calada, como se estivesse pensativa. Mal tinham tempo para entrarem no edifício quadrado e atarracado que coroava o cabeço rochoso. Debruçaram-se da muralha onde a vertente descia a pique até ao parque. Lá em baixo, nos buracos escavados na rocha arenosa, os pombos pavoneavam-se e arrulhavam docemente. Mais abaixo, na alameda que se abria no sopé, árvores minúsculas erguiam-se nos seus próprios círculos de sombra, e gente minúscula corria apressada, remetida a uma quase total insignificância.

– Parece que os podemos apanhar como girinos, às mãos-cheias – disse ele.

Ela riu-se e respondeu:

– Tens razão... Não é preciso afastarmo-nos muito para ver as pessoas reduzidas às suas verdadeiras proporções. As árvores parecem muito mais importantes.

– Só no tamanho – disse ele.

Ela deu uma gargalhada cínica.

Para lá da alameda avistavam-se as finas linhas metálicas dos carris, ladeadas a todo o comprimento por minúsculas pilhas de lenha, ao lado das quais se azafamavam fumarentas locomotivas de brinquedo. Mais além, estendia-se a faixa prateada do canal, serpenteando por entre montículos negros. E, mais longe ainda, o casario, muito denso nas zonas ribeirinhas, assemelhava-se a canteiros de ervas negras, ora em longas tiras, ora condensado em tufos, estendendo-se a perder de vista, interrompido aqui e além por plantas mais altas, até onde o rio se perdia num hieróglifo cintilante no horizonte. Os altos penhascos do outro lado do rio pareciam irrisórios. A vastidão dos campos, sombreada de árvores e com lampejos fugazes do dourado das searas, espriava-se até à cortina de névoa, onde os montes se erguiam azuis no céu cinzento.

– É reconfortante – disse Mrs. Dawes – pensar que a cidade não passa destes limites, que é apenas uma ínfima chaga na paisagem.

– Uma ínfima cicatriz – contrapôs Paul.

Um arrepio sacudiu-a. Detestava a cidade. O seu rosto impassível, pálido e hostil, olhando sem emoção os campos que lhe estavam interditos, fazia lembrar a Paul os amargurados anjos do remorso.

– Mas as cidades não me chocam – disse ele. – São apenas soluções transitórias. Não passam de um espaço grosseiro e tosco por nós engendrado, até chegarmos à sua forma ideal. As cidades vão ficar ótimas.

– Optimismo não te falta! – disse ela, com um sorriso sarcástico.

– Talvez. Mas eu não odeio a cidade. É um esforço desajeitado, nada mais. Ainda não aprendemos a conviver com ela.

– E será que queremos mesmo aprender? – retorquiu Clara.

– És sempre assim? – perguntou ele. – Abominando a carne que te cobre os ossos e as palavras que te saem da boca?

– Só o que contraria a natureza – respondeu ela. – O que é natural é belo.

– E o que é que não é natural?

– Tudo o que é feito pelo homem – disse ela. – Incluindo o próprio homem.

– O homem foi feito pelas mulheres – replicou ele. – A propósito, o Dawes era natural?

Ela corou intensamente, desviando os olhos.

– É melhor não falarmos nisso agora.

– Como queiras... Mas, a mim, ele parece-me natural até de mais: muito próximo da besta original.

– Os animais também se estragam.

– Certíssimo. Onde ele estava bem era no lugar que lhe compete. O que nós estamos é confusos: sete milhões de estádios, do chimpanzé até mim, e depois até aos poetas e aos Cristos. O Dawes é perfeito para a Hilda.

– Vejo que ainda não aprendeste a respeitar os sentimentos das outras pessoas – disse ela, com frieza. Ele riu-se.

– Ralhas comigo... – disse ele, e prosseguiu: – Mas isso que importa! Continuo a pensar da mesma maneira... se falo é porque me interessa. E neste momento estamos os dois «Tão alto, acima do mundo, como querubins no céu profundo»... e, meu Deus, se aquele homem fosse o Dawes, aquela coisinha insignificante lá em baixo... não seria normal achá-lo pequeno de mais para ser discutido?

A santa ignorância com que ele invadia a sua vida privada desarmava-lhe a raiva. Ela sorriu-lhe, interiormente. Paul era um rapaz interessante, mas muito imaturo!

– Daqui a pouco, vejo-me obrigada a chamar-te enfant terrible – disse ela, com um sorriso. Tentava confundi-lo com as palavras.

– Dá-me o nome que quiseres – retorquiu ele. – «Uma rosa teria o mesmo perfume... etc... etc.»

Os pombos, nas bolsas rochosas abertas entre os arbustos suspensos dos penhascos, arrulhavam satisfeitos. Para a esquerda, a imponente igreja de Santa Maria erguia-se para

os céus, fazendo companhia ao castelo, sobranceira ao amontoado sórdido da cidade. Mrs. Dawes rasgou um sorriso ao deixar os olhos espriarem-se pelo campo.

– Já me sinto melhor.

– Muito obrigado – disse ele. – Grande elogio!

– Vai dar uma volta! – foi a resposta trocista.

– Hum!... Isso é o que se chama dar com uma mão e tirar com a outra... sem tirar nem pôr – disse ele.

Ela riu, divertida.

– Mas afinal o que é que tu tinhas? – perguntou Paul. – Sei que andavas com alguma fígada, mas, pela tua cara, não consigo adivinhar o quê.

– Acho que não te vou dizer.

– Está bem... que te faça bom proveito – respondeu ele.

Ela corou e mordeu o lábio.

– Não – disse ela. – Foram as raparigas.

– O que é que te fizeram? – perguntou Paul.

– Há uma semana que andam a planear qualquer coisa, e hoje então nem se fala. Todas, sem exceção, me andam a fazer pirraça com um segredo.

– Ah, sim? – disse ele, interessado.

– Eu não ligava – prosseguiu ela, com a voz zangada, esganiçada – se elas não andassem sempre a atirar-me à cara com o tal segredo.

– São mesmo coisas de mulheres – opinou ele.

– É detestável a maneira como me gozam – disse ela, sentida.

Paul mantinha-se em silêncio. Sabia bem por que razão as raparigas andavam a gozar com ela, e tinha pena de ser ele o causador da desavença.

– Elas que guardem os segredos que quiserem – continuou Clara. – Mas podiam evitar vangloriar-se à minha frente e fazerem-me sentir completamente de fora. É... quase insuportável.

Paul ficou pensativo durante alguns minutos. Estava muito perturbado.

– Eu conto-te o que se passa – disse ele, por fim, pálido e nervoso. – É que hoje faço anos, e elas, as raparigas todas, ofereceram-me uma magnífica coleção de tintas. Têm ciúmes de ti... percebes...

Paul sentiu-a retrair-se gelidamente ao ouvir a palavra ciúmes.

– ... Só porque te trago um livro de vez em quando – acrescentou, falando devagar. – Como vês... é uma ninharia. Agora, não te aborreças por causa disso, está bem?... Porque... – e riu-se nervosamente – ... bem... que diriam elas se nos vissem agora aqui,

apesar da vitória que alcançaram?

Desagradava-lhe profundamente esta alusão canhestra à actual intimidade que os unia. Era quase uma insolência da parte dele. No entanto, ele estava tão calado, que ela lhe perdoou, embora a custo.

As mãos deles apoiavam-se no áspero parapeito de pedra da muralha do castelo. Paul herdara da mãe a elegância de linhas, o que lhe dava umas mãos pequenas e vigorosas. As de Clara era grandes, a condizer com o comprimento dos braços, mas muito brancas e possantes. Paul via-a retratada nelas. «Ela quer que alguém lhe pegue nas mãos... por mais desprezo que mostre por nós», pensava ele. E, ali, apenas via as suas duas mãos, tão quentes e cheias de vida, que pareciam viver só para ela. De repente, Paul ficou muito pensativo, olhando o campo com o olhar sombrio. A interessante variedade de formas desaparecera da paisagem. Tudo o que restava era uma matriz vasta e escura, de tristeza e tragédia, estendendo-se por igual a todas as casas e às várzeas, às pessoas e aos pássaros: apenas os contornos eram diferentes. E agora que as formas pareciam ter-se dissolvido na distância, ficava a massa informe de que toda a paisagem era feita, uma massa escura de luta e sofrimento. A fábrica, as raparigas, a mãe, a igreja imponente elevada aos céus, o aglomerado urbano, tudo se fundia num só espaço compacto, negro, melancólico e sofredor, até ao mais ínfimo alento.

– São as duas horas a bater? – disse Mrs. Dawes surpreendida.

Paul estremeceu e tudo desabrochou de novo em formas e contornos, ganhando a sua individualidade, o dom do esquecimento e a alegria.

Apressaram-se a voltar ao trabalho.

Estava ele atarefadíssimo a despachar as encomendas da tarde, inspeccionando as peças chegadas da secção de Fanny, acabadinhas de engomar e ainda a cheirarem a ferro, quando o carteiro chegou.

– Mr. Paul Morel – disse ele, a sorrir, entregando um embrulho a Paul. – Letra de dama! Não deixe que as raparigas topem.

O carteiro, também ele um «ai-Jesus» das raparigas, gostava de se meter com Paul por causa delas.

O embrulho era um livro de versos, com um bilhete que dizia: «Permite-me que te ofereça esta lembrança e assim me sintas menos isolada. Com votos de muitas felicidades. C. D.» Paul corou intensamente.

– Meu Deus... Mrs. Dawes! Ela não tem dinheiro para isto. Meu Deus... mas do que ela se havia de lembrar!

Imediatamente se sentiu profundamente comovido. O calor dela preenchia-lhe a alma. No auge da emoção, sentia-a quase como se ali estivesse, os seus braços, os seus ombros, os seus seios, como se os tocasse, os apalpassse, quase como se os possuísse.

Este gesto de Clara aproximou-os ainda mais. As raparigas começaram a reparar que, quando Paul se cruzava com Mrs. Dawes, os olhos dele tinham um brilho especial ao

cumprimentá-la que elas podiam interpretar. Ciente de que ele o fazia inconscientemente, Clara não correspondia, chegando mesmo a virar a cara para o lado quando ele vinha na sua direcção.

À hora de almoço, iam passear juntos com alguma frequência. Tudo às claras, com muita franqueza. Todos pareciam convencidos de que ele não se apercebia dos seus próprios sentimentos, e ninguém os censurava. Paul falava agora com Clara com algum do antigo fervor com que falara com Miriam, mas as conversas interessavam-no menos; preocupava-se menos com as conclusões.

Um dia, em Outubro, foram tomar chá a Lambley. Inesperadamente, pararam no alto da colina. Ele encarrapitou-se num portão quando lá chegou, e ela na cerca. A tarde era toda ela serenidade, apenas ofuscada por uma leve neblina entrecortada de feixes de luz dourada. Mantiveram-se em silêncio.

– Que idade tinhas quando casaste? – perguntou ele, baixinho.

– Vinte e dois anos.

A voz dela era cava, quase submissa. Estava decidida a contar-lhe tudo.

– Então... foi há oito anos.

– Exactamente.

– E quando é que o deixaste?

– Há três anos.

– Cinco anos!... Casaste por amor?

Ela permaneceu em silêncio durante alguns segundos. Depois, disse devagar:

– Julgava que sim... mais ou menos. Não era coisa em que pensasse muito. E ele queria-me. Nessa altura eu era muito recatada.

– E atiraste-te para a frente sem pensar?

– É isso mesmo! É como se tivesse estado a dormir quase toda a vida.

– Como uma sonâmbula?... Mas... Quando é que despertaste?

– Não sei se alguma vez fui mesmo uma sonâmbula, ou se cheguei a despertar desde os meus tempos de menina.

– Foste então adormecendo à medida que te tornavas mulher? Que estranho! E ele não te conseguiu acordar?

– Não... ele não chegou lá... – respondeu ela, monocórdica.

Pássaros castanhos rasaram os silvados onde luziam cachos de rosas, nuas e escarlates.

– Chegou aonde?

– Até mim. Ele nunca se importou realmente comigo.

A tarde estava doce, cálida e velada. Os telhados vermelhos das casas rústicas

flamejavam na neblina azulada. Paul adorou aquela tarde. Sentia o que Clara dizia, mas sem compreender.

– Mas porque foi que o deixaste?... Tratava-te mal?

Sacudiu-a um leve estremeamento.

– Ele... ele estava a levar-me à degradação. Queria brutalizar-me porque não conseguia ter-me. E eu sentia vontade de fugir, como se estivesse presa e amarrada. E, além disso, ele era um porco.

– Estou a ver.

Claro que não estava a ver absolutamente nada.

– E ele era sempre porco? – perguntou Paul.

– Mais ou menos – disse ela devagar. – Era como se não conseguisse chegar até mim. E depois tornava-se brutal... Ele era brutal!

– Mas, ao fim e ao cabo, porque foi que o deixaste?

– Porque... porque ele me era infiel...

Ficaram os dois calados durante algum tempo. A mão dela estava apoiada no pilar do portão, e ela balançava-se suavemente. Ele pousou a mão dele sobre a dela. Sentia bater desenfreado o coração.

– Mas alguma vez tu... alguma vez tentaste... deste-lhe alguma oportunidade?

– Oportunidade?... Como?

– De se aproximar de ti.

– Eu casei com ele... Eu estava disposta...

Ambos se esforçavam por manter as vozes firmes.

– Estou convencido de que ele te ama – disse Paul.

– Parece que sim – respondeu ela.

Paul queria tirar a mão, mas não era capaz. Ela salvou-o, tirando a dela. Depois de uma pausa, ele recomeçou:

– E deixaste-o, sem te importares com ele?

– Foi ele que me deixou – respondeu ela.

– Se calhar não consegui fazer-te entender tudo quanto ele valia?

– Tentou fazer-me entender à bruta.

A conversa tinha-os levado para muito longe. Subitamente, Paul deu um salto.

– Anda – disse ele. – Vamos tomar chá.

Encontraram uma casa de chá, e sentaram-se na sala gélida. Clara serviu o chá, em silêncio. Paul sentiu que ela se lhe escapava outra vez. Quando acabou, Clara pôs-se a

olhar pensativa para dentro da chávena, fazendo rodar a aliança no dedo, sem parar. Distraída, tirou a aliança, pô-la de pé em cima da mesa e fê-la girar como um pião. O aro de ouro transformou-se em esfera diáfana e cintilante. A aliança tombou e ficou a saltitar em cima da mesa. Clara fê-la girar repetidamente, uma e outra vez. Paul observava-a, fascinado.

Mas ela era uma mulher casada e ele acreditava na pureza de uma simples amizade. Além disso, considerava as suas intenções perfeitamente respeitáveis. Era apenas uma amizade entre um homem e uma mulher, como a que podia existir entre pessoas civilizadas.

Paul era como tantos outros jovens da sua idade, o sexo era para ele tão complicado que teria negado prontamente que alguma vez tivesse desejado Clara, Miriam ou qualquer outra mulher que conhecesse. O desejo sexual era um sentimento aparte, que não pertencia às mulheres. Paul amava Miriam com a alma. Sentia uma onda de calor ao pensar em Clara, discutia com ela, e conhecia as curvas dos seus seios, do seu pescoço e dos seus ombros, como se tivessem sido moldadas dentro dele. E, no entanto, não se podia dizer que a desejasse. Tê-lo-ia negado com veemência. Julgava-se realmente preso a Miriam. Se de futuro viesse a casar, seria seu dever casar com Miriam. Deu isso mesmo a entender a Clara, que não teceu comentários, deixando-o livre para escolher. Mas, sempre que podia, vinha ter com ela. Depois, começou a escrever com frequência a Miriam e a ir visitá-la de vez em quando. E assim passou o Inverno. Parecia, todavia, menos atormentado. A mãe andava menos preocupada com ele, pensando que o filho se estava a afastar de Miriam.

Miriam sabia agora como era forte a atracção de Clara por ele. Estava contudo confiante em que a melhor faceta de Paul triunfaria. Os seus sentimentos por Mrs. Dawes – ainda por cima uma mulher casada – eram superficiais e passageiros, comparados com o amor que sentia por ela. Tinha a certeza de que voltaria para ela; talvez com alguma da sua anterior frescura de adolescente já perdida, mas curado do desejo pelas coisas de menor valor que as outras mulheres tinham para lhe oferecer. Suportaria tudo isso, se ele lhe fosse interiormente fiel e voltasse para ela.

Paul não se apercebia da bizarria da situação. Miriam era a velha amiga, a antiga namorada, e pertencia a Bestwood, ao seu torrão natal, à sua juventude. Clara era uma amiga recente, e pertencia a Nottingham, à vida vivida, ao mundo. Para ele era tudo muito claro.

Entre ele e Mrs. Dawes houve muitos períodos de frieza, em que se encontravam poucas vezes. Mas reatavam sempre a relação.

– Trataste muito mal o Baxter Dawes? – perguntou-lhe ele. Este ponto parecia preocupá-lo.

– Mal, como?

– Sei lá. Fizeste-lhe coisas horríveis? Alguma coisa que o deixasse de rastos?

– O quê, por exemplo? Diz lá.

– Já disse que não sei.

- Então para que te pões a inventar coisas?
 - Porque tenho um pressentimento de que lhe fizeste alguma coisa que o feriu... que lhe feriu muito o orgulho. O que foi que lhe fizeste?
 - Se lhe feri o orgulho é porque era um orgulho de bem fraca qualidade.
 - Mais fraco do que o teu, suponho... Mas tu mostraste-te superior, sei que o trataste com superioridade... Como me tratas a mim, só que eu não me importo.
 - Quando é que eu te tratei com superioridade?
 - Neste preciso momento, por exemplo. Mas não faz mal. Estou convencido de que lhe fizeste bastante mal, mais do que ele te fez a ti... pondo-o em cheque e fazendo-o sentir-se humilhado.
 - Ele parece muito humilhado, não haja dúvida! – disse ela, com cinismo.
 - Fizeste-o sentir que não era ninguém... eu sei – afirmou Paul.
 - Como tu és inteligente, meu amigo! – disse ela friamente.
- A conversa ficou por ali, mas chegou para manter Clara afastada por algum tempo.
- Ela agora só muito raramente via Miriam. A amizade entre as duas mulheres, não tendo terminado, tinha no entanto esfriado consideravelmente.
- Queres ir ao concerto no domingo à tarde? – perguntou-lhe Clara logo a seguir ao Natal.
 - Prometi ir a Willey Farm – disse ele.
 - Ótimo.
 - Não te importas, pois não?
 - Porque havia de importar-me? – Foi a resposta, que quase o irritou.
 - Sabes – disse ele –, a Miriam e eu representamos muito um para o outro desde os meus dezasseis anos... já lá vão sete...
 - É muito tempo – respondeu Clara.
 - Pois é. Mas ela... as coisas não andam bem...
 - Como assim?
 - Ela parece absorver-me completamente, ao ponto de não deixar que um só cabelinho meu caísse e fosse levado pelo vento... ela apanhava-o e guardava-o logo.
 - Mas tu gostas de ser protegido.
 - Não gosto, não – disse ele. – Não gosto mesmo nada. Quem me dera que entre nós tudo se resumisse a dar e receber, sem excessos de possessividade... como entre nós dois. Quero que uma mulher me proteja, mas não que me meta no bolso.
 - Mas, se tu a amas, já não podia ser como nós.

– Sim... Havia de gostar mais dela nesse caso. Ela parece querer-me com tanta força que eu não sou capaz de me entregar.

– Querer-te?

– Ela quer a minha alma. E eu não consigo deixar de me retrair.

– E mesmo assim ama-la?

– Não. Eu não a amo. Nunca sequer a beijei.

– Porquê? – perguntou Clara.

– Não sei.

– Se calhar tens medo – disse ela.

– Não é nada disso. É qualquer coisa cá dentro que se retrai como o diabo... Ela é tão boazinha, e eu não sou nada bonzinho.

– Como é que tu sabes como ela é?

– Sei! Sei que ela aspira a uma espécie de comunhão espiritual.

– Mas como é que sabes o que ela quer?

– Há sete anos que convivo com ela.

– E não descobriste o mais importante!

– O que é que estás para aí a dizer?

– Que ela não quer comunhão espiritual coisa nenhuma. Ela quer-te é a ti.

Paul meditou sobre o assunto. Afinal, talvez estivesse enganado.

– Mas ela parece... – começou ele.

– Nunca tentaste... – respondeu ela.

MIRIAM É POSTA À PROVA

COM A PRIMAVERA, reinstalaram-se a velha loucura e as velhas lutas. Paul sabia agora que tinha de voltar para Miriam. Porquê então a relutância? Tentava convencer-se de que se tratava apenas de um caso de exacerbada virgindade dele e dela, que nenhum conseguia ultrapassar. Podia ter casado com ela; mas os problemas de família dificultavam o passo e, além disso, não fazia tenções de se casar. O casamento era coisa para toda a vida e, lá por se terem tornado amigos inseparáveis, não lhe parecia que fosse inevitável tornarem-se marido e mulher. Não sentia vontade de casar com Miriam. Quem lhe dera sentir. Daria a vida para sentir um desejo ardente de casar com ela, de a possuir. Porque não conseguia então torná-lo explícito? Algum entrave tinha de haver. Mas que entrave? Só podia ter a ver com a escravidão física. Ele temia os contactos físicos. Mas porquê? Ao pé dela sentia-se agrilhado dentro de si mesmo. Não conseguia alcançá-la. Algo se debatia no seu íntimo, mas ele não conseguia alcançá-la. Porquê, se ela o amava? Clara dissera até que ela o desejava. Porque não era ele então capaz de ir ter com ela, fazer amor com ela, de a beijar? Por que razão, quando durante os passeios ela lhe dava o braço timidamente, ele se sentia prestes a estoirar de brutalidade e repulsa? Ele tinha de ser dela, devia-lhe isso. Ele queria ser dela. Talvez a repulsa e o constrangimento fossem apenas amor no seu primeiro estágio de exarcebada timidez. Não sentia aversão por ela. Não, muito pelo contrário: era um desejo forte em luta com uma timidez e uma virgindade ainda mais fortes. Era como se a virgindade fosse uma força positiva, saindo vitoriosa das batalhas interiores que no íntimo de ambos se travavam. E sentia que com ela esse obstáculo era muito difícil de ultrapassar. No entanto, ela era a pessoa de quem se sentia mais próximo, e só ao lado dela poderia vencer. Logo que tudo se resolvesse, poderiam casar. Devia-lhe isso. Mas não se casaria enquanto não estivesse seguro das suas emoções, isso nunca. Não seria capaz de enfrentar a mãe. Parecia-lhe que sacrificar-se a um casamento contra vontade seria degradante, algo que lhe destruiria a vida, que a aniquilaria. Tinha de tentar dar a Miriam o que estava ao seu alcance.

Paul sentia grande ternura por Miriam. Ela andava sempre triste, perdida em devaneios religiosos e, para ela, ele era quase uma religião. Paul não suportaria desiludi-la. Com força de vontade, tudo acabaria bem.

Paul passou em revista os casos que conhecia. Uma boa porção dos homens mais recomendáveis das suas relações estavam como ele presos à sua própria virgindade, de que não se conseguiam libertar. Eram tão deferentes com as esposas, que preferiam passar sem elas a magoá-las ou tratá-las injustamente. Sendo filhos de mães cujos maridos as haviam violentado brutalmente no seu recato feminino, eles próprios se sentiam demasiado tímidos e inseguros. Ser-lhes-ia mais fácil abdicar de si próprios do que cair em desgraça aos olhos de uma mulher. É que, para eles, cada mulher representava a mãe, cuja imagem tão fortemente marcava a sua personalidade, e preferiam sofrer as agruras do celibato a ferir essa outra pessoa.

Todas as conversas, todas as deambulações abstractas que ocorriam entre ele e Miriam, toda a sua inteligência e capacidade de percepção, mais não eram do que os beijos que deveriam ter trocado traduzidos ao nível do consciente, e a fogueira com que ele deveria tê-la apertado nos braços sublimada no propósito de pensar e filosofar. Mas... Pensamento e percepção o que seriam? Agentes de destruição. Não eram vida, fruição. Eram uma forma de morte: impulso vivo transformado em abstracção. Era altura de parar. Ele e Miriam tinham de pôr cobro a tais abstracções.

Paul voltou para Miriam. Algo nela, quando a olhava, quase lhe fazia vir as lágrimas aos olhos. Um dia, pôs-se de pé atrás dela enquanto ela cantava. Annie acompanhava-a ao piano. Ao cantar, a boca de Miriam era a própria imagem do desespero. Cantava como uma freira, entoando hinos para o céu. Emanava tanta espiritualidade que lembrava a boca e os olhos de um anjo a cantar ao lado de uma Madonna de Botticelli. Mas logo a dor o penetrou, quente como ferro em brasa. Porque teria ele de lhe pedir a outra coisa? Porque lutava o seu sangue contra ela? De bom grado daria a mão direita para poder ter sido sempre gentil e terno com ela, respirado com ela uma atmosfera religiosa de sonho e fantasia. Não era justo magoá-la. Havia nela uma eterna virgindade. E quando pensava na mãe, via os seus grandes olhos castanhos de donzela que apesar dos sete filhos que tivera se mostravam ainda atemorizados e chocados na sua pureza virginal. Eles tinham nascido, não dela, mas à custa dela. Assim sendo, ela jamais poderia deixá-los partir, pois nunca os tinha possuído.

Mrs. Morel voltou a ver o filho ir com frequência encontrar-se com Miriam, o que muito a surpreendeu. Paul não dizia nada à mãe. Não se explicava nem se desculpava. Se voltava tarde para casa e ela o censurava, respondia-lhe, carrancudo e autoritário:

- Venho para casa à hora que me apetecer. Já tenho muito boa idade para isso.
- Mas ela tinha necessidade de te reter até tão tarde?
- Eu é que quis ficar.
- E ela deixou... Mas não faz mal... – rematava a mãe.

Mrs. Morel passou a ir deitar-se, deixando a porta por trancar. Porém, ficava acordada até ele chegar, geralmente muito mais tarde. Tinha um grande desgosto de o filho ter voltado para Miriam, mas reconhecia a inutilidade de qualquer interferência. Agora, ele frequentava Willey Farm como um homem e não como um adolescente, e ela já não tinha autoridade sobre ele. Entre mãe e filho instalou-se uma certa frieza. Raramente Paul contava à mãe alguma coisa. Preterida, ela continuava a cuidar dele, a cozinhar para ele, e a adorar ser sua escrava. Mas o seu rosto fechou-se de novo numa máscara. Nada mais lhe restava na vida além da lida da casa. Para tudo o resto, ele tinha agora Miriam, e ela não lho podia perdoar. Miriam matava no filho toda a sua alegria e afabilidade. Paul tinha sido um rapaz alegre e cheio da mais calorosa afectividade. Mas agora tornara-se mais frio, cada vez mais irritável e taciturno. Fazia-lhe lembrar o William. Mas Paul era pior. Agia com mais determinação e entendimento das coisas. A mãe sabia como ele sofria com a falta de uma mulher e via-o agora procurá-la em Miriam. Se já tinha tomado a decisão, nada no mundo o demoveria. Mrs. Morel sentia-se cansada e começava a pensar em

desistir. Chegara ao fim, sentia que não passava de um estorvo.

Paul trilhava com determinação o seu caminho. Tinha mais ou menos ideia de como a mãe se sentia, mas isso apenas lhe endurecia a atitude, tornando-o mais insensível. Porém, era como ser insensível consigo próprio, e isso minava-o por dentro. Mas não desistiu.

Uma noite, estava Paul em Willey Farm sentado na cadeira de baloiço – há várias semanas que reatara com Miriam, mas não tinha ainda tocado no assunto – quando disse, de repente:

– Estou quase com vinte e quatro anos.

Ela, que se tinha mantido pensativa, olhou para ele surpreendida.

– Sim!... Mas porque dizes isso?

Pairava no ar um não-sei-quê que a atemorizava.

– Sir Thomas More diz que um homem pode casar aos vinte e quatro anos.

Ela riu-se timidamente e disse:

– E é preciso a aprovação de Sir Thomas More?

– Não... Mas é uma boa altura para casar.

– Sim... – disse ela pensativa, à espera.

– Eu não posso casar contigo – disse ele devagar – pelo menos por agora, porque não temos dinheiro... e lá em casa precisam da minha ajuda.

Ela parecia adivinhar o que se seguiria.

– Mas quero casar agora...

– Tu queres casar...? – repetiu ela.

– Uma mulher... Percebes o que quero dizer?

Miriam ficou calada.

– Agora tem de ser – disse ele.

– Sim... – respondeu ela.

– Amas-me?

Ela riu com amargura.

– Para quê tanta vergonha? – disse ele. – Se não sentes vergonha diante do teu Deus, porque hás-de sentir diante das pessoas?

– Não – disse ela, com veemência –, não estou envergonhada.

– Estás sim! – retorquiu ele, com azedume. – E a culpa é minha. Mas já sabes que não consigo ser de outra maneira, não sabes?

– Sei que não fazes por mal.

– Amo-te intensamente... mas falta qualquer coisa.

– Onde? – perguntou ela, olhando-o nos olhos.

– Oh, em mim mesmo! Eu é que devia estar envergonhado... por ser uma espécie de aleijão espiritual. Estou mesmo envergonhado. É uma desgraça. Porquê, diz-me!

– Não sei – respondeu Miriam.

– E eu também não – disse ele. – Não te parece que levámos longe de mais aquilo a que se chama pureza? Não te parece que tantos receios e pruridos são também algo obscenos?

Ela pousou nele os seus olhos escuros, perplexos.

– Tu fugias de tudo e de nada, e eu, levado por ti, retraí-me também... e talvez mais ainda... – disse Paul.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Sim – concordou ela –, é como dizes.

– Temos a unir-nos todos estes anos de intimidade. Ao pé de ti sinto-me como se estivesse nu, percebes?

– Acho que sim – respondeu ela.

– E tu, amas-me?

Ela riu-se.

– Não sejas tão amarga – implorou ele.

Ela olhou-o e teve pena: os olhos dele estavam ensombrados pelo sofrimento. Miriam sentiu pena dele: aquele amor distorcido era pior para ele que para ela, que nunca poderia ser completamente feliz. Ele era instável, em constante movimento, sempre à procura de uma saída. Pois que fizesse dela o que quisesse.

– Não – disse ela docemente –, não estou a ser amarga.

Miriam sentia que por ele faria qualquer coisa, sofreria qualquer dor. Pôs-lhe a mão sobre o joelho e ele, chegando-se à frente na cadeira, pegou-lhe na mão e beijou-a. Mas doeu-lhe fazer isso. Era como se se estivesse a pôr de lado. Sentia-se sacrificado à pureza dela, que se lhe afigurava nula de valor. Como podia ele beijar apaixonadamente aquela mão, se ela depois se retirava e, no seu lugar, ficava apenas a dor? Todavia, ele puxou-a lentamente para si e beijou-a.

Conheciam-se bem de mais para fingirem. Enquanto o beijava, ela olhou bem dentro dos seus olhos. Estavam fixos num ponto distante da sala, ardendo em cintilações sombrias que a fascinavam. Permanecia estático. E ela sentia-lhe o coração pulsar pesadamente no peito.

– Em que pensas? – perguntou-lhe.

O brilho esmoreceu nos olhos dele, vacilantes.

– Pensava... o tempo todo... que te amo. Que tenho sido obstinado.

Ela afundou a cabeça no seu peito.

– E que mais? – continuou.

– Mais nada – disse Paul. A sua voz soava firme e a boca beijava-lhe o pescoço.

Miriam levantou a cabeça e fitou os olhos dele com paixão. O fulgor que deles se desprendia parecia lutar, querer fugir do olhar dela, acabando por se apagar. Paul desviou a cabeça para o lado bruscamente. O momento era de angústia.

– Beija-me – suspirou ela.

Ele fechou os olhos e beijou-a, apertando-a cada vez mais no seu abraço.

Quando, de regresso a casa, ela o acompanhou até à estrada, acabou por lhe dizer:

– Estou feliz por ter voltado para ti. Ao pé de ti sinto-me puro... como se não tivesse nada para esconder. Será que vamos ser felizes?

– Vamos sim – murmurou ela, com lágrimas nos olhos.

– Há uma perversidade nas nossas almas – disse ele – que nos faz rejeitar e fugir daquilo que mais queremos. É isso que temos de combater.

– É... – disse ela, sentindo-se atordoada.

Ele beijou-a de novo na escuridão da noite, à beira da estrada, sob os ramos vergados do espinheiro, percorrendo-lhe o rosto com os dedos. Na escuridão, não podendo vê-la, mas apenas senti-la, a paixão avassalou-o e ele apertou-a com força contra si.

– Deixas-me ser teu? – balbuciou a custo, escondendo a cara no pescoço dela.

– Mas não agora – disse Miriam.

Paul sentiu a esperança fugir-lhe e o coração esmorecer; era o desalento a invadi-lo.

– Não – disse ele.

O seu abraço afrouxou.

– Gosto de sentir aqui o teu braço! – disse ela, carregando-lhe no braço que a enlaçava pela cintura. – É tão relaxante.

E ele apertou-a ao fundo das costas, para a ajudar a relaxar.

– Nós pertencemos um ao outro – disse ele.

– Pois pertencemos.

– Então, porque não havemos de pertencer inteiros um ao outro?

– Mas... – gaguejou ela.

– Sei que é pedir muito – disse ele. – Mas realmente não corres grandes riscos... Não como Gretchen. Sabes que podes confiar em mim, não sabes?

– Sei que sim! – Foi a resposta pronta e segura. – Não é isso... Não é nada disso... Mas...

– O que é, então?

Ela escondeu a cara no pescoço dele com um gemido de sofrimento.

– Não sei – gritou.

Parecia vagamente histérica, mas também horrorizada. Paul sentiu definhar o coração.

– Não achas que é feio, pois não? – perguntou ele.

– Não... já não acho. Tu ensinaste-me que não é.

– Tens medo?

Ela fez por se acalmar.

– É isso, o que eu sinto é medo. – Paul beijou-a ternamente.

– Não faz mal – disse. – Será quando quiseres.

Subitamente, ela enlaçou-o com força e o seu corpo crispou-se contra o dele.

– Hei-de ser tua – disse ela, cerrando os dentes.

O coração de Paul bateu de novo, incendiado. Apertou-a ainda mais e a boca dele desceu até ao seu pescoço. Ela não aguentou. Esquivou-se. Ele largou-a.

– Não vais chegar atrasado? – perguntou ela docemente.

Ele suspirou, mal ouvindo o que ela lhe dizia. Ela ficou à espera, ansiando por que ele se fosse embora. Por fim, ele deu-lhe um beijo de fugida e saltou a cerca. Voltando-se, viu o borrão esbranquiçado do rosto dela na escuridão, sob os ramos pendentes do espinheiro. Era tudo o que via dela, apenas uma mancha esbranquiçada.

– Adeus! – disse ela, docemente. Não tinha corpo, só uma voz e um rosto esbatido. Ele voltou-lhe as costas e correu pela estrada fora, cerrando os punhos. Só parou quando chegou ao rebordo do lago e se debruçou sobre as águas negras, semiatorado.

Miriam regressou a casa pelos prados. Não receava as pessoas, nem o que pudessem dizer. Mas receava o assunto que discutira com ele. Sim, se ele insistisse, deixaria que ele a possuísse. Mas, ao pensar no depois, o seu coração desanimou. Ele ia ficar desiludido, insatisfeito, e acabaria por deixá-la. Mas ele insistia tanto... E, por causa disto, que não lhe parecia assim tão importante, acabaria mal o seu amor. Afinal, ele era apenas como os outros homens, buscava apenas o seu próprio prazer. Ah, mas nele havia algo mais, algo de mais profundo! Algo em que podia confiar, apesar de todos os desejos. Ele dissera que o momento da posse era um momento especial na vida. Todas as emoções fortes estavam nele concentradas. Talvez fosse verdade, e houvesse nele algo de divino. Se assim era, submeter-se-ia religiosamente ao sacrifício. Ele podia possuí-la. Ao pensar nisto, todo o seu corpo se crispou involuntariamente, retesado, como se quisesse fugir de qualquer coisa que não via. Mas a Vida empurrava-a para o portão do sacrifício, e só lhe restava submeter-se. Ele, pelo menos, conseguiria o que queria, e isso era o que ela mais desejava. Pensava e repensava, convencendo-se a aceitá-lo.

Paul cortejava-a agora como um verdadeiro amante. Muitas vezes, quando ele se

inflamava de paixão, ela afastava-o, agarrando-lhe a cara com ambas as mãos e olhando-o nos olhos. Mas ele não suportava o seu olhar. Os olhos dela, muito escuros, cheios de amor, sinceros e inquiridores, faziam-no desviar os seus. Ela não lhe permitia nem um breve instante de esquecimento. E de novo ele se torturava, pensando nas suas responsabilidades e nas dela; não se dando tréguas, não se rendendo à fome insaciável e despersonalizadora da paixão; tinha de voltar a ser um ser pensante, determinado. E ela, arrancando-o ao torpor da paixão, chamava-o à pequenez da sua relação pessoal. Era de mais, ele não o suportava. «Deixa-me... Deixa-me!», apetecia-lhe gritar. E ela a querer que ele a olhasse com os olhos cheios de amor. Mas os seus olhos, onde brilhava a chama intensa e impessoal do desejo, não lhe pertenciam.

A quinta estava carregada de cerejas. As cerejeiras por detrás da casa, altas e frondosas, cobriam-se de bolas vermelhas e negras, espreitando por baixo das folhas verde-escuras. Paul e Edgar andavam a apanhar cerejas à tardinha. Tinha feito muito calor e as nuvens começavam agora a movimentar-se no céu, negras e prenunciadoras de calor. Paul trepou aos ramos mais altos, acima dos telhados escarlates dos edifícios. O vento, gemendo persistente, fazia a árvore abanar num balanço subtil e estimulante que lhe alvoroçava o sangue. O jovem, precariamente empoleirado nos ramos mais finos, e entontecido pelos balanços, metia a mão por baixo das ramadas onde se acoitavam as cerejas bem redondas e escarlates, arrancando às mãos-cheias os frutos refrescantes, carnudos e escorregadios. Quando se inclinava, as cerejas roçavam-lhe no pescoço e nas orelhas, e o toque das pontas frias dos seus dedos disparava setas de fogo no seu sangue. Por baixo das folhas, todas as gradações de vermelho, do rubro mais ostensivo ao mais profundo escarlata, brilhavam aos seus olhos sob a folhagem sombria.

Miriam veio até ao jardim.

– Oh! Que maravilha! – ouviu-a Paul dizer, com a voz inebriada.

Olhou para baixo. A cara dela, voltada para ele, irradiava um brilho dourado, muito suave.

– Que alto que tu estás!

A seu lado, nas folhas de ruibarbo, estavam caídos quatro pássaros mortos, trespassados pelos chumbos, quatro larápios apanhados em flagrante. Paul viu alguns caroços descorados, pendentes como esqueletos, com a polpa descarnada. Olhou para baixo outra vez, para Miriam.

– As nuvens estão a arder! – disse ele.

– É magnífico! – gritou ela.

Lá em baixo, ela parecia pequenina, muito doce e muito terna. Ele atirou-lhe um punhado de cerejas. Ela não esperava e assustou-se. Ele riu-se baixinho, chocalhando o riso, e bombardeou-a com mais cerejas. Ela correu a abrigar-se, apanhando algumas pelo caminho. Dois belos pares, bem vermelhinhos, pendurou-os nas orelhas; depois, olhou para cima outra vez.

– Não achas que já chega? – perguntou.

– Talvez. Aqui em cima é como estar a bordo de um navio.

– Vais ficar aí até quando?

– Até o Sol se pôr.

Miriam foi sentar-se no muro, a ver as nuvens douradas esfarraparem-se e deslizarem rumo à noite, ruínas imponentes e rosáceas. O ouro abrasou-se de vermelho, como a dor no auge da intensidade. E logo o escarlata passou a rosa, e o rosa a carmesim, até a paixão esmorecer no céu rapidamente e o mundo inteiro se tornar cinzento-escuro. Paul desceu apressadamente com o cesto carregado, fazendo um rasgão na manga da camisa.

– Que boas que são – disse Miriam apalpando as cerejas.

– Rasguei a manga – foi a resposta.

Ela observou o rasgão em L, e disse:

– Eu trato disso.

Era junto ao ombro. Miriam meteu os dedos no rasgão.

– Que quentinho! – disse ela.

Paul riu-se. Havia na voz dele um requebro novo, estranho, que a fez perder o fôlego.

– Ficamos cá fora?

– Será que não chove?

– Não, vamos dar uma voltinha.

Atravessaram os campos até ao pinhal.

– E se entrássemos lá dentro?

– Queres mesmo?

– Quero.

No pinhal a escuridão era total, e as agulhas aceradas picavam-lhes o rosto. Ela tinha medo. Paul estava esquisito, muito calado.

– Gosto da escuridão – disse ele. – Quem dera que fosse ainda mais fechada... Esta é boa, a escuridão ser fechada...

Ele parecia não dar pela presença dela, enquanto pessoa, pelo menos; para ele, naquele momento, ela era apenas uma mulher. Miriam tinha medo.

Ele parou junto a um pinheiro e tomou-a nos braços. Ela entregou-se-lhe... mas fê-lo como um sacrifício que de certo modo a horrorizava. Aquele homem de voz grossa e ar ausente era para ela um estranho.

Mais tarde começou a chover. O pinheiros exalavam um cheiro intenso. Paul estava deitado no chão, com a cabeça na caruma ressequida, a escutar o som sibilante da chuva, incisivo e persistente. Sentia o coração entristecido, pesado. Percebia agora que ela não tinha estado com ele, que a sua alma se apartara, horrorizada. Era apenas físico o alívio

que sentia, nada mais. Com o coração sombrio, triste e a transbordar de ternura, os seus dedos deambulavam pelo rosto dela, penosamente. Ela agora amava-o de novo profundamente. Ele era terno e muito belo.

– Olha a chuva! – disse Paul.

– É... Está a molhar-te?

Miriam passou-lhe as mãos pelo cabelo e pelos ombros, para sentir as gotas de chuva em cima dele. Amava-o afectuosamente. Ali deitado, com a cara na caruma, Paul sentia-se extraordinariamente calmo. Não se importava com as gotas de chuva; de bom grado se deixaria ali ficar até a chuva o ensopar; era como se nada mais contasse, como se a sua vida se desvanecesse num além próximo e admirável. Esta sensação estranha e tão suave de se aproximar da morte era nova para ele.

– Temos de ir andando – disse Miriam.

– Pois temos – disse ele, sem se mexer.

A vida parecia-lhe agora uma sombra, e o dia uma sombra branca. A noite, a morte, o silêncio, a inacção, isso sim, era ser. A vida, a acção, a insistência, eram não-ser. Mas a sensação mais sublime era fundir-se com as trevas e nelas pairar, identificado com o grande Ser.

– A chuva vai molhar-nos todos – disse Miriam.

Ele levantou-se e ajudou-a.

– Que pena! – disse Paul.

– O quê?

– Termos de ir. Sinto-me tão tranquilo.

– Tranquilo? – repetiu ela.

– Mais tranquilo do que já alguma vez me senti.

Caminharam de mãos dadas. Ela apertava-lhe os dedos, vagamente amedrontada. Ele parecia agora muito longe, e ela receava perdê-lo.

– Os pinheiros parecem vultos na escuridão; cada um, apenas uma figura.

Ela tinha medo, mas não dizia nada.

– Ouve o sussurro. É a própria noite a meditar e a dormir. Deve ser isso que se faz quando se morre: dormir e meditar.

Primeiro ela tivera medo do animal que ele encerrava. Agora era do místico. Caminhava ao lado dele, em silêncio. A chuva caía pesadamente sobre as árvores com um som cavo. Chegaram por fim ao telheiro da carroça.

– Vamos parar aqui um bocadinho – disse Paul.

Por todo o lado o som da chuva abafava tudo o mais.

– Sinto-me tão estranho e tão calmo ao mesmo tempo – disse ele. – Em comunhão com todas as outras coisas.

– Pois é – disse ela, condescendente.

Ele parecia de novo não dar pela sua presença, embora lhe apertasse a mão com força.

– Livrarmo-nos da nossa individualidade, que é a nossa vontade, o nosso esforço... viver sem esforço, uma espécie de sono consciente... é algo de muito belo. Penso... que é essa a nossa outra vida... a nossa imortalidade.

– Sim?

– Sim... E que é muito bonito podermos alcançá-la.

– Não costumava pensar assim.

– Pois não.

Pouco depois entraram em casa. Todos os miraram curiosos. Paul conservava ainda o olhar pesado e tranquilo, e a voz serena. Instintivamente, todos o deixaram só.

Por essa altura, a avó de Miriam, que vivia numa casinha modesta em Woodlinton, adoeceu e a rapariga foi tomar conta da casa. Era um lugarzinho encantador. A casa tinha um grande jardim à frente, com altos muros de tijolo cercados de ameixoeiras. Nas traseiras, um outro jardim estava separado dos campos por uma velha cerca, muito alta. Era tudo muito belo. Miriam não tinha muito que fazer, e podia por isso dedicar-se à sua amada leitura e à escrita de textos introspectivos, de que tanto gostava.

Nas férias, e uma vez que já tinha melhorado, a avó foi levada para Derby, para passar um ou dois dias com a filha. Era uma velhinha excêntrica e podia querer vir-se logo embora. Miriam ficou, assim, sozinha em casa da avó, o que também lhe agradava.

Paul ia muitas vezes visitá-la de bicicleta, e passavam geralmente momentos de muita calma e felicidade. Ele não costumava demorar-se muito tempo. Mas, nessa segunda-feira, resolveu passar o dia todo com ela.

O tempo estava magnífico. Despediu-se da mãe e disse-lhe para onde ia. Ela ficaria sozinha o dia inteiro. Isso custava-lhe, mas tinha três dias só para si, para fazer o que lhe apetecesse. E era muito bom correr pelas veredas matinais montado na bicicleta.

Eram onze horas quando chegou junto de Miriam. Ela estava ocupada a fazer o almoço. Assim, corada e atarefada, harmonizava--se perfeitamente com a cozinha. Ele beijou-a e ficou sentado a observá-la. A cozinha era pequena e aconchegada. O sofá estava coberto com uma espécie de capa aos quadrados, em vermelho e azul-pálido, muito velha, muito lavada, mas ainda bonita. Num recanto, sobre uma cantoneira, estava um mocho empalhado metido numa redoma. O sol penetrava através das folhas dos gerânios perfumados que enfeitavam a janela. Ela preparava uma galinha em sua honra. Aquela ia ser a casa deles por um dia, e eram marido e mulher. Ele ajudou-a a bater os ovos e descascou as batatas. Achava que ela lhe dava uma sensação de aconchego de lar, quase tanto como a mãe. E não havia mulher mais bonita do que ela, com os caracóis despreziosamente soltos e as faces coradas do fogão.

O almoço foi um êxito. Como jovem marido, coube-lhe a tarefa de trincar a ave. Conversaram animadamente o tempo todo, sem parar. Depois, ele limpou a loiça que ela lavara e foram passear pelos campos. Havia um riacho saltitante que corria para uma poça na base de uma margem muito íngreme. Por lá se detiveram a apanhar malmequeres e grandes miosótis muito azuis. Ela sentou-se na margem com as mãos cheias de flores, na sua maioria íris douradas. Ao chegar a cara aos malmequeres, ficou coberta de um brilho amarelado.

– Como a tua cara brilha! – disse ele. – Pareces uma aparição.

Ela olhou-o intrigada. Ele riu-se, a desculpar-se, pousando as suas mãos nas dela. Depois beijou-lhe os dedos e a cara.

O mundo estava banhado de sol, muito sereno, mas não adormecido, palpitando de expectativa.

– Nunca vi nada mais bonito – disse ele, sempre a apertar a mão dela.

– E a água a cantar enquanto corre... gostas?

Ela olhou para ele cheia de amor. Os seus olhos estavam negros e brilhantes.

– Não achas que está um dia esplêndido? – perguntou ele.

Ela concordou, com um sussurro. Estava feliz e ele sabia-o.

– O dia é nosso... só nós dois – disse ele.

Demoraram-se um pouco mais. Depois, levantaram-se do chão de aromas de tomilho, e ele olhou para ela com simplicidade.

– Vamos para casa? – perguntou.

Voltaram para casa de mãos dadas, em silêncio. As galinhas correram ao encontro dela no carreiro. Ele fechou a porta e ficaram com a casa só para eles.

Paul nunca mais se esqueceu de quando a viu deitada nua na cama, e ele a desabotoar o colarinho. Primeiro viu só a beleza dela, que o cegava. Tinha as ancas mais bonitas que ele já imaginara. E ele de pé, paralisado e mudo, a olhar para ela, sorrindo deslumbrado. Depois, desejou-a e despojou-se de tudo o que vestia. Mas, quando avançava para ela, as suas mãos ergueram-se num movimento de prece, e ele olhou-a e deteve-se. Os seus grandes olhos castanhos vigiavam-no, mudos, resignados, enlevados. Ela estava ali deitada como se pronta a oferecer-se em sacrifício: ali estava o seu corpo para ele tomar. Mas a expressão mais recôndita nos seus olhos, de cordeiro a aguardar a imolação, fê-lo estacar e arrefeceu-lhe o sangue.

– Tens a certeza de que me queres? – perguntou ele, como se uma nuvem fria o ensombrasse.

– Sim, absoluta.

Ela estava muito calma, tranquila. Só sabia que estava a fazer por ele alguma coisa, e isso para ele era quase insuportável. Submetia-se ao sacrifício, porque o amava. E ele

tinha de se sacrificar a ela. Por um momento, Paul desejou ser assexuado ou então estar morto. Depois, fechou os olhos e o sangue pulsou de novo com ímpeto no seu corpo.

Por fim amou-a, amou-a com todas as fibras do seu ser. Amou-a, mas queria antes chorar. Havia algo que não aguentava, por amor dela. Ficou com ela até muito tarde. Quando voltava para casa, sentiu que estava finalmente iniciado. Deixara de ser menino. Porquê então esta dor atroz na alma? Porque pensara na morte e lhe parecera a outra vida tão doce e reconfortante?

Passou toda a semana com Miriam e deixou-a exausta com a sua paixão, enquanto ela durou. Teve quase sempre de se esforçar por ignorá-la, e agir pela força bruta dos seus sentimentos. Mas não era sempre que o conseguia e, depois, ficava-lhe aquele sentimento de morte e de fracasso. Para estar realmente em comunhão com ela, tinha de se esquecer de si próprio e do seu desejo. Para a possuir, tinha de se esquecer dela.

– Quando venho ter contigo – perguntou ele, de olhos negros envergonhados e sofredores –, tu não me queres realmente, pois não?

– Quero, sim! – respondeu Miriam prontamente.

Ele olhou para ela.

– Não queres, não.

Ela começou a tremer.

– Estás a ver – disse ela, pegando na cara dele e escondendo-a no seu ombro – estás a ver... nesta situação... como é que posso habituar-me a ti?... era fácil se estivéssemos casados.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela.

– Queres dizer que agora... que é sempre um choque?

– Sim... e...

– Estás sempre a fugir de mim.

Ela tremia, nervosa.

– Estás a ver – disse ela – não estou acostumada à ideia...

– Nestes últimos dias já tiveste tempo de te acostumar – disse ele.

– Mas toda a minha vida... A minha mãe sempre me disse: «Há uma coisa no casamento que é aterradora, mas que é preciso suportar.» E eu acreditei.

– E ainda acreditas – disse ele.

– Não! – exclamou ela, de chofre. – Acredito, tal como tu, que o amor, mesmo dessa maneira, é o ponto mais alto da existência.

– Mas isso não altera o facto de nunca o desejares.

– Não – disse ela, prendendo-lhe a cabeça entre os braços e embalando-o, desesperada.

– Não digas isso! Tu não podes compreender. – Os seus movimentos eram de dor. – Achas

que eu não quero os teus filhos?

– Não me queres é a mim.

– Como podes dizer isso? Mas, para ter filhos, temos de casar primeiro...

– Então casemo-nos. Eu quero que tu tenhas os meus filhos.

Ele beijou-lhe a mão, reverente. Ela estava triste e pensativa. Observava-o.

– Somos ainda muito novos – disse ela por fim.

– Vinte e quatro e vinte e três...

– Ainda não – murmurou ela, balançando, em desespero.

– Será quando quiseres – disse ele.

Miriam deixou cair a cabeça, pesarosa. O tom desanimado com que ele dizia estas coisas magoava-a profundamente. Existira sempre esse senão entre eles. Tacitamente, ela aquiescia com o que ele sentia.

Ao cabo de uma semana de amor, Paul disse de súbito à mãe, num domingo à noite, precisamente quando se iam deitar:

– Sabe, mãe, vou passar a ir menos vezes a casa da Miriam.

Mrs. Morel ficou surpreendida, mas não fez perguntas.

– Faz como entenderes.

E ele foi deitar-se. Havia nele, porém, uma serenidade que a trazia intrigada. Mas não era difícil de adivinhar a razão. No entanto, deixá-lo-ia em paz. A precipitação podia estragar as coisas. Observava-o da sua solidão e perguntava-se como tudo acabaria. Andava adoentado e demasiado calado para o gosto dela. E aquela testa que constantemente se franzia e ela tão bem conhecia dos seus tempos de menino e há muitos anos não via. Mas agora voltara ao mesmo, e ela nada podia fazer. Ele tinha de singrar sozinho, traçar o seu próprio caminho.

Paul continuou fiel a Miriam. Amara-a integralmente por um dia, mas nunca mais como dessa vez. O sentimento de fracasso, que a princípio era só uma tristeza, tornava-se cada vez mais forte, até começou a sentir que não podia mais. Apetecia-lhe fugir, ir para o estrangeiro, qualquer coisa. Pouco a pouco deixou de lhe pedir que o aceitasse. Era algo que, em vez de os aproximar, os afastava. Apercebeu-se finalmente, com plena consciência, de que não havia remédio. Não valia sequer a pena tentar: entre eles nunca existiria harmonia.

Durante alguns meses Paul encontrara Clara muito poucas vezes. Apenas alguns curtos passeios de meia hora à hora de almoço. Era para Miriam que ele se guardava. Com Clara, porém, o olhar desanuviava-se-lhe e recuperava a boa disposição. Ela tratava-o com indulgência, como se ele fosse uma criança, e embora ele pensasse não se importar, a verdade é que lá no fundo tal comportamento o irritava.

Por vezes, Miriam perguntava-lhe:

– Que é feito da Clara? Não tem dado notícias.

– Ontem estive com ela uns vinte minutos. Fomos dar uma volta – respondia ele.

– De que falou ela?

– Sei lá. Acho que quem falou mais fui eu, como sempre... Acho que lhe falei da greve e da reacção das trabalhadoras.

– Ah.

E assim Paul se confessava.

Mas, insidiosamente, sem que disso se apercebesse, a atracção que sentia por Clara afastava-o de Miriam, por quem se sentia responsável e a quem sentia pertencer. Julgava no entanto que lhe continuava fiel. Não é fácil a um homem avaliar a força e a intensidade dos seus sentimentos por uma mulher, até fugir com outra.

E, assim, começou a passar mais tempo com os amigos. Havia Jessop, da escola de belas-artes, Swain, que fazia demonstrações de química na universidade, Newton, um professor, para além de Edgar e dos outros irmãos mais novos de Miriam. Desculpando-se com o trabalho, ficava a desenhar e a estudar com Jessop. Ou então, encontrava-se com Swain na universidade e iam os dois para a cidade. Se encontrava Newton no comboio, passava depois por casa dele e iam jogar bilhar para o Moon and Stars. E bastava-lhe desculpar-se perante Miriam com os amigos, para se sentir plenamente justificado. A mãe começou a ficar bem mais aliviada, pois ele contava-lhe sempre onde estivera.

No Verão, Clara levava por vezes um vestido leve de algodão com as mangas largas, e quando levantava as mãos as mangas escorregavam para trás, deixando-lhe a descoberto os braços fortes e bonitos.

– Só meio minuto – gritou Paul. – Não mexas o braço.

Fez esboços da mão e do braço dela, e conseguiu transferir para os desenhos algum do fascínio que o objecto real exercia sobre ele. Um dia, em que Miriam percorria escrupulosamente todos os seus cadernos e papéis, encontrou os desenhos.

– Acho que a Clara tem uns braços tão bonitos – disse ele.

– Pois tem! Quando é que os desenhaste?

– Terça-feira, na oficina. Sabes que tenho lá um cantinho onde posso trabalhar. Geralmente despacho o serviço todo antes de almoço, e depois fico com a tarde livre, e só tenho de ver se está tudo em ordem antes de sair.

– Sim... – disse ela, virando as páginas do caderno dos desenhos.

Miriam irritava-o sobremaneira com frequência. Detestava-a quando ela se deitava por cima das suas coisas a bisbilhotar. Detestava-a quando o analisava exhaustivamente, como se ele fosse um interminável relatório psicológico. Detestava-a quando estava com ela, só por ela o ter apanhado, sem contudo o ter apanhado, e começava a torturá-la. Ela tirava-lhe tudo e não lhe dava nada, dizia ele. Não lhe dava, pelo menos, calor humano. Nunca se podia dizer que estivesse realmente viva, a palpitar de vida. Tentar encontrá-la era como

tentar encontrar algo que não existe. Ela era apenas a sua consciência, não a sua companheira. Paul odiava-a com violência, e tratava-a cada vez com mais crueldade. As coisas arrastaram-se até ao Verão seguinte. Paul, entretanto, encontrava-se com Clara cada vez mais amiúde.

Por fim, desabafou. Uma noite ficou em casa a trabalhar. Entre ele e a mãe instalara-se abertamente um clima de críticas mútuas e remoques. Mrs. Morel recuperara toda a sua antiga força. Ele não ia continuar ligado a Miriam. Pois muito bem, ela ficaria à espera de que ele dissesse qualquer coisa. Há muito que detectara no filho a tempestade latente que o traria de volta a ela. Naquela noite, a tensão avolumava-se entre os dois. Paul entregava-se frenética e mecanicamente ao seu trabalho, na ânsia de fugir de si próprio. Já era muito tarde. Pela porta aberta entravam fragrâncias de lírios, como quem espreita. De súbito, ele levantou-se e saiu.

A noite estava tão bela que lhe apetecia gritar. Uma lua em crescente, dourada e esmorecida, mergulhava por detrás do sicómoro negro do fundo do jardim, tingindo o céu de tons tristes de púrpura. Mais perto, uma cerca de lírios brancos, indistintos, cruzava o jardim, fazendo palpitar o ar em volta com o perfume, como se estivesse vivo. Paul atravessou o canteiro de cravos, cujo aroma intenso suplantava o perfume pesado dos lírios, e encostou-se à barreira branca de flores, que pendiam soltas, como se arfassem. O perfume inebriou-o. Desceu até ao prado, para ver a lua desaparecer.

Uma codorniz piava em insistentes chamados. A lua mergulhou rapidamente no horizonte, cada vez mais rubra. Atrás dele, as enormes flores inclinavam-se, como se a chamá-lo. E então, de chofre, sentiu um outro perfume, um cheiro cru e rude. Olhando em volta, viu as íris cor de sangue e aflorou-lhes as carnudas gargantas e as mãos negras e vorazes. Pelo menos tinha encontrado qualquer coisa. As flores erguiam-se hirtas na escuridão. O seu perfume era brutal. A lua derramava-se sobre a crista da colina. Por fim, desapareceu. Tudo era escuridão. A codorniz chamava ainda.

Paul partiu um cravo e voltou para dentro de seguida.

– Vá, meu filho – disse a mãe. – Já são horas de ires para a cama.

Ele permaneceu imóvel, com o cravo encostado aos lábios.

– Vou acabar tudo com a Miriam, mãe – disse, com voz serena.

Ela olhou-o por cima dos óculos. Ele devolveu-lhe o olhar, sem pestanejar. A mãe fitou-o por um momento e depois tirou os óculos. Ele estava lívido. Via-se crescer nele o macho, dominador. E ela não queria vê-lo com demasiada clareza.

– Mas eu pensava... – começou Mrs. Morel.

– Bem... – disse Paul – eu não a amo... não quero casar com ela... Por isso, só me resta pôr um ponto final na situação.

– Mas...! – exclamou a mãe, boquiaberta. – Pensava que ultimamente tinhas decidido ficar com ela, e por isso não disse nada.

– Pois tinha... era o que eu queria... mas já não quero. Não adianta. No domingo acabo

tudo. É o melhor que tenho a fazer, não acha?

– Tu é que sabes. Sabes bem que há muito tempo que eu te disse precisamente isso.

– Já não aguento mais. No domingo acabo tudo.

– Nesse caso... – disse a mãe – suponho que é o melhor que tens a fazer. Mas ultimamente estava convencida de que tinhas resolvido ficar com ela, e por isso não disse nada; mas devia ter-te dito alguma coisa. Como eu sempre disse, acho que ela não é mulher para ti.

– No domingo acabo tudo – disse Paul, aspirando o cravo. Depois, meteu a flor na boca e, distraidamente, arreganhou os dentes, cravou-os lentamente na corola e trincou um punhado de pétalas. Depois, cuspiu-as para a lareira, deu um beijo à mãe e foi deitar-se.

No domingo partiu para a quinta logo ao começo da tarde. Tinha mandado dizer por carta a Miriam que iriam passear pelos campos até Hucknall. A mãe mostrou-se muito carinhosa com ele, mas Paul não disse nada. Ela porém apercebeu-se do esforço que a decisão implicava, mas a expressão determinada do filho sossegou-a.

– Não te preocupes, meu filho – disse ela. – Vais ver como te sentes melhor depois de tudo terminar.

Paul lançou à mãe um olhar fugaz, misto de surpresa e ressentimento. Não precisava da sua solidariedade.

Miriam veio ao seu encontro ao fundo da vereda. Trazia um vestido novo de musselina estampada, de manga curta. Aquelas mangas curtas e os seus braços morenos e esqueléticos a saírem por baixo, uns braços tão resignados, tão dignos de dó, incomodaram-no tanto que lhe estimularam a crueldade. Ela tinha-se posto fresca e bonita para ele; era como se desabrochasse só para ele. De cada vez que Paul olhava para ela e via aquela jovem já madura, tão bonita, de vestido novo, era tão grande a sua dor que o coração parecia querer rebentar as peias que ele lhe punha. Mas estava decidido e era irrevogável.

Chegados ao monte, sentaram-se no chão e ele deitou-se com a cabeça no colo dela, enquanto ela brincava com os seus cabelos. Miriam sabia que «ele não estava ali», como ela costumava dizer. Muitas vezes o procurava, quando ele estava com ela, e não o encontrava. Mas esta tarde não estava preparada.

Eram quase cinco horas quando ele lhe disse. Estavam sentados na margem de um riacho, onde os bordos de turfa pendiam como lábios sobre a margem cavada de terra amarelada, e Paul esgrava-tava o chão com um pauzinho, como sempre fazia quando se sentia perturbado e cruel.

– Tenho pensado muito – disse-lhe ele. – O melhor é acabarmos.

– Porquê? – exclamou ela, tomada de surpresa.

– Porque não adianta continuar.

– Não adianta porquê?

– Porque não. Eu não me quero casar. E se não nos vamos casar, não adianta continuarmos.

– Mas porque é que só agora dizes isso?

– Porque só agora me decidi.

– Então... e estes últimos meses? E todas as coisas que me disseste?

– Não posso fazer mais nada... não quero continuar.

– Já não queres saber mais de mim?

– Quero acabar... quero que fiques livre de mim, e eu de ti.

– E então os últimos meses?

– Não sei... Não te disse nada que não sentisse...

– Então porquê esta mudança?

– Não mudei... Eu sou o mesmo... Só que agora sei que não vale a pena continuar.

– Ainda não me disseste porque é que não vale a pena.

– Porque eu não quero continuar... e não quero casar contigo.

– Quantas vezes disseste que querias casar comigo e eu não aceitei?!

– Eu sei... Mas agora quero acabar tudo.

Por instantes fez-se silêncio, enquanto ele continuava a espetar o pau na terra raivosamente. Miriam deixou cair a cabeça, pensativa. Ele era uma criança irresponsável. Comportava-se como um bebé que, ao acabar de beber, atira a chávena ao chão e a esmigalha. Miriam olhava para ele com a sensação de poder agarrá-lo e fazê-lo cair em si. Mas sentia-se impotente. E então gritou:

– Uma vez disse que não tinhas mais de catorze anos... mas o que tu tens são quatro!

E ele sempre a esgravatar na terra raivosamente. Ouvindo e calando.

– Pareces mesmo uma criança de quatro anos – repetiu ela, furiosa.

Ele não respondeu, pensando para consigo: «Ótimo, se eu sou uma criança de quatro anos, para que me queres? De outra mãe eu não preciso.» Mas não disse nada, permanecendo em silêncio.

– Já disseste à tua família?

– Disse à minha mãe.

De novo, um prolongado silêncio.

– O que mais queres então? – perguntou ela.

– Essa agora... quero que a gente se separe. Temos vivido colados um ao outro todos estes anos... Está na hora de pararmos. Eu sigo o meu caminho, sem ti, e tu segues o teu, sem mim. E terás uma vida independente, uma vida só tua.

Havia nestas palavras um certo fundo de verdade, que ela, apesar de todo o seu azedume, não podia deixar de registrar. Ela reconhecia que sentia por ele uma espécie de servidão irracional, que odiava por não poder controlá-la. Odiara o amor que sentia por ele desde o momento em que se tornara demasiado avassalador. No fundo, odiava-o porque o amava e ele a dominava. Resistira ao seu domínio, lutara para se manter livre, e sabia que estava livre dele, muito mais do que ele dela.

– Mas... – prosseguiu ele – havemos de ser para sempre o reflexo um do outro. Tu fizeste muito por mim, e eu por ti. Chegou a altura de cada um viver a sua vida.

– Que pensas fazer? – perguntou Miriam.

– Nada, apenas ser livre – respondeu ele.

Ela, porém, sentia no mais fundo de si mesma que era a influência de Clara que o incitava à libertação. Mas ficou calada.

– E que vou eu dizer à minha mãe? – perguntou Miriam.

– Eu disse à minha que ia acabar tudo... sem rodeios.

– Eu não lhe vou contar nada – disse ela.

– Faz como quiseres – disse ele, franzindo a testa.

Paul sabia que a tinha colocado numa situação difícil, e que nada fazia para a ajudar. E isso irritava-o.

– Diz-lhes que não querias, e continuas a não querer, casar comigo, e que acabaste tudo – disse ele. – Podia ser verdade.

Ela mordeu o dedo, amuada. Passou em retrospectiva todo o tempo de namoro. Sempre soubera que acabariam assim: estava à vista que assim seria. Ia ao encontro dos seus mais negros presságios.

– Sempre assim foi, sempre! – gritou ela. – Sempre uma longa batalha... e tu a tentares libertar-te de mim.

A frase saiu-lhe sem querer, como um relâmpago. O coração dele parou. Era então assim que ela via as coisas?

– Mas houve alguns momentos perfeitos, algumas horas perfeitas, em que estivemos juntos – disse ele, em tom de desculpa.

– Nunca! – gritou ela. – Nunca! Eras sempre tu a tentares livrar-te de mim.

– Nem sempre... a princípio não – desculpou-se ele de novo.

– Sempre... desde o princípio... foi sempre o mesmo.

Miriam terminara, mas tinha dito o bastante. Paul estava sentado, perplexo. Tinha querido dizer, «Foi bom, mas chegou ao fim.» E ela, ela em cujo amor ele tinha acreditado com desprezo de si próprio, negava que o amor deles alguma vez tivesse sido amor. «Será que ele tinha lutado sempre para se libertar dela?» Então tinha sido monstruoso, nunca existira realmente nada entre eles, ele passara a vida a imaginar uma coisa que não existia.

E ela sabia-o. Sempre soubera tanto e lhe dissera tão pouco. Ela sempre o soubera. No fundo, sempre o tinha sabido!

Paul sentou-se em silêncio, amargurado. Sentia que se tinha voltado o feitiço contra o feiticeiro. Era ela que tinha brincado com os seus sentimentos, e não ele com os dela. Ela escondera dele recriminações, lisonjeara-o, e desprezara-o. Desprezava-o naquele preciso momento. E tudo isso lhe acicatava a inteligência e a crueldade.

– Deves casar com um homem que te adore – disse ele. – Assim, podes fazer dele o que quiseres. Hás-de encontrar muitos homens que te adorem, se lhes souberes tocar na corda sensível. É com um desses que te deves casar. Esses não se vão querer livrar de ti.

– Obrigada – disse ela. – Mas, por favor, não voltes a dizer-me para casar com outra pessoa. Já uma vez o fizeste.

– Muito bem – disse ele. – Não digo mais nada.

Deixou-se ficar sentado, calado, como se tivesse recebido o golpe em vez de ser ele a desferi-lo. Eram oito anos de amor e amizade, oito anos que eram toda a sua vida, reduzidos a nada.

– Quando é que pensaste nisto? – perguntou ela.

– Tomei a decisão na quinta-feira à noite.

– Eu sabia que estava para acontecer.

Paul sentiu um prazer amargo ao sabê-lo. «Pois muito bem... se ela sabia... então já não é surpresa», pensou.

– Disseste alguma coisa à Clara? – perguntou Miriam.

– Não... mas vou dizer-lhe agora.

Fez-se silêncio.

– Lembras-te das coisas que me disseste há um ano, por esta altura... em casa da minha avó... há um ano não... até mesmo o mês passado?

– Lembro-me – respondeu ele. – Lembro-me perfeitamente! E fui sincero. Não tenho culpa de as coisas terem acabado.

– Acabaram porque tu queres outra coisa.

– Teriam acabado de uma maneira ou de outra. Tu nunca acreditaste em mim.

Miriam soltou uma gargalhada estranha.

Ele continuava sentado, em silêncio. Dominava-o o sentimento de ter sido enganado por ela. Ela desprezara-o quando ele julgava que ela o amava. Ela deixara-o dizer disparates, e não o contradissera. Deixara-o lutar sozinho. Pensar que ela o desprezara enquanto ele pensava que ela o amava era como uma espinha atravessada na garganta. Ela devia ter-lhe dito. Não tinha sido honesta, e ele odiava-a. Durante todos estes anos, a tratá-lo como um herói e a considerá-lo uma criança, um menino tonto. Porque deixara então o menino tonto entregue às suas tontices? O seu coração endureceu, revoltou-se contra ela.

Ela estava sentada, amargurada. Sempre soubera... oh se soubera. Durante todo o tempo que ele não passava com ela, tivera oportunidade de estudá-lo, de ficar a conhecer a sua mesquinhez, a sua maldade e a sua loucura. Pusera até a alma a bom recato. Não estava destroçada, prostrada, nem sequer magoada. Sempre o soubera. Porquê, então, o estranho domínio que ele, ali sentado, ainda exercia sobre ela? Até os seus movimentos a fascinavam, como se estivesse hipnotizada por ele. No entanto, ele era desprezível, falso, irresponsável e mesquinho. Porquê esta servidão? Qual a razão para um simples movimento do seu braço a excitar como nada mais no mundo poderia? Porque estava ela presa assim a ele? Porque seria que ainda agora, se ele olhasse para ela e lhe desse uma ordem, ela teria de obedecer? Satisfazer-lhe-ia os seus mínimos desejos. Mas, uma vez satisfeitos os desejos, sabia que o tinha em seu poder para o levar para onde quisesse. Estava segura de si. Ah, se não fosse esta nova influência! Ele não era um homem, era um bebé, a chorar pela última novidade, e nem toda a tenacidade da sua alma o conseguiria prender. Pois muito bem, que partisse. Mas voltaria para ela quando se cansasse da nova sensação.

Paul esgravatou na terra até deixar Miriam apavorada. Ela levantou-se. Ele atirava torrões de terra para a água.

– Vamos embora e tomamos chá por aqui? – perguntou ele.

– Pode ser – respondeu ela.

Falaram de trivialidades durante o chá. Ele, inspirado talvez pelo salão da casa de chá, discorreu sobre o gosto pela ornamentação e a sua ligação com a estética. Ela manteve-se fria e reservada. Quando regressavam a casa, ela perguntou:

– E não vamos ver-nos mais?

– Não... só muito raramente – respondeu ele.

– Nem escrever? – perguntou ela, em tom quase sarcástico.

– Se quiseres... – respondeu Paul. – Não somos dois estranhos... nunca o seremos, aconteça o que acontecer. Posso escrever-te de vez em quando. Tu faz como quiseres.

– Estou a perceber – disse ela, cortante.

Mas ele tinha chegado ao ponto em que já nada o magoava. Tinha infligido uma grande ruptura na sua vida. Tinha sofrido um grande choque quando ela lhe dissera que o amor deles nada mais fora que conflito. Já nada mais lhe importava. Se alguma vez esse amor tinha sido grandioso, agora que chegara ao fim, não era preciso fazer cenas.

Paul deixou Miriam ao fundo da alameda, e ficou parado, envergonhado e desgostoso, vendo-a afastar-se sozinha rumo a casa, com o seu vestido novo, para ir contar à família, e reflectia sobre o sofrimento que lhe causava.

Numa reacção de recuperação da auto-estima, foi ao Willow Tree tomar uma bebida. Lá, encontrou quatro raparigas que tinham andado a passear e estavam a beber um modesto cálice de porto. Havia bombons espalhados sobre a mesa. Paul sentou-se perto delas com o seu uísque, e percebeu que as raparigas cochichavam e trocavam cotoveladas. A certa

altura, uma delas, uma morena magra e atrevida, chegou-se para ele e perguntou:

– Quer um bombom?

As outras desataram a rir com a ousadia.

– Está bem – disse Paul. – Dê-me um dos duros... de noz. Não gosto dos que têm creme.

– Ora aqui tem – disse a rapariga. – Um de amêndoa.

Ela pegou no bombom com o polegar e o indicador, ele abriu a boca, e ela meteu-lho lá dentro, ruborizada.

– Você é uma simpatia, sabia? – disse ele.

– Bem – respondeu ela – achámos que você tinha um ar desamparado, e elas desafiaram-me a oferecer-lhe um bombom.

– Não me importo nada de comer outro... de outro género – disse ele.

E desataram todos a rir.

Eram nove horas, já noite fechada, quando Paul chegou a casa. Entrou sem fazer barulho. A mãe, que estava à espera dele, levantou-se cheia de ansiedade.

– Pronto, já lhe disse – disse Paul.

– Ainda bem! – retorquiu a mãe, parecendo muito aliviada.

Paul pendurou o boné com desalento.

– Disse-lhe que o melhor era acabarmos tudo.

– Fizeste bem, meu filho – disse a mãe. – Agora vai custar-lhe muito, mas com o tempo vai ser melhor para ela. Eu sei que vai. Tu não servias para ela.

Paul sentou-se e disse, sem conseguir conter o riso:

– Fartei-me de rir com umas raparigas, num bar.

A mãe olhou para ele. Já tinha esquecido Miriam. Paul contou à mãe a conversa com as raparigas no Willow Tree. Mrs. Morel continuava a olhar para ele. Aquela alegria parecia-lhe artificial. Por detrás dela escondia-se muito horror, muito sofrimento.

– Vem comer qualquer coisa – disse Mrs. Morel, com muita suavidade.

Mais tarde, ele disse, melancólico:

– Ela nunca pensou que eu ia ser dela, mãe, nem por um instante... Por isso, não está desapontada.

– Receio que ela não tenha ainda perdido as esperanças – disse a mãe.

– Não – disse ele. – Se calhar, não.

– Vais ver que foi melhor acabares tudo.

– Não sei – disse ele, desesperado.

– Bom, agora deixa-a em paz – respondeu a mãe.

Paul assim fez, e Miriam ficou sozinha. Muito poucas pessoas gostavam dela, e ela gostava de muito poucas pessoas. Continuava entregue à sua solidão, sempre à espera.

XII

A PAIXÃO

POUCO A POUCO, ia-se tornando possível a Paul ganhar a vida apenas com a sua arte. Os armazéns Liberty tinham comprado vários dos seus padrões estampados para tecidos, e vendia ainda para mais uma ou duas lojas desenhos para bordados, toalhas de altar e coisas semelhantes. Por enquanto não ganhava muito, mas tinha possibilidades de expandir o negócio. Tinha também conhecido o desenhador de uma firma de porcelanas e estava a começar a aprender a arte do seu novo amigo. Interessava-se muito pelas artes aplicadas e, ao mesmo tempo, continuava a trabalhar nos seus quadros. Adorava pintar grandes figuras, cheias de luminosidade, mas não apenas compostas de luz e sombras difusas, como nos impressionistas. Preferia figuras bem definidas, mas que emanavam uma certa luminosidade, como em Miguel Ângelo. E, depois, inseria estas figuras numa paisagem, na proporção que considerava a ideal. Trabalhava muito de memória, servindo-se de todas as pessoas que conhecia. Acreditava firmemente no seu trabalho, na sua qualidade e no seu real valor. Apesar das crises de depressão, timidez, o que se quisesse, acreditava acima de tudo no seu trabalho.

Tinha vinte e quatro anos quando, pela primeira vez, confidenciou:

– Mãe, hei-de vir a ser um pintor de quem toda a gente fala.

Ela fungou, naquele seu jeito peculiar de quem encolhe os ombros razoavelmente satisfeito.

– Muito bem, meu filho. Veremos... – disse ela.

– Vai ver sim, minha pombinha. Vai ver, qualquer dia anda aí toda inchada com o seu filho.

– Para mim está muito bem assim, meu filho – disse ela, com um sorriso.

– Mas vai ter de mudar. Olhe só para si e para a Minnie.

Minnie era a criadita, uma rapariga de catorze anos.

– O que tem a Minnie? – perguntou Mrs. Morel cheia de dignidade.

– Esta manhã, quando a mãe se meteu à chuva para ir lá fora buscar mais carvão, eu bem a ouvi dizer-lhe: «Oh, Mrs. Morel, quem tem de fazer isso sou eu.» É o jeito que a mãe tem para lidar com as criadas...

– Bem... isso era só a rapariga a ser amável – respondeu Mrs. Morel.

– E a mãe logo a desculpá-la: «Ninguém pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, pois não?»

– Pois se ela estava mesmo ocupada a lavar a loiça... – replicou Mrs. Morel.

– E que respondeu ela? «Isto podia bem esperar um bocadinho. Olhe para os seus pés,

todos molhados!»

– Pois foi... Olha que sabida! – disse Mrs. Morel, a sorrir.

– E fala a mãe em importâncias.

Mrs. Morel fungou ligeiramente.

– As suas criadas iam ser tão boas para si que a mãe nem se atrevia a mexer um dedo com medo de elas irem logo atrás de si.

– A propósito – exclamou a mãe, subitamente. – Ontem também vos ouvi quando estavas no corredor: «Eh, não vá para aí agora», disse a Minnie. «Porquê?», disseste tu. «Acabei mesmo agora de lavar o chão.» E tu respondeste: «Está bem, mas eu não posso saltar daqui para o colchão.» Por isso, diga-me lá vossa excelência que autoridade tem para estar a falar de mim?

– Ah, mas eu sou capaz de me impor e comandar pessoas.

A mãe desatou a rir.

– Eu sou testemunha... – disse ela, trocista.

– Sou capaz, sim, havia de ver – insistiu ele.

– E bem gostava... – disse ela a rir.

– Pois fique sabendo que as minhas raparigas tremem só de ouvir os meus passos. Mas nem o capataz de um milhão de raparigas lhe conseguia levar a melhor.

A mãe limitou-se a rir.

– Então não acha uma maravilha estar sentada na casa de jantar e só ter de tocar a campainha quando quiser alguma coisa...

– Então não acho! – exclamou ela, algo céptica.

– Pois vai achar, verás. Há-de ter uma tapete turca, das autênticas e tudo.

– Muito bem... muito bem, meu filho. Mas, até lá, vou esperando. Além disso, há-de querê-la para a tua casa.

– Que casa... a minha casa é esta!

– Mas não vai ser sempre.

– Vai ser, sim, digo-lho eu.

– Espera por essa!

– Espero, sim senhora. Vou esperar até a Vénus de Milo vir ao meu encontro.

– E para que querias tu uma mulher como a Vénus de Milo? – E a mãe riu-se.

– Tem razão, ela era capaz de querer alguém mais importante – disse Paul. – Dava um bom par para Mr. Gladstone.

– Imagina só Mr. Gladstone! – e Mrs. Morel deu uma gargalhada. – É tão simpático!

– Era isso... ela tinha de o adorar... ele tinha de ter uma mulher que o adorasse... e a Senhora Dona Vénus de Milo não ia estar pelos ajustes. Eu até era capaz de gostar dela. Mas é muito velha. Enfim, quando ela aparecer, logo veremos.

Paul olhou para a mãe, a rir. O amor que ela sentia pelo filho aquecia-lhe a alma e acendia-lhe as faces. Era como se todo o sol irradiasse dela. E continuou alegremente o seu trabalho. Parecia tão bem quando estava feliz que o filho até esqueceu os seus cabelos brancos.

Nesse ano, a mãe foi com ele passar férias à ilha de Wight. Era uma experiência excitante para ambos, e muito bonita. Mrs. Morel andava transbordante de alegria, deslumbrada. Mas o filho obrigou-a a passear com ele mais do que as forças dela permitiam, e Mrs. Morel teve um desmaio bastante grave, ficando com as faces cor de cinza e os lábios roxos. Para Paul era uma agonia, era como se alguém lhe estivesse a enterrar um punhal no coração. Mas ela melhorou, e ele não pensou mais no assunto. Ficou-lhe no entanto a ansiedade, como uma ferida que não sara.

Depois de deixar Miriam, voltou-se quase de seguida para Clara. Na segunda-feira a seguir ao dia do rompimento, Paul foi à sala dela. Ela levantou os olhos e sorriu. Sem se darem conta, tinham-se tornado muito íntimos, e ela sentiu que uma nova luz irradiava dele.

– Então, Rainha do Sabá! – disse ele, rindo.

– Porque me chamas isso? – perguntou ela.

– Acho que te assenta bem. Trazes um vestido novo.

Ela corou, e perguntou:

– E depois?

– Fica-te bem... um espanto! Eu estava capaz de te desenhar um vestido.

– E como seria?

De pé diante dela, os seus olhos cintilavam enquanto ia explicando. Os olhos dele fixavam-se nos dela. De repente, ele agarrou-a. Ela, surpresa, recuou. Ele puxou-lhe a blusa para baixo, ajustando-a e alisando o tecido sobre os seios.

– É mais assim! – explicou.

Mas estavam ambos afogueados de vergonha, e ele desapareceu em seguida. Tinha-lhe tocado e todo o seu corpo estremeceu com a sensação.

Entre eles existia já uma espécie de entendimento secreto. Na noite seguinte, Paul passou com Clara pelo animatógrafo, onde ficaram alguns minutos, a fazer horas para o comboio. Quando lá estavam sentados, ele viu a mão dela perto da sua. Primeiro não se atreveu a tocar-lhe. As imagens dançavam e tremelicavam. Depois, agarrou-lhe na mão. Era grande e firme, e enchia a dele. Manteve-a apertada. Ela não se mexeu, nem deu qualquer sinal. Quando saíram, estava na hora do comboio dele. Paul hesitou.

– Boa noite – disse Clara. Ele disparou pela rua fora.

No dia seguinte, veio de novo conversar com ela, e ela mostrou-se muito arrogante.

– Vamos dar um passeio na segunda-feira? – perguntou ele.

Ela virou-lhe a cara.

– Vais contar à Miriam? – retorquiu ela, sarcástica.

– Acabei tudo com ela – disse ele.

– Quando?

– No domingo passado.

– Zangaram-se?

– Não! Fui eu que quis assim. Disse-lhe sem rodeios que a partir daí me considerava um homem livre.

Clara não respondeu, e ele voltou para o trabalho. Ela era tão calma, e tão extraordinária!

No sábado à noite, ele convidou-a para ir tomar café com ele a um restaurante, depois do trabalho. Ela aceitou, mas mostrou-se muito reservada e distante. Ele dispunha de três quartos de hora até à hora do comboio.

– Podíamos ir dar uma volta – disse ele.

Ela concordou, e foram até ao parque, passando pelo castelo. Paul sentia medo dela. Ela caminhava amuada ao lado dele, e o seu andar era zangado, deixando transparecer uma espécie de relutância ofendida. Ele tinha medo de lhe dar a mão.

– Para que lado queres ir? – perguntou Paul, enquanto caminhavam noite dentro.

– Tanto faz.

– Então vamos subir os degraus.

De repente, deu meia volta. Já tinham passado pelos degraus do parque. Ela ficou estática, ofendida por ele a ter abandonado sem aviso. Ele voltou atrás à procura dela, e ela lá estava, ativa como sempre. Desúbito, ele tomou-a nos braços, apertou-a e beijou-a. Depois soltou-a.

– Vamos – disse ela, penitente.

Ela foi com ele. Ele pegou-lhe na mão e beijou-lhe as pontas dos dedos. Caminhavam em silêncio. Quando chegaram à luz, ele largou-lhe a mão. Nenhum disse nada até chegarem à estação. Aí os seus olhos encontraram-se.

– Boa noite – disse ela.

Ele foi para o comboio. O corpo dele agia mecanicamente. As pessoas falavam com ele, e ele ouvia ecos distantes a responder. Estava delirante. Parecia-lhe que iria enlouquecer, se a segunda-feira não chegasse depressa. Na segunda-feira ia vê-la de novo. Todo o seu ser se concentrava nesse dia. Mas o domingo metia-se de permeio, e ele não sabia se iria aguentar estar sem a ver até segunda-feira. E o domingo metia-se de permeio... horas e

horas de tensão. Apetecia-lhe bater com a cabeça na portinhola do comboio. Mas ficou quieto, sentado. Bebeu um uísque a caminho de casa, mas sentiu-se ainda pior. Só não podia preocupar a mãe, era tudo. Disfarçou e foi logo para a cama. Sentou-se na cama, todo vestido, com o queixo apoiado nos joelhos, a olhar lá para fora, para a colina distante, pontilhada de luzes. Nem pensava, nem dormia. Estava imóvel, de olhar suspenso. E quando, por fim, o frio o fez voltar a si, descobriu que o relógio tinha parado às duas e meia. Já passava das três. Estava exausto, mas assaltava-o o tormento de saber que era só domingo de manhã. Meteu-se na cama e adormeceu. Depois, passou o dia a andar de bicicleta, até já não poder mais, e depois mal se lembrava por onde tinha andado. Mas o dia seguinte era segunda-feira. Dormiu até às quatro horas e, quando acordou, deixou-se ficar deitado na cama, a pensar. Estava a aproximar-se de si mesmo... podia ver-se bem real algures mais à frente. Ela havia de querer dar um passeio com ele à tarde. À tarde! Pareciam-lhe anos de distância.

Lentamente, as horas foram passando. O pai levantou-se. Paul ouviu-o a traquinar na cozinha, saindo depois para a mina, a arrastar as botas pelo pátio. Os galos ainda cantavam. Na estrada passou uma carroça. A mãe levantou-se. Espevitou o lume. Finalmente chamou-o com doçura. Ele respondeu, como se ainda estivesse a dormir. A sua carapaça estava a portar-se bem.

Dirigiu-se para a estação... só mais uma milha! O comboio aproximava-se de Nottingham... será que ia parar antes dos túneis?... Não tinha importância, havia de chegar antes da hora de almoço. Chegou à Jordan. Ela chegava dentro de meia hora. De qualquer maneira, já vinha a caminho. Ele já tinha acabado as cartas. Ela tinha de estar lá. Talvez não tivesse vindo. Correu pela escada abaixo. Ah, viu-a através da vidraça da porta. Os seus ombros ligeiramente curvados sobre o trabalho fizeram-no sentir que não podia dar nem mais um passo; que não se aguentava de pé. Entrou. Estava pálido, nervoso, desajeitado, gelado. E se ela não o entendesse? Com aquele aspecto, não podia mostrar-lhe quem realmente era.

– E hoje à tarde – disse, titubeante –, queres vir comigo?

– Acho que sim – respondeu ela, num murmúrio.

Ele ficou ali, diante dela, incapaz de dizer uma palavra. Ela escondeu a cara. E de novo ele teve a sensação de estar prestes a perder a consciência. Cerrou os dentes e voltou para o andar de cima. Tinha-se portado correctamente até agora e assim iria continuar. Durante toda a manhã, as coisas pareciam-lhe distantes, como acontece sob o efeito do clorofórmio. Ele próprio parecia esmagado por uma faixa de constrangimento. Mas, depois, via o seu outro eu à distância, a fazer coisas, a apontar coisas num livro de registos, e vigiava atentamente esse seu eu distante, para não o deixar cometer erros.

Mas a dor e a tensão não davam para aguentar por muito mais tempo. Trabalhava sem parar. Mesmo assim, ainda era só meio-dia. Não parava de trabalhar, esforçando-se para dar tudo por tudo, como se estivesse literalmente pregado à secretária. Faltava um quarto para a uma... Podia arrumar as coisas. Depois, correu desenfreado pela escada abaixo.

– Vai ter comigo à fonte, às duas horas – disse ele.

– Só lá posso estar às duas e meia.

– Está bem – concordou Paul.

Ela reparou nos seus olhos negros, tresloucados.

– Vou tentar chegar às duas e um quarto.

E ele teve de se contentar. Foi comer qualquer coisa. Continuava sob os efeitos do clorofórmio, e cada minuto lhe parecia uma eternidade. Andou milhas ao acaso. Depois achou que se ia atrasar. Chegou à fonte às duas e cinco. A tortura lenta do quarto de hora que se seguiu foi indescritível. Era a angústia de fundir o eu vivente com a carapaça. Nisto, avistou-a. Ela viera! E ele estava lá.

– Atrasaste-te – disse Paul.

– Só cinco minutos – respondeu Clara.

– Eu nunca te teria feito esperar – disse ele. E riu-se.

Ela envergava um saia-casaco azul-escuro, e ele admirou-lhe o corpo elegante.

– Queres umas flores? – disse, dirigindo-se à florista mais próxima.

Ela seguiu-o em silêncio. Ele comprou-lhe um raminho de cravos cor de tijolo, quase escarlates. Ela meteu-os na lapela, ruborizando.

– Têm uma cor lindíssima! – disse Paul.

– Preferia uma cor mais suave – disse ela.

Ele riu-se.

– Porquê? Sentes-te como uma mancha de vermelhidão pela rua fora? – disse ele.

Ela caminhava de cabeça baixa, receosa das pessoas que encontravam. Ele olhava para ela pelo canto do olho. Uma penugem aflorava-lhe a face, perto da orelha, e ele queria tocá-la. Aquela opulência que ela tinha, a opulência de uma espiga cheia inclinando-se ao vento, punha-lhe a cabeça a andar à roda. Sentia-se rodopiar pela rua fora, e tudo girava com ele.

Quando se sentaram no eléctrico, ela encostou ao dele o ombro pesado, e ele pegou-lhe na mão, sentindo como se acordasse de uma anestesia e começasse a respirar. A orelha dela, meio oculta por baixo do cabelo louro, estava muito próxima. A tentação de a beijar era quase incontrolável. Mas havia mais gente à volta deles. No entanto nada o impedia de a beijar. Afinal, ele não era ele, era apenas mais um atributo dela, como o sol que a banhava.

Paul desviou rapidamente o olhar. Tinha estado a chover. O monte escarpado do castelo, por detrás da planura da cidade, estava sulcado de chuva. Atravessaram o vasto emaranhado de negros carris do entroncamento do Midlands, e passaram o cercado do gado, que se erguia muito branco. Em seguida, desceram a sórdida Wilford Road.

Ela balançava ligeiramente com os movimentos do eléctrico, encostada a ele, empurrando-o. Ele era um homem vigoroso, esguio, de inesgotável energia. O seu rosto

era rude, de feições rudes como os rostos do povo, mas os seus olhos, por baixo das espessas sobrancelhas, eram tão cheios de vida que a fascinavam. Pareciam dançar parados, e estremeciam aos balanços inefáveis do riso. A boca dele parecia pronta a estalar numa gargalhada de triunfo, mas não o fez. Havia nele uma tensão latente. Ela mordeu o lábio, amuada. A mão dele apertava fortemente a sua.

Pagaram os dois meios dinheiros à saída e atravessaram a ponte. O rio Trent levava muita água. Corria vertiginoso, silencioso, sob a ponte, num só corpo, coeso e fluído. Tinha chovido muito. Nas margens brilhavam charcos de água da cheia. O céu estava cinzento, raiado de prata aqui e além. No cemitério de Wilford, as dalias, ensopadas, eram bolas negras e carmim, todas molhadas. Não se via ninguém no caminho que seguia ao longo da margem verdejante, rente aos ulmeiros.

Uma neblina muito ténue pairava sobre as águas negras e cintilantes, as margens e os ulmeiros aspergidos de ouro. O rio, criatura subtil e complexa, deslizava num só corpo, infinitamente silencioso e veloz, revolvendo-se em si mesmo. Clara caminhava sisuda ao lado de Paul.

– Por que razão deixaste a Miriam? – perguntou ela passado um bocado, esganiçando a voz.

Ele franziu a testa.

– Porque me apeteceu.

– Mas porquê?

– Porque não me apetecia continuar a andar com ela. E não queria casar com ela.

Clara ficou calada por uns instantes. Meteram pelo atalho lamacento. Gotas de água pingavam dos ulmeiros.

– Não querias casar com a Miriam, ou pura e simplesmente não querias casar? – perguntou ela.

– As duas coisas – respondeu ele. – As duas coisas! Tiveram de fazer alguma ginástica para chegarem à cerca, devido às poças de água.

– E que disse ela? – perguntou Clara.

– A Miriam? Disse que eu parecia um miúdo de quatro anos e que sempre tinha procurado mantê-la afastada.

Clara ficou pensativa durante algum tempo.

– Mas ainda namoraste com ela bastante tempo? – perguntou.

– Sim.

– E agora não queres mais nada com ela?

– Não. Sei que não adianta. Clara ficou de novo pensativa.

– Não achas que te portaste muito mal com ela? – perguntou Clara.

– Acho! Devia ter acabado tudo há muitos anos. Mas agora também não adiantava continuar. Seria pior a emenda que o soneto.

– Quantos anos tens? – perguntou Clara.

– Vinte e cinco.

– Eu tenho trinta – disse ela.

– Eu sei.

– Estou quase a fazer trinta e um... ou será que já os fiz...?

– Não sei nem quero saber. Que interessa isso?

Chegaram à entrada da mata. O caminho vermelho e molhado, pegajoso devido às folhas caídas, subia pela margem íngreme, entre a relva. Ladeavam-no os ulmeiros, como pilares ao longo de uma nave, fechando em arco e formando um tecto de onde tombavam as folhas mortas. Tudo estava deserto, molhado e em silêncio. Ela trepou para cima da cerca, e ele segurou-lhe as duas mãos.

Ela saltou, o seu peito comprimiu-se contra o dele, e ele abraçou-a e cobriu-lhe a cara de beijos.

Continuaram a subir o trilho vermelho e íngreme, escorregadio. A certa altura, ele retirou a mão e colocou-lha em volta da cintura.

– Assim, a apertares tanto, comprimes-me a veia do braço – disse ela.

Continuaram a andar. As pontas dos dedos dele afluíam o balançar dos seios dela. Tudo estava deserto e em silêncio. Para a esquerda, pedaços de terra vermelha lavrada surgiam entre as arcadas formadas pelos troncos dos ulmeiros e a folhagem. Para a direita, mais abaixo, avistavam-se as copas dos ulmeiros perdidas na distância, e ouvia-se de quando em vez o gorgolejar das águas. Esporadicamente, captavam uma visão fugaz do caudal suave do Trent e das várzeas salpicadas de reses diminutas.

– Não mudou quase nada desde os tempos em que o pequeno Kirke White costumava vir para aqui – disse Paul.

Mas o seu olhar estava preso ao pescoço dela, na base da orelha, onde o corado das faces se fundia com o mel claro da tez e com a boca, que se fechava num beicinho de desconsolo. O corpo dela roçava nele ao caminhar, e o corpo dele era uma corda retesada.

A meio da subida, sob a longa arcada de ulmeiros, no ponto mais alto da mata sobranceiro ao rio, a caminhada foi interrompida. Atravessando o relvado, Paul levou Clara para o outro lado, para debaixo das árvores que ladeavam a margem. O maciço de terra vermelha descia abruptamente por entre árvores e arbustos até ao rio que brilhava ou se acoitava negro entre a folhagem. As várzeas, lá muito em baixo, verdejavam. Ficaram os dois encostados um ao outro, calados, receosos, com os corpos tocando-se de alto a baixo. Um súbito rumor das águas elevou-se até eles, vindo do rio.

– Porquê? – perguntou ele daí a algum tempo. – Porque odiavas o Baxter Dawes?

Ela voltou-se para ele com um movimento majestoso, esplêndido. A boca oferecia-se-lhe e a garganta, os olhos estavam semi-cerrados e o peito estremecia como a perguntar por ele. Paul soltou uma gargalhada fresca, fechou os olhos e uniu-se a ela num beijo longo e inteiro. A boca dela fundiu-se na sua, e os seus corpos colaram-se, retesados. Só passados alguns minutos se separaram. Estavam mesmo ao lado do trilho.

– Queres descer até ao rio? – perguntou ele.

Ela olhou para ele, entregando-se nas suas mãos. Ele passou para o outro lado e começou a descer.

– É escorregadio.

– Não faz mal – respondeu ela.

A encosta argilosa descia quase a pique. Ele deixou-se escorregar, passando de um tufo de erva para outro, segurando-se aos arbustos, procurando pequenas plataformas de apoio na base das árvores. Depois esperou por ela, excitado, a rir. Tinha os sapatos cobertos de terra vermelha. Para ela era difícil descer. Ele fez cara feia. Por fim, lá conseguiu agarrar a mão dela e puxá-la para ao pé de si. O monte erguia-se acima das suas cabeças e descia a perder de vista. Ela estava afogueada, e com os olhos cintilantes. Paul olhou para o precipício que se abria diante dele.

– É arriscado – disse ele. – No mínimo, vamos ficar todos sujos. Não será melhor voltarmos para trás?

– Por mim, não – disse ela prontamente.

– Então está bem. Mas olha que eu não te posso ajudar. Só ia atrapalhar. Dá cá esse embrulhinho e as tuas luvas. Coitados dos teus sapatos!

Ficaram parados à beira do declive, sob as árvores.

– Bem, cá vou eu outra vez – disse ele.

E lá foi a escorregar, aos trambolhões, deslizando até à árvore mais próxima, indo de encontro ao tronco com tanta força que quase perdeu a respiração. Ela seguiu-o, cheia de cautelas, agarrando-se aos ramos e às ervas. E lá foram descendo, árvore a árvore, até à margem do rio. Aí, para desespero de Paul, a cheia tinha galgado o carreiro, e a encosta vermelha mergulhava directamente na água. Fincando os calcanhares, conseguiu travar e evitar um banho. Mas o cordel rebentou e o embrulhinho castanho lá foi aos trambolhões até à água, sendo levado suavemente pela corrente. Paul continuava agarrado à sua árvore.

– Bolas! – exclamou ele, danado. Depois desatou a rir. Clara já tinha encetado a perigosa descida.

– Cuidado! – gritou ele, esperando por ela, de costas fincadas na árvore.

– Agora – gritou-lhe ele, abrindo os braços. Ela deixou-se ir. Ele apanhou-a e ficaram os dois agarrados um ao outro a olhar para a bacia de água negra aberta na margem abrupta. O embrulho tinha sido arrastado pela corrente.

– Não faz mal – disse ela.

Paul apertou-a contra si e beijou-a. Apenas tinham espaço para os quatro pés.

– Estamos bem arranjados! – disse ele. – Mas há ali pegadas; se continuarmos, acho que havemos de encontrar o caminho outra vez.

O rio corria caudaloso. Na margem oposta pastavam algumas reses nos devastados socalcos. Do lado direito de Paul e Clara, a escarpa erguia-se a grande altura. Eles continuavam agarrados à árvore sobre a vastidão silenciosa das águas.

– Vamos tentar seguir em frente – disse ele. E lá foram os dois, enterrando-se na lama vermelha, pelo trilho deixado pelas botas cardadas de um homem. Estavam cheios de calor e afogueados, e mal podiam levantar os pés, tanta era a lama nos sapatos. Por fim, encontraram o caminho interrompido. Estava pejado de detritos, mas sempre era mais firme. Rasparam a lama das botas com pauzinhos. Paul sentia o coração bater célere e forte. Lembrava-se de que a seguir à curva havia uma pequena enseada de margens planas. Ele ia à frente e ela atrás dele, em silêncio. Os sapatos e a barra da saia de Clara estavam cobertos de terra vermelha. A certa altura, tiveram de trepar por cima de uma árvore derrubada. Ela deixou-se ficar para trás porque lhe tinha entrado terra para o sapato. Estavam quase a chegar à enseada. O coração de Paul batia forte e cada vez mais depressa.

Subitamente, ao atingirem a enseada, Paul viu dois vultos masculinos de pé, e em silêncio, na beira-rio, e o seu coração deu um salto. Os homens estavam a pescar. Ele voltou-se para trás e levantou a mão para Clara, num gesto de aviso. Ela hesitou e abotoou o casaco. Depois avançaram lado a lado.

Os pescadores voltaram-se, curiosos, observando os dois intrusos que tinham vindo perturbar a sua paz e a sua solidão. Tinham feito uma fogueira, mas estava quase apagada. Permaneceram perfeitamente imóveis. Os homens, de novo absortos na pesca, continuavam de pé sobre a corrente prateada, como estátuas. Clara avançou cabisbaixa, ruborizada; Paul ria-se interiormente. Num ápice ficaram fora do raio de visão dos pescadores, para lá dos salgueiros.

– Era bem feito que se afogassem – disse Paul, em voz baixa.

Clara não respondeu, e lá continuaram, progredindo com esforço pelo carreiro exíguo da borda de água. Nisto, o carreiro desapareceu e, à sua frente, depararam-se com um muro de argila vermelha que descia a pique até ao rio. Paul estacou e soltou uma praga entre dentes.

– É impossível passar – disse Clara.

Ele ficou imóvel, a olhar em volta. Um pouco mais adiante, havia duas ilhotas no meio do rio, cobertas de vimeiros, mas impossíveis de alcançar. A escarpa descia como uma parede, lá do alto, muito acima das suas cabeças. Para trás, a curta distância, estavam os pescadores. Do outro lado do rio, o gado pastava ao longe, em silêncio, na desolação da tarde. Paul voltou a praguejar em surdina, mas com veemência, percorrendo com os olhos a parede abrupta. Será que nada mais lhes restaria do que terem de escalar por ali acima até ao caminho público?

– Espera aí – disse ele. E, colocando os pés de lado e fincando os calcanhares na

vertente íngreme de argila vermelha, começou a escalar com agilidade, examinando os troncos das árvores com atenção. Por fim, encontrou o que procurava. As raízes de duas faias plantadas lado a lado na vertente, mais acima, formavam uma espécie de plataforma. Estava coberta de folhas húmidas, mas teria de servir. Os pescadores já estavam suficientemente longe. Paul atirou o impermeável para o chão, e fez sinal a Clara para subir.

Ela, embora a custo, não tardou a juntar-se a ele. Quando chegou, olhou para ele muito séria, emudecida, e encostou a cabeça ao ombro dele. Paul apertou-a contra si e olhou em volta. Estavam a salvo de todos os olhares, excepto dos das vacas que pastavam solitárias na margem oposta. Paul mergulhou a boca no pescoço dela, sentindo o pulsar intenso nos seus lábios. Tudo ficou estático. Na tarde, só eles existiam.

Quando ela se levantou, ele, sempre de olhar pousado no chão, viu subitamente as raízes negras e molhadas das faias salpicadas de uma miríade de pétalas de cravo, escarlates como gotas de sangue. E do peito dela jorravam mais pétalas, vermelhas, às golfadas, escorregando-lhe pelo vestido até aos pés.

– As tuas flores ficaram desfeitas – disse ele.

Ela olhou para ele muito séria, enquanto puxava o cabelo para trás. De repente, ele tocou-lhe a face com as pontas dos dedos.

– Porque estás tão séria? – perguntou, em tom de censura.

Clara dirigiu-lhe um sorriso triste, como se no fundo de si mesma se sentisse solitária. Paul acariciou-lhe o rosto com os dedos e beijou-a.

– Não – disse ele. – Não te preocupes.

Ela apertou-lhe os dedos com força, e riu-se nervosamente. Depois deixou cair a mão. Ele puxou-lhe os cabelos para trás, afagando-lhe as têmporas e beijando-as ao de leve.

– Não tens com o que te preocupar – disse ele, docemente, como se lhe pedisse desculpa.

– Não estou preocupada – respondeu ela, rindo ternamente, resignada.

– Isso é que estás! Mas não te preocupes – implorou-lhe ele, muito terno.

– Não – sossegou-o ela, beijando-o em seguida.

Esperava-os nova escalada a pique até ao topo. Levaram um quarto de hora a subir. Quando pôs pé em relva firme, Paul tirou o boné, limpou o suor da testa e suspirou.

– Estamos de volta à normalidade – disse.

Clara sentou-se na relva, ofegante. Tinha as faces vivamente coradas. Ele beijou-a e ela deixou que a felicidade a invadisse.

– Agora vou limpar-te as botas e pôr-te apresentável para as pessoas de bem.

E, dizendo isto, ele ajoelhou-se ao seu lado, e meteu mãos à obra com um pauzinho e alguns punhados de erva. Ela, enfiando-lhe os dedos pelos cabelos, puxou-lhe a cabeça

para si e beijou-a.

– Afinal, o que é que eu estou aqui a fazer? – disse ele, olhando para ela a rir. – A limpar-te os sapatos ou a namorar? Vá, responde lá!

– Conforme o que me apetecer – respondeu ela.

– Pois por agora sou o teu engraxador e mais nada.

Mas ficaram os dois a olhar um para o outro, a rirem-se, recomeçando a beijar-se como quem mordisca.

– T-t-t-t! – fez ele com a língua, exactamente como a mãe. – Ouve bem o que eu te digo. Não se consegue fazer nada com uma mulher por perto.

E retomou a limpeza das botas, cantarolando baixinho. Ela acariciava-lhe o cabelo forte e ele beijava-lhe os dedos, continuando a limpar-lhe as botas. Finalmente, ficaram bastante apresentáveis.

– Pronto, já está. Estás a ver! – disse ele. – Não achas que fui perfeito a devolver-te à respeitabilidade? Levanta-te! Pronto, estás tão irrepreensível como a própria Britannia!

Depois, limpou também as suas próprias botas, embora sem grandes esmeros, lavou as mãos numa poça de água, pôs-se a cantar, e seguiram os dois em direcção à vila de Clifton. Paul sentia-se loucamente apaixonado por Clara: cada movimento seu, cada requebro da sua saia, penetrava-o como seta em brasa e parecia-lhe adorável.

Até a velhinha da casa de chá ficou contagiada pela alegria deles.

– Que pena não terem tido um dia melhor – disse ela, rondando à volta deles.

– De maneira nenhuma – disse Paul. – Estávamos até a comentar como tem sido bom.

A velhinha olhou para ele intrigada. Envolvia-o uma aura de encantamento. Os seus olhos eram escuros e risonhos, e cofiava o bigode com manifesta alegria.

– É mesmo isso que têm estado a dizer? – exclamou, com um brilho renovado nos seus olhos gastos.

– A sério – disse ele, a rir.

– Então, tenho a certeza de que o dia está realmente bom – respondeu ela.

Andava de um lado para o outro, e parecia não querer arredar pé.

– Não sei se também querem rabanetes – disse ela, voltando-se para Clara. – Tenho alguns na horta... e um pepino também.

Clara corou. Estava com um ar muito distinto.

– Acho que quero rabanetes – respondeu. E a velhinha saiu, rejubilante.

– Se ela soubesse – disse Clara, baixinho, para Paul.

– Bom, mas não sabe... e é simpático da nossa parte, de qualquer maneira. Tu estás suficientemente cândida para satisfazeres um arcanjo, e eu pareço perfeitamente

inofensivo... por isso... se tu ficas assim tão bonita, e as pessoas que estão ao pé de nós ficam felizes, e tu estás feliz também... ora essa... não os estamos a enganar assim tanto.

E continuaram a comer. Quando iam a sair, a velhinha aproximou-se timidamente com três dalias minúsculas, em botão, catitas como abelhas, salpicadas de vermelho e branco. Parou diante de Clara, manifestamente satisfeita, e disse:

– Não sei se... – com as flores espetadas na mão envelhecida.

– Oh... que bonitas! – exclamou Clara, aceitando as flores.

– Então, são todas para ela? – perguntou Paul, em tom de censura.

– Sim senhor, são todas para ela – respondeu a senhora, radiosa. – Tu já tiveste o teu quinhão.

– Ah, mas eu vou pedir-lhe que me dê uma – disse ele, para a arreliar.

– Nesse caso, ela fará o que quiser – disse a velhinha, a sorrir, com uma pequena vénia deliciosa.

Clara estava muito calada e envergonhada. Quando se puseram de novo em marcha, Paul disse:

– Não te sentes nenhuma criminosa, pois não?

Ela fitou-o com os seus olhos cinzentos, perplexos.

– Criminosa! – disse ela. – Não.

– Mas estás com ar de quem sente que fez alguma coisa errada.

– Não – disse ela. – Vou só a pensar... Se eles soubessem.

– Se soubessem, deixavam de compreender. Assim, compreendem, e agrada-lhes. Que se importam eles! Aqui, só comigo e com as árvores, não te sentes nem um bocadinho errada, pois não?

E, puxando-a pelo braço, virou-a para ele e fitou-a, olhos nos olhos. Algo o preocupava.

– Não somos pecadores, pois não? – disse ele, pouco à vontade, franzindo a testa.

– Não – respondeu ela.

Ele beijou-a, e riu-se.

– Cá para mim, gostas de te sentir um bocadinho culpada – disse ele. – Acho que a Eva também gostou, quando fugiu do Paraíso com o rabinho entre as pernas. E o Adão devia estar furioso, sem perceber por que diabo era preciso fazer tanto estardalhaço só por causa de um bocado de maçã que os pássaros podiam debicar quando quisessem.

Irradiava dela, porém, uma certa aura de tranquilidade que o alegrava. Quando se viu sozinho na carruagem, percebeu que estava tumultuosamente feliz, e as pessoas extraordinariamente simpáticas, e a noite maravilhosa, e que tudo era perfeito.

Mrs. Morel estava sentada a ler quando Paul chegou a casa. A sua saúde não era de

momento muito boa. Aflorara-lhe ao rosto aquela palidez de marfim em que ele ainda não tinha reparado e de que nunca mais se esqueceu. Ela não se queixava ao filho do mal-estar que sentia. Certamente não pensava que fosse importante.

– Hoje chegaste tarde! – disse ela, fitando-o.

Tinha os olhos muito brilhantes e a cara irradiava luminosidade. Paul sorriu-lhe.

– Pois cheguei... estive com a Clara em Clifton Grove.

A mãe fitou-o outra vez.

– E as pessoas não se vão pôr a falar? – perguntou.

– Porquê? Todos sabem que ela é sufragista e tudo. E se falarem...?

– Claro que podem não ter feito nada de mal – disse a mãe. – Mas sabes bem como são as pessoas, e se começam a falar dela...

– Bom, quanto a isso, não posso fazer nada. A má-língua deles não há-de ser assim tão poderosa.

– Acho que devias pensar nela.

– Claro que penso! Mas o que é que as pessoas podem dizer?... Que fomos juntos dar um passeio. Acho que a mãe está é com ciúmes.

– Sabes bem que eu até ia gostar, se ela não fosse uma mulher casada.

– Bem, minha querida... ela está separada do marido e faz discursos do alto de estrados... o que só por si já a deixa isolada. Além disso, tanto quanto sei, também não tem muito a perder. Não... para ela a vida não vale nada... e qual é o valor de nada? Vai passear comigo... e passa a ser alguma coisa. Ela tem um preço a pagar, temos os dois. As pessoas têm tanto medo de pagar o seu preço... preferem morrer à míngua.

– Muito bem, meu filho... veremos como tudo isso acaba.

– Muito bem, minha mãe... estou pronto para o que der e vier.

– Isso é o que veremos...

– Ainda por cima, ela é... é tremendamente simpática, mãe... é mesmo! A mãe não a conhece!

– Mas não é o mesmo que casar com ela.

– Talvez seja ainda melhor.

Fez-se silêncio. Paul queria fazer uma pergunta à mãe, mas tinha medo.

– Gostava de a conhecer? – disse, titubeante.

– Sim... – disse Mrs. Morel com indiferença. – Gostava de ver como ela é.

– Ela é simpática, mãe, juro que é! E nada grosseira!

– Nunca insinuei que fosse.

– Mas parece que é o que pensa... que ela não é tão boa como... é melhor que noventa por cento das pessoas, digo-lho eu. Melhor, muito melhor! É justa, honesta, séria... não é de esconder nada, nem de se mostrar superior... Vá lá, mãe, não seja mazinha.

Mrs. Morel corou.

– Não estou a ser mazinha, de maneira nenhuma. Ela pode ser tudo o que dizes... mas...

– A mãe não aprova – rematou ele.

– Esperavas que aprovasse? – retorquiu ela, com frieza.

– Claro que esperava!... Se pensasse bem, ia até ficar contente. – Então, sempre quer conhecê-la?

– Já disse que sim.

– Nesse caso vou trazê-la... quer que a traga cá a casa?

– Faz como quiseres.

– Então vou trazê-la cá a casa... num domingo... para o chá. Se pensar mal dela, não lhe vou perdoar.

A mãe riu-se.

– Como se isso fizesse alguma diferença – disse ela. Paul sabia que tinha vencido.

– Oh, mãe, sinto-me tão bem quando ela está comigo... ela é tão distinta, à sua maneira...

Esporadicamente, Paul ainda acompanhava Miriam e Edgar durante um bocado quando saíam da Capela. Mas não até à quinta. Ela mostrava-se a mesma para com ele, e não se sentia perturbada com a sua presença. Uma tarde, estava sozinha quando ele a acompanhou. Começaram a falar de livros: era um tópico infalível. Mrs. Morel tinha dito que o caso dele com Miriam era como uma fogueira alimentada de livros – quando os livros chegassem ao fim, apagar-se-ia. Miriam, pelo seu lado, gabava-se de o conhecer como um livro aberto, de ser capaz de apontar a qualquer momento para o respectivo capítulo, e até linha. E ele, facilmente convencido, acreditava que Miriam o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, e gostava por isso de falar com ela sobre si próprio, como todo o egoísta simplório. E logo a conversa versou os seus feitos. Era para ele imensamente lisonjeador suscitar tamanho interesse.

– Então que tens feito ultimamente?

– Eu... nada de especial... fiz um esboço de Bestwood visto do jardim, que finalmente está quase perfeito. À centésima tentativa...

E continuaram o seu caminho. A certa altura, ela disse.

– Então, tens saído muito ultimamente?

– Tenho... Fui a Clifton Grove com a Clara na segunda-feira à tarde.

– O tempo não estava nada bom – disse Miriam –, pois não?

- Mas apeteceu-me ir dar uma volta... e o tempo portou-se bem. O Trent vai cheio.
- Foste a Barton? – perguntou ela.
- Não, tomámos chá em Clifton.
- Ah, tomaram? Deve ter sido muito agradável.
- Pois foi! A velhinha era deliciosa... deu-nos várias dalias em botão, lindas que só visto.

Miriam baixou a cabeça, pensativa. Ele não tinha consciência de lhe estar a esconder alguma coisa.

- O que a terá levado a dar as flores?

Ele riu-se.

- Porque gostou de nós... porque estávamos muito alegres, acho eu.

Miriam meteu o dedo na boca.

- Chegaste muito tarde a casa? – perguntou.

Finalmente, ele reagiu ao seu tom de voz.

- Apanhei o comboio das sete e meia.

- Ah!

Continuaram a caminhar em silêncio e ele ia amuado.

- E como está a Clara? – perguntou Miriam.

- Óptima, julgo eu.

– Que bom – disse ela, com laivos de ironia. – A propósito, que é feito do marido dela? Não se ouve falar dele.

- Arranjou outra mulher e está óptimo – respondeu Paul. – Pelo menos acho que sim.

– Estou a ver... não tens a certeza... Não achas que uma situação dessas é difícil para uma mulher?

- Dificílima.

- É tão injusto! – disse Miriam. – O homem faz o que lhe ape-tece...

- E a mulher que faça também... – disse ele.

- Como é que ela pode?!... E, mesmo que faça, já viste em que situação fica!

- E o que é que isso tem?

– O que é que tem?... É impossível!... Tu não entendes o que uma mulher sofre com isso...

– Não, não entendo... Mas se uma mulher não tem mais nada a que se agarrar a não ser a sua boa fama... bem, é tão parca a côdea que até um burro morria à fome.

Perante isto, Miriam compreendeu pelo menos a postura moral de Paul e percebeu que ele agiria em conformidade. Não lhe fazendo perguntas directas, ficou a saber o suficiente.

Num outro dia em que Paul voltou a encontrar Miriam, a conversa encaminhou-se para o casamento, de uma maneira geral, e daí para o casamento de Clara com Baxter Dawes.

– Estás a ver – disse ele –, ela não tinha consciência da tremenda importância do casamento. Pensava que era só a cerimónia... que mais cedo ou mais tarde tinha de acontecer... e o Dawes... bem, muitas mulheres teriam vendido a alma ao diabo para o apanharem... Por isso... porque não ele?... Depois, ela transformou-se na femme incomprise... e começou a tratá-lo mal. Aposto que foi assim.

– E ela deixou-o porque ele não a compreendia?

– Acho que sim. Acho que não podia fazer outra coisa. Não se trata de compreender, nada disso, trata-se de viver. Com ele, ela estava apenas meio viva, o resto estava adormecido, inerte. E a mulher adormecida era a femme incomprise, que tinha de ser acordada.

– Então, e ele?

– Não sei... estou convencido de que ele a ama... à sua maneira, claro. O tipo é parvo.

– É mais ou menos como o teu pai e a tua mãe – disse Miriam.

– Sim, mas a minha mãe, creio eu, foi muito feliz com o meu pai a princípio. Acho que foi mesmo paixão. Por isso é que ela ficou com ele. Afinal, estavam destinados um para o outro.

– Pois é – disse Miriam.

– É o que todos devem sentir, acho eu – prosseguiu ele. – Uma verdadeira labareda de sentimentos pela outra pessoa, uma vez, uma vez só, nem que seja apenas por três meses. Percebes, a minha mãe tem o ar de quem teve tudo o que era necessário para a sua vida e desenvolvimento. Não há nela o menor sinal de esterilidade.

– Pois não – disse Miriam.

– Com o meu pai, a princípio, acho que as coisas foram mesmo a sério. Ela sabe... já passou por isso. Sente-se isso nela, e nele, e em milhares de pessoas com quem nos cruzamos todos os dias. E, quando isso nos acontece uma vez, pode-se continuar para onde se quiser e amadurecer. – E achas que a tua mãe e o teu pai sentiram isso?

– Acho... e, lá no fundo, ela está-lhe agradecida por lhe ter proporcionado essa experiência, mesmo agora, que estão tão distantes um do outro.

– E achas que a Clara nunca o sentiu?

– Tenho a certeza de que não.

Miriam meditou nesta resposta. Apercebeu-se do que ele procurava: uma espécie de baptismo de fogo da paixão, era o que ela pensava. E percebeu que ele não ficaria satisfeito enquanto não o conseguisse. Talvez isso fosse essencial para ele, como o é para

alguns homens cometerem toda a sorte de loucuras. E depois, quando estivesse saciado, deixaria de fervilhar de inquietação e poderia então assentar e entregar a sua vida nas mãos dela. Pois muito bem, se ele tinha de ir, que fosse e tivesse a sua conta... algo de grande e intenso, como ele dizia. De qualquer maneira, mal o alcançasse, deixaria de o querer: era o que dizia a si próprio. Havia de querer a outra coisa que ela lhe podia dar. Havia de querer ser possuído, para poder trabalhar. A ela parecia-lhe cruel deixá-lo ir, mas, se o deixava ir à taberna beber uma cerveja, também o podia deixar ir ter com Clara... Desde que isso fosse qualquer coisa que lhe saciasse o desejo e o deixasse livre para ela o possuir.

– Já falaste com a tua mãe sobre a Clara? – perguntou Miriam.

Sabia que isto seria um teste à seriedade dos seus sentimentos para com a outra mulher. Se ele tivesse contado à mãe, ficava a saber que era algo de vital que o empurrava para Clara e não apenas o prazer que qualquer homem procura numa prostituta.

– Já – disse ele. – E vem tomar chá connosco no domingo.

– A tua casa?

– Sim, sim. Quero que a Mater a conheça.

– Ah!

Fez-se silêncio. As coisas estavam a ir mais depressa do que ela imaginava. Sentiu-se subitamente amargurada por ele a ter deixado tão depressa e tão completamente. Iria Clara ser bem aceite pela família dele, que tão hostil se tinha mostrado consigo própria?

– Sou capaz de passar por lá a caminho da capela – disse Miriam. – Há imenso tempo que não vejo a Clara.

– Boa ideia – disse ele, estupefacto e inconscientemente agastado.

No domingo à tarde, Paul foi esperar Clara à estação de Keston. Enquanto aguardava na plataforma, tentou ver se era capaz de ter premonições.

– Será que sinto que ela vem – disse de si para si, e procurou tirar a prova. Sentia o coração estranho e aperreado. Era como um pressentimento. Depois, teve a antevisão de que ela não vinha! Ela não vinha e, em vez de ir passear com ela pelos campos, como tinha imaginado, teria de ir sozinho. O comboio estava atrasado. Ia ser uma tarde desperdiçada, e a noite também. Estava furioso com ela por nunca mais chegar. Para que tinha feito promessas, se não era capaz de as cumprir? Talvez tivesse perdido o comboio. Ele estava constantemente a perder o comboio, mas isso não era razão para ela perder precisamente este. Paul estava zangado com ela, furioso.

Nisto, viu o comboio a aproximar-se, saindo da curva. Ali estava ele, finalmente, mas claro que ela não tinha vindo. A locomotiva verde silvou rente à plataforma, e as carruagens pararam. As portas abriram-se. Não, ela não tinha vindo!... Não!... Ah, sim, lá estava ela, com um enorme chapéu preto! Apressou-se a ir ao seu encontro.

– Julguei que não viesses – disse ele.

Ela riu-se, quase sem fôlego, e estendeu-lhe a mão. Os olhos de ambos encontraram-se. Ele levou-a rapidamente até ao extremo da plataforma, falando sem parar para esconder o seu nervosismo. Clara estava linda. Tinha no chapéu grandes rosas de seda, em tons de ouro velho, e o saia-casaco de fazenda escura assentava-lhe às mil maravilhas no peito e nos ombros. A presença dela ao seu lado aumentava-lhe o orgulho. Paul sentia que os funcionários da estação, que o conheciam, a olhavam com respeito e admiração.

– Estava convencido de que não vinhas – disse ele de novo, rindo nervosamente.

Ela riu-se também, quase soltando um gritinho.

– E eu vinha no comboio a pensar no que faria se tu não estivesses à minha espera! – disse ela.

Ele agarrou-lhe impulsivamente na mão, e seguiram juntos pelo caminho estreito. Tomaram a estrada para Nuttall, por Reckoning House Farm. Estava um dia ameno de céu azul. Por todo o lado se viam folhas caídas, amarelecidas. Os silvados rentes ao bosque enchiam-se de bagas escarlates. Paul colheu algumas para ela se enfeitar.

– Embora, na verdade, me devesse ter dito para eu não as apanhar por causa dos pássaros – disse ele, enquanto as espetava na banda do casaco dela. – Mas, nestas paragens, onde há tanto por onde debicar, eles não ligam muito a estas bagas. Muitas vezes vêm-se as bagas já podres nos silvados quando chega a Primavera.

E ele não se cansava de tagarelar, sem prestar atenção ao que dizia, sabendo apenas que estava a pôr as bagas no casaco dela, e que a tinha ali à sua frente, pacientemente. Clara observava as mãos dele, tão rápidas, tão cheias de vida, e era como se não tivesse visto nada até àquele momento: até ali, tudo tinha sido indistinto.

Aproximaram-se da mina. Erguia-se negra e estática no meio das searas, com o imenso aterro de escória nascendo quase nas searas de aveia.

– Que pena haver aqui uma mina neste sítio tão bonito – disse Clara.

– Achas? – retorquiu ele. – Sabes, estou tão habituado que já nem dou por ela... Não, não é isso... gosto mesmo de ver as minas por aqui e por ali. Gosto das filas de vagões e das torres, e do vapor durante o dia e da iluminação à noite... Quando era miúdo, julgava sempre que qualquer coluna de fumo durante o dia e qualquer fogueira à noite era uma mina, com o vapor a sair, e as luzes e a orla incandescente... e pensava que Deus estava sempre no topo da mina.

À medida que se aproximavam de casa dele, ela caminhava em silêncio, parecendo relutante. Ele apertou-lhe os dedos entre os seus. Ela corou, mas não disse nada.

– Não queres ir para minha casa? – perguntou ele.

– Quero, sim – respondeu ela.

Nem lhe passou pela cabeça que ela se ia sentir numa posição difícil e embaraçosa em casa dele. Para ele, era como se fosse apresentar à mãe um dos seus amigos... só que mais bonita.

Os Morels moravam numa rua feia e íngreme na encosta. A rua propriamente dita era horrorosa. Mas a casa onde eles moravam era das melhores. Era uma casa velha e geminada, de tijolo escuro e com uma ampla janela abaulada. Mas o seu ar era sombrio. Porém, quando Paul abriu a porta do jardim, tudo mudou. A tarde soalheira assentara lá seus arraiais, até parecia uma outra terra. O carreiro estava ladeado de atanásias e pequenos arbustos. Em frente da janela estendia-se um relvado ensolarado, debruado de lilases já murchos. E o jardim continuava a perder de vista, entre montes anárquicos de crisântemos iluminados de sol, até ao sicómoro e ao campo, avistando-se ao longe algumas casinhas de telhado vermelho na encosta, brilhando na tarde outonal.

Mrs. Morel estava sentada na sua cadeira de baloiço, e envergava a blusa de seda preta. O cabelo grisalho acastanhado estava puxado para trás, deixando-lhe a descoberto a testa e as têmporas elevadas, e as suas faces eram pálidas. Clara, aflitíssima, seguiu Paul até à cozinha. Mrs. Morel levantou-se. Clara achou-a uma verdadeira senhora, embora bastante rígida. A jovem estava muito nervosa. O seu olhar dir-se-ia triste, quase resignado.

– Mãe... a Clara – disse Paul.

Mrs. Morel estendeu-lhe a mão e sorriu.

– Ele falou-me muito de si – disse ela.

O sangue aflorou às faces de Clara.

– Espero que não se tenha importado de eu vir – disse, hesitante.

– Fiquei contente quando ele disse que a ia trazer – respondeu Mrs. Morel.

Paul, vigilante, sentiu o coração apertar-se-lhe de sofrimento. Como a mãe parecia pequena, pálida e cansada ao lado da luxuriante Clara.

– Está um dia tão bonito, mãe! – disse ele. – E vimos um gaio.

A mãe olhou para ele. O filho tinha-se voltado para ela, e ela pensou como ele estava um homem bonito com o fato escuro de bom corte. Estava pálido e distraído. Seria difícil a qualquer mulher conservá-lo. O coração de Mrs. Morel exultava. Depois sentiu pena de Clara.

– Talvez queira deixar as suas coisas na sala – disse Mrs. Morel afavelmente à jovem.

– Ah, obrigada – respondeu Clara.

– Vem comigo – disse Paul e foi à frente dela até à salinha da frente, com o velho piano, a mobília de mogno, o fogão de sala – de mármore amarelado. O lume estava aceso. A sala estava repleta de livros e pranchas de desenho.

– Eu deixo as minhas coisas espalhadas por aí – disse ele. – É muito mais prático.

Clara gostou de ver toda aquela sua parafernália de artista, e ainda os livros e as fotografias. Não tardou que ele lhe comesse a dizer: este era o William, e esta era a namorada do William, de vestido de noite; esta era a Annie e o marido, e este era o Arthur, com a mulher e o bebé. Ela sentia-se como se estivesse a entrar para a família. Ele mostrou-lhe fotografias, livros e esboços, e conversaram durante algum tempo. Depois

voltaram para a cozinha. Mrs. Morel pôs o seu livro de lado. Clara vestia uma blusa de fino chiffon de seda, às riscas fininhas pretas e brancas. O cabelo estava penteado com simplicidade, todo apanhado ao alto da cabeça. O seu ar era digno e reservado.

– Foi então morar para Sneinton Boulevard? – disse Mrs. Morel. – Quando eu era rapariga... rapariga, que digo eu!... quando eu era ainda uma mulher bastante nova, nós morámos em Minerva Terrace.

– Ah, sim? – disse Clara. – Um amigo meu mora no número 6.

E assim estava iniciada a conversa. Falaram de Nottingham e das pessoas de Nottingham. Era assunto que interessava a ambas. Clara estava ainda bastante nervosa, e Mrs. Morel continuava algo agarrada à sua dignidade, articulando as palavras de forma bem clara e precisa. Mas Paul via que iam dar-se bem.

Mrs. Morel media forças com a mulher mais nova, e facilmente descobriu ser a mais forte. A atitude de Clara era deferente. Ciente da consideração surpreendente que Paul tinha pela mãe, receara o encontro, esperando ir conhecer uma mulher bastante dura e fria. E foi com surpresa que encontrou esta mulher frágil e interessada, que se expressava com tanto desembaraço. E depois sentiu, como sentia com Paul, que jamais se atravessaria no caminho de Mrs. Morel. Havia nela qualquer coisa de tão duro e definitivo como se nunca na vida tivesse tido uma contrariedade.

A certa altura apareceu Morel, a bocejar, ainda estremunhado da sesta. Trazia o colete desabotoado, e entrou a arrastar os pés calçados só com as meias e a coçar a cabeça. Era uma visão insólita.

– Esta é Mrs. Dawes, pai – disse Paul.

Morel ganhou compostura e Clara reconheceu a maneira de Paul se curvar ao apertar a mão.

– Ah, sim! – exclamou Morel. – Tenho muito prazer em conhecê-la, tenho sim senhora, pode estar certa. Mas não se incomode... não... não! Ponha-se à vontade, e seja bem-vinda.

Clara estava perplexa com esta torrente de hospitalidade do velho mineiro. Mostrava-se tão cortês, tão galante! Achava-o encantador.

– Veio de muito longe? – perguntou Morel.

– Só de Nottingham – disse ela.

– De Nottingham. Então teve uma belo dia para viajar.

Depois, Morel foi à copa lavar as mãos e a cara e, força do hábito, veio secar-se para junto da lareira com a toalha.

Durante o chá, Clara testemunhou o requinte e o sangue-frio da família. Mrs. Morel estava perfeitamente à vontade. Servia o chá e dava atenção a cada pessoa instintivamente, sem parar de conversar. A mesa era oval e muito grande e o serviço de porcelana azul-escuro com motivos de salgueiros condizia às mil maravilhas com a toalha cintilante.

Havia também uma jarrinha com pequenos crisântemos amarelos. Clara sentia que fechava o círculo, o que lhe dava muito prazer. Mas temia grandemente o exacerbado sentido de posse dos Morels, incluindo o pai. Adoptou atitude semelhante e estabeleceu-se um equilíbrio. O ambiente era calmo, desanuviado, cada um igual a si próprio, em harmonia. Clara sentia-se bem, mas o medo espreitava-lhe no íntimo.

Paul levantou a mesa enquanto a mãe conversava com Clara, que não pôde deixar de reparar no seu corpo ágil e vigoroso girando de um lado para o outro, como se impelido por uma rajada de vento, folha que inesperadamente levanta voo. E todo o seu ser levantava voo com ele. Pela maneira como se inclinava para a frente, fazendo por se mostrar atenta, Mrs. Morel percebia que, enquanto falava, a atenção dela estava presa algures, noutra lugar. E de novo a mulher mais velha sentiu pena dela.

Quando acabou de levantar a mesa, Paul foi até ao jardim, deixando as duas mulheres conversar à vontade. O sol, filtrado pela neblina, iluminava uma tarde serena e doce. Clara ficou a vê-lo da janela, deambulando entre os crisântemos. Era como se algo quase tangível a ligasse a ele. Porém, ele parecia tão livre nos seus movimentos graciosos e indolentes, tão liberto enquanto atava os pesados ramos floridos às estacas, que só lhe apetecia gritar contra a sua impotência.

Mrs. Morel levantou-se.

– Tem de deixar-me ajudá-la a lavar a loiça – disse Clara.

– E tão pouca coisa... não demora nada – disse a outra.

Clara limpou então a loiça, e estava muito contente por se dar tão bem com a mãe dele. Era, porém, uma tortura não poder ir atrás dele até ao jardim. Por fim ganhou coragem e foi. Era como se lhe tivessem cortado as grilhetas.

A tarde descia dourada sobre as colinas do Derbyshire. Ele estava do outro lado, no outro jardim, junto a um tufo de malmequeres, vendo as últimas abelhas entrarem para o cortiço. Ao senti-la aproximar-se, Paul virou-se para ela com um movimento ágil, e disse:

– Fim da corrida para estas camaradas.

Clara estava perto dele. Para lá do muro baixo de tijolo vermelho, estendia-se o campo e ao longe as colinas, cobertas de ouro e neblina.

Nessa altura, Miriam transpôs a cancela do jardim. Viu Clara aproximar-se dele, viu Paul virar-se e viu-os parados, encostados um ao outro. Algo no isolamento perfeito dos dois juntos lhe dizia que já o tinham feito, que já estavam casados, como ela dizia. Avançou muito devagar pelo longo carreiro do jardim, coberto de cinzas.

Clara tinha arrancado um botão de uma espiga de malva-rosa, e aprestava-se a parti-la para recolher as sementes. Por cima da sua cabeça curvada, as flores cor-de-rosa mantinham-se vigilantes, como se a protegê-la. As últimas abelhas desciam para a colmeia.

– Conta o teu dinheiro – disse Paul, a rir, enquanto ela ia separando as sementes achatadas, uma a uma. Clara olhou para Paul.

– Estou rica – disse ela, sorrindo.

– Quanto tens?... Safa!... – e Paul estalou os dedos. – Posso transformá-las em ouro?

– Receio bem que não – disse ela, com uma gargalhada.

Olharam-se olhos nos olhos, e riram. Nesse momento aperceberam-se da presença de Miriam. Foi como se o encanto se quebrasse e tudo se transformasse.

– Olá, Miriam! – exclamou ele. – Bem disseste que vinhas!

– Claro, tinhas-te esquecido?

Miriam apertou a mão de Clara e disse:

– É estranho encontrar-te aqui.

– Pois é – disse a outra. – Também me parece estranho estar aqui.

Seguiram-se momentos de hesitação.

– É bonito, não é... – disse Miriam.

– Eu gosto muito – retorquiu Clara.

E Miriam percebeu que Clara tinha sido aceite como ela nunca o fora.

– Vieste sozinha? – perguntou Paul.

– Vim! Fui tomar chá a casa da Agatha. A seguir vamos para a Capela. Só passei por cá de fugida, para ver a Clara.

– Devias ter vindo para o chá – disse ele.

Miriam soltou uma risadinha breve e Clara afastou-se, impaciente.

– Gostas dos crisântemos? – perguntou Paul.

– Gosto... são muito requintados – respondeu Miriam.

– De quais gostas mais? – perguntou ele.

– Não sei... dos cor de bronze, acho eu.

– Creio que ainda não conheces as espécies todas. Vem cá ver. Vem ver quais são os teus preferidos, Clara.

Paul levou as duas mulheres até ao seu jardim, onde os maciços emaranhados de flores de todas as cores se espalhavam ao longo do carreiro que ia desembocar nos campos. Tanto quanto se apercebia, a situação não o deixava constrangido.

– Olha, Miriam... estes são os brancos que vieram do teu jardim. Ficam tão bonitos aqui, não achas?

– Não – disse Miriam.

– Eles são ousados, mas tu és tão precavida. As coisas crescem fortes e tenras e depois morrem. Destes amarelos gosto muito. Queres levar alguns?

Enquanto passeavam no jardim, os sinos da igreja começaram a repicar, ecoando pela cidade e pelos campos. Miriam olhou para a torre sineira, destacando-se altiva entre os telhados, e lembrou-se dos esboços que ele lhe levava. Nessa altura tudo era bem diferente. Pediu-lhe um livro para ler. Ele foi buscá-lo a correr.

– O quê... aquela é a Miriam? – perguntou a mãe friamente.

– É... Disse que passava por cá para ver a Clara.

– Então contaste-lhe? – foi a resposta sarcástica.

– Claro, porque não havia de contar?

– Sim... porque não? – disse Mrs. Morel, retomando a sua leitura. Paul tentou esquivar-se à ironia da mãe, e franziu o sobrolho irritado, pensando: «Porque não hei-de poder fazer o que me apetece?»

– Ainda não tinhas encontrado antes Mrs. Morel – dizia Miriam a Clara.

– Não... mas ela é tão simpática.

– Pois é... – disse Miriam, baixando a cabeça. – Em certos aspectos é tão requintada.

– Também acho.

– O Paul já te tinha falado muito dela?

– Já tinha falado bastante.

– Ah!

Fez-se silêncio até ele voltar com o livro.

– Quando o queres de volta? – perguntou Miriam.

– Quando quiseres – respondeu Paul.

Clara deu meia volta e encaminhou-se para casa, enquanto Paul acompanhava Miriam ao portão.

– Quando é que apareces em Willey Farm? – perguntou Miriam.

– Não sei – respondeu Clara.

– A minha mãe pediu-me para te dizer que terá muito prazer em ver-te quando quiseres ir visitar-nos.

– Obrigada... Claro que quero ir... mas não posso dizer quando.

– Muito bem! – exclamou Miriam, com bastante segura, afastando-se.

Desceu o carreiro, com a boca encostada às flores que ele lhe dera.

– Tens a certeza de que não queres entrar? – disse ele.

– Não, obrigada.

– Nós vamos à Capela.

– Ah!... Então vemo-nos lá! – Miriam estava muito azeda.

– Pois é.

Separaram-se. Ele sentia-se culpado perante ela. Ela estava ofendida e desprezava-o. Ele ainda lhe pertencia, pensava ela. No entanto, podia ficar com Clara, levá-la para casa, sentar-se com ela ao lado da mãe na igreja, dar-lhe o mesmo livro de orações que lhe tinha dado a ela há alguns anos. Miriam ouviu-o correr para casa.

Mas Paul não entrou imediatamente. Detendo-se no relvado, ouviu a voz da mãe e depois a resposta de Clara:

– O que eu mais detesto na Miriam é aquela fidelidade canina.

– Pois é – atalhou a mãe. – É isso! E isso não te faz odiá-la agora?

O coração dele enfureceu-se e ficou furioso com elas por estarem a falar da rapariga. Com que direito o faziam? Mas algo nas suas palavras lhe acendeu uma chama de ódio contra Miriam. Depois o seu próprio coração se rebelou em fúria contra o facto de Clara se dar a liberdade de falar assim de Miriam. Afinal, no tocante a bondade, ela era a melhor das duas, disso não tinha quaisquer dúvidas. Por fim, entrou. A mãe parecia excitada. Batia ritmadamente com a mão no braço do sofá, como fazem as mulheres quando caminham para a velhice. Paul não conseguia suportar esse motu-contínuo. Fez-se silêncio. Então, Paul começou a falar.

Na capela, Miriam viu-o procurar a página do livro de salmos para Clara, exactamente como fazia com ela. E, durante o sermão, Paul via a rapariga do outro lado da capela, com o chapéu a sombrear-lhe a cara. Em que pensaria ela, ao ver Clara ao lado dele? Não perdeu tempo a tentar adivinhar. Sentiu que tinha sido cruel com Miriam.

Depois de sair da capela, foi até Pentrich com Clara. Estava uma noite cerrada de Outono. Tinham-se despedido de Miriam, e Paul sentiu remorsos por deixar a rapariga ir sozinha. «É bem feito» disse depois para consigo, e quase sentiu prazer ao passar diante dos olhos dela com outra mulher bonita.

A escuridão impregnava-se de um cheiro a folhas húmidas. A mão de Clara estava quente e inerte dentro da sua, à medida que caminhavam. Paul enfrentava um renhido conflito interior. A batalha que se travava no seu íntimo enfurecia-o e deixava-o ao mesmo tempo desesperado.

Na subida para Pentrich, Clara encostou-se a Paul e ele passou-lhe o braço pela cintura. Os movimentos vigorosos do corpo dela sob o seu braço, ao caminhar, fizeram abrandar no peito de Paul o constrangimento que sentia por causa de Miriam. Uma onda de sangue quente invadiu-o e apertou Clara contra si cada vez mais.

E então:

– Vais continuar ligado à Miriam – disse Clara.

– Só para conversar. Aliás, nunca existiu realmente muito mais que mera conversa entre nós – disse ele, num tom amargo.

– A tua mãe não gosta dela – disse Clara.

– Não... senão talvez eu já tivesse casado com ela... Mas tudo isso já lá vai... a sério.

De súbito, a voz dele tornou-se exacerbadada, carregada de ódio:

– Se eu estivesse com ela agora... estávamos com certeza a falar do «Mistério Cristão» ou coisa parecida. Graças a Deus que não estou.

Caminharam em silêncio por algum tempo.

– Mas vê-se que tu não és capaz de ficar sem ela – disse Clara.

– Não se trata de ficar sem ou ficar com – disse ele.

– Para ela trata-se.

– Não entendo por que razão ela e eu não podemos continuar a ser amigos enquanto vivermos – disse Paul. – Mas só amigos.

Clara afastou-se, fugindo ao contacto com o seu corpo.

– Porque te afastas de mim? – perguntou ele.

Ela não respondeu, mas afastou-se ainda mais.

– Porque queres caminhar sozinha?

De novo a resposta não chegou. Clara caminhava cabisbaixa, ofendida.

– Já sei... foi por eu ter dito que continuaria a ser amigo da Miriam! – exclamou Paul.

Mas ela não respondeu.

– Já te disse que entre nós existem apenas as palavras – insistiu ele, tentando abraçá-la de novo. Ela resistiu. De repente ele meteu-se à frente dela, barrando-lhe o caminho.

– Bolas! – disse ele. – O que é que queres agora?

– O melhor é ires a correr atrás da Miriam – disse Clara, trocista.

Paul sentiu o sangue a ferver. Estacou, de dentes arreganhados. Ela continuava cabisbaixa, amuada. O caminho era escuro, solitário. Ele tomou-a de súbito nos braços, esticou-se para a frente e aflorou-lhe o rosto com a boca, num beijo de raiva. Ela desviou-se assustada, tentando evitá-lo a todo o custo. Mas ele tinha-a bem segura. Agressiva e determinada, a boca dele avançou para ela. Os seios dela doíam-lhe contra o muro do peito dele. Dominada, abandonou-se nos seus braços e ele beijou-a, beijou-a sem parar.

Paul ouviu passos a descer a encosta.

– Levanta-te... levanta-te! – disse ele, com premência, puxando-lhe o braço até a magoar. Se ele a tivesse largado, ela teria caído por terra outra vez. Clara suspirou e continuou a caminhar ao lado dele, atordoada, os dois em silêncio.

– Vamos atravessar os campos – sugeriu ele, e foi então que ela despertou.

Deixou que ele a ajudasse a saltar a cerca e atravessou em silêncio o primeiro campo negro. Aquele era o caminho para Nottingham e para a estação, isso ela sabia-o.

Paul parecia perscrutar o terreno em redor. Alcançaram o cimo duma colina onde se erguiam negras as ruínas de um velho moinho de vento. Aí chegados, ele parou e ficaram os dois lá em cima, em plenas trevas, contemplando as luzes que salpicavam a noite à sua frente, como punhados de pontos cintilantes – vilas e aldeias espalhadas mais acima e mais abaixo na escuridão, por aqui e por ali.

– É como caminhar entre as estrelas – disse ele, com uma gargalhada trémula.

Depois tomou-a nos braços e apertou-a num longo beijo. Ela desviou a boca para o lado, para perguntar baixinho, mas com determinação:

– Que horas são?

– Que importa? – disse ele, com voz cálida, suplicante.

– Importa sim, tenho de ir.

– Ainda é cedo – disse ele.

– Que horas são? – insistiu ela.

A noite estendia-se a toda a volta, muito negra, sarapintada e pontilhada de luzes.

– Não sei.

Ela meteu-lhe a mão no peito à procura do relógio, e ele sentiu as articulações desfazerem-se em fogo. Ela meteu a mão em seguida no bolso do colete, e o peito dele arfava. Na escuridão, Clara conseguia ver o mostrador redondo e pálido do relógio, mas não as horas. Aproximou-se mais. Ele arfava, ansioso por tomá-la de novo nos braços.

– Não vejo nada – disse ela.

– Não te preocupes.

– Tenho de ir – disse ela, afastando-se.

– Espera... eu vejo... – mas também ele não conseguiu ver nada. – Vou acender um fósforo.

No seu íntimo, Paul desejava secretamente que já fosse tarde de mais para ela apanhar o comboio. Clara viu o fósforo brilhante das mãos dele, em concha, protegendo a chama, e a cara dele iluminar-se, e os olhos dele fixos no mostrador do relógio. Mas, instantaneamente, tudo ficou negro outra vez. Tudo negro diante dos seus olhos, excepto o fósforo incandescente jazendo aos seus pés. Onde é que ele estava?

– O que foi? – perguntou ela a medo.

– Não vais conseguir – respondeu a voz dele da escuridão.

Seguiu-se uma pausa. Ela sentiu-se em poder dele. A voz dele vibrara metálica e isso assustava-a.

– Que horas são? – perguntou ela, serena, firme, rendida.

– Dois minutos para as nove – respondeu ele, dizendo-lhe a verdade, a muito custo.

– Achas que consigo pôr-me daqui na estação em catorze minutos?

– Não... no entanto...

Clara distinguia de novo o vulto dele, a dois passos dela, todo negro. Só lhe apetecia fugir.

– Não será mesmo possível? – perguntou ela, aflita.

– Se te apressares – disse ele, bruscamente. – Mas... para quê tanta pressa, Clara?... São só sete milhas até ao trólei... eu acompanho-te.

– Não... quero apanhar o comboio.

Subitamente a voz dele transformou-se.

– Muito bem – disse Paul, secamente, com dureza até. – Então vem daí.

E mergulhou com ela na escuridão. Ela corria atrás dele, com vontade de gritar. Paul estava agora a ser muito duro e cruel com ela. E ela sempre atrás dele, galgando os campos negros e duros, já sem fôlego, prestes a desfalecer. Mas a dupla fiada de luzes da estação estava cada vez mais próxima. Subitamente:

– Lá vem ele! – gritou Paul, desatando em desenfreada correria.

Ouviu-se um ruído metálico e distante. Ao longe, para a direita, o comboio cruzava a noite como uma lagarta luminosa. O ruído cessou.

– Está parado no viaduto... vais conseguir.

Clara deu uma última corrida, já completamente exausta, e deixou-se cair finalmente no banco do comboio. O apito soou. Ele desaparecera. Desaparecera!... E ela ia numa carruagem cheia de gente. A crueldade da situação tocava-a no mais fundo da alma.

Paul deu meia volta e mergulhou na escuridão rumo a casa. Antes mesmo de ter tempo para pensar, já se encontrava em casa, na cozinha, muito pálido e com uns olhos negros e temíveis, como se estivesse embriagado. A mãe olhou para ele.

– Sim, senhor, tens as botas num lindo estado.

Ele olhou para os pés. Depois despiu o casaco. A mãe perguntava-se se ele não estaria bêbado.

– Ela sempre apanhou o comboio? – perguntou.

– Apanhou.

– Espero que os pés dela não estivessem tão enlameados como os teus... não sei por que diabo de caminho a levaste!

Ele ficou imóvel e calado por algum tempo.

– Gostou dela? – perguntou Paul, finalmente, de mau humor.

– Sim... gostei dela... Mas vais-te cansar dela, meu filho, sabes bem que vais.

Ele não respondeu. A mãe reparou como lhe custava respirar.

- Vieste a correr? – perguntou.
- Tivemos de correr para apanhar o comboio.
- Vê lá se te recompões. É melhor beberes um copo de leite quente.

Melhor estimulante não havia. Mas ele recusou, e foi para a cama. E aí ficou, de cara enfiada na coberta, vertendo lágrimas de raiva e dor. Era uma dor física que o fazia morder os lábios até sangrarem, e o caos interior que o afligia deixava-o incapaz de pensar ou até mesmo de sentir.

– É assim que ela me agradece, não é – repetia ele, sem cessar, amachucando a cara na coberta, sentindo crescer o ódio por ela. E de novo recapitulou a cena e voltou a odiá-la.

No dia seguinte, era notório nele um inesperado desprendimento. Clara mostrava-se gentil, meiga até, mas ele tratava-a com frieza, até com uma ponta de desprezo. Ela suspirava e continuava gentil. Até que ele caiu em si.

Uma noite dessa semana, Sarah Bernhardt vinha ao Royal Theatre de Nottingham representar *La Dame aux Camélias*. Paul queria ver a velha actriz, tão afamada, e convidou Clara para o acompanhar. Depois, pediu à mãe que deixasse a chave na janela, para poder entrar quando voltasse.

- Queres que reserve os lugares? – perguntou ele a Clara.
- Sim, e veste-te a rigor, está bem? Nunca te vi de smoking.
- Meu Deus, Clara, já me imaginaste de smoking no teatro? – recalcitou ele.
- Preferes então não o levar? – disse ela.
- Se queres mesmo que eu o leve... Mas vou fazer figura de parvo.

Clara riu-se.

– Então faz lá figura de parvo por mim, só desta vez... está bem?

O pedido pôs-lhe o sangue em alvoroço.

- Acho que não tenho outro remédio.
- Para que levas essa mala? – perguntou a mãe.

Paul corou desmedidamente.

- Foi a Clara que me pediu – disse ele.
- Para que lugar vão?
- Balcão... três xelins e seis pence, cada bilhete.
- Sim, senhor! – exclamou a mãe, sarcástica.
- É só uma vez sem exemplo – disse ele.

Trocou de roupa na Jordan, vestiu por cima o sobretudo e o boné e foi encontrar-se com Clara num café. Ela estava com uma das suas amigas sufragistas. Trazia um casaco comprido já velho, que não lhe ficava nada bem, e uma écharpe pela cabeça, que ele

detestou. Seguiram os três juntos para o teatro.

Clara despiu o casaco a meio da escadaria, e Paul descobriu que ela trazia por baixo algo que se diria ser apenas meio vestido de noite, já que lhe deixava a descoberto os braços, o colo e parte do peito. O cabelo estava penteado à moda. O vestido, um modelo muito simples de crepe verde, ficava-lhe a matar. Tinha o ar de uma grande senhora, pensou ele. Adivinhava-lhe as formas sob o vestido, como se o tecido estivesse colado ao corpo. Ao olhar para ela, sentia quase palpável a firmeza e suavidade daquele corpo esplêndido. Crispou as mãos.

Teria de passar a noite inteira encostado ao seu braço belíssimo e nu, olhando a sua garganta opulenta projectada do peito opulento, e os seios por baixo do tecido verde, e a curva das suas coxas desenhadas na saia justa. Algo o fazia odiá-la por lhe infligir tal suplício de proximidade. Mas, depois, amava-a quando ela meneava a cabeça e olhava em frente, com o lábio estendido em pose compenetrada, pensativa e imóvel, como se rendida a um destino demasiado poderoso. Nada podia fazer... estava nas mãos de algo mais forte do que ela. O seu ar eterno de esfinge pensativa deixava-o louco de vontade de a beijar. Deixou cair o programa ao chão e baixou-se para o apanhar, a fim de lhe poder beijar a mão e o pulso. A beleza dela era para ele uma tortura. Ela continuou imóvel, sentada. Só quando as luzes se apagaram ela se deixou escorregar um pouco na cadeira para o lado dele, e ele lhe acariciou a mão e o braço com as pontas dos dedos. Sentia-lhe o perfume ténue, natural, que o deixava louco, esfomeado. E o seu sangue não parava de fluir em avassaladoras vagas de calor, matando-lhe por momentos a consciência.

A peça desenrolava-se. Ele assistia à distância, de algures muito longe, não sabia donde, algures muito longe dentro dele. Ele era os braços brancos e possantes de Clara, a sua garganta, o seu colo ofegante. Tudo isso lhe parecia ser ele mesmo. E a peça desenrolava-se muito longe, e também com isso ele se identificava. Nada era ele próprio. Os olhos cinzento-escuros de Clara, o seu colo projectando-se para ele, o braço que apertava entre as mãos, eram tudo o que existia. E ele sentia-se pequeno e frágil perante a força dominadora da presença dela.

Nos intervalos, quando as luzes se acendiam, o seu sofrimento era atroz. Queria fugir para qualquer lado, desde que voltasse à escuridão. Aturdido, saía para ir tomar uma bebida. Depois as luzes apagavam-se e a presença majestosa, estranha e insana de Clara e da tragédia dominavam-no outra vez.

A peça continuava e ele continuava obcecado pela vontade de beijar aquela veiazinha azul que se anichava na curva do braço dela. Podia até senti-la latejar. Era como se toda a sua vida se quedasse suspensa até depor nela os lábios. Era algo que tinha de ser feito. E as outras pessoas? Por fim, curvou-se subitamente para a frente e tocou-lhe com os lábios. O bigode roçou na carne sensível. Clara estremeceu e retirou o braço.

Quando tudo terminou e as luzes se acenderam e todos aplaudiam, Paul voltou a si e olhou para o relógio. O comboio já tinha partido.

– Vou ter de voltar a pé para casa!

Clara fitou-o.

– É muito tarde? – perguntou ela.

Ele confirmou com um aceno de cabeça e ajudou-a a vestir o casaco.

– Amo-te. Ficas lindíssima com esse vestido – segredou-lhe por cima do ombro, na torrente da multidão apressada. Ela continuou calada. Saíram juntos do teatro. Paul viu os táxis à espera e as pessoas que passavam. Pareceu-lhe ver um par de olhos castanhos cheios de ódio, mas não tinha a certeza. Ele e Clara viraram para o outro lado, tomando o caminho da estação.

O comboio já tinha partido. Teria de percorrer a pé as dez milhas que o separavam de casa.

– Não faz mal – disse ele. – Até me vai saber bem.

– Não queres passar a noite lá em casa? – sugeriu ela, corando. – Eu posso dormir com a minha mãe...

Ele fitou-a. Os seus olhos encontraram-se.

– O que é que a tua mãe irá dizer? – perguntou ele.

– Ela não se importa.

– Tens a certeza?

– Absoluta!

– Então... posso ir?

– Se quiseres.

– Aceito!

E seguiram juntos. Apanharam um eléctrico na primeira paragem que encontraram. O vento fresco fustigava-lhes o rosto. A cidade estava mergulhada nas trevas, e o eléctrico balançava, correndo veloz. Paul ia sentado com a mão dela apertada na sua.

– A tua mãe já se terá deitado? – perguntou.

– Talvez... espero que não.

Percorreram apressados a ruela escura e silenciosa, onde não se via mais ninguém. Clara entrou rapidamente para dentro de casa. Paul hesitou.

– Entra – disse ela.

Ele subiu o degrau e entrou para a sala. A mãe assomou-se à porta do corredor, obesa e hostil.

– Quem está aí contigo? – perguntou.

– É Mr. Morel... perdeu o comboio. Achei que podíamos albergá-lo por esta noite e poupar-lhe uma caminhada de dez milhas.

– Hum! – exclamou Mrs. Radford. – Isso é lá contigo! Se o convidaste, atão pela minha parte é muito bem-vindo. Faz tu as honras da casa.

– Se não gosta da minha presença, volto pelo mesmo caminho – disse Paul.

– Ná... ná, num é preciso! Vamos lá pra dentro... Não sei se lh'agrada a ceia que eu fiz pra Clara? – Tratava-se de um pequeno prato com batatas fritas e uma fatia frita de toucinho entremeado. A mesa estava posta à pressa, para uma pessoa.

– Há mais toucinho, se quiser – continuou Mrs. Radford. – Mais batatas fritas é que não.

– É uma vergonha estar a dar-lhe tanto trabalho – disse Paul.

– Ora, ora, não se ponha com desculpas, isso não é cá pra mim! Tamém a levou ò teatro, num levou...? – Havia sarcasmo nesta última interrogação.

– Bem...! – disse Paul, rindo contrafeito.

– Bem... afinal o qu' é que vale um nico de toucinho? Ponha-se à vontade.

A mulher, imensa e empertigada, tentava avaliar a situação, enquanto cirandava à volta do aparador. Clara pegou no casaco dele. A cozinha estava muito quente e a luz do candeeiro era aconchegante.

– Por todos os santos! – exclamou Mrs. Radford. – Mas que lindo par que vocês fazem, sim senhor! Porquê todo esse luxo?

– Pode crer que nem nós sabemos – disse Paul, no papel de vítima.

– Se vocês continuam a apinocar-se dessa maneira, nesta casa não vai haver lugar para dois janotas assim – disse ela, metendo-se com eles. Esta tinha sido forte.

Paul, de smoking, e Clara, de vestido verde e braços nus, ficaram atrapalhados. Sentiam que tinham de se proteger um ao outro naquela cozinha exígua.

– Olhem-me só pra esta flor de formosura! – continuou Mrs. Radford, apontando para Clara. – O que lhe terá dado para se vestir assim?

Paul olhou para Clara. Estava ruborizada e com o pescoço afogueado. Seguiu-se uma pausa.

– Gosta de nos ver assim, não gosta? – perguntou Paul. A mãe de Clara tinha-os na mão. O coração dele batia forte, aperreado de ansiedade, mas ele ia enfrentá-la.

– Eu? Gostar de vos ver assim...?! – exclamou a mulher. – Pra qu' é qu' eu havia de querer vê-la fazer tristes figuras?

– Já vimos muita gente fazer pior figura – replicou Paul. Clara estava sob a sua protecção.

– Tá bem... E quando é qu' isso foi? – soou sarcástico o remoque.

– Quando as pessoas se armam em más – repontou ele.

Mrs. Radford, descomunal e ameaçadora, ficou suspensa diante da lareira, de garfo na mão.

– São parvos, tanto uns como os outros – respondeu ela passados alguns instantes, voltando-se para o grelhador.

– Nada disso – disse Paul, aguerrido. – As pessoas devem parecer o melhor possível.

– E chama àquilo parecer bem?! – exclamou a mãe, espetando na direcção de Clara um garfo carregado de desprezo. – Aquilo, aquilo é o mesmo que nem estar vestida.

– Aposto que o que a faz falar é mas é a inveja de já não poder saracotear-se assim – disse ele, a rir.

– Quem, eu? Eu podia ter saído de vestido de noite com quem quisesse, se me tivesse apetecido – foi a resposta afiada.

– E então porque não lhe apeteceu? – perguntou ele, pertinentemente. – Ou será que apeteceu?

Seguiu-se uma longa pausa. Mrs. Radford ajeitou o toucinho em cima da grelha. O coração de Paul batia célere, temendo tê-la ofendido.

– Eu! – exclamou ela por fim. – Não, nunca me apeteceu! E quando andava a servir, sabia logo, quando alguma das outras criadas ia para a rua de ombros ao léu, de que tipo é que ela era, e que ia saracotear-se para algum baile de meia-tigela.

– E a senhora era boa de mais para ir a bailes de meia-tigela, claro? – disse Paul.

Clara estava sentada, de cabeça baixa. Os seus olhos eram profundos e cintilantes. Mrs. Radford tirou a grelha do lume, foi para junto de Paul e começou a pôr-lhe no prato bocados de toucinho.

– Aqui está um bem tostadinho! – disse ela.

– Não me dê o melhor – disse ele.

– Ela já está de barriguinha cheia – foi a resposta.

Havia uma espécie de tolerância displicente no tom de voz da mulher, que mostrava a Paul como ela amansara.

– Come também! – disse ele a Clara.

Ela levantou para ele uns olhos cinzentos humilhados, solitários.

– Não, obrigada! – disse ela.

– E porque não? – insistiu ele, com ternura.

O sangue latejava-lhe nas veias como fogo. Mrs. Radford sentou-se outra vez, descomunal, imponente e sobranceira. Paul esqueceu-se de Clara por completo, para dar atenção à mãe.

– Dizem que a Sarah Bernhardt tem cinquenta anos – disse ele.

– Cinquenta!... Já passou dos sessenta! – foi a resposta acerada.

– Bem – disse ele – ninguém diria! Ainda agora é de gritos.

– Havia de ser bonito, eu a pôr-me aos gritos por causa daquele traste velho – disse Mrs. Radford. – Já vai sendo altura dela se portar como uma avó, e não como uma catamarã

qualquer, os guinchos... – Paul desatou a rir.

– O catamarã é um barco que se usa na Malásia – disse ele.

– E é uma palavra que eu uso – replicou ela.

– A minha mãe às vezes é assim... e não adianta eu chamar-lhe a atenção – disse ele.

– Estou a ver qu'ela já lhe sabe dar um puxão de orelhas – disse Mrs. Radford, bem-humorada.

– Isso queria ela... e diz que um dia vai dar... e eu vou buscar-lhe um banquinho para ela se encarrapitar...

– Isso é o pior que a minha mãe tem – disse Clara. – Nunca precisa dum banquinho para nada.

– Mas a maior parte das vezes não consegue chegar a essa senhora nem com uma vara bem comprida – retorquiu Mrs. Radford, voltando-se para Paul.

– Cá pra mim, ela não gosta que lhe cheguem com uma vara – disse ele, a rir. – Eu cá não gostava.

– Pois uma rachadela na cabeça só vos ia fazer bem – disse a mãe, com uma gargalhada.

– Porque é que nos quer castigar? – disse ele. – Eu cá não lhe roubei nada.

– Nem eu deixava – respondeu a mulher a rir.

Em breve terminaram a ceia. Mrs. Radford mantinha-se vigilante na sua cadeira. Paul acendeu um cigarro. Clara foi ao andar de cima, voltando com um pijama que estendeu sobre o guarda-fogo, para arejar e aquecer.

– Olha, já me tinha esquecido completamente deles – disse Mrs. Radford. – Onde é que os foste desencantar?

– A uma das minhas gavetas.

– Hum!... Compraste-o para o Baxter e ele nunca o quis usar, lembras-te? – e riu-se. – Dizia que dormia bem sem calças. – E depois, voltando-se para Paul, confidenciou-lhe: – Era uma coisa qu'ele detestava... as calças do pijama.

O jovem estava sentado a fazer anéis de fumo.

– Bem, cada qual tem os seus gostos – disse, a rir. Seguiu-se uma pequena discussão sobre os méritos do pijama.

– A minha mãe gosta de me ver de pijama – disse Paul. – Diz que pareço mesmo um Pierrot.

– Estas devem servir-lhe – disse Mrs. Radford.

Daí a pouco, Paul olhou de relance para o pequeno relógio colocado sobre a chaminé. Era meia-noite e um quarto.

– Tem graça – disse ele. – Depois do teatro levo horas para adormecer.

– Mas já vão sendo horas – disse Mrs. Radford, levantando a mesa.

– Estás cansada? – perguntou ele a Clara.

– Nem um pouco – respondeu ela, esquivando-se ao olhar dele.

– Apetece-te jogar cribbage? – disse ele.

– Já me esqueci.

– Não faz mal... eu ensino-te outra vez... Podemos jogar, Mrs. Radford? – perguntou Paul.

– Façam como quiserem – disse ela. – Mas já é muito tarde.

– Um joguinho ou dois vão pôr-nos a dormir – respondeu ele.

Clara foi buscar as cartas e sentou-se a dar voltas à aliança enquanto ele as baralhava. Mrs. Radford lavava a loiça na copa. À medida que se ia fazendo tarde, Paul sentia a tensão crescer.

– Quinze dois, quinze quatro, quinze seis, e dois são oito...!

O relógio bateu a uma hora. E o jogo continuava. Mrs. Radford já tinha dado todas as voltas necessárias antes de ir para a cama, já tinha fechado a porta à chave e deitado água na chaleira. E Paul continuava a baralhar e a contar as cartas. Estava obcecado pelo colo e pelos braços de Clara. Podia até ver onde os seios começavam a apartar-se. Não era capaz de sair de junto dela. Ela olhava para as mãos dele e via as articulações derreterem-se a cada movimento rápido. Estava tão próxima; era quase como se ele lhe tocasse... mas não exactamente. Ele estava ao rubro. Detestava Mrs. Radford. Continuava ali sentada, a cair de sono, mas determinada e persistente, sem sair da sua cadeira. Paul olhou para ela pelo canto do olho, e depois para Clara. Os olhos dela encontraram os dele, zangados, trocistas, duros como aço. Os dela responderam-lhe, envergonhados. Paul sabia que ela estava do seu lado. E continuou a jogar.

Por fim, Mrs. Radford espevitou, pôs-se muito direita e disse.

– Não acham que já são horas de vocês dois começarem a pensar em ir dormir?

Paul continuou a jogar sem responder. Tinha-lhe tanto ódio que estava capaz de a matar.

– É só meio minuto – disse ele.

A velha senhora levantou-se e arrastou-se até à copa, voltando com uma palmatória, que colocou sobre a chaminé. Depois, sentou-se outra vez. O ódio que ele sentia corria-lhe tão fundo nas veias que até deixou cair as cartas.

– Pronto, vamos terminar – disse ele, mas a sua voz era um desafio.

Clara viu-o crisar os lábios e olhar de novo para ela de fugida. Parecia um olhar combinado. Ela debruçou-se sobre as cartas, tossicando, para apurar a garganta.

– Ainda bem que já terminaram – disse Mrs. Radford. – Tome lá... aqui tem as suas coisas. – E deu-lhe o pijama. – Esta é a sua palmatória. O seu quarto é mesmo por cima da cozinha... Só há dois... num tem nada que saber. Bem... boa noite... durma bem.

– Disso não tenho a menor dúvida... durmo sempre muito bem – disse ele.

– Inda bem... e na sua idade bem precisa – respondeu ela.

Paul deu as boas-noites a Clara e foi para cima. As escadas de caracol em madeira branca, bem lavada, rangiam e estalavam a cada passo. Paul subiu com determinação. As duas portas ficavam frente a frente. Entrou no seu quarto e encostou a porta, sem a fechar à chave.

Era um quarto pequeno com uma cama muito grande. Alguns ganchos de Clara estavam espalhados sobre o toucador e a escova do cabelo também; as suas roupas e algumas saias estavam penduradas a um canto, por detrás de uma cortina. Havia também um par de meias nas costas de uma cadeira. Paul explorou o quarto. Dois dos seus livros lá estavam na estante. Despiu-se, dobrou o fato e sentou-se na cama, à escuta. Depois apagou a vela, deitou-se e passados dois minutos estava quase a dormir. Mas, de repente, zás!... estava de olho aberto, espertinado e a contorcer-se de agonia. Era como se, quando estava prestes a adormecer, alguma coisa o tivesse atingido de chofre, enlouquecendo-o. Sentou-se na cama e olhou o quarto às escuras. Apercebeu-se então de um par de meias de vidro nas costas de uma cadeira. Levantou-se sem ruído e calçou-as, sentando-se na cadeira, imóvel, sabendo que tinha de a possuir. Depois, sentou-se na cama, erecto, com os pés dobrados sob o corpo, perfeitamente imóvel, à escuta. Ouvia um gato lá fora... e, depois, a voz de Clara dizer distintamente:

– Desabotoa-me o vestido, mãe?

Tudo ficou em silêncio por algum tempo. Por fim a mãe disse:

– Então... num vens para cima?

– Não... ainda não – respondeu a filha, calmamente.

– Então está bem! Fica mais um bocado, se achas que 'inda num é tarde. Mas depois num m'acordes quando eu já estiver a dormir.

– Não me demoro nada – disse Clara.

Logo a seguir, Paul ouviu a mãe subir as escadas devagar. A luz da vela luziu por entre as frinchas da porta, e o seu coração deu um salto. Depois, tudo ficou escuro e ouviu o trinco a fechar-se na porta do quarto dela. Os preparativos antes de se meter na cama estavam a demorar muito, na verdade. Até que, ao fim de bastante tempo, tudo ficou em silêncio. Ele continuava sentado na cama, a tremer ligeiramente. A porta do quarto estava entreaberta. Quando Clara subisse, saía-lhe ao caminho. Ficou à espera. O silêncio era sepulcral. O relógio bateu as duas horas. Nisto, ouviu um leve raspar no guarda-fogo, lá em baixo. Não aguentou mais. Já não conseguia controlar a tremura. Tinha de ir, ou morria ali mesmo.

Saltou da cama e ficou-se por um momento, a tremer. Depois foi direito à porta. Tentava não fazer qualquer ruído. O primeiro degrau estalou como um tiro. Paul ficou à escuta. A velha senhora mexeu-se na cama. As escadas eram escuras, mas entrava uma nesga de luz por baixo da porta que dava para a cozinha. Ele aguardou um instante. Depois continuou, mecanicamente. Degrau que pisava, degrau que rangia, e ele encolhia-

se, temendo que a mulher abrisse a porta lá em cima, mesmo por detrás das suas costas. Tacteu a porta ao fundo das escadas. O fecho saltou com um sonoro estalido. Entrou na cozinha e fechou a porta com força. A mulher não se atreveria a vir agora cá abaixo.

Estacou, boquiaberto. Clara estava nua, ajoelhada no tapete da lareira sobre um monte de roupa interior toda branca, de costas para ele, a aquecer-se. Não se virou para trás, mas sentou-se nos calcanhares, com as costas arredondadas, muito belas, voltadas para ele, e a cara escondida. Aquecia o corpo ao lume, para se consolar. O clarão era rosáceo de um dos lados, e a sombra projectava-se escura e cálida do outro. Os seus braços estavam lânguidos, penderes.

Ele tremia violentamente, cerrando os dentes e os punhos para se controlar. Depois, avançou para ela. Pousou-lhe uma mão no ombro, segurou-lhe o queixo com os dedos da outra mão, e levantou-lhe a cabeça. Um arrepio fê-la estremecer, convulsa, uma, duas vezes, ao toque das suas mãos. A cabeça continuava curvada.

– Desculpa! – murmurou ele, percebendo que tinha as mãos muito frias. Então, ela olhou para ele assustada, como alguém que teme a morte.

– Tenho as mãos tão frias – murmurou ele.

– Gosto assim – sussurrou ela, fechando os olhos. O sopro das suas palavras tocou a boca dele. Os braços dela enlaçaram-lhe os joelhos. O cordão das calças do pijama batia-lhe no corpo, fazendo-a estremecer. Pouco a pouco, e à medida que o calor invadia, as tremuras abrandaram.

Passado algum tempo, e não podendo já continuar naquela posição, ele ajudou-a a levantar-se e ela afundou a cabeça no seu ombro. As mãos dele percorreram-na devagar, numa carícia terna e infinita. Ela colava-se a ele, tentando esconder-se no seu corpo. Ele apertava-a com força. Por fim, ela olhou para ele, muda, suplicante, não sabendo se devia estar envergonhada.

Os olhos dele eram escuros, muito profundos e calmos. Era como se a beleza dela e o facto de ele a possuir o magoassem e entristecessem. Paul olhava para ela com a dor estampada nos olhos, e tinha medo. Estava ali à mercê dela. Ela beijou-lhe os olhos com fervor, primeiro um, depois o outro, e abandonou-se nos seus braços, entregando-se-lhe. Ele apertou-a com força contra o peito e foram momentos intensos, quase de agonia.

Depois ele soltou-a e o seu sangue pôde enfim correr liberto. Olhava para ela e via-a tão bela e tão desejável que tinha de morder o lábio e as lágrimas vinham-lhe aos olhos. O primeiro beijo que lhe deu nos seios fê-lo perder o fôlego de medo. O temor imenso, a imensa humildade e o terrível desejo eram quase insuportáveis. Os seios dela eram pesados. Ele segurava um em cada mão, como grandes frutos em taças, e beijava-os temeroso. Tinha medo de olhar para ela. As mãos dele viajavam pelo corpo dela, suaves, selectivas, receosas, plenas de adoração. De repente, reparou nos joelhos e deixou-se cair, beijando-os apaixonadamente. Ela estremeceu. E, depois, sentindo os dedos dele fincados nas suas ancas, estremeceu ainda uma outra vez. Ela estava de pé, deixando-o adorá-la e estremecer de felicidade por ela. Sarava-lhe o orgulho ferido. Sarava-a e enchia-a de alegria. Fazia-a sentir-se de novo inteira e orgulhosa em toda a sua nudez. O seu orgulho

fora amarfanhado, tinha sido humilhada. Mas, agora, estava outra vez radiante de alegria e orgulhosa. Era a sua restauração e a sua recompensa.

E, então, enquanto ela o contemplava empenhado no seu serviço de adoração, ele ergueu para ela um rosto pleno de felicidade. Sorriram um para o outro e ele apertou-a ainda mais. Os segundos escoavam-se, passavam os minutos, e continuavam os dois abraçados e rígidos, uma boca colada à outra, como uma estátua num bloco único.

Mas logo os dedos dele tactearam ávidos o corpo dela, inquietos, perdidos, insatisfeitos. O sangue alvoroçava-se quente em vagas sucessivas. Ela pousou a cabeça no seu ombro.

– Vem tu para o meu quarto – murmurou ele.

Ela olhou para ele e abanou a cabeça, fazendo beicinho, desconsolada, com os olhos inundados de paixão. Ele fitou-a intensamente.

– Vem! – insistiu ele.

E, de novo, ela abanou a cabeça.

– Porquê? – perguntou ele.

Ela olhou para ele, ainda com gravidade, com tristeza, e voltou a abanar a cabeça. O olhar dele endureceu, e ele desistiu.

Quando mais tarde já estava deitado, perguntou-se porque seria que ela se tinha recusado a vir ter com ele abertamente, para a mãe ficar a saber. Assim, pelo menos, as coisas seriam definitivas. E ela bem podia ter passado a noite com ele, sem ter de ir, como fora, para a cama da mãe. Era estranho e ele não entendia. Depois, quase em seguida, adormeceu.

Acordou já de manhã, com alguém a falar com ele. Abriu os olhos e viu Mrs. Radford, grande e imponente, a olhar para ele lá de cima, com uma chávena de chá na mão.

– Julga que vai ficar a dormir até ao Dia do Juízo Final? – disse ela. Paul riu-se.

– Ainda deviam ser só cinco horas – disse ele.

– Pois é – respondeu ela – mas já são sete e meia, quer queira, quer não. Tome, trouxe-lhe uma chávena de chá.

Paul coçou o nariz, cofiou o bigode castanho, afastou uma melena da testa e despertou.

– Não sei para que é tanta pressa – resmungou.

Ele ficava aborrecido quando o acordavam. Ela estava divertidíssima. Lobrigou-lhe o pescoço por baixo do casaco de flanela do pijama, branco e roliço como o duma rapariga. Paul coçava a cabeça, zangado.

– Num lh’adianta nada coçar a cabeça – disse ela. – Num fica mais cedo por isso. Vá, pegue. Quanto tempo acha qu’eu vou ficar aqui à espera de chávena na mão?

– Ora... quero lá saber da chávena! – disse ele.

– Devia ter-se deitado mais cedo – disse a mulher.

Ele fitou-a com descaramento.

– Deitei-me mais cedo do que a senhora – disse Paul.

– Sim, meu filho! Atão não deitou! – exclamou ela.

– Que luxo – disse ele, mexendo o chá. – Virem trazer-me o chá à cama. A minha mãe vai achar que fico estragado de mimo para o resto da vida.

– Ela nunca lhe faz isto? – perguntou Mrs. Radford.

– Fugia mais depressa pela porta fora.

– Pois eu sempre estraguei a minha gente... Por isso é que eles num prestam – disse a velha senhora.

– Só tinha a Clara para estragar – disse Paul. – E Mr. Radford já está no céu. Por isso, só se é a senhora que não presta.

– Eu não sou má pessoa... sou é uma fraca – disse ela, saindo do quarto. – Sou uma tonta, isso é que eu sou.

Clara manteve-se muito calada durante o pequeno-almoço, mas Paul notou nela um certo ar de posse em relação a ele, que lhe agradava por de mais. Mrs. Radford gostava visivelmente dele. Paul começou a falar da sua pintura.

– O qu' é que lh' adianta – exclamou a mulher – tanto esforço e tanta preocupação e tanto trabalho e apego a essas tais pinturas? O qu' é que ganha com isso?... Sempre gostava de saber... Mais valia andar a divertir-se.

– Ah, mas é que... – exclamou Paul – o ano passado ganhei mais de trinta guinéus.

– A sério? Bom... isso já é alguma coisa, mas nada comparado co tempo que perde.

– E ainda me devem quatro libras. Um homem disse que me dava cinco libras, se eu o pintasse a ele, à mulher e ao cão, à porta de casa. E aí, eu pus lá as galinhas em vez do cão e ele ficou todo ofendido e tive de baixar uma libra no preço. Já estava farto daquilo e não gostava do cão... Mas acabei por pintar o quadro... Que hei-de fazer quando ele me pagar as quatro libras?

– Num sei, o senhor é que sabe o que fazer ao dinheiro – disse Mrs. Radford.

– Vou estoirar as quatro libras. Gostava de ir passar um ou dois dias à beira-mar?

– Quem?

– A senhora, a Clara e eu.

– O quê... co seu dinheiro? – exclamou ela, meio agastada.

– E porque não?

– Num lh' ia levar muito tempo a partir o pescoço numa corrida de obstáculos – disse ela.

– Desde que empregue bem o meu dinheiro...! Então, não quer vir?

- Não... combinem lá isso entre vocês.
- E não se importa? – perguntou ele, surpreso, mas contentíssimo.
- Façam como quiserem – disse Mrs. Radford – quer eu goste, quer não.

XIII

BAXTER DAWES

POUCO DEPOIS de ter ido ao teatro com Clara, estava Paul a tomar uma bebida no Punch Bowl com os amigos, quando entrou Dawes. O marido de Clara estava a ficar mais gordo, as pálpebras começavam a cair flácidas sobre os olhos castanhos, e estava a perder a firmeza sadia das carnes. Era óbvio que entrara no declínio. Tendo-se zangado com a irmã, tivera de se sujeitar a pensões baratas. A amante trocara-o por um homem que queria casar com ela. Tinha passado uma noite na prisão por se ter envolvido numa briga depois de se ter embebedado, e andava ainda metido num negócio escuso de apostas.

Ele e Paul eram inimigos de longa data, e, no entanto, ligava-os uma certa cumplicidade, como se existisse entre os dois uma secreta afinidade, como às vezes acontece entre pessoas que nunca se falaram. Paul pensava muitas vezes em Baxter Dawes, muitas vezes lhe apetecia ir ter com ele e ficarem amigos. Sabia também que Dawes pensava nele muitas vezes, e que se sentia atraído por algo que os ligava. Não obstante, nunca olhavam um para o outro sem ser com hostilidade.

Como funcionário superior da Jordan, competia a Paul oferecer uma bebida a Dawes.

– Tomas alguma coisa? – perguntou Paul.

– Num tomo nada... c'um parasita da tua laia – respondeu o homem.

Paul virou-lhe as costas, com um leve encolher de ombros desdenhoso, muito irritante.

– A aristocracia – continuou Paul – é de facto uma instituição militar. Vejam a Alemanha. Tem milhares de aristocratas cujo único meio de subsistência é o exército. São uns pobretanas do diabo e a vida é uma monotonia desgraçada. Por isso só pensam na guerra. Vêm na guerra a oportunidade de evoluírem. Até rebentar uma guerra, não passam de uns zés-ninguém. Mas em tempo de guerra, são chefes e comandantes. Ora aí têm... o que eles querem é guerra.

Paul não era dos oradores mais apreciados na taberna, por ser demasiado rápido e autoritário. Os homens mais velhos irritavam-se com o seu ar convencido e seguro. Ouviam-no em silêncio, e ficavam contentes quando ele se calava.

Dawes interrompeu o discurso eloquente do jovem, para perguntar bem alto, acintosamente:

– Aprendestes isso tudo no teatro quando lá fostes outro dia?

Paul olhou para ele. Os seus olhos encontraram-se. Percebeu que Dawes o tinha visto sair do teatro com Clara.

– O que é que se passou no teatro? – perguntou um dos amigos de Paul, todo contente por poder meter o nariz na vida do rapaz e descobrir alguma coisa suculenta.

– Ora, era ele todo triques de smoking, na boa-vai-ela! – desferiu Dawes, espetando a

cabeça desdenhosamente na direcção de Paul.

– Essa promete... – disse o amigo comum. – Com uma gaja e tudo?

– Com uma gaja e tudo, pois atão...! – disse Dawes.

– Vá... conta lá o resto – gritou o amigo comum.

– Já contei tudo – disse Dawes. – E cá pra mim o Morelly aproveitou-se bem.

– Estou banzado! – disse o amigo comum. – E a gaja era mesmo dessas?

– A gaja, caramba... se era!

– Como é que sabes?

– Ora – disse Dawes – porqu'acho qu'ele passou a noite...

Choveram gargalhadas à custa de Paul.

– Mas quem era ela, tu conhece-la? – perguntou o amigo comum.

– Sou capaz de conhecer – disse Dawes.

Nova explosão de gargalhadas.

– Então amanda lá co nome – disse o amigo comum.

Dawes abanou a cabeça, e bebeu uma golada de cerveja.

– É pr'admirar ele'inda num ter dito nada – disse ele. – Não tarda vai começar a gabar-se.

– Vá lá, Paul – disse o amigo. – Agora já está... o melhor é contares tudo.

– Contar o quê?... Que fui com uma amiga ao teatro?!

– Pronto, se foi tudo às direitas, podes dizer-nos quem ela era – disse o amigo.

– Ela era às direitas – disse Dawes.

Paul estava furioso. Dawes limpou os bigodes dourados com os dedos, escarninho.

– Rais ma partam...! Uma dessas! – disse o amigo comum. – Então, Paul, meu rapaz, estou pasmado contigo... E tu conhece-la, Baxter?

– Mais ou menos... topas?

E piscou o olho aos outros homens.

– Bem – disse Paul –, tenho de ir andando!

O amigo comum deitou-lhe a mão ao ombro e segurou-o.

– Nada disso – disse ele. – Não te escapas com essa facilidade, meu menino. Tens de nos fazer um relatório completo dessa história.

– O Dawes que o faça – disse Paul.

– Não devias esconder as tuas proezas, homem – repontou o amigo.

E foi então que Dawes fez um comentário que levou Paul a atirar-lhe à cara metade da cerveja que tinha no copo.

– Oh, Mr. Morel! – gritou a empregada, tocando a campainha para chamar o homem da segurança, vulgo «enxota bêbados». Dawes cuspiu para o chão e atirou-se ao rapaz. Nesse momento, apareceu um rapagão moreno de mangas arregaçadas e calças muito justas nas nádegas, que os apartou.

– Então! – disse ele, metendo a peitaça à cara de Dawes.

– Anda lá pra fora, meu paneleiro! – gritou Dawes.

Paul estava encostado ao varão do balcão, lívido e a tremer. Odiava Dawes e só desejava que um raio o fulminasse naquele preciso instante. E, ao mesmo tempo, achava-o patético, com os cabelos todos molhados caídos sobre a testa. Paul não se mexeu.

– Anda lá pra fora... meu... – disse Dawes.

– Já chega, Dawes – gritou a empregada.

– Vamos lá – disse o «enxota-bêbados» com afável determinação. – O melhor é ir andando.

E, fazendo Dawes recuar, empurrou-o até à porta.

– Aquele é o paneleiro que começou tudo! – gritou Dawes, meio acobardado, apontando para Paul Morel.

– Mas que grande mentira, Mr. Dawes! – disse a criada. – Sabe bem que foi o senhor quem começou.

O «enxota-bêbados» continuava a espetar o peito diante dele e ele a recuar, até chegar à porta e aos degraus exteriores. Nessa altura voltou-se.

– Deixa estar... – disse ele, meneando a cabeça na direcção do rival.

Paul sentia pelo homem um estranho sentimento de piedade, quase de afeição, misturado com ódio e violência. A porta colorida baloiçou. Na taberna fez-se silêncio.

– É muito bem feito – disse a criada.

– Mas é horrível apanhar com um copo de cerveja nos olhos – disse o amigo comum.

– Pois eu digo-lhe que fiquei bem contente – disse a criada.

– Quer outra cerveja, Mr. Morel? – E levantou o copo de Paul, expectante. Ele assentiu.

– É um homem que não tem medo de nada, este Baxter Dawes – disse um.

– Pff!... Ai é? – disse a criada. – É mas é um desbocado, isso é qu'ele é, e esses nunca valem grande coisa... Mostrem-me um falinhas mansas, e então sim, têm o diabo.

– Bem, Paul, meu rapaz – disse o amigo. – Vais ter de tomar cuidado por uns tempos.

– Só tem de não lhe dar oportunidades, é tudo – disse a criada.

– Jogas boxe? – perguntou um amigo.

– Nem um bocadinho – respondeu Paul, ainda muito branco.

– Posso dar-te uma ou duas lições – disse o amigo.

– Obrigado... não tenho tempo. – E saiu.

– Vá com ele, Mr. Jenkinson – disse baixinho a criada, piscando o olho a Mr. Jenkinson. O homem aquiesceu, pegou no chapéu, disse um caloroso «Boa noite a todos!» e foi atrás de Paul, chamando:

– Espera aí, meu velho. Acho que tu e eu vamos pelo mesmo caminho.

– Mr. Morel não gosta destas coisas – disse a criada. – Vão ver, não vai aparecer por cá muito mais vezes... Tenho pena, é uma boa companhia. O qu'ó Baxter Dawes tá a pedir é qu'ó metam na cadeia, olá se tá.

Paul preferia morrer a que a mãe viesse a saber deste incidente. Sofria a tortura da humilhação e do complexo de culpa. Havia uma boa parte da sua vida que ele não podia de maneira nenhuma contar à mãe, uma vida que vivia aparte dela – a sua vida sexual. O resto ainda era dela. Mas sentia que tinha de lhe esconder algumas coisas, e isso aborrecia-o. Havia entre eles um certo silêncio, e Paul sentia que tinha de se defender dela com esse silêncio. Sentia-se condenado por ela. Às vezes, odiava-a, e tentava libertar-se. A sua vida queria libertar-se dela. Era como um círculo onde a vida retornava sobre si mesma, e não avançava. Ela gerara-o, amava-o, cuidava dele, e o seu amor voltava para dentro dela, para que ele não pudesse dar livre curso à sua vida, ou mesmo amar outra mulher. Nesta altura, se bem que inconscientemente, Paul rejeitava a influência da mãe. Não lhe contava certas coisas, criara-se entre eles uma certa distância.

Clara era feliz, estava quase segura do seu amor. Sentia que finalmente o tinha só para si. Mas logo era assaltada pela incerteza. Ele contou-lhe em ar de brincadeira o incidente com o marido. As faces afoguearam-se-lhe, os seus olhos cinzentos faiscaram.

– É ele por uma pena – gritou ela. – Um arruaceiro! Não serve para conviver com gente decente.

– Mas tu casaste com ele – disse Paul. Ela ficou furiosa de ele lho lembrar.

– Pois casei! – exclamou. – Mas como é que eu podia adivinhar?

– Eu acho que ele é capaz de já ter sido bem simpático.

– E achas que fui eu que o transformei no que ele é hoje?

– Não! Foi ele que se transformou. Mas há nele qualquer coisa...

Clara fitou o amante de perto. Havia nele qualquer coisa que ela detestava, uma certa atitude crítica e desprendida em relação a ela, uma frieza que fazia a sua alma de mulher endurecer.

– E que vais tu fazer? – perguntou ela.

– Fazer como?

– Contra o Baxter.

– Não há nada a fazer, não te parece? – respondeu ele.

– Se for mesmo preciso, chegas bem para ele – disse ela.

– Não... Não tenho a menor queda para a pancadaria... Tem graça... a maior parte dos homens tem o instinto de cerrar os punhos e bater. Mas comigo, não. Se quisesse lutar ia precisar de uma faca ou uma pistola, ou coisa assim.

– Então o melhor é passares a trazer qualquer coisa – disse ela.

– Não – disse ele a rir. – Não sou nenhum rufia.

– Mas ele vai fazer-te alguma... Tu não o conheces.

– Pronto – disse Paul. – Veremos.

– E vais deixá-lo?

– Talvez... se não puder fazer nada.

– E se ele te mata? – disse ela.

– Era uma pena, por ele e por mim.

Clara ficou calada por instantes.

– Consegues mesmo irritar-me – exclamou ela.

– Isso já não é novidade – disse ele, rindo.

– Mas porque hás-de ser tão pateta? Tu não o conheces...

– Nem quero conhecer.

– Sim, está bem... mas não vais deixar um homem fazer-te o que bem quiser...

– O que é que eu posso fazer? – respondeu Paul, sempre a rir.

– Eu cá andava com um revólver – disse ela. – Garanto-te que ele é perigoso.

– Ainda dava um tiro nos dedos – disse ele.

– Não davas nada... Então? – suplicou ela.

– Não.

– Nem outra coisa qualquer?

– Não.

– E vais deixar que ele...?

– Vou.

– És mesmo parvo!

– Certíssimo!

Clara cerrou os dentes de raiva.

– Estou capaz de te bater – gritou ela, tremendo de paixão.

- Porquê?
 - Deixares que um homem como ele te faça o que lhe apetece!
 - Se ele sair vitorioso... podes voltar para ele – disse ele.
 - Vê lá se queres que eu te odeie? – disse ela.
 - Bem... estava apenas a falar – disse ele.
 - E dizes tu que me amas! – exclamou ela, baixando a voz, indignada.
 - Vou ter de o matar para te agradar? – disse Paul. – Mas, se o matasse, então é que ele me tramava mesmo.
 - Julgas que sou parva? – exclamou ela.
 - De maneira nenhuma. Mas não me compreendes, minha querida.
- Fez-se uma pausa.
- Mas tu não te devias expor... – disse ela, quase implorando. Ele encolheu os ombros.

«Homem de justiça afivelada,
Puro, honrado e são de vida,
Não quer de Toledo a espada,
Nem aljava de veneno fornecida...»,

recitou Paul.

Ela olhou para ele, inquisitiva.

- Quem me dera compreender-te – disse ela.
- Simplesmente, não há nada para compreender – disse ele a rir.

Ela ficou cabisbaixa, pensativa.

Paul não viu Dawes durante vários dias. Até que, uma manhã, quando subia a escada vindo do departamento Espiral, quase chocou com o corpulento ferreiro.

- Mas que...! – gritou o ferreiro. – Desculpe! – disse Paul, e seguiu em frente.
- Desculpe! – arremedou-o Dawes.

Paul pôs-se a assobiar baixinho: «Ponham-me entre as raparigas.»

- Já te acabo com o assobio, meu menino! – disse ele. O outro não respondeu.
- Vais pagar por aquilo que me fizeste na outra noite.

Paul dirigiu-se para o seu canto, sentou-se à secretária e começou a virar as folhas do livro de registos.

– Vai dizer à Fanny que quero a encomenda 097, rápido – disse ele para o moço de recados.

Dawes estava entre portas, alto e ameaçador, olhando para o alto da cabeça do jovem.

– ... Seis e cinco onze e sete é um mais seis... – continuou Paul, em voz alta.

– Tás a ouvir, ou quê? – disse Dawes.

– Cinco xelins e nove dinheiros! – E Paul escreveu um número. – Mas que vem a ser isto? – disse.

– Eu já te digo o qu’isto é – disse o ferreiro.

O outro continuou a somar em voz alta.

– És mesmo um cobardolas, um filho da puta... Num tens coragem pra m’enfrentares.

Num ápice, Paul deitou a mão à pesada régua. Dawes deu um salto. O jovem traçou algumas linhas no livro de registos. O outro ficou completamente fora de si.

– Espera só até eu te pôr as mãos em cima... onde, não interessa... arranco-te o coiro, meu g’anda javardo!

– Quando quiseres – disse Paul.

Ao ouvir isto, o ferreiro transpôs a porta e avançou pesadamente. Nesse preciso instante, soou um apito estridente. Paul dirigiu-se ao intercomunicador.

– Sim! – disse ele, passando à escuta.

– Hum... sim! – Continuou a ouvir e deu uma gargalhada.

– Vou já para baixo... Neste momento tenho aqui uma visita. Dawes percebeu pelo tom que ele estava a falar com Clara.

Deu um passo em frente.

– Meu g’anda manhoso! Eu já te dou a visita. Julgas que te vou deixar andar por aí a dares-te ares?

Os outros empregados do armazém levantaram a cabeça. O moço de recados de Paul chegou com uma coisa branca nas mãos.

– A Fanny diz que já lha podia ter mandado ontem à noite, se lhe tivesse dito.

– Está bem – disse Paul, olhando para a meia. – Trata de a despachares.

Dawes estava frustrado, impotente de raiva. Morel virou-se para trás.

– Com licença – disse ele a Dawes, começando a descer as escadas.

– Vou pôr-te travão nesse galope, caraças! – berrou o ferreiro, agarrando-o por um braço. Paul virou-se de repente para trás.

– Eh!... Eh! – gritou o moço de recados, assustado.

Thomas Jordan saiu de rompante do gabinete envidraçado e correu pelo armazém fora.

– O que foi, o que foi? – dizia ele, com aquela voz de cana rachada, já de velho.

– Sou só eu que vou tratar da saúde a este filho da mãe, mai nada – disse Dawes, em desespero.

– E o que é que queres dizer com isso? – perguntou Jordan, ríspido.

– Exactamente isso – disse Dawes. Mas conteve-se. Morel estava encostado ao balcão, envergonhado, de cara à banda. – Mas que vem a ser isto? – disse Thomas Jordan, ríspido.

– Não faço ideia – disse Paul, abanando a cabeça e encolhendo os ombros.

– Não fazes... ah, não fazes! – gritou Dawes, espetando ameaçadoramente a cara bem talhada e furiosa, e cerrando o punho.

– Já terminaste? – gritou o velho, a gaguejar. – Vai à tua vida e não voltes a aparecer por aqui já tocado logo de manhã.

Dawes inclinou o corpanzil lentamente para Jordan.

– Tocado! – disse. – Quem é que está tocado? Eu não estou mais tocado do que você.

– Essa já não é nova – respondeu o velho. – Vá, vai-te embora, e depressa... Vires para aqui fazer desmandos!

O ferreiro olhou com desprezo para o patrão. As suas mãos, grandes e enfarruscadas, mas bem talhadas para o seu mister, contorciam-se sem parar. Paul lembrou-se de que eram as mãos do marido de Clara, e um lampejo de ódio fulminou-o.

– Sai daqui antes que te ponham lá fora – disse Jordan, autoritário.

– Essa agora, quem é que me põe lá fora, seu paneleirote bafiento? – disse Dawes, rindo cinicamente.

Mr. Jordan deu um salto, avançou para o ferreiro a gesticular, mandando-o embora, empertigando o corpo atarracado e dizendo:

– Sai já da minha casa... põe-te na rua!

E, agarrando-se ao braço de Dawes, deu-lhe um safanão.

– Largue-me! – disse o ferreiro e, com uma valente cotovelada, atirou o pequeno industrial às arrecuas. Antes que alguém tivesse tempo para o agarrar, Thomas Jordan foi de encontro à frágil porta de batente, que deu de si, tendo o homem rebolado pelos degraus abaixo até se estatelar na sala de Fanny. Houve um segundo de estupefacção. Depois, homens e mulheres precipitaram-se para ele. Dawes ficou por uns instantes a contemplar a cena, e saiu.

Thomas Jordan estava combalido e com nódoas negras, mas sem lesões graves. Estava, no entanto, completamente fora de si. Despediu Dawes e processou-o por agressão.

No julgamento, Paul Morel teve de prestar testemunho. Quando lhe perguntaram como tudo tinha começado, respondeu:

– Dawes aproveitou certa ocasião para insultar Mrs. Dawes, e a mim também, por eu ter

ido com ela uma noite ao teatro. Em seguida, eu atirei-lhe à cara com um copo de cerveja, e ele quis vingar-se.

– Cherchez la femme! – disse o juiz, com um sorriso.

O caso foi encerrado depois de o juiz ter dito a Dawes que o considerava um homem sem carácter.

– Estragaste tudo – ripostou Mr. Jordan.

– Não sou da mesma opinião – disse Paul. – Além disso, o senhor não queria mesmo vê-lo condenado, pois não?

– Então porque é que julgas que meti o caso em tribunal?

– Bem, nesse caso peço desculpa se disse o que não devia. Clara também ficou furiosa.

– Porque é que o meu nome tinha de ser arrastado para esta história?

– Mais vale dizê-lo abertamente do que deixar as pessoas andarem por aí a cochichar.

– Nada disto precisava de ter acontecido – disse ela categórica.

– Não ficámos mais pobres por isso – disse ele com indiferença.

– Tu talvez não... – retorquiu ela.

– E tu...? – perguntou ele.

– O meu nome não precisava nada de ter sido mencionado.

– Desculpa – disse ele. Mas não parecia nada arrependido. «Isto passa-lhe», pensou Paul. E de facto passou.

Paul contou à mãe o trambolhão de Mr. Jordan e o julgamento de Dawes, e Mrs. Morel ouviu-o com atenção sem tirar os olhos dele.

– E tu, o que pensas disto tudo?

– Acho que ele é um imbecil.

No entanto, parecia algo constrangido.

– Já pensaste como tudo isto pode acabar? – disse a mãe.

– Não – respondeu ele. – As coisas resolvem-se por si.

– Pois resolvem, e geralmente nada a contento – observou a mãe.

– Não temos outro remédio senão contentarmo-nos.

– Vais descobrir que não és tão fácil de contentar como imaginas – disse ela.

Paul continuou a trabalhar no esboço.

– Pedes-lhe alguma vez a opinião a ela? – disse Mrs. Morel passado algum tempo.

– A respeito de quê?

– De ti... e de tudo o que se passou?

– Quero lá saber da opinião dela a meu respeito. Está loucamente apaixonada por mim, mas nada de muito profundo.

– Pelo menos, é tão profundo como os teus sentimentos por ela.

Paul levantou os olhos para a mãe, comprometido.

– Pois é, mãe – disse ele. – Deve haver alguma coisa errada comigo, porque não sou capaz de amar. Quando estou com ela, sinto geralmente que a amo. Em certas alturas, quando a vejo apenas como mulher, então sim, amo-a de verdade. Mas depois, quando ela se põe a falar e a criticar-me, a maior parte das vezes nem a oiço.

– Pois é, ela tem tão bom senso como a Miriam.

– Talvez. E gosto mais dela que da Miriam. Mas porque será que elas não me conseguem prender?

Esta última interrogação soou quase como um lamento. A mãe desviou a cara e ficou a olhar para o lado oposto da sala, muito calada, muito séria, numa atitude quase de renúncia.

– Mas tu não estás a pensar em casar com a Clara? – disse por fim.

– Não... a princípio talvez estivesse. Mas porque será que não quero casar com ela nem com mais ninguém? Às vezes sinto que faço mal às minhas mulheres, mãe.

– Fazes mal como, meu filho?

– Não sei...

E continuou a pintar sem alento. Tinha chegado ao cerne da questão.

– Quanto a pensares em casar – disse a mãe –, ainda tens muito tempo à tua frente.

– Não é isso, mãe. Eu até amo a Clara, e amei a Miriam. Mas dar-me a elas pelo casamento... não fui nem sou capaz. Não sou capaz de lhes pertencer. Elas parecem querer-me de verdade, e eu não consigo dar-me.

– Porque ainda não encontrei a mulher certa.

– Nem nunca vou encontrar enquanto a mãe for viva – disse ele. Ela ficou calada. E começou a sentir-se de novo cansada, como se estivesse prestes a soçobrar.

– Veremos, meu filho – respondeu.

A sensação de que as coisas andavam em círculos deixava-o como louco.

Clara estava na verdade apaixonadíssima por ele, e ele por ela, mas não passava de uma paixão. De dia, Paul poucas vezes se lembrava de que ela existia. Clara trabalhava no mesmo edifício, mas ele nem dava por isso. Andava muito ocupado e não pensava nela. Ela, porém, durante todo o tempo que passava na Espiral, sentia a presença dele lá em cima, a sua presença física no mesmo edifício, e esperava a todo o momento vê-lo entrar pela porta. Quando isso acontecia, o choque era enorme, mas ele demorava-se geralmente muito pouco e falava-lhe com secura. Dava-lhe ordens em tom profissional, mantendo-a à distância. E ela prestava-lhe a pouca atenção que ainda lhe restava, pois não se atrevia a

cometer qualquer engano ou esquecimento. Era uma crueldade: ela queria sentir-lhe o peito, sabia exactamente qual a forma do seu peito por baixo do colete; queria tocar-lhe. Era de endoidecer ouvir a voz dele dando-lhe ordens mecanicamente. Queria romper com o fingimento, arrancar-lhe a camada de pretensa trivialidade que o cobria de dureza, e chegar ao homem. Mas tinha medo e, antes que pudesse sentir ao de leve que fosse o seu calor, já ele se tinha ido embora, deixando-a outra vez a sofrer.

Paul sabia que Clara ficava triste nas noites em que não o via, e dedicava-lhe por isso grande parte do seu tempo. Para ela, os dias eram frequentemente angustiantes, mas os fins de tarde e as noites eram geralmente para ambos uma bênção. Sentavam-se os dois muito calados lado a lado, horas a fio, ou passeavam na noite, balbuciando apenas algumas palavras escassas, quase sem sentido. Mas ele sentia a mão dela na sua, e o peito dela deixava no peito dele um calor morno que lhe dava uma sensação de plenitude.

Um dia, à tardinha, passeavam junto ao canal, e Paul mostrava-se preocupado. Ela percebeu que o pensamento dele não estava ali, pois ele não parava de assobiar baixinho para si próprio. Ela escutava-o, sentindo que ficaria a saber mais pelo assobio do que pelas palavras. Era uma melodia triste, descontente, uma melodia que lhe dizia que ele não ficaria com ela. Clara continuou a andar em silêncio. Quando chegaram à ponte suspensa, ele sentou-se na grande vara, fitando as estrelas reflectidas na água. Ele estava muito longe. Ela tinha vindo pensativa.

– Vais ficar para sempre na Jordan? – perguntou ela.

– Não – respondeu ele, sem pensar. – Não... vou sair de Nottingham e partir para o estrangeiro... dentro de pouco tempo.

– Para o estrangeiro... para quê?

– Não sei! Ando inquieto.

– Mas vais fazer o quê?

– Primeiro, vou ter de arranjar um emprego estável como desenhador e quem me venda os quadros – disse ele. – Pouco a pouco hei-de lá chegar, sei que hei-de.

– E quando é que achas que vais partir?

– Não sei. Enquanto a minha mãe for viva, nunca será por muito tempo.

– Não consegues deixá-la?

– Por muito tempo, não.

Clara contemplou as estrelas nas águas negras. Jaziam muito brancas e paradas, como olhos. Era uma agonia saber que ele a ia deixar. Mas também era quase uma agonia tê-lo junto de si.

– E, se ganhasses muito dinheiro, o que farias? – perguntou ela.

– Ia viver algures perto de Londres, numa casinha bonita, com a minha mãe.

– Estou a ver.

Seguiu-se uma longa pausa.

– Podia continuar a vir visitar-te – disse ele. – Não sei... Não me perguntes o que iria fazer... Não sei. – Fez-se silêncio. As estrelas brilharam trémulas e desfizeram-se na água. Levantara-se uma brisa. Ele aproximou-se dela de repente e pôs-lhe a mão no ombro.

– Não me faças perguntas sobre o futuro – disse Paul, muito triste. – Não sei nada de nada... Mas fica comigo agora, está bem, venha o que vier...

Ela abraçou-o. Afinal, era uma mulher casada e não tinha sequer direito ao que ele lhe dava. Ele precisava dela desesperadamente. Ela tinha-o nos seus braços e ele estava infeliz. Ela cobriu-o com o seu calor, consolou-o, amou-o. Ia deixar que aquele momento durasse para sempre.

Daí a pouco, Paul levantou a cabeça, como se quisesse dizer alguma coisa.

– Clara? – disse ele, a custo.

Ela apertou-o apaixonadamente contra si, pôs-lhe a mão na cabeça e afundou-lha no seu peito. Não suportava o tom de sofrimento da voz dele. O medo tolhia-lhe a alma. Ele podia ter dela quanto quisesse, tudo o que quisesse, mas ela não queria saber; sabia que não o suportaria; queria apenas dar-lhe alívio entre os seus braços, apenas dar-lhe alívio. Estreitava-o e acariciava-o e era como se não o conhecesse, como se ele fosse um ser bizarro. Queria proporcionar-lhe o alívio do esquecimento.

Em breve a alma dele serenou, e ele esqueceu. Mas, nessa altura, já não era Clara que ali estava, mas uma mulher ferosa, um objecto que ele amava e quase idolatrava ali na escuridão. Mas não era Clara. E ela entregou-se submissa. A fome nua e a inevitabilidade com que a amou, algo pujante, cego e implacável no seu primitivismo, tornaram essa hora quase terrível para ela. Clara sabia como ele era infeliz e solitário, e achava fantástico ele ter vindo em busca dela. Aceitou-o sem rodeios, porque a necessidade dele era maior do que qualquer dos dois. E a sua alma continuava dentro dela. Fazia-o por ele, naquela hora de necessidade, mesmo que depois ele a abandonasse. Porque o amava.

Durante todo o tempo, os pavoncinhos não pararam de gritar nos campos. Quando Paul voltou a si, perguntou-se que coisa era aquela diante dos seus olhos, curvada e pujante, pulsando de vida na escuridão, e que voz era aquela com que falava. Depois, percebeu que eram as ervas, e o pavoncino a chamar. O calor que sentia era a respiração ofegante de Clara. Levantou a cabeça e fitou-a nos olhos. Estavam negros e brilhantes, muito estranhos, selvagens como a vida nas origens, pregados na vida dele, desconhecidos para ele, mas vindo ao seu encontro. Paul escondeu a cabeça no pescoço dela, assustado. O que era ela? Uma vida selvagem, estranha e forte, que atravessara com a dele no mesmo sopro a escuridão daquela hora. Tudo os transcendia tanto que emudeceu. Tinham-se encontrado, e nesse encontro haviam estado também a pressão múltipla das folhas de erva, o grito do pavoncino e a grande abóbada estrelada.

Quando se levantaram, viram outros amantes escapulirem-se rente à sebe do lado oposto. Parecia-lhes natural que ali estivessem, como se à noite pertencessem.

Depois de uma noite assim, ficaram os dois muito quietos, a saborear a imensidade da

paixão. Sentiam-se ínfimos, amedrontados, infantis e inseguros, como Adão e Eva quando perderam a inocência e apreenderam em toda a sua extensão a magnitude do poder que os expulsara do paraíso, lançando-os na longa noite e longo dia da humanidade. Era para ambos prazer e iniciação. Conhecerem a sua própria insignificância, conhecerem a tremenda torrente de vida que os arrebatava e os repousava na paz. Se força tão magnífica podia subjugá-los, identificá-los com ela, mostrando-lhes que eram apenas grãos de poeira perante a força tremenda que erguia cada ervinha, cada árvore, cada ser vivo, para quê temerem por si próprios? Podiam deixar que a vida os arrastasse. Era uma espécie de paz o que reconheciam um no outro: uma experiência vivida a dois. Já nada podia anulá-la. Nada podia usurpá-la. Era quase como a sua fé na vida.

Mas Clara não estava satisfeita. Havia algo de grandioso em tudo aquilo, ela sabia-o, algo de grandioso que a envolvia, mas que não conseguia prendê-la. De manhã, nada era o mesmo. Tinham atingido a sabedoria, mas ela não pudera perpetuar esse momento, e queria tê-lo outra vez, queria ter algo permanente que não pudera apreender na totalidade. Pensava que o queria. Não o sentia seguro. O que se passara entre eles podia não voltar a acontecer. Ele podia deixá-la. Ela não o possuía. Não estava satisfeita. Tinha lá estado, mas não tinha alcançado... aquilo, não sabia bem o quê, que estava louca por alcançar.

De manhã, ele estava razoavelmente em paz e feliz consigo mesmo. Era quase como se tivesse conhecido o baptismo de fogo da paixão e, depois, pudesse descansar. Mas o motivo não era Clara propriamente dita. Era algo que acontecera por causa dela, mas que não era ela. Pouco mais perto estavam agora um do outro. Era como se tivessem sido agentes cegos de uma força suprema.

Quando mais tarde ela o viu na fábrica, o coração derreteu-se-lhe como uma gota de fogo. Era o seu corpo, as suas sobrancelhas. A gota de fogo ardia mais no seu peito. Tinha de abraçá-lo. Mas ele, muito sereno, muito contido nessa manhã, continuava a dar as suas instruções. Ela seguiu-o até à cave escura e feia e estendeu-lhe os braços. Ele beijou-a, e a intensidade da paixão acendeu-se nele outra vez. Alguém surgiu à porta. Ele correu pela escada acima e ela voltou para o seu local de trabalho, caminhando como num transe.

Depois, o fogo apagou-se pouco a pouco. Paul sentia cada vez mais que a experiência tinha sido impessoal, nada tendo a ver com Clara. Amava-a. Sentia por ela uma grande ternura depois da emoção intensa que haviam experimentado juntos. Mas não era ela que conseguia aquietar-lhe a alma. Ele quisera que ela fosse algo que jamais poderia ser.

E ela louca de desejo. Não podia vê-lo sem lhe tocar. Na fábrica, enquanto ele falava com ela sobre a manga em espiral que saía da máquina, ela passava-lhe a mão disfarçadamente pelas coxas e pelas nádegas, e seguia-o até à cave para um beijo furtivo. Os olhos dela, sempre mudos e ansiosos, transbordantes de desenfreada paixão, trazia-os fitos nos dele. Paul tinha medo dela, não fosse ela dar nas vistas diante das outras raparigas. Ela esperava por ele invariavelmente à hora do almoço, para ele a beijar antes de ela sair. Para Paul, era como se ela estivesse desesperada, fosse um fardo para ele. E isso irritava-o muito.

– Mas porque é que tens de andar sempre aos abraços e aos beijinhos? – disse ele. – Há um tempo para tudo.

Ela levantou para ele uns olhos rasos de ódio.

– Achas então que ando sempre a querer beijar-te?

– A toda a hora! Até quando venho tratar de assuntos de trabalho. Quando estou a trabalhar não quero pensar no amor. Trabalho é trabalho...

– E o amor, o que é? – perguntou ela. – Tem de ter hora marcada?

– Claro... Fora das horas de serviço.

– E marca-se de acordo com os horários de Mr. Jordan?

– Claro... E de acordo com todos os outros afazeres.

– Então só pode ser nos tempos livres?

– Exactamente... e nem sempre... não as beijoquices.

– É então isso que pensas?

– E chega.

– Ainda bem que é isso que pensas.

E Clara mostrou-se fria com ele durante algum tempo. Estava furiosa. Mas enquanto se mostrou fria e indiferente Paul não sabia o que fazer, e não descansou até ela fazer as pazes com ele outra vez, o que apesar de tudo não os fez sentir mais próximos. Paul só continuava ligado a Clara porque nunca a satisfazia.

Na Primavera, foram os dois passar uns dias à praia. Tinham alugado um quarto numa casinha perto de Theddlethorpe, e viviam como marido e mulher. Mrs. Radford ia com eles algumas vezes.

Em Nottingham, era do conhecimento geral que Paul Morel e Mrs. Dawes andavam juntos, mas não chegou a causar escândalo porque, por um lado, não davam nas vistas e, pelo outro, Clara andava sempre sozinha e Paul tinha um ar simples e inocente.

Paul adorava a costa do Lincolnshire e ela adorava o mar. Era frequente irem tomar banho de madrugada. As cinzentas brumas matinais, os brejos ermos e distantes fustigados pela invernia, as várzeas verdejantes, tinham força suficiente para lhe alegrar a alma. Quando saltavam da ponte de madeira para a estrada, e espriavam o olhar pela infinita monotonia das planícies, onde a terra só era um pouco mais escura do que o céu, ouvindo o mar ao longe, para lá das dunas, o coração de Paul sentia a vida a fundo em toda a sua devastadora inexorabilidade. Era nesses momentos que Clara o amava mais, quando o via solitário e forte, com uma luz belíssima a iluminar-lhe os olhos.

Ficavam os dois a tiritar. Faziam então uma corrida pela estrada abaixo até à ponte coberta de musgo. Clara corria bem, e as cores depressa voltavam. Tinha o pescoço nu e os olhos muito brilhantes. Paul adorava vê-la assim tão luxuriantemente pesada e, ao mesmo tempo, tão rápida. Ele era leve; mas ela corria com beleza e rapidez. Depressa aqueciam, continuando a caminhar de mão dada.

Um clarão iluminava o céu e a lua, pálida, a tombar para oeste, mergulhava e deixava de

existir. Sobre a terra sombria as coisas começavam a ganhar vida, a distinguirem-se as plantas de grandes folhas. Metiam por um carreiro e desembocavam nas enormes dunas junto à praia. A longa faixa de detritos deixada pela maré jazia à beira-mar nos alvares da madrugada. O oceano era uma faixa negra debruada a branco. O céu começava a inflamar-se sobre o mar de breu e logo as labaredas subiam até às nuvens, dispersando-as. O carmim crestava-se em laranja, o laranja em ouro velho, e o Sol subia no horizonte envolto em dourado fulgor, lançando sobre as ondas jorros de fogo que batiam nelas e saltavam, como se alguém ao caminhar entornasse golfadas de luz do balde que transportava.

As ondas rebentavam ao longo da praia, longas e desencontradas. Gaivotas minúsculas rodopiavam sobre a linha de rebentação como salpicos de espuma, soltando gritos que pareciam maiores ainda do que elas. A costa esbatia-se ao longe na madrugada, e as dunas cobertas de mato pareciam mergulhar no mar, descendo ao nível da praia. Mablethorpe desenhava-se minúscula à direita. Paul e Clara tinham só para eles toda a planura da costa, o mar e o sol nascente, o vago marulhar das ondas e o grito agudo das gaivotas.

Sabiam de um abrigo aconchegado entre as dunas, onde o vento não entrava. Paul ficou de pé, parado, a ver o mar.

– É tão bonito! – disse.

– Nada de sentimentalismos – disse Clara.

Irritava-a vê-lo parado de olhos pregados no mar, como um poeta solitário. Ele riu-se. Ela despiu-se sem demora.

– Esta manhã há ondas ótimas – disse ela, triunfante.

Era melhor nadadora do que ele, que se deixava ficar a olhá-la ociosamente.

– Então, não vens?

– Já vou.

Clara era uma mulher de pele muito branca e aveludada, e ombros largos. A brisa suave que soprava do mar rasava-lhe a pele e encrespava-lhe os cabelos.

– Ui! Ui! – disse ela, abraçando o próprio corpo. – Que frio!

A manhã estava límpida, dourada, encantadora. Véus de neblina dissipavam-se ao longe para norte e para sul. Clara estava parada, ligeiramente encolhida para fazer frente à aragem, a torcer madeixas de cabelo. As algas avolumavam-se por detrás do corpo branco da mulher nua. Ela desviou os olhos para o mar, e depois olhou para ele. Ele observava-a com aqueles olhos escuros que ela amava tanto e entendia tão pouco. Apertou os seios entre os braços, encolhida, a rir.

– Ui! Deve estar um gelo! – disse ela.

Ele inclinou-se e beijou os dois globos brancos e resplandecentes que ela aconchegava. Ela ficou à espera. Ele olhou-a nos olhos e depois o seu olhar perdeu-se no areal de brancura.

– Vai lá! – disse ele serenamente.

Ela atirou-lhe os braços ao pescoço, puxou-o para si, beijou-o apaixonadamente e avançou para o mar, dizendo:

– Mas tu também vens?

– Já vou.

Clara caminhava pesadamente pela areia suave como veludo.

O seu corpo era opulento e branco, atravessando o areal com movimentos pesados, mas tão graciosos. Ele, das dunas, via a costa a envolvê-la, longa e pálida. E ela, cada vez mais pequenina, perdendo as proporções, parecia apenas uma grande ave branca a avançar a custo.

«Pouco mais que um grande seixo branco no areal... Pouco mais que um salpico de espuma soprado pelo vento sobre a areia», disse ele para consigo. Ela parecia deslocar-se muito lentamente através do areal vasto e ressonante. Paul ficou a olhá-la até a perder de vista, sugada pelo esplendor do sol. Voltou a vê-la, minúsculo pontinho branco avançando contra a orla branca e murmurante da rebentação.

«Como está pequenina!», disse Paul para consigo. «Perdida como grão de areia na praia imensa... um salpico concentrado atirado pelo vento... branca bolha de espuma... um quase nada na manhã. Porque me absorve ela assim?»

A manhã continuava inalterada: ela mergulhara nas águas. A praia, as dunas, o mato azulado e a água cintilante brilhavam em unís-sono, a perder de vista, na imensa e inquebrável solidão.

– O que é ela afinal? – disse ele para consigo. – Aqui, esta marítima manhã, grandiosa, eterna e bela. Ali, ela, receosa, sempre insatisfeita e temporária como uma bolha de espuma. Que significa ela afinal para mim? Representa alguma coisa, como uma bolha de espuma representa o mar. Mas o que é ela?! Não é ela que me interessa...

E então, sobressaltado pela voz do inconsciente, que parecia falar tão distintamente que a manhã toda escutava, despiu-se e correu ligeiro, galgando a praia. Ela esperava-o lá em baixo. O seu braço lampejou no ar, ela ergueu-se numa onda e mergulhou de novo, com os ombros flutuando em prata líquida. Ele saltou a rebentação e, no minuto seguinte, a mão dela estava no seu ombro.

Paul era fraco nadador e não conseguia permanecer na água por muito tempo. Ela brincava triunfante à sua volta, exibindo uma superioridade que ele invejava. O sol reflectia-se intenso e esplendoroso sobre as águas. Riram e brincaram entre as ondas por um ou dois minutos e voltaram a correr para entre as dunas.

Quando, ofegantes, se secavam com as toalhas, ele reparou no rosto dela, sorridente e ofegante, nos ombros luzidios, nos seios que balançavam e o assustavam ao vê-la esfregá-los, e pensou de novo: «De facto, ela é magnífica, mais soberba ainda, se possível, do que a manhã e o mar... Mas será mesmo?... Será que é?»

Clara, vendo aqueles olhos escuros fitos nela, parou de se limpar e deu uma gargalhada.

– Para onde estás a olhar?

– Para ti! – respondeu ele, também a rir.

Os olhos dela vieram ao encontro dos dele e, no instante seguinte, ele beijava-lhe o ombro branco, com pele de galinha, e pensava: «O que é ela afinal? O que é ela?»

Clara amou-o na manhã. Havia nos beijos dele algo de impessoal, rígido e elementar, como se só tivesse consciência da sua própria vontade, e nenhuma da presença dela ou do seu desejo por ele.

Mais tarde, Paul saiu para pintar.

– E tu, vai com a tua mãe até Sutton. Hoje estou fraca companhia.

Clara levantou-se e olhou para ele. Paul sabia que ela queria acompanhá-lo, mas preferia ficar sozinho. Ela fazia-o sentir-se prisioneiro, como se não pudesse respirar fundo, como se tivesse alguma coisa a oprimi-lo. E ela apercebia-se deste seu desejo de se ver livre dela.

À noite, ele voltou para ela. Passearam juntos pela praia na escuridão, e sentaram-se por um bocado no abrigo entre as dunas.

– Parece – disse ela, enquanto os dois fitavam a escuridão do mar, onde nem uma luz brilhava –, parece que só me amas de noite, que é como se de dia não me amasses.

Ele deixou escapar um punhado de areia fria por entre os dedos, sentindo-se culpado da acusação de que era alvo.

– A noite é toda tua – respondeu ele. – De dia, quero ser eu próprio.

– Mas porquê? – disse ela. – Porquê até mesmo agora, durante estas curtas férias?

– Não sei. Fazer amor de dia sufoca-me.

– Mas não tem de ser sempre fazer amor – disse ela.

– Mas é sempre – disse ele –, quando tu e eu estamos juntos.

Ela sentou-se, amargurada.

– Vais querer casar comigo? –, perguntou Paul, curioso.

– E tu comigo? – respondeu ela.

– Sim... Sim... Gostava que tivéssemos filhos – respondeu ele, falando devagar.

Clara sentou-se, cabisbaixa, correndo o dedo pela areia.

– Mas tu não queres mesmo divorciar-te do Baxter, pois não?

Só passados alguns minutos ela respondeu.

– Não – disse Clara, com determinação. – Acho que não.

– Porquê?

– Não sei.

– É por sentires que lhe pertences?

– Não... Acho que não.

– Porque é, então?

– Acho que é ele que me pertence – respondeu ela.

Paul manteve-se em silêncio por uns minutos, a ouvir o vento soprar sobre o mar rouco de breu.

– E nunca fizeste tenções de realmente me pertenceres? – perguntou ele.

– Mas eu pertenço-te – respondeu ela.

– Não – disse ele. – Porque não te queres divorciar.

Era um nó indesatável. Deixaram-no por isso em paz, agarrando-se ao que tinham e ignorando o que não podiam alcançar.

– Na minha opinião, foste indecente para o Baxter – disse ele numa outra altura. Paul estava algo esperançado de que Clara lhe respondesse, como a mãe teria feito: «Pensas tanto na tua vida que não sabes metade do que se passa com a dos outros.» Mas, para grande surpresa sua, ela levou-o a sério.

– Porquê? – disse ela.

– Cá para mim, pensaste que ele era um lírio-do-vale, e puseste-o numa jarra, e regaste-o com todo o cuidado. Decidiste que ele era um lírio-do-vale e recusaste-te a ver que ele era um nabo, isso tu não aceitaste.

– É claro que nunca o vi como um lírio-do-vale.

– Imaginaste-o como algo que ele não era. As mulheres são assim. Acham que sabem o que é melhor para os homens e impõem-lhes essas coisas. Coitados, bem podem morrer à míngua, fartos de assobiar a pedir o que precisam, que elas apossam-se deles e impingem-lhes o que é melhor para eles.

– E o que estás tu a fazer? – perguntou ela.

– Estou a pensar na música que hei-de assobiar – respondeu ele, a rir.

E ela, em vez de lhe dar um puxão de orelhas, levou-o a sério.

– Achas então que quero dar-te à força o que é melhor para ti? – perguntou Clara.

– Espero bem que sim... Mas o amor devia gerar sentimentos de liberdade e não de prisão. A Miriam fazia-me sentir preso como um burro amarrado a uma estaca. Só podia comer no pasto dela e em mais nenhum. Era doentio.

– E tu deixavas uma mulher fazer o que lhe apetecesse?

– Claro... primeiro, vejo se ela gosta de fazer amor comigo. E, se ela gosta... não vou prendê-la.

– Se fosses tão maravilhoso como dizes...

– Seria maravilhoso, tal como sou... – disse ele, rindo. Seguiu-se um silêncio durante o

qual os dois se odiaram, apesar do riso.

– O amor é um desmancha-prazeres – disse Paul.

– E qual de nós os desmancha? – perguntou ela.

– Ora... tu, está bom de ver.

E a altercação continuou. Ela sabia que não o possuía inteiramente: havia nele uma parte importante, vital, que ela não dominava; parte que, aliás, jamais tentara dominar, ou sequer perceber.

E ele sabia que, de certa forma, ela se considerava ainda Mrs. Dawes. Não amava Dawes, nunca o tinha amado, mas estava convencida de que ele a amava ou que, pelo menos, dependia dela. Sentia em relação a ele uma segurança que nunca sentira com Paul Morel. A sua paixão pelo jovem preencheu-lhe a alma, dava-lhe alguma satisfação, trazia-lhe autoconfiança, dissipava-lhe as dúvidas. O que quer que ela fosse, era-o com convicção, quase como se se tivesse ganho a si própria, e existisse agora, independente e completa. Tinha recebido a sua confirmação. Mas nunca acreditara que a sua vida pertencesse a Paul Morel, nem a dele a ela. Acabariam por se separar e passaria o resto da vida a sofrer por ele. Mas pelo menos agora sabia-o, estava segura de si. E quase o mesmo se podia dizer dele. Juntos, tinham recebido o baptismo da vida, um através do outro. Porém, as suas missões seguiam agora separadas. Para onde ele queria ir, ela não podia acompanhá-lo. Mais cedo ou mais tarde, teriam de se separar. Mesmo que casassem e fossem fiéis um ao outro, ainda assim ele teria de a deixar, partir sozinho, restando-lhe cuidar dele de cada vez que voltasse. Mas isso não era possível. Um e outro precisavam de alguém que estivesse sempre a seu lado.

Clara tinha ido viver com a mãe para Mapperley Plains. Uma noite, quando Paul e ela passeavam em Woodborough Road, encontraram Dawes. A Morel pareceu-lhe familiar a figura do homem que se aproximava, mas ia tão absorto em pensamentos que só o olho do artista captou as formas do desconhecido. De repente, deu uma gargalhada, pôs a mão no ombro de Clara, virou-se para ela e disse:

– Nós aqui a passear, e eu em Londres a discutir com um Orpen imaginário... E tu, por onde andas?

Nesse preciso instante, Dawes passou por eles, quase roçando em Morel. O jovem olhou-o de relance e viu-lhe os olhos negros faiscantes, se bem que cansados, carregados de ódio.

– Quem era? – perguntou ele a Clara.

– Era o Baxter – respondeu ela.

Paul tirou-lhe a mão do ombro e voltou-se para trás. E de novo viu distintamente a figura do homem como quando se aproximara. Dawes continuava a andar, muito direito, de ombros escorregados puxados para trás e cabeça erguida. Mas havia nos olhos dele um ar furtivo que dava a impressão de querer passar despercebido a toda a gente que encontrava, olhando as pessoas de soslaio, para ver o que pensavam a seu respeito. E as suas mãos pareciam querer esconder-se. Vestia roupas usadas: as calças rasgadas no joelho e o lenço

de pescoço muito sujo. O boné, esse continuava puxado sobre o olho, em tom de desafio. Ao vê-lo, Clara sentiu-se culpada. Havia no rosto dele tanto cansaço e desespero que a fizeram odiá-lo por tanto que a magoavam.

– Ele está reduzido a um farrapo – disse Paul.

Porém, o tom de piedade na sua voz era uma censura, e isso endureceu-a.

– É toda a sua vulgaridade a extravasar – respondeu ela.

– Odeia-lo? – perguntou Paul.

– E falas tu da crueldade das mulheres – disse ela. – Devias conhecer a crueldade dos homens, em toda a sua brutalidade. Ignoram pura e simplesmente que as mulheres existem.

– Eu também? – disse ele.

– Tu também – respondeu ela.

– Queres dizer que eu não sei que tu existes?

– De mim, não sabes nada – disse ela amargamente. – De mim!

– Não sei mais do que o Baxter sabia?

– Talvez nem tanto.

Paul estava confuso, zangado e desanimado. Ali estava ela, a caminhar ao seu lado, uma desconhecida, embora tivessem vivido juntos uma experiência excitante.

– Mas tu conheces-me muito bem – disse ele.

Ela não respondeu.

– Conhecias o Baxter tão bem como me conheces a mim?

– É isso que os homens não permitem... não nos deixam chegar realmente até eles – disse ela.

– E eu também não deixei?

– Tu deixaste – respondeu ela, devagar. – Mas nunca te aproximaste de mim. Não consegues sair de dentro de ti, simplesmente não consegues. O Baxter conseguia fazer isso melhor do que tu.

Paul caminhava pensativo. Estava zangado por ela preferir Baxter a ele próprio.

– Agora que não o tens é que comesças a dar valor ao Baxter – disse ele.

– Não... Estou apenas a reparar naquilo em que ele era diferente de ti.

Mas Paul sentia que ela tinha alguma coisa contra ele.

Uma noite, quando regressavam a casa pelos campos, Clara surpreendeu-o ao perguntar:

– Achas que vale a pena... o... a parte do sexo...?

– O acto de amar, propriamente dito?

– Sim... para ti vale alguma coisa?

– Como é que tu podes separar as coisas? – disse Paul. – É o ponto culminante de tudo o mais... toda a nossa intimidade culmina aí.

– Para mim, não – disse ela.

Ele calou-se. Uma onda de ódio avassalou-o. Afinal, não a satisfazia, nem nesse ponto em que estava convencido de que se completavam um ao outro. Mas, implicitamente, também acreditava nela.

– Sinto-me – continuou ela, falando devagar – como se não te tivesse... como se não estivesses todo lá... como se não fosse eu que tu possuis...

– Quem é então?

– Uma coisa muito tua. Mas, como tem sido tão bom, nem me atrevo a pensar nisso. Mas... é mesmo a mim que tu queres... ou Àquilo?

Paul sentiu-se culpado outra vez. Seria que se esquecia de Clara e possuía apenas a mulher? Mas isso, pensava ele, era como dividir um cabelo ao meio.

– Quando eu tinha o Baxter, quando realmente o tinha, sentia que o tinha inteiro – disse ela.

– E era melhor? – perguntou ele.

– Sim... Sim... Era mais completo... Não quero dizer com isto que não me tenhas dado mais do que ele alguma vez me deu...

– Ou podia dar-te.

– Sim... Talvez... Mas tu nunca te entregas inteiro.

Paul franziu as sobrancelhas, ofendido.

– Quando faço amor contigo – disse ele – deixo-me ir como uma folha ao vento...

– E eu deixo de contar – disse ela.

– E isso não vale nada para ti? – perguntou ele, quase petrificado de desgosto.

– Vale alguma coisa... E vezes houve em que me levaste contigo... muito longe... sei que sim... e admiro-te por isso... mas...

– Não me venhas com «mas» – disse ele, beijando-a com urgência, sentindo o fogo a subir-lhe nas entranhas.

Ela calou-se e submeteu-se.

O que ele dissera era verdade. Geralmente, quando começava a fazer amor, a emoção que ele sentia era suficientemente forte para arrastar com ela razão, alma, sangue, tudo o resto, como o Trent arrasta sem ruído os seus remoinhos e sorvedouros. Gradualmente, foram-se perdendo as pequenas queixas, as pequenas sensações, e o pensamento foi com elas na torrente impetuosa. Ele era, não um homem com uma mente, mas um imenso instinto. As suas mãos eram seres com vida própria; os seus membros, o seu corpo, eram

vida e consciência independentes, escapando à sua vontade, vivendo por si mesmos. E, como ele, também as estrelas vigorosas e invernais pareciam palpitar de vida, ele e elas pulsando com os mesmos ímpetos de fogo. E o mesmo júbilo de pujança que mantinha rígidos os caules dos fetos, tão perto dos seus olhos, mantinha firme todo o seu corpo. Era como se ele, as estrelas, a folhagem e Clara, se irmanassem lambidos por uma imensa língua de fogo que os puxava para a frente e para cima. Tudo se precipitava em turbilhões de vida à sua volta, e tudo com ele se quedava, fechado na sua própria perfeição. Esta maravilhosa quietude que reinava em cada coisa, ao mesmo tempo que se deixava arrebatada por êxtases de vida, era para ele o pico da felicidade.

E Clara sabia que isso o prendia a ela, e entregava-se por isso inteira nos braços da paixão, que muitas vezes lhe faltava. Não era com frequência que atingiam os cumes de prazer como daquela vez em que os pavoncinhos cantaram. Pouco a pouco, era como se um esforço mecânico lhes destruísse a paixão, ou então, quando atingiam os esplendores do prazer, faziam-no em momentos separados e sem plena satisfação. A maior parte das vezes, ele parecia fazer sozinho todo o percurso, e percebiam geralmente que tinha sido um desaire e não aquilo por que esperavam. E ele deixava-a, ciente de que aquela noite os tinha afastado um pouco mais. O amor tornava-se mais mecânico, perdia o maravilhoso fulgor de outrora. Pouco a pouco, foram introduzindo novidades, na tentativa de recuperarem algum do prazer perdido. Por vezes, iam para perto do rio, poderá dizer-se que perigosamente perto, e a água corria negra não longe da cara dele, que o excitava. Outras vezes, faziam amor num pequeno recôncavo por baixo da cerca do caminho, na orla da cidade, por onde passava gente de longe em longe. Ouviam as pessoas aproximarem-se, quase sentiam as vibrações dos seus passos, e escutavam o que diziam – coisas íntimas que não eram para ser escutadas. Mas depois sentiam-se os dois envergonhados, e estes procedimentos acabaram por cavar um fosso entre ambos, e Paul começou a desprezar Clara, como se ela o merecesse!

Uma noite, deixou-a um pouco mais cedo para ir a Daybrook Station pelos campos. A noite estava escura e prenunciava neve, embora a Primavera já fosse adiantada. Morel não tinha muito tempo e meteu pés ao caminho. A cidade cessa quase abruptamente à beira de um precipício onde as casas se recortam com as suas luzes amarelas num fundo de escuridão. Saltou a cerca e mergulhou rapidamente na vastidão do descampado. Por baixo do pomar, uma janela brilhava aconchegante em Swineshead Farm. Paul olhou em volta. Lá para trás, as casas erguiam-se negras contra o céu de breu, à beira da ribanceira, como animais bravios de pupilas amarelas esbugalhadas perscrutando a escuridão. Era a cidade que parecia selvagem e arisca, de olhos postados nas nuvens, atrás das costas dele. Alguma coisa mexeu por baixo dos salgueiros junto ao açude da quinta, mas estava muito escuro para se distinguir fosse o que fosse.

Ia ele a chegar à outra cerca, quando divisou um vulto negro, encostado. O homem desviou-se para o lado e disse:

– Boa noite!

– Boa noite – respondeu Morel, sem fazer caso.

– Paul Morel? – disse o homem.

Só então Paul reparou que se tratava de Dawes. O homem travou-lhe o passo.

– Apanhei-te, não foi? – disse ele, atabalhoadamente.

– Assim vou perder o comboio – disse Paul.

Não via nada da cara de Dawes. Os dentes do homem pareciam bater enquanto ele falava.

– Agora é que vais ver o que eu te faço – disse Dawes. Morel tentou avançar, mas o homem meteu-se à sua frente.

– Vais tirar o casaco – disse Dawes – ou queres morrer com ele vestido?

Paul receava que o homem estivesse louco.

– Mas eu não sei lutar – disse.

– Tanto melhor – respondeu Dawes. E, antes que o jovem pudesse perceber o que estava a acontecer, já tinha sido projectado para trás aos tropeções, com um murro na cara. A noite fez-se mais negra ainda. Paul arrancou o sobretudo e o casaco e atirou-os para cima de Dawes, que praguejou com violência. Morel, em mangas de camisa, estava agora alerta e completamente fora de si. Sentia todo o corpo projectar-se como garra. Como não sabia lutar, usaria a inteligência. O outro homem tornou-se pouco a pouco mais visível. Paul divisava sobretudo o peito da camisa. Dawes tropeçou nos casacos e atirou-se para a frente. A boca do jovem já sangrava. Era a boca do outro que ele estava morto por agarrar, e esse desejo, de tão forte, tornava-se numa angústia. Paul saltou rapidamente para o outro lado da cerca e, quando Dawes se precipitou no seu encalço, ele, com a velocidade de um raio, desferiu um murro na boca do outro. Até tremeu de prazer. Dawes avançou para ele em desequilíbrio, cuspendo. Paul estava apavorado. Deu meia volta, para saltar de novo a cerca. De repente, vindo não se sabe donde, apanhou um murro tremendo na orelha, que o fez cair de costas, desamparado. Do chão, ouvia a respiração ofegante de Dawes, semelhante à de uma fera. Depois, levou um pontapé num joelho e foi tal a dor que se levantou e, completamente às cegas, se atirou ao adversário. Levava socos e pontapés, mas não lhe doíam. Agarrou-se ao outro homem, mais corpulento do que ele, como um gato bravo, até Dawes cair, por fim, com um sonoro baque, sem sentidos. Mas Paul caiu também com ele. Por puro instinto, deitou-lhe as mãos ao pescoço e, antes que Dawes, no auge do frenesim e da agonia, se pudesse libertar, já Paul tinha as pontas do lenço que lhe cingia o pescoço entrelaçadas nas mãos, e os nós dos dedos fincados na garganta do oponente. Fazia-o por puro instinto, sem um laivo de sentimento ou de razão. O seu corpo, maravilhoso e tenso, comprimia-se contra o corpo do outro homem. Nem um só músculo afrouxava. Completamente inconsciente, apenas o seu corpo se animava, determinado a matar aquele homem. Em relação a si próprio, não tinha sentimentos nem razão. Jazia por terra, violentamente comprimido contra o adversário, ajustando-se o seu corpo ao propósito único de o estrangular, resistindo no segundo exacto, com a dose exacta de força, às convulsões do adversário, silencioso, determinado, imperturbável, afundando-lhe os nós dos dedos na garganta, mais fundo, cada vez mais fundo, sentindo o outro corpo estrebuchar cada vez mais, até ao frenesim. O seu corpo estava cada vez mais tenso, aumentando gradualmente a pressão, como um parafuso que se aperta, até que,

subitamente, qualquer coisa se quebrou.

Paul relaxou, espantado e morto de medo. Dawes tinha cedido. Morel sentiu o corpo incendiar-se-lhe de dor, ao perceber o que tentara fazer. Estava perplexo. Mas as convulsões de Dawes redobraram em espasmos de fúria. As mãos de Paul foram arrancadas do lenço a que se amarravam e ele foi atirado pelos ares, desamparado. Ouviu o som horrendo da respiração do outro, mas deixou-se ficar por terra, atordoado. Depois, ainda entontecido, sentiu os golpes dos pontapés do outro, e perdeu a consciência.

Dawes, grunhindo de dor como um animal, pontapeava o corpo prostrado do rival. Nisto, soou o apito estridente do comboio, dois campos mais para lá. Dawes voltou-se e olhou desconfiado. O que seria? Viu as luzes do comboio cruzarem o seu campo de visão. Pareceu-lhe ouvir gente a aproximar-se e meteu pelos campos em direcção a Nottingham. Semiconsciente, sentia vagamente na ponta do pé o ponto em que a bota fora de encontro a um dos ossos do rapaz. O som da pancada parecia ecoar-lhe ainda na cabeça, e foi preciso desatar a correr, para se ver livre dele.

Morel voltou a si gradualmente. Sabia onde estava e o que tinha acontecido, mas não se queria mexer. Deixou-se ficar deitado, muito quieto, com a neve a salpicar-lhe a cara de minúsculos flocos. Era bom estar ali deitado, muito quieto. O tempo foi passando. Eram os flocos de neve que o mantinham acordado, quando ele não queria estar. Por fim, a força de vontade fez-se acção. «Não posso ficar aqui deitado», disse ele, «é um disparate».

Mas permaneceu imóvel.

«Já disse que tenho de me levantar», repetiu ele. «Porque é que não me levanto?»

Mesmo assim, só ao fim de algum tempo, conseguiu reunir forças para se mexer. Depois, aos poucos, levantou-se. A dor provocava-lhe náuseas e tonturas. Mas a lucidez era perfeita. Cambaleante, tacteou à procura dos casacos, encontrou-os e vestiu-os, abotoando o sobretudo até às orelhas. Levou mais tempo para encontrar o boné. Não sabia se a cara ainda sangrava. Caminhando às cegas, cada passo uma tortura, foi até ao lago e lavou a cara e as mãos. A água gelada fazia-lhe doer, mas ajudava-o a recompor-se. Rastejou pela encosta acima até à linha do comboio. Queria voltar para a mãe, tinha de voltar para a mãe. Essa era a sua obsessão. Tapou a cara o mais possível, e lá se arrastou conforme pôde. Tinha permanentemente a sensação de que o chão lhe fugia debaixo dos pés ao caminhar, e tinha a impressão perturbante de ir a cair no vazio. E assim, como num pesadelo, conseguiu chegar a casa.

Já estavam todos deitados. Olhou-se ao espelho. Tinha a cara lívida e manchada de sangue, como um cadáver. Lavou-a e meteu-se na cama. Toda a noite delirou. De manhã, acordou com a mãe a olhar para ele. Os olhos azuis da mãe! Era tudo o que queria ver. Ela estava ali e ele estava nas mãos dela.

– Não é nada de grave, mãe – disse ele. – Foi o Baxter Dawes.

– Diz-me onde te dói – disse a mãe, muito serena.

– Não sei... no ombro... Diga que tive um acidente com a bicicleta, mãe.

Paul não conseguia mexer o braço. Entretanto, Minnie, a criadita, veio trazer-lhe chá.

– A sua mãe quase me matou de susto... desmaiou – disse ela.

Paul sentiu que não podia suportar aquilo por mais tempo. Afinal era a mãe que tratava dele, e Paul contou-lhe tudo.

– No teu lugar, não pensava mais em nenhum deles – disse Mrs. Morel muito serena.

– É o que vou fazer, mãe.

Ela aconchegou-lhe a roupa.

– E não penses mais no assunto – disse ela. – Tenta dormir um pouco. O senhor doutor não vem antes das onze.

Paul tinha o ombro deslocado, e, no dia seguinte, declarou-se uma bronquite. A mãe andava pálida como a morte e muito magra. Ficava sentada a olhar para ele, e depois para o vazio. Havia algo entre eles que nenhum ousava mencionar. Clara veio visitá-lo. Depois de ela se ir embora, Paul disse à mãe:

– Ela cansa-me, mãe.

– Tens razão. Quem dera que ela não tivesse vindo – respondeu Mrs. Morel.

Num outro dia, foi a vez de Miriam. Mas para ele era como se fosse uma estranha.

– Sabe, mãe, eu não me interesso por elas – disse ele.

– Receio bem que não – respondeu ela, tristemente.

A história que corria por toda a parte era que tinha sido um acidente de bicicleta. Paul em breve pôde voltar ao trabalho, mas o seu coração andava agora permanentemente angustiado e descontente. Ia ter com Clara, mas era como se ninguém ali estivesse. Não conseguia concentrar-se no trabalho. Ele e a mãe pareciam evitar-se mutuamente. Existia entre eles algum segredo que lhe era insuportável enfrentar. Mas Paul não tinha consciência disso. Sabia apenas que a sua vida entrara em desequilíbrio, como se estivesse prestes a quebrar-se em mil pedaços.

Clara não entendia o que se passava, mas percebia que ele quase não dava pela presença dela. Mesmo quando vinha procurá-la, parecia não dar por ela. Estava sempre muito longe. Ela tinha a sensação de tentar agarrá-lo a todo o custo, e ele não estar ali, o que a torturava, levando-a por sua vez a torturá-lo a ele. Durante um mês inteiro manteve-o à distância. Ele estava a ponto de odiá-la, mas, por mais que tentasse evitá-lo, sentia-se atraído por ela. Acompanhava a maior parte do tempo com os amigos, e passava a vida no George ou no White Horse. A mãe andava doente, distante, calada e taciturna. Paul morria de medo e não sabia de quê. Nem se atrevia a olhar para ela. Os olhos da mãe pareciam cada vez mais escuros e o rosto mais amarelado. Continuava no entanto a ocupar-se dos seus afazeres habituais.

Pelo Pentecostes, Paul participou-lhe que ia passar quatro dias a Blackpool com Newton, um amigo seu. Tratava-se de um homem corpulento e bem-disposto, de aspecto pouco respeitável. Paul insistiu para que a mãe fosse para Sheffield, passar uma semana com Annie, que agora morava lá. Talvez a mudança lhe fizesse bem. Mrs. Morel andava a

tratar-se com um médico de doenças de senhoras, de Nottingham, que lhe disse que o coração e o aparelho digestivo não andavam nada bem. Embora a ideia não lhe agradasse, concordou em ir para Sheffield. Ultimamente, fazia tudo o que o filho lhe mandava. Paul ficou de passar por Sheffield daí a cinco dias, e ficar lá com ela até ao fim das férias. E assim ficou combinado.

Os dois amigos partiram alegremente para Blackpool. Mrs. Morel estava toda animada quando Paul lhe deu um beijo e a deixou. E ao chegar à estação, esqueceu-se de tudo o mais que ficara para trás. Tinha quatro dias por sua conta, sem ansiedades nem preocupações. Os dois jovens só tinham de se divertir. Paul era como outro homem qualquer: nada conservava de si próprio – nem Clara, nem Miriam, nem mãe para o apoquentar. Escreveu a todas elas brevemente, e longas cartas à mãe. Mas eram cartas alegres, que a deixassem bem-disposta. Estava a divertir-se imenso, como qualquer outro jovem em Blackpool. Mas, subjacente a tudo isto, permanecia a sombra dela.

Paul andava muito alegre e entusiasmado com a ideia de passar uns dias com a mãe em Sheffield. Newton ficaria também com eles. O comboio atrasou-se. Por entre risos e piadas, ditas de cachimbo ao canto da boca, os jovens atiraram os sacos de viagem para a bagageira do comboio. Paul tinha comprado uma gola de renda fina para a mãe, que queria que ela usasse, para depois poder meter-se com ela.

Annie vivia numa bela casa e tinha uma criadita. Paul subiu os degraus todo contente. Esperava encontrar a mãe a sorrir-lhe na entrada. Mas foi Annie quem veio abrir a porta, e pareceu-lhe distante. Ele ficou parado por um momento, apreensivo. Annie deixou-o dar-lhe um beijo na face.

– A minha mãe está doente? – perguntou.

– Está... Não tem passado muito bem... Não a apoquentes.

– Está de cama?

– Está.

Paul foi então invadido por um sentimento bizarro, como se a luz do sol se tivesse apagado dentro dele e só as sombras ficassem. Largou o saco e correu pela escada acima. Hesitante, abriu a porta. A mãe estava sentada na cama, com uma camisa de dormir cor-de-rosa velho. Olhou para ele quase envergonhada, com humildade, como quem pede desculpa. Ele reparou no tom cinzeo da sua pele.

– Mãe! – disse ele.

– Julguei que nunca mais chegavas – disse ela, alegremente.

Mas Paul limitou-se a cair de joelhos junto à cama e a enfiar a cara nos lençóis, chorando amargamente e repetindo:

– Mãe... Mãe... Mãe! – Ela acariciou-lhe o cabelo com a mão debilitada.

– Não chores – disse ela. – Não chores... isto não é nada.

Mas ele sentia o sangue desfazer-se em lágrimas, e chorava de terror e sofrimento.

– Vá... não chores – disse a mãe, vacilante.

Mrs. Morel acariciava-lhe o cabelo devagar. Completamente fora de si, ele continuava a chorar e cada lágrima era uma dor retalhando cada fibra do seu corpo. Subitamente, parou. Mas não se atrevia a levantar a cara dos lençóis.

– Chegaste tão tarde... onde é que estiveste? – perguntou a mãe.

– O comboio atrasou-se – respondeu ele, com a cara enfronhada no lençol.

– Pois é... É o danado do comboio da linha central!... O Newton também veio?

– Veio.

– Tenho a certeza de que estás com fome... eles guardaram-té o almoço.

A custo, Paul ergueu os olhos.

– O que é que se passa, mãe? – perguntou ele, de chofre.

Ela desviou o olhar, e respondeu:

– É só um pequeno tumor, meu filho... não precisas de te preocupar... já lá está... o alto... há muito tempo.

E as lágrimas voltaram aos olhos dele. O seu espírito estava forte e lúcido, mas o corpo chorava.

– Onde? – perguntou.

Ela levou a mão ao lado.

– Aqui!... Mas eles podem desfazer o tumor, sabes.

Paul pôs-se de pé, confuso e impotente, como um menino. Por um lado, pensava que talvez fosse como ela dizia – sim, dizia ele, para se tranquilizar, era como ela dizia. Mas, por outro, o seu corpo e o seu sangue sabiam bem do que se tratava. Sentou-se na beira da cama e pegou na mão da mãe. Nunca tivera outro anel senão aquele, a aliança de casamento.

– Quando é que se sentiu mal? – perguntou ele.

– Foi ontem que tudo começou – respondeu ela, submissa.

– Dores?

– Sim... mas não mais do que já tinha tido em casa muitas vezes... Acho que o Dr. Ansell é um exagerado.

– Não devia ter viajado sozinha – disse o filho, mais para si próprio do que para ela.

– Como se isso tivesse alguma coisa a ver com o que está a acontecer – atalhou ela.

Depois, ficaram em silêncio.

– Agora vai almoçar – disse ela, por fim. – Deves estar com fome.

– A mãe já almoçou?

– Já. Comi um belo linguado. A Annie é muito boa para mim.

Conversaram mais um pouco, e Paul desceu as escadas. Estava muito pálido e tenso. Newton sentou-se ao lado dele, infeliz e solidário.

Depois do almoço, Paul foi para a copa ajudar Annie a lavar a loiça. A criada tinha ido fazer um recado.

– É mesmo um tumor? – perguntou.

Annie começou a chorar.

– As dores que ela teve ontem!... Nunca vi ninguém sofrer assim! – disse a irmã, a chorar. – O Leonard foi logo como um louco chamar o Dr. Ansell... E quando ela foi para a cama, para ser examinada, ele disse-me: «Annie, olha para este alto aqui do lado... O que será?». E eu olhei, e julguei que desmaiava. Paul, tão certo como eu estar aqui, é um alto duas vezes maior que o meu punho fechado. E eu disse: «Meu Deus, mãe, quando é que isso lhe apareceu?» «Porquê, filha», disse ela, «já tenho isto há muito tempo.» Julguei que morria, Paul, juro-te. Ela tem tido estas dores desde há meses, e sem ninguém para tratar dela.

Os olhos de Paul ficaram rasos de lágrimas, mas logo secaram.

– Mas ela tem andado a tratar-se com um médico de Nottingham... e nunca se queixou – disse ele.

– Se eu estivesse lá em casa – disse Annie – tinha dado por isso.

Paul sentia-se a viver um pesadelo, e à tarde foi falar com o médico, homem afável e perspicaz.

– Afinal, de que se trata? – perguntou.

O médico olhou para o jovem, e começou a entrelaçar os dedos.

– Pode ser um tumor muito grande na membrana – disse, falando compassadamente – e que talvez seja possível destruir...

– E não é operável? – perguntou Paul.

– Naquele sítio, não – respondeu o médico.

– Tem a certeza?

– Absoluta!

Paul ficou pensativo.

– Tem a certeza de que é mesmo um tumor? – perguntou. – Então, porque é que o Dr. Jameson, de Nottingham, nunca descobriu nada?... Há semanas que ela anda a tratar-se com ele, e ele tem-lhe dado remédios para o coração e a digestão.

– Mrs. Morel nunca mostrou o alto ao Dr. Jameson – disse o médico.

– E o senhor tem a certeza de que é um tumor?

– Não, a certeza não tenho.

– E que mais poderia ser? O senhor doutor perguntou à minha irmã se havia casos de cancro na família. Poderá ser cancro?

– Não sei.

– E o que devemos fazer?

– Gostava de poder examiná-la com o Dr. Jameson.

– Então é o que se vai fazer.

– O senhor terá de tratar de tudo. Os honorários dele não serão menos de dez guinéus, para vir de Nottingham até aqui.

– Quando é que gostaria que ele viesse?

– Esta noite vou ver a sua mãe, e depois combinamos.

Paul saiu do consultório a morder o lábio.

A mãe podia descer para o chá, tinha dito o médico. O filho foi buscá-la ao quarto. Tinha vestido o roupão rosa-velho que Leonard oferecera a Annie, e, com as faces ligeiramente coradas, parecia rejuvenescida.

– Que bonita que a mãe fica com esse roupão – disse o filho.

– Pois é, eles põem-me tão bonita, que quase não me reconheço – respondeu ela.

Mas quando se pôs de pé, para começar a andar, as cores fugiram-lhe. Paul teve de ajudá-la, trazendo-a quase ao colo. Ao chegar ao cimo das escadas, desmaiou. Ele pegou-lhe ao colo e trouxe-a a correr para baixo, deitando-a no sofá. Estava muito leve e frágil. A cara parecia a de um cadáver, com os lábios roxos e crispados. Os olhos estavam abertos, aqueles seus olhos azuis sempre alerta, olhando para ele suplicantes, como se a pedir perdão. Olhavam para ele com amor, com pena. As lágrimas corriam sem cessar pela cara de Paul, mas nem um só músculo se movia. Ele estava determinado em chegar-lhe um pouco de brandy aos lábios. Por fim, ela conseguiu engolir o equivalente a uma colherinha de chá e deixou-se cair para trás, exausta. As lágrimas continuavam a rolar pela cara de Paul abaixo.

– Pronto... – disse ela, ofegante –, isto já passa... não chores.

– Não estou a chorar – disse ele.

Daí por pouco tempo ela já estava melhor. Paul estava ajoelhado ao lado do sofá, os dois de olhos nos olhos.

– Não quero que te incomodes – disse ela.

– Não, mãe... só tem de ficar muito quietinha, e verá que se põe boa num instante.

Porém, Paul estava lívido – até os lábios – e os olhos de ambos, ao encontrarem-se, compreenderam. Os olhos dela eram azuis, tão azuis como miosótis! Paul sentia que, se ao menos fossem de outra cor, suportaria melhor aquela dor. Tinha a sensação de que o

coração se dilacerava lentamente no seu peito. Estava ali ajoelhado, a segurar-lhe na mão, e nenhum deles falava. Annie entrou.

– Sente-se bem? – murmurou timidamente, virando-se para a mãe.

– Claro – disse Mrs. Morel.

Paul sentou-se e relatou-lhe as férias em Blackpool. Ela mostrou-se interessada.

Passados um ou dois dias, foi a Nottingham para marcar o exame com o Dr. Jameson. Paul não tinha um tostão, mas podia pedir o dinheiro emprestado.

A mãe costumava ir à consulta da assistência social de sábado de manhã, em que tinha de pagar apenas uma tarifa simbólica. O filho foi consultá-lo no mesmo dia. A sala de espera estava repleta de mulheres pobres pacientemente sentadas num banco corrido a toda a volta da sala. Paul imaginou a mãe ali à espera, como as outras, com o seu fatinho preto. O médico estava atrasado. As mulheres tinham todas um ar assustado. Paul perguntou à enfermeira se podia falar com o médico mal ele chegasse, e assim foi. As mulheres que esperavam encostadas à parede, no banco corrido, olhavam intrigadas para Paul.

Finalmente, o médico chegou. Andaria pelos quarenta anos, e era moreno e bem-parecido. A mulher tinha morrido, e ele, que a amava muito, especializara-se em doenças do foro feminino. Paul apresentou-se e disse o nome da mãe. O médico não se lembrava.

– Número 46M – disse a enfermeira. E o médico consultou as fichas.

– Há um grande alto que pode ser um tumor – disse Paul. – Mas o Dr. Ansell disse que ia escrever-lhe uma carta.

– Ah, sim! – respondeu o médico, tirando a carta do bolso. Mostrava-se muito solícito, afável, ocupado e simpático. Iria a Sheffield no dia seguinte.

– Que faz o seu pai? – perguntou.

– É mineiro – respondeu Paul.

– Não há-de ser de grandes posses, suponho?

– Quanto a isso... fica por minha conta – disse Paul.

– E o senhor? – perguntou o médico, com um sorriso.

– Sou empregado de escritório na Fábrica de Acessórios Ortopédicos Thomas Jordan.

O médico sorriu.

– Hum... ir a Sheffield...! – disse ele, unindo as mãos pelas pontas dos dedos e sorrindo com o olhar. – ... Oito guinéus?

– Muito obrigado! – disse Paul, pondo-se de pé muito corado. – Vai então amanhã?

– Amanhã... domingo!... Exactamente! Sabe dizer-me a que horas tenho comboio à tarde?

– Há um da linha Central que chega às quatro e um quarto.

– E... para chegar a casa da sua irmã... terei de ir a pé? – perguntou o médico, a sorrir.

– Tem o eléctrico – disse Paul. – Para Western Park.

O médico tomou nota.

– Obrigado – disse ele. Apertaram as mãos.

Depois, Paul foi a casa para falar com o pai, que ficara aos cuidados de Minnie. Walter Morel tinha agora o cabelo quase todo branco. Paul foi encontrá-lo a cavar o jardim. Já lhe tinha mandado uma carta. Apertaram as mãos.

– Olá, meu filho, atão sempre vieste? – disse o pai.

– É... – respondeu o filho. – Mas volto esta noite.

– Ah, voltas! – exclamou o mineiro. – Já comeste?

– Não.

– És mesmo tu – disse Morel. – Anda daí.

O pai estava com medo de falar na mulher. Entraram os dois para dentro de casa. Paul comeu em silêncio, e o pai, com as mãos cheias de terra e as mangas arregaçadas, foi sentar-se no cadeirão a olhar para ele.

– Atão, como tá ela? – perguntou o mineiro por fim, com voz sumida.

– Pode sentar-se na cama... podemos trazê-la para baixo para tornar chá... – disse Paul.

– Já é uma bênção! – exclamou Morel. – Espero qu'a gente a tenha de volta depressa... E que disse o tal doutor de Nottingham?

– Que vai examiná-la amanhã.

– Ah, vai!... Isso é uma conta calada!

– Oito guinéus.

– Oito guinéus! – O mineiro até se engasgou. – Bem, vamos ter qu'o arranjar nalgum lado.

– Eu pago – disse Paul.

Ficaram os dois em silêncio por algum tempo.

– Ela diz que espera que se esteja a dar bem com a Minnie – disse Paul.

– Estou a dar-me bem, sim... quem dera qu'ela tamém estivesse bem! – respondeu Morel. – A Minnie é uma catraia esperta, Deus a abençoe. – Estava sentado, muito abatido.

– Tenho de partir às três e meia da manhã – disse Paul.

– É muita massa pra ti, rapaz!... Oito guinéus!... E quand' é qu'achas qu'ela pode voltar pra cá?

– Primeiro temos de ver o que é que os médicos dizem amanhã – disse Paul.

Morel soltou um suspiro muito fundo. A casa parecia estranhamente vazia, e Paul achou que o pai tinha um ar perdido, desamparado, envelhecido.

- Tem de ir lá vê-la para a semana, pai – disse Paul.
- Espero qu’ela já ’teja em casa nessa altura – disse Morel.
- Se não estiver – disse Paul – tem de lá ir.
- Não sei onde hei-d’ir buscar o dinheiro – disse Morel.
- Eu depois escrevo-lhe a contar o que disse o médico – disse Paul.
- Mas tu escreves cá duma maneira qu’eu num intendo nada.
- Bem... vou tentar escrever palavras mais fáceis.

Nem valia a pena pedir a Morel que respondesse, pois pouco mais conseguia escrever além do nome.

O médico chegou. Leonard achou que era sua obrigação ir buscá-lo à estação de táxi. O exame não foi muito demorado. Annie, Arthur, Paul e Leonard estavam à espera na sala, ansiosos. Os médicos desceram. Paul olhou para eles de relance. Nunca alimentara esperanças, a não ser para se enganar a si próprio.

- Pode ser um tumor... temos de aguardar – disse o Dr. Jameson.
- E se for – disse Annie – conseguem destruí-lo?
- Provavelmente sim – respondeu o médico.

Paul pôs oito soberanos e meio em cima da mesa. O médico contou-os, tirou um florim da bolsa e devolveu-o.

- Muito obrigado! – disse ele. – Lamento que Mrs. Morel esteja tão doente. Veremos o que se pode fazer.
- Não a podem operar? – perguntou Paul. O médico abanou a cabeça.
- Não – disse ele. – E, mesmo que pudéssemos, o coração dela não ia aguentar.
- O coração está muito fraco? – perguntou Paul.
- Está... Têm de ter muito cuidado com ela.
- Muito fraco?
- Não... hum... não, não! Mas tomem cuidado. – E o médico foi-se embora.

Em seguida, Paul foi buscar a mãe e trouxe-a para baixo. Ela estava deitada, com o ar inocente de uma criança. Mas, quando chegaram às escadas, ela passou-lhe os braços à volta do pescoço e agarrou-se com força.

- Tenho tanto medo destas escadas infernais! – disse.

Ele também tinha medo. Ia deixar que fosse Leonard a levá-la outra vez. Sentia que não tinha força para a transportar.

– Ele acha que é só um tumor! – gritou Annie para a mãe. – E diz que pode destruí-lo.

– Eu sabia que podia – disse Mrs. Morel, com sobrançeria.

Mrs. Morel fingiu não notar que Paul tinha saído da sala, indo sentar-se na cozinha a fumar. De repente, tentou sacudir um risco de cinza que lhe manchava o casaco. Mas depois olhou com mais atenção. Era um cabelo grisalho da mãe. Como era comprido! Ergueu-o no ar e o cabelo voou para a chaminé. Paul deixou-o ir. O longo cabelo grisalho flutuou no ar e desapareceu na negrura da chaminé.

No dia seguinte, Paul foi dar um beijo à mãe antes de voltar para o trabalho. Era ainda muito cedo e estavam os dois sozinhos.

– Não te preocupes, meu filho! – disse ela.

– Não, mãe.

– Claro que não... seria tolice. E tem cuidado contigo.

– Vou ter – respondeu ele. E, passado algum tempo: – Venho vê-la no próximo sábado. Quer que traga o pai?

– Ele deve querer vir – respondeu ela. – Por isso, se ele quiser, tens de o deixar vir.

Paul beijou a mãe outra vez e afastou-lhe os cabelos das têmporas, com ternura e leveza, como se ela fosse uma amante.

– Não te atrases – murmurou ela.

– Vou já – disse ele, muito baixinho.

Mas ficou ainda mais alguns minutos, afastando-lhe das têmporas os cabelos castanhos e grisalhos.

– Prometa-me que não vai piorar, mãe.

– Não, meu filho.

– Promete?

– Prometo... Não vou piorar.

Ele beijou-a, apertou-a nos braços por um momento, e saiu. Foi a correr até à estação na manhã fria e soalheira, chorando durante todo o percurso sem saber porquê. E os olhos azuis da mãe surgiam parados, muito abertos, enquanto ele pensava nela.

De tarde, foi dar um passeio com Clara. Sentaram-se na moita onde cresciam campainhas. Ele pegou-lhe na mão e disse:

– Vais ver – disse para Clara –, ela nunca mais vai melhorar.

– Isso é que tu não sabes – retorquiu ela.

– Sei, sim – disse ele.

Ela, num impulso, apertou-o contra o peito.

– Tenta esquecer, meu querido – disse ela. – Tenta esquecer.

– Vou tentar – respondeu ele.

O peito dela estava ali, quente, à sua espera, e os dedos dela entrelaçavam-se-lhe nos cabelos. Era uma sensação aconchegante, e ele abraçou-a também. Mas não esqueceu. Apenas mudou de assunto. E era sempre assim. Quando ela pressentia a agonia a avassalá-lo, dizia-lhe:

– Não penses nisso, Paul, não penses nisso, meu querido.

E apertava-o contra o peito, embalando-o e acalmando-o como a uma criança. Ele punha de lado as preocupações para lhe agradar, mas não tardavam a voltar assim que ficava sozinho. Enquanto andava de um lado para o outro no armazém, chorava mecanicamente. O espírito e as mãos estavam ocupados, mas chorava e não sabia porquê. Era o seu sangue a chorar. Estivesse com Clara ou com os amigos no White Horse, a solidão era sempre igual. Só ele e aquela opressão que sentia no peito; nada mais existia. Por vezes lia. Tinha de manter o espírito ocupado. E Clara era uma maneira de ocupar o espírito.

No sábado seguinte, Walter Morel foi a Sheffield. Era uma figura abatida, como se estivesse sozinho no mundo. Paul correu pela escada acima.

– O pai veio vê-la – disse, beijando a mãe.

– Ah, veio? – respondeu ela, com ar cansado.

O velho mineiro entrou a medo no quarto.

– Em que estado te venho encontrar, cachopa! – disse ele, aproximando-se dela e dando-lhe um beijo tímido, de fugida.

– Bem... assim assim – respondeu ela.

– Vejo que sim – disse ele. E ficou parado, de pé, a olhar para ela. Depois, limpou os olhos com o lenço. Impotente, desamparado, como se estivesse sozinho no mundo – era assim que ele olhava para ela.

– Tens passado bem? – perguntou a mulher, muito cansada, como se lhe custasse falar.

– Tenho! – respondeu ele. – A catraia às vezes atrasa-se a fazer as coisas, como podes calcular.

– Mas faz-te ao menos o comer a horas? – perguntou Mrs. Morel.

– Bom... Já tive de lhe mandar dois berros uma ou duas vezes – disse ele.

– Isso mesmo, debes berrar com ela, quando não tiver a comida pronta. Deixa sempre tudo para a última hora.

Mrs. Morel deu algumas instruções ao marido. Ele estava sentado a olhar para ela, como se ela fosse quase uma estranha, alguém diante de quem se sentisse acanhado e contrafeito; era como se tivesse perdido a presença de espírito e só pensasse em fugir. Esta vontade de querer fugir dali para fora a todo o custo, de estar em brasas para se afastar de tão dolorosa situação e, no entanto, deixar-se ficar para não parecer mal, era o que tornava tão penosa a sua presença. Ergueu as sobrancelhas, com desânimo, e fincou as mãos nos

joelhos, sentindo-se completamente impotente perante um problema de tanta gravidade.

O estado de Mrs. Morel não sofreu grandes alterações. Ficou em Sheffield durante dois meses. Nessa altura, se alguma coisa tinha mudado, era para pior. Mas ela queria ir para casa. Annie tinha os filhos para cuidar. Mrs. Morel queria ir para a sua casa. Alugaram por isso um carro em Nottingham, pois ela estava muito doente para ir de comboio, e a viagem fez-se aproveitando o sol. Era Agosto, e tudo era calor e luz. Cá fora, sob o céu azul e luminoso, todos viram que ela estava a morrer. Estava no entanto mais animada do que tinha andado nas últimas semanas, e todos riam e conversavam.

– Annie! – exclamou ela. – Vi uma lagartixa a escapulir-se para debaixo daquela pedra.

Os seus olhos estavam ainda rápidos e alerta, e ela estava ainda cheia de vida.

Morel sabia que ela estava prestes a chegar. Tinha a porta da frente aberta, e andavam todos em bicos de pés. Metade das vizinhas tinham vindo para a rua. Ouviu-se o motor do grande automóvel. Mrs. Morel, sorridente, desceu a rua de carro até à porta de casa.

– Vejam só... Vieram todos cá para fora para me verem! – disse ela. – Mas eu, no lugar deles, acho que também fazia o mesmo... Como está, Mrs. Mathews... Como está, Mrs. Harrison?

Elas não a podiam ouvir, mas viam-na sorrir e acenar. E todas viam a morte estampada no seu rosto, diziam elas. Foi um grande acontecimento em toda a rua.

Morel queria levá-la ao colo para dentro de casa, mas já estava muito velho. Foi Arthur quem lhe pegou, como se ela fosse uma criança. Tinham colocado a poltrona dela em frente da lareira, no sítio onde antes estava a cadeira de baloiço. Quando já estava sentada, depois de ter tirado os agasalhos e bebido um pouco de brandy, olhou em volta.

– Não penses que não gostei de estar em tua casa, Annie – disse ela. – Mas é bom estar outra vez de volta à minha casa.

Ao que Morel respondeu, roufenho:

– Lá isso é, cachopa. Lá isso é.

E Minnie, a criadita, disse:

– Estamos muito contentes d'a ter de volta.

Havia no jardim um luxuriante tufo de girassóis que Mrs. Morel contemplou da janela.

– Olha, os meus girassóis! – exclamou, enlevada.

XIV

A LIBERTAÇÃO

— **A** PROPÓSITO – disse o Dr. Ansell uma noite, quando Morel estava em Sheffield – temos um homem aqui internado no hospital das febres que veio de Nottingham... um tal Dawes. Não parece ter nada nem ninguém no mundo.

– O Baxter Dawes! – exclamou Paul.

– Isso mesmo... um tipo excelente, fisicamente, é o que me parece. Ultimamente tem andado um bocado por baixo. Conhece-o?

– Trabalhou na fábrica onde eu trabalho.

– Ah, sim? E sabe alguma coisa a respeito dele? Está muito deprimido, senão já estaria bem melhor do que está.

– Não sei nada da vida dele, a não ser que se separou da mulher e tem andado um bocado em baixo, creio eu. Diga-lhe que um dia destes vou vê-lo, está bem?

Na próxima vez que Morel encontrou o médico, perguntou-lhe:

– Então e o Dawes?

– Olhe, fui ter com ele e disse-lhe: «Conhece um fulano de Nottingham chamado Morel?»... e ele virou-me uns olhos como se quisesse atirar-se a mim. E eu então disse-lhe: «Vejo que conhece o nome... é o Paul Morel.» E depois disse-lhe que você iria lá visitá-lo. «Qu'ê qu'ele vem cá fazer?», disse o Dawes, como se você fosse algum polícia...

– E ele disse se me queria ver? – perguntou Paul.

– Não disse absolutamente nada... nem sim nem não nem talvez – respondeu o médico.

– Porquê?

– Isso é o que eu gostava saber. Ele ali deitado, deprimido a maior parte dos dias, e não lhe consigo arrancar qualquer informação.

– Acha que posso lá ir? – perguntou Paul.

– Pode...

Desde a luta que travaram, a ligação entre os dois homens estreitara-se mais do que nunca. De certa forma, Morel sentia-se culpado perante o outro e mais ou menos responsável. Encontrando-se neste estado de espírito, sentia uma proximidade quase dolorosa em relação a Dawes, que sofria também, em desespero. Além disso, o ódio nu e cru que os levava à confrontação era ele próprio um elo. Fosse como fosse, cada um defrontara o homem primário que existia dentro do outro.

Paul dirigiu-se ao hospital de doenças contagiosas, levando um cartão do Dr. Ansell. A

Irmã, uma rapariga irlandesa de aspecto sadio, conduziu-o à enfermaria.

– Tem aqui uma visita para si, seu bicho-do-mato – disse ela. Dawes voltou-se de repente, com um rosnido de espanto.

– Ha?

– Rrrr? – fez ela, zombeteira. – Ele só sabe dizer «Rrrr!»... Trouxe-lhe um senhor que o vem visitar. Vá, agora diga obrigado e veja se tem maneiras.

Dawes fixou os olhos escuros e assustados num ponto para lá da Irmã e de Paul. O seu olhar estava cheio de medo, desconfiança, ódio e miséria humana. Morel enfrentou aqueles olhos escuros inquietos e hesitou. Os dois temiam os seres primários em que já se tinham transformado.

– O Dr. Ansell disse-me que estavas aqui – disse Morel, estendo-lhe a mão.

Dawes apertou-lhe a mão mecanicamente.

– Por isso, achei que devia vir – continuou Paul.

Não obteve resposta. Dawes continuou a olhar para a parede em frente.

– Diga «Rrrr»! – voltou a dizer a enfermeira, trocista. – Diga lá «Rrrr», seu bicho-do-mato!

– Ele está melhor? – perguntou Paul.

– Está, sim! Fica aí deitado a pensar que vai morrer – disse a enfermeira – e é tanto o medo que nem consegue falar.

– Mas também é preciso que tenha alguém com quem falar – disse Morel, a rir.

– Aí é que está! – e a enfermeira riu-se. – Só tem dois velhos e um miúdo que está sempre a chorar. Tem um versejar difícil de entender! Eu aqui, a morrer por ouvir a voz do Bicho-do-mato, e ele só faz «Rrrr».

– É duro, não é? – disse Morel.

– Se é! – disse a enfermeira.

– Então, eu devo ser uma dádiva do céu. – E Morel riu-se.

– Se é... caída do céu aos trambolhões – respondeu a enfermeira, com uma gargalhada.

Depois, deixou os dois homens sozinhos. Dawes estava mais magro, bem-parecido como sempre, mas faltava-lhe vida. Tal como o médico dissera, estava ali deitado, deprimido, pensativo, resistindo, atrasando todo o processo de convalescença. Parecia até lamentar cada batimento do coração.

– Passaste muito mal? – perguntou Paul.

Dawes olhou para ele de repente.

– O qu' é que tás a fazer em Sheffield? – perguntou.

– A minha mãe está doente em casa da minha irmã, em Thurston Street... E tu, que

fazes aqui?

Não obteve resposta.

– Há quanto tempo estás cá? – perguntou Morel.

– Não sei ao certo – respondeu Dawes, mal-humorado.

Olhou de novo para a parede em frente, como se para se convencer de que Morel não estava ali. Paul começava a perder a paciência.

– Foi o Dr. Ansell que me disse que estavas aqui – disse ele, friamente.

O outro não respondeu.

– A febre tifóide é uma doença terrível, eu sei – insistiu Morel.

Subitamente, Dawes disse:

– Pra que vieste?

– Porque o Dr. Ansell disse que não conhecias aqui ninguém. Ou conheces?

Novo silêncio.

– Bem, nós vamos levar a minha mãe para casa logo que seja possível – disse Paul.

– O qu' é qu' ela tem? – perguntou Dawes, com aquele interesse típico dos doentes por todas as doenças.

– Tem um cancro.

– Novo silêncio.

– Mas nós queremos levá-la para casa – disse Paul. – Vamos ter de alugar um automóvel.

Dawes ficou pensativo.

– Porque não pedes ao Thomas Jordan que t' empreste o dele? – disse Dawes.

– Não é suficientemente grande – respondeu Morel.

Dawes continuou deitado, pensativo, de olhos semicerrados.

– Atão pede ao Jack Pilkington... ele empresta-to... Sabes quem é?

– Acho que o melhor é alugar um – disse Paul.

– És bem parvo se fizeres isso – disse Dawes.

O doente estava de novo magro e bem-parecido, e Paul tinha pena dele, de ver os seus olhos tão cansados.

– Arranjaste emprego por aqui? – perguntou Paul.

– Só cá estava há um ou dois dias, quando adoeci – respondeu Dawes.

– Agora tens de ir para uma casa de repouso, para convalescer – disse Paul.

O rosto do outro ensombrou-se novamente.

– Eu cá não vou pra nenhuma casa de repouso.

– O meu pai esteve numa em Seathorpe, e gostou muito... O Dr. Ansell escreve-te uma carta de recomendação.

Dawes ficou pensativo. Era evidente que não queria enfrentar o mundo outra vez.

– Uma praia era o que te ia fazer bem – disse Morel. – O sol, as dunas e as ondas ali à mão.

O outro não respondeu.

– Bolas – rematou Paul, demasiado abatido para se preocupar com o estilo – é bestial saber que se pode andar outra vez por aí... dar umas braçadas...

Dawes olhou para ele de relance. Os seus olhos escuros receavam encontrar quaisquer outros olhos neste mundo. Porém, a sentida tristeza e o desalento patentes na voz de Paul trouxeram-lhe algum alívio.

– E está muito avançado? – perguntou ele.

– Ela desaparece como cera – respondeu Paul. – Mas anda alegre... bem-disposta... – E Paul mordeu o lábio, levantando-se em seguida.

– Bem, vou andando – disse ele. – Deixo-te aqui meia coroa.

– Num quero – resmungou Dawes.

Morel não respondeu, mas deixou ficar a moeda em cima da mesa de cabeceira.

– Bem – disse ele –, vou tentar passar por cá quando voltar a Sheffield. Talvez gostasses de falar com o meu cunhado. Ele trabalha na Pyecrofts.

– Mas eu não o conheço – disse Dawes.

– É um tipo fixe. Queres que lhe peça para cá vir?... Ele podia trazer-te alguns jornais.

O outro não respondeu. Paul foi-se embora. A emoção intensa que Dawes lhe despertava, e que ele agora reprimira, fê-lo tremer.

Paul não contou nada disto à mãe, mas no dia seguinte falou com Clara sobre a visita. Foi à hora do almoço. Não era frequente saírem os dois juntos, mas desta vez ele convidou-a para ir com ele até ao parque do castelo. Lá chegados, sentaram-se a conversar, entre os gerânios escarlates e as calceolárias amarelas encharcadas de sol. Ultimamente Clara mostrava-se sempre demasiado paternalista e ressentida com ele.

– Sabias que o Baxter está internado no hospital de Sheffield com febre tifóide? – perguntou ele.

Ela olhou-o com uns olhos cinzentos muito espantados, e empalideceu.

– Não – disse, assustada.

– Já está melhor... Fui vê-lo ontem... Foi o médico que me disse.

Clara estava visivelmente abalada com as notícias.

– E está muito mal? – perguntou, aflita.

– Esteve. Agora já está melhor.

– O que é que ele te disse?

– Oh... nada. Parece que está muito deprimido.

Gerou-se uma certa distância entre ambos. Paul deu-lhe mais informações.

Ela não fez comentários. Na próxima vez que foram dar um passeio, Clara não lhe deu o braço e manteve uma certa distância. E Paul precisava mais do que nunca de que ela o consolasse.

– Porque não és mais meiga? – perguntou ele.

Ela não respondeu.

– O que é que se passa? – perguntou Paul, pondo-lhe o braço sobre o ombro.

– Não faças isso! – disse ela, desviando-se.

Ele deixou-a em paz e voltou às suas meditações.

– É por causa do Baxter que estás assim? – acabou por perguntar.

– Fui realmente muito reles com ele – disse ela.

– Já estou farto de te dizer que o trataste muito mal – replicou Paul.

A hostilidade instalara-se entre ambos, e cada um seguia a sua linha de pensamento.

– Tratei... Não, eu tratei-o mesmo mal – disse ela. – E agora tratas-me tu mal a mim. É bem feito.

– Como é que eu te trato mal? – quis saber Paul.

– É bem feito – repetiu ela. – Eu nunca achei que ele valesse grande coisa, e agora és tu que achas que eu não valho... Mas é-me bem feito... Ele amava-me mil vezes mais do que tu alguma vez me amaste.

– Não amava nada – protestou Paul.

– Isso é que amava!... Pelo menos, respeitava-me, e tu não.

– Parecia que te respeitava – disse Paul.

– Respeitava, sim! E eu fiz dele um monstro, eu sei que fiz. Foste tu que me fizeste ver a verdade... E ele amava-me mil vezes mais do que tu.

– Seja – disse Paul.

Neste momento, só queria que ela o deixasse em paz. Os problemas que o afligiam já eram por si só quase insuportáveis. Clara só o atormentava e fatigava. Não sentiu pena quando a deixou.

Na primeira oportunidade, Clara foi a Sheffield visitar o marido. O encontro não foi

propriamente um sucesso. Mas ela levou-lhe rosas, fruta e dinheiro. Queria recompensá-lo. Não se podia dizer que o amasse, pois, ao vê-lo ali acamado, não era amor o que lhe fazia pulsar o coração. Queria apenas humilhar-se perante ele, ajoelhar-se a seus pés. Era o auto-sacrifício que a movia. Afinal, tinha fracassado com Morel, não conseguira conquistar o seu amor. Estava, por isso, moralmente fragilizada e queria penitenciar-se. Ajoelhava-se, assim, perante Dawes, o que lhe dava a ele um certo prazer. Mas a distância que os separava era ainda muito grande, demasiado grande. Para o homem era motivo de receio. Para a mulher, era quase um prazer. Gostava de sentir que, para o servir, tinha de galgar uma distância insuperável. Isso alimentava-lhe o orgulho.

Morel foi visitar Dawes uma ou duas vezes. Havia entre os dois homens uma espécie de amizade, apesar de continuarem rivais implacáveis. Porém, nunca mencionavam a mulher que se erguia entre ambos.

Mrs. Morel piorava de dia para dia. A princípio, costumavam trazê-la para o andar de baixo, às vezes até para o jardim. Sentava-se na poltrona e ali ficava, a sorrir, sempre bonita. A aliança de casamento, em ouro, brilhava-lhe na mão muito branca, e tinha o cabelo cuidadosamente escovado e penteado. Viu morrer os girassóis e desabrochar os crisântemos e as dalias.

Paul e Mrs. Morel receavam-se mutuamente. Ele sabia, tão bem como a mãe, que ela estava a morrer. Mas mantinham no ar uma alegria fingida. Todas as manhãs, ao levantar-se, Paul ia ao quarto da mãe ainda em pijama.

– Dormiu bem, mãezinha? – perguntava ele.

– Sim, meu filho – respondia ela.

– Mas não muito bem?

– Bem... sim...

E ele percebia que ela tinha passado a noite em claro. Uma vez, viu a mão dela por baixo dos lençóis a carregar de lado, no sítio onde lhe doía.

– Dói-lhe muito? – perguntou.

– Não...! Só um bocadinho, nada de importância.

E deu uma fungadela desdenhosa, como era velho hábito seu. Ali deitada, parecia uma rapariga. Os seus olhos azuis não se desviavam de Paul, mas os círculos negros de dor que os rodeavam aumentavam o sofrimento dele.

– Está um dia cheio de sol – disse ele.

– Está um dia lindo.

– Acha que lhe apetece ir lá para baixo?

– Veremos...

Paul deixou-a e foi buscar-lhe o pequeno-almoço. Durante o dia só pensava nela. Era uma dor persistente que o deixava febril. Quando chegou a casa, pela tardinha, espreitou

pela janela da cozinha, mas ela não estava lá. Não se tinha levantado.

Correu ao quarto e beijou-a. Quase a medo, perguntou:

– Então, a minha Pombinha levantou-se?

– Não – disse ela. – Foi a morfina... deixou-me debilitada.

– Acho que ele exagera na dose – disse Paul.

– Também – respondeu ela.

Paul sentou-se à cabeceira da mãe, muito triste. Ela estava deitada de lado, toda enrolada, como uma criança. Alguns cabelos castanhos e grisalhos caíam-lhe soltos sobre a orelha.

– Não lhe fazem cócegas? – disse ele, puxando-lhos para trás com suavidade.

– Fazem – respondeu ela.

A cara dele estava perto da dela. Os olhos dela, muito azuis, sorriam para os dele, com o seu olhar de menina, cálidos e ternos como sorrisos de amor. Paul perdeu o fôlego – do medo, da agonia, do amor.

– Este cabelo fica melhor entrançado – disse ele. – Não se mexa.

E, colocando-se por detrás dela, desmanchou-lhe o cabelo com cuidado e escovou-o muito bem. Pareciam longos fios de seda muito finos, castanhos e cinzentos. A cabeça dela tombava descontraída sobre os ombros. Enquanto lhe escovava o cabelo levemente e o entrançava, Paul mordida o lábio, atordoado, sem entender. Tudo parecia irreal.

À noite, ia trabalhar muitas vezes para o quarto da mãe, vigiando-a de vez em quando. E quase sempre encontrava os seus olhos azuis fixos nele. Quando os olhos de ambos se encontravam, ela sorria-lhe e ele continuava a trabalhar mecanicamente e a produzir bom trabalho, embora não soubesse o que fazia.

Outras vezes entrava no quarto de repente, muito pálido e silencioso, de olhar atento e inquieto, como um homem a cair de bê-bado. Receavam ambos os véus que entre eles se interpunham e a pouco e pouco se rasgavam.

Ela fingia então sentir-se melhor, e tagarelava alegremente, fazendo grande espalhafato por tudo e por nada. Tinham chegado ambos àquele ponto em que era preciso empolarem as coisas fúteis para evitarem tocar nas muito graves e, inevitavelmente, destruírem a sua condição humana independente. Tinham medo e falavam por isso de superficialidades, mostrando-se sempre alegres.

Por vezes, ao vê-la ali estendida, ele sabia que ela pensava no passado. A sua boca, cerrava-se, então, em linha dura e fina. E, se mantinha o corpo rígido, era para ao morrer não soltar o grito lancinante que lhe dilacerava as entranhas. Paul nunca mais pôde esquecer aquele crisar de lábios, duro e tão pungentemente solitário e obstinado, que durante semanas a acompanhou. Por vezes, quando relaxava um pouco, falava do marido. Agora odiava-o. Não podia perdoar-lhe. Não suportava a sua presença no quarto. E algumas coisas, as coisas que mais a tinham magoado, regressavam-lhe à mente com tal

força que transbordavam dos seus lábios e as contava ao filho.

Paul sentia-se como se a vida estivesse a ser destruída dentro dele, pedacinho a pedacinho. Era frequente não conseguir conter as lágrimas. Corria para a estação, com as lágrimas a rolares para o chão, e muitas vezes tinha de interromper o trabalho. A caneta recusava-se a escrever, e ele ficava sentado, quase inconsciente. E, quando voltava a si, sentia náuseas e tremuras. Nunca se questionava sobre o que isso poderia querer dizer, a sua mente não tentava sequer analisar as causas ou compreendê-las. Submetia-se apenas, de olhos fechados, deixando o que quer que fosse tomar conta dele.

A mãe fazia o mesmo. Pensava nas dores, na morfina, no dia seguinte, mas só muito raramente na morte. Estava para chegar, sabia-o bem. Teria de se submeter. Mas nunca a aceitaria, nem se adaptaria à ideia. Cega, de rosto fechado e cego, deixava que a morte a empurrasse lentamente porta fora. Passaram-se dias, semanas, e meses.

Vezes havia, nas tardes soalheiras, em que Mrs. Morel parecia quase feliz.

– Tento pensar nas coisas boas... em quando fomos a Mable-thorpe e a Robin Hood's Bay, e a Shanklin – dizia ela. – Afinal, nem todos se podem gabar de ter ido a esses lugares tão bonitos. E que lindos que eram!... É nisso que tento pensar, não nas outras coisas.

Mas de novo, na noite seguinte, nem ela nem ele trocavam uma palavra. Passavam a noite juntos, hirtos, obstinados, em silêncio. Ele ia no fim da noite ao quarto dela, antes de ir para cama, e encostava-se à ombreira da porta, paralisado, incapaz de entrar. E, muitas vezes, quando Annie ou Arthur se encontravam de visita, nem ao quarto da mãe ia. Poucas vezes se encontrava com Clara, preferindo geralmente a companhia dos outros homens. Era vivo, activo e alegre, mas quando os amigos o viam pôr-se branco como a cal, com os olhos brilhando, muito negros, mostravam-se algo contrafeitos. Por vezes, ia a casa de Clara, mas ela tratava-o geralmente com frieza.

– Possui-me! – dizia ele, simplesmente.

De vez em quando, ela acedia. Mas tinha medo.

Quando ele então a possuía, havia no acto qualquer coisa de antinatural que a fazia retrair-se. E, com o tempo, o medo que tinha dele aumentou. Sempre tão calado, mas tão estranho. Tinha medo do homem que não estava ali, ao pé dela, mas que podia pressentir por baixo deste amante de faz-de-conta: um ser sinistro que a enchia de horror. Era horror o que sentia por ele agora, quase como se ele fosse um criminoso. Ele queria-a... ele tinha-a... e ela, ali deitada, sentia-se nas garras da própria Morte. Puro horror. O homem não estava ali presente para a amar, e ela quase o odiava. Esporadicamente, a ternura surgia. Mas ela não ousava sentir pena.

Dawes tinha vindo convalescer para a casa de repouso Colonel Seely, perto de Nottingham. Paul ia visitá-lo algumas vezes, Clara mais raramente. Entre os dois homens crescera uma amizade bem estranha. Dawes, que recuperava muito devagar e continuava muito fraco, parecia entregar-se nas mãos de Morel.

No princípio de Novembro, Clara lembrou a Paul que o aniversário dela estava à porta.

– Quase me tinha esquecido – disse ele.

– Foi o que eu pensei – respondeu ela.

– Não me digas!... E se fôssemos passar o fim-de-semana à beira-mar?

E assim foi. O tempo estava frio e triste. Ela esperava que ele se mostrasse fioso e terno com ela, mas, pelo contrário, ele parecia quase nem dar pela sua presença. Ia sentado na carruagem, de olhos fixos na paisagem, e sobressaltava-se sempre que ela lhe dirigia a palavra. Não ia propriamente pensativo, era mais como se as coisas não existissem. Ela tentou ajudá-lo.

– Que tens, querido? – perguntou.

– Nada! – disse ele. – Não te parecem monótonas aquelas velas do moinho?

Ia sentado, de mão dada com ela, incapaz de falar ou de pensar. Era no entanto aconchegante ir sentado de mão dada com ela. Clara ia aborrecida e infeliz. Ele não lhe ligava: ela para ele não existia.

À noite, foram sentar-se nas dunas, a olhar o mar, negro e compacto.

– Ela não se rende – disse ele, baixinho.

O coração de Clara soçobrou.

– Pois não – respondeu.

– Há várias formas de morrer. A família do meu pai é medrosa, são puxados para fora da vida e arrastados para a morte como gado no matadouro, puxados pelo pescoço. Mas, na família da minha mãe, são empurrados pelas costas, polegada a polegada. É gente teimosa, que se recusa a morrer.

– Sim – disse Clara.

– Ela recusa-se a morrer. Não consegue morrer. Mr. Renshaw, o cura, foi vê-la um dia destes. «Pense», disse-lhe ele, «que no Outro Mundo vai encontrar o seu pai, a sua mãe, as suas irmãs e o seu filho.» E ela respondeu: «Já passei sem eles tanto tempo, posso muito bem passar sem eles agora. É a companhia dos vivos que eu quero, não dos mortos.» Mesmo assim, ela quer viver.

– Oh, mas isso é horrível! – disse Clara, aterrorizada de mais para falar.

– Ela olha para mim e quer ficar comigo – continuou ele, monocórdico. – Tem tamanha força de vontade que parece que não há-de morrer nunca, nunca...

– Não penses nisso agora – exclamou Clara.

– E ela era religiosa... e ainda é... mas não lhe serve de nada. Ela, simplesmente, não desiste. E sabes uma coisa, na quinta-feira passada eu disse-lhe: «Mãezinha, eu cá, se tivesse de morrer, morria e pronto. Até ia querer morrer.» E ela respondeu-me, incisiva: «E pensas que eu não quero? Se calhar julgas que se pode morrer quando se quer?»

A voz dele calou-se. Não chorava, discorria apenas monotonamente. Clara só queria fugir dali para fora. Olhou em volta. Tudo o que se lhe oferecia era a costa negra,

ressonante, e o céu de breu por cima dela. Levantou-se, aterrorizada. Queria ir para onde houvesse luz, onde houvesse outras pessoas. Queria ir para longe dele. Ele continuou sentado, de cabeça pendente, sem mover um músculo.

– Eu não quero que ela coma, e ela sabe-o – disse ele. – Quando lhe pergunto: «Quer alguma coisa?», é quase a medo que ela diz: «Quero. Quero uma chávena de cacau.» «Isso só vai dar-lhe mais forças», digo eu. «Eu sei», diz ela, quase a gritar. «Mas sinto uma coisa a roer tanto cá dentro quando não como nada, que é insuportável.» E eu fui fazer-lhe o cacau... É o cancro que a está a roer por dentro... Já só desejo que morra.

– Anda – disse Clara, com dureza. – Eu vou-me embora.

Paul seguiu-a na negrura do areal, mas não estava ali com ela. Mal parecia dar pela sua presença. E ela sentia medo dele e detestava-o.

Voltaram a Nottingham no mesmo estado agudo de vertigem. Ele sempre ocupado, sempre a fazer qualquer coisa, sempre a correr de amigo em amigo.

Na segunda-feira, foi visitar Baxter Dawes. Pálido e indiferente, o homem levantou-se para cumprimentar o outro, apoiando-se à cadeira enquanto lhe estendia a mão.

– Não precisavas de te levantar – disse Paul.

Dawes deixou-se cair pesadamente na cadeira, olhando para Morel meio desconfiado.

– Não desperdices o teu tempo comigo – disse ele – se tiveres coisa melhor pra fazer.

– Vim porque quis – disse Paul. – Tome... trouxe-lhe uns caramelos.

O doente pô-los de lado.

– O fim-de-semana foi péssimo – disse Morel.

– Como está a tua mãe? – perguntou o outro.

– Na mesma.

– Julguei que tivesse piorado... como não apareceste no domingo.

– Fui para Skegness – disse Paul. – Estava a precisar de mudar de ares.

O outro fitou-o com os seus olhos muito negros. Parecia aguardar, sem se atrever a perguntar, esperando que o outro lhe contasse.

– Fui com a Clara – disse Paul.

– Isso sei eu – disse Dawes, sereno.

– Era uma promessa antiga – disse Paul.

– Faz o que quiseres – disse Dawes.

Foi esta a primeira vez que o nome de Clara foi explicitamente pronunciado entre eles.

– Não – disse Morel, falando devagar. – Ela está farta de mim.

Dawes olhou para ele outra vez.

– Desde Agosto que ela se tem vindo a cansar de mim – repetiu Morel.

Os dois homens ficaram em silêncio. Paul sugeriu uma partida de damas e jogaram em silêncio.

– Quando a minha mãe morrer, parto para o estrangeiro – disse Paul.

– Para o estrangeiro! – repetiu Dawes.

– Exactamente... Seja lá para onde for.

Continuaram a jogar. Dawes estava a ganhar.

– Tenho de começar uma vida nova em qualquer lado – disse Paul. – E você também, julgo eu.

E comeu uma peça a Dawes.

– Num sei pra ond’hei-d’ir – disse o outro.

– As coisas têm de correr o seu curso – disse Morel. – Não adianta fazer nada... pelo menos... não, não sei... Dá-me um caramelo.

Comeram os dois caramelos, e começaram novo jogo.

– Que cicatriz é essa aí na boca? – perguntou Dawes.

Paul levou a mão rapidamente ao lábio, e olhou para o jardim.

– Foi um acidente de bicicleta.

A mão de Dawes tremeu ao mover a peça.

– Num te devias ter rido de mim – disse ele, muito baixinho.

– Quando?

– Naquela noite em Woodborough Road... quando tu e ela passaram por mim... tu levavas a mão por cima do ombro dela.

– Nunca me ri de ti – disse Paul.

Dawes conservava a mão em cima da peça.

– Só me apercebi de que eras tu quando passaste por nós – disse Morel.

Dawes moveu a peça.

– Foi isso que me lixou – disse ele, em voz baixa. Paul tirou outro caramelo.

– Nunca me ri de ti – disse ele. – Eu é que estou sempre a rir.

Acabaram o jogo.

Nessa noite, Morel voltou a pé de Nottingham para casa, só para ter alguma coisa que fazer. As fomalhas lançavam um clarão rubro sobre Bulwell, e as nuvens brancas adensavam-se num tecto baixo. Enquanto percorria as dez milhas que o separavam de casa, era como se a estrada o levasse para fora desta vida, entre o negrume da terra e dos céus. Mas, ao fundo da estrada, esperava-o apenas o quarto da doente. Mesmo que

caminhasse em direcção à eternidade, não tinha outro lugar para onde ir.

Quando se aproximava de casa, verificou que não estava cansado ou, pelo menos, não dava por isso. Ainda do meio do campo, avistou a luz vermelha da lareira a crepitar na janela do quarto.

«Quando ela morrer», pensou ele, «aquela lareira apaga-se.»

Descalçou as botas sem ruído e subiu a escada cautelosamente. A porta do quarto da mãe estava aberta de par em par, porque ela ainda dormia sem ninguém à cabeceira. O clarão da lareira relampejava no patamar. Fugaz como uma sombra, espreitou para dentro do quarto.

– Paul – disse ela, num murmúrio.

O seu coração soçobrou mais uma vez. Entrou e sentou-se à cabeceira dela.

– Chegaste tão tarde! – murmurou.

– Não é muito tarde – disse ele.

– Então que horas são? – O murmúrio soou como um lamento desesperado.

– Deram mesmo agora as onze horas.

Não era verdade, era quase uma da manhã.

– Oh – disse ela –, pensei que fosse mais tarde.

Paul conhecia o indizível sofrimento das noites da mãe, em que as horas teimavam em não passar.

– A minha pombinha não consegue adormecer? – disse ele.

– Não... não consigo – gemeu ela.

– Não faz mal, minha pequenina – disse ele, embalando-a – não faz mal, meu amor. Eu fico aqui meia hora ao pé da minha pombinha e tudo vai ficar bem.

E deixou-se ficar sentado à cabeceira dela, passando-lhe as pontas dos dedos pelas sobrancelhas, devagarinho, cadenciadamente, fechando-lhe os olhos e acalmando-a, apertando-lhe os dedos com a mão que tinha livre. Nos outros quartos ouvia-se a respiração das pessoas que dormiam.

– Agora vai para a cama – murmurou ela, repousando muito serena nos afagos dos seus dedos e do seu amor.

– Vai adormecer, não vai? – perguntou ele.

– Vou... acho que sim.

– A minha pequenina já se sente melhor, não sente?

– Já, sim! – disse ela, como uma criança assustada, e quase consolada.

Mais dias e semanas se passaram. Paul só muito raramente se encontrava com Clara, vagueando inquieto de um amigo para outro em busca de auxílio, mas sem o encontrar.

Miriam escrevera-lhe uma carta cheia de ternura, e ele foi visitá-la. Partiu-se-lhe o coração ao vê-lo tão pálido e tão magro, com uns olhos negros tão desamparados. A dor que sentiu ao vê-lo assim era quase insuportável.

– Como está ela? – perguntou ela.

– Na mesma... sempre na mesma – disse ele. – O médico diz que já é por pouco tempo... mas eu sei que não é. Ainda vai estar viva no Natal.

Miriam estremeceu. Puxou-o para si, apertou-o contra o peito, beijou-o e voltou a beijá-lo. Paul submeteu-se, mas aqueles beijos eram para ele uma tortura. Ela não podia dar-lhe beijos na agonia. Essa continuava sozinha e independente. Miriam, ao beijar-lhe as faces, alvoroçava-lhe o sangue, enquanto a alma se mantinha aparte, nas ânsias da agonia. Ela beijou-o e acariciou-lhe o corpo até que, por fim, sentindo-se à beira da loucura, ele se afastou. Não era aquilo que ele queria nesse momento... aquilo não. E ela a julgar que o tinha aliviado, que lhe tinha feito bem.

Dezembro chegou e com ele a neve. Paul passava agora todo o tempo que podia em casa, pois não tinham dinheiro para uma enfermeira. Annie veio de Sheffield para cuidar da mãe, e a enfermeira da paróquia, de quem eles gostavam muito, vinha de manhã e à noite. Paul tratava da mãe a meias com Annie. Muitas vezes, à noite, quando estavam com amigos na cozinha, riam com eles desbragadamente, às gargalhadas. Era uma reacção natural. Paul era tão engraçado e Annie tão singular. Riam até desatarem a chorar, tentando controlar-se. Mrs. Morel, sozinha na penumbra do seu quarto, ouvia-os e o pouco alívio que sentia mitigava-lhe a amargura.

Depois, Paul subia as escadas pé ante pé, cheio de remorsos, para ver se ela os tinha ouvido.

– Quer que lhe traga uma pinguinha de leite? – perguntava.

– Só um bocadinho – dizia ela, num gemido.

Ele misturava então água no leite, para que não a alimentasse tanto. Todavia, amava-a mais que a própria vida.

Ela tomava morfina todas as noites, e o coração já começara a falhar. Annie dormia ao lado dela. Paul rendia a irmã ao amanhecer, quando esta se levantava. De manhã, a mãe acordava apática e cor de cinza, da morfina. O sofrimento deixava-lhe os olhos cada vez mais negros, só pupila. De manhã, as dores e o cansaço tornavam-se insuportáveis, mas ela não podia, não queria chorar, e nem sequer se queixava muito.

– A minha pequenina hoje dormiu até mais tarde – disse Paul.

– Ah, sim? – respondeu ela, rabugenta do cansaço.

– Sim senhora... são quase oito horas.

Paul olhou lá para fora pela janela. Os campos estavam gelados e alvos, cobertos de neve. Tomou-lhe o pulso. Sentiu um batimento forte e outro fraco, como se fosse o som e o seu eco. Diziam que era o fim a aproximar-se. E ela deixou-o tomar-lhe o pulso, sabendo quais as suas intenções.

Por vezes, os seus olhos encontravam-se, e era quase como se entrassem num acordo. Como se ele concordasse em morrer também com ela. Mas ela não se deixava morrer... recusava-se. O seu corpo definhara à dimensão de um fragmento de cinza. Os seus olhos estavam negros, a transbordar de tortura.

– Não lhe pode dar nada que acabe com este sofrimento? – perguntou Paul ao médico, finalmente.

Mas o médico abanou a cabeça.

– Já não dura muitos dias, Mr. Morel – respondeu ele.

Paul voltou para dentro.

– Já não aguento isto muito mais... Vamos acabar por enlouquecer – disse Annie.

E sentaram-se os dois a tomar o pequeno-almoço.

– Vai fazer-lhe companhia enquanto tomamos o pequeno-almoço, Minnie – disse Annie. Mas a rapariga tinha medo.

Paul foi passear pelos campos e pelos bosques sobre a neve. Viu marcas de coelhos e de pássaros gravadas na neve branca. Caminhou milhas e milhas. Um pôr do Sol brumoso e avermelhado instalou-se lentamente, doloroso, demorado. Paul julgou morrer naquele dia. Nisto, um burro veio ter com ele, pela neve fora, junto à orla da floresta, e, dando-lhe marradinhas com a cabeça, acompanhou-o lado a lado. Ele passou os braços pelo pescoço do burrinho e roçou a face nas orelhas do animal.

A mãe, silenciosa, continuava viva, com a boca crispada num esgar de resistência e os olhos, negros da tortura, ainda vivos.

O Natal estava à porta; a neve continuou a cair. Annie e Paul sentiam que já não podiam suportar mais tanto sofrimento. E os olhos negros continuavam vivos. Morel, calado e assustado, desaparecia. De vez em quando, entrava no quarto da enferma e olhava para ela, mas logo se retirava, atordoado.

Mas ela mantinha o seu apego à vida. Os mineiros tinham feito greve e recomeçado a trabalhar mais ou menos uma semana antes do Natal. Minnie subiu a escada com a chávena de caldo. Foi dois dias depois de os homens terem voltado ao trabalho.

– Os homens têm-se queixado de terem as mãos gretadas, Minnie? – perguntou ela, num fio de voz queixoso, mas que não desistia. Minnie ficou surpreendida.

– Que eu saiba, não, Mrs. Morel – respondeu ela.

– Mas aposto que estão gretadas – disse a moribunda, virando a cabeça e soltando um suspiro de cansaço. Mas pelo menos esta semana já se podem fazer compras.

Não lhe escapava nada.

– As roupas da mina do teu pai precisam de ser arejadas, Annie – disse ela, quando os homens se preparavam para voltar ao trabalho.

– Não se preocupe com isso, mãezinha – disse Annie.

Uma noite, Annie e Paul estavam sozinhos na cozinha. A enfermeira estava lá em cima.

– Ela ainda vai passar do Natal – disse Annie. Estavam ambos horrorizados.

– Não vai, não – respondeu ele, sombrio. – Eu vou dar-lhe morfina.

– Quanta? – disse Annie.

– Toda a que veio de Sheffield – disse Paul.

– Faz isso... sim! – disse Annie.

No dia seguinte, Paul foi pintar para o quarto da mãe. Ela parecia dormitar. Ele andava para trás e para a frente, com passos leves, entregue à sua pintura. De repente, ela disse, num gemido ténue:

– Não andes para trás e para a frente, Paul.

Ele voltou-se para ela. Os seus olhos, dilatados como bolhas colocadas sobre a face, olhavam-no fixamente.

– Não, meu amor – disse ele docemente. E sentiu mais uma fibra dilacerar-se-lhe no coração.

Nessa noite, juntou todos os comprimidos de morfina que encontrou e levou-os para a cozinha. Com muito cuidado, reduziu-os a pó.

– Que estás a fazer? – perguntou Annie.

– Vou deitá-los no leite da noite.

E riram os dois em conjunto, como meninos travessos. No meio de tanto horror, brilhava ainda neles um raio de sanidade.

Nessa noite, a enfermeira não pôde vir tratar de Mrs. Morel. Paul subiu a escada com a chávena de leite quente com bico, própria para doentes acamados. Eram nove horas.

A mãe estava meio sentada na cama e ele levou-lhe a chávena aos lábios, àqueles lábios pelos quais de bom grado teria dado a vida para os poupar ao sofrimento. Ela bebeu um golinho e empurrou o bico para o lado, fitando-o com os seus olhos negros, intrigados. Ele olhou para ela.

– Oh, está tão amargo, Paul! – disse, fazendo uma careta.

– É o novo remédio para dormir que o médico me mandou dar-lhe – disse ele. – Ele acha que com isto amanhã de manhã vai estar melhor.

– Espero bem que sim – disse ela, parecendo uma criança.

E bebeu mais uma pinguiinha de leite.

– Mas isto é mesmo horrível! – disse ela.

Paul olhou para os seus dedos frágeis pousados na chávena, e para os lábios franzidos numa careta.

– Eu sei... provei um bocadinho – disse ele. – Mas depois trago-lhe leite simples.

– Está bem – disse ela, e continuou a beber. Obedecia-lhe como uma criança. Paul perguntava-se se ela teria percebido. Ficou a ver a garganta definhada mover-se com dificuldade enquanto ela engolia, e depois foi a correr à cozinha buscar mais leite. Não havia qualquer depósito no fundo da chávena.

– Ela bebeu tudo? – perguntou Annie, baixinho.

– Bebeu... e disse que estava amargo.

– Oh! – E Annie riu-se, mordendo o lábio inferior.

– E eu disse-lhe que era um remédio novo. Onde é que está o leite?

Foram os dois para cima.

– Porque será que a senhora enfermeira não me veio arranjar esta noite? – queixou-se Mrs. Morel, como uma criança, muito triste.

– Ela disse que ia a um concerto, mãezinha – respondeu Annie.

– Ah, sim?

Calaram-se por um instante. Mrs. Morel bebeu o leite puro.

– Annie, aquela mistela era horrível! – disse, queixosa.

– Era, mãezinha?... Pronto, deixe lá.

A mãe deu outra vez um suspiro de cansaço. O seu pulso estava muito irregular.

– Vamos lá prepará-la para dormir – disse Annie. – A senhora enfermeira é capaz de chegar muito tarde.

– Está bem – disse a mãe – Se fores capaz...

Puxaram a roupa da cama para trás. Paul viu a mãe enrolada como um bebé, com a sua camisa de flanela. Fizeram a cama de um lado rapidamente, viraram a mãe e fizeram a cama do outro, puxando-lhe em seguida a camisa para baixo de modo a tapar-lhe os pés, e cobriram-na de novo.

– Pronto – disse Paul, fazendo-lhe um afago. – Prontinho!... Agora faça por dormir.

– Sim, senhor... nunca pensei que fossem capazes de fazer a cama tão bem feita – disse ela, num tom quase bem-disposto. Depois, enrolou-se sobre si mesma com a cara encostada à mão e a cabeça enterrada entre os ombros. Paul puxou-lhe a fina trança grisalha para cima do ombro, e beijou-a.

– Agora, toca a dormir, minha linda – disse ele.

– Sim – disse ela, confiante. – Boa noite. Apagaram a luz e o quarto ficou em silêncio.

Morel já estava deitado. A enfermeira não chegou a aparecer. Annie e Paul vieram ver a mãe por volta das onze horas. Parecia estar a dormir, como acontecia depois de tomar o remédio. Tinha a boca ligeiramente entreaberta.

– Achas melhor ficarmos acordados? – perguntou Paul.

– Eu vou dormir no quarto dela, como faço sempre – disse Annie. – Ela pode acordar.

– Está bem... Mas chama-me se deres por alguma coisa.

– Está bem.

Deixaram-se ficar mais um pouco junto à lareira do quarto, os dois sozinhos no mundo, que lá fora a noite era negra e longa e a neve não parava de cair. Por fim, Paul foi para o seu quarto, mesmo ao lado, e deitou-se.

Adormeceu quase de imediato, mas, a princípio, acordava constantemente. Por fim, caiu num sono profundo. Acordou sobressaltado com Annie a chamá-lo: – Paul... Paul! – Abriu os olhos e viu a irmã de camisa branca de dormir e trança caída pelas costas abaixo, em pé na escuridão.

– Sim! – murmurou, sentando-se na cama.

– Vem cá ver.

Saltou da cama. Um bico de gás ardia no quarto da doente. Ela estava deitada com a cara encostada à mão e enrolada sobre si mesma, como quando adormecera. Mas agora tinha a boca aberta e fazia uns ruídos muito estranhos, como se ressonasse a grandes intervalos.

– Está a ir-se – murmurou ele.

– Pois está – disse Annie.

– Há quanto tempo está ela assim?

– Só acordei agora.

Annie estava toda encolhida, só com a camisa de dormir, e Paul embrulhou-se numa manta castanha. Eram três horas da manhã. Paul deitou mais lenha na lareira, e sentaram-se os dois no chão, à espera.

A mãe inspirou longa e ruidosamente, a respiração manteve-se suspensa, e depois expeliu o ar. Seguiu-se um intervalo, um longo intervalo. Nisto, estremeceram. De novo ela inspirou ruidosamente, como se ressonasse. Paul aproximou-se e olhou para ela.

– Isto é terrível! – sussurrou Annie.

Ele concordou, e sentaram-se de novo, completamente impotentes. Soou nova inspiração, profunda e ruidosa, e eles uma vez mais ficaram em suspenso. E de novo o ar saiu, com um som roufêno e prolongado. O ruído ecoava por toda a casa a intervalos irregulares. Morel continuava a dormir no seu quarto. Paul e Annie estavam sentados no chão, frente à lareira, enroscados e imóveis. O estertor recomeçou, seguido de nova pausa dolorosa enquanto a respiração esteve suspensa, para logo ser retomada com redobrada rouquidão. Os minutos passavam. Paul voltou a olhar para a mãe, debruçando-se sobre ela.

– É bem capaz de continuar assim ainda por muito tempo – disse ele.

Calaram-se os dois. Paul olhou lá para fora e mal conseguia discernir a neve no jardim.

– Volta para a cama – disse ele à irmã. – Eu fico ao pé dela.

– Não – disse ela. – Eu fico aqui contigo.

– É melhor não ficares.

Por fim, Annie saiu do quarto devagarinho, e Paul ficou sozinho, enrolado no cobertor castanho, sentado no chão em frente da mãe, a olhar para ela. Mrs. Morel metia medo, com o maxilar inferior tão descaído. Paul não tirava os olhos dela. Por vezes, pensava que ela não ia voltar a inspirar. A espera era insuportável. Mas logo o estertor recomeçava, intempestivo. Deitou mais lenha na lareira, sem fazer barulho. Não queria perturbá-la. Os minutos passavam. A noite esvaía-se, estertor a estertor. De cada vez que o som rouco se fazia ouvir, Paul sentia apertarem-se-lhe as entranhas, até que por fim se foi habituando.

O pai levantou-se. Paul ouviu o mineiro a arrastar as meias pelo chão, com um sonoro bocejo. Morel entrou no quarto só com as meias e em mangas de camisa.

– Chiu! – disse Paul.

Morel ficou de pé, a olhar. Depois, virou-se para o filho, impotente e horrorizado.

– Achas melhor eu ficar em casa? – bichanou.

– Não... Pode ir trabalhar... ela ainda dura até amanhã.

– Não me parece.

– Dura, sim. Vá trabalhar.

O mineiro olhou para ela outra vez, a medo, e saiu do quarto obedientemente. A presilha das ligas batia-lhe de encontro às pernas.

Meia hora depois, Paul foi à cozinha beber uma chávena de chá e voltou para cima. Morel, já ataviado para ir a mina, voltou ao quarto outra vez.

– Achas que vá?

– Vá, sim.

Daí a poucos minutos, Paul ouviu as passadas pesadas do pai amortecidas pela neve. Na rua soaram vozes a chamá-lo, de mineiros que, em grupos saíam para o trabalho. O terrível estertor, longamente sustido, continuou – arfava... arfava... depois uma longa pausa... e, depois, Ah-Ah-h-h-h-h!, quando expulsava o ar. Ao longe, perdidas na neve, soavam as sirenes das forjas. Uma após outra, apitavam e silvavam, umas sumidas e distantes, outras bem próximas e estridentes, as das minas e demais fábricas. Fez-se silêncio. Paul atijou o lume. Só a respiração arfante quebrava o silêncio. Ela continuava na mesma. Ele correu um pouco a persiana e espreitou lá para fora. A escuridão continuava, talvez temperada por um vislumbre de claridade. Talvez a neve estivesse mais azulada. Paul puxou a persiana e vestiu-se. Depois, a tremer, bebeu um trago de aguardente da garrafa que estava junto ao lavatório. A neve estava cada vez mais azul. Ouviu uma carroça desengonçar-se pela rua abaixo. Já eram sete da manhã e o dia começava a clarear. Ouviu gente gritar. O mundo acordava. Sobre a neve, como quem rasteja, avançava uma alvorada cínzea, cor da morte. Sim, já conseguia ver as casas. Apagou o bico de gás. Parecia-lhe estar ainda muito escuro. O estertor continuava, mas ele

já estava quase habituado. Conseguia vê-la de onde estava. Continuava na mesma. Paul pensou se não seria melhor colocar-lhe um monte de roupa sobre a cara; o peso poria fim àquela respiração aflitiva. Olhou para a mãe. Aquilo já não era ela... nem por sombras. E, se ele lhe pusesse o cobertor e um monte de roupa por cima da cara...

De repente, a porta abriu-se e Annie entrou, olhando para o irmão, inquiridora.

– Na mesma – disse ele, calmamente.

Trocaram palavras em segredo durante um breve minuto, e depois ele foi à cozinha tomar o pequeno-almoço. Faltavam vinte minutos para as oito. Annie desceu também logo a seguir.

– Não é horrível?... Não a achas horrível? – murmurou, aturdida de pavor.

Ele acenou afirmativamente.

– Se ela continuar assim...! – disse Annie.

– Bebe uma pinguinha de chá – disse ele.

Voltaram para cima. Em breve começaram a chegar as vizinhas com a temível pergunta:

– Como está ela?

Mas tudo continuava na mesma. Ela, deitada com a cara apoiada sobre a mão, a boca escancarada e o vaivém pavoroso, interminável, do estertor.

Às dez horas chegou a enfermeira. Mostrou-se confusa e desolada.

– Senhora enfermeira! – gritou Paul. – Ela vai ficar assim dias e dias!

– Não pode, Mr. Morel – disse a enfermeira. – Ela não pode.

Fez-se silêncio.

– Não é pavoroso? – disse a enfermeira, chorosa. – Quem havia de dizer que ela ia aguentar tanto?... Agora, vá para baixo, Mr. Morel, vá para baixo.

Eram perto de onze horas quando ele finalmente desceu as escadas e foi para casa de uma vizinha, à espera. Annie também veio para baixo. Lá em cima ficaram apenas a enfermeira e Arthur. Paul aguardava, sentado com a cabeça entre as mãos. Subitamente, Annie atravessou o pátio a gritar, como louca:

– Paul... Paul... ela foi-se embora!

Num segundo, Paul estava de novo em casa, no quarto da mãe. Ela estava deitada, enrolada sobre si mesma e imóvel, com a cara apoiada na mão, e a enfermeira a limpar-lhe a boca. Todos se afastaram. Paul ajoelhou-se, encostou a cara dele à dela e abraçou-a.

– Meu amor... meu amor... oh, meu amor! – murmurou uma e outra vez. – Meu amor... oh, meu amor!

Nesse momento, ouviu a enfermeira dizer atrás de si, com voz chorosa:

– Ela está melhor assim, Mr. Morel. Está melhor assim.

Paul levantou a cabeça do corpo morto da mãe, ainda quente, foi direito ao andar de baixo e pôs-se a engraxar as botas.

Havia muito o que fazer, cartas para escrever, as coisas do costume. O médico chegou, olhou para ela e suspirou.

– Ah, pobrezinha – disse, retirando-se em seguida. – Bem, passe pelo meu consultório por volta das seis, para ir buscar a certidão de óbito.

O pai chegou do trabalho cerca das quatro da tarde. Entrou silenciosamente, alquebrado, e sentou-se. Minnie apressou-se a dar-lhe o jantar. Extenuado, apoiou os braços enfarruscados em cima da mesa. O jantar era nabos guisados, um prato que ele apreciava. Paul perguntava-se se ele já saberia. Já se passara um bom bocado e ninguém dissera uma palavra. Por fim, o filho disse:

– Não viu as persianas descidas?

Morel levantou os olhos.

– Não! – disse ele. – Porquê... ela já se foi?

– Já.

– Quando?

– Esta manhã, por volta do meio-dia.

– Hum!

O mineiro permaneceu imóvel por um momento, e começou a comer, como se nada tivesse acontecido. Comeu os nabos em silêncio. Quando terminou, lavou-se e foi para o quarto para se vestir. A porta do quarto dela estava fechada.

– Foi vê-la? – perguntou Annie quando ele desceu.

– Não – disse ele.

Daí a pouco, saiu. Annie foi-se embora e Paul foi falar com o cangalheiro, o cura, o médico e o oficial do registo. Havia muita coisa a tratar. Só voltou perto das oito. O cangalheiro não tardava, para tirar as medidas. A casa estava vazia, à excepção dela. Paul pegou numa vela e subiu as escadas.

O quarto, lugar de aconchego durante tantos anos, estava agora gelado. Flores, garrafas, pratos, todas as tralhas típicas de um quarto de doente já tinham sido retiradas. Tudo era agreste e austero. Ela estava deitada na cama, ligeiramente soerguida, e o lençol, alçado em bico sobre os pés, descia silencioso, como vertente nevada. Ela jazia, qual bela adormecida. Ele debruçou-se sobre o corpo, sem pousar a vela. Ela jazia, qual bela adormecida a sonhar com o seu amado. A boca estava entreaberta, como se perplexa perante tanto sofrimento, mas o seu rosto era de donzela, e a testa estava desanuviada e branca, como se intocada pela vida. Paul olhou uma vez mais para as sobrancelhas e para o nariz pequenino e arrebitado, ligeiramente ao lado. Ela recuperara a juventude. Apenas o cabelo, airosamente arqueado sobre as têmporas, se mesclava de prata, e as duas tranças que lhe caíam nos ombros eram filigrana de fios castanhos e prateados. Ela ia acordar a

todo o momento. Ia erguer as pálpebras. Ainda estava com ele. Ele baixou-se e beijou-a com paixão. Mas a sua boca tocou em algo gélido. Paul mordeu o lábio, horrorizado. Olhou para ela e sentiu que nunca, nunca poderia deixá-la partir. Nunca! Alisou-lhe o cabelo sobre as têmporas. Também elas estavam geladas. Depois reparou na boca estupefacta, espantada de tanto sofrimento. Acocorou-se então no chão, e sussurrou-lhe:

– Mãe... Mãe!

Ainda estava ao lado dela quando os cangalheiros chegaram, uns rapazes que tinham andado com ele na escola. Pegaram nela com reverência, com gestos serenos, profissionais, e nem para ela olharam. Ele observou-os, ciumento. Paul e Annie guardaram-na ciosamente, não deixando que ninguém a visse, o que muito ofendeu a vizinhança.

Pouco depois, Paul saiu de casa e foi jogar cartas para casa de um amigo. Era meia-noite quando voltou. O pai levantou-se do sofá ao ouvi-lo entrar, e disse, em tom de lamento:

– Julgava que num vinhas mais, rapaz.

– Não pensei que fosse esperar por mim – disse Paul.

O pai parecia um farrapo. Morel tinha sido um homem destemido – nada lhe metia medo. E agora, Paul via com surpresa que ele tivera medo de ir para a cama, e ficar sozinho em casa com a sua morta, e sentiu dó.

– Esqueci-me de que o pai estava sozinho.

– Queres comer alguma coisa? – perguntou Morel.

– Não.

– Assenta-te... Aqueci-te um bocado de leite. Despeja-o lá pra dentro, que com este frio vai-te saber bem.

Paul bebeu o leite.

– Amanhã tenho de ir a Nottingham – disse ele. Passado algum tempo, Morel foi deitar-se. Passou de fugida pela porta fechada e deixou a do seu quarto aberta. Pouco depois, o filho veio também para cima, entrando no quarto da mãe para lhe dar um beijo de boas-noites, como sempre fazia. O quarto estava frio e escuro. Paul pensou que seria bom terem deixado a lareira acesa. Ela continuava a sonhar os seus sonhos de menina, mas já devia estar fria.

– Minha querida! – murmurou ele. – Minha querida!

Mas não a beijou, com medo de a encontrar fria e não a reconhecer. Era para ele um alívio vê-la a dormir tão serena. Fechou a porta de mansinho, para não a acordar, e foi ele próprio deitar-se.

De manhã, Morel ganhou coragem ao ouvir Annie e Paul a tossirem no quarto do lado oposto do patamar. Abriu a porta e entrou no quarto às escuras. Divisou na penumbra a figura branca, soerguida, mas não se atreveu a olhar para ela. Impressionado, demasiado assustado para conservar intactas as suas faculdades, saiu do quarto em seguida,

abandonando-a. Não voltou a olhar para ela. Há meses que não a via, pois não se atrevia a olhá-la. E ela parecia a sua noiva de outros tempos.

– Já a viu? – perguntou-lhe Annie, sem rodeios, depois do pequeno-almoço.

– Já – disse ele.

– E não acha que está bonita?

– Acho.

Morel saiu de casa logo a seguir. Parecia querer esquivar-se a todo o custo, para fugir à ideia.

Paul passou a manhã na cidade, de um lado para o outro, a tratar do funeral. Em Nottingham, encontrou Clara e foram tomar chá juntos, num café, mostrando-se os dois muito bem-dispostos. Era para ela um imenso alívio ver que ele aceitava o acontecimento sem tragédias.

Mais tarde, quando os parentes começaram a chegar para o funeral, o acontecimento perdeu toda a intimidade e os filhos tornaram-se alvo do assédio social, procurando escapar-se aos contactos o mais possível. Enterraram-na sob uma tempestade impiedosa de chuva e ventania. A terra molhada reluzia, as flores estavam ensopadas. Annie agarrou-se ao braço de Paul e inclinou-se para a frente. No fundo da cova, viu um canto negro do caixão de William. A caixa de carvalho afundou-se no buraco. A mãe tinha partido. A chuva caía sobre a campa. O cortejo, vestido de negro e de chapéus de chuva abertos e luzidios, retrocedeu. O cemitério ficou deserto, empapado de chuva fria.

Paul voltou para casa e manteve-se ocupado a servir bebidas a toda a gente. O pai foi sentar-se na cozinha com os parentes de Mrs. Morel, tudo gente «da alta». Chorava e repetia como ela tinha sido uma cachopa e pêras e como ele tinha tentado fazer tudo por ela – tudo. Lutara a vida inteira para lhe dar tudo o que podia, e nunca fizera nada de que pudesse agora arrepender-se. Ela partira, mas ele fizera por ela tudo o que podia. E ia limpando os olhos com o lenço branco. Não tinha nada a censurar-se, repetia. Toda a vida fizera por ela tudo o que podia.

Era assim que tentava afastá-la do pensamento. Nunca pensava nela pessoalmente. Recusava os sentimentos profundos. Paul odiava ver o pai ali sentado a dramatizar a morte da mãe, e sabia que ele iria fazer o mesmo pelas tabernas, pois, por mais que o pai se negasse a aceitá-lo, desenrolava-se no seu íntimo uma verdadeira tragédia. Algumas vezes, mesmo já passado algum tempo, aparecia na cozinha depois da sesta muito branco e amedrontado.

– Sonhei com a tua mãe – dizia ele, a medo, com a voz sumida.

– Sonhou, pai?... Quando eu sonho com ela é exactamente como quando ela estava boa. Sonho com ela muitas vezes, mas é uma coisa natural, bonita, como se nada tivesse mudado.

Mas Morel acorava-se diante do lume, aterrorizado.

As semanas foram passando, entre o sonho e a realidade, sem muita dor, sem muito de

coisa nenhuma, talvez com algum alívio, como uma noite passada em claro. Paul corria inquieto de um lado para o outro. Há vários meses, desde que a mãe piorara, que não fazia amor com Clara. Ela mostrava-se fechada, distante. Dawes via-a de vez em quando, mas nem um nem outro conseguiam encurtar o fosso intransponível que os separava. E, assim, seguiam os três à deriva.

Dawes recompunha-se muito devagar. No Natal, ainda estava na casa de repouso de Skegness, mas já quase recuperado. Paul foi passar uns dias junto ao mar. O pai estava com Annie em Sheffield. Dawes, que entretanto tinha tido alta da casa de repouso, foi procurar Paul à casa da praia. Parecia existir entre os dois homens uma fidelidade genuína, apesar da grande reserva. Dawes dependia muito de Paul e sabia que ele e Clara estavam praticamente separados.

Dois dias depois do Natal, Paul devia voltar para Nottingham. Na véspera à noite, estava ele sentado com Dawes à lareira, a fumar, quando disse:

– Não sei se sabes que a Clara vem cá passar o dia amanhã?

O outro olhou-o de relance.

– Sei, já me disseste – respondeu.

Paul acabou de beber o uísque que tinha no copo, e continuou:

– Eu disse à senhoria que a tua mulher ia chegar.

– Ah, sim? – disse Dawes, retraindo-se, mas entregando-se nas mãos do outro. Levantou-se muito hirto e estendeu a mão para o copo de Morel.

– Vou-t’encher o copo outra vez – disse ele.

– Deixa-te estar – disse Paul.

Mas Dawes, com as mãos muito trémulas, continuou a preparar a bebida.

– Quando chegar, diz.

– Está bem assim, obrigado! – respondeu o outro. – Mas não te faz bem levantares-te.

– Faz, sim, homem – retorquiu Dawes. – Acho que já me sinto bem outra vez.

– E se calhar estás mesmo, sabes.

– Tou, pois, isso é qu’eu tou – disse Dawes, acenando afirmativamente.

– O Len diz que te arranja trabalho em Sheffield.

Dawes olhou para Paul novamente de relance, com uns olhos escuros que concordavam com tudo o que o outro dizia, talvez até um pouco dominados por ele.

– Tem piada – disse Paul – começar de novo!... Eu sinto-me muito mais confuso do que tu.

– Como assim, rapaz?

– Não sei. Não sei. É como se estivesse no fundo dum buraco muito escuro e desolado,

sem ter por onde sair.

– Eu sei... eu entendo – disse Dawes, meneando a cabeça. – Mas vais ver qu’isso passa. Falava num tom afectuoso.

– Acho que sim – disse Paul.

Dawes sacudiu o cachimbo, num gesto de desalento.

– Mas tu não estás arrumado, como eu – disse ele.

E Morel reparou no pulso e na mão do outro, muito branca, agarrada à haste do cachimbo, a sacudir a cinza como se tivesse desistido de viver.

– Que idade tens? – perguntou Paul.

– Trinta e nove – respondeu Dawes, olhando-o de fugida.

Aqueles olhos castanhos perturbaram Paul. Eram uns olhos castanhos plenamente conscientes do fracasso, quase implorando a palavra amiga que pudesse redimir o homem, acarinhá-lo, pô-lo de novo de pé.

– Estás um jovem – disse Morel. – Ninguém dirá que a vida já te pregou das boas.

Os olhos castanhos do outro brilharam num lampejo súbito.

– E não pregou – disse ele. – Mas vai pregar!

Paul riu-se e levantou os olhos.

– Nós dois ainda estamos cheios de vida, para levar tudo de vencida à nossa frente – disse ele.

Os olhos dos dois homens encontraram-se. Trocaram um só olhar e, reconhecendo o ímpeto da paixão em cada peito, ambos beberam o seu uísque.

– Deus te oiça! – disse Dawes, sem fôlego. Seguiu-se uma pausa.

– Não vejo razão para não retomares a vida do sítio onde paraste – disse Paul.

– O quê...! – disse Dawes, intencionalmente.

– Isso mesmo... refazeres o lar desfeito. – Dawes tapou a cara e abanou a cabeça.

– Isso não é possível – disse ele, olhando para Paul com um sorriso irónico.

– Porquê?... Porque tu não queres?

– Talvez.

Foram puxando fumaças em silêncio. Dawes mordida o cachimbo, mostrando os dentes.

– Queres dizer com isso que não a queres de volta? – perguntou Paul.

Dawes fitou o quadro pendurado na parede com uma expressão cáustica.

– Nem eu mesmo sei.

O fumo subia leve e pairava no ar.

– Eu acho que ela te quer de volta – disse Paul.

– Achas mesmo? – perguntou o outro, manso, satírico, ausente.

– Sim senhor... Ela nunca se prendeu realmente a mim... Tu estavas lá sempre, ao fundo. Foi por isso que ela nunca pediu o divórcio.

Dawes continuou a olhar fixamente, satiricamente para o quadro que encimava a chaminé.

– Comigo as mulheres são todas assim – disse Paul. – Ficam loucas por mim, mas não querem ser verdadeiramente minhas... E ela foi tua o tempo todo. E eu sabia-o...

O macho triunfante emanou de Dawes. Mostrava agora os dentes com mais afoiteza.

– Talvez eu tenha sido otário – disse ele.

– Tu... otário! – disse Morel.

– Mas, bem vistas as coisas, talvez tu tenhas sido um otário ainda maior – disse Dawes.

Havia nas suas palavras um toque de malícia e de triunfo.

– Se é assim que pensas! – disse Paul. Ficaram calados por algum tempo.

– Seja como for, amanhã vou-me embora – disse Morel.

– Estou a perceber – respondeu Dawes.

A conversa ficou por aí. A vontade de se matarem um ao outro estava de volta. Quase evitavam cruzar-se.

Partilhavam o mesmo quarto. Quando foram deitar-se, Dawes parecia ausente, absorto em pensamentos. Sentou-se na beira da cama em mangas de camisa, a olhar para as pernas.

– Não tens frio? – perguntou Morel.

– Estava a olhar pràs minhas pernas – respondeu o outro.

– O que é que têm? Não vejo nada de especial – disse Paul, da cama.

– Estão bem... mas ainda têm muita água lá dentro.

– E depois?

– Vem cá ver.

Paul levantou-se contrariado para ir ver as pernas bem torneadas do outro homem, cobertas de pêlos castanho-dourados, muito brilhantes.

– Ora vê – disse Dawes, apontando para a canela. – Vê lá a água que elas têm.

– Onde? – perguntou Paul.

O outro carregou na perna com as pontas dos dedos, enchendo-a de covinhas que gradualmente desapareceram.

– Isso não é nada – disse Paul.

– Ora apalpa! – disse Dawes.

Paul experimentou. Voltaram a aparecer as tais covinhas.

– Hum! – disse ele.

– Um nojo, não é? – disse Dawes.

– Essa agora... porquê?... Isso não é grave.

– Não se pode ser grande coisa com tanta água nas pernas.

– Não vejo que diferença faz – disse Morel. – Eu sou fraco dos pulmões.

E voltou para a cama.

– Penso que o resto do corpo está bem – disse Dawes, apagando a luz.

O dia amanheceu chuvoso. Morel fez a mala. O mar estava cor de chumbo, revoltado e sombrio. Paul parecia afastar-se da vida cada vez mais, o que fazia com perverso prazer.

Os dois homens foram para a estação. Clara desceu do comboio e caminhou pela plataforma, muito direita e com fria reserva. Envergava um casaco comprido e um chapéu de tweed. Ambos detestaram ver tanta compostura. Paul apertou-lhe a mão junto à grade. Dawes deixou-se ficar encostado ao quiosque, a observá-los. Tinha o sobretudo preto abotoado até ao queixo por causa da chuva. Estava pálido e dava mostras de uma serenidade que quase tocava as raias da nobreza. Avançou para eles, coxeando ligeiramente.

– Já devias estar com melhor aspecto – disse ela.

– Oh, eu já estou bom.

Ficaram os três sem saber o que dizer. Ela mantinha os dois homens ao seu lado, hesitantes.

– Vamos directos para casa – disse Paul – ou preferem fazer outra coisa?

– Já agora, o melhor é irmos para casa – disse Dawes. Paul caminhava pela beira do passeio, depois Dawes e por fim Clara. Trocavam palavras circunstanciais. A saleta estava virada ao mar, cuja maré, plúmbea e alterosa, rugia a curta distância. Morel puxou a poltrona.

– Senta-te, homem – disse ele.

– Não quero essa poltrona – respondeu Dawes.

– Senta-te lá – repetiu Morel.

Clara tirou o chapéu e o casaco e pousou-os no sofá. Parecia ligeiramente ressentida. Levantou o cabelo com os dedos e sentou-se com altivez e compostura. Paul foi ao andar de baixo falar com a senhoria.

– Deves estar com frio – disse Dawes para a mulher. – Chega-te mais para o lume.

– Obrigada, estou muito bem assim – disse ela, pondo-se a olhar lá para fora, para a

chuva e para o mar.

– Quando é que te vais embora? – perguntou ela.

– Bem... os quartos estão alugados até amanhã, e ele quer que eu fique. Ele vai-se embora esta noite.

– E depois pensas voltar para Sheffield?

– Sim.

– Já te sentes capaz de voltar ao trabalho?

– Vou já recomeçar.

– E já tens trabalho?

– Tenho... começo na segunda-feira.

– Mas não me pareces ainda completamente bem.

– Porquê?

Ela, porém, voltou a olhar para a janela em vez de responder.

– E já arranjaste alojamento em Sheffield?

– Já.

Clara olhou de novo para a janela. As vidraças estavam embaciadas da chuva que escorria.

– Achas que consegues dar conta de tudo? – perguntou ela.

– Claro. Não tenho outro remédio! – Estavam os dois calados quando Morel entrou.

– Vou apanhar o das quatro e vinte – disse Paul, mal entrou na sala. Ninguém lhe respondeu.

– Acho melhor tirares as botas – disse, voltando-se para Clara. – Tenho ali as minhas pantufas!

– Obrigada – disse ela. – Não tenho os pés molhados.

Ele colocou as pantufas perto dos pés dela. Ela deixou-as ficar.

Morel sentou-se. Os dois homens pareciam perdidos, acossados. Mas, enquanto Dawes mantinha a calma, parecendo perfeitamente controlado, Paul parecia remeter-se para dentro de si próprio. Clara não se lembrava de o ter visto com um ar tão insignificante e miserável. Era como se procurasse a todo o custo enfiar-se no buraco mais pequeno que encontrasse. E, enquanto andava de um lado para o outro a arrumar as coisas que faltavam, ou enquanto se sentava a conversar, algo nele soava a falso, destoava. Observando-o sem que ele se apercebesse, Clara reparou na total ausência de estabilidade de que Paul dava mostras. Era fantástico à sua maneira, apaixonado e capaz de lhe dar a provar a verdadeira essência da vida, quando queria. Mas agora parecia mesquinho, insignificante. Nada nele era estável. Havia no marido dela mais virilidade, mais

dignidade. Esse pelo menos não se deixava levar pela mais leve brisa. Havia em Morel algo de precário, pensava ela, algo de inconstante e falso. Ele nunca daria firmeza a uma mulher, e ela desprezava-o sobretudo pela sua tendência para se retrair, se amesquinhar. O marido, pelo menos, era viril e sabia render-se quando vencido. Mas Paul jamais admitiria uma derrota. Daria voltas e mais voltas, à deriva, cada vez mais insignificante. Desprezava-o. No entanto, observava-o com mais atenção que a Dawes, e era como se o destino dos três estivesse nas mãos dele. Só por isso, ela odiava-o.

Clara parecia compreender agora melhor os homens, o que podiam ou queriam fazer. Receava-os menos, sentia-se mais segura de si, e era reconfortante saber que não eram tão egoístas e mesquinhos como os tinha imaginado. Tinha aprendido muito com ele, quase tudo o que quisera. Tivera a sua conta. Mais não teria podido suportar. Feitas as contas, não se podia queixar quando ele partisse.

Almoçaram e sentaram-se à lareira a partir nozes e a beber. Nada de sério fora dito. Todavia, Clara percebeu que Morel se retirava, deixando-lhe a opção de ficar com o marido, e isso irritava-a. Afinal, ele era um tipo perverso – aproveitara-se dela o quanto quisera e agora devolvia-a. Não se lembrava, porém, de que também ela se aproveitara dele o quanto quisera, e de que, bem no fundo do seu íntimo, até queria que ele a devolvesse.

Paul sentia-se amarfanhado e solitário. A mãe era realmente quem lhe dava forças para viver. Amara-a, tinham na verdade enfrentado o mundo juntos. Agora que ela partira, deixara para sempre atrás dele aquela fenda aberta na vida, aquele rasgão no véu, por onde a sua vida parecia escoar-se mansamente, arrastada para a morte. Paul queria alguém que o ajudasse de sua espontânea vontade. Passou a deixar escapar as pequenas coisas da vida, com medo dessa outra coisa maior, do lento aproximar da morte, na esteira da sua amada. Clara não suportava servir-lhe de arrimo. Queria-o, mas não para ter de o entender. E ele sentia que o que ela queria era o homem superficial, não o homem verdadeiro, o que precisava de ajuda. Seria incómodo de mais para ela, ele não lhe exigiria tanto. Ela não o entendia e isso deixava-o envergonhado. Assim, secretamente envergonhado pela situação desesperada em que se encontrava, pela falta de firmeza com que enfrentava a vida, pela falta de apoios que sentia, e por se sentir inconsistente e vago, como se pouco préstimo tivesse neste mundo de situações concretas, acabara por se retrair interiormente e se reduzir a proporções cada vez mais ínfimas. Não queria morrer, não iria desistir. Mas também não tinha medo da morte. Se ninguém o ajudasse, enfrentá-la-ia sozinho.

Dawes fora empurrado a tais extremos da existência que se tornara medroso. Podia assomar-se ao limiar da morte, deitar-se à beira da vida e contemplar a morte. Mas depois, acobardado, amedrontado, recuava e, como um mendigo, aceitava o que quer que lhe oferecessem. Havia nele contudo uma certa nobreza. Como Clara muito bem observava, reconhecia a derrota e queria que o aceitassem de volta, fosse como fosse. E isso estava ao alcance dela.

Eram três horas da tarde.

– Vou apanhar o das quatro e vinte – disse Paul a Clara uma vez mais. – Vens neste, ou vais mais tarde?

– Não sei – respondeu ela.

– Vou encontrar-me com o meu pai em Nottingham às sete e um quarto – disse ele.

– Nesse caso, vou mais tarde – disse ela.

Dawes foi sacudido por um tremor súbito, como se tivesse es-tado sujeito a uma grande tensão. Olhou para o mar, mas não via nada.

– Estão ali ao canto um ou dois livros que eu já não quero – disse Morel.

Partiu por volta das quatro horas.

– Vemo-nos mais tarde – disse, apertando-lhes a mão.

– Acho que sim – disse Dawes. – E... quem sabe... talvez um dia eu te possa pagar o que...

– Eu apareço para ir buscar a paga, não te preocupes – gracejou Paul. – Estou sem cheta, não tarda...

– Se é assim... – disse Dawes.

– Adeus! – disse Paul a Clara.

– Adeus – disse ela, estendendo-lhe a mão. Depois, olhou-o de fugida pela última vez, muda e contrita.

Ele partiu. Dawes e a mulher sentaram-se outra vez.

– Está um dia miserável para viajar – disse o marido.

– Pois está – concordou ela.

Conversaram sem parar até ao cair da noite. A senhoria trouxe-lhes chá. Dawes puxou a cadeira para junto da mesa, sem esperar pelo convite, numa atitude de marido, ficando à espera da chávena humildemente. Ela serviu-o, como qualquer mulher faria, sem lhe perguntar como queria o chá.

Quando terminaram, perto das seis horas, Dawes foi à janela. Lá fora era noite fechada. O mar rugia.

– Ainda está a chover – disse ele.

– Ah, está? – observou ela.

– Não te vais embora esta noite, pois não? – perguntou ele, titubeante.

Ela não respondeu. Ele aguardou.

– Eu cá não me metia a uma chuvarada destas – disse ele.

– Queres que eu fique? – perguntou ela.

As mãos dele tremeram, agarradas ao cortinado escuro.

– Quero – respondeu ele.

Dawes conservou as costas voltadas para ela. Clara levantou-se e aproximou-se dele

devagar. Ele largou o cortinado e voltou-se para ela, hesitante. Ela estava de pé, de mãos atrás das costas, a olhar para ele com uma expressão grave, imperscrutável.

– Queres-me, Baxter? – perguntou.

A voz dele soou rouca ao responder:

– Queres voltar para mim?

Ela soltou um gemido, ergueu os braços e colocou-os à volta do pescoço dele, puxando-o para si. Ele escondeu a cara no ombro dela, apertando-a com força.

– Aceita-me! – sussurrou ela, em êxtase. – Aceita-me de volta! – E passou-lhe os dedos entre os finos cabelos negros, num estado de semi-inconsciência. Ele apertava-a cada vez mais contra o peito.

– Queres que volte para ti outra vez? – murmurou ele, rendido.

À DERIVA

CLARA FOI com o marido para Sheffield e Paul só raramente voltou a encontrá-la. Walter Morel parecia vergado ao peso das dificuldades, arrastando-se pela lama sem esperança de melhores dias. Entre pai e filho quase nada havia que os ligasse, a não ser o dever que cada um sentia de não deixar o outro passar necessidades. Como não havia ninguém para cuidar da casa e nenhum deles suportava a solidão daquela casa vazia, Paul arranhou alojamento em Nottingham e Morel foi viver para Bestwood, com uns amigos.

A vida do jovem parecia uma derrocada total. Não conseguia pintar. O quadro que acabara de pintar no dia da morte da mãe, e com o qual ficara muito satisfeito, fora a última coisa que fizera. No emprego já não tinha a Clara e, quando chegava a casa, não conseguia pegar nos pincéis. Já nada lhe restava.

Passava por isso o tempo na cidade, por aqui e por ali, a beber e a conversar com amigos e conhecidos, até já não suportar mais a rotina. Metia conversa com as criadas dos bares, com quase todas as mulheres, mas os seus olhos tinham a expressão estranha e sombria de quem persegue alguma coisa.

Tudo lhe parecia tão diferente, tão irreal. Não parecia fazer sentido que andasse gente pelas ruas e as casas se amontoassem ao sol. Não parecia fazer sentido que estas coisas ocupassem tanto espaço, em vez de o deixarem vazio. Quando os amigos falavam, ele ouvia os sons e respondia-lhes, mas sem perceber por que razão havia de existir a fala.

Sentia-se mais ele próprio sempre que estava sozinho ou a trabalhar na fábrica, árdua e mecanicamente. Neste último caso, o esquecimento era total e perdia a consciência. Mas este estado de coisas tinha de acabar. Era tanto o sofrimento que as coisas tinham perdido para ele a sua condição real. Chegaram os primeiros flocos de neve. Viu-os sob o céu de chumbo, caindo em gotas, como pérolas. Noutros tempos tê-lo-iam excitado de emoção. Agora, estavam ali, mas não pareciam ter para ele qualquer significado. Dentro de breves momentos deixariam de existir e só ficaria o espaço que eles tinham ocupado. Os grandes eléctricos cruzavam a noite, imponentes e brilhantes. Era quase espantoso como se entregavam a tão ruidoso vaivém. «Para que se darão vocês ao trabalho de ir por aí abaixo até Trent Bridge?», perguntava ele aos grandes eléctricos. Parecia que tanto se lhe dava que existissem como não.

De tudo, o que lhe parecia mais real era a espessa escuridão da noite. Essa afigurava-se-lhe verdadeira, compreensível e repousante. A essa podia entregar-se. De súbito, um pedacinho de papel saltou junto aos seus pés e rolou pelo passeio, levado pelo vento. Ele ficou imóvel, rígido, de punhos cerrados, devorado pela chama da agonia. E viu de novo o quarto, a mãe doente, os olhos dela. Inconscientemente, tinha estado com ela, na companhia dela. Mas o movimento brusco do papel lembrara-lhe que ela já tinha par-tido. No entanto, ele estivera com ela e queria que o mundo parasse para poder estar com ela outra vez.

Passaram-se os dias, as semanas, e tudo parecia ter-se fundido numa massa informe. Não distinguia um dia do outro, uma semana da outra; quase não distinguia os lugares uns dos outros. Nada era distinto ou distinguível. Muitas vezes se perdia durante uma hora, não conseguindo lembrar-se do que tinha feito.

Uma noite voltou tarde para casa. O fogo crepitava lento e já todos se tinham ido deitar. Pôs mais carvão na lareira, olhou para a mesa e resolveu que lhe apetecia comer. Sentou-se então no cadeirão de braços. Tudo estava estático. Não reconhecia nada, mas via o fumo elevar-se indistintamente na chaminé, ao longe. Dois ratos saíram do seu buraco e vieram, cheios de cautelas, comer as migalhas caídas no chão. Ele olhava-os como se de muito longe. O relógio da igreja bateu as duas horas. Ouviu à distância o tilintar metálico dos vagões sobre os carris. Não eram eles que estavam longe. Esses estavam nos seus lugares. Mas ele... onde estava?

O tempo passou. Os dois ratos, em desenfreada correria, escapuliram-se descaradamente por cima das suas pantufas, sem que ele movesse um músculo. Não lhe apetecia mexer-se. Não pensava em nada. Era bem melhor assim. Não corria o risco de ficar a saber nada. Entretanto, a espaços, uma outra consciência funcionando mecanicamente desferia frases incisivas.

«Que estou eu a fazer?»

E a resposta chegava, saída do transe.

«A destruir-me.»

Depois, um sentimento lúgubre, vivo e fugaz dizia-lhe que estava errado. E logo a pergunta chegava:

«Errado, porquê?»

E de novo a pergunta ficava sem resposta, mas um golpe de teimosia escaldante brilhava-lhe no peito, resistindo à aniquilação total.

Na rua soou o rodado desengonçado de uma carroça ronqueira. De repente, a luz eléctrica apagou-se com um estalido surdo no contador. Paul nem se mexeu; ficou como estava, a olhar em frente. Só os ratos tinham fugido e o lume brilhava rubro na sala às escuras.

Depois, mecanicamente, mas com mais nitidez, a conversa interior recomeçou.

«Ela está morta... para que serviu tudo aquilo... tanta luta...?»

Era o desespero a levá-lo atrás dela.

«Tu estás vivo.»

«Mas ela não.»

«Está sim... dentro de ti.»

De súbito, sentiu-se cansado de um fardo tão pesado.

«Tens de continuar vivo por causa dela», dizia-lhe a vontade.

Mas o coração esmorecia, sem querer despertar.

«Tens de dar continuidade à vida dela, ao que ela fez, continuar a partir daí...»

Mas ele não queria. Só queria desistir.

«Podes continuar a pintar», dizia-lhe a vontade. «Ou então pôr filhos neste mundo... Ambas são maneiras de dar continuidade ao esforço dela...»

«Pintar não é viver.»

«Então, vive.»

«Casar com quem?», perguntou ele, de mau humor.

«O melhor casamento possível.»

«Miriam.»

Mas ele não confiava nessa hipótese.

Levantou-se de repente e foi directo para a cama. Depois de entrar no quarto e fechar a porta, ficou-se de pé, com os punhos crispados.

– Mater, minha querida... – começou ele, com toda a força do seu ânimo. Nisto, parou. Recusava-se a dizê-lo. Recusava-se a admitir que desejava morrer, acabar de uma vez para sempre. Recusava-se a reconhecer que a vida o tinha vencido, ou melhor, que a morte o tinha vencido.

Deitou-se e adormeceu de imediato, abandonando-se num sono profundo.

E as semanas foram passando. Sempre solitária, a sua alma oscilava, hesitante, ora pendendo para a morte, ora para a vida. A verdadeira agonia era não ter para onde ir, nada para fazer, nada para dizer, ele próprio não ser nada. Corria às vezes pelas ruas como um louco. Outras vezes estava louco de verdade: as coisas desapareciam e voltavam a aparecer. Faltava-lhe o ar. Outras vezes deixava-se ficar arrimado ao balcão da taberna onde entrara para beber, e tudo parecia fugir dele. Via muito ao longe a cara da criada, os fregueses tagarelas, o seu próprio copo sobre o balcão de mogno. Algo se interpunha entre ele e o resto, impedindo-o de estabelecer contacto. Não queria aquela gente para nada, não queria a cerveja para nada. Abruptamente, virava costas e saía. Parava entre portas a olhar a rua iluminada. Mas não estava nela, nem era à parte dela. Algo o separava do resto. Tudo se passava lá em baixo, à luz dos candeeiros, à parte dele. Ele não podia lá chegar. Onde podia ir então? Não tinha para onde ir – não podia voltar para a taberna, nem ir para mais lado nenhum. Sentia-se sufocado. Não tinha para onde ir. A tensão aumentou tanto que julgou que rebentava.

– Mas não devo... – disse ele. E, virando-se sem ver para onde ia, voltou para dentro e bebeu. Por vezes fazia-lhe bem beber, outras, ficava pior. Correu pela rua abaixo. Sem descanso, entrava aqui, ali, em toda a parte. Decidiu voltar a trabalhar. Porém, ao cabo de meia dúzia de traços, atirou o lápis com violência, levantou-se e saiu, indo para um outro clube onde podia jogar cartas ou bilhar, qualquer lugar onde pudesse namoriscar com a criada, que não valia mais para ele do que a alavanca de metal que ela puxava para tirar a cerveja.

Estava esquelético e macilento. Nem se atrevia a olhar-se ao espelho. Queria fugir de si mesmo, mas não tinha ao que se agarrar. No auge do desespero, pensou em Miriam. Quem sabe... Quem sabe?

Até que, num domingo à tarde em que por acaso entrou na Igreja Unitária quando todos se levantavam para entoarem o segundo hino, a viu à sua frente. A luz batia-lhe no lábio inferior quando cantava. A sua expressão era a de quem tinha pelo menos alguma coisa a preservar: se não na vida terrena, a esperança na vida eterna, pelo menos. Todo o seu consolo e ânimo pareciam virados para a outra vida. Emanava dela uma força intensa, calorosa. Enquanto cantava, parecia aspirar ao consolo do mistério, e ele depositou nela as suas esperanças. Ansiava pelo fim do sermão para ir falar com ela.

A multidão arrastava-a para fora da igreja mesmo à sua frente; quase podia tocar-lhe. Ela não sabia que ele estava ali. Ele via-lhe a nuca morena, insignificante, despontando por baixo dos caracóis negros. Entregar-se-ia aos seus cuidados. Ela era melhor e mais forte do que ele. Seria ela o seu esteio.

Miriam deambulava às cegas, entre as pequenas multidões que se formavam à saída da igreja – parecia sempre perdida e deslocada nos grandes aglomerados. Paul avançou e pousou-lhe a mão no braço. Ela estremeceu com violência. Os seus grandes olhos castanhos dilataram-se de medo e, ao vê-lo, questionaram-no intrigados. Ele retraiu-se ligeiramente.

– Eu não sabia... – disse ela, titubeante.

– Nem eu...

Paul baixou os olhos. A esperança que subitamente o animara desvanecia-se outra vez.

– Que fazes aqui na cidade? – perguntou ele.

– Estou em casa da minha prima Anne.

– Ah! Por muito tempo?

– Não... só até amanhã.

– Tens de ir já para casa?

Ela olhou para ele e ocultou o rosto sob a aba do chapéu.

– Não – disse ela. – Não, não tenho.

Paul afastou-se e ela seguiu-o. Abriram caminho por entre a multidão. O órgão soava ainda na igreja. Vultos negros continuavam a sair pela porta iluminada, descendo a escadaria. Os enormes vitrais coloridos brilhavam na noite. A igreja parecia uma lanterna suspensa, gigantesca. Meteram por Hollow Stone e Paul apanhou o eléctrico para Bridges.

– Vens só cear comigo – disse ele – e depois eu levo-te de volta.

– Está bem – respondeu ela, com a voz rouca e sumida. Durante a viagem quase não trocaram uma palavra. O rio Trent corria negro e volumoso sob a ponte. As trevas abatiam-se sobre Colwick. Paul morava em Holme Road, nos limites desolados da cidade,

numa casa virada para as várzeas de Sneiton Hermitage e a vertente escarpada da floresta de Colwick. Os campos estavam inundados. Para a esquerda, a perder de vista, estendiam-se as águas silenciosas e a escuridão. Quase a medo, estugaram o passo entre o casario.

A ceia estava pronta. Paul correu as cortinas. No centro da mesa havia uma jarra com frélias e anémonas escarlates. Miriam debruçou-se para as flores. Tocou-lhes nas pétalas com as pontas dos dedos, olhou para ele e disse:

– Não são lindas?

– São – disse ele. – Que queres tomar... café?

– Ia saber-me bem... – disse ela.

– Então, dá-me licença por um minuto.

E foi para a cozinha.

Miriam tirou os agasalhos e olhou em volta. O quarto era aus-tero, despojado. Pendurados na parede, estavam os retratos dela, de Clara e de Annie. Espreitou para o estirador, para ver o que ele es-tava a fazer: apenas alguns traços inconsequentes. Averiguou que livros andava a ler: só um romance banal. As cartas que viu no porta-cartas eram de Annie, de Arthur e de um ou dois amigos que ela não conhecia. Miriam estudou com demorado enlevo tudo aquilo em que ele tocava, tudo o que tinha o seu cunho pessoal. Ele saíra da sua vida há tanto tempo que queria redescobri-lo, saber como vivia, quem ele era agora. Porém, não encontrou no quarto muitos elementos que a ajudassem. O espaço era tão severo e desconfortável que só lhe infundiu tristeza.

Estava ela a examinar o seu caderno de esboços, dando largas à sua curiosidade, quando ele regressou com o café.

– Não tem nada de novo – disse ele. – E nada que valha a pena.

Pousou o tabuleiro e espreitou por cima do ombro dela. Miriam virava as páginas devagar, sem nada querer perder.

– Hum! – fez ela. – Não estou a perceber.

Ele tirou-lhe o livro da mão e folheou-o. E, de novo, soltou uma curiosa interjeição de surpresa e algum prazer.

– Há aqui algumas coisas que não estão más de todo – disse.

– Mesmo nada más – respondeu ela, com gravidade.

Paul sentiu novamente o interesse dela pelo seu trabalho. Ou seria por si próprio? Porque seria que se mostrava sempre mais interessada na parte que emanava do trabalho que ele fazia?

Sentaram-se à mesa.

– A propósito – disse Paul –, é verdade o que ouvi dizer sobre estares a ganhar a tua própria vida?

– É – respondeu ela, deixando pender a cabeça escura sobre a chávena.

– E que tal?

– Vou só fazer um estágio de três meses na escola agrícola de Broughton... e é provável que me convidem para ficar lá como professora.

– Sim, senhora... mesmo de encomenda para ti! Sempre quiseste ser independente.

– É verdade.

– Porque não me mandaste dizer?

– Só soube há uma semana.

– Mas já me contaram isso o mês passado.

– Sim, mas ainda não era certo.

– De qualquer maneira, gostava que me tivesses dito que tinhas concorrido – disse ele.

Ela comeu a ceia com aquela recatada rapidez, que ele tão bem conhecia, de quem se envergonhava de tornar público o gesto.

– Suponho que estejas contente – disse ele.

– Contentíssima.

– Sim... sempre é alguma coisa.

Paul parecia bastante desapontado.

– Pois eu acho que é uma grande coisa – disse ela, ofendida, num tom quase arrogante.

Ele deu uma gargalhada seca.

– Porque achas que não é bom? – perguntou ela.

– Oh, não é que eu ache que não vai ser bom para ti. Mas verás que ganhar a vida não é tudo.

– Pois não – disse ela, engolindo a custo. – Também penso que não...

– Penso que o trabalho pode ser quase tudo para um homem – disse ele – embora para mim não seja. Mas uma mulher só dá ao trabalho uma parte de si mesma. A sua melhor parte permanece oculta.

– Então um homem pode dar-se todo ao seu trabalho? – perguntou ela.

– Sim... praticamente.

– E uma mulher só dá a parte menos importante de si mesma?

– É isso.

Miriam olhou para ele, com os olhos desorbitados de raiva.

– Então – disse ela – se isso é verdade... é uma pena.

– É... Mas eu não tenho a certeza absoluta – respondeu ele. Depois da ceia foram para junto da lareira. Paul colocou uma cadeira em frente à sua e sentaram-se os dois. Ela

envergava um vestido em tons de vinho que ligava muito bem com a sua pele morena e as feições grossas. Os caracóis continuavam a cair finos e soltos, mas o rosto tinha envelhecido, e o pescoço moreno estava mais magro. Ela parecia-lhe velha, mais velha do que Clara. Perdera rapidamente a frescura juvenil, sobressaindo agora nela uma certa rigidez, quase de escultura de madeira. Miriam quedou-se por momentos, pensativa, e depois olhou para ele.

– E como vai a tua vida? – perguntou.

– Vai bem.

Ela ficou a olhá-lo, à espera.

– Não vai, não – disse ela, muito baixinho.

Tinha as mãos morenas e nervosas crispadas sobre os joelhos. Continuavam inquietas e inseguras, quase histéricas. Paul estremeceu ao olhar para elas. Depois riu-se, impiedoso. Ela meteu o dedo na boca. O corpo dele, magro, negro, torturado, mantinha-se imóvel na cadeira. Ela tirou o dedo da boca bruscamente e olhou para ele.

– Então, rompestes com a Clara?

– Sim.

O corpo dele estava prostrado na cadeira como coisa abandonada.

– Sabes – disse ela –, acho que nos devíamos casar.

Ele abriu os olhos e, pela primeira vez em tantos meses, ouviu-a com atenção.

– Porquê? – perguntou.

– Vê como te estás a destruir! – disse ela. – Podes adoecer, podes até morrer e eu não te posso ajudar, é como se nunca te tivesse conhecido.

– E se nos casássemos? – perguntou ele.

– Pelo menos evitava que te destruísse... que servisses de presa a outras mulheres... como... como à Clara, por exemplo.

– De presa? – repetiu ele, sorrindo.

Ela baixou a cabeça, em silêncio. Ele, sempre prostrado na cadeira, sentiu o desespero avassalá-lo de novo.

– Não sei se casar será uma boa ideia – disse, articulando as palavras devagar.

– Só estou a pensar em ti – replicou ela.

– Eu sei que estás... Mas... amas-me tanto que me queres meter no bolso. E eu vou morrer asfíxiado.

Ela deixou pender a cabeça e meteu o dedo na boca, deixando a amargura invadir-lhe o coração.

– Que vais fazer então? – perguntou Miriam.

– Não sei... Continuar, suponho eu. Talvez parta em breve para o estrangeiro.

A desesperada hesitação com que ele falava fê-la ajoelhar-se junto dele, no tapete da lareira, aí ficando enroscada, esmagada, incapaz de levantar a cabeça. As mãos dele estavam pousadas, inertes, sobre os braços do cadeirão. Ela não podia ignorá-las. Sentiu que o tinha à sua mercê. Se pudesse levantar-se, tomá-lo nos braços, apertá-lo contra o peito e dizer-lhe: «Agora és meu», ele entregar-se-ia à sua guarda. Mas ousaria ela fazê-lo? Sacrificar-se era fácil. Mas ousaria ela afirmar-se? Via à sua frente o corpo dele, esbelto e trajado de negro, prostrado na cadeira, ao lado dela, como uma pincelada de vida. Mas não, não ousava abraçá-lo, possuí-lo e dizer-lhe: «É meu este corpo. Entregamo!» No entanto, era o que mais queria fazer. Ele apelava a todos os seus instintos de mulher, mas ela continuava presa ao chão, paralisada, e não ousava. Temia que ele não lho permitisse. Temia que a emoção fosse de mais. O corpo dele, ali, abandonado. Sabia que devia possuí-lo, reclamá-lo, reivindicar o seu direito a ele. Mas será que era capaz? A sua impotência perante ele, perante a pujante exigência de algo que desconhecia nele, marcava os seus próprios limites. As mãos dela flutuaram hesitantes, a cabeça soergueu-se, e os seus olhos, vacilantes, suplicantes, quase ausentes, fitaram-no bruscamente, implorando. O coração dele crispou-se com pena dela. Ele pegou-lhe nas mãos, puxou-a para si e consolou-a.

– Aceitas-me, casas comigo? – disse ele, muito baixinho.

Oh, porque não a possuía ele? Pois se até a alma dela lhe pertencia. Porque não tomava ele o que era seu? Ela, que sofria há tanto tempo a tortura de lhe pertencer e não se ver reclamada, tinha de suportar agora a tortura da espera uma vez mais. Não, era de mais. Endireitou a cabeça, segurou-lhe a cara entre as mãos e olhou-o olhos nos olhos. Não, ele estava a ser difícil. Era evidente que queria mais qualquer coisa. Ela suplicou-lhe com toda a força do seu amor que não lhe entregasse a escolha a ela. Não estava preparada para a enfrentar, para o enfrentar a ele e sabe-se lá o que mais. Mas a pressão aumentou, até ela se sentir prestes a quebrar.

– É isso mesmo que tu queres? – perguntou ela, muito séria.

– Não propriamente – respondeu ele, a custo.

Miriam virou a cara para o lado. Depois, levantando-se com dignidade, encostou a cabeça dele ao peito dela e embalou-o mansamente. Se assim era, ela não o queria! Podia, por isso, confortá-lo. Passou-lhe os dedos pelo cabelo. A ela, restava-lhe a doce angústia do auto-sacrifício! A ele, o ódio e a vergonha de mais um fracasso. Para Paul era insuportável a ideia daquele seio tão quente que o embalava e se recusava a carregar o fardo que ele lhe entregava. Tão forte era o seu desejo de nela repousar, que aquele pretenso repouso apenas o torturava. Afastou-se.

– Queres então dizer que, sem casamento, nada feito? – perguntou ele.

Os lábios reviraram-se-lhe num esgar de sofrimento. Ela meteu o dedo na boca.

– Não – respondeu baixinho, como o repicar de um sino. – Acho que não. – O fim chegava assim para eles. Miriam não podia aceitá-lo e ao mesmo tempo libertá-lo da

responsabilidade de se bastar a si próprio. Podia apenas sacrificar-se-lhe, diariamente, alegremente. Mas não era isso que ele queria. Queria que ela o abraçasse e dissesse, com alegria e autoridade: «Acaba com esse desassossego, essa obsessão da morte. Quero-te para meu companheiro.» Porém, faltavam-lhe as forças. Ou será que ela queria ter nele um Cristo e não um companheiro?

Paul sentia que, deixando-a, estava a defraudá-la. Mas também sabia que, ficando, abafando os seus impulsos mais recônditos, o homem desesperado que albergava no seu íntimo, estava a negar a sua própria vida. E jamais seria capaz de renunciar à sua própria vida pela vida dela.

Miriam estava sentada, muito calada. Ele acendeu um cigarro. O fumo elevou-se, ondulante. Paul pensou na mãe, já esquecido de Miriam. De repente, ela olhou para ele. O azedume voltara. Era então inútil o seu sacrifício! Ele continuava altivo, indiferente a ela. Subitamente, apercebeu-se da sua falta de religiosidade, de toda a sua instabilidade. Ele iria destruir-se como uma criança perversa. Pois bem, que se destruísse à vontade!

– Acho melhor ir andando – disse ela, suavemente.

Pelo tom, Paul percebeu que ela o desprezava. Levantou-se da cadeira sem dizer uma palavra.

– Eu acompanho-te – disse por fim.

Ela parou em frente ao espelho para colocar o chapéu. Sentia-se amargurada, indizivelmente amargurada, por ele ter rejeitado o seu sacrifício. A vida jazia morta à sua frente, como se todo o seu brilho tivesse esmorecido. Inclinou-se para as flores, as frésias, tão perfumadas e primaveris, e as anémons escarlates e altaneiras, sobre a mesa. Era mesmo dele comprar flores assim.

Paul movimentava-se pela sala muito seguro de si, decidido, austero, silencioso. Miriam sabia que não podia vencê-lo. Ele escapar-se-lhe-ia entre os dedos como uma cobra. No entanto, sem ele, a sua vida arrastar-se-ia sem fulgor. Pensativa, tocou nas flores.

– Leva-as! – disse ele. E, tirando-as da jarra, levou-as a pingar para a cozinha. Ela esperou que ele voltasse, agarrou nas flores e saíram os dois, ele a conversar, ela sentindo-se morrer.

Miriam saía agora da vida dele. Vergada à infelicidade, encostou-se a ele quando se sentaram no eléctrico. Paul não reagiu. Para onde iria ele agora, que fim o aguardaria? Era-lhe insuportável aquele vazio de sentimento onde ele deveria estar. Era tão tolo, tão destrutivo, sem nunca conseguir encontrar paz. E, agora, para onde iria? Que lhe importava desperdiçar assim o amor dela? Não tinha religião, só lhe interessava a atracção do momento, nada mais, nada de mais profundo. Pois muito bem, ela ficaria à espera, a aguardar os acontecimentos. Quando ele se fartasse, acabaria por ceder e voltaria para ela.

Paul despediu-se com um aperto de mão e deixou-a à porta de casa da prima. Quando virou costas e se afastou, sentiu quebrar-se o último elo que o prendia. Sentado no eléctrico, olhou a cidade, que se estendia para lá dos carris, numa névoa de luzes. E, para lá da cidade, o campo, pontilhado de luzes de outras cidades... e o mar... e a noite... um

nunca mais acabar! E ele sem ter para onde ir. Onde quer que estivesse, era sozinho que estava. Do seu peito, da sua boca, brotava o espaço sem fim... estava ali, atrás dele, em toda a parte. As pessoas que cruzavam as ruas apressadas não perturbavam o vazio em que se encontrava. Não passavam de sombras. Ouvia-lhes os passos e as vozes, mas havia em cada uma a mesma noite, o mesmíssimo silêncio. Paul saiu do eléctrico. No campo, o silêncio era mortal. As estrelas brilhavam no alto, salpicando as águas da enchente e criando um firmamento cá em baixo. Por toda a parte se estendia a vastidão da noite tenebrosa que o dia apenas interrompe e perturba por instantes, mas que logo volta para ficar, eternamente, tudo envolvendo no silêncio e na penumbra da vida. O Tempo não existia, apenas Espaço. Quem poderia dizer que a mãe tinha vivido e agora já não vivia? Tinha habitado um lugar e agora habitava outro, era tudo. E a alma dele não podia abandoná-la, onde quer que ela estivesse. Tinha partido rumo à noite e ele continuava com ela. Os dois, unidos para sempre. Porém, o seu corpo existia, e o seu peito, encostado à cerca, e as mãos, apoiadas no barrote. E isso era alguma coisa. Onde estava... o que era? Ínfima partícula de carne, erecta, mais insignificante que uma espiga de trigo perdida numa seara. Para ele, a ideia era insuportável. O silêncio imenso e tenebroso parecia esmagá-lo de um e outro lado, extinguindo-o qual minúscula centelha, um quase nada, que, todavia, não poderia ser extinta. As trevas, onde todas as coisas se perdem, estendem-se para lá das estrelas e do sol. As estrelas e o sol, grãos esparsos e cintilantes, giravam em rodopios de terror abraçados uns aos outros nas trevas que os transcendiam, abandonando-os no espaço, minúsculos e atemorizados. O infinito, e ele próprio infinitesimal, no fundo nada, e todavia sem o ser.

– Mãe! – gemeu ele. – Mãe!

Era ela a única coisa que o sustinha no meio de tudo isto. Mas ela partira, dissipara-se! E Paul queria que ela o tocasse, que o levasse com ela.

Mas não, não cederia à tentação. Virando-se bruscamente, caminhou em direcção à fosforescência dourada da cidade. Os punhos iam cerrados, os lábios estavam crispados. Não, não seguiria em direcção às trevas para ir ao encontro dela. E, em passo rápido, caminhou rumo ao zumbido distante da cidade iluminada.